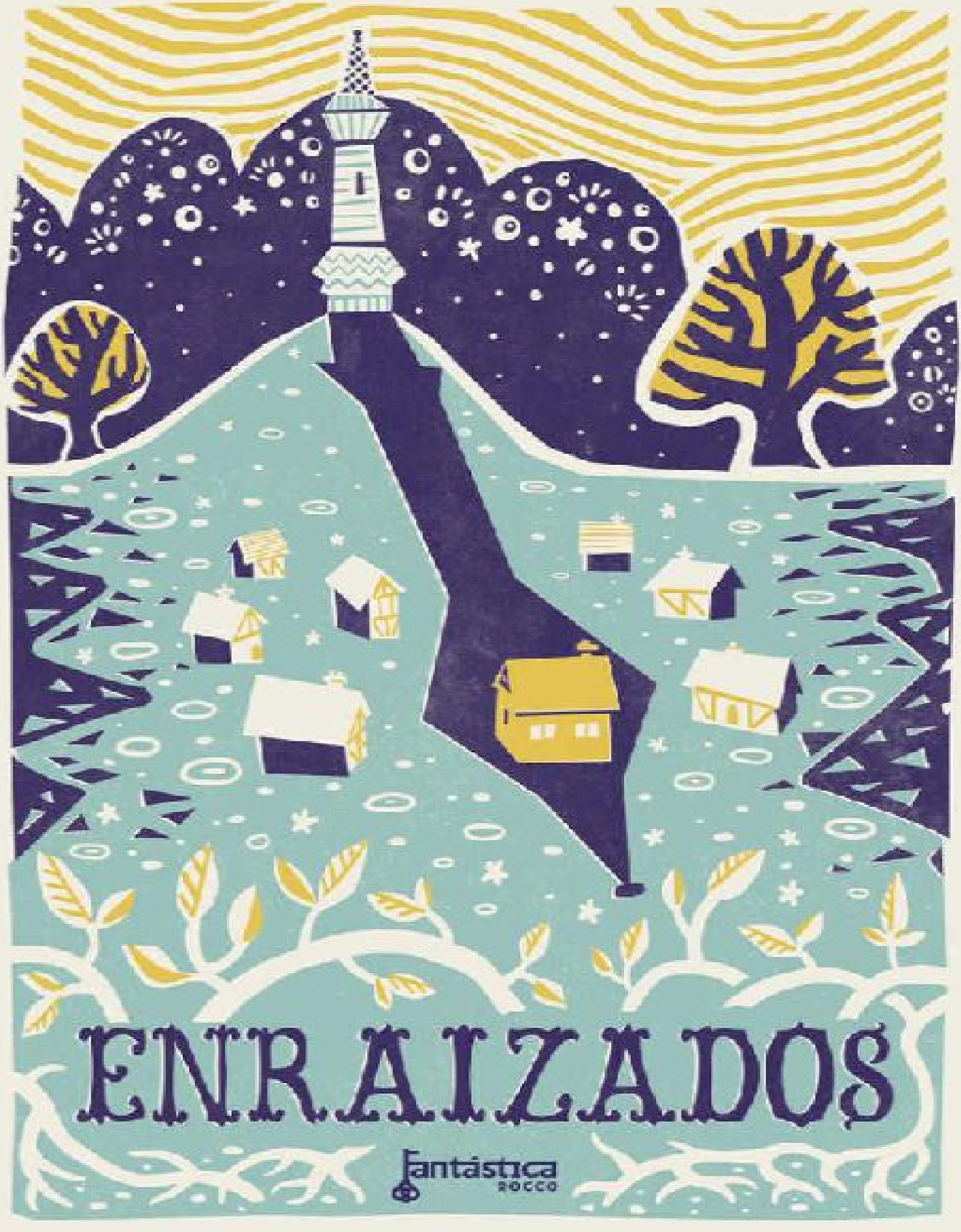
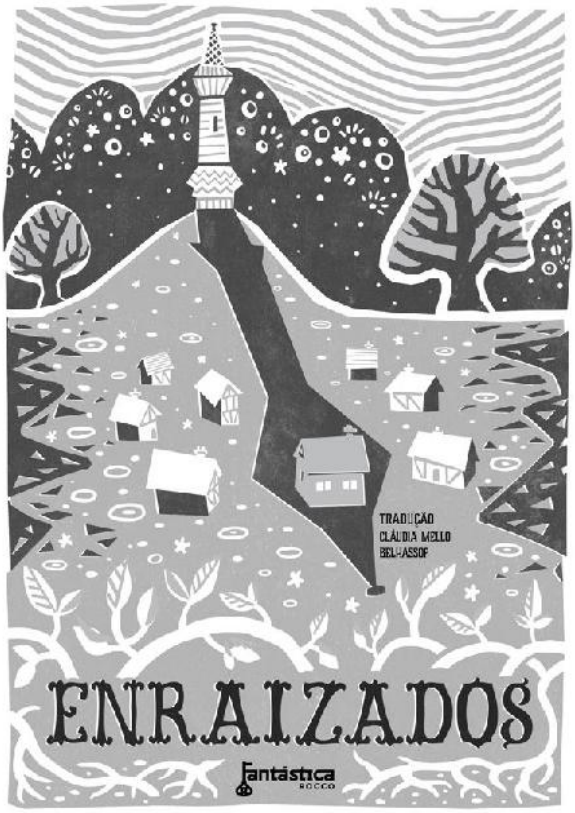
NAOMI NOVIK



ENRAIZADOS

Fantástica
ROCCO

NAOMI NOVIK



ENRAIZADOS

Fantástica
ROCCO

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

Capítulo 1

Nosso Dragão não come as meninas que captura, não importam as histórias que contem fora do vale. Nós às vezes as ouvimos por conta dos viajantes que passam por aqui. Eles falam como se estivéssemos sacrificando um ser humano e ele fosse um dragão de verdade. Claro que não é assim: ele pode ser um mago imortal, mas continua sendo um homem, e nossos pais se uniriam e o matariam se a cada dez anos ele quisesse usar uma de nós como comida. Ele nos protege contra a Floresta, e somos gratos; mas não tanto assim.

O Dragão não as devora de verdade; só parece que o faz. Ele leva uma menina para sua torre, e dez anos depois a solta, mas aí ela já é uma pessoa diferente. Suas roupas são elegantes demais e fala como uma cortesã, ela ficou morando sozinha com um homem por dez anos, então é claro que está destruída, apesar de todas as meninas dizerem que ele nunca encosta nelas. O que mais elas poderiam dizer? E essa não é a pior parte, afinal, quando as solta, o Dragão lhes dá uma bolsa cheia de prata para o dote, de modo que qualquer um ficaria feliz de se casar com elas, destruídas ou não.

Mas elas não querem se casar com ninguém. Elas nem querem ficar aqui.

– Elas se esquecem de como viver na vila – disse meu pai uma vez, de súbito. Eu estava andando ao lado dele no banco da grande carroça vazia, no caminho para casa depois de entregar a lenha da semana. Morávamos em Dvernik, que não era a maior nem a menor vila do vale, nem a mais próxima da Floresta: ficávamos a onze quilômetros de distância. No entanto, a estrada nos levava por uma grande colina e, no topo, num dia claro, dava para ver o curso do rio até a faixa cinza-pálida de terra queimada na fronteira, e a parede escura e sólida de árvores logo além. A torre do

Dragão ficava bem distante, na direção oposta, um pedaço de giz branco fincado na base das montanhas a oeste.

Eu ainda era muito pequena, não tinha mais do que cinco anos, acho, mas já sabia que não falávamos sobre o Dragão nem sobre as meninas que ele capturava. Foi por isso que a conversa ficou gravada na minha mente quando meu pai quebrou a regra.

– Elas se lembram de ter medo – disse meu pai. Só isso. Depois, ele estalou a língua para os cavalos, e eles nos puxaram, descendo a colina e voltando às árvores.

Não fazia muito sentido para mim. Todos tínhamos medo da Floresta. Mas nosso vale era um lar. Como era possível deixar o seu lar? E, mesmo assim, as meninas nunca voltavam de verdade. O Dragão as libertava da torre, e elas voltavam para a família durante um tempo. Uma semana, às vezes um mês, nunca passava disso. Depois elas pegavam a prata do dote e iam embora. A maioria ia para Kralia estudar na Universidade. Algumas vezes, elas se casavam com um homem da cidade, em outras ocasiões se tornavam estudiosas ou donas de lojas, apesar de algumas pessoas sussurrarem sobre Jadwiga Bach, que tinha sido capturada sessenta anos antes, ter se tornado cortesã e amante de um barão e de um duque. Mas, quando eu nasci, ela era apenas uma mulher rica e idosa que mandava presentes esplêndidos para todas as sobrinhas-netas e sobrinhos-netos e nunca aparecia para visitá-los.

Portanto, não é como se entregassem as filhas para serem devoradas, mas também não é uma situação feliz. Não existem tantas vilas no vale, então as chances não são muito baixas. Ele captura apenas uma menina de dezessete anos, nascida entre um mês de outubro e outro. Havia onze meninas para serem escolhidas no meu ano, e esse número é pior do que apostar sua sorte nos dados. Todo mundo diz que você ama uma menina nascida no período do Dragão de um jeito diferente conforme ela fica mais velha; não dá para evitar, sabendo que você pode perdê-la com tanta facilidade. Mas não foi assim comigo e com os meus pais. Quando eu tinha idade suficiente para entender que poderia ser capturada, todos nós sabíamos que ele levaria Kasia.

Só viajantes de passagem, que não sabiam, elogiavam os pais de Kasia ou diziam como a filha deles era bonita, inteligente e simpática. O Dragão nem sempre capturava a menina mais bonita, mas sempre capturava a mais especial, de algum jeito: se havia uma menina que era de longe a mais bonita, ou a mais inteligente, ou a que dançava melhor, ou era especialmente gentil, de alguma forma ele a escolhia, apesar de quase nunca trocar uma palavra com as meninas antes de fazer a escolha.

E Kasia era todas essas coisas. Tinha cabelos fartos, dourados como trigo, que ela mantinha presos numa trança que ia até a cintura, seus olhos eram castanhos e cordiais, e sua risada era como uma canção que dava vontade de cantar. Ela pensava nas melhores brincadeiras e sabia inventar histórias e novas danças; sabia cozinhar bem para um banquete e, quando fiava a lã das ovelhas do pai, o fio saía da roca macio e liso, sem um único nó ou embolado.

Sei que estou dando a impressão de que ela saiu de uma história. Mas era o contrário. Quando minha mãe me contava histórias sobre a princesa fiadora ou a corajosa menina-ganso ou a moça do rio, eu sempre as imaginava um pouco como Kasia; era assim que eu a via. E eu não tinha idade suficiente para ser sábia, por isso a amava mais, não menos, porque eu sabia que ela seria tirada de mim em breve.

Ela não se importava, dizia. Kasia também era destemida: sua mãe, Wensa, fez questão de que assim fosse.

– Ela vai ter que ser corajosa. – Eu me lembro de ouvir a mãe dela dizer à minha mãe uma vez, enquanto encorajava Kasia a subir numa árvore da qual ela recuara, e minha mãe abraçava a menina em lágrimas.

Morávamos a três casas de distância, e eu não tinha uma irmã, só três irmãos muito mais velhos. Kasia era minha preferida. Brincávamos juntas desde o berço, primeiro na cozinha das nossas mães, fugindo das pisadas, depois nas ruas na frente de casa, até termos idade suficiente para correr livremente pelo bosque. Eu nunca queria ficar dentro de casa quando podíamos estar correndo de mãos dadas sob os galhos. Eu imaginava as árvores dobrando os braços para nos proteger. Eu não sabia como ia suportar quando o Dragão a levasse.

Na verdade, meus pais não teriam temido por mim mesmo que Kasia não existisse. Aos dezessete, eu ainda era uma potrinha magrela com pés grandes e cabelo castanho-sujo emaranhado, e meu único dom, se é que se pode chamar assim, era conseguir rasgar, manchar ou perder qualquer coisa que colocassem em mim durante o dia. Minha mãe perdeu as esperanças quando eu tinha doze anos, e passou a me deixar correr sozinha, sem meus irmãos mais velhos, exceto nos dias de banquete, quando eu era obrigada a trocar de roupa vinte minutos antes de sairmos, e depois ficar sentada no banco em frente à nossa casa até irmos a pé para a igreja. Mesmo assim, ainda era possível que eu não conseguisse chegar ao gramado da vila sem me enroscar em um galho ou respingar lama na roupa.

– Você vai ter que se casar com um alfaiate, minha pequena Agnieszka – dizia meu pai, rindo, quando voltava para casa do bosque à noite e eu saía correndo para encontrá-lo, com o rosto imundo, pelo menos um buraco na roupa e nenhum lenço na cabeça. Ele me pegava no colo mesmo assim e me beijava; minha mãe apenas suspirava de leve: que pai ou mãe ficaria realmente triste pelos defeitos de uma garota nascida no período do Dragão?

Nosso último verão antes da captura foi longo, quente e cheio de lágrimas. Kasia não chorou, mas eu chorei. Ficávamos até tarde no bosque, esticando cada dia dourado pelo máximo de tempo possível, e eu voltava para casa com fome e cansada e ia direto deitar no escuro. Minha mãe entrava e acariciava minha cabeça, cantando baixinho enquanto eu chorava até dormir, e deixava um prato de comida ao lado da minha cama para quando eu acordasse no meio da noite, faminta. Ela não tentava me consolar: como poderia? Nós duas sabíamos que, por mais que ela amasse Kasia e Wensa, a mãe de Kasia, ela não conseguia evitar um pequeno nó de felicidade no estômago. Não é minha filha, não é a minha única filha. E, é claro, eu não queria que ela sentisse outra coisa.

Durante quase todo o verão, ficamos só eu e Kasia. Era assim havia muito tempo. Corríamos com a multidão de crianças da vila quando éramos

pequenas, mas, conforme ficamos mais velhas e Kasia mais bonita, a mãe dela disse:

– É melhor você não ficar muito perto dos meninos, pelo seu bem e o deles. – Mas eu me grudava nela, e minha mãe amava Kasia e Wensa o suficiente para não tentar me impedir de andar por aí com ela, apesar de saber que isso ia me fazer sofrer mais no fim das contas.

No último dia, acabamos chegando a uma clareira no bosque onde as árvores ainda estavam com as folhas douradas e vermelhas farfalhando acima de nós, com castanhas maduras espalhadas pelo chão. Fizemos uma pequena fogueira com ramos e folhas secas para torrar algumas sementes. Amanhã seria o primeiro dia de outubro, e o grande banquete seria realizado para honrar nosso patrono e lorde. Amanhã, o Dragão viria.

– Deve ser bom ser um trovador – disse Kasia, deitando-se de costas com os olhos fechados. Ela cantarolou um pouco: um cantor viajante tinha chegado para o festival, e ele estava ensaiando as músicas no gramado naquela manhã. Durante toda a semana chegaram carroças de tributo. – Passear por toda Polnya e cantar para o rei.

Ela disse isso de um jeito reflexivo, não como uma criança admirando as nuvens; disse como alguém que realmente pensava em sair do vale, em ir embora para sempre. Estendi a mão e segurei a dela.

– E você viria para casa todo ano, no solstício de inverno, e cantaria todas as músicas que aprendera. – Ficamos de mãos dadas, e eu não me permiti pensar que as garotas que o Dragão capturava nunca queriam voltar.

Claro que, naquele momento, eu o odiava com todas as forças. Mas ele não era um lorde maldoso. Do outro lado das montanhas no norte, o Barão dos Pântanos Amarelos mantinha um exército de cinco mil homens para mandar às guerras de Polnya, e um castelo com quatro torres e uma esposa que usava joias cor de sangue, e uma capa branca de pele de raposa, tudo isso num lugar que não era mais rico que o nosso vale. Os homens tinham que doar um dia de trabalho por semana para os campos do barão, que eram a melhor terra, e ele capturava os filhos mais aptos para seu exército, e com todos os soldados vagando por ali, as meninas tinham que ficar dentro

de casa e andar acompanhadas quando se tornavam mulheres. E ele nem era um lorde *maldoso*.

O Dragão só tinha uma torre, nenhum homem armado, nem mesmo um serviçal, só a menina que ele capturava. Ele não precisava manter um exército: o serviço que ele prestava ao rei era seu próprio trabalho, sua magia. Ele às vezes tinha que ir à corte para renovar o juramento de lealdade, e acho que o rei poderia tê-lo chamado para a guerra, mas, na maior parte do tempo, seu trabalho era ficar aqui, observar a Floresta e proteger o reino contra suas más intenções.

A única extravagância dele eram os livros. Por conta disso, todos nós líamos muito, pelos padrões dos aldeões. Por um único grande tomo, ele chegava a pagar ouro, por isso os vendedores de livros vinham até aqui, apesar de nosso vale ficar na fronteira de Polnya. E, já que estavam vindo, eles enchiam os alforjes de suas mulas com livros baratos ou desgastados e vendiam para nós por centavos. Uma casa que não tinha pelo menos dois ou três livros exibidos com orgulho nas paredes era uma casa pobre.

Para alguém que não more perto da Floresta, essas coisas podem parecer bobas e insignificantes, uma causa pequena para abrir mão de uma filha. Mas eu tinha sobrevivido ao Verão Verde, quando um vento quente carregou pólen da Floresta para dentro do vale, a oeste, até os nossos campos e jardins. As colheitas cresceram furiosamente viçosas, mas também estranhas e disformes. Qualquer pessoa que comesse ficava doente de raiva, agredia a família e, no fim, se não fosse amarrada, corria para a Floresta e desaparecia.

Na época, eu tinha seis anos. Meus pais tentaram me proteger ao máximo, mas mesmo assim eu me lembro com clareza da sensação fria e viscosa do pavor por toda parte, de todos com medo, e da picada infinita da fome na minha barriga. Tínhamos comido todo o nosso estoque do último ano, contando com a primavera. Um dos nossos vizinhos comeu algumas ervilhas, imprudentemente por causa da fome. Eu me lembro dos gritos vindos da casa dele naquela noite e de espiar pela janela para ver meu pai correndo para ajudar, pegando o forcado que ficava encostado na parede do nosso celeiro.

Certo dia, naquele verão, jovem demais para entender bem o perigo, fugi da vigilância da minha mãe cansada e magra e corri até o bosque. Encontrei um arbusto quase podre num canto protegido do vento. Empurrei os galhos mortos e secos para chegar à parte protegida e escavei um milagroso punhado de amoras, nem um pouco deformadas, inteiras, suculentas e perfeitas. Cada uma delas provocou uma explosão de alegria na minha boca. Comi dois punhados e enchi as saias; corri para casa com elas formando manchas roxas no meu vestido, e minha mãe chorou de pavor quando viu meu rosto sujo. Não fiquei doente: de alguma forma, o arbusto tinha escapado da maldição da Floresta, e as amoras estavam boas. Mas suas lágrimas me assustaram; depois disso, fugi das amoras durante anos.

O Dragão tinha sido chamado à corte naquele ano. Ele voltou mais cedo, foi direto para os campos e invocou um fogo mágico para queimar toda aquela colheita maculada, cada planta envenenada. Essa parte era trabalho dele, mas depois ele foi a todas as casas onde alguém tinha ficado doente e deu a eles um gole de bebida mágica que clareou a mente das pessoas. Ele deu ordens para que os aldeões mais a oeste, que tinham escapado da praga, compartilhassem suas colheitas conosco, e até abriu mão do próprio tributo daquele ano para que nenhum de nós morresse de fome. Na primavera seguinte, pouco antes da temporada de plantio, ele passou de novo pelos campos para queimar os restos corrompidos antes que criassem novas raízes.

Mas, ainda que tenha nos salvado, nós não o amávamos. Ele nunca saía da torre para pagar uma bebida para os homens na época da colheita, como fazia o barão dos Pântanos Amarelos, nem para comprar pequenas bugigangas na feira, como a esposa e as filhas do barão faziam com frequência. Às vezes, havia peças de teatro interpretadas por companhias viajantes ou cantores que vinham de Rosya pela trilha da montanha. Ele não vinha ouvi-los. Quando os carroceiros levavam seu tributo, as portas da torre se abriam sozinhas, e eles deixavam todos os produtos no porão, nem chegavam a vê-lo. Ele nunca trocou mais do que um punhado de palavras com a chefe da nossa vila, nem mesmo com o prefeito de Olshanka, o

maior povoado do vale, que ficava muito perto da sua torre. Ele não tentava conquistar o nosso amor; nenhum de nós o conhecia.

E é claro que ele também era mestre em magia das trevas. Os raios brilhavam ao redor da sua torre em noites de céu límpido, até mesmo no inverno. Os filetes pálidos que ele soltava através das janelas flutuavam pelas estradas e pelo rio à noite, indo até a Floresta para vigiar por ele. E, às vezes, quando a Floresta pegava alguém (uma pastora que tinha se aproximado demais da fronteira, seguindo seu rebanho; um caçador que tinha bebido da fonte errada; um viajante azarado que vinha pela trilha da montanha cantarolando uma música que enfiava garras na sua cabeça), bem, o Dragão também descia da sua torre por eles; e as pessoas que ele capturava nunca voltavam.

Ele não era cruel, mas era distante e terrível. E ele ia levar Kasia, portanto eu o odiava, e o odiei por muitos e muitos anos.

Meus sentimentos não mudaram naquela última noite. Kasia e eu comemos nossas castanhas. O sol se pôs e a fogueira se apagou, mas ficamos na clareira enquanto as brasas ardiam. Não tínhamos um longo caminho a percorrer de manhã. O banquete da colheita costumava ser realizado em Olshanka, mas, nos anos da escolha, era realizado em uma das vilas em que existiam meninas na idade certa para o propósito do Dragão. Isso tornava a viagem um pouco mais fácil para a família delas. E nossa vila tinha Kasia.

Odiei o Dragão ainda mais no dia seguinte, vestindo minha túnica verde nova. As mãos da minha mãe estavam tremendo enquanto trançava meu cabelo. Sabíamos que seria Kasia, mas isso não significava que não estávamos com medo. Contudo levantei minhas saias bem alto e subi na carroça com o máximo de cuidado possível, olhando duas vezes para ver se não tinha nenhuma farpa, e deixando que meu pai me ajudasse. Eu estava determinada a fazer um esforço especial. Sabia que não adiantava nada, mas queria que Kasia soubesse que eu a amava o suficiente para dar a ela uma oportunidade justa. Eu não ia me vestir mal nem ficar vesga ou desengonçada, como as meninas às vezes faziam.

Nós nos reunimos no gramado da vila, todas as onze meninas enfileiradas. As mesas do banquete estavam arrumadas formando um

quadrado, cheias demais porque não eram grandes o suficiente para conter o tributo de todo o vale. As pessoas tinham se reunido atrás delas. Sacos de trigo e aveia estavam empilhados em pirâmides nos cantos do gramado. Éramos as únicas em pé no gramado, com nossas famílias e nossa chefe, Danka, que andava de um lado para o outro na nossa frente, nervosa, com a boca se movendo em silêncio enquanto praticava a saudação.

Eu não conhecia muito bem as outras meninas. Elas não eram de Dvernik. Estávamos todas em silêncio e imóveis nas roupas elegantes, com o cabelo trançado, observando a estrada. Ainda não havia sinal do Dragão. Pensamentos selvagens povoavam minha mente. Eu me imaginei pulando na frente de Kasia quando o Dragão viesse, pedindo que ele me levasse no lugar dela, ou declarando que Kasia não queria ir com ele. Mas eu sabia que não era corajosa o suficiente para fazer nada disso.

E então ele apareceu, de um jeito horrível. Ele não veio pela estrada; simplesmente surgiu no ar. Eu estava olhando naquela direção quando ele apareceu: dedos no ar e, depois, um braço e uma perna, e metade de um homem, tão impossível e errado que eu não conseguia desviar o olhar, apesar de meu estômago estar se revirando. As outras tiveram mais sorte. Elas nem o perceberam até ele dar o primeiro passo na nossa direção, e todo mundo ao meu redor tentou não demonstrar surpresa.

O Dragão não era como nenhum homem da nossa vila. Ele deveria ser velho, corcunda e grisalho; ele morava naquela torre havia cem anos, mas era alto, tinha a postura ereta, a pele esticada e nenhuma barba. Se o olhasse de relance na rua, poderia achar que ele era jovem, só um pouco mais velho do que eu: alguém para quem eu poderia sorrir por sobre as mesas do banquete, e que poderia ter me tirado para dançar. Mas havia algo anormal no seu rosto: um ninho de corvo formado por rugas perto dos olhos, como se os anos não conseguissem alcançá-lo, mas o uso, sim. Mesmo assim não era um rosto feio, mas a frieza o tornava desagradável: tudo nele dizia *Não sou um de vocês e também não quero ser.*

As roupas dele eram maravilhosas, é claro; o brocado da túnica poderia alimentar uma família durante um ano, mesmo sem os botões dourados. Mas ele era magro como um homem cuja colheita tinha dado errado em

três a cada quatro anos. Ele parecia rígido, contendo toda a energia nervosa de um cão de caça, como se não quisesse nada além de ir embora logo. Era o pior dia da vida de todos ali, mas ele não tinha paciência para nós; quando nossa chefe Danka fez uma reverência e disse:

– Meu lorde, deixe-me apresentá-lo a essas...

Ele a interrompeu e disse:

– Bem, vamos logo com isso.

A mão do meu pai estava quente no meu ombro, enquanto ele ficava em pé ao meu lado e fazia uma reverência; a mão da minha mãe apertava a minha do outro lado. Eles deram um passo relutante para trás, junto com os outros pais. Instintivamente, as onze meninas se aproximaram um pouco. Kasia e eu estávamos perto do fim da fila. Eu não ousava pegar a mão dela, mas estava perto o suficiente para nossos braços se encostarem de leve. Observei o Dragão e o odiei mais quando ele caminhou ao longo da fila e levantou o rosto de cada menina pelo queixo para analisá-las.

Ele não falou com todas nós. Não disse uma palavra para a garota ao meu lado, a que vinha de Olshanka, apesar de seu pai, Borys, ser o melhor criador de cavalos do vale, e ela usar um vestido de lã tingido de vermelho brilhante, com o cabelo preto preso em duas belas tranças entremeadas com fitas vermelhas. Quando foi minha vez, ele olhou para mim com a testa franzida, olhos pretos frios, boca pálida cerrada, e disse:

– Seu nome, menina?

– Agnieszka – respondi, ou tentei; descobri que minha boca estava seca. Engoli o desconforto. – Agnieszka – repeti, sussurrando. – Meu lorde. – Meu rosto estava quente. Baixei os olhos. Percebi que, apesar de todo o meu cuidado, minhas saias estavam com três grandes manchas de lama na barra.

O Dragão continuou. Depois parou, olhando para Kasia, de um jeito que não tinha olhado para nenhuma de nós. Ele ficou ali com a mão no queixo dela, um fino sorriso satisfeito curvando sua boca estreita e rígida. Kasia retribuiu o olhar com coragem e não se mexeu. Ao responder, ela não tentou forçar a voz a ficar áspera nem aguda nem nada, mas firme e musical:

– Kasia, meu lorde.

Ele sorriu de novo para ela, não de forma agradável, mas com uma expressão de satisfação felina. O Dragão foi até o fim da fila apenas para cumprir o ritual, mal olhando para as duas meninas depois dela. Atrás de nós, ouvi Wensa inspirar de um jeito que parecia um soluço quando ele voltou para olhar Kasia, ainda com aquela expressão satisfeita no rosto. E aí ele franziu de novo a testa e virou a cabeça, olhando diretamente para mim.

No fim das contas, eu tinha me deixado levar e segurava a mão de Kasia. Eu a estava apertando com força, e ela fazia o mesmo. Kasia rapidamente a soltou, e eu juntei minhas mãos diante do corpo, o rosto vermelho e fervendo, apreensivo. Ele apenas semicerrou os olhos mais um pouco. Em seguida, levantou a mão e, em seus dedos, uma pequena bola de chama azul-esbranquiçada tomou forma.

– Ela não fez por mal – explicou Kasia. Corajosa, corajosa e corajosa, de um jeito que eu não fora por ela. Sua voz estava trêmula, mas audível, enquanto eu tremia como um coelho apavorado, encarando a bola. – Por favor, meu lorde...

– Silêncio, menina – disse o Dragão, estendendo a mão na minha direção. – Pegue-a.

– Pe... o quê? – falei, mais desconcertada do que se ele tivesse jogado a bola na minha cara.

– Não fique parada aí como uma idiota – disse ele. – *Pegue-a.*

Minha mão estava tremendo tanto quando a levantei que acabei encostando nos dedos dele enquanto tentava pegar a bola, apesar de ter odiado isso; sua pele era febril. Mas a bola de chamas era fria como mármore e não me machucou quando a toquei. Surpresa de alívio, eu a segurei entre os dedos, encarando-a. Ele olhou para mim com uma expressão de irritação.

– Bom – disse ele, de um jeito desagradável –, parece que é você, então. – Ele pegou a bola da minha mão e a fechou no punho por um instante; ela desapareceu com a mesma rapidez que surgira. O Dragão se virou para Danka e disse: – Mande o tributo para mim quando puder.

Eu ainda não tinha entendido. Acho que ninguém entendera, nem mesmo meus pais; foi tudo muito rápido, e eu fiquei chocada por ter

chamado a atenção dele. Nem tive chance de virar e me despedir antes que ele voltasse e segurasse meu punho. Só Kasia se mexeu; olhei para ela, logo atrás de mim, e a vi prestes a estender a mão em protesto na minha direção, depois o Dragão me puxou, sem paciência e de um jeito indelicado, e eu saí tropeçando atrás dele, enquanto era arrastada para o local de onde ele tinha brotado do ar.

Com minha outra mão pressionava a boca, tentando conter a ânsia de vômito, quando saímos do outro lado. Quando ele me largou, caí de joelhos e vomitei sem nem ver onde eu estava. Ele soltou um murmúrio de nojo, a ponta comprida e elegante de sua bota de couro estava toda respingada, e disse:

– Inútil. Pare de vomitar e limpe essa imundície, garota. – Ele se afastou de mim, os saltos da bota ecoando nas lajotas, e sumiu.

Fiquei ali, tremendo, até ter certeza de que mais nada sairia do meu estômago, depois limpei a boca com as costas da mão e levantei a cabeça para examinar os arredores. Eu estava num piso de pedra, não uma pedra qualquer, mas um puro mármore branco entremeado com veias de um verde brilhoso. Era um pequeno cômodo redondo com janelas estreitas, altas demais para olhar através delas, mas, acima da minha cabeça, o teto se inclinava para dentro formando uma ponta aguda. Eu estava bem no alto da torre.

Não havia nenhum móvel no cômodo, e nada com que eu pudesse limpar o chão. Por fim, usei as saias do meu vestido, que já estavam sujas mesmo. Depois de um tempo sentada ali, me sentindo cada vez mais apavorada enquanto nada acontecia, eu me levantei e me arrastei timidamente pelo corredor. Teria usado qualquer caminho que não fosse o que ele usara para sair do cômodo, se houvesse outra saída. Não havia.

Mas ele já tinha sumido. O corredor curto estava vazio. O piso era do mesmo mármore duro e frio, iluminado por uma luz branca pálida e hostil que saía das lamparinas. Não eram lamparinas de verdade, apenas pedaços grandes de pedra polida que brilhavam por dentro. Só havia uma porta, e no fim, um arco que levava à escada.

Empurrei a porta e olhei lá dentro, nervosa, porque isso era melhor do que passar por ela sem saber o que havia do outro lado. Mas ela dava apenas para um pequeno cômodo vazio, com uma cama estreita, uma mesa e uma bacia. Havia uma janela grande na minha frente, e dava para ver o céu. Corri até ela e me inclinei para fora sobre o peitoril.

A torre do Dragão ficava no contraforte da fronteira oeste das terras dele. Nosso vale comprido se estendia para o leste, com suas vilas e fazendas, e pela janela dava para rastrear toda a linha do Veio, que corria em seu tom azul-prateado pelo centro do vale, ladeando a estrada marrom empoeirada. A estrada e o rio corriam juntos até a outra ponta das terras do Dragão, mergulhando em plataformas do bosque e saindo de novo nas vilas, até a estrada se estreitar a ponto de sumir pouco antes do enorme emaranhado preto da Floresta. O rio seguia sozinho até suas profundezas e desaparecia, sem nunca surgir novamente.

Lá estava Olshanka, o povoado mais próximo da torre, onde aos domingos era realizado o Grande Mercado – meu pai já tinha me levado lá duas vezes. Mais à frente, Poniets; Radomsko se curvava ao redor das margens de seu pequeno lago; e a minha Dvernik com sua ampla praça verde. Dava até para ver as grandes mesas brancas arrumadas para o banquete do qual o Dragão não quis participar. E então caí de joelhos, apoiei a testa no peitoril e chorei como uma criança.

Mas minha mãe não veio apoiar a mão na minha cabeça, meu pai não me puxou para perto de si e me fez rir até parar de chorar. Simplesmente solucei até estar com dor de cabeça demais para continuar chorando, meu corpo estava frio e rígido pelo contato com aquele chão dolorosamente duro, meu nariz escorria e não tinha nada para limpá-lo.

Usei outra parte da saia para assoar o nariz e sentei na cama, tentando pensar no que fazer. O quarto estava vazio, mas arejado e arrumado, como se tivesse acabado de ser esvaziado. Provavelmente era isso. Outra menina tinha morado aqui durante dez anos, completamente sozinha, olhando para o vale lá embaixo. Agora ela havia ido para casa se despedir da família, e o quarto era meu.

Pendurada na parede diante da cama ficava uma única pintura numa bela moldura dourada. Não fazia sentido, ela era grandiosa demais para o quartinho e não chegava a ser um quadro de verdade: apenas uma grande faixa verde-clara, com as bordas marrom-acinzentadas e uma brilhante linha azul-prateada que serpenteava pelo meio em curvas delicadas; linhas prateadas mais estreitas saíam das bordas para encontrá-la. Encarei a pintura e me perguntei se também era mágica. Eu nunca vira nada assim.

Mas havia círculos pintados em alguns pontos ao longo da linha prateada, e as marcações eram familiares para mim. Depois de um instante, percebi que o quadro também representava o vale, do jeito que um pássaro o veria do alto. A linha prateada era o Veio, correndo das montanhas até a Floresta, e os círculos eram as vilas. As cores eram brilhantes, a tinta lustrosa formava pequenos picos. Quase dava para ver as ondas do rio, o cintilar da luz do sol na água. Ele atraía o olhar e me fazia querer encará-lo indefinidamente. Mas, ao mesmo tempo, eu não gostava dele. O quadro era uma caixa desenhada ao redor do vale vivo, ele o fechava, e observá-lo fez com que eu também me sentisse presa.

Desviei o olhar. Parecia que eu não ia conseguir ficar no quarto. Eu não tinha comido nada no café da manhã nem no jantar da noite anterior; só sentia um gosto ruim na boca. Eu deveria ter menos apetite, agora que algo pior do que qualquer coisa que eu pudesse imaginar havia acontecido comigo, mas, em vez disso, eu estava com uma fome dolorosa, e não havia serviçais na torre, então ninguém ia fazer meu jantar. Foi aí que algo pior me ocorreu: e se o Dragão quisesse que eu fizesse o dele?

E então um pensamento ainda pior: e *depois* do jantar? Kasia sempre acreditara nas mulheres que voltavam, que diziam que o Dragão não encostava nelas. "Faz cem anos que ele captura meninas", dizia ela, sempre com firmeza. "*Uma* delas teria admitido, e a notícia teria se espalhado."

Mas umas semanas atrás ela havia pedido à minha mãe, quando as duas estavam sozinhas, para contar o que acontecia quando uma menina se casava, para contar o mesmo que a mãe dela teria contado na noite antes de ela se casar. Eu as ouvi pela janela, escondida enquanto voltava do bosque, e

fiquei parada ali escutando tudo enquanto lágrimas quentes escorriam pelo meu rosto, com raiva, tanta raiva pelo que aconteceria com Kasia.

Agora seria *eu*. E eu não era corajosa... não achava que seria capaz de respirar fundo e me impedir de ficar rígida, como minha mãe orientou Kasia a fazer para que não doesse. Eu me vi imaginando, por um instante terrível, o rosto do Dragão tão perto do meu, ainda mais perto do que quando ele me inspecionara na hora da escolha. Os olhos pretos frios e reluzentes como pedra, aqueles dedos duros como ferro, tão estranhamente quentes, afastando o vestido de minha pele, enquanto me lançava, satisfeito, aquele sorriso insinuante. E se todo o corpo dele fosse febril daquele jeito, e eu o sentisse quase incandescente como uma brasa, em todo o meu corpo, enquanto ele se deitava sobre mim e...

Afastei o pensamento com um tremor e me levantei. Olhei para a cama e ao redor daquele pequeno quarto apertado, sem nenhum lugar para me esconder, e saí novamente em disparada pelo corredor. Havia uma escadaria no fim, descendo numa espiral estreita, de modo que não dava para ver o que havia na próxima curva. Parece idiotice ter medo de descer uma escada, mas eu estava apavorada. No fim das contas quase voltei para o quarto. Acabei apoiando uma das mãos na parede de pedra e descendo devagar, colocando os dois pés em cada degrau e parando para ouvir antes de descer mais um pouco.

Depois de me esgueirar desse jeito por uma curva inteira e nada ter pulado em cima de mim, comecei a me sentir idiota e a andar mais rápido. Mas aí virei em outra curva e não cheguei a lugar algum; e mais uma, e comecei a ter medo de novo, desta vez era medo de que a escada fosse mágica e simplesmente continuasse para sempre e... bem. Comecei a descer cada vez mais rápido, depois derrapei três degraus até o próximo patamar e dei de cara com o Dragão.

Eu era magrela, mas meu pai era o homem mais alto da vila, e eu chegava até o ombro dele, e o Dragão não era um homem grande. Quase tropeçamos escada abaixo juntos. Ele segurou o corrimão com uma das mãos, rápido, e meu braço com a outra e, de algum jeito, conseguiu nos impedir de cair no chão. Eu me vi totalmente apoiada nele, agarrando seu

casaco e encarando seu rosto amedrontado. Por um instante, ele ficou surpreso demais para pensar e pareceu um homem comum assustado por algo que havia pulado em cima dele, um pouco bobo e frágil, a boca entreaberta e os olhos arregalados.

Fiquei tão surpresa que não me mexi, só fiquei parada ali, indefesa, e ele se recuperou rapidamente; a revolta se espalhou pelo seu rosto, ele me levantou e me afastou. Foi aí que percebi o que tinha acabado de fazer e disse, em pânico, antes que ele conseguisse abrir a boca:

– Estou procurando a cozinha!

– Está *mesmo?* – perguntou ele, sua voz aveludada. Seu rosto, porém, não parecia nem um pouco suave: estava rígido e furioso, e ele não largava meu braço. Seu aperto era forte, doloroso; dava para sentir o calor através da manga do vestido. Ele me puxou para perto e avançou em minha direção, acho que queria parecer mais alto do que eu e, como não conseguiu, ficou com mais raiva ainda. Se eu tivesse tido um instante para pensar, teria me encolhido para me tornar menor, mas estava cansada e assustada demais. Assim, seu rosto ficou bem diante do meu, tão perto que seu hálito estava nos meus lábios e eu senti e escutei seu sussurro frio e cruel:

– Talvez seja melhor eu levar você até lá.

– Eu consigo... consigo... – comecei a dizer, tremendo, tentando me afastar. Ele virou e me arrastou escada abaixo, fazendo uma curva e outra e outra de novo, cinco vezes antes de chegarmos ao próximo patamar, depois mais três curvas para baixo, a luz ficando mais fraca, até ele finalmente me puxar para o andar mais baixo da torre, apenas uma grande câmara de masmorra com paredes vazias de pedra escavada, com uma lareira enorme em formato de boca curvada para baixo, cheia de chamas que saltavam de maneira infernal.

Ele me arrastou em direção ao fogo e, num instante de pavor cego, percebi que ele pretendia me jogar ali. Ele era tão forte, tão mais forte do que deveria ser para seu tamanho, e me puxava com facilidade mesmo que eu tropeçasse escada abaixo atrás dele. Mas eu não deixaria que ele me jogasse no fogo. Eu não era uma garota quieta, uma dama; passei a vida toda correndo no bosque, subindo em árvores e atravessando arbustos, e o

pânico me dava uma força brutal. Gritei quando ele me puxou para perto da lareira, depois comecei a brigar, a arranhá-lo e a me contorcer, de um jeito que finalmente o derrubou no chão.

Caí junto com ele. Batemos a cabeça no piso de pedra e ficamos deitados, tontos, nossos membros entrelaçados. O fogo crepitava ao nosso lado e, conforme meu pânico diminuía, percebi que havia pequenas portas de ferro na parede ao lado, na frente, um espeto para assar e, em cima, uma prateleira enorme e larga com panelas. Era apenas a cozinha.

Depois de um instante, ele perguntou, quase num tom de admiração:

– Você é louca?

– Achei que você ia me jogar no forno – respondi, ainda tonta, e depois comecei a rir.

Não era uma risada de verdade. Naquele momento, eu estava à beira da histeria, abatida e faminta, meus tornozelos e joelhos machucados por ter sido arrastada escada abaixo e minha cabeça doendo como se tivesse rachado o crânio, e simplesmente não conseguia parar.

Mas *ele* não sabia disso. Tudo que ele sabia era que a garota idiota que ele tinha escolhido estava rindo dele, o Dragão, o maior mago do reino, lorde e mestre dela. Acho que ninguém rira dele em cem anos. Até aquele momento. Ele se levantou, desenlaçando suas pernas das minhas e, ao ficar de pé, olhou para baixo, indignado como um gato. Só consegui rir ainda mais, e ele se virou de repente e me deixou ali, gargalhando no chão, como se não conseguisse pensar em mais nada para fazer comigo.

Depois que ele se afastou, minhas risadas diminuíram e, de alguma forma, eu me senti um pouco menos vazia e apreensiva. Afinal, ele não tinha me jogado no forno, ele não tinha me batido. Eu me levantei e olhei ao redor: era difícil enxergar porque a lareira era muito clara e não havia outras luzes acesas, mas, quando fiquei de costas para as chamas, comecei a entender o enorme cômodo: dividido, com alcovas e paredes baixas, estantes cheias de garrafas de vidro brilhosas – vinho, percebi. Meu tio tinha comprado uma garrafa para a casa da minha avó uma vez, para o solstício de inverno.

Havia suprimentos por toda parte: barris de maçãs embaladas em palha, sacos de batatas, cenouras e pastinacas, compridos cordões trançados de cebolas. Numa mesa no meio do cômodo, encontrei um livro, uma vela apagada, um pote de tinta e uma pena e, quando o abri, descobri ser um livro de registros com todos os suprimentos, escrito numa caligrafia firme. No fim da primeira página havia uma observação em letra miúda; quando acendi a vela e me inclinei para espiar, consegui ler:

Café da manhã às oito, almoço à uma, jantar às sete. Deixe a refeição pronta na biblioteca, cinco minutos antes, e você não vai precisar vê-lo (nem preciso dizer quem) *o dia todo. Coragem!*

Um conselho inestimável – e aquele *Coragem!* era como o toque de uma mão amiga. Abracei o livro, me sentindo menos sozinha do que me sentira o dia todo. Parecia ser perto de meio-dia, e o Dragão não tinha comido na nossa vila, então comecei a fazer o almoço. Eu não era uma excelente cozinheira, mas minha mãe tinha insistido em me ensinar um pouco até eu conseguir preparar uma refeição; e era eu que coletava várias plantas selvagens para minha família, então sabia como distinguir o alimento fresco do estragado e identificar quando uma fruta estava doce. Nunca tive tanto com o que trabalhar: havia até gavetas de temperos com cheiro de bolo do solstício de inverno e um barril inteiro cheio de sal cinza, macio e fresco.

No fundo do cômodo havia um local estranhamente frio, onde encontrei carnes penduradas: um cervo inteiro e duas lebres grandes; vi também uma caixa de palha cheia de ovos. Havia um pão fresco já assado, envolvido num pano bordado sobre a lareira, e ao lado encontrei uma panela com uma mistura de carne de coelho, trigo-sarraceno e ervilhas. Experimentei: parecia algo saído de um banquete, era ao mesmo tempo salgado e doce, além de estar macio a ponto de derreter; outro presente da pessoa que escrevera anonimamente no livro.

Eu não sabia fazer uma comida dessas, e tive medo que o Dragão esperasse isso. Mas fiquei muito grata por ter aquela panela pronta, de qualquer maneira. Eu a coloquei de volta sobre o fogo para aquecer (salpiquei um pouco no meu vestido ao fazer isso), preparei dois ovos para cozinhar, e encontrei uma travessa, uma tigela, um prato e uma colher.

Quando o coelho ficou pronto, eu o coloquei na travessa, cortei o pão e passei manteiga. Era preciso cortá-lo, porque eu já havia rasgado e comido a ponta enquanto esperava a carne. Até cozinhei uma maçã com os temperos, receita que minha mãe tinha me ensinado para o jantar de domingo no inverno, e havia tantas chamas que eu podia fazer isso enquanto todas as outras coisas cozinhavam. Quando arrumei tudo na travessa, me senti um pouco orgulhosa: parecia uma festa, mas uma festa estranha com coisas para uma pessoa só.

Levei a travessa escada acima com cuidado, mas demorei para descobrir que não sabia onde ficava a biblioteca. Se eu tivesse pensado um pouco, saberia que não era no andar mais baixo (e de fato não era), mas não entendi isso até andar de um lado para o outro carregando a travessa por um salão circular enorme, com janelas fechadas por cortinas e uma poltrona pesada que parecia um trono ao fundo. Havia outra porta no lado mais distante, mas, quando a abri, só encontrei o hall de entrada e as portas imponentes da torre, com o triplo da altura da minha cabeça e travadas com uma placa grossa de madeira sobre suportes de ferro.

Virei e segui pelo corredor em direção à escada, subi mais um andar e lá encontrei o piso de mármore coberto com um tecido macio e peludo. Eu nunca tinha visto um carpete. Era por isso que eu não ouvia os passos do Dragão. Segui ansiosa pelo corredor e espiei pela primeira porta. Recuei depressa: o ambiente era repleto de mesas compridas, frascos estranhos, poções borbulhantes e faíscas anormais em cores que não vinham de uma lareira; eu não queria passar nem mais um instante ali dentro. Mas, mesmo assim, consegui prender o vestido na porta e rasgá-lo.

Por fim, a porta seguinte, do outro lado do corredor, se abria para um cômodo cheio de livros: estantes de madeira repletas deles subiam do chão até o teto. O cômodo tinha cheiro de poeira, e só havia algumas janelas estreitas permitindo a passagem da luz. Fiquei tão feliz por ter encontrado a biblioteca que, no início, não percebi que o Dragão estava lá: sentado numa poltrona pesada com uma pequena mesa a sua frente e um livro apoiado nela, tão grande que cada página tinha o comprimento do meu antebraço, e uma grande tranca dourada na capa.

Congelei ao encará-lo, me sentindo traída pelo conselho do livro. De alguma forma, achei que o Dragão ficaria convenientemente fora do caminho até eu ter a chance de servir sua refeição. Ele não tinha levantado a cabeça para olhar para mim, mas, em vez de continuar quieta e ir com a travessa até a mesa no centro do salão, colocá-la ali e sair correndo, fiquei parada na porta e falei:

– Eu... eu trouxe o almoço. – Eu não queria entrar até que ele mandasse.

– Sério? – perguntou ele, com sarcasmo. – Sem cair num poço no caminho? Estou surpreso. – Só então ele levantou o olhar para mim e franziu a testa. – Ou você *caiu* num poço?

Olhei para mim mesma. Minha saia estava com uma enorme mancha horrível do vômito (eu tinha limpado como pude na cozinha, mas não tinha saído completamente) e outra de onde assoei o nariz. Havia três ou quatro manchas de gordura do ensopado e mais algumas salpicadas da bacia de lavar louça onde limpei as panelas. A barra ainda estava enlameada e eu tinha rasgado mais alguns buracos sem nem perceber. Minha mãe tinha trançado e prendido meu cabelo naquela manhã, mas as presilhas tinham escorregado da minha cabeça e agora o cabelo era um grande nó embaraçado pendurado até o pescoço.

Eu não tinha percebido; não era algo incomum para mim, exceto que eu estava usando um vestido bonito por baixo daquela bagunça.

– Eu estava... eu cozinhei e limpei... – tentei explicar.

– A coisa mais suja nesta torre é *você* – disse ele; era verdade, mas foi grosseiro do mesmo jeito. Fiquei vermelha e, com a cabeça baixa, fui até a mesa. Coloquei tudo ali e dei uma olhada, percebendo, desanimada, que, com todo o tempo que levei andando pela torre, tudo tinha esfriado, exceto a manteiga, que virou uma bagunça escorrida e molenga no prato. Até minha linda maçã assada tinha esfriado.

Encarei o prato, horrorizada, tentando decidir o que fazer; será que eu deveria levar tudo de volta? Ou talvez ele não se importasse? Virei para olhar e quase gritei: ele estava parado bem atrás de mim, espiando a comida por sobre o meu ombro.

– Estou vendo por que teve medo que eu fosse assar você – disse ele, se inclinando para pegar uma colher do ensopado, partindo a camada de gordura fria em cima e devolvendo-a. – Você daria uma refeição melhor do que essa.

– Não sou uma cozinheira maravilhosa, mas... – Encarei-o, tentando explicar que não era terrível na cozinha, que eu só não sabia o caminho, mas ele bufou, me interrompendo.

– Existe alguma coisa que você *saiba* fazer? – perguntou ele, zombando.

Se ao menos eu tivesse sido mais bem treinada para servir, se ao menos eu realmente tivesse achado que poderia ser escolhida e estivesse mais preparada para isso; se ao menos eu estivesse menos arrasada e cansada, e se ao menos eu não tivesse sentido um pouco de orgulho de mim mesma na cozinha; se ao menos ele não tivesse acabado de me ridicularizar por estar um trapo, do jeito que todos que me amavam faziam, mas com malícia em vez de afeto; se ao menos alguma dessas coisas e se ao menos eu não tivesse esbarrado nele na escada e descoberto que ele *não ia* me jogar no fogo, eu provavelmente ficaria apenas vermelha e fugiria.

Em vez disso, joguei a travessa na mesa, irritada, e gritei:

– Por que você me escolheu, então? Por que você não escolheu Kasia?

Calei a boca assim que falei, horrorizada e com vergonha de mim mesma. Eu estava prestes a retirar o que falei rapidamente, dizer que eu estava arrependida, que não era isso que eu queria dizer, que eu não queria dizer que ele devia ter pego Kasia no meu lugar; que eu ia trazer outra travessa... Mas ele estava impaciente e disse:

– Quem?

Abri a boca, surpresa.

– Kasia! – respondi. Ele simplesmente olhou para mim como se eu estivesse dando mais uma prova da minha idiotice, e eu me esqueci das minhas intenções nobres. – Você ia escolhê-la! Ela... ela é inteligente e corajosa e excelente cozinheira e...

Ele estava ficando cada vez mais irritado.

– Claro – cuspiu ele, me interrompendo –, eu me lembro da menina: não tinha cara de cavalo nem era desleixada, e imagino que não estaria

reclamando comigo neste minuto: já chega. Vocês, meninas da vila, são todas meio entediantes no começo, mas você está provando ser um modelo notável de incompetência.

– Então você não precisa me manter aqui! – soltei, com raiva e magoada. *Cara de cavalo* doeu.

– Para minha infelicidade, é aí que você está errada.

Ele pegou minha mão pelo punho e me girou: ficou atrás de mim, e esticou meu braço sobre a comida em cima da mesa.

– *Lirintalem* – disse ele, uma palavra estranha que saiu em forma de líquido da língua dele e ecoou aguda aos meus ouvidos. – Diga junto comigo.

– O quê? – Eu nunca tinha escutado a palavra. Mas ele se aproximou mais das minhas costas, colocou a boca no meu ouvido e sussurrou, de um jeito terrível:

– *Diga!*

Estremeci e, desejando apenas que ele me soltasse, falei junto com ele "*Lirintalem*", enquanto ele segurava minha mão sobre a refeição.

O ar formou ondas sobre a comida, uma coisa horrível de se ver, como se o mundo todo fosse um lago no qual ele pudesse jogar pedrinhas. Quando tudo voltou ao normal, a comida estava diferente. No lugar dos ovos cozidos, uma galinha assada; em vez da tigela de ensopado de coelho, uma pilha de vagem fresca minúscula, apesar de já terem se passado sete meses da estação delas; em vez da maçã assada, uma tortinha cheia de maçãs fatiadas bem fininhas, como papel, salpicadas de passas encorpadas e cobertas com mel.

Ele me soltou. Tropecei com a súbita falta de apoio, me segurando na borda da mesa, meus pulmões esvaziados como se alguém tivesse sentado no meu peito; eu me sentia como um limão espremido para virar suco. Estrelas formigavam no canto da minha visão, e eu me inclinei, quase desmaiando. De longe, eu o vi olhando para a travessa, com uma careta no rosto, como se estivesse, ao mesmo tempo, surpreso e irritado.

– O que você fez comigo? – sussurrei, quando consegui voltar a respirar.

– Pare de reclamar – respondeu, indiferente. – Não foi nada além de um truque. – A surpresa que ele havia sentido desapareceu; ele moveu a mão em direção à porta enquanto sentava à mesa do almoço. – Está bem, saia. Já estou vendo que você vai desperdiçar uma quantidade desmedida do meu tempo, mas já tive o suficiente por hoje.

Fiquei feliz de obedecer a essa ordem, pelo menos. Não tentei pegar a travessa, apenas saí rastejando da biblioteca, os braços envolvendo meu corpo. Eu ainda estava fraca a ponto de cambalear. Levei quase meia hora para me arrastar pela escada até o último andar, depois fui para o quartinho e fechei a porta, coloquei a cômoda na frente dela e caí na cama. Se o Dragão apareceu enquanto eu estava dormindo, não escutei nada.

Capítulo 2

Não vi o Dragão nos quatro dias seguintes. Fiquei na cozinha desde a manhã até a noite; encontrei livros de receitas lá e trabalhei em todas elas, uma atrás da outra, freneticamente, tentando me tornar a cozinheira mais fantástica de todos os tempos. Havia comida suficiente na despensa para eu não me importar com o que estava desperdiçando; se alguma coisa ficava ruim, eu mesma comia. Segui o conselho e levava as refeições dele até a biblioteca exatamente cinco minutos antes da hora, cobria os pratos e saía apressada. Ele nunca estava lá quando eu chegava, então fiquei satisfeita e não ouvi mais reclamações. Havia umas roupas simples num baú no meu quarto, e elas serviam mais ou menos em mim: minhas pernas ficavam expostas do joelho para baixo, os antebraços também, e eu tinha que amarrar algo à cintura, mas fiquei mais arrumada do que jamais estive..

Eu não queria agradar a ele, mas queria impedir que ele fizesse aquilo de novo comigo, o que quer que fosse aquele feitiço. Eu acordava de pesadelos quatro vezes por noite, sentindo a palavra *lirintalem* nos lábios e seu sabor na boca, como se aquele fosse o lugar dela, e a mão dele queimando meu braço.

O medo e o trabalho não eram tão ruins como companhia. Ambos eram melhores do que a solidão e os medos mais profundos, os piores, aqueles que eu sabia que seriam realizados: eu não veria minha mãe e meu pai durante dez anos, eu nunca mais moraria na minha casa, nunca mais correria livre no bosque, a estranha alquimia que agia sobre as meninas do Dragão em breve atuaria sobre mim e me transformaria em alguém que eu não reconheceria, no fim das contas. Pelo menos, enquanto eu estava

cortando e suando na frente dos fornos, não precisava pensar em nada disso.

Depois de alguns dias, quando percebi que ele não viria e usaria aquele feitiço em mim em todas as refeições, parei com o frenesi de cozinhar. Mas então descobri que não tinha mais nada para fazer, mesmo quando eu procurava trabalho. Por maior que fosse a torre, ela não precisava de limpeza: nenhuma poeira se acumulava nos cantos nem no peitoril das janelas, nem mesmo nas molduras douradas com minúsculas trepadeiras esculpidas.

Eu ainda não gostava da pintura de mapa no meu quarto. Todas as noites imaginava um murmúrio fraco saindo dali, como água escorrendo pelo esgoto, e todos os dias ela permanecia na parede, em toda sua glória excessiva, tentando me obrigar a olhar para ela. Depois de fazer uma careta para a pintura, desci. Esvaziei um saco de nabos no porão, rasguei a costura e usei o tecido para cobri-la. Meu quarto pareceu melhor no mesmo instante, com aquele esplendor dourado escondido.

Passei o resto daquela manhã olhando para o vale pela janela, sozinha e doente de saudade. Era um dia de trabalho comum, por isso havia homens nos campos colhendo as plantações e mulheres no rio lavando roupas. Até a Floresta parecia reconfortante, em sua grande escuridão impenetrável e selvagem: uma constante que não se alterava. O rebanho de ovelhas que pertencia a Radomsko estava pastando nas colinas mais baixas das montanhas na parte norte do vale; parecia uma nuvem branca errante. Observei o rebanho perambulando por um tempo e chorei um pouco, mas até o luto tinha limites. Na hora do jantar, eu estava terrivelmente entediada.

Minha família não era pobre nem rica; tínhamos sete livros em casa. Eu só tinha lido quatro deles; passei quase todos os dias da minha vida ao ar livre, até mesmo no inverno e na chuva. Mas eu não tinha muita escolha, por isso, quando levei a travessa do almoço até a biblioteca naquele dia, dei uma olhada nas estantes. Claro que não haveria problema se eu pegasse um. As outras meninas devem ter pegado livros, já que todo mundo sempre dizia que elas saíam de lá mais cultas.

Assim, cheia de coragem, fui até uma estante e escolhi um livro que quase pedia para ser tocado: era lindamente encapado com um couro lustroso da cor do trigo que reluzia à luz da vela, luxuoso e convidativo. Depois que o peguei, hesitei; era maior e mais pesado do que todos os livros da minha família e, além disso, a capa tinha belos desenhos pintados em ouro. Mas não havia tranca nele, e eu o carreguei comigo para o quarto, meio culpada e tentando me convencer de que era tolice me sentir assim.

Eu o abri e me senti ainda mais tola, porque não conseguia entender nada. Não do jeito normal, de não conhecer as palavras ou de não saber o que significavam. Eu *entendi* todas elas e tudo que eu estava lendo, nas primeiras três páginas, depois parei e me perguntei: o livro era sobre o quê? E não consegui identificar; eu não tinha ideia do que havia acabado de ler.

Voltei e tentei de novo, e mais uma vez tive certeza de que estava entendendo, e tudo fazia perfeito sentido: mais do que perfeito, o livro transmitia a sensação de algo verdadeiro, algo que eu sempre soube, mas nunca havia colocado em palavras, algo que explicava com clareza e simplicidade alguma coisa que eu nunca entendera. Eu estava fazendo que sim com a cabeça, satisfeita, indo bem, e desta vez cheguei à quinta página antes de perceber, de novo, que não conseguiria dizer a ninguém o que estava na primeira, nem mesmo na página quatro.

Lancei um olhar ressentido para o livro, depois o abri de novo na primeira página e comecei a ler em voz alta, uma palavra de cada vez. As sílabas cantavam como pássaros na minha boca, lindas, se derretendo como fruta açucarada. Ainda não conseguia acompanhar tudo na minha mente, mas continuei lendo, sonhadora, até a porta se abrir com violência.

Eu já tinha parado de fazer uma barreira com móveis na frente da porta. Estava sentada na cama, que tinha empurrado até embaixo da janela para ter luz, e o Dragão estava exatamente do outro lado do quarto, emoldurado pela porta. Congelei de surpresa e parei de ler, boquiaberta. Ele estava com uma raiva furiosa: seus olhos faiscavam, terríveis. Ele estendeu a mão e disse:

– *Tualidetal.*

O livro tentou fugir das minhas mãos, voar pelo quarto até ele. Eu o agarrei cegamente, por um instinto enganoso. O livro se debateu nos meus braços, querendo sair, mas, estupidamente obstinada, eu o puxei com força e consegui pegá-lo nos meus braços de novo. O Dragão bufou para mim e ficou ainda mais irritado e selvagem; atravessou furioso o pequeno aposento, enquanto eu tentava tardiamente ficar de pé e recuar, mas não havia nenhum lugar para onde ir. Ele estava em cima de mim num instante, me empurrando contra os travesseiros.

– Então – disse ele, delicadamente, a mão apertando minha clavícula, me prendendo à cama com facilidade. Parecia que meu coração estava martelando entre o esterno e as costas, cada batimento me fazia tremer. Ele puxou o livro com uma das mãos, pelo menos eu não fui burra o suficiente para *continuar* me agarrando a ele, e o arremessou com um simples giro, de modo que pousou sobre a pequena mesa. – Agnieszka, não é? Agnieszka de Dvernik.

Ele parecia querer uma resposta.

– Isso mesmo – sussurrei.

– Agnieszka – murmurou ele, se inclinando na minha direção, e eu percebi que ele ia me beijar. Fiquei apavorada e então desejei que ele seguisse em frente e acabasse logo com aquilo, para que eu não precisasse sentir tanto medo, mas ele não fez nada. O Dragão disse, tão de perto que eu via meus olhos refletidos nos dele: – Me conte, querida Agnieszka, de onde você é de verdade? Foi o Falcão que enviou você? Ou talvez o próprio rei?

Parei de encarar a boca dele com pavor e levei os olhos rapidamente em direção aos dele.

– Eu... o quê?

– Eu *vou* descobrir. Por mais que o feitiço de seu mestre seja habilidoso, ele vai ter furos. Sua... *família*... – Ele desdenhou da palavra. – ... pode achar que se lembra de você, mas eles não vão encontrar guardadas em casa as coisas que uma criança teve durante a vida. Um par de luvas ou um gorro surrado, uma coleção de brinquedos quebrados... não vou encontrar nada disso, não é?

– Todos os meus brinquedos estão quebrados – falei, impotente, me agarrando à única parte da fala que eu entendia. – Eles... sim? Todas as minhas roupas sempre foram surradas, nosso cesto de roupas é cheio delas...

Ele me empurrou com mais força contra a cama e se inclinou.

– Não ouse mentir para mim! – sibilou ele. – Vou arrancar a verdade da sua garganta...

Os dedos dele estavam apoiados no meu pescoço; a perna estava sobre a cama, entre as minhas. Num grande surto de pavor, coloquei as mãos no peito dele e o empurrei usando a força de todo o meu corpo contra a cama, nos tirando dela. Caímos com um grande baque no chão, ele embaixo de mim, e eu me levantei rápido como um coelho e corri em direção à porta. Fugi para a escada. Não sei aonde eu pensei que ia: eu não poderia sair pela porta da frente e não havia outro lugar para ir. Mas corri mesmo assim: desci dois lances cambaleando e, quando ouvi os passos dele me perseguindo, me joguei no laboratório mal iluminado, com todos os seus gases e fumaças. Engatinhei desesperada por baixo das mesas até um canto escuro atrás de um armário alto e abracei minhas pernas.

Fechei a porta depois de entrar, mas isso não o impediu de saber aonde eu tinha ido. Ele a abriu e olhou ao redor, e eu o vi por cima da borda de uma das mesas, seu olhar frio e raivoso entre duas provetas de vidro, o rosto pintado em tons de verde pelo fogo. Ele contornou a mesa com passos lentos e, quando se aproximou da ponta, eu disparei para a frente e me arrastei para o outro lado, tentando chegar até a porta. Tive a ideia de trancá-lo lá dentro, mas esbarrei em uma estante estreita na parede. Um dos potes com rolha caiu nas minhas costas, saiu rolando e se espatifou no chão aos meus pés.

Uma fumaça cinza subiu ao meu redor e entrou no meu nariz e na minha boca, me sufocando, me paralisando. Ardia em meus olhos, e eu não conseguia piscar, e não conseguia levantar as mãos para esfregá-los, meus braços se recusavam a responder. A tosse ficou presa na minha garganta e parou; meu corpo todo foi congelando devagar até ficar imóvel, ainda encolhido no chão. Mas eu não sentia mais medo e, depois de um instante, nem me sentia desconfortável. De algum jeito, fiquei ao mesmo tempo

infinitamente pesada e leve, distante. Ouvi os passos fracos e longínquos do Dragão enquanto ele se aproximava e se inclinava sobre mim, e não me importei com o que ele ia fazer.

Ele ficou parado ali, olhando para mim no chão, com uma impaciência fria. Não tentei adivinhar o que ele ia fazer, não conseguia pensar nem imaginar. O mundo estava muito cinza e estático.

– Não – disse ele depois de um instante –, não, não é possível que você seja uma espiã.

Ele virou e me deixou ali por algum tempo. Não sei dizer quanto, poderia ser uma hora ou uma semana ou um ano, apesar de eu descobrir, mais tarde, que tinha sido apenas metade de um dia. Depois, ele finalmente voltou, a boca deixava transparecer a irritação. Segurava uma coisa pequena e esfarrapada que tinha sido um porquinho, feito de lã tricotada e estofado com palha, antes de eu arrastá-lo atrás de mim pelo bosque nos primeiros sete anos da minha vida.

– Então – disse ele –, nada de espiã. Só uma garota que se acha esperta.

Em seguida, ele colocou a mão na minha cabeça e disse:

– *Tezavon tahozh, tezavon tahozh kivi, kanzon lihush.*

Ele não apenas recitou as palavras, mas entoou, quase como se fosse uma canção, e enquanto ele falava, a cor, o tempo e a respiração voltavam ao mundo; minha cabeça ficou livre e eu me encolhi assustada sob a mão dele. Eu era como uma pedra que lentamente se transformava em carne. Meus braços se soltaram, se debatendo em busca de algo para segurar enquanto minhas pernas ainda de pedra me prendiam no mesmo lugar. Ele segurou meus punhos, de modo que, quando consegui me soltar totalmente, estava presa na mão dele, sem chance de fugir.

Mas não tentei correr. Meus pensamentos subitamente livres dispararam em uma dezena de direções, como se estivessem recuperando o tempo perdido, mas parecia que, se quisesse fazer algo terrível comigo, ele teria me deixado como pedra. E pelo menos ele tinha parado de pensar que eu era algum tipo de espiã. Não entendi por que ele achava que alguém poderia querer espioná-lo, muito menos o rei; afinal, ele era o mago do rei, não era?

– E agora você vai me dizer o que estava fazendo? – perguntou ele. Seus olhos ainda estavam desconfiados e frios e soltando faíscas.

– Eu só queria um livro para ler. Eu não... não achei que tinha problema...

– E por acaso você pegou a *Invocação de Luthe* na estante para ler um pouquinho – disse ele, penetrantemente sarcástico. – E só por acaso... – Talvez meu olhar assustado e vazio o tenha convencido, e ele me encarou com uma irritação visível. – Você tem um dom inigualável para o desastre.

Em seguida, ele voltou sua atenção para baixo com uma careta, e eu segui seu olhar até os cacos do pote de vidro ao redor dos nossos pés. Ele sibilou por entre os dentes e disse abruptamente:

– Limpe isso, depois vá até a biblioteca. E *não* encoste em mais nada.

Ele se afastou, me deixando sozinha à procura de panos na cozinha, para catar o vidro, e um balde: lavei o piso também, apesar de não haver traços de algo derramado, como se a magia tivesse evaporado como o licor num pudim. De vez em quando, eu parava, levantava a mão do chão e a virava de um lado para o outro, para garantir que a pedra não estava se esgueirando de novo para a ponta dos meus dedos. Acabei pensando no motivo que o levava a ter um pote daquilo na estante e me perguntei se ele já o tinha usado em outra pessoa, alguém que havia se transformado em estátua em algum lugar, parado, olhos vidrados, o tempo se movendo como um redemoinho ao seu redor; estremeci.

Tive muito, muito cuidado para não encostar em mais nada.

O livro que eu pegara estava de volta na estante quando eu finalmente me preparei e entrei na biblioteca. Ele andava de um lado para o outro, seu próprio livro largado e negligenciado sobre a mesinha, e, quando entrei, ele franziu a testa novamente. Olhei para baixo: minha saia tinha rastros molhados após a limpeza e era curta demais, mal cobrindo meus joelhos. As mangas da túnica estavam ainda piores: eu tinha deixado cair ovo nas pontas ao fazer o café da manhã dele, e chamusquei um pouco o cotovelo pegando a torrada antes que ela queimasse.

– Vamos começar com *isso,* então – disse o Dragão. – Não preciso me sentir ofendido toda vez que olho para você.

Fechei bem a boca para não me justificar: se eu começasse a pedir desculpas por ser desarrumada, passaria a vida toda fazendo isso. Nos poucos dias que passara na torre, pude perceber que ele adorava coisas bonitas. Mesmo seus livros não eram exatamente iguais: as lombadas de couro tinham diferentes cores, fechos e dobradiças de ouro e alguns eram salpicados com pequenas pedras preciosas. Qualquer coisa que se olhasse, fosse um pequeno copo de vidro sobre o peitoril da janela da biblioteca ou a pintura no meu quarto, era bonita e colocada num lugar adequado, onde poderia brilhar sem distrações. Eu era um borrão gritante na perfeição. Mas eu não me importava: não sentia que tinha a obrigação de ser bonita para ele.

Ele acenou para eu me aproximar, impaciente, e eu dei um passo cauteloso em sua direção; o Dragão pegou as minhas mãos e as cruzou sobre o meu peito, com as pontas nos ombros opostos, e disse:

– Agora: *vanastalem*.

Eu o encarei numa rebeldia muda. A palavra ecoou nos meus ouvidos como o outro feitiço para o qual ele tinha me usado. Eu sentia que a palavra queria entrar na minha boca, drenar as minhas forças.

Ele me pegou pelo ombro, seus dedos me apertando com muita força, provocando dor; senti o calor de cada um deles passando pela minha roupa.

– Posso ser obrigado a suportar a incompetência; mas não vou tolerar covardia – disse ele. – *Fale*.

Eu lembrei de me sentir feito pedra; o que mais ele poderia fazer comigo? Estremeci e disse muito baixo, como se sussurrar pudesse impedir que o feitiço me atingisse:

– *Vanastalem*.

Minha força subiu pelo meu corpo e jorrou pela minha boca e, enquanto ela me deixava, um tremor que teve início no ar desceu se enrolando pelo meu corpo numa trilha em espiral. Afundei até o chão ofegando no meio de saias estranhamente amplas de seda farfalhante, verde e marrom-dourado. Elas se juntaram ao redor da minha cintura e cobriram as minhas pernas, intermináveis. Minha cabeça se inclinou para a frente sob o peso de um adorno curvo, com um véu de renda realçada por flores em fios dourados

que caíam pelas minhas costas. Encarei estupidamente as botas do Dragão, o couro entalhado: havia parreiras desenhadas nelas.

– Olhe só para você, e tudo isso por causa de um feitiço simples – disse ele, parecendo irritado com sua obra. – Pelo menos, sua aparência melhorou. Veja se consegue se manter num estado decente daqui em diante. Amanhã, vamos tentar outro.

As botas viraram e se afastaram de mim. Acho que ele sentou na poltrona e voltou à leitura; não sei ao certo. Depois de um tempo, saí da biblioteca engatinhando, naquele belo vestido, sem levantar a cabeça.

As semanas seguintes se misturaram umas às outras. Todas as manhãs eu acordava um pouco antes do amanhecer e ficava deitada na cama enquanto a janela clareava, tentando pensar num jeito de fugir. Todas as manhãs, depois de fracassar, eu levava a bandeja do café da manhã até a biblioteca, e ele fazia outro feitiço comigo. Se eu não tivesse conseguido me manter arrumada o suficiente (normalmente eu não conseguia), ele usava *vanastalem* primeiro, depois um segundo feitiço. Todos os meus vestidos simples estavam desaparecendo um atrás do outro, e os vestidos elaborados incômodos pontilhavam meu quarto como pequenas montanhas, tão pesados com brocados e bordados que quase ficavam em pé sem que eu estivesse dentro deles. Eu mal conseguia me contorcer para sair de dentro das saias na hora de dormir, e os espartilhos rígidos embaixo deles comprimiam minha respiração.

A névoa de dor nunca me deixava. Depois de cada manhã, eu me arrastava, arrasada, de volta para o meu aposento. Suponho que o Dragão arrumasse seu próprio almoço, porque eu certamente não fazia nada para ele. Ficava deitada na cama até a hora do jantar, quando eu costumava conseguir me arrastar de novo escada abaixo e fazer uma refeição simples, mais impulsionada pela minha fome do que pela preocupação com as necessidades dele.

O pior de tudo era não entender por que ele estava me usando desse jeito. À noite, antes de me afundar no sono, eu imaginava o pior dos contos e histórias de fadas, vampiros e íncubos bebendo a vida de donzelas, e jurava, aterrorizada, que de manhã eu ia encontrar um jeito de escapar.

Claro que eu nunca conseguia. Meu único conforto era que eu não fora a primeira; falei para mim mesma que ele tinha feito isso com todas as meninas antes de mim, e elas tinham superado. Não era muito reconfortante, dez anos me pareciam uma eternidade. Mas eu me agarrava a qualquer pensamento que pudesse aliviar pelo menos um pouco minha angústia.

Ele não me propiciava consolo algum. Ficava irritado comigo todas as vezes que eu entrava na biblioteca, até mesmo nos poucos dias em que eu conseguia me manter arrumada, como se eu estivesse chegando para irritá-lo e interrompê-lo, em vez de para ele me atormentar e me usar. E, quando terminava de fazer magia através de mim e me deixava encolhida no chão, ele me olhava de cara feia e me chamava de inútil.

Um dia, tentei ficar totalmente escondida. Achei que, se deixasse sua refeição mais cedo, ele poderia me esquecer. Deixei seu café da manhã assim que amanheceu, depois corri e me escondi no fundo da cozinha. Mas, pontualmente às sete, um de seus elementais, aqueles que às vezes eu via flutuando pelo Veio em direção à Floresta, apareceu deslizando escada abaixo. Visto de perto, era uma coisa disforme parecida com uma bolha de sabão, ondulando e se movendo, quase invisível, a menos que a luz fosse capturada por sua pele iridescente. O elemental foi de um canto para outro, até me alcançar e flutuar insistentemente sobre os meus joelhos. Eu o fitei, encolhida, e vi meu próprio rosto me encarando de volta com um contorno fantasmagórico. Devagar, me levantei e segui o elemental até a biblioteca, onde ele deixou o livro de lado e me encarou furioso.

– Por mais que eu ficasse feliz de me abster do prazer muito duvidoso de ver você se debater como uma enguia por causa do último truque – cuspiu ele –, já vimos as consequências de deixar você por conta própria. Você já se sujou muito hoje?

Eu vinha fazendo um esforço desesperado para me manter arrumada e, pelo menos, evitar o primeiro feitiço. Hoje, eu só tinha conseguido algumas manchas pequenas de quando fiz o café da manhã, e uma listra de óleo. Mas ele estava me olhando com a mesma aversão e, quando segui a direção de seu olhar, vi, para meu desalento, que, enquanto eu estava me

escondendo no fundo da cozinha, me enrolei em uma teia de aranha (a única teia de aranha em toda a torre, suponho) e agora ela se arrastava pelas costas das minhas saias como um véu fino e esfarrapado.

– *Vanastalem* – repeti com ele, resignada, e observei uma linda e desordenada onda de seda laranja e amarela subir do chão e me cercar, como folhas sopradas numa trilha de outono. Oscilei, respirando profundamente, enquanto ele sentava de novo.

– Agora – disse ele. Havia uma pilha de livros sobre a mesa e, com um empurrão, ele os derrubou, formando um monte solto e bagunçado. – Para ordená-los: *darendetal*.

Ele acenou na direção da mesa.

– *Darendetal* – murmurei junto com ele, e o feitiço saiu estrangulado da minha garganta. Os livros sobre a mesa tremeram e, um após o outro, se ergueram e giraram até seus lugares como pássaros sobrenaturais enfeitados, com suas lombadas vermelhas e amarelas e azuis e marrons.

Desta vez, não caí no chão: apenas segurei a borda da mesa com as duas mãos e me inclinei sobre ela. Ele estava encarando a pilha com cara feia.

– Que idiotice é essa? Não tem ordem alguma aqui. Olhe para isso.

Olhei para os livros. Estavam formando uma pilha única, arrumada, com cores semelhantes próximas uma da outra...

– ... *cor?* – disse ele, o volume da voz aumentando. – Por *cor*? Você... – Ele estava tão furioso comigo como se aquilo tivesse sido minha culpa. Talvez tenha acontecido alguma coisa com a magia dele, quando drenou minha energia para alimentá-la. – Ah, saia daqui! – rosnou, e eu fugi correndo, tomada por um prazer secreto e ressentido: ah, como eu estava *feliz* por estragar a magia dele de algum jeito.

Enquanto subia, tive que parar no meio da escada para recuperar o fôlego dentro do espartilho, mas, quando o fiz, percebi que não estava mais engatinhando. Eu estava cansada do mesmo jeito, mas a névoa não tinha descido sobre meus olhos. Eu consegui subir o resto do caminho até o topo sem parar e, apesar de ter caído na cama e cochilado metade do dia, pelo menos eu não me sentia uma casca sem cérebro.

A névoa se dissipou mais e mais conforme as semanas seguintes se passaram, como se a prática estivesse me deixando mais forte, mais capaz de suportar o que ele fazia comigo. As sessões começaram, pouco a pouco, a ser... não agradáveis, mas também não apavorantes; apenas uma tarefa cansativa, como ter que esfregar panelas na água fria. Consegui voltar a dormir à noite e meu espírito também começou a se recuperar. Todo dia eu me sentia melhor, e todo dia sentia mais raiva.

Eu não conseguia entrar nos ridículos vestidos de baile; tinha tentado de todas as maneiras, mas não conseguia nem alcançar os botões e rendas nas costas, e quase sempre tinha que estourar as costuras e amassar as saias para sair deles. Então toda noite eu os jogava numa pilha longe do meu caminho, e toda manhã eu vestia outro daqueles vestidos simples e tentava me manter o mais limpa e arrumada possível, e de vez em quando ele perdia a paciência com a minha sujeira e encantava mais uma roupa. E agora eu tinha chegado ao último vestido simples.

Segurei o último vestido de lã simples e sem cor, sentindo que aquela era a corda à qual eu estava me agarrando, e, num surto de desobediência, eu o deixei na cama e entrei no vestido verde e castanho.

Não consegui fechar os botões nas costas, então peguei o longo véu do adorno de cabeça, enrolei duas vezes ao redor da cintura e dei um nó, apenas forte o suficiente para impedir que a coisa caísse, e segui escada abaixo até a cozinha. Desta vez, nem tentei me manter limpa: carreguei a bandeja até a biblioteca de forma provocativa, salpicada de ovo, gordura de bacon e manchas de chá, com o cabelo cheio de nós, parecendo um tipo de dama nobre e louca que tinha fugido de um baile e ido para o bosque.

Claro que não durou muito. Assim que falei *vanastalem* junto com ele, sua magia me dominou e acabou com as minhas manchas, me esmagou de novo no espartilho, prendeu meu cabelo no alto da cabeça e me deixou, mais uma vez, parecendo uma boneca com a qual uma princesa ia brincar.

Mas eu me senti mais feliz naquela manhã do que havia me sentido em semanas, e daí em diante isso se tornou minha desobediência particular. Eu queria que ele ficasse amargamente irritado toda vez que olhasse para mim, e ele me recompensava com sua cara feia e incrédula.

– Como foi que você fez isso consigo mesma? – perguntou ele um dia, quase maravilhado, quando entrei com uma massa de pudim de arroz no topo da cabeça (eu acidentalmente tinha batido com o cotovelo em uma colher e arremessado um pouco de comida para cima) e uma enorme faixa vermelha de geleia descendo na parte da frente da linda seda bege.

Guardei o último vestido simples na cômoda. Todo dia, depois que minha sessão com ele terminava, eu subia. Lutava para sair do vestido de baile, soltar o cabelo dos ninhos e acessórios de cabeça, espalhando grampos enfeitados pelo chão, depois vestia a túnica bem surrada e o avental caseiro, que eu lavava à mão para manter limpo. Em seguida, ia até a cozinha para fazer meu próprio pão e descansava ao lado do forno quente enquanto ele assava, sem me preocupar com algumas manchas de cinzas e farinha na saia.

Comecei a ter energia suficiente para o tédio mais uma vez. Mas nem pensei em pegar outro livro na biblioteca. Em vez disso, procurei uma agulha, por mais que eu odiasse costurar. Já que eu ia ser exaurida até a alma toda manhã para fazer vestidos, achei que eu poderia destruí-los e fazer algo menos inútil com eles: lençóis, talvez, ou lenços.

A caixa de remendos estava intocada dentro do baú no meu quarto; não havia nada no castelo para remendar, exceto minhas roupas, que, até agora, eu estava tristemente feliz de manter rasgadas. Mas, quando a abri, encontrei ali um pedaço de papel, escrito com um carvão grosso: era a caligrafia da minha amiga da cozinha.

> *Você está com medo: não fique! Ele não vai encostar em você. Só vai querer que você fique bonita. Ele não vai pensar em te dar nada, mas você pode pegar um vestido elegante nos aposentos de hóspedes e reformá-lo para que caiba. Quando ele invocar você, cante para ele ou conte uma história. Ele quer companhia, mas não muita: leve suas refeições e evite-o sempre que puder, e ele não vai pedir mais nada.*

Como essas palavras teriam sido preciosas para mim se eu tivesse aberto a caixa de remendos e as encontrado na primeira noite. Agora eu estava

parada segurando o bilhete, tremendo com a lembrança da voz dele sobreposta à minha voz hesitante, arrancando feitiços e energia de mim, me envolvendo em sedas e veludos. Eu estava errada. Ele não tinha feito nada disso com as outras mulheres.

Capítulo 3

Naquele noite, eu me encolhi na cama sem dormir, desesperada novamente. Mas sair da torre não se tornou fácil só porque eu desejava isso ainda mais. Fui até as portas imponentes na manhã seguinte e tentei, pela primeira vez, levantar a enorme barra que as trancava, por mais que a tentativa fosse ridícula. Mas é claro que elas não se mexeram nem um centímetro.

Na despensa, usando uma panela de cabo comprido como alavanca, levantei a grande tampa de ferro que cobria o poço de lixo e olhei para baixo. Lá no fundo, uma chama ardia; não havia como fugir por ali. Empurrei a tampa de ferro de volta com esforço, depois procurei em todas as paredes usando as mãos, em cada canto escuro, buscando uma abertura, uma entrada. Mas, se havia alguma, não encontrei; e então o amanhecer estava descendo a escada atrás de mim, uma indesejada luz dourada. Eu tinha que fazer o café da manhã e levar a bandeja até a minha maldição.

Depois que arrumei a comida, o prato de ovos, a torrada, as conservas, olhei de novo e de novo para a comprida faca de açougueiro com lâmina de aço reluzente e um punho projetado para fora da tábua de madeira. Eu a tinha usado para cortar carne; sabia como era rápido. Meus pais criavam um porco a cada ano. Eu ajudava na hora de abatê-lo, segurava o balde para colher o sangue, mas a ideia de enfiar uma faca em um homem era algo diferente, inimaginável. Então, não imaginei. Simplesmente coloquei a faca na bandeja e subi a escada.

Quando cheguei à biblioteca, ele estava em pé ao lado do peitoril da janela, de costas para mim e com os ombros rígidos de irritação. Mecanicamente, servi os pratos, um após o outro, até não haver mais nada,

exceto a bandeja; a bandeja e a faca. Meu vestido estava respingado de mingau de aveia e ovo; num instante ele diria...

– Acabe logo com isso – disse ele – e suba.

– O quê? – perguntei, sem emoção. A faca ainda estava sob o guardanapo, abafando todos os meus outros pensamentos, e levei um instante para entender que tinha recebido uma folga.

– De repente você ficou surda? Pare de mexer nesses pratos e saia. E fique nos seus aposentos até eu chamá-la de novo.

Meu vestido estava manchado e amassado, uma derrota de fitas emboladas, mas ele nem tinha se virado para me olhar. Peguei a bandeja e fugi do salão, sem precisar de uma desculpa. Corri escada acima, sentindo como se estivesse voando sem aquele terrível cansaço agarrado aos calcanhares. Fui para o meu quarto, fechei a porta e arranquei meu elegante vestido de seda, vesti de novo o simples e afundei na cama, me abraçando com alívio, como uma criança que tinha escapado de uma surra.

E então olhei a bandeja descartada no chão, a faca nua e reluzente. Ah, como fui tola, até mesmo de pensar nisso. Ele era meu lorde: se, por alguma oportunidade terrível, eu o *tivesse* matado, certamente seria condenada à morte, e provavelmente meus pais também. Assassinato não era uma fuga; era melhor que eu me jogasse pela janela.

Até me virei e olhei pela janela, infeliz, e vi o que o Dragão estava observando com tanto desagrado. Havia uma nuvem de poeira na estrada, vindo em direção à torre. Não era uma carroça, mas uma grande carruagem coberta, quase como uma casa sobre rodas: presa a um punhado de cavalos furiosos, com dois cavaleiros cavalgando na frente do condutor, todos com casacos cinza e verde brilhante. Quatro cavaleiros usando roupas semelhantes a seguiam.

A carruagem parou em frente às portas imponentes: havia uma insígnia verde ali, um monstro com muitas cabeças, e todos os cavaleiros e guardas desceram de seus cavalos e iniciaram um alvoroço. Todos recuaram um pouco quando as portas da torre se abriram de leve, aquelas portas enormes que eu não conseguia nem empurrar. Inclinei a cabeça para espiar lá embaixo e vi o Dragão sair sozinho, parando no solado da porta.

Um homem saiu abaixado do interior da carruagem: alto, cabelos dourados, ombros largos, com uma capa comprida no mesmo verde brilhante; ele desceu os degraus que tinham sido colocados para ele, pegou com uma das mãos a espada que outro de seus serviçais segurou sobre a palma, e andou rapidamente no meio de seus homens, se aproximando da porta enquanto vociferava, sem hesitar.

– Odeio cocheiros mais do que quimeras – disse ele para o Dragão, com clareza suficiente para que eu escutasse sua voz subindo até a minha janela, por cima dos cavalos que bufavam e batiam os cascos. – Uma semana preso nessa coisa: por que você nunca pode ir até a corte?

– Vossa Alteza vai ter que me desculpar – respondeu o Dragão com frieza. – Minhas tarefas aqui me mantêm ocupado.

Nesse momento, eu estava me inclinando tanto que poderia ter facilmente caído por acidente, esquecendo totalmente do meu medo e da minha desgraça. O rei de Polnya tinha dois filhos, mas o príncipe coroado Sigmund era um jovem sensível. Tinha sido bem educado e se casado com a filha de um condado dominante no norte, o que nos proporcionou um aliado e um porto. Eles já tinham garantido a sucessão com um menino e uma menina de reserva; supostamente, ele era um bom administrador e seria um excelente rei, e ninguém se importava nem um pouco com ele.

O príncipe Marek era muito mais interessante. Eu tinha ouvido pelo menos uma dezena de histórias e canções de como ele tinha assassinado a Hidra Vândala: nenhuma delas era igual às outras, mas me garantiram que todas eram verdadeiras; e, além disso, ele tinha matado pelo menos três, ou quatro, ou nove gigantes na última guerra contra Rosya. Tinha até cavalgado para tentar matar um dragão de verdade uma vez, só que eram apenas alguns camponeses fingindo ter sido atacados por um dragão e escondendo a ovelha que eles diziam que o dragão tinha comido, só para não pagar imposto. E ele nem os executou, mas puniu o lorde deles por ter aplicado um imposto muito alto.

Ele entrou na torre com o Dragão e as portas se fecharam em seguida; os homens do príncipe começaram a montar as barracas no campo plano diante das portas. Virei para meu pequeno quarto e andei em círculos; no

fim, acabei descendo sorrateiramente a escada para tentar escutar, avançando devagar até ouvir as vozes saindo da biblioteca. Não consegui escutar mais do que uma palavra a cada cinco, mas eles estavam falando das guerras com Rosya e da Floresta.

Não me esforcei muito para ouvir; eu não me importava muito com o que estavam conversando. Muito mais importante para mim era a fraca esperança de resgate que se agitava: o que o Dragão estava fazendo comigo, esse horror de drenagem de vida, certamente era contra as leis do rei. Talvez ele tenha me mandado sumir, ficar fora de vista, não porque eu sou uma constante bagunça que ele poderia corrigir com uma palavra, mas porque ele não queria que o príncipe soubesse o que ele estava fazendo comigo. E se eu implorasse pela misericórdia do príncipe, e ele me levasse embora...

– Basta – disse o príncipe Marek, sua voz interrompendo meus pensamentos: as palavras estavam mais claras, como se ele estivesse se aproximando da porta. Ele parecia irritado. – Você, meu pai e Sigmund, todos balindo como ovelhas... não, já basta. Não vou deixar isso de lado.

Voei apressada para a escada, descalça, fazendo o mínimo de barulho: os aposentos de hóspedes ficavam no terceiro andar, entre o meu e o da biblioteca. Sentei no alto da escada, ouvindo as botas dos dois nos degraus abaixo, até os sons sumirem. Eu não sabia muito bem se tinha coragem de desobedecer diretamente ao Dragão; se ele me pegasse tentando bater à porta do príncipe, certamente faria alguma coisa terrível comigo. Mas ele já estava fazendo uma coisa terrível comigo. Kasia teria aproveitado a oportunidade, tenho certeza. Se ela estivesse aqui, iria até lá e abriria a porta e se ajoelharia aos pés do príncipe e imploraria que ele a resgatasse, não como uma criança chorona assustada, mas como uma dama saída dos livros.

Voltei para o meu quarto e ensaiei a cena, murmurando palavras bem baixinho, enquanto o sol baixava. E, quando finalmente estava escuro e tarde, rastejei escada abaixo com o coração martelando. Ainda estava com medo. Primeiro, desci e verifiquei se as luzes da biblioteca e do laboratório estavam apagadas: o Dragão não estava acordado. No terceiro andar, o

brilho fraco do fogo mostrava um tom de laranja por baixo do primeiro aposento de hóspedes, e eu não conseguia de jeito nenhum ver alguma coisa do quarto do Dragão; estava perdido nas sombras do fim do corredor. Mesmo assim, hesitei no patamar e acabei indo para a cozinha.

Convenci a mim mesma que estava com fome. Comi alguns bocados de pão e queijo para me fortalecer, enquanto ficava parada, tremendo, diante do forno, e voltei escada acima. Subi todos os degraus até o meu quarto.

Não consegui me imaginar na porta do príncipe, ajoelhada e fazendo um discurso gracioso. Eu não era Kasia, não era uma pessoa especial. Eu ia apenas cair no choro e parecer uma lunática, e ele provavelmente ia me jogar para fora ou, pior, chamar o Dragão para me castigar de um jeito adequado. Por que ele acreditaria em mim? Uma camponesa usando um avental simples, uma serviçal inferior na casa do Dragão, acordando-o no meio da noite com uma história maluca sobre como o grande mago me atormentava?

Voltei desolada para o meu quarto e parei de repente. O príncipe Marek estava no meio do aposento, analisando o quadro: ele tinha tirado a coberta que eu pusera ali. Ele virou e me fitou com uma expressão confusa.

– Meu lorde, Alteza – falei, mas não de verdade. As palavras saíram tão sussurradas que ele não poderia tê-las escutado, exceto como um ruído desarticulado.

Ele não pareceu se importar.

– Bem – disse ele –, você não é uma das belezas dele, é? – Ele atravessou o quarto, precisando apenas de dois passos: sua presença fazia o cômodo parecer ainda menor. Ele colocou a mão sob meu queixo, virando meu rosto de um lado para o outro, inspecionando-o. Eu o encarei, muda. Era estranho ficar tão perto dele, opressivo: mais alto do que eu, largo, com o peso de um homem que vivia o tempo todo de armadura, bonito como um retrato e com a barba bem-feita, recém-banhado; seu cabelo dourado era escuro e formava cachos úmidos na base do pescoço. – Mas talvez você tenha alguma habilidade específica que compense isso, querida. É assim que ele age, não é?

Ele não parecia cruel, apenas provocador, e seu sorriso era conspiratório. Não fiquei magoada em absoluto, apenas confusa por receber tanta atenção, como se eu já tivesse sido salva sem ter que dizer uma palavra. E então ele riu e me beijou e alcançou a minha saia.

Lutei contra ele como um peixe tentando pular de uma rede. Era como lutar contra as portas da torre, impossível; ele mal percebeu que eu estava tentando. Ele riu de novo e beijou o meu pescoço.

– Não se preocupe, ele não pode se opor – disse o príncipe, como se esse fosse o único motivo para que eu protestasse. – Ele ainda é vassalo do meu pai, mesmo que goste de ficar aqui no fim do mundo, dominando apenas você.

Não é que ele estivesse gostando de me subjugar. Eu ainda estava muda e confusa enquanto batia nele para demonstrar resistência, pensando: claro que ele não poderia, o príncipe Marek não poderia, o herói; claro que ele nem poderia me querer de verdade. Não gritei, não implorei, e acho que ele nem imaginou que eu resistiria. Suponho que, numa casa comum de nobres, uma criada mais do que disposta já teria se esgueirado para os aposentos dele e lhe poupado o incômodo de ir procurá-la. Na verdade, eu provavelmente faria aquilo, se ele tivesse me perguntado e me dado tempo suficiente para superar a surpresa e responder. Lutei mais por reflexo do que por querer rejeitá-lo.

Mas ele era mais forte do que eu. Foi aí que eu comecei a ter medo de verdade, queria apenas fugir; empurrei suas mãos e disse:

– Príncipe, não, por favor, espere. – Minha fala fluía em explosões desconexas. E, apesar de ele provavelmente não esperar resistência, quando a encontrou, não se importou: só ficou impaciente.

– Pronto, pronto; tudo bem – disse ele, como se eu fosse um cavalo a ser controlado e acalmado, enquanto prendia minha mão na lateral do meu corpo. Meu vestido estava fechado com um cinto num laço simples; ele tinha desamarrado e já levantava minha saia.

Eu estava tentando abaixar a saia de novo, empurrá-lo para longe, me soltar: era inútil. Ele me segurou com uma força que parecia normal para

ele. E então colocou a mão na própria calça, e eu disse em voz alta, desesperada, sem pensar:

– *Vanastalem*.

A energia estremeceu saindo de mim. As pérolas encrustadas e os ossos de baleia de um espartilho se fecharam sob as mãos dele como uma armadura, e ele se afastou de mim e recuou enquanto uma parede de saias de veludo caíram farfalhando entre nós. Eu me apoiei na parede, tremendo e lutando para recuperar o fôlego enquanto ele me encarava.

E aí ele disse, numa voz muito diferente, num tom que não consegui entender:

– Você é uma feiticeira.

Eu me afastei dele como um animal desconfiado, minha cabeça girando: eu não conseguia respirar direito. O vestido tinha me salvado, mas o espartilho estava me estrangulando, as saias arrastadas e pesadas, como se tivessem sido feitas deliberadamente para serem impossíveis de tirar. Ele veio na minha direção mais devagar, com a mão estendida, dizendo:

– Escute... – Mas eu não tinha a menor intenção de ouvir. Peguei a bandeja do café da manhã, ainda sobre a minha cômoda, e a joguei com violência na cabeça dele. Ela fez um barulho alto de metal ao bater no crânio dele e o fez cambalear de lado. Eu a agarrei com as duas mãos e a levantei, batendo de novo e de novo, cega e desesperada.

Eu ainda estava batendo quando a porta se abriu de supetão e o Dragão estava ali, usando um roupão comprido magnífico sobre a camisola, os olhos selvagens. Ele deu um passo para dentro do quarto e parou, encarando. Eu também parei, ofegante, com a bandeja ainda levantada no meio de um golpe. O príncipe tinha caído de joelhos diante de mim. Um labirinto de sangue escorria pelo rosto dele, contusões ensanguentadas por toda a testa. Seus olhos estavam fechados. Ele caiu no chão, inconsciente, fazendo barulho.

O Dragão absorveu a cena, olhou para mim e disse:

– Sua idiota, o que foi que você fez *agora?*

Juntos, levamos o príncipe até a minha cama estreita. O rosto dele já estava ficando roxo devido às contusões; a bandeja no chão estava amassada no formato da cabeça dele.

– Esplêndido – disse o Dragão por entre os dentes, inspecionando-o; quando levantou as pálpebras do príncipe, os olhos o encararam de forma estranha e embotada; quando ergueu o braço dele, o membro caiu flácido no colchão e ficou pendurado na lateral da cama.

Fiquei parada observando, ofegando dentro do espartilho, minha fúria desesperada havia me abandonado e restava apenas o horror. Por mais estranho que pareça, eu não estava apenas com medo do que ia acontecer comigo; eu não queria que o príncipe morresse. Na minha mente, ele ainda continuava sendo o herói brilhante das lendas, mas agora estava confusamente enroscado com o monstro que tinha me apalpado há pouco.

– Ele não vai... ele não vai...

– Se você não quer matar um homem, não deve bater na cabeça dele várias vezes – soltou o Dragão. – Vá até o laboratório e me traga o elixir amarelo no frasco transparente na estante dos fundos. *Não* o vermelho, *não* o roxo... e, se possível, tente não quebrá-lo enquanto sobe a escada, a menos que você queira tentar convencer o rei de que sua virtude vale a vida do filho dele.

Ele colocou a mão na cabeça do príncipe e começou a entoar algo baixinho, palavras que fizeram minha coluna estremecer. Corri até a escada segurando as saias. Levei o elixir em alguns instantes, ofegando por causa da pressa e do confinamento do espartilho, e encontrei o Dragão ainda trabalhando: ele não interrompeu o cântico, apenas estendeu a mão, impaciente, na minha direção, acenando claramente para mim; entreguei o frasco para ele. Com os dedos de uma das mãos, ele abriu a rolha e pingou um pouco na boca do príncipe.

O cheiro era horrível, como o de peixe estragado; quase sufoquei de enjoo só por estar perto. O Dragão empurrou o frasco e a rolha de volta para mim sem nem olhar, e eu tive que prender a respiração para tampá-lo. Ele estava mantendo o maxilar do príncipe fechado com as duas mãos. Mesmo inconsciente e ferido, ele se debateu e tentou cuspir. O elixir

brilhava dentro da boca do príncipe, tão forte que eu via o contorno de seu maxilar e seus dentes como um crânio.

Consegui fechar o frasco sem vomitar e corri para ajudar: fechei o nariz do príncipe e, depois de um instante, ele finalmente engoliu o elixir. O brilho cintilante desceu garganta abaixo e seguiu para a barriga. Era possível vê-lo passeando pelo corpo do príncipe, uma luz sob a roupa, afinando enquanto se dividia para as pernas e os braços, até finalmente ficar fraco demais para ser visível.

O Dragão soltou a cabeça do príncipe e parou de entoar o feitiço. Ele caiu de costas na parede com os olhos fechados: parecia drenado de um jeito que eu nunca tinha visto. Pairei ansiosa sobre a cama, sobre eles dois, e finalmente soltei:

– Ele vai...

– Não graças a você – disse o Dragão, mas isso era bom o suficiente. Eu me deixei afundar até o chão na minha pilha de veludo bege e enterrei a cabeça na cama, meus braços envoltos em renda dourada bordada. – E agora você vai chorar, imagino – completou, logo acima da minha cabeça. – O que você estava pensando? Por que você usou esse vestido ridículo se não queria seduzi-lo?

– Era melhor do que continuar com o que ele rasgou do meu corpo! – gritei, erguendo a cabeça, sem nenhuma lágrima; eu já tinha gastado todas elas e só sobrou a raiva. – *Eu* não escolhi estar nesse...

Parei, com um pedaço de seda nas mãos, encarando-a. O Dragão não estava por perto; ele não tinha feito nenhuma magia, nem entoado um feitiço.

– O que você fez comigo? – sussurrei. – Ele disse... ele me chamou de feiticeira. Você me transformou numa feiticeira.

O Dragão bufou.

– Se eu pudesse fazer feiticeiras, certamente não ia escolher uma camponesa idiota como material. Não fiz nada com você além de tentar enfiar alguns truques nesse seu crânio quase impenetrável. – Ele saiu da cama com um sibilo de cansaço, parecido com o jeito como eu ficava naquelas semanas terríveis, enquanto ele...

Enquanto ele me ensinava magia. Ainda de joelhos, eu o encarei, perplexa e, ainda assim, começando a acreditar sem querer.

– Mas, então, por que você me ensinou?

– Seria um prazer deixar você apodrecendo naquela vila do tamanho de uma moeda, mas minhas opções eram dolorosamente limitadas. – Diante do meu olhar vazio, ele fez uma careta. – Aqueles que têm o dom devem ser treinados: as leis do rei exigem isso. De qualquer maneira, seria idiotice minha deixar você lá como uma ameixa madura até que alguma coisa saísse da Floresta e devorasse você, se transformando em algo realmente aterrorizante.

Enquanto eu me encolhia, chocada com essa ideia, ele virou a cara feia para o príncipe, que tinha acabado de rosnar um pouco e se mexer no sono: ele estava começando a acordar, levantando a mão grogue para esfregar o rosto. Cambaleei para ficar de pé e me afastei da cama, assustada, me aproximando do Dragão.

– Aqui – disse o Dragão. – *Kalikual*. É melhor do que bater em amantes até deixá-los inconscientes.

Ele me encarou, ansioso. Meu olhar viajou do Dragão para o príncipe, que se levantava devagar, e depois novamente para o Dragão.

– Se eu não fosse uma feiticeira – falei – ... se eu não fosse uma feiticeira, você me deixaria... eu poderia ir para casa? Você não conseguiria tirar isso de mim?

Ele ficou calado. Eu já estava acostumada à contradição de seu rosto de mago, jovem e velho ao mesmo tempo. Com toda a sua idade, ele só tinha rugas nos cantos dos olhos, uma única dobra entre as sobrancelhas, linhas de expressão ao redor da boca; mais nada. Ele se movimentava como um jovem e, se as pessoas se tornavam mais moderadas e gentis com a idade, isso não aconteceu com ele. Mas, por um instante, seus olhos estavam apenas velhos, e muito estranhos.

– Não – disse ele, e eu acreditei.

Em seguida, ele balançou a cabeça e apontou: virando, encontrei o príncipe se apoiando no cotovelo e piscando para nós dois. Ainda confuso e

desnorteado, mas, aos poucos, o brilho do reconhecimento voltava ao rosto dele, lembrando-se de mim. E sussurrei:

– *Kalikual.*

O poder saiu de mim apressado. O príncipe Marek afundou de novo nos travesseiros, seus olhos se fechando e retornando ao sono. Cambaleei na direção da parede e deslizei até o chão. A faca de açougueiro ainda estava deitada onde tinha caído. Eu a peguei e finalmente a usei para cortar o vestido e os laços do espartilho. Meu vestido se abriu todo na lateral, mas pelo menos eu conseguia respirar.

Fiquei apoiada na parede com os olhos fechados por um instante. Depois, olhei para cima, para o Dragão, que, impaciente, tinha desviado a atenção do meu cansaço: ele encarava o príncipe com irritação.

– Os homens não vão perguntar por ele de manhã? – indaguei.

– Você imaginou que ia manter o príncipe Marek dormindo, trancado na minha torre indefinidamente? – perguntou o Dragão por sobre o ombro.

– Mas, aí, quando ele acordar – falei, depois parei e perguntei: – Você poderia... você pode fazê-lo esquecer?

– Ah, claro – respondeu o Dragão. – Ele não vai perceber nada estranho se acordar com uma baita dor de cabeça e um buraco enorme na memória.

– E se... – Eu me esforcei para levantar, ainda segurando a faca – ... e se ele se lembrasse de outra coisa? Só de ir para a cama no quarto dele...

– Tente não ser estúpida. Você disse que não o seduziu, então ele subiu aqui por vontade própria. Quando foi que essa vontade se formou? Apenas hoje à noite, enquanto ele já estava deitado na cama? Ou ele estava pensando nisso ainda na estrada? Uma cama quentinha, braços receptivos... Sim, eu sei que os seus não são; você já deu provas suficientes do contrário – soltou ele, quando eu teria protestado. – Pelo que sabemos, ele tinha a intenção de fazer isso antes mesmo de partir, um insulto calculado.

Eu me lembrei do príncipe falando da "forma de agir" do Dragão, como se tivesse pensado nisso antes, quase como se tivesse planejado.

– Para insultar você? – perguntei.

– Ele acha que eu capturo as mulheres para serem minhas prostitutas – disse o Dragão. – A maioria das pessoas da corte acha isso: eles fariam isso,

se tivessem a oportunidade. Então imagino que ele tenha pensado nisso como uma traição a mim. Ele teria adorado espalhar essa história pela corte, tenho certeza. É o tipo de coisa com a qual os Magnatas perdem tempo se preocupando.

Ele falava com desdém, mas certamente estava com bastante raiva quando entrou no quarto.

– Por que ele ia querer insultar você? – perguntei timidamente. – Ele não veio pedir... uma magia?

– Não, ele veio aproveitar a vista da Floresta. Claro que ele veio pela magia, e eu o mandei cuidar da própria vida, ou seja, atacar cavaleiros inimigos e não se meter em coisas que ele mal entende. – Bufou. – Ele começou a acreditar em seus próprios trovadores, queria tentar trazer a rainha de volta.

– Mas a rainha está morta – falei, confusa.

Foi assim que as guerras começaram. O príncipe coroado Vasily de Rosya tinha ido visitar Polnya numa missão diplomática, quase vinte anos atrás. Ele se apaixonara pela rainha Hanna, os dois fugiram juntos, e quando os soldados do rei se aproximaram do rastro deles, os dois se esconderam na Floresta.

E esse foi o fim da história: ninguém saía da Floresta, pelo menos não inteiro e intocado. Às vezes, as pessoas saíam cegas e urrando, às vezes saíam tão retorcidas e deformadas que não eram reconhecidas; e, pior ainda, às vezes saíam com seus próprios rostos, mas com a morte na encolha, algo havia dado extremamente errado dentro delas.

A rainha e o príncipe Vasily simplesmente não saíram. O rei de Polnya culpou o herdeiro de Rosya por tê-la raptado, o rei de Rosya culpou Polnya pela morte de seu herdeiro, e desde então tivemos uma guerra após a outra, interrompidas apenas por tréguas ocasionais e alguns tratados efêmeros.

Aqui no vale, balançávamos a cabeça para essas histórias; todo mundo sabia que a Floresta estava por trás de tudo desde o início. A rainha, com dois filhos pequenos, fugiu? Dando início a uma guerra contra o próprio marido? A corte dos dois tinha sido famosa; havia uma dezena de canções

sobre o casamento deles. Minha mãe tinha cantado uma delas para mim, as partes das quais se lembrava; nenhum dos cantores viajantes continuava a cantá-las, é claro.

A Floresta tinha que estar por trás disso. Talvez alguém tivesse envenenado os dois com água do rio bem onde ele entrava na Floresta; talvez um cortesão viajando pela passagem da montanha até Rosya tivesse, por acidente, dormido sob as árvores sombrias perto da fronteira e voltado para a corte com outra coisa dentro de si. Sabíamos que era a Floresta, mas isso não fazia diferença. A rainha Hanna continuava desaparecida e tinha fugido com o príncipe de Rosya, por isso estávamos todos em guerra e, todo ano, a Floresta se esgueirava um pouco mais em ambos os reinos, se alimentando das mortes deles e de todas as outras.

– Não – disse o Dragão –, a rainha não está morta. Ela ainda está na Floresta.

Eu o encarei. Ele parecia casual, confiante, apesar de eu nunca ter ouvido nada parecido com aquilo. Mas foi apavorante pensar no que ele sugeria: ficar presa na Floresta, durante vinte anos, eternamente cativa... era o tipo de coisa que a Floresta faria.

O Dragão deu de ombros e acenou para o príncipe.

– Não tem como tirá-la de lá, e ele só daria início a algo pior se entrasse, mas ele não me escuta. – O Dragão bufou. – Ele acha que matar uma hidra de um dia de idade o transformou num herói.

Nenhuma das canções mencionara que a Hidra Vândalo tinha apenas um dia: isso diminuía bastante a história.

– De qualquer maneira – continuou o Dragão –, acho que ele se sentiu lesado; lordes e príncipes odeiam magia, principalmente por precisarem tanto dela. Sim, uma vingança mesquinha desse tipo é o mais provável.

Eu conseguia acreditar nisso com facilidade e entendia o argumento. Se o príncipe queria aproveitar a companheira do Dragão, quem quer que fosse essa menina (senti uma lufada de indignação, pensando em Kasia no meu lugar, sem a magia indesejada para salvá-la), ele não teria simplesmente ido para a cama. Essa lembrança não ia se encaixar na cabeça dele, como uma peça errada de quebra-cabeça.

– No entanto – acrescentou o Dragão, num tom de leve condescendência, como se eu fosse um cachorrinho que tinha conseguido não mastigar um sapato –, não é uma ideia totalmente inútil: devo ser capaz de alterar a memória dele em outra direção.

Ele levantou a mão e, confusa, perguntei:

– Em outra direção?

– Vou dar a ele a memória de ter aproveitado sua generosidade – disse o Dragão. – Repleta de entusiasmo da sua parte e da satisfação de ter me enganado. Tenho certeza que ele não vai ter dificuldade de engolir isso.

– O quê? Você vai dar a ele... não! Ele vai... ele vai...

– Você quer dizer que se importa com o que ele pensa de você? – perguntou o Dragão, erguendo uma sobrancelha.

– Se ele achar que eu me deitei com ele, o que vai impedi-lo de... de querer isso de novo?

O Dragão acenou de um jeito desdenhoso.

– Vou fazer com que seja uma lembrança desagradável... cheia de acotoveladas e risadinhas estridentes de donzela, e vai ter acabado rápido. Ou *você* tem alguma ideia melhor? – acrescentou, zangado. – Talvez você prefira que ele acorde se lembrando de você fazendo o possível para matá-lo.

Então, na manhã seguinte, tive a experiência profundamente desprezível de ver o príncipe Marek parar em frente às portas da torre para fitar a minha janela e me mandar um beijo animado e indiscreto. Eu estava observando só para me certificar de que ele ia embora; precisei de quase toda a cautela restante para não jogar alguma coisa na cabeça dele, e não estou falando de um símbolo do meu carinho.

Mas o Dragão não estava errado em se preocupar, mesmo com uma lembrança tão confortável instalada na cabeça, o príncipe hesitou nos degraus da carruagem e olhou de novo para cima com um leve franzido na testa, como se algo o estivesse confundindo, antes de finalmente se abaixar para entrar e se permitir ser carregado. Fiquei parada na janela observando a poeira da carruagem se perder ao longo da estrada até ter realmente desaparecido atrás das colinas, e só aí eu me afastei e me senti segura de

novo; algo que parecia absurdo sentir numa torre encantada com um mago sombrio e magia se esgueirando sob a minha pele.

Pus o vestido verde e castanho e desci devagar a escada até a biblioteca. O Dragão estava de volta à sua poltrona, com o livro aberto no colo, e se virou para me olhar.

– Muito bem – disse ele, amargo como sempre. – Hoje vamos tentar...

– Espere – eu o interrompi, e ele parou. – Você pode me dizer como transformar isso em algo que eu possa vestir?

– Se você ainda não dominou o *vanastalem* até agora, não tem nada que eu possa fazer para ajudar. Na verdade, estou inclinado a acreditar que você tem um atraso mental.

– Não! Não quero... esse feitiço – falei, evitando rapidamente dizer a palavra. – Não consigo me movimentar nesses vestidos nem amarrá-los sozinha nem limpar nada...

– Por que você não usa os truques de limpeza? Já ensinei pelo menos cinco.

Eu tinha feito o possível para esquecer todos eles.

– Fico menos cansada se esfregar o chão.

– Entendo, estou vendo que você vai deixar sua marca no firmamento – disse ele, irritado; mas isso não teve o poder de me magoar: toda magia era ruim, e eu não sentia o mínimo desejo de ser uma feiticeira importante e poderosa. – Que criatura estranha você é, as meninas camponesas não sonham com príncipes e vestidos de baile? Tente reduzi-lo, então.

– Como?

– Tire uma parte da palavra. Diminua, murmure, alguma coisa assim...

– Só... qualquer parte? – perguntei, desconfiada, mas tentei: – *Vanalem?*

A palavra mais curta tinha sabor melhor na minha boca, menor e mais amigável de algum jeito, apesar de talvez ter sido apenas a minha imaginação. O vestido estremeceu e as saias se reduziram ao meu redor, se transformando numa túnica elegante de linho não tingido que se estendia até a canela e, por cima, um vestido marrom simples com uma faixa verde para amarrá-lo com conforto. Respirei profunda e alegremente: nenhum peso puxando meus ombros para baixo, nada de espartilhos esmagadores,

nenhuma cauda sem fim. Simples, confortável e tranquilo. Nem a magia tinha sido drenada de mim de um jeito tão horrível. Eu não me sentia nem um pouco cansada.

– Se você já se arrumou de maneira satisfatória – disse o Dragão, sua voz destilando sarcasmo. Ele estendeu a mão e invocou um livro que saiu voando da estante. – Vamos começar com a composição silábica.

Capítulo 4

Por menos que eu gostasse de ter magia, estava feliz por não me sentir mais com tanto medo o tempo todo. Mas eu não era uma aluna exemplar: quando não esquecia as palavras do feitiço que ele me ensinara, elas saíam estranhas da minha boca. Eu as pronunciava errado, sussurrava baixo demais, e as embolava, de modo que um feitiço que deveria combinar organizadamente uma dezena de ingredientes para uma torta ("Eu certamente não vou treinar você para fazer poções", dissera ele, daquele jeito cáustico), fundia os elementos numa completa bagunça que não podia ser aproveitada nem para o meu jantar. Outro que deveria acalmar as chamas na biblioteca, onde estávamos trabalhando, pareceu não surtir efeito... até que ouvimos um crepitar sinistro, corremos escadaria acima e nos deparamos com labaredas esverdeadas saindo da lareira do quarto de hóspedes, e as cortinas bordadas pegando fogo.

Ele rugiu furiosamente para mim durante dez minutos depois de conseguir apagar o fogo feroz e determinado, me chamando de "filha estúpida de criadores de porcos".

– Meu pai trabalha na floresta, cortando lenha – falei.

– Filha estúpida de lenhadores modorrentos! – rosnara ele.

Mas, mesmo assim, eu não estava mais com medo. Ele só tagarelava até ficar exausto e me mandava embora. E eu não me importava mais com os gritos, agora que sabia que ele não mordia.

Eu quase ficava triste por não ser melhor, já que agora percebia que a frustração dele era a de um amante da beleza e da perfeição. Ele não queria uma aluna, mas, como estava preso a mim, queria me transformar numa feiticeira poderosa e habilidosa, me ensinar sua arte. Quando ele dava exemplos de magias mais elaboradas, grandes combinações intricadas de

gestos e palavras que pareciam canções, eu percebia que ele amava o trabalho: seus olhos reluziam e se deslumbravam sob a luz do feitiço, seu rosto ficava quase bonito com um tipo de transcendência. Ele amava a magia e teria compartilhado esse amor comigo.

Mas eu estava satisfeita em simplesmente murmurar alguns truques, receber uma bronca inevitável e descer alegre até os porões para cortar cebolas para o jantar. Eu sabia que estava sendo tola. Mas não estava acostumada a pensar em mim como alguém digno de nota. Sempre fui capaz de colher mais nozes, cogumelos e frutas do que todos, mesmo em um trecho do bosque que já tivesse sido colhido meia dúzia de vezes; eu encontrava ervas tardias no outono e ameixas precoces na primavera. Fazia qualquer coisa, minha mãe costumava dizer, que envolvesse ficar o mais suja possível: se eu tivesse que cavar ou abrir caminho em arbustos ou subir numa árvore para alcançar algo, eu voltava com uma cesta cheia para suborná-la e fazê-la suspirar tolerantemente em vez de gritar por conta das minhas roupas.

Mas meus dons só chegavam até aí, sempre pensei; nada que importasse, exceto para minha família. Mesmo agora eu ainda não tinha pensado no que a magia poderia significar, além de criar vestidos absurdos e fazer pequenas tarefas que eu faria na mesma velocidade com as mãos. Eu não me importava com minha falta de progresso nem com o quanto isso deixava o Dragão louco. Eu até consegui chegar a um estado de contentamento, até que os dias se passaram e o solstício de inverno chegou.

Eu olhava pela minha janela e via as árvores enfeitadas com velas nas praças de todas as vilas, pequenos faróis reluzentes salpicando o vale escuro até a borda da Floresta. Na minha casa, minha mãe estava amaciando o grande presunto com banha de porco e virando as batatas no tabuleiro que ficava logo embaixo, capturando as gotas do assado. Meu pai e meus irmãos estariam arrastando cargas de lenha para todas as casas, com ramos de pinheiro recém-cortados em cima; teriam sido eles a cortar a árvore enfeitada da nossa vila, e ela seria alta, retilínea e cheia de galhos.

Na casa ao lado, Wensa estaria cozinhando castanhas, ameixas secas e cenouras, com uma placa de carne macia, para levar à nossa casa, e Kasia...

Kasia estaria lá, afinal. Kasia estaria girando o belo bolo *senkach* no eixo em frente à lareira, aplicando a camada seguinte de massa a cada giro para criar as pontas em formato de pinheiro. Ela aprendera a fazer isso quando tínhamos doze anos: Wensa tinha dado o véu de renda de seu casamento, com o dobro da sua altura, para uma mulher em Smolnik, em troca de que ela ensinasse a receita a sua filha. Para que Kasia estivesse preparada para cozinhar para um lorde.

Tentei ficar feliz por ela. Eu estava triste por mim. Era difícil estar sozinha e com frio, trancada no meu quarto na imensa torre. O Dragão não comemorava o feriado; pelo que sei, ele nem sabia que dia era. Fui até a biblioteca do mesmo jeito de sempre, repeti algum feitiço de maneira monótona, ele gritou comigo por um tempo e depois me dispensou.

Tentando curar minha solidão, desci até a cozinha e fiz um pequeno banquete para mim (presunto, *kasha* e maçãs cozidas), mas, quando arrumei o prato, ainda parecia tão simples e vazio que, pela primeira vez, usei *lirintalem* para mim mesma, ansiando por algo que lembrasse uma comemoração. O ar tremulou e, de repente, eu tinha uma bela travessa de porco assado, quente, rosado e escorrendo molho; meu mingau preferido de trigo, grosso, com uma concha de manteiga derretida e migalhas de pão torrado no meio; uma pilha de ervilhas frescas e novas que ninguém na minha vila comeria até a primavera; e um bolo *taigla* que eu só tinha provado uma vez, na mesa da chefe da vila, quando foi a vez da minha família de ser convidada dela na época da colheita: as frutas cristalizadas pareciam pedras preciosas coloridas, as tranças de massa doce perfeitamente douradas, as avelãs pequenas e pálidas, e tudo coberto com mel brilhante.

Mas não era o jantar do solstício de inverno. Não havia a fome ansiosa que maltratava minha barriga após o longo dia cozinhando e limpando sem parar; não havia o barulho alegre das pessoas amontoadas ao redor da mesa, rindo e estendendo a mão para as travessas. Olhar para meu banquete minúsculo só me deixou mais desesperadamente sozinha. Pensei na minha mãe, cozinhando sozinha sem minhas mãos desajeitadas para ajudar, e

meus olhos estavam ardendo quando os coloquei no travesseiro, deixando a bandeja intocada na mesa.

Eu ainda estava abatida e sofrendo, mais desconjuntada do que nunca, dois dias depois. Foi quando o cavaleiro chegou, com uma pressa urgente nos cascos e uma batida forte nos portões. O Dragão deixou de lado o livro com o qual estava tentando me ensinar, e eu o segui escada abaixo; as portas se abriram sozinhas diante dele, e o mensageiro quase caiu dentro da torre: ele usava o sobretudo amarelo dos Pântanos Amarelos, e seu rosto estava marcado pelo suor. Ele se ajoelhou, engolindo em seco e pálido, mas não esperou o Dragão lhe dar permissão para falar.

– Meu lorde barão implora que o senhor venha imediatamente – disse ele. – Uma quimera se aproxima de nós, vindo pela passagem da montanha...

– O quê? – perguntou o Dragão de um jeito brusco. – Não está na época. Que tipo de criatura é essa exatamente? Algum idiota deve ter chamado uma serpe de quimera e os outros repetiram...

O mensageiro estava balançando a cabeça de um lado para o outro como um peso pendurado num fio.

– Cauda de serpente, asas de morcego, cabeça de cabra. Vi com meus próprios olhos, lorde Dragão, e foi por isso que meu lorde me mandou...

O Dragão sibilou baixinho, irritado: como uma quimera tinha coragem de ser inconveniente com ele, aparecendo fora da época. De minha parte, não entendi nem por que uma quimera *teria* uma época; era uma criatura mágica e podia fazer o que quisesse, não?

– Tente não ser tão tola – disse o Dragão enquanto eu trotava nos calcanhares dele de volta ao laboratório; ele abriu uma maleta e me ordenou que levasse um ou outro frasco até ele. Fiz isso contrariada e com muito cuidado. – Uma quimera é produzida por magia corrompida, mas isso não significa que não é uma criatura viva, com sua própria natureza. Elas são geradas em cobras, na maioria das vezes, porque nascem de ovos. O sangue delas é frio. Elas passam o inverno paradas e deitadas ao sol o máximo possível. E voam no verão.

– Então, por que essa apareceu agora? – indaguei, tentando acompanhar.

– Muito provavelmente não apareceu, e aquele camponês ofegante lá embaixo se assustou fugindo de uma sombra – respondeu o Dragão, mas o camponês não tinha me parecido bobo nem covarde, e eu achei que nem o Dragão acreditava nas próprias palavras. – *Não,* o vermelho não, garota idiota, isso é coração-de-fogo; uma quimera beberia isso aos litros se tivesse oportunidade, e viraria parente de um dragão de verdade. O vermelho-violeta, o terceiro. – Os dois me pareciam vermelho-violeta, mas troquei rapidamente as poções e dei a que ele queria. – Está bem – disse ele, fechando a maleta. – Não leia nenhum livro, não toque em nada neste salão, não toque em nada em *nenhum* cômodo se conseguir, e tente não reduzir o local a escombros antes de eu voltar.

Só aí eu percebi que ele ia me deixar sozinha; eu o encarei, apavorada.

– O que eu vou fazer sozinha aqui? Não posso... ir com você? Quanto tempo você vai demorar?

– Uma semana, um mês ou nunca, se eu me distrair, fizer alguma coisa especialmente desajeitada e for rasgado ao meio por uma quimera, o que significa que a resposta é *não,* você *não* pode ir. E não deve *fazer* absolutamente nada, na medida do possível.

E então ele saiu de repente. Corri até a biblioteca e olhei pela janela: as portas se fecharam atrás dele, enquanto descia os degraus. O mensageiro ficou de pé num salto.

– Vou levar seu cavalo – ouvi o Dragão dizer. – Ande até Olshanka; vou deixá-lo lá para você e pegar um novo. – Ele subiu no cavalo e acenou a mão com confiança, murmurando algumas palavras: um pequeno fogo ardeu diante dele na estrada coberta de neve e saiu rolando como uma bola, derretendo um caminho para ele. Ele se afastou trotando de imediato, apesar do desconforto do cavalo de orelha achatada. Suponho que o feitiço que o deixava ir até Dvernik e voltar não funcionava numa distância tão longa, ou talvez ele só conseguisse usá-lo nas próprias terras.

Fiquei parada na biblioteca e continuei observando até ele sumir. Não era como se a companhia dele tivesse se tornado agradável para mim, mas

agora a torre ecoava o vazio. Tentei encarar a ausência dele como uma folga, mas eu não estava suficientemente cansada. Fiz umas costuras sem propósito na minha colcha, depois fiquei sentada ao lado da janela e olhei para o vale: os campos, as vilas e o bosque que eu amava. Observei os bois e os rebanhos indo para a água, trenós de madeira e um cavaleiro ocasional viajando pela estrada, os blocos de neve flutuando espalhados, e acabei dormindo apoiada na moldura da janela. Era tarde quando acordei assustada no escuro e vi a fileira de fogueiras de sinalização queimando ao longe, quase pelo vale todo.

Eu as encarei, confusa por causa do sono. Por um instante, pensei que as árvores enfeitadas com velas tinham sido acesas de novo. Eu só tinha visto a fogueira de sinalização ser acesa em Dvernik três vezes na vida: para o Verão Verde; uma vez para as éguas de neve, que saíram da Floresta quando eu tinha nove anos; e outra para as trepadeiras monstruosas que engoliram quatro casas na fronteira da vila da noite para o dia, no verão em que eu tinha catorze anos. O Dragão tinha aparecido todas essas vezes; ele havia combatido o ataque da Floresta, depois ido embora.

Num pânico crescente, contei as fogueiras de sinalização para ver onde a mensagem tinha sido iluminada, e senti o sangue gelar: havia nove numa linha reta, seguindo o Veio. A nona fogueira de sinalização era Dvernik. O chamado tinha partido da minha vila. Fiquei em pé, olhando para as fogueiras, e aí percebi: o Dragão tinha saído. Ele agora devia estar bem adiante, na passagem da montanha, atravessando para os Pântanos Amarelos. Ele não veria as fogueiras de sinalização, e, mesmo quando alguém levasse a mensagem até ele, primeiro teria que lidar com a quimera. Uma semana, dissera ele, e não havia mais ninguém...

Foi aí que entendi como tinha sido tola. Nunca pensei em magia, na *minha* magia, como boa para alguma coisa, até estar ali e saber que não havia mais ninguém além de *mim;* que o que havia em mim, por mais pobre e desajeitado e amador, era mais magia do que qualquer pessoa na minha vila tinha. Que eles precisavam de ajuda, e eu era a única que poderia oferecer.

Depois de um instante paralisada, virei e desci correndo a escada até o laboratório. Entrei ofegando de medo e peguei a poção cinza, aquela que tinha me transformado em pedra. Peguei também a poção do coração-de-fogo e o elixir que o Dragão tinha usado para salvar a vida do príncipe, e a verde, que ele tinha mencionado que servia para fazer plantas crescerem. Eu não sabia qual seria o uso de cada uma, mas pelo menos eu sabia o que elas faziam. Eu nem sabia como as outras eram chamadas, e não tive coragem de tocar nelas.

Levei todas para o meu quarto e comecei a rasgar desesperadamente o resto da pilha de vestidos, amarrando faixas de seda para fazer uma corda. Quando estava comprida o suficiente (eu esperava que estivesse), joguei-a pela janela e olhei para baixo. A noite estava escura. Não havia nenhuma luz para me dizer se a corda já tocava o chão. Mas eu não tinha escolha a não ser tentar descobrir.

Um dos meus pequenos projetos havia sido a costura de algumas sacolas de seda, feitas a partir de vestidos, então coloquei os frascos de vidro numa delas, bem protegidos com retalhos, e a joguei sobre o ombro. Tentei não pensar no que estava fazendo. Um nó se formava na minha garganta. Agarrei a corda de seda com as duas mãos e subi no parapeito da janela.

Eu já tinha escalado árvores antigas: adorava os grandes carvalhos e subia neles com apenas um pedaço de corda surrada jogada por sobre um galho. Isso não era nada parecido com aquilo. As pedras da torre eram artificialmente lisas, até o espaçamento entre elas era muito fino e cheio até a borda com uma argamassa que não estava rachada nem desgastada pelo tempo. Tirei os sapatos com um chute e os deixei cair, mas nem meus dedos descalços conseguiam se agarrar a elas. Todo o meu peso estava na corda de seda, e minhas mãos estavam úmidas de suor, meus ombros doíam. Escorreguei e me debati e, de tempos em tempos, simplesmente ficava pendurada, a sacola como um peso balançante e desajeitado nas minhas costas e os frascos espirrando líquido. Continuei descendo porque não podia fazer mais nada. Subir de volta teria sido mais difícil. Comecei a fantasiar em me soltar, e foi assim que percebi que estava me aproximando do fim das minhas forças, e quase me convencendo de que não seria uma queda muito

ruim quando meu pé bateu dolorosamente em algo, o chão da lateral da torre, coberto por quinze centímetros de neve macia. Escavei meus sapatos na neve e corri pela trilha aberta que o Dragão fizera em direção a Olshanka.

Eles não sabiam o que fazer comigo quando cheguei lá. Entrei cambaleando na taverna, ao mesmo tempo molhada de suor e congelada de frio, meu cabelo emaranhado no alto da cabeça e os fios soltos congelados próximos ao meu rosto, onde minha respiração os havia atingido. Não havia ninguém ali que eu conhecesse. Reconheci o prefeito, mas nunca tinha trocado uma palavra com ele. Eles provavelmente teriam me achado louca, mas Borys estava lá; pai de Marta, uma das outras meninas que nasceu no mesmo ano que eu. Ele estava no dia da escolha.

– Essa é a menina do Dragão. É a filha de Andrey.

Nenhuma das meninas escolhidas jamais tinha deixado a torre antes do fim dos dez anos. Por mais desesperador que fosse acender a fogueira de sinalização, acho que eles teriam ficado mais felizes de serem deixados para lidar com o que a Floresta tinha enviado do que de me ver entrando de supetão: um problema certo e nada convincente como ajuda.

Falei a eles que o Dragão tinha ido para os Pântanos Amarelos; falei que precisava que alguém me levasse a Dvernik. Eles acreditaram na primeira afirmação com desagrado; e muito rapidamente eu percebi que eles não tinham a menor intenção de fazer a segunda coisa, não importava o que eu lhes dissesse sobre as lições de magia.

– Você vem comigo e vai passar a noite na minha casa, sob os cuidados da minha esposa – disse o prefeito, virando de costas. – Danushek, vá até Dvernik: eles precisam saber que devem resistir ao que quer que seja, e nós temos que descobrir de que tipo de ajuda eles precisam. Vamos enviar um homem para as montanhas...

– Não vou passar a noite na sua casa! – falei. – E, se vocês não vão me levar, eu vou a pé; ainda consigo chegar lá mais rápido que qualquer outra ajuda!

– Basta! – gritou o prefeito para mim. – Escute, sua criança estúpida...

Eles estavam com medo, é claro. Achavam que eu tinha fugido, que eu só estava tentando voltar para casa. Não queriam me ouvir implorando por ajuda. Acho que, no fundo, eles se sentiam envergonhados de entregar uma menina para o Dragão, para começo de conversa; eles sabiam que não era certo e faziam mesmo assim, porque não tinham escolha e porque não era algo terrível o suficiente para levá-los a uma rebelião.

Respirei fundo e usei meu *vanastalem* como arma novamente. Acho que o Dragão teria ficado quase satisfeito comigo; cada sílaba foi pronunciada com a nitidez de uma lâmina recém-afiada. Eles se afastaram quando a magia girou ao meu redor, tão luminosa que a lareira foi ofuscada. Quando terminei, estava alguns centímetros mais alta e ridiculamente majestosa, usando botas com salto e vestida como uma rainha de luto: uma túnica feita de veludo preto, debruada com renda preta e bordada com pequenas pérolas pretas, contrastando com a minha pele que não via sol havia seis meses, as mangas compridas presas nos meus braços com faixas douradas. E, por cima, ainda mais extravagante, um casaco brilhante em seda dourada e vermelha, com pele preta ao redor do pescoço e amarrado na cintura com um cinto dourado. Meu cabelo estava preso numa rede de linha dourada e pequenas joias.

– Eu *não* sou estúpida nem mentirosa – falei –, e se eu não puder fazer alguma coisa boa, pelo menos posso fazer *alguma coisa*. Preciso de uma carroça!

Capítulo 5

O fato de que nenhum deles sabia que o feitiço era um mero truque ajudou, é claro, e também o fato de que nenhum deles tinha visto muita magia na vida. Eu não expliquei isso a eles. Eles prenderam quatro cavalos ao trenó mais leve que tinham e me enviaram pela estrada de terra batida às margens, no meu vestido idiota (mas quente!). Era uma viagem rápida e desconfortável, voando sem fôlego pela estrada gelada, mas não rápida nem desconfortável o suficiente para me impedir de pensar no quão pequena era a minha esperança de fazer algo diferente de morrer; e nem seria de um jeito útil.

Borys tinha se oferecido para me levar; ele sentia uma espécie de culpa que eu entendi sem dar uma palavra. Eu tinha sido levada, não a menina dele, não a filha dele. Ela estava segura em casa, talvez namorando ou já noiva de alguém. E eu tinha sido levada havia menos de quatro meses e já estava irreconhecível.

– Você sabe o que aconteceu em Dvernik? – perguntei a ele, encolhida na traseira da carroça, embaixo de uma pilha de cobertas.

– Não, nenhuma notícia ainda. As fogueiras de sinalização acabaram de ser acesas. O mensageiro deve estar na estrada, se... – Ele parou. Se houvesse um mensageiro vivo para ser enviado, ele queria dizer. – Acho que vamos encontrá-lo no meio do caminho.

No verão, com os cavalos pesados de meu pai puxando sua imensa carroça, levávamos um longo dia saindo de Olshanka até Dvernik, com uma parada no meio. Mas a estrada no inverno estava coberta com trinta centímetros de neve, congelada até quase ficar sólida, e o tempo estava claro, os cavalos usando botas grossas. Voamos pela noite e, algumas horas antes do amanhecer, trocamos os cavalos na vila de Vyosna sem parar

direito, eu nem saltei do trenó. Eles não fizeram perguntas. Borys disse apenas:

– Estamos a caminho de Dvernik.

Eles olharam para mim com interesse e curiosidade, mas sem um pingo de dúvida, e, certamente, sem me reconhecer. Enquanto eles colocavam os arreios nos cavalos, a esposa do cocheiro veio na minha direção com uma torta de carne fresca e uma caneca de vinho quente, enrolada numa capa de pele grossa.

– Quer aquecer as mãos, milady? – perguntou ela.

– Obrigada – respondi, constrangida, me sentindo uma impostora e quase uma ladra. Mas isso não me impediu de devorar a torta em dez mordidas, e depois disso engoli o vinho porque não consegui pensar em nada para fazer com ele que não fosse insultá-la.

O vinho me deixou tonta e um pouco grogue, o mundo ficou mais suave e quente e confortável. Eu me senti muito menos preocupada, o que significava que tinha bebido demais, mas fiquei grata mesmo assim. Borys dirigiu mais rápido com os cavalos novos, e uma hora depois, com o sol iluminando o céu diante de nós, vimos ao longe um homem esgotado seguindo a pé pela estrada. Quando nos aproximamos, não era um homem. Era Kasia, usando roupas de menino e botas pesadas. Ela veio direto até nós: éramos os únicos a caminho de Dvernik.

Kasia agarrou a lateral do trenó, ofegante, fez uma reverência e, sem parar, disse:

– Está no gado... tomou todo o gado e, se eles colocarem os dentes num homem, ele também é tomado. Encurralamos a maioria, estamos prendendo eles, mas precisamos de todos os homens... – E então eu saí de baixo da pilha de cobertas e estendi a mão para ela.

– Kasia – falei, engasgando, e ela parou. Olhou para mim e nós duas nos encaramos num silêncio perfeito durante um longo instante, depois, eu disse: – Rápido, corra e entre aqui, eu conto tudo enquanto seguimos em frente.

Ela subiu e sentou ao meu lado embaixo da pilha de cobertas do trenó: formávamos uma dupla ridícula e improvável, ela usando uma roupa imunda

de cuidador de porcos, seu cabelo comprido preso sob um gorro e uma jaqueta grossa de pele de carneiro, e eu usando roupas elegantes: juntas, parecíamos a fada madrinha descendo da lareira sobre as cinzas varridas de Masha. Mas nossas mãos ainda se uniam com força, mais verdadeiras do que qualquer outra coisa entre nós e, enquanto o trenó disparava, desabalei uma série de pedaços desconexos da história toda: os dias iniciais monótonos e miseráveis, as longas semanas desmaiando quando o Dragão começou a me obrigar a fazer magia, as lições desde então.

Kasia não soltava minha mão e, quando eu, por fim, hesitante, contei a ela que sabia fazer magia, ela disse, roubando meu fôlego:

– Eu devia saber. – E eu a encarei boquiaberta. – Coisas estranhas sempre aconteceram com você. Você ia para o bosque e voltava com frutas fora da estação ou flores que ninguém mais tinha visto. Quando éramos pequenas, você sempre me contava histórias que os pinheiros contavam para você, até que, um dia, seu irmão zombou de seu faz de conta e você parou. Até o jeito como suas roupas estavam sempre bagunçadas... você não conseguiria se sujar tanto nem se tentasse, e eu sabia que você não estava tentando, nunca estava. Vi um galho se estender e agarrar suas saias uma vez, realmente se estender e...

Eu recuei, fiz um ruído de protesto, e ela parou. Eu não queria ouvir aquilo. Não queria que ela me dissesse que a magia sempre estivera ali e, portanto, era inescapável.

– Não tem muita serventia além de me manter bagunçada, se é isso que ela faz – expliquei, tentando falar baixo. – Eu só vim porque *ele* foi embora. Agora me conte: o que aconteceu?

Kasia me contou: o gado tinha adoecido quase da noite para o dia. Os primeiros tinham marcas de mordida, como se lobos enormes e estranhos os tivessem abocanhado, apesar de nenhum lobo ter sido visto em qualquer lugar durante todo o inverno.

– O gado era de Jerzy. Ele não os matou de imediato – disse Kasia com sobriedade. Fiz que sim com a cabeça.

Jerzy devia ter sido mais esperto. Ele deveria tê-los separado do rebanho e cortado a garganta de uma vez, no instante em que os vira mordidos por

lobos e deixados entre os outros animais. Nenhum lobo comum teria feito algo parecido. Mas... ele era pobre. Não tinha plantação, não tinha comércio, nada tinha além de suas vacas. Sua esposa viera até nós e implorara baixinho por farinha mais de uma vez, e sempre que eu voltava do bosque com coisas suficientes para distribuir, minha mãe me mandava até a casa deles com uma cesta. Ele tinha se esforçado durante anos para economizar o suficiente para comprar uma terceira vaca, o que significaria sair da pobreza, e apenas dois anos atrás ele tinha conseguido. Sua esposa, Krystyna, usara um lenço vermelho novo enfeitado com renda na colheita, e ele vestira um sobretudo vermelho, ambos orgulhosos. Tinham perdido quatro filhos antes que recebessem nomes; ela esperava por mais um. Por isso ele não tinha abatido o gado com a rapidez necessária.

– Eles o morderam e entraram nos outros animais – continuou Kasia. – Agora todos ficaram hostis e é perigoso até se aproximar deles, Nieshka. O que você vai fazer?

O Dragão poderia saber um jeito de eliminar a doença do gado. Eu não conhecia nenhum.

– Teremos que queimá-los – falei. – Espero que ele acerte tudo depois, mas não sei mais o que fazer. – Para falar a verdade, apesar do pavor e do desperdício, eu estava satisfeita, desesperadamente satisfeita. Pelo menos não eram monstros que cuspiam fogo nem uma praga mortal, e eu sabia que podia fazer *alguma coisa*. Peguei a poção do coração-de-fogo e mostrei a Kasia.

Ninguém discordou da ideia quando chegamos a Dvernik. Nossa chefe, Danka, ficou tão surpresa quanto Kasia e os homens em Olshanka quando saltei desajeitada do trenó, mas ela tinha coisas mais importantes com que se preocupar.

Todos os homens saudáveis, e as mulheres mais fortes estavam trabalhando em turnos para manter as pobres e atormentadas criaturas encurraladas, usando forcados e tochas, escorregando no gelo, suas mãos dormentes de tanto frio. O resto da nossa vila estava tentando impedir que os trabalhadores congelassem ou morressem de fome. Era uma corrida em que a força determinaria o primeiro lugar, e nossa vila estava perdendo. Eles

já tinham tentado queimá-los, mas estava frio demais. A madeira não pegou fogo rápido o suficiente, antes de o gado espalhar as toras. Assim que contei a Danka o que era a poção, ela fez que sim com a cabeça e mandou que todo mundo que não estivesse trabalhando no curral pegasse picadores de gelo e pás para fazer uma barreira contra o fogo.

Depois, ela se virou para mim.

– Vamos precisar que seu pai e seus irmãos tragam mais lenha – disse ela, bruscamente. – Eles estão na sua casa, trabalharam a noite toda. Eu poderia pedir que você os buscasse, mas talvez isso seja doloroso demais para você e para eles, quando depois tiver que voltar para a torre. Você quer ir?

Engoli em seco. Ela não estava errada, mas eu não podia dizer nada além de sim. Kasia ainda estava segurando a minha mão e, enquanto corríamos juntas pela vila até a minha casa, falei:

– Você pode entrar primeiro e avisar a eles?

Então, minha mãe já estava chorando quando entrei pela porta. Ela não notou o vestido, apenas a mim, e estávamos emboladas numa pilha de veludo no chão, nos abraçando, quando meu pai e meus irmãos saíram dos quartos dos fundos cambaleando, confusos de tanto sono, e nos encontraram. Choramos juntos mesmo enquanto falávamos que não havia tempo para chorar e, através das minhas lágrimas, contei ao meu pai o que íamos fazer. Ele e meus irmãos saíram em disparada para amarrar nossos cavalos, que felizmente estavam seguros no nosso resistente estábulo ao lado da casa. Aproveitei esses últimos instantes e sentei à mesa da cozinha com a minha mãe. Ela correu as mãos pelo meu rosto várias vezes, as lágrimas ainda escorrendo.

– Ele não tocou em mim, mamusha – falei para ela, e não contei nada sobre o príncipe Marek. – Ele é decente. – Ela não respondeu, só acariciou meu cabelo de novo.

Meu pai apareceu e disse:

– Estamos prontos. – E eu tive que ir.

Minha mãe disse:

– Espere um instante. – E desapareceu no quarto. Saiu com uma trouxa pronta, com minhas roupas e minhas coisas. – Achei que alguém de Olshanka pudesse levar isso até a torre pra você, na primavera, quando eles levam presentes para o festival. – Ela me beijou de novo e me abraçou mais uma vez, depois me soltou. Foi doloroso demais. Foi, sim.

Meu pai parou em todas as casas da vila, e meus irmãos saltaram e roubaram todas as pilhas de madeira, cada último graveto, que antes tinham levado até ali, conseguindo reunir grandes braçadas na carroça. Quando estava cheia, eles a levaram até os currais, e eu finalmente vi o pobre gado.

Elas nem pareciam mais vacas; seus corpos inchados e deformados, seus chifres enormes e retorcidos. Aqui e ali, uma delas tinha flechas ou até mesmo lanças enfiadas fundo no corpo, sobressaindo como pregos terríveis. As coisas que saíam da Floresta muitas vezes não podiam ser mortas, exceto pelo fogo ou decapitação; os ferimentos só as deixavam mais enlouquecidas. Muitas vacas tinham as pernas dianteiras e o peito enegrecidos nos pontos onde o fogo as atingiu. Estavam atacando a pesada cerca de madeira do curral, balançando os grandes chifres sobrenaturais e mugindo num tom grave, um som estranhamente comum. Havia um nó feito de homens e mulheres reunidos para recebê-los, uma floresta enfurecida de forcados e varas afiadas, espetando o gado para que recuasse.

Algumas mulheres já estavam usando a enxada no chão, que perto dos currais já estava quase todo sem neve, arrancando a grama morta. Danka supervisionava o trabalho; ela acenou para meu pai se aproximar, nossos cavalos relinchando, desconfortáveis, enquanto chegavam mais perto e sentiam o cheiro da corrupção no vento.

– Tudo bem – disse ela. – Estaremos prontos antes do meio-dia. Vamos jogar madeira e feno lá dentro, em meio a eles, e depois acender tochas com a poção e jogá-las. Economize ao máximo, para o caso de termos que tentar pela segunda vez – acrescentou para mim. Fiz que sim com a cabeça.

Mais mãos chegavam conforme as pessoas despertavam do descanso para ajudar no grande esforço final. Todo mundo sabia que o gado ia tentar fugir em debandada quando estivesse em chamas, todos que conseguiam segurar uma vara assumiram uma posição na fila para contê-los. Outros

começaram a jogar fardos de feno dentro do curral, com as amarras tão frágeis que se desfaziam quando caíam no chão, e meus irmãos começaram a atirar braçadas de lenha. Fiquei parada, ansiosa, ao lado de Danka, segurando o frasco e sentindo a magia ali dentro girando e esquentando sob os meus dedos, pulsando como se soubesse que seria liberada para fazer seu trabalho. Finalmente, Danka ficou satisfeita com a preparação e me entregou a primeira braçada a ser acesa: uma tora seca comprida, rachada ao meio no centro, com feno e ramos estufados dentro da fenda e amarrados.

O coração-de-fogo tentou rugir e saltar do frasco assim que rompi o selo: descobri que precisava manter a rolha no lugar. A poção recuou, mal-humorada, e eu tirei a rolha e pinguei uma gota, a menor e mais leve gota, na ponta da tora amarrada. A tora se incendiou tão rápido que Danka mal teve um segundo para jogá-la por sobre a cerca, apressada, e depois enfiar a mão num montinho de neve, se encolhendo: seus dedos já estavam vermelhos e cheios de bolhas. Eu estava ocupada recolocando a rolha e, quando levantei o olhar, metade do curral fora engolfado pelo fogo, o gado urrando furiosamente.

Todos nós ficamos surpresos com a ferocidade da magia, apesar de termos ouvido lendas sobre o coração-de-fogo. Ele aparecia em infinitas baladas de guerra e também nas histórias que narravam sua fabricação, como era necessário ter quinhentos quilos de ouro para fazer um único frasco, e tinha que ser fermentado em caldeirões feitos de pedra pura, por um mago de habilidades inigualáveis. Por cautela, não mencionei a ninguém que eu não tinha *permissão* para tirar poções da torre: se o Dragão ficasse com raiva de alguém, eu queria que fosse só de mim.

Mas ouvir histórias não era a mesma coisa que vê-las diante de nossos olhos. Não estávamos preparados, e o gado doente já estava em frenesi. Dez das vacas se agruparam e se jogaram contra a parede dos fundos, esmagando-a sem pensar nas varas e lanças que as esperavam. E todos nós estávamos apavorados, com medo de sermos feridos ou mordidos, até mesmo de encostar nelas: a maldade da Floresta poderia se espalhar com

muita facilidade. O punhado de defensores caiu para trás, e Danka gritava furiosa enquanto a cerca começava a ceder.

O Dragão tinha me ensinado, com sua dedicação infindável e sua determinação rigorosa, vários pequenos feitiços para remendar, consertar e reparar, e eu não sabia invocar nenhum deles muito bem. O desespero me fez tentar: subi na carroça vazia do meu pai e apontei para a cerca, dizendo:

– *Paran kivitash farantem, paran paran kivitam!* – Eu tinha perdido uma sílaba em algum lugar, sabia disso, mas devo ter chegado perto o suficiente: a barra maior, que se despedaçava, saltou para junto das outras e criou galhos com novas folhas, e as velhas braçadeiras de ferro em cruz se endireitaram.

A velha Hanka, que sozinha tinha protegido uma área inteira ("Sou amarga demais para morrer", dissera ela depois, desprezando o crédito por sua valentia), estava segurando apenas o cabo de um ancinho, pois a ponta já tinha sido arrancada e estava presa entre os chifres de um dos bois. Sua vara curta se transformou numa lança comprida e afiada de metal reluzente, aço, e ela a enfiou direto na boca aberta da vaca, que gritava e empurrava a cerca. A lança entrou e saiu pela parte de trás do crânio, e a enorme criatura caiu pesada contra a cerca e desabou morta no chão, bloqueando o caminho das outras.

Essa foi a pior parte da luta. Nós conseguimos conter o avanço delas nos outros lugares, durante mais alguns minutos, e a tarefa ficou mais fácil: as vacas já estavam todas em chamas, e um fedor terrível fazia o estômago revirar. Em pânico, as criaturas perderam a esperteza e se tornaram apenas animais outra vez, atirando-se de maneira fútil contra a cerca e umas contra as outras até que o fogo finalmente as consumisse. Usei o encanto de remendo mais duas vezes e, no fim, estava me apoiando em Kasia, que tinha subido na carroça para me segurar. As crianças mais velhas corriam para todo lado, ofegantes, com baldes de neve quase derretida para apagar as faíscas que caíam no chão. Todos os homens e mulheres trabalharam à exaustão com suas varas, o rosto vermelho e suado de calor, as costas congelando no ar cortante, mas, juntos, mantivemos as criaturas encurraladas, e nem o fogo nem a corrupção delas se espalhou.

Finalmente, a última vaca desabou. A fumaça sibilante e a gordura crepitavam dentro do fogo. Ficamos sentados, exaustos, num círculo amplo ao redor do curral, longe da fumaça, observando enquanto o coração-de-fogo se acalmava e queimava fraco, consumindo tudo até as cinzas. Muitos tossiam. Ninguém falava nem comemorava. Não havia motivos para celebração. Estávamos contentes de ver o pior dos perigos eliminado, mas o custo era imenso. Jerzy não era o único que ficaria pobre por causa do fogo.

– Jerzy ainda está vivo? – perguntei baixinho a Kasia.

Ela hesitou, depois fez que sim com a cabeça.

– Ouvi dizer que ele foi tomado – disse ela.

A doença provocada pela Floresta nem sempre era incurável, o Dragão tinha salvado outras pessoas, eu sabia. Dois anos atrás, um vento do leste tinha pegado nossa amiga Trina na margem do rio enquanto ela lavava roupas. Ela voltou cambaleando e enjoada, a roupa no cesto coberta por um pólen cinza-prateado. A mãe dela a impediu de entrar. Ela jogou as roupas no fogo e levou Trina até o rio, submergindo-a repetidas vezes, enquanto Danka enviava um cavaleiro até Olshanka o mais rápido possível.

O Dragão viera naquela noite. Eu me lembro de ter ido à casa de Kasia e nós duas ficarmos observando juntas no quintal dos fundos. Nós não o vimos; só uma luz azul fria, reluzindo na janela do segundo andar da casa de Trina. De manhã, a tia de Trina me contou, no poço, que ela ia ficar bem: dois dias depois, Trina estava andando, voltando a si, apenas um pouco cansada como alguém que passara por um resfriado forte, e até contente porque o pai dela ia cavar um poço perto de casa, para ela nunca mais ter que ir até o rio lavar roupas.

Mas tinha sido apenas uma lufada maligna de vento, um deslocamento de pólen. Isso... isso era uma das piores corrupções da qual eu me lembrava. Tantos bois e vacas adoecidos, tão terrivelmente, e capazes de espalhar a própria corrupção com tanta rapidez: esse era um sinal de algo muito ruim.

Danka tinha nos ouvido falar de Jerzy. Ela veio até a carroça e fitou meus olhos.

– Tem alguma coisa que você possa fazer por ele? – perguntou de maneira direta.

Eu sabia o que ela estava perguntando de verdade. Seria uma morte lenta e apavorante, se a corrupção não fosse expurgada. A Floresta consumia a pessoa como um parasita devorando uma árvore caída, esvaziando-a de dentro para fora, deixando apenas uma coisa monstruosa cheia de veneno, que não se importava com nada além de espalhar esse veneno adiante. Se eu dissesse que não havia nada que pudesse fazer, se eu admitisse que não sabia de nada, se eu confessasse que estava exausta, com Jerzy tão corrompido e o Dragão a uma semana ou mais de distância, Danka daria a ordem. Ela conduziria alguns homens até a casa de Jerzy. Eles levariam Krystyna até o outro lado da vila. Os homens entrariam e sairiam de lá com uma mortalha pesada, trazendo seu corpo para cá. Eles o jogariam na pira com o gado em chamas.

– Existem algumas coisas que eu posso tentar – falei.

Danka fez que sim com a cabeça.

Desci lentamente da carroça.

– Vou com você – disse Kasia, e entrelaçou o braço no meu para me apoiar: sem que eu dissesse uma palavra, ela percebia que eu precisava dessa ajuda. Devagar, andamos juntas até a casa de Jerzy.

A casa era inconveniente, perto da fronteira da vila mais distante dos currais, o bosque se aproximando de seu pequeno jardim. A estrada estava estranhamente silenciosa para uma tarde, com todos ainda nos currais. Nossos pés afundaram na neve que tinha caído ao longo da noite. Eu andava com dificuldade por causa de meu vestido, mas não queria gastar energia para trocá-lo por algo mais sensato. Quando nos aproximamos da casa, nós o ouvimos, um gemido furioso, engasgado, que nunca parava, cada vez mais alto conforme nos aproximávamos. Foi difícil bater à porta.

Era uma casa pequena, mas houve uma longa espera. Krystyna finalmente abriu um pouco a porta, espiando para fora. Ela me encarou sem reconhecer; ela também estava diferente: havia olheiras escuras sob seus olhos, e a barriga estava inchada com o bebê. Ela olhou para Kasia, que disse:

– Agnieszka veio da torre para ajudar. – E se voltou para mim.

Depois de um longo e demorado segundo, Krystyna falou, com a voz rouca:

– Entrem.

Ela estivera sentada numa cadeira de balanço ao lado do fogo, bem perto da porta. Estava esperando, percebi; esperando que eles viessem para levar Jerzy embora. Só havia mais um cômodo, com apenas uma cortina pendurada na porta. Krystyna voltou para a cadeira de balanço e sentou. Ela não tricotou nem costurou, não nos ofereceu uma caneca de chá, apenas encarou o fogo e se balançou. O gemido era mais alto dentro da casa. Segurei a mão de Kasia com força, e nós duas fomos juntas até a cortina. Kasia estendeu a mão e a puxou para o lado.

Jerzy estava deitado na cama deles. Era uma coisa pesada e desajeitada, feita de pequenas toras unidas, mas, neste caso, era melhor assim. Ele tinha sido amarrado nas toras pelas mãos e pelos pés, e havia cordas passando por cima de seu tronco e por baixo da cama. A ponta dos dedos dos pés estava escurecida, as unhas descascavam, e havia ferimentos abertos nos pontos onde as cordas roçavam no corpo. Ele puxava as cordas e fazia aquele ruído, a língua inchada quase ocupando a boca toda, mas parou quando entramos. Levantou a cabeça e olhou direto para mim e sorriu com os dentes ensanguentados e os olhos manchados de amarelo. Começou a rir.

– Olhe só para você – disse ele –, bruxinha, olhe só, olhe só. – Sua voz era uma canção pavorosa e estridente. Ele sacudiu o corpo contra as cordas, de modo que a cama toda saltou dois centímetros na minha direção, enquanto me lançava um sorriso forçado. – Chegue mais perto, venha, venha, venha – cantarolava ele –, pequena Agnieszka, venha, venha, *venha*. – Como uma cantiga infantil, horrível, a cama pulava pelo chão com uma sacudidela de cada vez, enquanto eu abria a sacola de poções com as mãos trêmulas, tentando não olhar para ele. Eu nunca tinha estado tão perto de alguém que fora tomado pela Floresta. Kasia mantinha as mãos nos meus ombros, sua postura reta e tranquila. Acho que, se ela não estivesse lá, eu teria fugido.

Não me lembrei do feitiço que o Dragão tinha usado no príncipe, mas ele me ensinara um encantamento para curar pequenos cortes e

queimaduras quando eu cozinhava ou fazia a limpeza. Achei que não faria nenhum mal. Comecei a cantarolá-lo baixinho enquanto colocava um gole do elixir numa colher grande, franzindo o nariz para o cheiro de peixe podre, então Kasia e eu fomos com cuidado em direção a Jerzy. Ele se precipitou contra mim com os dentes e retorceu as mãos sangrentas nas cordas para tentar me arranhar. Hesitei. Eu não podia deixar que ele me mordesse.

– Espere um pouco – disse Kasia. Ela foi até o outro cômodo e voltou com o atiçador de fogo e a pesada luva de couro para mexer o carvão. Krystyna a observou ir e vir com uma expressão entediada e sem curiosidade.

Colocamos o atiçador atravessado sobre a garganta de Jerzy e o pressionamos na cama pelos dois lados, e minha destemida Kasia calçou a luva e estendeu a mão e apertou o nariz dele. Ela o segurou enquanto ele balançava a cabeça de um lado para o outro, até que finalmente precisasse abrir a boca para respirar. Despejei um gole do elixir e pulei para trás bem na hora; ele ergueu o queixo e conseguiu fechar os dentes num pedaço de renda da minha manga de veludo. Eu me soltei e recuei, ainda cantarolando o encantamento numa voz hesitante, e Kasia o largou e voltou para o meu lado.

Não houve o mesmo brilho radiante e reluzente do qual eu me lembrava, mas pelo menos a cantoria pavorosa de Jerzy parou. Vi o brilho do elixir viajando por sua garganta. Ele caiu para trás e ficou deitado se sacudindo de um lado para o outro, emitindo rosnados graves de protesto. Continuei cantarolando. As lágrimas escapavam de meus olhos; eu estava muito *cansada*. Era tão ruim quanto naqueles primeiros dias na torre do Dragão; era pior, mas eu continuava cantarolando o encantamento porque não conseguiria parar enquanto pensasse que poderia alterar o terror diante de mim.

Ao ouvir a cantoria, Krystyna se levantou devagar no outro cômodo e veio até a porta, uma esperança terrível estampava seu rosto. O brilho do elixir estava estacionado na barriga de Jerzy como pedaço de carvão quente, reluzindo, e alguns dos ferimentos ensanguentados no peito e nos pulsos

dele estavam se fechando. Mas, mesmo enquanto eu cantarolava, filetes verdes escuros flutuavam sobre a luz do elixir, como nuvens atravessando a face da lua cheia. Mais e mais deles se reuniam ao seu redor, formando uma barreira até que a última centelha se perdesse. Devagar, ele parou de se sacudir e seu corpo relaxou na cama. Meu cântico diminuiu até silenciar. Eu me aproximei um pouco, ainda com esperança, e aí... e aí ele levantou a cabeça, os olhos amarelos enlouquecidos, e gargalhou de novo para mim.

– Tente de novo, pequena Agnieszka – disse ele, atacando o ar como um cachorro. – Venha e tente de novo, venha aqui, venha aqui!

Krystyna gemeu alto e deslizou pela moldura da porta até virar um montinho no chão. Lágrimas ferroavam meus olhos: me senti enjoada e vazia com o fracasso. Jerzy estava rindo de um jeito horrível e empurrando a cama para a frente de novo, o tum-tum das pernas pesadas no piso de madeira: nada havia mudado. A Floresta tinha vencido. A corrupção estava forte demais, avançada demais.

– Nieshka – disse Kasia baixinho, triste, em tom de pergunta. Passei as costas da minha mão no nariz, e depois a enfiei na sacola outra vez, soturna.

– Leve Krystyna para fora da casa – falei e esperei até Kasia ter ajudado Krystyna a se levantar e sair: ela choramingava baixinho. Kasia me deu uma última olhada ansiosa, e eu tentei dar um sorrisinho para ela, mas não consegui fazer minha boca funcionar direito.

Antes de me aproximar da cama, peguei a sobressaia pesada de veludo do meu vestido e a enrolei no meu rosto, cobrindo o nariz e a boca três, quatro vezes, até quase me sufocar. Em seguida, respirei fundo e prendi o ar enquanto quebrava o selo do frasco cinza e derramava um pouco do feitiço de pedra no rosto sorridente e rabugento de Jerzy.

Coloquei a rolha de volta e pulei para trás o mais rápido possível. Ele já tinha inspirado: a fumaça deslizava para dentro das narinas e da boca. Uma expressão de surpresa atravessou seu rosto e sua pele começou a ficar cinza e dura. Ele se calou enquanto a boca e os olhos eram petrificados, abertos, o corpo era paralisado, as mãos eram travadas. O fedor da corrupção diminuía. A pedra rolou pelo corpo dele como uma onda e deu fim a tudo, e

eu tremia de alívio e pavor: uma estátua estava deitada e amarrada na cama, uma estátua que só um louco poderia ter esculpido, o rosto retorcido com uma ira sobrenatural.

Verifiquei se o frasco estava selado e o coloquei de volta na sacola antes de abrir a porta. Kasia e Krystyna estavam em pé no quintal, a neve na altura de seus tornozelos. O rosto de Krystyna estava molhado e sem esperança. Eu as deixei entrar: Krystyna foi até a porta estreita e encarou a estátua na cama, com a vida eliminada.

– Ele não sente dor – falei. – Ele não sente o tempo passar, eu juro. E, desse jeito, se o Dragão souber uma maneira de eliminar a corrupção... – Deixei a voz sumir; Krystyna tinha largado seu corpo na cadeira dela, como se não aguentasse mais o próprio peso, sua cabeça abaixada. Eu não sabia ao certo se tinha feito uma coisa boa ou apenas me poupado da dor. Eu nunca tinha ouvido falar de alguém tão corrompido quanto Jerzy ter sido curado. – Eu não sei como salvá-lo – falei baixinho. – Mas... mas talvez o Dragão consiga, quando voltar. Achei que valia a pena arriscar.

Pelo menos agora a casa estava tranquila, sem os uivos e o fedor da corrupção. O terrível vazio tinha deixado o rosto de Krystyna, como se ela não aguentasse nem pensar e, depois de um instante, ela colocou a mão na barriga e olhou para baixo. O parto estava tão próximo que eu conseguia até ver o bebê se mexer um pouco, embaixo da roupa. Ela olhou para mim e perguntou:

– As vacas?

– Queimadas – respondi –, todas elas. – E ela abaixou a cabeça: sem marido, sem gado, com um filho a caminho. Danka tentaria ajudá-la, é claro, mas seria um ano difícil para todos na vila. De repente, falei: – Você tem um vestido que possa me dar, em troca deste? – Ela me encarou. – Não aguento dar mais um passo com ele. – Desconfiada, ela achou um velho vestido simples de retalhos e uma capa áspera de lã. Feliz, deixei a enorme confecção de veludo, seda e renda embolada ao lado da mesa: certamente valia pelo menos o preço de uma vaca, e o leite poderia valer mais na vila durante um tempo.

Já escurecia quando Kasia e eu finalmente estávamos ao ar livre outra vez. A fogueira nos currais ainda queimava, erguendo um forte brilho laranja do outro lado da vila. Todas as casas ainda estavam desertas. O ar frio me espetava através das roupas mais finas, e eu estava drenada até a alma. Cambaleei obstinada atrás de Kasia, que abria caminho na neve para mim, e virava de vez em quando para segurar minha mão e me dar um pouco de apoio. Eu me aquecia com um pensamento feliz: não podia voltar para a torre. Então, iria para casa e ficaria com minha mãe até o Dragão vir me buscar de novo: que lugar melhor haveria para ir?

– Ele vai demorar pelo menos uma semana – falei para Kasia –, e talvez esteja farto de mim e me deixe ficar. – Algo que não deveria nem ter passado pela minha cabeça. – Não conte para ninguém – falei rapidamente, e ela se virou e envolveu os braços ao meu redor e me apertou com força.

– Eu estava pronta para ir – disse ela. – Todos esses anos... eu estava preparada para ser corajosa e ir, mas não consegui aguentar quando ele levou você. Parecia que tudo tinha sido por nada e tudo ia continuar igual, como se você nunca tivesse estado aqui... – Ela parou. Ficamos em pé ali, juntas, de mãos dadas, chorando e sorrindo uma para a outra, e o rosto dela mudou; ela pegou o meu braço e me puxou para trás. Eu virei.

Eles saíram devagar do bosque, com passos calculados e patas largas que pisavam sem partir a crosta da neve. Lobos caçavam no nosso bosque, rápidos e ágeis e cinzentos; eles atacavam ovelhas feridas, mas fugiam dos nossos caçadores. Esses não eram os nossos lobos. Seus dorsos cobertos de pelo branco chegavam até a altura da minha cintura, e línguas cor-de-rosa se estendiam para fora dos maxilares: eram mandíbulas enormes, lotadas de dentes espremidos uns nos outros. Eles olharam para nós, olharam para *mim*, com olhos amarelos e pálidos. Eu me lembrei de Kasia contando que a primeira vaca a ficar doente tinha sido mordida por um lobo.

O líder da matilha era um pouco menor que os outros. Ele cheirou o ar na minha direção, depois virou a cabeça para o lado sem tirar os olhos de mim. Mais dois saíram do meio das árvores. Os lobos se espalharam ao meu redor como se ele tivesse dado um sinal, me cercando, obstruindo o caminho. Eles estavam caçando; eles estavam *me* caçando.

– Kasia – falei –, Kasia, *vá,* fuja agora –, com o coração fraquejando. Tirei o braço que estava junto do dela e vasculhei a sacola. – Kasia, vá! – gritei, arranquei a rolha e joguei a poção de pedra no líder da matilha no instante em que ele saltava.

A névoa cinza se ergueu ao redor dele, e uma enorme estátua de pedra em forma de lobo caiu como uma rocha aos meus pés, e o maxilar raivoso endurecia em volta de meu calcanhar . Outro lobo foi alcançado pela névoa num ponto em que ela quase se dissipava, uma onda de pedra se esgueirando mais devagar pelo seu corpo enquanto escavava a neve, tentando escapar.

Kasia não correu. Ela me agarrou pelo braço e me puxou para trás, em direção à casa mais próxima: a casa de Eva. Em protesto, os lobos uivaram em uníssono, fuçando as duas estátuas com cautela. Uma delas ganiu e desabou, e toda a matilha se virou e correu junto na nossa direção.

Kasia nos puxou pelo portão do jardim da casa de Eva, e depois o bateu: os lobos pularam a cerca com a leveza de um cervo saltitante. Não tive coragem de jogar o coração-de-fogo sem nenhuma proteção contra seu alastramento, não depois do que eu vira naquele mesmo dia: o feitiço teria queimado toda a nossa vila, e talvez todo o vale, e certamente nós duas. Em vez disso, peguei o pequeno frasco verde, esperando que fornecesse distração suficiente para conseguirmos entrar na casa. "Ele faz grama crescer", dissera o Dragão, com desdém, quando perguntei. A cor saudável e agradável tinha me parecido simpática, como nenhum dos outros encantamentos estranhos e frios de seu laboratório. "E cria uma quantidade desordenada de ervas daninhas; só é útil se você tiver queimado completamente um campo." Achei que poderia usá-lo depois do coração-de-fogo para renovar nosso pasto. Tirei a rolha com as mãos trêmulas e a poção respingou nos meus dedos: o cheiro era maravilhoso; bom, limpo, fresco e grudento de um jeito gostoso, como grama e folhas esmagadas na primavera, cheias de sumo, e eu a joguei com as mãos unidas sobre o jardim coberto de neve.

Os lobos estavam correndo em direção a nós. Trepadeiras de um verde brilhante saltaram como cobras dos canteiros de vegetais mortos e se

jogaram contra os lobos, envolvendo grossas espirais em suas pernas, e os jogaram no chão a apenas centímetros de nós. De repente, tudo estava crescendo, era como um ano espremido num minuto, feijões, lúpulos e abóboras brotando do chão, crescendo e ficando enormes de um jeito absurdo. Eles bloquearam o caminho até nós, enquanto os lobos lutavam, atacavam e rasgavam as plantas. As trepadeiras continuaram crescendo ainda mais, fazendo brotar espinhos do tamanho de facas. Um dos lobos foi esmagado numa trança verde com a grossura de uma árvore, e então caiu uma abóbora tão pesada que espremeu outro lobo contra o chão.

Kasia estendeu a mão e eu, boquiaberta, prontamente me virei e saí tropeçando com ela. A porta da frente da casa não abria, apesar de Kasia empurrá-la com violência. Seguimos para o pequeno estábulo vazio, apenas um abrigo para porcos, e nos fechamos ali. Não havia nenhum forcado; tinham sido levados para os currais. A única coisa parecida com uma arma era um pequeno machado para cortar madeira. Eu o peguei, desesperada, enquanto Kasia segurava a porta. O resto dos lobos tinha conseguido lutar e escapar do jardim que irrompia, e estava vindo nos atacar outra vez. Eles se ergueram e enfiaram suas garras na porta, mas repentinamente pararam de um jeito sinistro. Nós ouvimos a matilha se movimentando e um dos lobos uivou do outro lado do estábulo, o som entrando pela pequena janela. Quando viramos, assustadas, três deles voaram através dela, saltando em sequência. E os outros uivaram em resposta, do outro lado da porta.

Minha mente estava vazia. Tentei pensar em algum encantamento, qualquer coisa que pudesse nos ajudar contra eles. Talvez a poção tivesse me renovado, como fez com o jardim, ou talvez tenha sido o pânico: eu não me sentia mais fraca a ponto de desmaiar e conseguia me imaginar recitando outro feitiço, se ao menos conseguisse me lembrar de um que pudesse ser útil. Pensei irritada se *vanastalem* poderia invocar uma armadura, e falei:

– *Rautalem?* – Tateando a magia, misturando-a com um feitiço para afiar facas de cozinha... Enquanto pegava a velha vasilha de água feita de latão surrado. Eu não tinha ideia do que aquilo faria, mas tinha esperança. Talvez a magia estivesse tentando nos salvar, porque a vasilha ficou achatada e se

transformou num enorme e pesado escudo de aço. Kasia e eu nos agachamos atrás dele num canto, enquanto os lobos saltavam na nossa direção.

Ela pegou o machado da minha mão e atingiu as patas e os focinhos dos animais enquanto eles contornavam o escudo, tentando quebrá-lo ou tirá-lo de nós. Estávamos as duas agarradas às alças, desesperadas, e para meu horror, um dos lobos (um lobo!) foi deliberadamente até a porta trancada do estábulo e, com o nariz, empurrou a barra para cima e abriu a porta.

O resto da matilha se reuniu a nossa volta. Não havia para onde fugir, nenhum truque restante na minha sacola. Kasia e eu nos abraçamos, agarramos o escudo e, de repente, toda a parede do abrigo desabou atrás de nós. Caímos de costas na neve e aos pés do Dragão. A matilha de lobos saltou na direção dele ao mesmo tempo, uivando, mas ele ergueu a mão e entoou um verso comprido e impossível de ser dito sem uma pausa para a respiração. Simultaneamente, todos os lobos *quebraram* no ar, com um som pavoroso de galhos se partindo. Caíram mortos e amontoados na neve.

Kasia e eu ainda estávamos abraçadas enquanto os cadáveres dos lobos desabavam ao nosso redor, um atrás do outro. Olhamos para cima, para ele, e ele olhou para baixo, para mim, rígido e furioso, rosnando:

– De todas as coisas idiotas que você poderia ter feito, sua garota lunática e estúpida...

– Cuidado! – gritou Kasia, tarde demais: um último lobo manco, seu pelo manchado pelo laranja das abóboras, se jogou por sobre a parede do jardim e, apesar de o Dragão ter soltado um feitiço enquanto se virava, a criatura acertou o braço dele com uma patada violenta enquanto caía, morta. Três gotas brilhantes de sangue mancharam de vermelho a neve aos seus pés.

Ele caiu de joelhos, segurando o braço na altura do cotovelo. A lã preta de seu colete fora esgarçada. Sua carne adquiria os contornos verdes da corrupção ao redor do arranhão. A cor doentia tinha fim no ponto em que seus dedos seguravam o braço, um brilho fraco de luz saindo deles, mas as veias do antebraço já estavam inchando. Procurei o elixir na minha sacola.

– Espalhe no braço – disse ele com os dentes trincados, quando eu teria dado para ele beber.

Derramei o líquido, todos nós prendíamos a respiração, mas a mancha preta não recuou: apenas parou de se espalhar com a mesma rapidez.

– A torre – disse ele. Suor brotava de sua testa. Seu maxilar estava trincado, quase o impedindo de falar. – Escute: *Zokinen valisu*, *akenezh hinisu*, *kozhonen valisu*.

Eu o encarei: ele não podia estar confiando em mim para fazer isso, usar um feitiço para nos levar de volta? Mas ele não disse mais nada. Todas as suas forças estavam sendo usadas para controlar a corrupção, e eu me lembrei tarde demais do que ele me dissera: que, se a Floresta tivesse me tomado, uma feiticeira inútil e sem treinamento como eu era, ela poderia ter me transformado em algo verdadeiramente terrível. O que ela faria *dele*, o maior mago do reino?

Virei para Kasia, peguei o frasco de coração-de-fogo e o coloquei nas mãos dela.

– Diga a Danka que ela precisa enviar alguém à torre – falei, categórica e desesperada. – Se nós dois não sairmos e dissermos que está tudo bem, se houver alguma dúvida... queime tudo.

Seus olhos estavam cheios de preocupação, mas ela concordou. Virei para o Dragão e me ajoelhei ao lado dele na neve.

– Muito bem – disse ele para mim, com uma olhadela rápida para Kasia. Então eu soube que meus piores medos não eram irreais. Segurei o braço dele, fechei os olhos e pensei no quarto da torre. Disse as palavras do feitiço.

Capítulo 6

Ajudei o Dragão a cambalear pela curta distância até meu pequeno quarto, a corda de vestidos de seda ainda pendurada na janela. Não havia chance de conseguir levá-lo até seu quarto; era um peso morto enquanto eu o colocava na cama. Ele ainda estava segurando o braço, interrompendo o fluxo da corrupção de algum jeito, mas o brilho na sua mão ficava cada vez mais fraco. Eu o ajeitei nos travesseiros e fiquei ali, pairando ansiosamente sobre ele, esperando que dissesse alguma coisa, que me dissesse o que fazer, mas ele não falava; seus olhos nada viam, estavam grudados no teto. O pequeno arranhão tinha inchado como o pior tipo de mordida de aranha. Ele estava ofegante, e o antebraço, logo abaixo de onde ele segurava, tinha aquele tom apavorante e doentio de verde, a mesma cor da pele de Jerzy. As unhas de sua mão estavam escurecendo.

Desci correndo para a biblioteca, derrapando escada abaixo a ponto de arranhar minha canela até sangrar. Nem senti. Os livros estavam em suas fileiras elegantes e organizadas como sempre, plácidos e alheios à minha urgência. Alguns deles tinham se tornado familiares para mim: velhos inimigos, eu os chamaria, cheios de encantamentos e feitiços que invariavelmente davam errado dentro da minha boca, as páginas formigando de um jeito desagradável quando eu encostava no pergaminho. Subi a escada e os tirei das estantes de qualquer maneira, abri um atrás do outro, folheando listas inutilmente: a destilação da essência de murta poderia ser muito útil em todo tipo de magia, mas não me ajudaria em nada agora, e era irritante passar até mesmo um segundo olhando seis receitas para lacrar um frasco de poção de forma adequada.

Mas a inutilidade do esforço me desacelerou o suficiente para me permitir pensar um pouco melhor. Percebi que eu não encontraria a

resposta a algo tão pavoroso nos livros de feitiços com os quais ele tentava me ensinar: como ele mesmo me dissera várias vezes, estavam cheios de truques e trivialidades, coisas que qualquer mago medíocre deveria ser capaz de dominar quase de imediato. Olhei, duvidosa, para as prateleiras mais baixas, onde o Dragão guardava os volumes que ele mesmo lia e dos quais me alertara rigorosamente para ficar longe. Alguns estavam encapados em couro novo sem rachaduras, talhados a ouro; outros eram antigos e estavam quase em farelos; alguns tinham o comprimento do meu braço; outros eram pequenos o suficiente para a palma da minha mão. Passei as mãos sobre eles e, por impulso, peguei um dos menores, cheio de folhas de papel soltas enfiadas no meio: tinha uma capa macia e gasta e letras simples gravadas.

Era um diário escrito numa caligrafia espremida e miúda, quase impossível de ler no início e cheio de abreviações. As páginas soltas eram anotações com a letra do Dragão, uma ou mais inseridas entre quase todas as folhas, onde ele havia escrito diferentes maneiras de entoar cada feitiço, com explicações do que estava fazendo; isso, ao menos, parecia mais promissor, como se a voz dele pudesse falar comigo através do papel.

Havia uma dezena de feitiços para cura e para limpeza de ferimentos: aqueles derivados de doenças e gangrena, não da corrupção, mas valia a pena tentar. Li um dos feitiços que sugeria puncionar a ferida envenenada, cobrindo-a com alecrim e casca de limão, e fazendo algo que o escritor chamava de *colocar um sopro de ar.* O Dragão tinha escrito quatro páginas em letra espremida sobre o assunto, e desenhado linhas nas quais anotou quase sessenta variações: tal quantidade de alecrim, seco ou fresco; tal quantidade de limão, com ou sem seiva; uma faca de aço, uma de ferro, este encantamento ou aquele.

Ele não havia anotado quais tentativas tinham funcionado melhor ou pior, mas, se ele tinha se esforçado tanto, devia servir para alguma coisa. Tudo de que eu precisava agora era fazer com que ele ficasse bem o suficiente para que pudesse falar pelo menos um punhado de palavras, me dar alguma orientação. Desci correndo até a cozinha e encontrei um maço

grande de alecrim e um limão. Peguei uma faca de descascar, alguns panos limpos e água quente numa panela.

Então eu hesitei: meu olhar caiu sobre o imenso cutelo que repousava na pedra de corte. Se eu não conseguisse fazer mais nada, se eu não conseguisse devolver a ele a força para falar... eu não sabia se conseguiria, se seria capaz de arrancar seu braço. Mas eu vi Jerzy na cama, gargalhando, monstruoso, tão distante do homem triste e calado que sempre me cumprimentava no caminho; vi o rosto vazio de Krystyna. Engoli em seco e peguei o cutelo.

Afiei as duas facas, tentando não pensar em nada, e carreguei minhas coisas escada acima. A janela e a porta estavam abertas, mas mesmo assim o cheiro horrível da corrupção tinha começado a se espalhar pelo meu pequeno quarto. Ele revirava meu estômago, de medo e de ânsia. Não achei que aguentaria ver o Dragão tomado pela Floresta, toda a sua perspicácia apodrecida, sua língua afiada reduzida a uivos e resmungos. A respiração dele estava mais curta, e os olhos estavam semicerrados. Seu rosto, terrivelmente pálido. Coloquei os panos sob seu braço e os amarrei com um pedaço de corda. Descasquei tiras largas do limão, arranquei folhas de alecrim dos galhos, esmagando-as e jogando-as na água quente para que o cheiro doce e forte se elevasse e afastasse o fedor. Então mordi meu lábio e, tomando coragem, abri a ferida inchada com a faca de descascar. Uma bile verde e gosmenta se esguichou dali. Entornei caneca atrás de caneca de água quente sobre a ferida até que ela ficasse limpa. Peguei punhados das ervas e do limão na infusão e os esmaguei bem.

As anotações do Dragão não falavam nada sobre o que exatamente significava "colocar um sopro de ar" na ferida, então eu me inclinei e sussurrei os encantamentos sobre ela, tentando um e depois outro, minha voz falhando. Todos pareciam errados na minha boca, desajeitados e rígidos, e nada acontecia. Arrasada, olhei de novo para o original com letra espremida: havia uma frase que dizia *Kai e tihas, cantarolados a gosto, terão valor especial*. Os encantamentos do Dragão sempre tinham variações dessas sílabas, mas amarradas com outras, reunidas em frases elaboradas que se embolavam na minha língua. Em vez disso, eu me abaixei e entoei *Tihas,*

tihas, kai tihas, kai tihas, repetidas vezes, e me vi cantarolando a melodia da canção de aniversário que falava sobre viver cem anos.

Parece absurdo, mas o ritmo era fácil e familiar, reconfortante. Parei de pensar nas palavras: elas enchiam a minha boca e se espalhavam como água saindo de uma caneca. Eu me esqueci das recordações da risada alucinada de Jerzy e da cruel nuvem verde que abafou a luz dentro dele. Havia apenas o movimento simples da canção, a lembrança de rostos reunidos ao redor de uma mesa, rindo. E finalmente a magia fluiu, mas não como quando as lições do Dragão a arrastavam rapidamente para fora de mim. Em vez disso, me pareceu que a melodia do cântico se tornou um riacho feito para carregar a magia, e eu estava parada na margem da água com um pote que nunca ficava vazio, derramando uma linha de prata fina na corrente apressada.

Sob as minhas mãos, a doce fragrância de alecrim e limão estava subindo forte, subjugando o fedor da corrupção. Cada vez mais, a bile começou a fluir da ferida, de um modo que seria preocupante, mas o braço do Dragão estava parecendo melhor: os tons esverdeados desbotavam, as veias escurecidas e inchadas se encolhiam.

Eu estava ficando sem fôlego; mas, ainda assim, de algum jeito, senti que tinha terminado, que meu trabalho chegara ao fim. Levei o cântico a um fechamento simples, subindo e descendo uma nota; de qualquer maneira, naquele momento, eu estava apenas murmurando. O brilho reluzente vindo do lugar que ele segurava o braço ficava cada vez mais forte, mais brilhante, e, de repente, linhas finas de luz dispararam da sua mão, descendo pelas veias e se espalhando por elas como galhos. A podridão estava desaparecendo: a carne parecia saudável, a pele, restaurada a sua tonalidade pálida e mórbida, mas natural.

Assisti à cena prendendo a respiração, mal ousando ter esperança, e então, o corpo inteiro dele se moveu. Ele inspirou mais fundo e mais demorado, piscando para o teto com olhos que estavam conscientes de novo, e seus dedos, um após o outro, soltaram o aperto de ferro ao redor do cotovelo. Eu poderia ter chorado de alívio: incrédula e desesperada, olhei

para o rosto dele, um sorriso se insinuando na minha boca, e o vi me encarando com uma expressão de surpresa indignação.

Ele se ergueu com dificuldade dos travesseiros. Limpou o braço do monte de alecrim e limão e o segurou com incredulidade, depois se inclinou e pegou o pequeno diário que estava em cima da colcha sobre suas pernas: eu o tinha colocado ali para poder lê-lo enquanto trabalhava. Ele encarou o feitiço, virou o livro para ver a lombada, como se não acreditasse nos próprios olhos, e balbuciou para mim:

– Sua contradição impossível, miserável e sem sentido, que diabos você fez *agora?*

Sentei sobre os calcanhares, meio indignada; *isso,* quando eu tinha não apenas salvado a vida dele, mas tudo que ele poderia ser, e todo o reino, do que a Floresta poderia tê-lo transformado.

– O que eu deveria ter feito? – exigi saber. – E como eu deveria saber? Além do mais, funcionou, não foi?

Por algum motivo, isso só o deixou quase incoerente de fúria, e ele se ergueu da minha cama, jogou o livro do outro lado do quarto, as notas voando para todo lado, e saiu para o corredor apressado, sem dizer mais uma palavra.

– Você poderia me *agradecer*! – gritei atrás dele, também furiosa, e o som de seus passos já tinha desaparecido antes que eu me lembrasse de que ele tinha sido ferido enquanto salvava a minha vida, que ele havia viajado toda aquela distância com urgência para me ajudar.

Esse pensamento só me deixou mais irritada, é claro. Além disso, ainda tinha o trabalho árduo de limpar meu pobre quartinho e trocar a roupa de cama; as manchas não iam sair e tudo cheirava mal, embora não parecesse mais que algo estava errado. Acabei decidindo que usaria magia para resolver aquilo. Comecei a recitar um dos encantamentos que o Dragão me ensinara, mas, em vez disso, peguei o diário que estava no canto. Eu me sentia grata àquele pequeno livro e ao mago ou à feiticeira que o escrevera, mesmo que o Dragão não estivesse grato a mim, e fiquei feliz de encontrar, perto do início, um encantamento para limpar quartos: *Tishta, cantarolado em tons variados, enquanto se trabalha para mostrar o caminho.* Entoei a palavra na

minha cabeça enquanto arrumava todos os panos úmidos e manchados. O ar ficou frio e fresco ao meu redor, mas sem provocar arrepios desagradáveis; quando terminei, a roupa de cama estava limpa e clara como se tivesse acabado de ser lavada, e a lona cheirava à brisa de verão. Arrumei a cama de novo e deixei que meu corpo caísse pesadamente, quase surpresa, enquanto os últimos fragmentos de desespero me abandonavam e, com eles, toda a minha energia. Deitei e mal consegui puxar a colcha sobre mim antes de pegar no sono.

Acordei devagar, em paz, serena, a luz do sol entrando pela janela acima de mim, e lentamente percebi que o Dragão estava no meu quarto.

Ele estava sentado ao lado da janela, na pequena cadeira de trabalho, me encarando. Também me sentei, esfreguei os olhos e o encarei de volta. Ele levantou o pequeno livro.

– O que fez você escolher pegar *isto?* – perguntou ele.

– Estava cheio de anotações! Achei que devia ser importante.

– Ele *não* é importante – disse o Dragão, embora ele parecesse estar com raiva demais para que aquilo fosse mesmo verdade. – Ele é *inútil... tem sido* inútil, durante todos os quinhentos anos desde que foi escrito, e um século de estudo não o transformou em nada além de inútil.

– Bem, ele não foi inútil *hoje* – falei, cruzando os braços sobre o peito.

– Como você sabia quanto deveria usar de alecrim? E de limão?

– Você usou todo tipo de quantidade naquelas tabelas! Achei que não importava.

– As tabelas são de *fracassos,* sua imbecil descuidada! – gritou ele. – Nenhuma delas teve o mínimo efeito, nem em partes, nem em misturas, nem com encantamentos. O que foi que você *fez*?

Eu o encarei.

– Usei o suficiente para criar um cheiro agradável e fiz uma infusão para deixar mais forte. E usei o cântico da página.

– Não tem nenhum encantamento aqui! Duas sílabas triviais, sem nenhum poder...

– Quando entoei por tempo suficiente, elas fizeram a magia fluir. E cantei na melodia de "Muitos Anos". – Ele ficou ainda mais vermelho e indignado.

O Dragão passou a próxima hora me interrogando em relação a cada detalhe de como eu tinha entoado o feitiço, ficando cada vez mais perturbado: eu mal conseguia responder às suas perguntas. Ele queria as sílabas e repetições exatas, queria saber a distância a que eu estava do seu braço, queria a quantidade de ramos de alecrim e a quantidade de cascas. Fiz o melhor possível para responder, mas sentia, mesmo enquanto falava, que estava tudo errado, e finalmente soltei, enquanto ele escrevia com raiva nas folhas:

– Mas nada disso importa. – A cabeça dele se ergueu para me encarar com ódio e eu continuei falando, incoerente, mas convencida: – É apenas... um jeito de fazer. Não existe só um jeito de fazer. – Acenei para suas anotações. – Você está tentando achar uma estrada que não existe. É como... colher no bosque – falei de repente. – Você tem que abrir caminho pelos arbustos e pelas árvores, e ele é diferente a cada vez.

Terminei triunfante, feliz por ter encontrado uma explicação que parecia tão satisfatoriamente clara. Ele deixou a caneta de lado e se jogou na cadeira com raiva.

– Isso não faz sentido – disse ele, quase se queixando, e então encarou o próprio braço com um ar de frustração, como se preferisse ter a corrupção de volta, em vez de precisar considerar que podia estar errado.

Ele me encarou furioso quando eu disse isso. Também já estava começando a ficar irritada, com sede e com fome, ainda usando o vestido simples e rasgado de Krystyna que caía dos meus ombros e não me aquecia. Farta, eu me levantei, ignorando a expressão dele, e anunciei:

– Vou para a cozinha.

– Tudo bem – soltou ele, e saiu perturbado para a biblioteca, mas não aguentava uma pergunta sem resposta. Antes de a minha sopa de galinha ter acabado de cozinhar, ele apareceu na cozinha carregando um volume novo de couro azul-claro talhado em prata, grande e elegante. Ele o colocou na mesa ao lado da tábua de corte e disse com firmeza:

– Claro. Você tem uma afinidade com a cura, e isso a levou a intuir o verdadeiro feitiço, apesar de não conseguir mais se lembrar dos detalhes com precisão. Isso explicaria sua incompetência generalizada: a cura é um ramo especialmente distinto das artes mágicas. Acredito que você vai progredir consideravelmente daqui em diante, depois que voltarmos nossa atenção para as disciplinas de cura. Vamos começar com os encantamentos menores de Groshno. – Ele colocou a mão sobre o livro.

– Não vamos começar enquanto eu não tiver comido meu almoço – falei, sem parar, cortando as cenouras.

Ele resmungou bem baixinho alguma coisa sobre idiotas rebeldes. Eu o ignorei. O Dragão parecia satisfeito em sentar-se e tomar a sopa quando lhe dei uma tigela, com uma fatia grossa do pão camponês que eu tinha feito. *Anteontem*, percebi; eu só tinha saído da torre por um dia e uma noite. Pareciam mil anos.

– O que aconteceu com a quimera? – perguntei enquanto comíamos.

– Vladimir não é tolo, felizmente – respondeu o Dragão, secando a boca com um guardanapo conjurado. Levei um instante para perceber que ele estava falando do barão. – Depois de enviar o mensageiro, ele atraiu a coisa para perto da fronteira prendendo novilhos em estacas e fazendo seus piqueiros atacarem a criatura por todos os lados. Ele perdeu dez homens, mas conseguiu prendê-la a menos de uma hora de distância da passagem da montanha. Consegui matá-la rapidamente. Era pequena, mal tinha o tamanho de um pônei.

Ele parecia estranhamente amargo em relação a isso.

– Isso é bom, não é? – perguntei.

Ele me olhou aborrecido.

– Era uma *armadilha* – cuspiu ele, como se isso fosse óbvio para qualquer pessoa sensata. – Era para me manter afastado até a corrupção ter dominado Dvernik e destruí-la antes que eu chegasse. – Ele olhou para o braço, abrindo e fechando o punho. Ele tinha trocado a camisa por uma de lã verde, presa com um fecho de ouro no pulso. Ela cobria seu braço; eu me perguntei se havia uma cicatriz por baixo.

– Então – arrisquei –, fiz bem em ter ido?

Sua expressão era tão azeda quanto leite deixado ao relento no verão.

– Se alguém pudesse dizer isso depois de você ter derramado cinquenta anos das minhas poções mais valiosas em menos de um dia. Nunca lhe ocorreu que, se elas pudessem ser gastas com tanta facilidade, eu daria meia dúzia de frascos para cada chefe de vila e me pouparia o trabalho de colocar os pés no vale?

– Elas não podem valer mais que a vida das pessoas.

– Uma vida que está diante de você agora não vale as mil que estarão em outro lugar daqui a três meses. Escute, sua tola, tenho um frasco de coração-de-fogo sendo refinado agora; comecei há seis anos, quando o rei conseguiu me dar o ouro para isso, e só vou terminar daqui a mais quatro. Se gastarmos todo o meu suprimento até lá, você acha que Rosya vai se privar generosamente de incendiar nossos campos, sabendo que teremos morrido de fome e implorado pela paz antes de podermos retribuir o favor? E existem custos equivalentes para cada um dos frascos que você gastou. Principalmente porque Rosya tem três magos-mestres que sabem preparar poções, e nós temos apenas dois.

– Mas não estamos em guerra! – protestei.

– Estaremos, na primavera, se eles ouvirem uma canção sobre coração-de-fogo, pele-de-pedra e corrupção, e acharem que podem ter conseguido uma vantagem real. – Ele fez uma pausa, depois acrescentou com desgosto: – Ou se eles ouvirem uma canção sobre uma curandeira forte o suficiente para eliminar a corrupção, e acharem que o equilíbrio vai pesar a nosso favor quando você estiver treinada.

Engoli em seco e encarei minha tigela de sopa. Era absurdo sequer pensar em Rosya declarando guerra por *minha* causa, por causa das coisas que eu fiz ou o que eles imaginavam que eu poderia fazer. Mas me lembrei de novo do pavor que eu sentira vendo as fogueiras de sinalização acesas depois que ele partiu, sabendo que eu podia fazer muito pouco para ajudar as pessoas que eu amava. Não estava arrependida de ter levado as poções, mas não podia mais fingir que não era importante que eu aprendesse os feitiços.

– Você acha que eu poderei ajudar Jerzy, depois que estiver treinada? – perguntei a ele.

– Ajudar um homem que já está totalmente corrompido? – O Dragão zombou de mim. Mas depois admitiu, relutante: – Você não deveria ter sido capaz de me ajudar.

Peguei minha tigela e bebi o resto da sopa, depois a coloquei de lado e olhei para ele do outro lado da mesa de cozinha marcada e furada.

– Está bem – falei, desgostosa. – Vamos em frente com isso.

Infelizmente, a disposição para aprender magia não me tornava boa nisso. Os pequenos encantamentos de Groshno me frustravam profundamente, e as conjurações de Metrodora continuavam definitivamente não conjuradas. Depois de mais três dias permitindo que o Dragão me ensinasse feitiços de cura, todos me soando estranhos e errados como sempre, desci até a biblioteca na manhã seguinte com o pequeno diário surrado na mão, e o coloquei sobre a mesa diante dele enquanto me olhava de cara feia.

– Por que você não me ensina com *isto?*

– Porque não é ensinável. Eu mal consegui codificar os truques mais simples em formas aproveitáveis. E não extraí nada das magias mais elaboradas. Não importa a notoriedade dela, na prática não vale quase nada.

– O que você quer dizer com notoriedade? – perguntei, depois olhei para o livro. – Quem escreveu isto?

Ele me olhou de cara feia.

– Jaga – respondeu ele, e por um instante, fiquei em pé parada e congelada.

A Velha Jaga tinha morrido há bastante tempo, mas não havia muitas canções sobre ela, e os bardos costumavam cantá-las com cuidado, apenas no verão, ao meio-dia. Ela estava morta e enterrada havia quinhentos anos, mas isso não a impedira de aparecer em Rosya apenas quarenta anos atrás, no batismo do príncipe recém-nascido. Ela transformou em sapos seis guardas que tentaram impedi-la, colocou outros dois magos para dormir, depois foi até o bebê e olhou para ele com a testa franzida. Em seguida, se

empertigou e anunciou, irritada: "Perdi meu tempo", antes de desaparecer numa grande nuvem de fumaça.

Portanto, estar morta não seria empecilho para um retorno súbito a fim de recuperar seu livro de feitiços, mas o Dragão ficou ainda mais aborrecido com a minha expressão.

– Chega dessa cara de criança assustada. Ao contrário do que diz a imaginação popular, ela está *morta,* e mesmo que tenha vagado pelo tempo antes disso, garanto que ela devia ter um propósito maior do que ficar ouvindo fofocas sobre ela atrás das portas. Quanto ao livro, gastei uma quantidade absurda de dinheiro e paciência para consegui-lo e fiquei feliz com a aquisição até perceber que era irritantemente incompleto. Ela simplesmente o usava para exercitar a memória, não tem detalhes de feitiços de verdade.

– Os quatro que eu tentei funcionaram muito bem – falei, e ele me encarou.

Ele não acreditou em mim até me obrigar a fazer meia dúzia dos feitiços de Jaga. Eram todos semelhantes: algumas palavras, alguns gestos, algumas ervas e coisas. Nenhuma peça era importante; não havia uma ordem rígida para os encantamentos. Eu entendi por que ele dizia que os feitiços dela não eram ensináveis; eu nem conseguia me lembrar do que fazia quando os entoava, quanto mais explicar por que eu tinha feito alguma coisa, mas, para mim, eram um alívio enorme depois de todos os feitiços rígidos e complicados que ele me ensinara. Minha primeira descrição era verdadeira: eu me sentia abrindo caminho por uma parte do bosque que nunca tinha visto, e as palavras dela eram como se uma coletora mais experiente, em algum lugar adiante, estivesse gritando para mim: "Tem mirtilos na encosta norte" ou "Bons cogumelos perto das bétulas" ou "Há um caminho mais fácil pelos arbustos à esquerda". Ela não ligava para como eu chegaria aos mirtilos, simplesmente apontava na direção correta e me deixava vagar até encontrá-los, sentindo o chão sob os meus pés.

O Dragão odiava tanto isso que eu quase senti pena. Ele finalmente decidiu ficar parado perto de mim enquanto eu lançava o feitiço final, anotando cada coisinha que eu fazia, até mesmo o espirro por ter inspirado

a canela, e quando eu terminei, ele tentou por conta própria. Era muito estranho observá-lo, como um espelho atrasado e lisonjeiro: ele fazia tudo exatamente igual, porém com mais graciosidade, com uma precisão perfeita, enunciando cada sílaba que eu tinha embolado, mas ele nem tinha chegado à metade quando eu percebo que não estava funcionando. Estava me coçando para interrompê-lo. Ele me lançou um olhar furioso, então desisti e deixei que terminasse de abrir caminho pelo bosque cerrado, mas continuei pensando nisso, e quando ele terminou e nada tinha acontecido, falei:

– Você não devia ter dito *miko* naquela parte.

– *Você* disse! – retrucou ele com irritação.

Dei de ombros, impotente; eu não duvidava de que tinha falado, apesar de, para ser totalmente sincera, não me lembrar disso. Mas não era uma coisa importante a ser lembrada.

– Funcionou quando eu falei, mas, quando você falou, foi errado. Como se... você estivesse seguindo uma trilha, mas uma árvore tivesse caído nesse meio-tempo ou uma cerca viva tivesse crescido, e você insistisse em continuar em frente mesmo assim, em vez de contorná-la...

– Não tem nenhuma *cerca viva*! – rosnou ele.

– Acho que isso vem – falei, ponderando, para o ar – de passar muito tempo sozinho entre quatro paredes e se esquecer de que as coisas vivas nem sempre ficam onde nós as colocamos.

Ele me mandou sair do salão com uma fúria congelante.

Devo dar um crédito ao Dragão: ele ficou emburrado pelo resto da semana, mas depois pegou uma pequena coleção de livros que estavam nas estantes, empoeirados e sem uso, cheios de feitiços bagunçados como os do livro de Jaga. Todos vinham para as minhas mãos como amigos entusiasmados. Ele os folheava e consultava dezenas de referências em outros livros e, com esse conhecimento, criava uma linha de estudo e prática para mim. Ele me alertou de todos os perigos das magias mais elaboradas: de o feitiço escapar das suas mãos no meio do caminho e sair se debatendo de maneira selvagem; de você se perder na magia e vagar por ela como um sonho tátil, enquanto seu corpo morre de sede; de tentar um feitiço além dos seus

limites que drena forças que você não tinha. Embora o Dragão ainda não entendesse como os feitiços que serviam para mim funcionavam, ele se tornou um crítico feroz dos meus resultados e exigia que eu lhe dissesse antecipadamente o que eu queria que acontecesse e, quando eu não conseguia prever o resultado corretamente, ele me obrigava a fazer o mesmo feitiço várias vezes, até acertar.

Em resumo, ele tentou me ensinar do melhor jeito possível, e procurou guiar meus tropeços pelo meu novo bosque, ainda que fosse um território desconhecido para ele. O Dragão ainda se ressentia do meu sucesso, não por inveja, mas por uma questão de princípio: o fato de as minhas magias negligentes *funcionarem* ofendia suas crenças sobre a ordem correta das coisas, e ele fazia cara feia tanto quando eu me saía bem, quanto nos momentos em que eu cometia algum erro evidente.

Um mês depois do início do novo treinamento, ele estava me observando enquanto eu me esforçava para fabricar a ilusão de uma flor.

– Não entendo – falei, choraminguei, para dizer a verdade, era absurdamente difícil. Minhas três primeiras tentativas davam a impressão de que elas eram feitas de farrapos de algodão. Agora eu tinha conseguido criar uma rosa selvagem toleravelmente convincente, desde que você não a cheirasse. – É muito mais fácil simplesmente *plantar* uma flor, por que alguém teria tanto trabalho?

– É uma questão de escala. Garanto que é consideravelmente mais fácil produzir a ilusão de um exército do que um de verdade. Como é que isso está *funcionando?* – explodiu ele, como às vezes fazia quando era pressionado além de seus limites pelo evidente espanto da minha magia. – Você não está nem mantendo o feitiço... Nenhum cântico, nenhum gesto...

– Ainda estou pondo magia nele. Uma *grande quantidade* de magia – acrescentei, descontente.

Os primeiros feitiços que não arrancaram a magia de mim como um dente tinham sido um alívio tão puro que eu meio que pensara que o pior tinha passado, pensara que, agora que eu entendia como a magia *deveria* funcionar (não importava o que o Dragão dissesse sobre esse assunto), tudo seria mais fácil. Bem, logo aprendi que não era assim. O desespero e o pavor

tinham alimentado minha primeira magia, e minhas próximas tentativas tinham sido equivalentes aos primeiros truques que ele tentara me ensinar, os pequenos feitiços que ele esperava que eu dominasse sem esforço. E eu realmente tinha dominado esses sem esforço, então ele continuou me ensinado sem piedade alguns outros feitiços, e mais uma vez tudo tinha se tornado, se não insuportável do mesmo jeito, pelo menos excessivamente difícil.

– *Como* você está pondo magia nele? – perguntou o Dragão, por entre os dentes.

– Eu já encontrei o caminho! Só estou seguindo nele. Você não consegue... sentir? – perguntei abruptamente e estendi a mão com a flor na direção dele; o Dragão franziu a testa e colocou as mãos ao redor dela, depois disse: "*Vadiya rusha ilikad tuhi*", e uma segunda ilusão apareceu sobre a minha, duas rosas no mesmo espaço, a dele, claro, tinha três círculos de pétalas perfeitas e uma fragrância delicada.

– Tente fazer igual – disse ele de um jeito ausente, seus dedos se movendo levemente, e, com passos desajeitados, unimos nossas ilusões até ser quase impossível distinguir uma da outra, então o Dragão exclamou "Ah!", assim que comecei a vislumbrar o feitiço *dele*: funcionava quase exatamente igual ao mecanismo do relógio que ele tinha no centro da mesa, feito de peças brilhantes em movimento. Por impulso, tentei alinhar nossas magias: visualizei a dele como a roda de um moinho e a minha como o riacho apressado que passava por ela. – O que você... – começou ele e, abruptamente, tínhamos uma única rosa, e ela começou a crescer.

E não apenas a rosa: trepadeiras escalavam as estantes em todas as direções, se entrelaçando ao redor de livros antigos e se estendendo até a janela; as colunas altas e esguias que formavam a moldura da porta se perdiam entre bétulas que cresciam e espalhavam seus galhos compridos como dedos; musgo e violetas brotavam em todo o piso, samambaias delicadas se desenrolavam. Flores irrompiam por toda parte: flores que eu nunca tinha visto, algumas eram botões estranhos pendurados, outras tinham pontas afiadas, cores brilhantes, e o salão estava denso com a fragrância, com o cheiro de folhas esmagadas e ervas pungentes. Olhei ao

redor, vibrando de tanta surpresa, minha magia ainda fluindo com facilidade.

– Era isso que você queria dizer? – perguntei a ele, realmente não tinha sido mais difícil do que fazer uma única flor. Mas ele estava encarando o tumulto de flores ao nosso redor tão impressionado quanto eu.

Ele olhou para mim, perplexo e, pela primeira vez, em dúvida, como se tivesse tropeçado em alguma coisa sem estar preparado. Suas mãos finas e compridas envolviam as minhas, nós dois sustentando a rosa juntos. A magia estava cantando em mim, através de mim; senti o murmúrio do poder dele cantando a mesma canção. De repente, meu corpo estava quente demais e fiquei estranhamente constrangida. Puxei minhas mãos para longe.

Capítulo 7

Eu o evitei durante todo o dia seguinte, estupidamente, e percebi tarde demais que meu sucesso indicava que ele também tinha *me* evitado, já que nunca antes ele havia me deixado perder uma lição. Mas quis pensar no motivo. Tentei fingir que não significava nada, que nós dois simplesmente tínhamos desejado uma folga do meu treinamento laborioso. Mas passei a noite inquieta e desci para a biblioteca na manhã seguinte, nervosa e com os olhos vermelhos. Ele não me olhou quando entrei, apenas disse:

– Comece com *fulmkea,* na página quarenta e três. – Um feitiço totalmente diferente, e continuou com a cabeça inclinada sobre o próprio livro. Mergulhei feliz na segurança do meu trabalho.

Ficamos quatro dias quase em silêncio, e poderíamos ter ficado até um mês sem trocar mais do que algumas palavras por dia, suponho, cada um no seu canto. Mas, na manhã do quarto dia, uma carroça se aproximou da torre e, quando olhei pela janela, era Borys, mas não estava sozinho; carregava Wensa, a mãe de Kasia, e ela estava encolhida no pequeno trenó, o rosto redondo e pálido me observando sob o xale.

Eu não via ninguém de Dvernik desde a noite das fogueiras de sinalização. Danka tinha mandado o coração-de-fogo de volta para Olshanka, com uma escolta não muito feliz que fora reunida em cada vila do vale, enquanto a mensagem corria. Eles tinham vindo para derrubar a torre quatro dias depois de eu ter nos transportado de volta. Foi corajoso da parte deles, fazendeiros e artesãos encarando um terror pior do que qualquer um de nós jamais poderia imaginar; e eles estavam com o pé atrás, sem acreditar que o Dragão tinha sido curado.

O prefeito de Olshanka teve até a coragem de exigir que o Dragão mostrasse a ferida para o médico do povoado: ele obedeceu resmungando, enrolando a manga para exibir a fraca cicatriz branca, tudo que restou da ferida, e até disse para o homem tirar um pouco de sangue da ponta de seu dedo: ele fluiu vermelho e límpido. Mas eles também tinham levado o velho padre em sua vestimenta roxa pomposa para abençoá-lo, algo que o enfureceu infinitamente.

– A que diabos você está se prestando? – perguntou ele ao padre, que evidentemente era um conhecido. – Deixei você absolver uma dezena de almas corrompidas: alguma delas fez nascer a rosa roxa ou, de repente, anunciou que estava salva e expurgada? Que bem você imagina que faria ao me abençoar, se eu *estivesse* corrompido?

– Quer dizer então que você está bem – respondeu o padre de um jeito seco, e finalmente eles acreditaram. O prefeito entregou o coração-de-fogo com grande alívio.

Mas é claro que meu pai e meus irmãos não receberam permissão para ir até lá; nem qualquer pessoa da minha vila, que teria sofrido ao me ver queimando. E os homens que *tinham* ido me viram parada ao lado do Dragão e eu não consegui identificar o que havia no rosto deles. Eu tinha voltado a usar saias confortáveis e simples, mas, quando foram embora, eles me encararam, não com hostilidade, mas também não do jeito que teriam olhado para a filha de um lenhador de Dvernik. Era o mesmo jeito que eu tinha olhado para o príncipe Marek quando ele chegou. Eles me olhavam e viam alguém saído de uma história, alguém que poderia passar por perto e ser encarada, mas que não pertencia à vida deles de jeito nenhum. Eu me encolhi diante daqueles olhares. Fiquei feliz de voltar para dentro da torre.

Esse foi o dia em que levei o livro de Jaga para a biblioteca e exigi que o Dragão parasse de fingir que eu tinha mais dom para a cura do que para qualquer outro tipo de feitiço, e me deixasse aprender o tipo de magia que eu podia fazer. Eu não tinha tentado escrever uma carta, apesar de supor que o Dragão deixaria que eu a enviasse. O que eu diria? Eu tinha ido para casa, e tinha até mesmo a salvado, mas não era mais o meu lugar; eu não podia dançar na praça da vila entre os meus amigos, da mesma forma que

seis meses atrás eu não poderia ter entrado na biblioteca do Dragão e sentado à sua mesa.

Mas, quando vi o rosto de Wensa, mesmo da janela da biblioteca, não pensei em nada disso. Deixei minha magia parada no ar, incompleta, como ele sempre me ordenara a nunca fazer, e voei escada abaixo. Ele gritou atrás de mim, mas sua voz não me atingiu: porque Wensa não estaria aqui se Kasia pudesse ter vindo. Pulei os últimos degraus até o grande salão e, nas portas, parei só por um instante:

– *Irronar, irronar!* – gritei.

Era apenas um encantamento para desfazer nós de linha, e pronunciado sem qualquer esmero, mas joguei logo atrás uma magia que o potencializava, como se estivesse determinada a abrir caminho por um bosque cerrado com um machado, em vez de tentar encontrar um jeito de contorná-lo. As portas deram um pulo, sobressaltadas, e se abriram para mim.

Caí do outro lado com os joelhos subitamente fracos (como o Dragão adorava me dizer causticamente, havia um bom motivo para os feitiços mais poderosos também serem os mais complicados), mas logo me levantei cambaleando e peguei as mãos de Wensa quando ela as levantou para bater à porta. Seu rosto, visto de perto, estava marcado pelo choro; o cabelo estava caído nas costas, fios escapando da longa trança grossa, e sua roupa estava rasgada e manchada de sujeira: ela usava uma camisola com um avental por cima.

– Nieshka – disse ela, segurando minhas mãos com força, esmagando-as e enterrando as unhas na minha pele. – Nieshka, eu tinha que vir.

– Me conte.

– Eles a levaram hoje de manhã, quando ela foi buscar água. Três deles. Três andarilhos. – A voz dela falhou.

Uma primavera era considerada ruim até mesmo quando apenas um andarilho saía da Floresta e colhia pessoas dos bosques como frutas. Eu tinha os visto uma vez, bem lá no meio das árvores: como um enorme bicho-pau, a princípio impossível de ver por entre troncos e arbustos, suas articulações erradas e apavorantes, então quando ele se moveu, estremeci e

me afastei, apreensiva. Eles tinham braços e pernas parecidos com galhos, com dedos de caule compridos, e abriam caminho pelo bosque em locais próximos a trilhas e água, ou clareiras, e esperavam em silêncio. Se alguém chegasse ao alcance de um braço, não havia salvação, a menos que muitos homens com machados e tochas estivessem por perto. Quando eu tinha doze anos, eles pegaram um a quase um quilômetro de Zatochek, a minúscula vila que era a última do vale, a última antes da Floresta. O andarilho tinha capturado uma criança, um menininho, que levava água para sua mãe lavar roupas; ela o vira ser apanhado e gritara. Havia mulheres o bastante por perto para darem o alarme e atrapalharem o caminho do andarilho.

Por fim, elas o pararam com fogo, mas levaram um dia inteiro para cortá-lo em pedaços. O andarilho quebrou os braços e as pernas da criança nos pontos em que o segurou, e não soltou até que finalmente cortaram seu tronco e arrancaram seus membros. Mesmo assim, foram necessários três homens fortes para quebrar os dedos e soltá-los do corpo do menino, e ele tinha cicatrizes nos braços e nas pernas com padrões semelhantes aos da casca de um carvalho.

Aqueles que os andarilhos levavam para a Floresta tinham menos sorte. Não sabíamos o que acontecia com eles, mas eles às vezes voltavam corrompidos do pior jeito: sorrindo e alegres, sem ferimentos. Quase pareciam inalterados para as pessoas que não os conheciam bem, e era possível passar metade de um dia conversando com um deles e não se dar conta de que alguma coisa estava errada, até você perceber que havia pegado uma faca e cortado fora a própria mão, arrancado os próprios olhos, a própria língua, enquanto eles continuavam conversando, sorrindo, terríveis. Então eles tiravam a faca das suas mãos e entravam na sua casa, iam até seus filhos, enquanto você ficava lá fora, cego e sufocando e impotente, sem nem mesmo conseguir gritar. Se alguém que amávamos era capturado pelos andarilhos, só podíamos torcer por sua morte; era o melhor que poderia acontecer. Nunca sabíamos com certeza o que tinha acontecido, até que um deles voltava, provava que não estava morto e tinha que ser caçado.

– Não – falei. – Não a Kasia.

Wensa tinha abaixado a cabeça. Ela estava chorando nas minhas mãos, às quais ainda se agarrava com toda a força.

– Por favor, Nieshka. Por favor. – Sua voz era rouca, sem qualquer esperança. Ela nunca teria vindo pedir a ajuda do Dragão, eu tinha certeza; ela sabia que não devia fazer isso. Mas tinha vindo até mim.

Wensa não parava de chorar. Eu a levei para dentro, para o pequeno saguão de entrada, e o Dragão entrou impaciente no cômodo e lhe estendeu uma poção calmante, apesar de ela ter se encolhido para longe dele e escondido o rosto até que eu a desse a ela. Wensa relaxou quase no instante em que a bebeu, e seu rosto ficou mais tranquilo: ela me deixou levá-la escada acima até o meu quarto e ficou deitada em silêncio na cama, apesar de seus olhos estarem abertos.

O Dragão estava parado na porta, nos observando. Peguei o medalhão no pescoço de Wensa.

– Ela tem um cacho do cabelo de Kasia. – Eu sabia que ela o tinha cortado da cabeça de Kasia na noite anterior à escolha, achando que não teria nada para se lembrar da filha. – Se eu usar *loytalal*...

Ele balançou a cabeça.

– O que você imagina que vai encontrar além de um cadáver sorridente? A garota se foi. – Ele inclinou o queixo na direção de Wensa, cujos olhos tinham se fechado. – Ela vai ficar mais calma depois de dormir. Diga ao condutor para voltar de manhã para levá-la para casa.

Ele se virou e saiu, e a pior parte foi o jeito casual com que ele falou. Ele não tinha se irritado comigo nem me chamado de tola; não tinha dito que a vida de uma menina da vila não valia a chance de a Floresta me adicionar à lista de reféns. Ele não tinha me falado que eu era uma idiota, embriagada pelo sucesso em lançar poções e criar flores do nada, que de repente pensava ser capaz de salvar alguém que a Floresta levara.

A garota se foi. Ele até tinha parecido triste, do seu jeito brusco.

Sentei com Wensa, entorpecida e gelada, segurando no colo sua mão calejada vermelha e áspera. Estava ficando escuro lá fora. Se Kasia ainda estivesse viva, estaria na Floresta, vendo o sol se pôr, a luz morrendo através

das folhas. Quanto tempo levava para esvaziar alguém de dentro para fora? Pensei em Kasia nas mãos dos andarilhos, os dedos compridos envolvidos nos seus braços e pernas, sabendo o tempo todo o que estava acontecendo, o que ia acontecer com ela.

Deixei Wensa dormindo e desci para a biblioteca. O Dragão estava lá, olhando um dos grandes livros de registros em que fazia anotações. Fiquei parada na porta, encarando as costas dele.

– Sei que ela era importante para você – disse ele por sobre o ombro. – Mas não existe bondade na oferta de falsas esperanças.

Não falei nada. O livro de feitiços de Jaga estava aberto sobre a mesa, pequeno e desgastado. Só estudei feitiços de terra esta semana: *fulmkea, fulmedesh, fulmishta,* sólida e fixa, o mais distante possível que a magia podia ficar do ar e do fogo da ilusão. Peguei o livro e o coloquei no bolso sem que o Dragão visse, depois virei e subi a escada em silêncio.

Borys ainda estava lá fora, esperando, seu rosto longo e desolado: ele levantou o olhar dos cavalos cobertos quando saí da torre.

– Pode me levar até a Floresta? – perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça, e eu subi no trenó e me enrolei nas cobertas enquanto os cavalos eram preparados. Ele embarcou e falou com eles, sacudindo as rédeas, e o trenó pulou sobre a neve.

A lua estava alta naquela noite, cheia e linda, sua luz azul sobre a neve brilhante. Enquanto viajávamos, abri o livro de Jaga e encontrei um feitiço para acelerar os pés. Cantei o feitiço baixinho para os cavalos, suas orelhas virando para trás para me escutar, e o vento ao nosso redor ficou abafado e denso, pressionando meu rosto com força e borrando minha visão. O Veio, congelado, era uma estrada prateada pálida correndo ao lado, e uma sombra cresceu a leste diante de nós, cresceu e cresceu até que os cavalos, inquietos, diminuíram o ritmo e pararam sem uma palavra nem movimento das rédeas. O mundo parou de se mover. Estávamos diante de um pequeno grupo irregular de pinheiros. A Floresta estava diante de nós, do outro lado de um trecho de neve intocada.

Uma vez por ano, quando o solo derretia, o Dragão levava todos os homens solteiros com mais de quinze anos até a borda da Floresta. Ele queimava um pedaço de solo ao longo da fronteira, até que ficasse descoberto e preto, e os homens seguiam salpicando sal no chão para que nada pudesse crescer nem criar raízes. Em todas as nossas vilas era possível ver as nuvens de fumaça se erguendo. Nós as víamos subindo também do outro lado da Floresta, bem longe, em Rosya, e sabíamos que eles estavam fazendo a mesma coisa. Mas o fogo sempre morria quando alcançava a sombra das árvores negras.

Desci do trenó. Borys olhou para mim, seu rosto tenso e assustado, e disse:

– Vou esperar. – Mas eu sabia que ele não poderia fazer isso: Esperar por quanto tempo? Pelo quê? Esperar ali, na sombra da Floresta?

Pensei no meu pai, esperando Marta, se nossos lugares tivessem sido trocados. Balancei a cabeça. Se eu conseguisse trazer Kasia de volta, achei que poderia levá-la para a torre. Tive esperança de que o feitiço do Dragão nos permitisse entrar.

– Vá para casa – falei, depois perguntei a ele de súbito: – Marta está bem?

Ele fez que sim com a cabeça de leve.

– Ela está casada – respondeu ele, depois hesitou e disse: – Tem uma criança a caminho.

Eu me lembrava dela na escolha, cinco meses atrás: o vestido vermelho, as belas tranças pretas, o rosto fino, pálido e assustado. Não parecia possível que algum dia tivéssemos estado tão próximas uma da outra, mas estivemos: ela, Kasia e eu numa fileira. Ficou difícil e dolorido respirar, quando a imaginei sentada na própria casa, já uma jovem senhora, se preparando para dar à luz.

– Fico feliz – falei, com certo esforço, me recusando a deixar minha boca se encher de inveja. Não que eu quisesse um marido e um bebê; eu não queria, ou talvez só os quisesse do mesmo jeito que queria viver cem anos: um dia, distante, sem pensar nos detalhes. Mas isso era *vida,* ela estava

vivendo, e eu não. Mesmo que eu, de algum jeito, saísse viva da Floresta, nunca teria o que tinha. E Kasia... Kasia poderia já estar morta.

Mas eu não ia entrar na Floresta com pensamentos negativos. Respirei fundo e me obriguei a dizer:

– Desejo a ela um parto fácil e uma criança saudável. – Até consegui ser sincera, o parto já era assustador o suficiente, mesmo sendo um pânico mais familiar. – Obrigada – acrescentei e virei de costas para atravessar o solo estéril até a parede de troncos escuros. Ouvi o tinido dos arreios atrás de mim enquanto Borys virava os cavalos e saía trotando, mas o som estava abafado e logo desapareceu. Não olhei ao redor, dando um passo atrás do outro até parar embaixo dos primeiros galhos.

A neve ainda caía, macia e silenciosa. O medalhão de Wensa estava frio na minha mão quando eu o abri. Jaga tinha meia dúzia de feitiços de busca diferentes, fáceis e curtos; parecia que tinha o hábito de perder coisas.

– *Loytalal* – falei baixinho para o pequeno cacho enrolado do cabelo de Kasia: *bom para encontrar o todo a partir de uma parte*, dizia a anotação rabiscada no feitiço. Minha respiração formou uma pequena nuvem pálida e saiu flutuando de mim, abrindo caminho por entre as árvores. Dei um passo entre dois troncos e a segui para dentro da Floresta.

Eu esperava que fosse mais assustadora do que aquilo. Mas, no início, parecia apenas uma floresta muito, muito velha. As árvores eram grandes pilares num infinito corredor escuro, bem separadas umas das outras, as raízes retorcidas cobertas por musgo verde-escuro, com pequenas samambaias emplumadas que se enroscavam durante a noite. Cogumelos pálidos e altos cresciam em multidões como soldados de brinquedo. A neve não tinha chegado ao solo sob as árvores, nem mesmo agora, no auge do inverno. Uma camada fina de gelo se grudava às folhas e aos galhos estreitos. Ouvi uma coruja gritar em algum ponto distante enquanto abria caminho cuidadosamente por entre as árvores.

A lua ainda estava alta, a luz branca brilhante atravessava os galhos nus. Segui minha própria respiração fraca e me imaginei como um ratinho que se escondia das corujas: um ratinho caçando um pedaço de milho, uma noz

escondida. Quando eu entrava no bosque para colher frutas, muitas vezes sonhava acordada enquanto caminhava: eu me perdia no verde da sombra fresca, nas canções sobre pássaros e sapos, no gorgolejo de um riacho correndo sobre pedras. Tentei me perder do mesmo jeito agora, tentei ser apenas mais uma parte da floresta, nada em que valesse a pena prestar atenção.

Mas havia algo me observando. Senti mais e mais a cada passo, quanto mais fundo eu entrava na Floresta, um peso intenso sobre os ombros como uma barra de ferro. Eu tinha entrado esperando cadáveres pendurados em cada galho, lobos saindo das sombras para me atacar. Em pouco tempo, estava desejando lobos. Havia algo pior aqui. A coisa que me encarou através dos olhos de Jerzy estava aqui, algo *vivo,* e eu estava presa num quarto selado a vácuo com aquilo, pressionada num cantinho. Havia também uma canção nessa floresta, mas era uma canção selvagem, um sussurro de loucura e choro e raiva. Segui rastejando, meus ombros encolhidos, tentando passar despercebida.

Caí cambaleando num riacho pequeno que mal chegava a ser um córrego, densamente congelado nas duas margens e com água preta correndo entre elas, e a luz da lua atravessava o intervalo entre as árvores. E lá estava, do outro lado, um andarilho, a cabeça de pau estreita e estranha inclinada para beber água, a boca era como uma fenda em seu rosto. Ele levantou a cabeça e olhou diretamente para mim, pingando. Seus olhos eram nós na madeira, buracos redondos e escuros parecidos com nichos onde alguns animais pequenos poderiam viver. Havia um retalho de tecido de lã verde pendurado em uma de suas pernas, preso num graveto que saía de uma articulação.

Nós nos encaramos, um de cada lado do filete estreito do rio que corria.

– *Fulmedesh* – falei, a voz trêmula, e uma rachadura se abriu no solo embaixo do andarilho e engoliu suas pernas traseiras. Ele cambaleou, os outros membros compridos de madeira se debatendo em silêncio, espirrando água, mas a terra tinha se fechado na metade de seu corpo, e ele não conseguia sair dali.

Mas eu me encolhi e engoli um grito de dor. Parecia que alguém tinha me atingido com uma vara nos ombros: a Floresta tinha sentido a minha magia. Eu tinha certeza disso. Agora ela estava me procurando. Estava me procurando e logo ia me encontrar. Tive que me esforçar muito para me mexer. Saltei por sobre o riacho e corri atrás do meu fraco feitiço enevoado, que ainda flutuava na minha frente. O andarilho tentou me pegar com os longos dedos de madeira enquanto eu o contornava, mas passei correndo. Saí num círculo de troncos mais largos e me vi numa clareira ao redor de uma árvore menor, o solo repleto de neve.

Atravessada na clareira havia uma árvore caída, gigante, seu tronco era mais alto do que eu. Sua queda tinha aberto a clareira e, no meio dela, uma nova árvore tinha brotado para tomar seu lugar. Mas não o mesmo tipo de árvore. Todas as outras árvores que eu vira na Floresta eram de tipos conhecidos, apesar da casca manchada e dos ângulos artificialmente retorcidos de seus galhos: carvalhos, bétulas pretas e pinheiros altos. Mas essa era uma árvore que eu nunca vira.

Ela já era larga o suficiente para que eu não conseguisse envolvê-la com meus braços, apesar de a árvore gigante não estar caída há muito tempo. A casca era cinza e lisa sobre o tronco estranhamente nodoso, com galhos compridos que saíam de círculos regulares ao redor dela, começando lá no alto do tronco como um lariço. O inverno não havia deixado seus galhos nus; eles carregavam uma multidão de folhas prateadas ressecadas que farfalhavam ao vento, um ruído que parecia vir de outro lugar, como se houvesse pessoas muito perto dali, invisíveis, falando baixinho juntas.

O rastro da minha respiração tinha se dissolvido no ar. Olhando para a neve profunda no chão, dava para ver as marcas que as pernas dos andarilhos deixaram e as linhas que suas barrigas desenharam, todas indo em direção à árvore. Encarando a neve, dei um passo cuidadoso em direção à árvore, depois outro, e parei. Kasia estava amarrada ali. Suas costas contra o tronco e seus braços amarrados para trás.

Eu não a vira antes porque a casca já tinha crescido sobre ela.

Seu rosto estava levemente virado para cima e, por baixo da casca que a cobria, dava para ver que sua boca esteve aberta num grito enquanto a

árvore a aprisionou. Sufoquei um grito, impotente, e cambaleei com as mãos estendidas para tocar nela. A casca já estava dura sob meus dedos, a pele cinza lisa e rígida, como se ela tivesse sido totalmente engolida para dentro do tronco, transformada numa parte da árvore, da Floresta.

Não consegui puxar a casca, apesar de tentar freneticamente arranhá-la e arrancá-la. Mas consegui pelo menos puxar um pedacinho fino que cobria o rosto de Kasia, e embaixo encontrei sua pele; ainda quente, ainda viva. Mas, mesmo enquanto eu a tocava com a ponta do dedo, a casca se esgueirava rapidamente, e eu tive que afastar a mão para não ser pega. Cobri a boca com as mãos, ainda mais desesperada. Eu ainda sabia tão pouco: nenhum feitiço me vinha à mente, nada que pudesse tirar Kasia dali, nada que pusesse um machado na minha mão, uma faca, mesmo que houvesse tempo para entalhar o tronco e libertá-la.

A Floresta sabia que eu estava aqui: agora mesmo suas criaturas se moviam na minha direção, pés macios furtivos pelo bosque, andarilhos, lobos e coisas ainda piores. De repente, tive certeza de que havia coisas que nunca saíam da Floresta, coisas tão pavorosas que ninguém as tinha visto. E elas estavam vindo.

Com pés descalços no solo, diga fulmia *dez vezes com convicção, vai abalar a terra até suas raízes, se você tiver força,* me dissera o livro de Jaga, e o Dragão acreditara o suficiente nisso para não me deixar experimentar o feitiço em nenhum lugar perto da torre. De qualquer maneira, eu estava insegura em relação à *convicção:* eu não acreditava que deveria abalar a terra até suas raízes. Mas agora me jogava no chão e escavava a neve e as folhas caídas, e a podridão e o musgo começavam a bater na terra, várias vezes seguidas, partindo o solo e respirando nele para torná-lo mais macio, amassando a neve que derretia ao redor das minhas mãos, juntando as lágrimas quentes que escorriam dos meus olhos enquanto eu trabalhava. Kasia estava acima de mim, a cabeça virada para o alto, a boca aberta em seu grito silencioso, como uma estátua numa igreja.

– *Fulmia* – falei, com os dedos afundados no solo, esmagando montes de terra entre os dedos. – *Fulmia, fulmia* – entoei várias vezes, sangrando por causa das unhas quebradas, e senti a terra me ouvir, relutante. Até a terra

aqui era maculada, envenenada, mas eu cuspia no solo e gritava: – *Fulmia!* – E imaginava minha magia infiltrando a terra como água, encontrando rachaduras e fraquezas, se espalhando por sob as minhas mãos, sob meus joelhos molhados e gelados: e a terra estremeceu e se revolveu. Um leve tremor começou onde minhas mãos estavam mergulhadas no solo e me seguiu quando comecei a penetrar nas raízes da árvore. A terra congelada começou a se partir em pequenos pedaços ao redor delas, os tremores seguindo como ondas.

Os galhos acima de mim estavam balançando violentamente como se estivessem com medo, o sussurro das folhas se tornando um rugido emudecido. Eu me ergui sobre os joelhos.

– Solte-a! – gritei para a árvore: bati no tronco com os punhos enlameados. – Solte-a, senão eu derrubo você! *Fulmia!* – gritei com raiva e caí de novo no chão, e onde meus punhos socaram, ele se ergueu e inchou como um rio subindo com a chuva. A magia estava fluindo de mim como uma corrente, todos os alertas que o Dragão já me dera esquecidos e ignorados. Eu teria gastado todas as gotas de mim mesma e morrido ali, só para derrubar aquela árvore horrível: eu não podia imaginar um mundo onde eu vivia, onde eu deixava isso para trás, a vida e o coração de Kasia alimentando essa coisa monstruosa e corrompida. Eu preferia morrer, esmagada pelo meu próprio terremoto, e levá-la comigo. Rasguei o solo preparada para abrir um poço que pudesse engolir tudo.

E então, com um som parecido com o de gelo quebrando na primavera, a casca rachou e se abriu, subindo e descendo pela extensão do corpo de Kasia. Levantei imediatamente do chão e enfiei os dedos na rachadura, abrindo as laterais e enfiando a mão lá dentro para pegá-la. Segurei seu punho, seu braço pesado e fraco, e a puxei. Ela saiu da abertura sombria terrível como uma boneca de pano com o corpo dobrado, e eu recuei arrastando seu peso morto para a neve, com as duas mãos ao redor do seu punho. Sua pele estava pálida como a de um peixe, doentia, como se todo o sol tivesse sido sugado dela. A seiva com cheiro de chuva de primavera escorria pelo corpo de Kasia em filetes verdes estreitos, e ela não se mexia.

Caí de joelhos ao seu lado.

– Kasia – falei, soluçando. – Kasia. – A casca já tinha se fechado como uma cicatriz ao redor do buraco onde ela estivera. Coloquei as mãos de Kasia junto às minhas, sujas e molhadas, e as levei ao meu rosto, aos meus lábios. Estavam frias, mas não tanto quanto as minhas: havia um traço de vida ali. Eu me abaixei e a coloquei sobre os ombros.

Capítulo 8

Saí cambaleando da Floresta ao amanhecer, com Kasia pendurada nos ombros como um punhado de lenha. A Floresta tinha recuado para longe de mim enquanto eu passava, como se temesse que eu usasse o feitiço de novo. *Fulmia* ecoava na minha cabeça tal qual um sino, soando a cada passo que eu dava, o peso de Kasia sobre o meu, a terra ainda cobrindo minhas mãos que seguravam os braços e as pernas pálidas dela. Finalmente, saí com dificuldade do meio das árvores para a neve profunda da fronteira e caí. Eu me arrastei de baixo do corpo de Kasia e a empurrei para o lado. Seus olhos ainda estavam fechados. O cabelo estava emaranhado e grudento ao redor do rosto, onde a seiva o tinha molhado. Levantei sua cabeça até meu ombro, fechei os olhos e falei o feitiço.

O Dragão estava nos esperando no salão da torre alta. Seu rosto estava rígido e sombrio como sempre. Ele segurou meu queixo e ergueu minha cabeça. Eu o encarei, exausta e vazia, enquanto ele analisava o meu rosto e vasculhava os meus olhos. Ele estava segurando um frasco de tônico; depois de me examinar por muito tempo, ele tirou a rolha e o empurrou para mim.

– Beba – disse ele. – Tudo.

Ele caminhou até onde Kasia estava esparramada no chão, ainda imóvel, colocou as mãos sobre ela e olhou furioso para mim quando tentei protestar e me aproximar.

– *Agora* – insistiu ele –, a menos que você queira me obrigar a incinerá-la imediatamente para poder lidar com você. – Ele esperou até que eu começasse a beber, depois murmurou um feitiço rápido, salpicando um pó esmagado sobre o corpo de Kasia; uma rede de brilho âmbar-dourado se espalhou sobre ela, como uma gaiola, e o Dragão se virou para me ver bebendo.

A primeira prova foi inexpressivamente gostosa: como um gole de mel quente com limão descendo pela garganta inflamada. Mas, conforme continuava bebendo, meu estômago começou a revirar com o excesso de doçura. Tive que parar na metade.

– Não consigo – falei, engasgando.

– Tudo. E depois mais um, se eu achar necessário. *Beba.*

Então forcei mais um gole, e outro, depois outro, até esgotar o frasco. Em seguida, ele me pegou pelos punhos e disse:

– *Ulozishtus sovjenta, megiot kozhor, ulozishtus megiot.*

Gritei: parecia que ele tinha me incendiado por dentro. Eu podia ver uma luz brilhando através da minha pele, transformando meu corpo numa lanterna flamejante, e quando levantei as mãos, vi, para meu pavor, sombras fracas se movendo sob a superfície. Esquecendo a dor febril, segurei o vestido e o arranquei pela cabeça. Ele se ajoelhou no chão comigo. Eu estava brilhando como o sol, as sombras finas se movendo por mim como peixes nadando sob o gelo no inverno.

– Tire elas daqui – falei. Agora que eu as via, de repente também as sentia, deixando um rastro dentro de mim, como cal. Eu tinha pensado, estupidamente, que estava segura porque não tinha sido arranhada, nem cortada, nem mordida. Achei que ele só estava se precavendo. Agora entendi: eu tinha respirado a corrupção no ar, sob os galhos da Floresta, e não havia percebido a sensação rastejante porque as sombras tinham entrado sorrateiramente, pequenas e sutis. – Tire-as daqui...

– Estou tentando – rosnou ele, me segurando pelos punhos.

Ele fechou os olhos e começou a falar de novo, um cântico lento e comprido que seguia sem parar, alimentando o fogo. Fixei o olhar na janela, na luz do sol que entrava, e tentei respirar enquanto ardia. Lágrimas escorriam pelo meu rosto em filetes, queimando as bochechas. O aperto do Dragão no meu braço parecia gélido, em comparação.

As sombras sob a minha pele estavam diminuindo, suas bordas queimando na luz, areia desaparecendo na água. Elas disparavam para todo lado, tentando encontrar locais para se esconder, mas ele não deixou a luz diminuir em lugar nenhum. Eu via meus ossos e meus órgãos como formas

cintilantes dentro de mim, e um deles era meu coração batendo no peito. Ele ficava mais lento, cada batida mais pesada. Entendi que a questão era se o Dragão ia conseguir queimar a corrupção e tirá-la de mim antes que meu corpo sucumbisse. Eu me dobrei sobre as mãos dele. O Dragão me sacudiu de repente, e eu abri os olhos e o vi me encarando com raiva: ele não interrompeu o fluxo do feitiço nem por um instante, mas não precisou dizer nem uma palavra: *Não ouse desperdiçar meu tempo, sua idiota,* disseram seus olhos furiosos, e eu mordi o lábio e aguentei mais um pouco.

Os últimos peixes-sombras estavam cansando e virando linhas retorcidas, depois desapareceram, tão finos que não podiam ser vistos. Ele diminuiu o ritmo do cântico e fez uma pausa. O fogo baixou um pouco, um pequeno alívio. Cheio de amargura, ele exigiu:

– Basta?

Abri a boca para dizer *sim*, para dizer *por favor.*

– Não – sussurrei, terrivelmente apavorada, agora. Eu ainda sentia o rastro fraco e explosivo das sombras dentro de mim. Se parássemos agora, elas poderiam entrar mais fundo, se escondendo nas minhas veias e na minha barriga. Elas criariam raízes e cresceriam constantemente, até estrangularem todo o resto de mim.

Ele fez que sim com a cabeça. Estendeu a mão, murmurou uma palavra, e outro frasco apareceu. Estremeci; ele teve que me ajudar a entornar um gole. Quando o líquido desceu pela garganta, ele recomeçou o cântico. O fogo subiu de novo em mim, infinito, cegante, incandescente.

Depois de mais três goles, cada um deles levando o fogo ao máximo, eu quase tive certeza. Eu me obriguei a mais um para garantir, e então, finalmente, quase soluçando, falei:

– Basta. Já basta. – Mas aí ele me pegou de surpresa e me obrigou a tomar mais um gole. Quando balbuciei, ele colocou a mão sobre a minha boca e o meu nariz e usou um cântico diferente, que não queimava, mas fechava os meus pulmões. Durante cinco terríveis batimentos cardíacos, eu não conseguia respirar de jeito nenhum, arranhando-o e me afogando ao ar livre: foi pior do que todo o resto. Eu o encarava, vendo seus olhos escuros fixos em mim, implacáveis, vasculhando. Eles começaram a engolir o

mundo todo; minha visão estava se fechando, minhas mãos estavam ficando fracas; então, por fim, ele parou, e meus pulmões desesperados se abriram como um fole, engolindo o ar com pressa. Gritei, um berro furioso, sem palavras, e o empurrei para longe de mim, e ele caiu para trás, cambaleando.

O Dragão se contorceu, conseguindo impedir que o frasco derramasse, e nós dois nos encaramos furiosos, com a mesma raiva.

– De todas as coisas estúpidas que já vi você fazer... – rosnou ele para mim.

– Você podia ter me avisado! – gritei, os braços envolvidos no meu corpo, ainda tremendo de pavor. – Eu aguentei todo o resto, poderia ter aguentado isso também...

– Não se você estivesse corrompida – disse ele, me interrompendo. – Se você tivesse sido profundamente corrompida, teria tentado evitar, se eu tivesse contado.

– E então você ficaria sabendo do mesmo jeito! – respondi. Ele apertou os lábios em uma linha fina e desviou o olhar de mim com uma inflexibilidade esquisita.

– Sim, eu ficaria sabendo.

E aí... ele teria que me matar. Talvez ele tivesse que me matar enquanto eu implorava; enquanto eu implorava e fingia estar (talvez até para mim mesma, como fiz antes) imaculada. Fiquei em silêncio, recuperando o fôlego em doses lentas, calculadas e profundas.

– E eu estou... estou livre? – perguntei finalmente, temendo a resposta.

– Está. Nenhuma corrupção teria se escondido daquele último feitiço. Se tivéssemos feito ele antes, você teria morrido. As sombras teriam que roubar o ar do seu sangue para sobreviver.

Caí, fraca, e cobri o rosto. Ele se levantou e tampou o frasco. Murmurou "*Vanastalem*" movendo as mãos e se aproximou de mim: empurrou uma capa bem dobrada, de veludo pesado costurado com seda, de um verde profundo com bordados dourados. Olhei para a capa sem interesse, e só quando ele desviou o olhar com uma expressão rígida e irritada foi que percebi que as

últimas brasas reluzentes estavam morrendo sob a minha pele e eu ainda estava nua.

Cambaleei para me levantar, segurando a capa contra o corpo, alheia.

– Kasia – falei com pressa e me virei na direção dela, deitada sob a gaiola.

Ele não disse nada. Olhei para ele desesperada.

– Vá se vestir – disse ele finalmente. – Não tem urgência.

Ele tinha cuidado de mim no instante em que entrei na torre, não deixou nem um segundo se passar.

– Deve haver um jeito – falei. – Tem que haver um jeito. Eles tinham acabado de levá-la... ela não podia estar na árvore há muito tempo.

– O quê? – indagou ele, de um jeito severo. Suas sobrancelhas se uniram enquanto eu contava o terror da clareira, da árvore. Tentei falar para ele sobre o terrível peso da Floresta, me observando; a sensação de ser caçada. Confundi tudo: palavras não pareciam suficientes. O rosto dele ficou cada mais sombrio, até que terminei contando sobre a última corrida cambaleante até a neve limpa.

– Você foi inexplicavelmente sortuda – disse ele por fim. – E inexplicavelmente maluca, embora, no seu caso, as duas coisas parecem ser iguais. Ninguém jamais entrou na Floresta tão fundo quanto você e saiu inteira: não desde... – Ele parou e, sem que dissesse o nome, eu soube, de alguma forma, que era Jaga quem tinha entrado na Floresta e saído. Ele percebeu minha descoberta e me olhou de forma fria. – E, na época, ela tinha cem anos e era tão impregnada de magia que agáricos negros surgiam por onde ela pisava. E ela nem era burra o suficiente para iniciar uma magia elaborada no meio daquele lugar, mas tenho certeza que, neste caso, foi a única coisa que salvou você. – Ele balançou a cabeça. – Eu devia ter acorrentado você à parede assim que a camponesa apareceu aqui para chorar no seu ombro, suponho.

– Wensa – falei, minha mente exausta e alheia se agarrando a alguma coisa. – Tenho que contar a Wensa. – Olhei para o corredor, mas ele me interrompeu.

– Contar *o que* a ela?

– Que Kasia está viva. Que ela saiu da Floresta...

– E que ela certamente vai ter que morrer? – concluiu ele com brutalidade.

Instintivamente, recuei na direção de Kasia, me colocando entre os dois, levantando as mãos; seria inútil se ele quisesse mesmo vir para cima de mim, mas ele balançou a cabeça.

– Pare de bufar para mim como um cavalo – disse ele, mais preocupado do que irritado; o tom fez meu peito se apertar, aterrorizado. – A última coisa que precisamos é de mais demonstrações de que você vai fazer todo tipo de tolice para salvá-la. Você pode mantê-la viva enquanto conseguirmos deixá-la imobilizada. Mas, no fim, vai entender que será um ato de compaixão.

Eu realmente contei a Wensa, quando ela acordou um pouco mais tarde naquela manhã. Ela segurou as minhas mãos, os olhos distantes.

– Me deixe ver Kasia – exigiu ela, mas o Dragão tinha proibido terminantemente.

– Não – disse ele. – Você pode se atormentar, se quiser; esse é o máximo que eu vou permitir. Não faça promessas falsas àquela mulher e não deixe ela se aproximar nem um pouco. Se você aceitar meu conselho, vai dizer a ela que a menina morreu e deixá-la seguir com a própria vida.

Mas eu me preparei e contei a verdade. Achei que seria melhor ela saber que Kasia estava fora da Floresta, que haveria um fim para seu tormento, mesmo que não houvesse cura. Eu não tinha certeza se estava certa. Wensa lamentou, chorou e me implorou; se eu pudesse, teria desobedecido e a levado até a filha. Mas o Dragão não confiava em mim no que dizia respeito a Kasia, ele já a tinha levado e colocado numa cela em algum dos andares mais baixos da torre. Ele me dissera que não me mostraria o caminho até que eu aprendesse um feitiço de proteção, algo para me defender da corrupção da Floresta.

Tive que dizer a Wensa que eu não podia levá-la até Kasia; tive que jurar pela minha alma, várias vezes, antes de ela acreditar em mim.

– Eu não sei onde ele a colocou – gritei por fim. – *Não sei!*

Ela parou de implorar e me encarou, ofegante, as mãos segurando meus braços. Depois, disse:

– Cruel, invejosa... Você sempre a odiou, sempre. Você queria que ela fosse levada! Você e Galinda, vocês sabiam que ele ia levá-la, vocês sabiam e estavam felizes com isso, e agora você a odeia porque ele escolheu você em vez dela...

Ela estava me sacudindo e, por um instante, não consegui impedi-la. Era horrível demais ouvi-la dizer essas coisas para mim, como veneno se espalhando onde eu procurava água limpa. Eu estava desesperadamente cansada, enjoada por causa do expurgo, e havia gastado todas as minhas forças tirando Kasia da Floresta. Por fim, dei um puxão forte e me soltei, escapei correndo do quarto, incapaz de aguentar aquilo, e fiquei parada no corredor apoiada na parede, chorando compulsivamente, esgotada até para secar o rosto. Wensa saiu se arrastando atrás de mim depois de um instante, chorando.

– Me perdoe – disse ela. – Nieshka, me perdoe. Eu não quis dizer aquilo. Não mesmo.

Eu sabia que ela não queria dizer aquilo, mas também era verdade, de um jeito distorcido. Isso trazia à tona minha culpa secreta, meu clamor: *Por que você não capturou Kasia em vez de mim?* Nós *tínhamos* estado felizes todos aqueles anos, minha mãe e eu, pensando que eu não seria capturada e *tínhamos* ficado arrasadas depois, apesar de eu nunca ter odiado Kasia por isso.

Não fiquei triste quando o Dragão mandou Wensa para casa. Nem argumentei muito quando ele se recusou a tentar me ensinar o feitiço de proteção naquele mesmo dia.

– Tente não ser mais tola do que você aguenta – repreendeu ele. – Você precisa descansar e, se não precisa, eu certamente preciso, antes de encarar o processo indubitavelmente torturante de enfiar as proteções necessárias na sua cabeça. Não precisamos nos apressar. Nada vai mudar.

– Mas, se Kasia estiver infestada como eu estava – comecei e parei: ele estava balançando a cabeça.

– Algumas sombras entraram por entre seus dentes; expurgar você imediatamente impediu que elas se agarrassem a você. O que houve com Kasia não se parece nada com aquilo, nem mesmo com uma infestação indireta, como aquele criador de gado que você transformou em pedra sem um bom motivo. Você entende que a árvore que viu é uma das árvores-coração da Floresta? Onde elas criam raízes, suas fronteiras se expandem, os andarilhos se alimentam de suas frutas. Ela esteve sob um domínio tão profundo da Floresta quanto qualquer pessoa pode estar. Vá dormir. Algumas horas não vão fazer diferença para ela e podem impedir que você cometa alguma nova tolice.

Eu *estava* cansada demais e sabia disso, mesmo que de forma relutante, apesar de sentir os argumentos revirando no meu estômago. Eu deixei a briga de lado para mais tarde. Mas, se eu desse ouvidos a ele e a sua cautela desde o início, Kasia ainda estaria lá dentro da árvore-coração, sendo devorada e apodrecendo; se eu engolisse tudo que ele me falava sobre magia, ainda estaria entoando truques até a exaustão. Ele mesmo tinha me falado que ninguém jamais saíra de uma árvore-coração, que ninguém jamais saíra da Floresta... Mas Jaga o fizera, e agora eu também. Ele poderia estar enganado; ele estava enganado em relação a Kasia. Ele *estava.*

Acordei antes do amanhecer. No livro de Jaga, encontrei um feitiço *para identificar o cheiro de podre;* um cântico simples, *Aish aish aishimad*, e o produzi na cozinha, escolhendo um local onde crescia mofo na parte de trás de um barril, um ponto de cimento podre nas paredes, com maçãs amassadas e um repolho estragado que tinha rolado para baixo de uma estante de garrafas de vinho. Quando a luz do sol finalmente iluminou a escada, subi até a biblioteca e comecei a tirar os livros das estantes com violência, fazendo barulho até que ele aparecesse, olhos cansados e irritado. Ele não me repreendeu; apenas franziu a testa e virou as costas sem dizer uma palavra. Eu preferiria que ele gritasse.

Mas ele pegou uma pequena chave de ouro e destrancou um armário de madeira preta do outro lado da sala. Espiei dentro dele: uma prateleira estava cheia de finas placas de vidro, com pedaços de pergaminho pressionados entre elas. Ele pegou uma e trouxe para fora.

– Preservei isso mais como uma curiosidade, mas parece que vai servir melhor a você.

Ele colocou o pergaminho sobre a mesa, ainda no vidro: uma única página com uma caligrafia desordenada esparramada, muitas letras com formato estranho, ilustrações esboçadas de agulhas de pinheiro, a fumaça entrando pelas narinas de um rosto. Havia uma dezena de variações diferentes listadas: *suoltal videl, suoljata akorata, videlaren, akordel, estepum,* além de outras.

– Qual deles devo usar?

– Como assim? – perguntou ele e ficou indignado quando falei que eram encantamentos separados, e não um longo cântico, porque parecia que ele não tinha percebido isso antes. – Não tenho a menor ideia – respondeu ele de maneira resumida. – Escolha um e experimente.

Não consegui deixar de me sentir secretamente feliz, era mais uma prova de que o conhecimento dele era limitado. Fui até o laboratório para pegar agulhas de pinheiro e fiz uma pequena fogueira com elas numa tigela de vidro sobre a mesa da biblioteca; depois, ansiosa, abaixei a cabeça sobre o pergaminho e experimentei.

– *Suoltal* – falei, sentindo a forma na minha boca... mas havia alguma coisa errada, alguma coisa se esgueirando.

– *Valloditazh aloito, kes vallofozh* – disse ele, um som amargo e duro que se curvou dentro de mim como um anzol. Ele fez um movimento rápido com o dedo e minhas mãos se ergueram da mesa e bateram palmas três vezes. Não era como se eu não tivesse controle, como na guinada involuntária quando escapamos de um sonho em que estamos caindo. Eu sentia a deliberação por trás do movimento, os fios de marionete presos na minha pele. Alguém tinha mexido meus braços, e não era eu. Quase procurei um feitiço para jogar no Dragão, mas aí ele dobrou o dedo de novo, o anzol se soltou e o fio saiu de mim.

Eu estava em pé, já na metade do caminho até ele, ofegante, antes de conseguir me segurar. Olhei furiosa, mas ele não pediu desculpas.

– Quando a Floresta fizer isso – disse ele –, você não vai sentir o anzol. Tente de novo.

Levei uma hora para fazer um encantamento. Nenhum deles saía direito, não do jeito como estavam no papel. Eu tinha que experimentar todos na minha língua, girando-os para cá e para lá, antes de finalmente perceber que algumas letras não tinham que soar do jeito que eu achava que deviam. Tentei alterá-las até tropeçar numa sílaba que parecia correta na minha boca; depois outra, e outra, até juntar tudo. Ele me fez ensaiar várias vezes, durante muitas horas. Eu inspirava a fumaça de pinheiro e expirava as palavras, e ele entrava na minha mente com uma desagradável guinada de feitiço e mais outra.

Ao meio-dia, ele finalmente me deixou descansar. Caí largada numa poltrona, espetada como um ouriço, exausta; as barreiras tinham se mantido, mas eu sentia como se tivesse sido atingida várias vezes por varas afiadas. Olhei para o velho pergaminho, tão cuidadosamente protegido, com as letras de formato estranho; eu me perguntei quantos anos ele tinha.

– É muito antigo – disse ele. – Mais velho que Polnya; pode até ser mais antigo que a Floresta.

Eu o encarei; antes disso, não tinha me ocorrido que a Floresta não tinha estado sempre ali, não tinha sido sempre o que era.

Ele deu de ombros.

– Pelo que sabemos, está. Ela certamente é mais antiga que Polnya e Rosya; estava lá antes de este vale ser ocupado por um dos lados. – Ele deu um tapinha no pergaminho dentro do vidro. – Essas foram as primeiras pessoas que viveram nesta parte do mundo, até onde sabemos, alguns milhares de anos atrás. Os reis magos trouxeram o idioma do oeste mágico com eles, das terras estéreis da parte mais distante de Rosya, quando povoaram este vale. E aí a Floresta se derramou sobre eles, destruiu suas fortalezas e deixou seus campos desertos. Sobrou pouca coisa do trabalho deles.

– Mas, se a Floresta não estava aqui quando eles povoaram o vale, de onde ela veio?

O Dragão deu de ombros.

– Se você for à capital, vai encontrar inúmeros trovadores que vão adorar cantar para você sobre o surgimento da Floresta. É um assunto

popular entre eles, pelo menos quando têm um público leigo, isso lhes oferece um enorme escopo criativo. Suponho que haja uma chance de um deles ter acertado a história verdadeira. Acenda o fogo e vamos começar de novo.

Só bem tarde naquela noite, quando a luz estava ficando fraca, é que fiquei satisfeita com meu feitiço. Ele tentou me mandar para a cama, mas eu não quis. As palavras de Wensa ainda remoíam e arranhavam no fundo da minha mente, e me ocorreu que talvez ele quisesse que eu ficasse exausta a ponto de me deixar parada mais um dia. Eu queria ver Kasia com meus próprios olhos; queria saber o que eu estava enfrentando, essa corrupção cujo jeito de combater eu tinha que encontrar.

– Não – falei. – Não. Você disse que eu poderia vê-la quando conseguisse me proteger.

Ele jogou as mãos para o alto.

– Está bem. Me siga.

Ele me levou escada abaixo até o porão, passando pela cozinha. Eu me lembrei de ter procurado desesperadamente em todas essas paredes, quando achei que ele estava drenando a minha vida; eu tinha passado as mãos em todas as paredes, enfiado o dedo em todas as rachaduras e empurrado todos os tijolos surrados, tentando encontrar uma saída. Mas ele me conduziu até uma parte polida e lisa da parede, uma placa inteiriça de pedra branca pálida sem nenhum cimento. Ele encostou levemente nela com os dedos de uma das mãos e os encolheu como uma aranha; senti a energia de sua magia trabalhando. A placa recuou para dentro da parede, revelando uma escada feita com a mesma pedra pálida, brilhando fraca, que se inclinava de um jeito íngreme para baixo.

Eu o segui, descendo pela passagem. Era diferente do resto da torre, mais velha e mais esquisita. Os degraus tinham bordas laterais irregulares, mas no meio eram gastos até ficarem lisos, e letras tinham sido entalhadas numa fileira ao longo da base de ambas as paredes, num alfabeto que não era nosso nem de Rosya: a caligrafia era muito parecida com as letras do pergaminho que tinha o feitiço de proteção. Parecia que tínhamos descido

durante muito tempo, e eu estava cada vez mais consciente do peso da pedra ao nosso redor, do silêncio. Parecia uma tumba.

– *É* uma tumba – disse ele. Tínhamos chegado ao pé da escada, a uma pequena sala redonda. O ar parecia mais denso. A escrita saía de uma das paredes da escada e continuava ao redor numa linha ininterrupta que circulava até o outro lado, subia pela parede numa curva alta que formava um arco, depois voltava e subia pelo outro lado da escada. Havia um pequeno canteiro de pedra mais clara dentro do arco, voltado para baixo, como se o resto da parede tivesse sido construído e depois fechado. Parecia ter o tamanho ideal para que um homem rastejasse por ele.

– Tem... tem alguém enterrado aqui? – perguntei, tímida. Minha voz saiu sussurrada.

– Tem. Mas nem mesmo reis fazem objeção a dividir o espaço depois que morrem. Agora, me escute – disse ele, virando-se para mim. – Não vou lhe ensinar o feitiço para atravessar a parede. Quando você quiser vê-la, eu mesmo a levarei. Se você tentar encostar nela, se deixá-la chegar ao alcance de um braço, eu tiro você de lá imediatamente. Agora, entoe suas proteções, já que você insiste em fazer isso.

Acendi o pequeno punhado de agulhas de pinheiro no chão e entoei o cântico, empurrando o rosto na fumaça, depois coloquei minha mão na dele e o deixei me levar através da parede.

Ele me fez temer o pior: Kasia tão atormentada quanto Jerzy, a boca espumando, rasgando a própria pele; Kasia cheia daquelas sombras corrompidas que se esgueiravam e devoravam tudo dentro dela. Eu estava preparada para tudo; de verdade. Mas, quando ele me levou através da parede, ela estava apenas sentada, encolhida e pequena na ponta de um catre estreito, com os braços em volta dos joelhos. Ela havia comido e bebido de um prato e um copo de água no chão; tinha lavado o rosto, e o cabelo estava preso numa trança graciosa. Parecia cansada e assustada, mas ainda era ela mesma. Ela se esforçou para se levantar e veio na minha direção, com as mãos estendidas.

– Nieshka... Nieshka, você me encontrou.

– Não se aproxime mais – disse o Dragão, sem rodeios, e acrescentou: – *Valur polzhys.*

Subitamente, uma linha de chamas subiu no chão entre nós: eu estivera indo na direção dela sem perceber.

Deixei minhas mãos caírem na lateral do corpo e as fechei em punhos. Kasia também recuou, ficou atrás do fogo; ela fez que sim com a cabeça para o Dragão, obediente. Fiquei parada encarando-a, impotente, cheia de uma esperança involuntária.

– Você está... – falei, e minha voz ficou presa na garganta.

– Não sei – respondeu Kasia, a voz trêmula. – Eu não... me lembro. Não lembro de nada depois que eles me levaram para a Floresta. Eles me levaram para a Floresta e eles... eles... – Ela parou, com a boca entreaberta. Havia pavor em seus olhos, o mesmo pavor que eu sentira quando a encontrei enterrada sob a casca da árvore.

Tive que me segurar para não estender a mão até ela. Eu estava na Floresta de novo, vendo seu rosto sufocado, cego, as mãos em súplica.

– Não fale disso – pedi, estúpida e arrasada. Senti muita raiva do Dragão por ter me impedido de vê-la por tanto tempo. Na minha cabeça, os planos já estavam feitos: eu usaria o feitiço de Jaga para descobrir onde a corrupção havia se enraizado nela; depois, pediria ao Dragão para me mostrar os feitiços de expurgo que usou em mim. Eu procuraria nos livros de Jaga e encontraria outros feitiços parecidos, e tiraria aquilo de Kasia. – Não pense nisso ainda, só me conte: como você se sente? Você está... enjoada ou com frio...

Finalmente, olhei para o cômodo. As paredes eram feitas do mesmo mármore polido, cor de osso, e na parte de trás em um nicho fundo havia um pesado caixão de pedra, mais alto que uma pessoa, com a tampa entalhada na mesma caligrafia, mas também com outros desenhos nas laterais: altas árvores floridas e trepadeiras se enroscando umas nas outras. Uma única chama azul queimava em cima, e o ar entrava por uma fenda estreita na parede. Era um cômodo bonito, mas completamente frio; não era um lugar para qualquer coisa viva.

– Não podemos mantê-la aqui – falei para o Dragão, com raiva, enquanto ele balançava a cabeça. – Ela precisa de sol e de ar fresco... Podemos trancá-la no meu quarto...

– Melhor aqui do que na Floresta! – disse Kasia. – Nieshka, por favor, me diga: minha mãe está bem? Ela tentou seguir os andarilhos... Fiquei com medo que eles a levassem também.

– Está – respondi, secando o rosto e respirando fundo. – Ela está bem. Está preocupada com você... Muito preocupada. Vou contar a ela que você está bem...

– Posso escrever uma carta para ela?

– Não – respondeu o Dragão, e eu virei de repente para ele.

– Podemos dar um lápis e um papel para ela! – falei com raiva. – Não é pedir demais.

O rosto dele estava sombrio.

– Você não é tão tola a esse ponto – disse ele. – Você acha que ela ficou enterrada numa árvore-coração durante uma noite e um dia e saiu conversando com você de um jeito normal?

Parei, em silêncio e com medo. O feitiço de Jaga que encontrava o que existia de podre flutuou nos meus lábios. Abri a boca para entoá-lo... mas aquela *era* Kasia. Era *minha* Kasia, que eu conhecia melhor do que qualquer pessoa no mundo. Olhei para ela, e ela olhou para mim, triste e com medo, mas se recusando a chorar ou se acovardar. Era ela.

– Eles a colocaram na árvore – falei. – Eles a queriam para isso, e eu a tirei antes que conseguissem prendê-la...

– Não – interrompeu o Dragão. Eu o olhei furiosa e me virei para ela. Kasia sorriu para mim mesmo assim: um sorriso corajoso e valente.

– Tudo bem, Nieshka – disse ela. – Contanto que a minha mãe esteja bem. O que... – Ela engoliu em seco. – O que vai acontecer comigo?

Eu não sabia como responder.

– Vou encontrar um jeito de expurgar você – falei, meio desesperada, sem olhar para o Dragão. – Vou encontrar um feitiço para garantir que você fique bem...

Mas eram só palavras. Eu não sabia como provar ao Dragão que Kasia estava bem. Ele simplesmente não queria ser convencido. E, se eu não conseguisse persuadi-lo de algum jeito, ele manteria Kasia aqui embaixo pelo resto da vida dela, se necessário, enterrada com esse rei ancião e sem um raio de sol. Ela nunca mais veria as pessoas que amava, nunca mais poderia *viver*. Ele era um perigo tão grande para Kasia quanto a Floresta; ele não queria que eu a salvasse de jeito nenhum.

Então pensei, num vislumbre de amargura: mesmo antes disso ele queria roubá-la para si, queria capturá-la do mesmo jeito que a Floresta, devorá-la do jeito dele. O Dragão não tinha se importado de tirar as raízes da vida de alguém antes, tornando-a uma prisioneira na torre só para servir a ele. Por que se importaria agora, por que ele se arriscaria a soltá-la?

Ele estava parado a alguns passos atrás de mim, mais longe do fogo e de Kasia. O rosto dele estava impassível, a boca fina pressionada com força. Desviei o olhar, tentei aliviar meu rosto e disfarçar meus pensamentos. Se eu conseguisse descobrir um feitiço para atravessar a parede, só teria que encontrar um jeito de escapar dele. Eu poderia tentar lançar um feitiço de sono ou colocar alguma coisa na bebida dele junto com o jantar: *Absinto cozido com frutinhas de teixo, ferver o suco até virar uma pasta, pingar três gotas de sangue e entoar um encantamento, e terá um veneno sem sabor...*

O súbito cheiro pungente e agudo de agulhas de pinheiro queimando voltou ao meu nariz, e o pensamento adquiriu um viés amargo e estranho que mostrava o quão errado ele era. Eu me encolhi, surpresa, e dei um passo para trás, para longe da linha de fogo, tremendo. Do outro lado, Kasia estava esperando que eu falasse: seu rosto resoluto, olhos límpidos, cheios de confiança, amor e gratidão, mas também um pouco de medo e preocupação, nada além de sentimentos humanos comuns. Olhei para ela, e ela olhou para mim ansiosa, ainda era ela. Mas eu não conseguia falar. O cheiro de pinheiro estava na minha boca e meus olhos ardiam com a fumaça.

– Nieshka? – disse Kasia, a voz oscilando com o medo crescente.

Continuei em silêncio. Ela me encarava do outro lado do fogo, e seu rosto através da névoa parecia estar sorrindo para logo em seguida assumir

um semblante infeliz, a boca tremendo e tomando uma forma e outra, tentando... tentando diferentes expressões. Dei mais um passo para trás, e tudo piorou. Sua cabeça se inclinou, os olhos fixos no meu rosto, um pouco arregalados. Ela jogou o peso do corpo para outro lado, assumindo uma postura diferente.

– Nieshka – disse ela, sem parecer assustada agora, apenas confiante e amável –, está tudo bem. Eu sei que você vai me ajudar.

O Dragão, ao meu lado, estava em silêncio. Respirei fundo. Continuei sem dizer nada. Minha garganta estava fechada. Consegui, num sussurro:

– *Aishimad.*

Um cheiro amargo e pungente subiu pelo ar entre nós.

– Por favor – disse Kasia. Sua voz de repente virou um soluço, uma atriz numa peça, passando de um ato para outro. Ergueu as mãos na minha direção, se aproximou um pouco do fogo, o corpo se inclinando para a frente. Ela se aproximou um pouco demais. O cheiro ficou mais forte: como mato queimando, cheio de seiva. – Nieshka...

– Pare! – gritei. – Pare.

Ela parou. Por um instante, Kasia ficou parada ali, depois deixou os braços caírem e seu rosto se esvaziou. Um cheiro de madeira podre tomou o cômodo.

O Dragão levantou uma das mãos.

– *Kulkias vizhkias haishimad* – disse ele, e uma luz saiu brilhando de sua mão e entrou na pele dela. Nos locais onde a tocou, eu vi grossas sombras verdes, mosqueadas como camadas profundas de folhas. Alguma coisa me olhou através dos olhos dela, o rosto imóvel, estranho e sobrenatural. Eu o reconheci: o que me observava era a mesma coisa que eu sentira na Floresta, tentando me encontrar. Não havia mais nenhum sinal de Kasia.

Capítulo 9

Ele estava quase me carregando quando me puxou através da parede para a antecâmara da tumba. Depois que atravessamos, deslizei para o chão perto da minha pequena pilha de cinzas de agulhas de pinheiro e as encarei, vazia. Eu quase as odiei por terem roubado a mentira de mim. Eu nem conseguia chorar; era pior do que se Kasia estivesse morta. Ele estava parado perto de mim.

– Tem um jeito – falei, olhando para ele. – Tem um jeito de tirar isso dela. – Era um choro infantil, um apelo. Ele não disse nada. – Aquele feitiço que você usou em mim...

– Não. Não para isso. O feitiço de expurgo mal funcionou em você. Eu avisei. Ela tentou persuadir você a se machucar?

Meu corpo todo estremeceu lembrando do gosto de cinzas daquele pensamento horroroso se esgueirando pela minha mente: *Absinto e frutas de teixo, um veneno rápido.*

– Você – respondi.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Interessante convencer você a me matar, depois encontrar um jeito de atrair você de volta para a Floresta.

– O que *é* aquilo? O que é aquela... *coisa* dentro dela? Falamos "a Floresta", mas aquelas árvores... – De repente, tive certeza. – ... aquelas árvores também estão corrompidas, tanto quanto Kasia. É ali que ela *vive*, não o que ela é.

– Não sabemos. Estava aqui antes de chegarmos. Talvez antes deles. – O Dragão apontou para as paredes com a inscrição desconhecida e estranha. – Eles despertaram a Floresta, ou a fizeram, e lutaram contra ela durante um tempo, e ela os destruiu. Esta tumba foi tudo que restou. Havia uma torre

mais antiga aqui. Quando Polnya reivindicou este vale e despertou novamente a Floresta, havia sobrado pouca coisa, só alguns tijolos espalhados pelo chão.

Ele ficou calado. Continuei mergulhada em mim mesma, encolhida no chão abraçando os joelhos. Eu não conseguia parar de tremer. Por fim, ele disse, com ar pesado:

– Você está preparada para permitir que eu acabe com isso? Provavelmente não sobrou nada dela a ser salvo.

Eu queria dizer *sim*. Queria que aquela coisa desaparecesse, fosse destruída. A coisa que usava o rosto de Kasia, que usava não apenas suas mãos, mas tudo em seu coração, sua mente, para destruir as pessoas que ela amava. Eu quase não me importava se Kasia estava lá dentro. Se estivesse, eu não poderia imaginar nada mais terrível do que ficar presa no próprio corpo, com aquela coisa a usando como uma marionete monstruosa. Quando o Dragão dizia que ela havia desaparecido, que estava além do alcance de todas as magias que ele conhecia, eu não conseguia me forçar a duvidar.

Mas eu já tinha salvado alguém, *ele,* quando o Dragão achou que também estava perdido. E eu ainda sabia tão pouco, tropeçava de uma impossibilidade até outra. Imaginei a agonia de encontrar um feitiço num livro, daqui a um mês, um ano, que poderia ter funcionado.

– Ainda não – sussurrei. – Ainda não.

Se eu tinha sido uma aluna indiferente antes, agora eu era terrível de um jeito totalmente diferente. Mergulhava nos livros e, se ele não me visse, pegava nas estantes alguns que ele não me dava. Procurei em absolutamente tudo que encontrei. Eu fazia feitiços pela metade, os descartava e seguia em frente; me afundava em encantamentos sem ter certeza se tinha força suficiente para eles. Corria alucinada pelo bosque da magia, tirando arbustos do meu caminho, sem me preocupar com arranhões e sujeira, sem prestar atenção no caminho.

Alguns dias, eu achava algo que me convencia de que valia a pena tentar, mesmo que fosse improvável. O Dragão me levava até Kasia sempre que eu

pedia para tentar algo, mesmo que os pedidos viessem em maior frequência do que as descobertas. Ele me deixou destroçar a biblioteca e não disse nada quando derramei óleos e pós sobre a mesa. Ele não me pressionou. Eu odiava ferozmente o Dragão e seu silêncio: sabia que ele só estava deixando que eu mesma me convencesse de que não havia nada a fazer.

Ela, a coisa dentro dela, não tentou mais fingir. Ela me observava com olhos brilhantes de pássaro e sorria ocasionalmente, quando minhas magias não surtiam efeito: um sorriso terrível.

– Nieshka, Agnieszka – cantarolava ela baixinho quando eu tentava algum encantamento, repetidas vezes, e eu tinha que continuar mesmo escutando aquela voz. Eu saía me sentindo machucada e enjoada até os ossos, e subia a escada devagar, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

A primavera estava se espalhando pelo vale. Se eu olhasse pela minha janela, algo que agora só fazia raramente, veria o Veio correndo desenfreado, branco por causa do gelo derretido, e uma faixa de gramado se estendendo pelas terras baixas, perseguindo a neve dos dois lados até as montanhas. A chuva caía sobre o vale em cortinas prateadas. Dentro da torre, eu estava árida como um solo estéril. Tinha procurado em todas as páginas do livro de Jaga e no punhado de outros tomos que se encaixavam na minha magia itinerante, além de todos os outros livros que o Dragão sugeria. Havia feitiços de cura, feitiços de expurgo, feitiços de renovação e vida. Eu tentava tudo que me desse alguma esperança.

O Festival da Primavera foi organizado antes que as pessoas do vale começassem a plantar. A grande fogueira em Olshanka era uma pilha alta de madeira seca, tão grande que dava para ver claramente da torre. Eu estava sozinha na biblioteca quando ouvi uma música fraca flutuando pelo vento, e olhei pela janela para ver a comemoração. Parecia que o vale inteiro tinha se incendiado com vida, brotos se esgueirando por todos os campos, um verde pálido e indistinto tomando conta da mata ao redor de todas as vilas. E, bem abaixo desses degraus de pedra fria, Kasia estava em sua tumba. Saí de perto da janela, cruzei os braços sobre a mesa, apoiei a cabeça neles e solucei.

Quando levantei o rosto novamente, vermelho e manchado pelas lágrimas, ele estava ali, sentado ao meu lado, olhando pela janela, o rosto desolado. As mãos estavam apoiadas sobre o colo, os dedos entrelaçados, como se ele estivesse se controlando para não estender a mão e encostar em mim. Ele tinha colocado um lenço sobre a mesa na minha frente. Eu o peguei, sequei o rosto e assoei o nariz.

– Eu tentei, uma vez – disse ele de repente. – Quando era jovem. Na época, eu morava na capital. Havia uma mulher... – Sua boca se contorceu um pouco, zombando de si mesmo. – A mais bela da corte, naturalmente. Suponho que não há mal em dizer seu nome agora, já que ela está há quarenta anos no túmulo: Condessa Ludmila.

Eu quase engasguei, sem saber o que me confundia mais. Ele era o Dragão, sempre estivera na torre e sempre estaria, uma posição permanente, como as montanhas a oeste. A ideia de que ele havia morado em outro lugar, de que ele tinha sido jovem, parecia completamente errada; e, ao mesmo tempo, eu também estava perturbada pela ideia de que ele tinha amado uma mulher que já estava morta havia quarenta anos. Agora o rosto dele era familiar para mim, mas o fitei assustada como antes. Havia algumas rugas nos cantos de seus olhos e boca, se eu procurasse, mas isso era tudo que revelava sua idade. Em todo o resto, ele era jovem: os contornos ainda firmes do perfil, o cabelo escuro sem nenhum fio grisalho, o rosto pálido, macio e sem desgastes, as mãos compridas e graciosas. Tentei imaginá-lo como um jovem mago da corte. Quase parecia certo; ele com suas roupas elegantes, perseguindo uma nobre encantadora, mas foi aí que minha imaginação cambaleou. Para mim ele era o tipo de pessoa dos livros e alambiques, da biblioteca e do laboratório.

– Ela... foi corrompida? – perguntei, impotente.

– Ah, não. Ela não. O marido dela.

Ele fez uma pausa, e eu me perguntei se ele diria mais alguma coisa. Ele nunca tinha falado comigo sobre si mesmo e nunca dissera nada sobre a corte que não fosse para menosprezá-la. Mas, depois de um instante, ele continuou, e eu escutei, fascinada.

– O conde tinha ido a Rosya para negociar um tratado, atravessando a passagem da montanha. Ele voltou com termos inaceitáveis e traços de corrupção. Ludmila tinha uma sábia em casa, sua ama-seca, que sabia o suficiente para alertá-la: elas o trancaram no porão e barraram a porta com sal, avisando a todos que ele estava doente.

"Ninguém na capital pensava mal de uma bela e jovem esposa aprontando enquanto o marido mais velho estava doente e isolado; muito menos eu, quando ela me transformou no objeto de sua perseguição. Eu ainda era jovem e tolo o suficiente para acreditar que eu e minha magia provocávamos admiração em vez de temor, e ela era esperta e determinada o suficiente para se aproveitar da minha vaidade. Ludmila me fez de marionete antes de me pedir para salvá-lo.

"Ela tinha uma compreensão especialmente habilidosa da natureza humana", acrescentou de um jeito seco. "Disse que não podia deixá-lo naquele estado. Disse estar disposta a abrir mão de sua posição na corte, de seu título, de sua reputação, mas, enquanto ele estivesse corrompido, a honra exigiria que ela continuasse acorrentada ao lado dele; ela só estaria livre para fugir comigo se eu o salvasse. Apelou para meu egoísmo e meu orgulho ao mesmo tempo, juro que eu pensava em mim como um nobre herói, prometendo salvar o marido da minha amante. E aí... ela me deixou vê-lo."

Ele ficou calado. Eu mal respirava, sentada como um rato sob a árvore de uma coruja, para ele continuar falando. Seu olhar ficou vazio, ele estava se lembrando e eu reconheci o sentimento: pensei em Jerzy rindo para mim ao lado de sua cama de um jeito pavoroso, em Kasia lá embaixo com o brilho terrível nos olhos, e soube que essa mesma expressão que ele fazia agora vivia no meu rosto.

– Passei seis meses tentando – disse ele, finalmente. – Eu já era considerado o mago mais poderoso de Polnya nessa época; tinha certeza de que não havia nada que eu não pudesse fazer. Esquadrinhei a biblioteca do rei e a universidade e fabriquei um monte de remédios. – Ele acenou em direção à mesa, onde o livro de Jaga estava fechado. – Foi então que comprei esse livro, entre outras tentativas menos sábias. Nada funcionava.

Sua boca se retorceu de novo.

– Aí eu vim aqui. – Ele apontou para a torre com um dedo, fazendo um círculo. – Havia outra feiticeira aqui guardando a Floresta: Corvídea. Achei que ela poderia ter uma resposta. Ela estava envelhecendo, e a maioria dos magos da corte a evitavam com cautela; nenhum deles queria substituí-la quando ela finalmente morresse. Eu não tinha medo disso, eu era forte demais para ser afastado da corte.

– Mas... – comecei, surpresa a ponto de falar, e mordi o lábio; ele olhou para mim pela primeira vez, com uma das sobrancelhas sarcásticas erguida. – Mas você *foi* mandado para cá, no fim das contas? – perguntei sem certeza.

– Não. Escolhi ficar. Na época o rei não ficou muito feliz com a minha decisão, ele preferia me manter por perto, e seus sucessores sempre me pressionavam para voltar. Mas ela... me convenceu. – Ele desviou o olhar de mim outra vez, olhando pela janela e por cima do vale, na direção da Floresta. – Você já ouviu falar de um povoado chamado Porosna?

O nome me pareceu vagamente familiar.

– A padeira de Dvernik – falei. – A avó dela era de Porosna. Ela fazia um pão...

– Sim, sim – disse ele, impaciente. – E você tem alguma ideia de onde fica?

Hesitei, impotente: eu mal conhecia o nome.

– Fica nos Pântanos Amarelos?

– Não. Ficava a oito quilômetros pela estrada de Zatochek.

Zatochek não ficava a mais de três quilômetros da faixa estéril que cercava a Floresta. Era o último povoado do vale, o último bastião da Floresta; foi assim minha vida toda.

– A Floresta... a tomou? – sussurrei.

– Exatamente.

Ele se levantou e foi até o grande livro de registros no qual eu o vira escrevendo, no dia em que Wensa veio nos contar sobre Kasia ter sido capturada. Ele o trouxe até a mesa e o abriu. Cada uma das páginas imensas era dividida em linhas, fileiras e colunas perfeitas, com entradas cuidadosas

como um livro contábil, mas em cada fileira havia o nome de um povoado, nomes de pessoas e números: alguns corrompidos, outros capturados; alguns curados, outros assassinados. As páginas estavam cheias. Estendi a mão e folheei o pergaminho amarelado, a tinta ainda escura, havia uma leve magia de preservação pairando ali. Os anos ficavam menores e os números diminuíam conforme eu voltava. Ultimamente, os incidentes aconteciam em maior número e proporção.

– A Floresta engoliu Porosna na noite em que Corvídea morreu – disse o Dragão.

Ele estendeu a mão e virou um feixe grosso de páginas até o ponto em que outra pessoa, menos organizada, mantinha os registros: cada incidente era apenas relatado, como uma história, a caligrafia mais larga e as linhas um pouco trêmulas.

> Hoje um cavaleiro de Porosna: eles têm uma febre lá, com sete doentes. Ele não parou em nenhum povoado. Também estava ficando doente. Uma infusão de madressilva aliviou a febre, e o Sétimo Encantamento de Agata foi eficaz para expurgar a raiz da doença. Três quilos e meio de açafrão consumidos no encantamento, e sete quilos e meio de madressilva.

Era a última entrada naquela caligrafia.

– Eu estava voltando para a corte naquela época – disse o Dragão. – Corvídea tinha me falado que a Floresta estava crescendo, ela me pediu para ficar. Recusei, indignado; achei que era algo inferior a mim. Ela me disse que não havia nada que pudesse ser feito pelo conde, e eu me ofendi; falei grandiosamente que ia achar um jeito. Que eu ia desfazer o que quer que a magia da Floresta tivesse feito. Me convenci de que ela era uma velha tola e fraca; de que a Floresta estava se expandindo por causa da fraqueza dela.

Passei os braços em volta do meu corpo enquanto ele falava, encarando o livro implacável, a página em branco depois dessa entrada. Desejei que ele parasse de falar, eu não queria ouvir mais nada. Ele estava tentando ser

gentil, expondo seu próprio fracasso, e tudo que eu conseguia pensar era *Kasia, Kasia,* um grito dentro de mim.

– Pelo que eu soube depois que um mensageiro alucinado me pegou na estrada, ela foi até Porosna, levando seus suprimentos, e se esgotou curando os doentes. Foi aí, é claro, que a Floresta atacou. Corvídea conseguiu mandar um punhado de crianças para o povoado ao lado, imagino que a avó da sua padeira tenha sido uma delas. Eles contaram a história da chegada de sete andarilhos, carregando uma muda de árvore-coração.

"Eu ainda consegui passar pelas árvores quando cheguei, meio dia depois. Eles tinham plantado a árvore-coração no corpo dela. Ela ainda estava viva, se é que se pode dizer isso. Consegui dar a ela uma morte digna, mas isso foi tudo que consegui antes de ter que fugir. A vila desapareceu, e a Floresta expandiu suas fronteiras.

"Essa foi a última grande incursão. Impedi o avanço ao assumir o lugar dela, e a tenho contido desde então... mais ou menos. Mas ela está sempre tentando."

– E se você não tivesse vindo? – perguntei.

– Sou o único mago de Polnya forte o suficiente para contê-la – disse o Dragão, sem nenhuma arrogância, era um simples fato. – Em intervalos de alguns anos, ela testa a minha força e, a cada década, mais ou menos, ela faz uma tentativa séria, como este último ataque à sua vila. Dvernik fica a apenas uma vila de distância da fronteira da Floresta. Se ela tivesse conseguido me matar ou me contaminar lá e estabelecer uma árvore-coração, quando outro mago chegasse, a Floresta já teria engolido sua vila e Zatochek e estaria na entrada da passagem leste para os Pântanos Amarelos. Ela continuaria a partir dali, se tivesse a chance. Se eu tivesse permitido que eles mandassem um mago mais fraco quando Corvídea morreu, agora o vale todo já estaria tomado.

"É isso que está acontecendo no lado de Rosya. Eles perderam quatro vilas na última década, e duas na anterior. A Floresta vai chegar à passagem sul para a província de Kyeva em seguida, e aí..." Ele deu de ombros. "Suponho que vamos descobrir se ela consegue se expandir por sobre a passagem da montanha."

Ficamos sentados em silêncio. Através das palavras dele, consegui visualizar a Floresta marchando lenta, mas implacável sobre a minha casa, sobre todo o vale, sobre todo o mundo. Imaginei olhar pelas janelas da torre para as infinitas árvores sombrias, cercada; um oceano odioso e sussurrante em todas as direções, se movendo com o vento, sem uma coisa viva à vista. A Floresta estrangularia todas as coisas e as arrastaria para baixo de suas raízes. Como tinha feito com Porosna. Como fizera com Kasia.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto, num rastro lento, não um choro intenso. Eu estava desolada demais para chorar mais do que isso. A luz lá fora estava ficando mais fraca; ainda não tinham acendido as lanternas de bruxa. O rosto dele tinha se acomodado na abstração, cego, e no crepúsculo, era impossível decifrar seus olhos.

– O que aconteceu com eles? – perguntei para preencher o silêncio, me sentindo vazia. – O que aconteceu com ela?

Ele se mexeu.

– Quem? – indagou ele, saindo da fantasia. – Ah, Ludmila? – Ele fez uma pausa. – Depois que voltei à corte pela última vez, falei a ela que não havia nada que pudesse ser feito pelo seu marido. Levei outros dois magos da corte para atestar que a corrupção dele era incurável, eles ficaram meio horrorizados por eu ter permitido que ele vivesse tanto tempo, e deixei um deles sacrificá-lo. – Ele deu de ombros. – Eles tentaram aproveitar a oportunidade, existe muita inveja entre os magos. Sugeriram ao rei que eu deveria ser mandado para cá como punição, por ter escondido a corrupção. Queriam que o rei recusasse essa punição, mas decidisse outra coisa, como uma palmatória simples ou insignificante, suponho. Eles ficaram meio decepcionados quando anunciei que eu vinha para cá de qualquer maneira, não importava o que as pessoas pensassem.

"E Ludmila... nunca mais a vi. Ela tentou arrancar os meus olhos quando falei que tínhamos que sacrificá-lo, e as coisas que ela disse na época me desiludiram rapidamente em relação à verdadeira natureza dos seus sentimentos por mim", acrescentou, seco. "Mas ela herdou a propriedade e casou de novo alguns anos depois, com um duque inferior; deu a ele três filhos e uma filha e viveu até os sessenta e seis anos como

dama dominante da corte. Acredito que os bardos da corte tenham me transformado no vilão da história, e ela na nobre esposa fiel, tentando salvar o marido a qualquer custo. E nem era mentira, suponho."

Foi aí que eu percebi que já conhecia essa história. Tinha ouvido a canção. Ludmila e o Mago, mas na canção a corajosa condessa se disfarçou de camponesa velha e cozinhou e limpou para o mago que tinha roubado o coração do marido dela, até encontrá-lo numa casa, trancado numa caixa, e roubá-lo para salvar o marido. Meus olhos arderam com as lágrimas quentes. Nas canções, ninguém ficava irremediavelmente enfeitiçado. O herói sempre salvava as pessoas. Não havia um momento repugnante num porão escuro, onde a condessa chorava e gritava em protesto enquanto três magos sacrificavam o conde e, depois, faziam política na corte.

– Você está preparada para deixá-la ir? – perguntou o Dragão.

Eu não estava, mas era hora. Eu estava muito cansada. Não aguentava mais descer aquela escada, descer até a coisa que usava o rosto de Kasia. Eu não a salvara. Ela continuava na Floresta, continuava engolida. Mas *fulmia* ainda ressoava no fundo do meu estômago, esperando, e se eu dissesse *sim* para ele, se eu ficasse aqui e enterrasse a cabeça nos braços e o deixasse ir embora, depois voltar e me dizer que tinha acabado, achei que a palavra poderia sair rugindo de novo de mim e destruir a torre ao nosso redor.

Olhei para as estantes, todas elas, desesperada: os livros infinitos com lombadas e capas parecendo muros de uma cidadela. E se um deles ainda contivesse o segredo, o truque que a libertaria? Eu me levantei e fui até eles, coloquei a mão nos volumes, nas letras estampadas em dourado, insignificantes sob meus dedos cegos. *Invocação de Luthe* chamou minha atenção de novo, aquele belo tomo que eu tinha levado emprestado tanto tempo atrás e irritado o Dragão, antes de eu saber qualquer coisa sobre magia, antes de eu saber o muito e o pouco que eu podia fazer. Coloquei as mãos nele e falei de repente:

– O que ele invoca? Um demônio?

– Não, não diga absurdos – respondeu o Dragão, impaciente. – Chamar espíritos não passa de charlatanismo. É muito fácil dizer que você invocou uma coisa que é invisível e incorpórea. Ele invoca... – Ele fez uma pausa, e

eu fiquei surpresa ao vê-lo procurar as palavras. – A verdade – disse ele, finalmente, meio que dando de ombros, como se isso fosse inadequado e errado, mas o mais próximo possível. Eu não entendia como se poderia *invocar* a verdade, a menos que ele quisesse dizer que dava para ver além de algo que era uma mentira.

– Mas por que você ficou com tanta raiva quando eu comecei a lê-lo?

Ele me olhou furioso.

– Isso lhe parece uma magia trivial? Achei que você tinha sido enviada para uma tarefa impossível por algum outro mago da corte, com a intenção de explodir o telhado da torre quando você gastasse toda a sua energia e sua magia despencasse, para, assim, me fazer parecer um tolo incompetente por não ter capacidade de ter uma aprendiz.

– Mas isso teria me matado. Você achou que alguém da corte poderia...?

– Desperdiçar a vida de uma camponesa com meia dose de magia para obter uma vitória sobre mim, talvez para me ver recebendo ordens de voltar para a corte humilhado? Claro. A maioria dos cortesãos considera que os camponeses estão um grau abaixo das vacas, e muito abaixo de seus cavalos preferidos. Eles ficam perfeitamente satisfeitos de desperdiçar mil de vocês num combate com Rosya para obter uma pequena vantagem na fronteira; eles mal piscariam. – Ele desprezava a crueldade disso tudo. – De qualquer maneira, eu certamente não esperava que você tivesse sucesso.

Encarei o livro na estante, as minhas mãos sobre ele. Eu me lembrei de lê-lo, daquela sensação de satisfação, e de repente, puxei o livro, abracei-o e virei para o Dragão. Ele me olhou preocupado.

– Ele pode ajudar Kasia? – perguntei.

Ele abriu a boca para negar, dava para perceber; mas, depois, hesitou. Olhou para o livro com a testa franzida e em silêncio. Por fim, disse:

– Duvido. Mas a *Invocação* é... uma magia estranha.

– Não pode fazer mal nenhum – falei, mas isso me rendeu um olhar irritado.

– Claro que pode fazer mal. Você não ouviu o que eu acabei de dizer? O livro todo deve ser invocado de uma vez só para que o feitiço funcione, e se você não tiver força para fazer isso, a estrutura do encantamento vai entrar

em colapso, desastrosamente, quando você se esgotar. Só o vi sendo lançado uma vez, por três feiticeiras ao mesmo tempo, cada uma tendo ensinado à mais nova depois dela, passando o livro de mão em mão para continuar a leitura. Isso quase as matou, e elas não eram nem um pouco fracas.

Olhei para o livro, pesado e dourado nas minhas mãos. Não duvidei dele. Eu me lembrei do sabor do feitiço na minha língua, do jeito como ele me puxou. Inspirei fundo e perguntei:

– Você lançaria o feitiço comigo?

Capítulo 10

Nós a acorrentamos antes. O Dragão carregou pesadas algemas de ferro e, com um encantamento, enfiou uma ponta de cada bem no fundo das paredes de pedra da câmara, enquanto Kasia (a coisa dentro de Kasia) recuava e nos observava, sem piscar. Criei um círculo de fogo ao redor dela e, quando ele terminou, eu a conduzi para lá e, com outro feitiço, ele obrigou as mãos dela a entrarem nas algemas. Ela resistiu, mais pelo prazer de nos incomodar do que por preocupação, acho... Sua expressão continuou o tempo todo com o mesmo vazio sobrenatural, e seus olhos não desgrudavam do meu rosto. Ela estava mais magra do que antes. A coisa só comia de vez em quando. O suficiente para manter Kasia viva, mas não o suficiente para me impedir de vê-la se esgotar, o corpo abatido e as maçãs do rosto fundas.

O Dragão conjurou um suporte de madeira estreito e colocou a *Invocação* em cima. Ele olhou para mim.

– Você está pronta? – perguntou, num tom rígido e formal. Ele estava usando roupas elegantes de seda, couro e veludo em camadas infinitas e luvas; como se estivesse vestindo uma armadura contra qualquer coisa parecida com o que aconteceu na última vez em que lançamos um feitiço juntos. Para mim, parecia que tinha se passado um século e aquele dia estava tão distante quanto a lua. Eu estava desarrumada, num vestido simples, o cabelo preso num coque casual só para impedir que caísse nos meus olhos. Estendi a mão, abri o livro e comecei a ler em voz alta.

O feitiço me pegou de novo quase de imediato, e agora eu sabia o suficiente de magia para senti-lo usando minhas forças. Mas a *Invocação* não insistia em tirar pedaços de mim: tentei alimentá-la como fazia com a maioria dos meus feitiços, com um fluxo comedido e estável de magia em

vez de uma torrente, e ela me permitiu fazer isso. As palavras não pareciam mais tão impenetráveis. Eu ainda não conseguia acompanhar a história nem me lembrar de uma sentença quando chegava à seguinte, mas comecei a ter a sensação de que esse não era mesmo o propósito. Se eu conseguisse me lembrar, pelo menos algumas palavras estariam erradas: como ouvir de novo uma história preferida e quase esquecida da infância e descobrir que ela não gerava satisfação ou, pelo menos, não do jeito que eu me lembrava dela. E era assim que a *Invocação* se fazia perfeita, vivendo nesse espaço dourado de uma lembrança vaga e adorada. Eu a deixei fluir através de mim e, quando terminei a página, parei e deixei o Dragão assumir: ele tinha insistido, com raiva, que ficaria com duas páginas para cada uma que eu lesse, quando não conseguiu me dissuadir de tentar.

A voz dele pronunciava as palavras de um jeito um pouco diferente da minha, com bordas mais afiadas e uma cadência distinta, e não me pareceu certo no início. A magia continuou a crescer sem nenhuma dificuldade, pelo que eu percebia, e no fim das duas páginas dele, a leitura do Dragão já soava agradável aos meus ouvidos, como se eu estivesse escutando um contador de histórias talentoso narrar uma versão diferente da história que eu amava, e ele tivesse ultrapassado minha irritação instintiva ao ouvir a narração diferente. Mas, quando precisei começar de novo, tive dificuldade para pegar o fio da meada, e foi um esforço maior do que a primeira página. Estávamos tentando contar a história juntos, mas indo para lados diferentes. Percebi, desanimada, enquanto lia, que não seria suficiente ele ser meu mestre: aquelas três feiticeiras que ele vira invocando o feitiço deviam ser mais parecidas uma com a outra, em termos de magias e feitiços, do que ele e eu éramos.

Continuei lendo, seguindo em frente, e consegui chegar ao fim da página. Quando a terminei, a história estava fluindo tranquilamente para mim de novo, mas só porque tinha se tornado a *minha* história outra vez, e quando o Dragão recomeçou a ler, a dissonância foi ainda pior. Engoli com a boca seca e árida e tirei o olhar do pedestal; Kasia me olhava da parede onde estava acorrentada, sorrindo com uma luz repugnante no rosto, com *prazer*. Ela percebia, com a mesma facilidade que eu, que o feitiço não estava

bom o suficiente, que não íamos conseguir completá-lo. Olhei para o Dragão, que continuava lendo com amargura, objetivamente concentrado na página, com as sobrancelhas juntas e rígidas. Ele tinha me alertado que ia interromper a magia antes de nos aprofundarmos muito, se achasse que não teríamos sucesso; ele tentaria desfazer o feitiço com o máximo de segurança possível e controlaria os danos. Ele só tinha aceitado tentar quando eu concordei com seu julgamento e em interromper minha parte no feitiço e ficar de fora caso ele achasse necessário fazer isso.

Mas a magia já estava forte, cheia de poder. Nós dois tínhamos apenas que nos empenhar para continuar. Talvez já não houvesse um caminho seguro. Olhei para o rosto de Kasia e me lembrei da sensação que tive, de que a presença na Floresta, o que quer que fosse, estava nela; que era a *mesma* presença. Se a Floresta estava aqui em Kasia, se ela sabia o que estávamos fazendo e sabia que o Dragão tinha sido ferido, com uma boa parte da sua força drenada, ela atacaria de novo e rápido. Ela voltaria para atacar Dvernik ou talvez apenas Zatochek, aceitando um ganho menor. No meu desespero para salvar Kasia e na compaixão dele pelo meu sofrimento, tínhamos acabado de dar um presente à Floresta.

Procurei alguma coisa para fazer, qualquer coisa, depois engoli minha hesitação e estendi a mão trêmula para cobrir a dele, que estava segurando a página. Seus olhos dispararam na minha direção, e eu respirei fundo e comecei a ler junto.

Ele não parou, apesar de me olhar com fúria, *O que você pensa que está fazendo?*, mas, depois de um instante, ele entendeu e captou a ideia do que eu estava tentando fazer. Nossas vozes pareceram terríveis no início, quando tentamos juntá-las, desafinadas e arranhando uma à outra: a magia oscilou como uma torre infantil feita com pedrinhas. Mas aí eu parei de tentar ler *como* ele e simplesmente li *com* ele, deixando que o instinto me guiasse: acabei deixando-o ler as palavras da página e, com a minha voz quase as transformando numa música, escolhia uma palavra ou linha para cantarolar duas ou três vezes seguidas, às vezes só zumbindo, meu pé batendo para criar um ritmo.

Ele resistiu no início, insistindo por um instante na precisão clara de seu feitiço, mas minha magia estava oferecendo um convite à dele, e aos poucos ele começou a ler não de um jeito menos penetrante, mas seguindo o meu ritmo. Ele estava deixando espaço para improviso, dando um sopro de ar ao feitiço. Viramos a página juntos e continuamos sem fazer uma pausa, e na metade da página, fluiu de nós uma linha que *era* música, a voz dele carregando as palavras com cuidado enquanto eu as cantava, alto e baixo, e de repente, num choque, ficou fácil.

Não... não era fácil; essa palavra não era adequada. A mão dele tinha se fechado na minha com força; nossos dedos estavam entrelaçados e nossa magia também. O feitiço saía cantado de nós, sem esforço, como água correndo morro abaixo. Teria sido mais difícil parar do que continuar.

E agora eu entendia por que ele não tinha conseguido encontrar as palavras certas, por que ele não tinha conseguido me dizer se o feitiço ia ajudar Kasia ou não. A *Invocação* não trazia nenhuma criatura ou objeto, nem conjurava uma explosão de poder; não havia fogo nem relâmpago. A única coisa que fez foi encher o cômodo com uma luz clara e fria, que não era nem forte o suficiente para ofuscar. Mas, nessa luz, tudo começou a parecer, a *ser* diferente. A pedra das paredes ficou translúcida, veias brancas se movendo como rios, e quando olhei, elas me contaram uma história: uma história sem fim, profunda e estranha, diferente de qualquer coisa humana, tão mais lenta e distante que quase parecia que eu era pedra de novo. O fogo azul que dançava no pote de pedra estava num sonho infinito, uma canção circulando a si mesma; olhei para a cintilação e vi o templo de onde o fogo tinha vindo, muito distante daqui e há muito transformado em ruínas. Mas, apesar disso, de repente eu soube onde esse templo ficava, e como eu poderia lançar esse feitiço e fazer uma chama que continuaria viva depois de mim. As paredes entalhadas da tumba estavam se enchendo de vida, as inscrições brilhando. Se eu olhasse para elas por tempo suficiente, conseguiria lê-las, eu tinha certeza.

As correntes estavam chacoalhando. Agora Kasia estava lutando contra elas, furiosa, e o barulho dos elos de ferro contra a parede teria sido um ruído terrível, se o feitiço desse espaço para isso. Mas o chacoalhar foi

abafado num tremor suave, um tanto distante, e não me distraiu do encantamento. Não tive coragem de olhar para ela, ainda não. Quando tivesse... eu saberia. Se Kasia tivesse desaparecido, se não houvesse nada restante dela, eu saberia. Encarei as páginas, com medo demais para levantar o olhar, enquanto continuávamos cantando. Ele erguia cada uma até a metade do caminho; eu a pegava e, com cuidado, terminava de virá-la. O maço de páginas sob a minha mão continuava crescendo, e o feitiço ainda se derramava de nós, e finalmente levantei a cabeça, o abdome contraído, para fitar Kasia.

A Floresta me encarou através do rosto dela: uma profundidade infinita de folhas farfalhantes, sussurrando ódio e nostalgia e fúria. Mas o Dragão fez uma pausa; minha mão estava apertada na dele. Kasia também estava ali. Kasia estava ali. Eu a via, perdida e vagando pela floresta escura, as mãos estendidas para a frente, os olhos encarando sem ver enquanto ela desviava de galhos que batiam no seu rosto, espinhos que bebiam o sangue de arranhões profundos nos seus braços. Ela nem sabia que não estava mais na Floresta. Ela ainda estava presa, enquanto a Floresta a rasgava aos poucos, bebendo seu desespero.

Soltei a mão dele e fui em direção a Kasia. O feitiço não fracassou: o Dragão continuou lendo, e eu continuei alimentando o encantamento com minha magia.

– Kasia – chamei e juntei as mãos diante do rosto dela. A luz do feitiço se acumulou dentro delas: uma luz branca terrível, brilhante e penetrante, difícil de suportar. Vi meu próprio rosto refletido em seus olhos vidrados e arregalados, e a inveja que eu escondia, como eu *tinha* desejado todos os seus dons, mas não o preço que ela teria que pagar por eles. Lágrimas se esgueiraram nos meus olhos; parecia que Wensa estava me repreendendo de novo, e desta vez não havia como escapar. O tempo todo eu me sentira um nada, a garota que não importava, que nenhum lorde jamais ia querer; o tempo todo eu me sentira uma bagunça desengonçada ao lado dela. Todas as maneiras como ela fora tratada de um jeito especial: um lugar separado para ela, presentes e atenção em abundância, todos aproveitando a oportunidade de amá-la enquanto podiam. Houve épocas em que eu quis

ser a especial, a que todos sabiam que seria escolhida. Não por muito tempo, nunca por muito tempo, mas agora isso parecia covardia, eu tinha desfrutado do sonho de ser especial e alimentado uma semente secreta de inveja contra ela, apesar de ter o luxo de poder colocar isso de lado sempre que queria.

Mas eu não podia parar, a luz a estava alcançando. Ela virou na minha direção. Perdida na Floresta, ela se virou para mim, e em seu rosto eu vi sua própria raiva profunda, uma raiva de anos. Ela soube a vida toda que seria capturada, quisesse isso ou não. O terror de mil longas noites me encarou: Kasia deitada no escuro, se perguntando o que aconteceria a ela, imaginando as mãos de um mago terrível sobre seu corpo, o hálito dele em seu rosto, e atrás de mim ouvi o Dragão respirar fundo; ele tropeçou nas palavras e parou. A luz acumulada nas minhas mãos tremulou.

Lancei um olhar desesperado para ele, mas, enquanto eu fazia isso, ele retomou o feitiço, com a voz rigidamente disciplinada, os olhos fixos na página. A luz brilhou por completo através dele, como se tivesse, de algum modo, ficado transparente como vidro, se esvaziado de pensamentos e sentimentos para continuar com o feitiço. Ah, como eu queria fazer isso; achei que não conseguiria. Ainda cheia de todos os meus pensamentos confusos e bagunçados e desejos secretos, tive que me virar para Kasia e deixá-la vê-los, me ver, como um verme pálido exposto e se contorcendo embaixo de uma tora virada. Tive que vê-la, exposta diante de mim, e isso doeu ainda mais porque ela também me odiara.

Ela me odiara por estar segura, por ser amada. Minha mãe não me obrigara a escalar árvores extremamente altas; minha mãe não me obrigara a andar três horas todo dia indo e vindo da padaria quente e úmida no povoado ao lado, para aprender a cozinhar para um lorde. Minha mãe não tinha virado as costas para mim quando eu chorava, nem me dizia que eu tinha que ser corajosa. Minha mãe não tinha escovado meus cabelos trezentas vezes toda noite, para me manter bonita, como se ela *quisesse* que eu fosse capturada; como se ela quisesse uma filha que fosse à cidade e se tornasse rica e mandasse dinheiro para os irmãos e irmãs, aqueles que ela se

permitiu amar; ah, eu nunca tinha sequer imaginado essa amargura secreta, azeda como leite estragado.

E aí... ela me odiou até mesmo por ter sido capturada. No fim das contas, ela não fora escolhida. Eu a vi sentada no banquete depois, deslocada, todos sussurrando; ela nunca se imaginou ali, deixada para trás numa vila, numa casa que não queria recebê-la de volta. Tinha se preparado para pagar o preço e ser corajosa; mas agora não havia mais nenhum motivo para ser corajosa, nenhum futuro luminoso adiante. Os garotos mais velhos da vila sorriam para ela com um tipo de confiança estranha e satisfeita. Meia dúzia deles tinha falado com ela durante o banquete: garotos com quem nunca tinha trocado uma palavra, garotos que tinham apenas olhado para ela de longe, como se não tivessem coragem de tocá-la, agora vinham e puxavam conversa de um jeito familiar, como se ela não tivesse nada para fazer além de ficar sentada ali e ser escolhida por outra pessoa. E eu tinha voltado coberta de seda e veludo, o cabelo preso numa rede de joias, minhas mãos cheias de magia, com o poder de fazer o que eu quisesse, e ela pensou: *Essa deveria ser eu, eu deveria ter sido escolhida,* como se eu fosse uma ladra que levara algo que pertencia a ela.

Era insuportável, e eu a vi hesitar com isso também; mas, de algum jeito, tínhamos que suportar.

– Kasia! – chamei, engasgando, e mantive a luz estável para que ela visse.

Eu a vi em pé ali, hesitando por um instante a mais, e depois ela veio cambaleando na minha direção, com as mãos estendidas. Mas a Floresta a agarrou conforme ela andava, galhos a atacando e trepadeiras se enroscando em suas pernas, e eu não podia fazer nada. Só podia ficar parada ali e segurar a luz enquanto ela caía e se esforçava para levantar de novo, e caía de novo, o pânico aumentando no rosto.

– Kasia! – gritei.

Ela agora estava engatinhando, ainda na minha direção, o maxilar travado de tanta determinação, deixando um rastro sangrento sobre as folhas caídas e um musgo escuro para trás. Ela agarrou as raízes e tomou

impulso para a frente, mesmo enquanto os galhos a puxavam com força para trás, mas ainda estava muito distante.

Foi aí que olhei para o corpo dela, para o rosto habitado pela Floresta, e ela sorriu para mim. Ela não conseguiria escapar. A Floresta estava deixando-a tentar deliberadamente, se alimentando da coragem dela, da minha esperança. Ela poderia arrastar Kasia de volta a qualquer momento. Ela a deixaria se aproximar o suficiente para me ver, talvez até sentir o próprio corpo, o ar no rosto, e depois as trepadeiras surgiriam e a puxariam com força, uma tempestade de folhas a envolveria, e a Floresta se fecharia de novo ao redor dela. Gemi em protesto e quase perdi o fio da meada do feitiço, e o Dragão disse atrás de mim, com a voz estranha e remota, como se falasse de muito longe:

– Agnieszka, o expurgo. *Ulozishtus.* Experimente. Posso terminar sozinho.

Com cuidado, afastei minha magia da *Invocação,* com muito, muito cuidado, como se estivesse virando uma garrafa sem deixar que nada caísse pelo gargalo. A luz se manteve, e eu sussurrei: *"Ulozishtus."* Era um dos feitiços do Dragão, não do tipo que era fácil para mim; eu não me lembrava das outras palavras que ele dissera para mim. Mas deixei que essa girasse na minha língua, moldando-a com atenção, e me lembrei da sensação... do fogo que tinha queimado nas minhas veias, da terrível doçura da poção na minha língua. *"Ulozishtus",* falei de novo, desenhando-a devagar, *"Ulozishtus",* e fiz com que cada sílaba fosse uma pequena fagulha presa na madeira, um pedaço de magia voando. E, dentro da Floresta, vi um rastro fino de fumaça subindo de um trecho de arbustos que se fechava ao redor de Kasia; sussurrei *"Ulozishtus"* para ele e para outro rastro de fumaça que se erguia diante dela e, quando fiz isso para o terceiro, uma chama amarela minúscula e guerreira surgiu próxima ao braço dela.

"Ulozishtus", falei de novo para a chama, dando a ela mais um pouco de magia, como se estivesse colocando camadas de gravetos num fogo novo de uma lareira morta. A chama ficou mais forte, e as trepadeiras se encolhiam conforme ela se aproximava, elas recuavam. *"Ulozishtus, ulozishtus",*

cantarolei, alimentando a chama e, conforme ela subia, eu pegava galhos flamejantes dela e incendiava o resto da Floresta.

Kasia cambaleou e se levantou, libertando os braços das trepadeiras fumegantes, a pele marcada de vermelho por causa do calor. Mas ela conseguia se mexer com mais rapidez e veio na minha direção atravessando a fumaça, atravessando as folhas crepitantes, correndo enquanto árvores cresciam, enquanto galhos queimados caíam ao seu redor. Seu cabelo estava em chamas, e a roupa rasgada, lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto a pele ficava mais vermelha e formava bolhas. Seu corpo diante de mim estava se sacudindo nas algemas, se retorcendo num grito de raiva, e eu chorei e gritei *"Ulozishtus"* de novo. O fogo estava crescendo, e eu sabia que, do mesmo jeito que o Dragão poderia ter me matado quando me expurgou das sombras, Kasia poderia morrer aqui e agora, poderia queimar nas minhas mãos até a morte.

Agora eu estava agradecida pelos meses terríveis e longos que passara tentando encontrar alguma coisa, qualquer coisa; estava agradecida por todos os fracassos, por cada minuto que passei aqui nesta tumba com a Floresta rindo de mim. Isso me deu forças para continuar o feitiço. A voz do Dragão estava firme atrás de mim, como uma âncora, cantando até o fim da *Invocação.* Kasia se aproximava, e ao redor dela a Floresta estava queimando. Dava para ver muito pouco das árvores agora... ela estava perto o suficiente para olhar através dos próprios olhos, e havia chamas lambendo sua pele, rugindo, crepitando. Seu corpo se arqueou contra a pedra, se debatendo. Seus dedos ficaram rígidos, se abriram, e de repente, nas veias de seus braços corria um verde brilhoso.

Gotas de seiva irromperam pingando de seus olhos e de seu nariz, filetes que escorriam pelo rosto como lágrimas, o aroma doce e fresco era terrivelmente errado. Sua boca se entreabriu num silencioso grito circular, e minúsculas radículas brancas se esgueiraram por baixo de suas unhas, como um carvalho crescendo da noite para o dia. Subitamente elas subiram, com uma velocidade horrível, por sobre as algemas, endurecendo e virando madeira cinza. Então, com um barulho que parecia gelo quebrando no auge do verão, as correntes se partiram.

Não reagi. Não houve tempo para fazer nada, aconteceu mais rápido do que eu poderia ter visto. Num instante, Kasia estava acorrentada, e no seguinte ela estava saltando na minha direção. Estava impossivelmente forte, me jogando no chão. A seiva escorria pelo seu rosto, manchando o vestido, e ela caiu sobre mim com um tamborilado que lembrava chuva. Ela se espalhou pela minha pele, espumando contra o meu feitiço de proteção. Os lábios de Kasia se afastaram dos dentes quando ela grunhiu. Suas mãos se fecharam ao redor da minha garganta como ferro, quente, a ponto de queimar, e aquelas radículas começaram a se espalhar sobre mim, me estrangulando. O Dragão estava entoando mais rápido, correndo pelas palavras finais, apressando o fim do feitiço.

Falei *"Ulozishtus!"* de novo, sufocando, olhando para a Floresta e para o rosto de Kasia que se retorcia metade pela raiva e metade pela agonia, enquanto suas mãos apertavam mais e mais. Ela me encarou. A luz da *Invocação* estava ficando mais forte, preenchendo cada canto do cômodo, impossível de se esquivar, e olhamos uma para a outra, por completo, com todos os ódios e invejas insignificantes e segredos expostos, e lágrimas se misturavam com a seiva no rosto dela. Eu também estava chorando: as lágrimas escorriam dos meus olhos enquanto ela tirava o ar de mim e a escuridão começava a ofuscar minha visão.

– Nieshka – disse ela, com a própria voz abafada, estremecendo de determinação, e um por um ela obrigou os dedos a se abrirem e a se afastarem da minha garganta. Minha visão clareou e, olhando para o rosto dela, vi a vergonha desaparecendo. Ela me olhou com um amor feroz, com coragem.

Solucei de novo, uma última vez. A seiva estava secando, e o fogo a estava consumindo. As pequenas radículas tinham secado e virado cinzas. Outro expurgo a mataria. Eu sabia, dava para ver. E Kasia sorriu para mim, porque ela não conseguia falar de novo, e baixou a cabeça uma vez, devagar. Senti meu rosto enrugado, feio e contorcido, então falei: *"Ulozishtus."*

Olhei para o rosto de Kasia, sedenta pela última visão dela, mas a Floresta olhou para mim através daqueles olhos: uma raiva escura, cheia de

fumaça, queimando, as raízes plantadas fundo demais para arrancá-las. Kasia ainda mantinha as próprias mãos longe da minha garganta.

E aí... a Floresta sumiu.

Kasia caiu em cima de mim. Gritei de alegria e joguei os braços ao redor dela, que me abraçou tremendo, soluçando. Ela ainda estava febril, seu corpo chacoalhava, e vomitou no chão enquanto eu a abraçava, chorando sem forças. Suas mãos me machucavam, estavam quentes demais e duras, e ela se agarrava a mim com força, minhas costelas estalando dolorosamente sob a pele. Mas era ela. O Dragão fechou o livro com uma pancada pesada final. O cômodo estava repleto de uma luz flamejante: não havia lugar para a Floresta se esconder. Era Kasia, e apenas Kasia. Tínhamos vencido.

Capítulo 11

O Dragão estava estranho e calado enquanto arrastávamos Kasia escada acima, devagar e cansados. Ela estava quase inconsciente, saindo do atordoamento apenas para arranhar o ar antes de se entregar de novo. Seu corpo fraco estava anormalmente pesado: como carvalho sólido, como se a Floresta o tivesse alterado.

– A Floresta se foi? – perguntei a ele, desesperada. – Ela se foi?

– Foi – respondeu ele de um jeito curto enquanto a carregávamos pela longa escada em espiral; mesmo com sua força peculiar, cada passo era uma batalha, como se tentássemos carregar uma tora caída, e nós dois estávamos esgotados. – A *Invocação* teria nos avisado se a Floresta ainda estivesse lá. – Ele não disse mais nada até termos conseguido levá-la até o aposento de hóspedes, depois ficou ao lado da cama, olhando para ela, as sobrancelhas juntas, e em seguida saiu do quarto.

Tive pouco tempo para pensar nele. Kasia ficou deitada, febril e doente, durante um mês. Ela se levantava de repente, meio acordada e perdida em pesadelos, ainda na Floresta, e conseguia arremessar até o Dragão para longe de si e quase do outro lado do quarto. Tivemos que amarrá-la na cama com dossel, usando cordas e, por fim, correntes. Eu dormia encolhida no tapete ao pé da cama, levantando para dar água a ela sempre que gritava, e para tentar enfiar alguns pedaços de comida na sua boca: ela não conseguia engolir mais do que um ou dois pedaços de pão puro.

Meus dias e minhas noites se misturavam, interrompidos pelos momentos em que ela acordava. Kasia despertava a cada hora no início, e eu levava dez minutos para acalmá-la, então nunca conseguia dormir direito e cambaleava confusa pelas horas. Só depois da primeira semana comecei a ter certeza de que ela ia sobreviver e roubei alguns minutos para rabiscar

um bilhete para Wensa, para avisar a ela que Kasia estava livre, que estava melhorando.

– Ela vai guardar segredo? – perguntou o Dragão, quando pedi a ele para enviá-lo; e eu estava esgotada demais para perguntar por que ele se importava com isso; apenas abri a carta e escrevi numa linha: *Não conte a ninguém ainda*, e entreguei a ele.

Eu devia ter perguntado; ele devia ter me pressionado mais para ser cautelosa. Mas nós dois estávamos esfarrapados, éramos como um tecido em frangalhos. Eu não sabia no que ele estava trabalhando, mas via a luz acesa na biblioteca tarde da noite, enquanto descia tropeçando até a cozinha para pegar mais sopa e voltava para cima, e páginas soltas cobertas com diagramas e inscrições formavam pilhas sobre a sua mesa. Uma tarde, seguindo o cheiro de fumaça, eu o encontrei no laboratório, com o fundo de um frasco de alambique escurecendo diante de si, já seco. Ele deu um pulo quando o acordei, derrubou a coisa toda e deu início a um incêndio que, para ele, era uma falta de jeito totalmente atípica. Tivemos que correr para apagá-lo juntos, e os ombros dele estavam rígidos como os de um gato, detestando o insulto à sua dignidade.

No entanto, duas semanas depois, Kasia acordou depois de quatro horas completas de sono, virou a cabeça para mim e disse "Nieshka", exausta mas parecendo ela mesma, os olhos castanho-escuros simpáticos e claros. Envolvi seu rosto com as minhas mãos, sorrindo através das lágrimas, e ela conseguiu fechar as mãos parecidas com garras ao redor das minhas e sorrir também.

A partir daí, ela começou a se recuperar rapidamente. Sua estranha nova força a deixou desajeitada no início, mesmo depois que conseguiu se levantar. Ela esbarrou em móveis e caiu escada abaixo na primeira vez em que tentou descer sozinha até a cozinha, quando eu estava lá embaixo preparando mais sopa. Mas, quando me afastei do fogo e voei até ela, assustada, eu a encontrei ao pé da escada sem ferimentos, nem mesmo uma mancha roxa, apenas se esforçando para ficar de pé outra vez.

Eu a levei até o grande salão para aprender a andar novamente e tentei estabilizá-la enquanto caminhávamos devagar pelo cômodo, apesar de ela

acidentalmente me derrubar com muita frequência. O Dragão estava descendo a escada para pegar alguma coisa no porão. Ele ficou parado na porta e observou nosso progresso desajeitado durante um tempinho, com o rosto severo e indecifrável. Depois que a levei escada acima e ela subiu na cama com cuidado e dormiu outra vez, desci até a biblioteca para falar com ele.

– O que tem de errado com ela? – perguntei.

– Nada – respondeu o Dragão de maneira direta. – Pelo que vejo, ela não está corrompida. – Ele não parecia especialmente feliz.

Não entendi. Eu me perguntei se ele estava incomodado por ter outra pessoa morando na torre.

– Ela já está melhor – falei. – Não vai demorar muito.

Ele me olhou com evidente irritação.

– Não vai demorar muito? – disse ele. – O que você pretende fazer com ela?

Abri a boca e a fechei de novo.

– Ela vai...

– Voltar para *casa?* – completou o Dragão. – Casar com um fazendeiro, se conseguir encontrar um que não se importe que a esposa seja feita de madeira?

– Ela ainda é feita de carne, ela não é feita de madeira! – protestei, mas já estava percebendo, mais rápido do que gostaria, que ele estava certo: não havia lugar para Kasia na nossa vila, assim como não havia para mim. Sentei devagar, com as mãos entrelaçadas sobre a mesa. – Ela vai... pegar seu dote – falei, procurando uma resposta. – Ela vai ter que ir embora... para a cidade, para a universidade, como as outras mulheres...

Ele estava prestes a falar, mas fez uma pausa e disse:

– O quê?

– As outras escolhidas, as outras que você capturou – falei, sem pensar em nada; eu estava preocupada demais com Kasia, o que ela poderia fazer? Ela não era uma feiticeira; pelo menos as pessoas entendiam o que era isso. Ela simplesmente estava diferente demais, e eu achava que ela não conseguiria disfarçar isso.

Ele interrompeu meus pensamentos.

– Diga – soltou ele, cáustico, e eu me assustei e o encarei –, *todos* vocês achavam que eu forçava alguma coisa com elas?

Eu o fitei boquiaberta, enquanto ele me olhava furioso, seu rosto tenso e ofendido.

– Sim? – falei, perplexa no início. – Sim, claro que achávamos. Por que não acharíamos? Se você não fizesse isso, por que não contrataria... por que simplesmente não *contrata* uma serviçal... – Mesmo enquanto eu falava, comecei a me perguntar se as outras mulheres, aquela que tinha me deixado a carta, estavam certas. Que ele simplesmente queria um pouco de companhia humana, mas só um pouco, nos termos dele; não alguém que poderia abandoná-lo quando quisesse.

– Serviçais contratados eram inadequados – disse ele, irritadiço e evasivo; mas não explicou o motivo. Ele fez um gesto impaciente, sem olhar para mim; se ele tivesse visto o meu rosto, talvez tivesse parado. – E eu não escolho meninas choronas que só querem se casar com um homem da vila nem meninas que se encolhem de medo de mim...

Eu me levantei de imediato, a cadeira arrastando no chão para longe de mim. Lenta, tardia e borbulhante, uma raiva feroz tinha se erguido dentro de mim, como uma enchente.

– Quer dizer que você captura as que são como Kasia; as que são corajosas o suficiente para aguentar, que não vão magoar ainda mais a família chorando, e você acha que isso corrige as coisas? Você não as estupra, só as deixa confinadas durante dez anos e reclama que achamos que você é pior do que realmente é?

Ele me encarou, e eu o encarei, ofegando. Eu nem sabia que essas palavras existiam dentro de mim para serem ditas; não sabia que elas existiam em mim para serem sentidas. Eu nunca teria pensado em falar assim com meu lorde, o Dragão: eu o havia odiado, mas não o teria repreendido mais do que teria repreendido um raio por ter atingido a minha casa. Ele não era uma *pessoa*, ele era um lorde e um mago, uma criatura estranha num plano totalmente diferente, tão remoto quanto tempestades e pestilência.

Mas ele tinha descido desse plano; tinha mostrado real gentileza. Ele tinha deixado sua magia se misturar com a minha de novo, naquela estranha e estonteante intimidade, tudo para salvar Kasia junto comigo. Suponho que pareça estranho agradecer gritando com ele, mas isso era mais do que um agradecimento: eu queria que ele fosse humano.

– Não é certo – falei bem alto. – *Não* é certo!

Ele se levantou e, por um instante, nos encaramos por sobre a mesa, um de cada lado, ambos furiosos, ambos, acho eu, igualmente em choque; depois ele se afastou de mim, com faixas vermelhas de raiva estampadas no rosto, a mão agarrando com força o peitoril da janela enquanto encarava o lado de fora da torre. Saí disparada do cômodo e corri escada acima.

Durante o resto do dia, fiquei ao lado de Kasia enquanto ela dormia, encolhida na cama com a mão magra dela na minha. Ela ainda estava quente e viva, mas ele não tinha errado. A pele dela era macia, mas, por baixo, sua carne era inflexível: não como pedra, mas como um pedaço de âmbar polido e macio, duro, mas fluido, com as bordas arredondadas. Seu cabelo reluzia no brilho dourado profundo da vela, se curvando em cachos parecidos com os nós de uma árvore. Ela poderia ser uma estátua entalhada. Disse a mim mesma que ela não estava tão diferente, mas eu sabia que estava errada. Meus olhos eram amorosos demais, eu olhava e só via Kasia. Alguém que não a conhecesse veria a estranheza de imediato. Ela sempre fora bonita; agora era bonita de um jeito irreal, preservada e cintilante.

Ela acordou e olhou para mim.

– O que foi?

– Nada – respondi. – Você está com fome?

Eu não sabia o que fazer por ela. Eu me perguntei se o Dragão a deixaria ficar aqui, poderíamos dividir o meu quarto lá em cima. Talvez ele ficasse feliz de ter uma serviçal que nunca poderia ir embora, já que ele não gostava de treinar uma nova. Era um pensamento amargo, mas eu não conseguia pensar em mais nada. Se um desconhecido surgisse na nossa vila com a mesma aparência dela, teríamos certeza de que estava corrompido, que era um novo tipo de monstruosidade criado pela Floresta.

Na manhã seguinte, decidi pedir a ele que a deixasse ficar, apesar de tudo. Voltei à biblioteca. Ele estava na janela, com uma de suas criaturas elementais flutuando sobre a mão. Parei. A superfície delicadamente ondulante do ser era refletiva como uma poça de água parada e, quando me aproximei dele, vi que o reflexo não era do cômodo, mas de árvores, infinitamente profundas e sombrias, se movendo. Ele mudava gradualmente enquanto o observávamos, mostrando os locais por onde o elemental tinha passado, imaginei. Prendi a respiração quando uma sombra se moveu pela superfície: era uma coisa semelhante a um andarilho caminhando, mas menor e, em vez de pernas parecidas com varas, seus membros eram cinza-prateados e largos, com veias semelhantes às das folhas. A coisa parou e virou a cabeça estranha e sem rosto na direção do elemental. As pernas dianteiras continham um conjunto irregular de mudas e plantas rasgadas, com um rastro de raízes: em outro contexto, se pareceria com um jardineiro que estava arrancando ervas daninhas. A criatura virou a cabeça de um lado para o outro e continuou na direção das árvores, desaparecendo.

– Nada – disse o Dragão. – Nenhum acúmulo de forças, nenhuma preparação... – Ele balançou a cabeça. – Para trás – disse ele para mim por sobre o ombro.

Ele empurrou o elemental flutuante para fora da janela, depois pegou o que eu imaginei ser um cajado na parede, acendeu a ponta na lareira e mirou no centro do elemental. O brilho flutuante pegou fogo numa impressionante explosão azul, queimou e desapareceu; um fraco aroma doce entrou pela janela, como corrupção.

– Eles não conseguem vê-los? – perguntei, fascinada.

– Raramente um deles não volta, imagino que às vezes eles sejam pegos. Mas, se eles encostarem no sentinela, ele simplesmente queima. – Ele falava de um jeito abstrato, com a testa franzida.

– Não entendo. O que você estava esperando? Não é bom que a Floresta não esteja preparando um ataque?

– Diga a verdade, você achou que ela ia sobreviver?

Não achei, é claro. Tinha parecido um milagre, mas eu desejara muito aquilo, não queria analisar as razões. Eu não tinha me permitido pensar

nisso.

– A Floresta a deixou ir? – sussurrei.

– Não exatamente. Ela não conseguiu manter Kasia: a *Invocação* e o expurgo estavam expulsando a Floresta. Mas tenho certeza de que a Floresta poderia tê-la segurado por tempo suficiente para que ela morresse. E a Floresta não tende a ser generosa nesses casos. – Ele estava batendo os dedos no peitoril num padrão que parecia estranhamente familiar; eu o reconheci como o ritmo do nosso cântico da *Invocação* ao mesmo tempo que ele. O Dragão parou no mesmo instante. E perguntou, com rigidez: – Ela está recuperada?

– Ela está melhor. Subiu todos os degraus hoje de manhã. Eu a coloquei no meu quarto...

Ele fez um movimento de desdém com a mão.

– Achei que a recuperação dela poderia ser uma distração planejada pela Floresta. Mas se ela já está bem... – Ele balançou a cabeça.

Depois de um instante, os ombros dele se encaixaram, rígidos. Ele tirou a mão do peitoril e se virou para me olhar.

– O que quer que a Floresta pretenda, já perdemos tempo suficiente – disse ele, com amargura. – Pegue seus livros. Precisamos voltar às suas lições.

Eu o encarei.

– Pare de me olhar de boca aberta. Você ao menos entende o que fizemos? – Ele apontou para a janela. – Aquele não foi, de jeito nenhum, o único sentinela que eu mandei. Outro encontrou a árvore-coração que prendeu a menina. Foi fácil – acrescentou de um jeito seco – porque estava *morta*. Quando você queimou a corrupção do corpo da menina, você também queimou a própria árvore.

Mesmo assim, eu não conseguia entender aquela amargura, e compreendi menos ainda quando ele continuou.

– Os andarilhos já a destruíram e plantaram uma nova muda, mas, se fosse inverno e não primavera, se a clareira estivesse mais perto das fronteiras da Floresta... se ao menos estivéssemos preparados, poderíamos

ter entrado com um grupo de lenhadores, para derrubar e queimar a Floresta até aquela clareira.

– Podemos... – disparei, chocada, mas não consegui nem colocar a ideia em palavras.

– Fazer isso de novo? Podemos. O que significa que a Floresta deve dar uma resposta, e *logo*.

Finalmente comecei a entender a urgência dele. Era como sua preocupação com Rosya, percebi de repente: também estávamos numa guerra contra a Floresta, e agora nosso inimigo sabia que tínhamos uma nova arma que poderíamos usar contra ele. O Dragão estava esperando a Floresta atacar não apenas por vingança, mas para se defender.

– Temos muito trabalho a fazer antes de conseguirmos repetir os efeitos – acrescentou ele e apontou para a mesa, bagunçada com mais páginas.

Olhei melhor para elas e percebi, pela primeira vez, que eram anotações sobre o feitiço, nosso feitiço. Havia um diagrama desenhado: nós dois reduzidos a figuras sem expressão nos cantos mais distantes do tomo da *Invocação*, Kasia na nossa frente, reduzida a um círculo com o título CANAL, e uma linha que a ligava ao desenho de uma árvore-coração. Ele apontou para a linha.

– O mais difícil vai ser o canal. Não podemos esperar até que uma vítima seja convenientemente arrancada de uma árvore-coração. No entanto, se a gente capturar um andarilho, pode funcionar, ou até mesmo uma vítima de uma corrupção menor...

– Jerzy – falei de repente. – Podemos tentar com Jerzy?

O Dragão parou e pressionou os lábios, irritado.

– Possivelmente. Mas, primeiro, precisamos codificar os princípios do feitiço, e você precisa praticar cada componente separado. Acredito que caia na categoria de feitiços de quinta ordem: a *Invocação* serve como estrutura, a corrupção em si oferece o canal e o feitiço de expurgo é o impulso. Você não se lembra de absolutamente nada que eu ensinei? – perguntou ele quando me viu morder o lábio.

Era verdade, eu não tinha me esforçado para lembrar de boa parte de suas lições obrigatórias sobre as ordens de feitiços. Elas serviam

principalmente para explicar por que certos feitiços eram mais difíceis que outros. Pelo que eu entendia, era bastante óbvio: se você juntasse duas magias para fazer um novo feitiço, ele seria mais difícil do que as duas separadas; mas, não achei as regras muito úteis. Se você juntasse *três* magias, seria mais difícil do que qualquer uma delas sozinha, mas, pelo menos quando eu tentava, isso não significava que seria mais difícil do que uma das *duas:* tudo dependia do que você estava tentando fazer, e em qual ordem. E as regras dele não tinham nada a ver com o que tinha acontecido lá embaixo na câmara.

Eu não queria falar nisso, e sabia que ele também não. Mas pensei em Kasia, cambaleando na minha direção enquanto a Floresta a agarrava; e em Zatochek, na fronteira da Floresta, a um ataque de distância de ser engolida. E falei:

– Nada disso importa, e você sabe disso.

A mão dele apertou os papéis, amassando as páginas, e por um instante achei que ele ia começar a gritar comigo. Mas ele as encarou e não disse uma palavra. Depois de um instante, fui até meu livro de feitiços e procurei o feitiço de ilusão que tínhamos lançado juntos, no inverno, tantos meses atrás. Antes de Kasia.

Afastei a pilha de papéis o suficiente para ter um pouco de espaço na nossa frente e coloquei o livro ali. Depois de um instante, sem uma palavra, ele pegou outro volume na estante: um livro preto fino, cuja capa brilhava de leve nos pontos em que ele tocava. Ele o abriu num feitiço de duas páginas, escrito em letras nítidas, com o diagrama de uma única flor e todas as partes dela de alguma forma ligadas a uma sílaba do feitiço.

– Muito bem – disse ele. – Vamos começar. – E estendeu a mão para mim do outro lado da mesa.

Foi mais difícil pegá-la desta vez, fazer essa escolha de forma deliberada, sem a distração útil do desespero. Não consegui deixar de pensar na força do seu aperto, as linhas graciosas e compridas dos seus dedos fechados ao redor da minha mão, as pontas calejadas e quentes roçando no meu pulso. Senti a pulsação dele nos meus dedos, o calor da sua pele. Encarei meu livro e tentei dar sentido às letras, meu rosto enrubescido, enquanto ele

começava a lançar o próprio feitiço, com a voz entrecortada. Sua ilusão começou a tomar forma, outra flor perfeitamente articulada, com um aroma delicioso, linda, mas totalmente opaca, e o caule quase todo coberto com espinhos.

Comecei num sussurro. Estava me esforçando para não pensar, não sentir a magia dele na minha pele. Nada aconteceu. Ele não falou nada para mim, seus olhos estavam fixados com determinação num ponto acima da minha cabeça. Parei e tentei recuperar as rédeas. Em seguida, fechei os olhos e senti a forma da magia dele: tão cheia de espinhos quanto sua ilusão, espinhosa e reservada. Comecei a murmurar meu feitiço, porém me vi pensando não em flores, mas em água, e num solo árido; tentei adicionar à magia dele, e não cobri-la. Eu o ouvi respirar fundo, e a estrutura do seu feitiço começou relutantemente a deixar que o meu entrasse. A rosa entre nós ganhou longas raízes que se espalharam por toda a mesa, e novos ramos começaram a surgir.

Não era aquele matagal como da primeira vez em que lançamos o feitiço, ele estava refreando sua magia, e eu também, ambos deixando apenas que um fiapo de poder alimentasse o feitiço. Mas a roseira assumiu uma solidez diferente. Não dava mais para dizer que se tratava de uma ilusão; as raízes unidas em forma de corda comprida, estendendo os dedos para dentro das rachaduras da mesa, se enroscando nas pernas. As flores não eram apenas a imagem de uma rosa; eram rosas de verdade numa floresta, metade delas ainda em botão, a outra metade aberta, pétalas com bordas amarronzadas se espalhando. A fragrância densa encheu o ar, doce demais, e enquanto a segurávamos, uma abelha entrou flutuando pela janela e se enfiou numa das flores, furando-a com determinação. Como ela não conseguiu tirar néctar da flor, tentou outra, e mais outra, as perninhas cambaleando nas pétalas, que cediam exatamente como se estivessem suportando o peso de uma abelha.

– Você não vai conseguir nada aqui – falei para a abelha pairando no ar e a soprei, mas ela simplesmente tentou de novo.

O Dragão tinha parado de encarar o ponto acima de mim, todo o constrangimento cedendo lugar à sua paixão pela magia: ele estava

analisando nossos feitiços entrelaçados com o mesmo olhar determinado e decidido que usava para os experimentos mais complicados, a luz do feitiço clara no seu rosto e nos seus olhos; ele estava sedento para entender.

– Você consegue mantê-lo sozinha?

– Acho que sim – respondi, e ele afastou lentamente a mão da minha, me deixando sozinha para manter a roseira selvagem que se espalhava. Sem a estrutura rígida do feitiço dele, ela quase desabou, como uma trepadeira cuja treliça fora retirada, mas descobri que eu conseguia manter a magia dele, só um cantinho dela, o suficiente para formar um esqueleto, e alimentei o feitiço com mais da minha própria magia para compensar sua fraqueza.

Ele abaixou a mão e virou algumas páginas do seu livro até chegar a outro feitiço, este para criar a ilusão de um inseto, desenhado como o da flor. Ele falou rapidamente, os feitiços rolando por sua língua, e criou meia dúzia de abelhas e as soltou na roseira, confundindo ainda mais nossa abelha-visitante. Conforme ele criava cada uma, ele... as dava para mim, com um tipo de empurrão leve; eu conseguia pegá-las e uni-las ao feitiço da roseira.

– Agora quero juntar o feitiço de observação a eles. O feitiço que os sentinelas carregam – disse o Dragão.

Fiz que sim com a cabeça enquanto me concentrava em manter o feitiço, o que poderia passar mais despercebido na Floresta do que uma simples abelha? Ele virou para as últimas páginas do livro, até uma porção de feitiços escritos na caligrafia dele. Mas quando ele começou, o peso do feitiço caiu sobre as ilusões de abelhas e sobre mim. Eu as segurei, me esforçando, sentindo minha magia sendo drenada mais rápido do que eu conseguia repor, até que fiz um ruído para chamar a atenção dele, sem palavras, e o Dragão tirou os olhos do feitiço e estendeu a mão para mim.

Entreguei minha mão e minha magia a ele de forma descuidada, e em retorno senti a pressão da magia dele. Sua respiração saiu num grunhido enquanto nossos feitiços se uniam e nossa magia fluía em direção a eles. A roseira começou a crescer de novo, raízes rastejando para fora da mesa e trepadeiras subindo pela janela. As abelhas se tornaram um enxame

zumbidor por entre as flores, errantes, cada uma delas com olhos estranhamente cintilantes. Se eu pegasse uma nas mãos e olhasse com atenção, teria visto naqueles olhos o reflexo de todas as rosas que ela havia tocado. Mas eu não tinha espaço na cabeça para abelhas nem rosas nem espionagem; nenhum espaço para nada além da magia, seu fluxo bruto e a mão dele sendo minha única rocha, só que ele estava sendo arrastado junto comigo.

Senti sua preocupação. Por instinto, eu o puxei comigo em direção aos pontos em que a magia ficava mais escassa, como se estivesse num rio crescente tentando alcançar uma margem. Juntos, conseguimos nos arrastar para fora. A roseira definhou pouco a pouco, virando uma única flor; as abelhas falsas subiam nas flores enquanto elas se fechavam ou simplesmente se dissolviam no ar. A última rosa morreu e desapareceu, e nós dois sentamos pesadamente no chão, nossas mãos ainda entrelaçadas. Eu não sabia o que tinha acontecido, ele havia me falado com frequência sobre os perigos de não ter magia suficiente para um feitiço, mas nunca tinha mencionado o risco de ter magia demais. Quando me virei para exigir uma resposta, ele tinha a cabeça apoiada nas estantes, os olhos tão alarmados quanto os meus, e percebi que ele também não sabia o que tinha acontecido.

– Bem – falei depois de um instante, inconsequente –, parece que *realmente* funcionou. – Ele me encarou, a revolta surgindo, e eu comecei a rir, descontrolada, quase urrando: estava tonta de magia e preocupação.

– Sua lunática intolerável – rosnou ele para mim, e então pegou meu rosto entre as mãos e me beijou.

Não pensei direito no que estava acontecendo, nem mesmo enquanto o beijava de volta, minha risada entornando na boca do Dragão e transformando meus beijos em gagueira. Eu ainda estava ligada a ele, nossa magia entrelaçada em grandes nós emaranhados. Não podia comparar essa intimidade a nada. Eu já havia sentido esse embaraço, mas achava que era como estar nua diante de um estranho. Eu não conectava isso ao sexo: sexo era uma referência poética nas canções, eram as instruções práticas da minha mãe e aqueles poucos instantes repugnantes na torre com o príncipe

Marek, onde eu poderia muito bem ter sido uma boneca de pano e isso não faria nenhuma diferença para ele.

Mas agora eu tombava sobre o Dragão, agarrando seus ombros. Quando caímos, senti a pressão de suas coxas entre as minhas, por cima das saias, e num solavanco que gerou calafrios comecei a entender o que estava acontecendo. Ele gemeu, sua voz ainda mais grave, suas mãos deslizando pelo meu cabelo, soltando o nó frouxo sobre os meus ombros. Eu o segurava com minhas mãos e minha magia, chocada e eufórica. Seu corpo magro e rígido, a cuidadosa arte de seus tecidos luxuriantes, veludo, seda e couro sendo amassados pelos meus dedos, de repente tudo aquilo passou a significar algo totalmente diferente. Eu estava em seu colo, uma perna em cada lado de seus quadris, e sentia o corpo dele quente contra o meu; suas mãos agarravam minhas coxas através do vestido com uma força quase dolorosa.

Eu me inclinei e o beijei de novo, num lugar maravilhoso cheio de desejos descomplicados. Minha magia e a magia dele eram uma coisa só. Sua mão deslizou pela minha perna, subindo por baixo das saias, e senti o toque de seu polegar habilidoso entre as minhas pernas. Soltei um ruído abafado e surpreso, como se tivesse recebido um choque no inverno. Uma fagulha involuntária percorreu as minhas mãos e o corpo dele, como a luz do sol num rio em movimento, e todas as infinitas fivelas e fechos de seu colete se abriram, e os laços de sua camisa se desfizeram.

Eu ainda não tinha percebido muito bem o que estava fazendo até aquele momento, com minhas mãos no seu peito nu. Ou, na verdade, só tinha me permitido pensar no que queria, e não tinha me permitido colocar isso em palavras. Mas era impossível não entender agora; embaixo de mim, ele estava desfeito. Até os laços da calça dele estavam abertos, eu os sentia soltos nas minhas coxas. Ele poderia afastar minhas saias e...

Meu rosto estava quente, desesperado. Eu o queria, eu queria fugir e, acima de tudo, eu queria saber qual dessas coisas eu queria mais. Congelei e o encarei com os olhos arregalados, e ele me encarou de volta, mais desnorteado do que eu jamais o vira, o rosto corado e o cabelo desgrenhado,

as roupas abertas pendendo para o lado, igualmente surpreso e quase horrorizado. Então ele disse, num sussurro:

– O que estou fazendo? – E segurou meus punhos e os afastou de si, nos levantando.

Cambaleei para trás e me apoiei na mesa, dividida entre o alívio e o arrependimento. Ele virou de costas para mim, já amarrando os laços da roupa, suas costas se endireitando e formando uma linha rígida e comprida. Os fios soltos da minha magia gradualmente se encolhiam para a minha pele, e os da dele escapavam de mim; pressionei as mãos no meu rosto fervendo.

– Eu não queria... – comecei e parei; eu não sabia o que não queria.

– Sim, ficou bem evidente – disse ele por sobre o ombro. Ele estava fechando o colete sobre a camisa aberta. – Saia.

Fugi.

No meu quarto, Kasia estava sentada na cama mexendo com amargura na minha cesta de remendos: havia três agulhas quebradas sobre a mesa, e ela estava tendo uma enorme dificuldade para fazer pontos desleixados e compridos num pedaço de tecido.

Ela levantou o olhar quando entrei correndo: meu rosto ainda vermelho e minha roupa desgrenhada, ofegando como se tivesse voltado de uma corrida.

– Nieshka! – disse ela, soltando a costura enquanto se levantava. Ela deu um passo e estendeu as mãos para as minhas, mas hesitou. Kasia tinha aprendido a ter medo da própria força. – Você está... ele...

– Não! – respondi, e não sabia se estava feliz ou triste. Agora, a única magia dentro de mim era a minha, e me sentei na cama num baque descontente.

Capítulo 12

Não foi me dado nenhum tempo para contemplar a situação. Naquela mesma noite, apenas um pouco depois da meia-noite, Kasia deu um pulo ao meu lado e eu quase caí da cama. O Dragão estava parado na porta do quarto, seu rosto rígido e indecifrável, uma luz brilhando na mão; ele estava de pijama e roupão.

– Tem soldados na estrada. Vistam-se. – Ele virou e saiu sem mais uma palavra.

Confusas, nós duas nos levantamos, nos enfiamos em nossas roupas e descemos a escada até o grande salão. O Dragão estava na janela, agora vestido. Dava para ver os cavaleiros ao longe, uma grande companhia: duas lanternas em varas compridas na frente, mais uma atrás, a luz refletindo nos arreios e nas cotas de malha, e dois batedores conduzindo uma fileira reserva de cavalos no fim. Eles carregavam dois estandartes, um pequeno globo redondo de magia branca diante de cada um: uma criatura verde de três cabeças parecida com um dragão sobre o tecido branco, o brasão do príncipe Marek, e atrás, um brasão que tinha um falcão vermelho com as garras estendidas.

– Por que eles estão vindo? – sussurrei, apesar de eles estarem longe demais para escutar.

O Dragão não respondeu de imediato; depois, falou:

– Por causa dela.

No escuro, estendi a mão e agarrei a de Kasia com força.

– Por quê?

– Porque estou corrompida – respondeu Kasia. O Dragão fez que sim com a cabeça bem de leve. Eles estavam vindo para sacrificar Kasia.

Tarde demais, eu me lembrei da minha carta: nenhuma resposta tinha chegado, e eu até tinha me esquecido de tê-la enviado. Algum tempo depois, soube que Wensa tinha ido para casa e caído num estupor doentio depois de sair da torre. Outra mulher que visitava seu leito abriu a carta, aparentemente como uma gentileza, e levou a fofoca para todas as partes: a notícia de que tínhamos tirado alguém da Floresta. A história viajou até os Pântanos Amarelos; viajou até a capital, carregada por bardos, e fez o príncipe Marek vir até nós.

– Eles vão acreditar em você quando disser que ela não está corrompida? – perguntei para o Dragão. – Eles precisam acreditar em você...

– Como você deve se lembrar – disse ele de um jeito seco –, tenho uma reputação infeliz nesses assuntos. – Ele olhou pela janela. – E duvido que o Falcão tenha vindo até aqui só para concordar comigo.

Virei e olhei para Kasia, cujo rosto estava calmo e artificialmente parado, inspirei fundo e peguei suas mãos.

– Não vou deixar que eles façam isso – falei para ela. – Não vou.

O Dragão bufou de um jeito impaciente.

– Você planeja explodir todos, além de uma tropa dos soldados do rei? E o que vão fazer depois disso? Correr para as montanhas e virar criminosas?

– Se for necessário! – falei, mas a pressão dos dedos de Kasia nos meus me fez virar; ela balançou um pouco a cabeça para mim.

– Você não pode – disse ela. – Você não pode, Nieshka. Todo mundo precisa de você. Não só eu.

– Então você vai sozinha para as montanhas – falei, desafiadora. Eu me sentia como um animal encurralado, ouvindo a faca do açougueiro na pedra de amolar. – Ou eu levo você e depois volto... – Os cavalos estavam tão próximos que dava para ouvir o batido dos cascos acima do som da minha voz.

O tempo se esgotou. Não fugimos. Peguei a mão de Kasia enquanto ficávamos paradas numa meia alcova do grande salão do Dragão. Ele sentou na sua poltrona, o rosto tenso, remoto e deslumbrante, e esperou; ouvimos o barulho da carruagem parando, os cavalos batendo os cascos e resfolegando, as vozes masculinas abafadas pelas portas pesadas. Houve uma pausa; a

batida que eu esperava não aconteceu e, depois de um instante, senti o arrepio lento e insinuante da magia, um feitiço ganhando forma do outro lado das portas, tentando forçar a abertura. Ele espetou e empurrou o feitiço do Dragão, tentando espreitá-lo, e de repente, um golpe rápido e forte surgiu: um impulso de magia que tentou atravessar. Os olhos e a boca do Dragão ficaram brevemente tensos, e uma crepitação fraca de luz azul atravessou as portas, mas só isso.

Finalmente veio a batida, o soco forte de um punho com cota de malha. O Dragão dobrou um dedo e as portas se abriram para dentro: o príncipe Marek estava parado no solado da porta e, ao seu lado, outro homem, que, apesar de ter metade da largura dele, conseguia ter uma presença semelhante. Estava envolvido numa longa capa branca, estampada com um padrão preto parecido com as asas de um pássaro, e seu cabelo era da cor de lã de carneiro, mas com raízes pretas, como se ele o tivesse descolorido. A capa caía para trás pendurada num ombro, e as roupas por baixo eram prateadas e pretas; seu rosto era cuidadosamente preparado para dar a sensação de "preocupação tristonha", como se isso estivesse escrito ali. Juntos, eles pareciam uma pintura, Sol e Lua emoldurados pela porta, a luz por trás. Então o príncipe Marek entrou na torre, tirando as luvas.

– Está bem – disse ele. – Você sabe por que estamos aqui. Vamos ver a menina.

O Dragão não disse uma palavra, apenas apontou para Kasia, para onde eu e ela estávamos meio escondidas. Marek virou e se concentrou nela de imediato, seus olhos se estreitando com uma luz inquisitiva. Olhei furiosa para ele, apesar de ele não perceber, só me olhou de relance.

– Sarkan, o que você fez? – perguntou o Falcão, avançando sobre a poltrona do Dragão. Sua voz era um tenor claro, envolvente, como a de um bom ator, e encheu o salão todo com uma acusação pesarosa. – Você perdeu totalmente o juízo, se escondendo aqui no interior...

O Dragão ainda estava na poltrona, apoiando a cabeça na mão.

– Me diga uma coisa, Solya – começou ele –, você pensou no que ia encontrar aqui no meu salão se eu *realmente* tivesse tirado uma pessoa corrompida de lá?

O Falcão fez uma pausa, e o Dragão se ergueu da poltrona, a ação calculada. O salão escureceu ao redor dele com uma velocidade súbita e assustadora, sombras se esgueirando e engolindo as velas altas, as luzes mágicas reluzentes. Ele desceu do tablado, cada passo soando como o toque profundo e terrível de um grande sino, um após o outro. O príncipe Marek e o Falcão recuaram involuntariamente; o príncipe segurou o punho da espada.

– Se eu tivesse cedido à Floresta – continuou o Dragão –, o que você imaginou que ia fazer aqui na minha torre?

O Falcão já estava com as mãos unidas, os polegares e os indicadores formando um triângulo; ele estava sussurrando bem baixinho. Senti o zumbido da sua magia aumentando, e brilhantes linhas estreitas de luz começaram a cintilar no espaço emoldurado pelas suas mãos. Elas surgiam cada vez mais rápido, até todo o triângulo ficar preenchido e, como se isso tivesse proporcionado uma fagulha inflamável, um halo de fogo branco subiu para coroar seu corpo. Ele abriu as mãos, separando-as, o fogo fervendo e crepitando sobre elas, faíscas caindo como chuva no chão, como se ele estivesse se preparando para lançar aquilo. O feitiço tinha a mesma sensação faminta do coração-de-fogo no frasco, como se quisesse devorar o próprio ar.

– *Triozna greszhni* – disse o Dragão, as palavras saindo aos poucos, e as chamas se apagaram como velas derretidas: um vento frio e penetrante assobiou pelo salão, gelando minha pele, e sumiu.

Eles o encararam, hesitantes. O Dragão abriu os braços e deu de ombros.

– Felizmente – disse o Dragão, no seu tom ácido normal –, não tenho sido nem um pouco estúpido como vocês imaginavam. Para sorte de vocês.

Ele se virou e voltou para a poltrona, as sombras recuando dos seus pés, se derramando para trás. A luz apareceu novamente. Eu via o rosto do Falcão com muita clareza: ele não parecia se sentir especialmente grato. Seu rosto estava rígido como gelo, os lábios pressionados em uma linha reta.

Suponho que ele estava cansado de ser o segundo mago de Polnya. Eu até tinha ouvido um pouco sobre ele, muitas vezes ele era citado nas

canções sobre a guerra com Rosya, apesar de, claramente, no nosso vale, os bardos não falarem muito sobre outro mago. Queríamos ouvir histórias sobre o Dragão, sobre o *nosso* mago, proprietário, e sentíamos orgulho e satisfação ao ouvir, mais uma vez, que ele era o mago mais poderoso da nação. Mas eu não tinha pensado no que isso realmente significava e tinha me esquecido de ter medo dele, por termos passado muito tempo próximos. Observando a facilidade com que ele sufocou a magia do Falcão, lembrei-me claramente de que ele era um grande poder no mundo, que podia fazer até mesmo reis e outros magos temerem.

O príncipe Marek, percebi, gostou tão pouco desse lembrete quanto o Falcão; sua mão ficou mais um tempo no punho da espada, e havia uma tensão no seu rosto. Mas ele olhou de novo para Kasia. Eu me encolhi e tentei inutilmente pegar seu braço enquanto ela se afastava de mim, saindo da alcova, e indo em direção a ele. Engoli o alerta que queria sibilar, tarde demais, enquanto ela fazia uma reverência para ele, com a cabeça dourada abaixada. Ela se empertigou e olhou bem no rosto dele, exatamente como eu tinha imaginado fazer, tantos longos meses atrás. Ela não gaguejou.

– Majestade – disse ela –, sei que deve duvidar de mim. Sei que pareço estranha. Mas é verdade, estou livre.

Havia feitiços correndo nos fundos da minha mente, uma ladainha de desespero. Se ele sacasse a espada contra ela... se o Falcão tentasse derrubá-la...

O príncipe Marek olhou para ela: o rosto dele estava rígido e retraído, atento.

– Você esteve na Floresta? – perguntou ele.

Ela inclinou a cabeça.

– Os andarilhos me pegaram.

– Venha dar uma olhada nela – disse ele por sobre o ombro para o Falcão.

– Vossa Alteza – começou o Falcão, ficando ao lado dele. – Está claro para qualquer...

– Pare – disse o príncipe, com a voz penetrante como uma faca. – Não gosto dele do mesmo jeito que você, mas não trouxe você aqui por motivos

políticos. *Olhe* para ela. A menina está corrompida ou não?

O Falcão fez uma pausa, franzindo a testa; ele estava surpreso.

– Passar uma noite presa na Floresta é invariavelmente...

– *Ela está corrompida?* – insistiu o príncipe, cada palavra proferida com força e dificuldade. Devagar, o Falcão virou e olhou para Kasia, olhou realmente para ela, pela primeira vez, e suas sobrancelhas se uniram lentamente por causa da confusão. Olhei para o Dragão, sem querer ter esperança, mas tendo mesmo assim: se eles estivessem dispostos a escutar...

Mas o Dragão não estava olhando para mim nem para Kasia. Ele estava olhando para o príncipe, e seu rosto estava rígido como pedra.

O Falcão começou a testá-la de imediato. Ele exigiu poções dos suprimentos do Dragão e livros de suas estantes, e o Dragão me mandou correr para buscá-los, sem argumentar. O Dragão me ordenou a ficar na cozinha o resto do tempo; no início, achei que ele queria me poupar de ver os testes, alguns tão pavorosos quanto a magia de roubar o fôlego que ele tinha usado em mim depois que voltei da Floresta. Mesmo na cozinha, dava para ouvir a cantoria e a crepitação da magia do Falcão lá em cima. Ela ressoava nos meus ossos, como um grande tambor tocado ao longe.

Mas, na terceira manhã, eu me vi na lateral de uma das grandes chaleiras de cobre e percebi que eu estava suja, eu era uma bagunça: não tinha tido tempo para criar roupas limpas, não com o ruído lá em cima e toda a minha preocupação com Kasia. Não pensei que tinha acumulado borrões, manchas, lágrimas, e também não me importava; mas o Dragão não dissera nada. Ele descera até a cozinha mais de uma vez, para me dizer o que eu deveria pegar. Encarei o reflexo e, na próxima vez que ele desceu, perguntei de supetão:

– Você está me mantendo longe de tudo?

Ele fez uma pausa, antes mesmo de descer do último degrau, e disse:

– Claro que estou mantendo você longe de tudo, sua idiota.

– Mas ele não se lembra – falei, mencionando o príncipe Marek. E a minha fala parecia um pedido ansioso.

– Ele vai se lembrar, se tiver o mínimo de chance. Significa muito para ele. Fique longe do caminho, comporte-se como uma serviçal comum e não use magia em nenhum lugar, senão ele ou Solya poderão ver você.

– Kasia está bem?

– Tão bem quanto qualquer pessoa estaria. Que essa seja a menor de suas preocupações, ela agora é muito mais difícil de machucar do que uma pessoa comum, e Solya não é chocantemente estúpido. De qualquer maneira, ele sabe muito bem o que o príncipe quer, e se tudo continuar igual, ele vai preferir dar a ele. Vá pegar três garrafas de leite de abeto.

Bem, eu não sabia o que o príncipe queria e também não gostava da ideia de ele conseguir o que quer que fosse. Subi até o laboratório para pegar o leite de abeto: era uma poção que o Dragão preparava com agulhas de abeto, que, de alguma forma, depois de ele manusear, se transformava num líquido leitoso e sem aroma; apesar de ele uma vez tentar me ensinar a fazê-lo, eu só tinha produzido uma confusão fedorenta de agulhas de abeto e água. Sua virtude era fixar a magia no corpo, era usado em todas as poções de cura e na poção de pele-de-pedra. Levei as garrafas até o grande salão.

Kasia estava em pé no centro do salão, dentro de um elaborado círculo duplo desenhado no chão com ervas esmagadas e sal. Eles tinham colocado um colar pesado ao redor do pescoço dela, como uma canga de bois, feito de ferro manchado de preto entalhado com feitiços em letras prateadas brilhantes, com correntes que se penduravam ali e iam até os seus punhos algemados. Ela não tinha nada além de uma cadeira para sentar, e isso a deveria ter dobrado ao meio, mas ela estava empertigada embaixo do colar, com facilidade. Ela me deu um leve sorriso quando entrei no salão: *Estou bem*.

O Falcão parecia mais cansado do que ela, e o príncipe Marek estava esfregando o rosto num bocejo enorme, apesar de estar apenas sentado numa cadeira, observando.

– Ali – disse o Falcão na minha direção, acenando a mão para sua mesa de trabalho, não me dando mais atenção do que isso. O Dragão estava sentado em sua poltrona alta e me lançou um olhar penetrante quando

hesitei. Rebelde, coloquei as garrafas sobre a mesa, mas não saí do cômodo; recuei até a porta e observei.

O Falcão infundiu feitiços de expurgo nas garrafas: três diferentes. Ele trabalhava com um tipo de objetividade penetrante; enquanto o Dragão envolvia a magia em complicações sem fim, o Falcão desenhava uma linha reta. Mas sua magia funcionava do mesmo jeito; para mim, parecia apenas que ele estava escolhendo um caminho diferente entre muitos, e não vagando por entre as árvores como eu fazia. Ele estendeu as garrafas para Kasia, do outro lado da linha, com um par de pinças de ferro, parecia ter ficado mais cuidadoso desde que começou, e não menos. Cada poção cintilou através da pele dela ao bebê-la, e o brilho se demorava, preso; depois que bebeu as três, ela iluminou todo o salão. Não havia nenhuma insinuação de sombra nela, nenhum fio leve e pequeno de corrupção ali.

O príncipe estava largado na cadeira, com uma grande taça de vinho perto do cotovelo, descuidado e tranquilo, mas percebi agora que o vinho estava intocado, e seus olhos não saíam do rosto de Kasia. Isso fez as minhas mãos coçarem para fazer uma magia, eu teria dado um tapa na cara dele só para impedi-lo de olhar para ela.

O Falcão a encarou durante muito tempo, depois tirou uma venda de um bolso do seu gibão e a amarrou sobre os olhos: veludo preto grosso ornamentado com letras prateadas, largo o suficiente para cobrir sua testa. Ele murmurou alguma coisa enquanto a colocava; as letras cintilaram, depois um buraco se abriu na máscara pouco acima do centro da sua testa. Um único olho espiava por ali: grande e com formato estranho, arredondado, o círculo ao redor da enorme pupila era escuro o suficiente para fazê-lo parecer totalmente preto, atravessado com pequenas faixas de prata. Ele chegou até a beira do círculo e encarou Kasia com ele, de cima a baixo, rodeando-a três vezes.

Por fim, ele deu um passo para trás. O olho se fechou, depois o buraco, e ele levantou os braços trêmulos para tirar a venda, mexendo no nó. Ele a tirou. Não queria, mas acabei encarando a testa dele: não havia nenhum sinal de outro olho ali e nenhuma marca, apesar de seus próprios olhos estarem muito vermelhos. Ele sentou pesadamente na poltrona.

– Então? – indagou o príncipe, de um jeito ríspido.

O Falcão não disse nada por um instante.

– Não consigo encontrar sinais de corrupção – respondeu ele finalmente, rancoroso. – Não posso jurar que não há nenhuma...

O príncipe não estava escutando. Ele tinha se levantado e pegado uma chave pesada na mesa. Ele atravessou o salão até Kasia. A luz cintilante estava desaparecendo do corpo dela, mas ainda não tinha sumido; as botas dele espalharam o círculo de sal quando ele o atravessou e destrancou o colar pesado e as algemas. Ele as tirou de Kasia e colocou tudo no chão, depois estendeu a mão, com uma cortesia que dava a impressão de que ela era uma nobre, e os olhos dele a devoravam. Kasia hesitou, eu sabia que ela estava preocupada de quebrar a mão dele por acidente; eu, na verdade, tinha esperança de que ela *fizesse* isso. Ela colocou a mão na dele com cuidado.

Ele a segurou com força e, virando, a conduziu adiante, até a base do tablado do Dragão.

– E agora, Dragão – disse baixinho o príncipe –, você vai nos dizer como isso foi feito. – Ele balançou o braço de Kasia, apoiado no dele. – E depois nós vamos entrar na Floresta, o Falcão e eu, se você for covarde demais para nos acompanhar, e vamos *tirar minha mãe de lá.*

Capítulo 13

– Não vou dar uma espada para você se matar – disse o Dragão. – Se você insiste em morrer, pode fazer com muito menos danos para qualquer pessoa usando a espada que você já tem.

Os ombros do príncipe Marek ficaram tensos, os músculos ao redor do pescoço formaram nós visíveis; ele soltou a mão de Kasia e deu um passo, subindo no tablado. O rosto do Dragão continuou frio e inflexível. Acho que o príncipe o teria atacado, com prazer, mas o Falcão se levantou da cadeira.

– Com sua licença, Vossa Alteza, não há necessidade disso. Se você se lembra do encantamento que usei em Kyeva, quando conquistamos o acampamento do general Nichkov, ele vai servir muito bem aqui. Vai me mostrar como o feitiço foi feito. – Ele sorriu para o Dragão sem mostrar os dentes, os lábios apertados. – Acho que Sarkan vai admitir que nem mesmo ele consegue esconder coisas da *minha* visão.

O Dragão não negou, mas cuspiu:

– Admito que você é um tolo muito mais extravagante do que eu pensava, se você pretende se prestar a essa insensatez.

– Eu não chamaria de *extravagante* usar todas as tentativas razoáveis para resgatar a rainha – disse o Falcão. – Todos nós já baixamos a cabeça para sua sabedoria, Sarkan: certamente não fazia sentido arriscar trazer a rainha de volta só para ter que sacrificá-la. Mas aqui estamos – ele apontou para Kasia – com provas de mais uma possibilidade bem diante de nós. Por que você escondeu isso durante tanto tempo?

Simples assim. No início, estava claro que o Falcão tinha vindo até aqui expressamente para insistir que *não havia* outra possibilidade e para condenar

o Dragão por ter deixado Kasia viver! Eu quase me manifestei, mas ele não mostrou a menor consciência de ter mudado de opinião.

– Se existe alguma esperança para a rainha, eu chamaria de traição não fazer essa tentativa – acrescentou o Falcão. – O que foi feito pode ser repetido.

O Dragão bufou.

– Por você?

Bem, até eu sabia que esse não era o melhor jeito de levar o Falcão a hesitar. Seus olhos se estreitaram, e ele virou friamente e disse para o príncipe:

– Vou descansar agora, Vossa Alteza; preciso recuperar minhas forças antes de lançar o encantamento pela manhã.

O príncipe Marek o dispensou com um aceno de mão; para minha preocupação, vi que, enquanto eu estava ocupada observando a discussão, ele estava conversando com Kasia, segurando a mão dela entre as suas. O rosto dela ainda estava com aquela imobilidade anormal, mas eu tinha aprendido a decifrá-lo bem o suficiente para ver que ela estava perturbada.

Eu estava prestes a ir resgatá-la quando ele soltou a mão dela e saiu do salão, com passos largos e rápidos, o salto das botas batendo nos degraus enquanto ele subia as escadas. Kasia veio até mim, e eu peguei a mão dela. O Dragão estava olhando furioso para a escada, os dedos batendo no braço da poltrona, irritado.

– Ele consegue fazer isso? – perguntei a ele. – Ele consegue ver como o feitiço foi feito?

Tum, tum, tum, batiam seus dedos.

– Não, a menos que ele encontre a tumba – respondeu finalmente o Dragão. Depois de um instante, ele acrescentou, rancoroso: – Algo que ele pode conseguir, ele tem afinidade com a magia de visão. Mas depois ele vai ter que encontrar o caminho até lá. Imagino que vai levar pelo menos algumas semanas; tempo suficiente para eu enviar uma mensagem para o rei e, espero, evitar esse absurdo.

Ele me dispensou com um aceno, e eu fiquei feliz de ir embora, puxando Kasia escada acima atrás de mim, com um olho desconfiado na próxima

curva. No segundo patamar, coloquei a cabeça para fora e verifiquei se o príncipe ou o Falcão estavam no corredor antes de atravessá-lo com Kasia e, quando chegamos ao meu quarto, falei para ela esperar lá fora até eu abrir a porta e olhar lá dentro: vazio. Eu a deixei entrar, fechei e coloquei uma trava na porta, além de empurrar uma cadeira para colocar embaixo da maçaneta. Eu gostaria de tê-la selado com magia, se o Dragão não tivesse me alertado para não usar feitiços, mas, por menos que eu quisesse outra visita do príncipe Marek, queria ainda menos que ele se lembrasse do que acontecera na última. Eu não sabia se o Falcão conseguiria perceber se eu lançasse um feitiço minúsculo de fechamento aqui no meu quarto, mas senti a magia *dele* quando estava na cozinha, por isso não queria arriscar.

Virei para Kasia: ela estava sentada na cama, pesada. Suas costas estavam retas, sempre estavam retas agora, mas as mãos estavam pressionadas juntas no colo, e a cabeça estava inclinada para a frente.

– O que ele disse? – perguntei, com um tremor de raiva crescendo no estômago, mas Kasia balançou a cabeça.

– Ele me pediu para ajudá-lo. Disse que ia falar comigo de novo amanhã. – Ela levantou a cabeça e olhou para mim. – Nieshka, você me salvou... você *consegue* salvar a rainha Hanna?

Por um instante, eu estava na Floresta de novo, afundada nos galhos, o peso do seu ódio me pressionando e as sombras se esgueirando para dentro de mim a cada respiração. O medo fechou minha garganta. Mas também pensei em *fulmia,* rolando como um trovão no fundo do meu estômago; no rosto de Kasia e em outra árvore alta, um rosto sob a casca, amaciado e borrado por vinte anos de crescimento, desaparecendo como uma estátua sob água corrente.

O Dragão estava na biblioteca, escrevendo e irritado, e não melhorou quando desci e fiz a mesma pergunta a ele.

– Tente não pegar mais estupidez do que você já tem – respondeu ele. – Você ainda não é capaz de reconhecer uma armadilha? Isso é coisa da Floresta.

– Você acha que a Floresta tomou conta... do príncipe Marek? – perguntei, querendo saber se isso explicaria tudo; se era por isso que ele...

– Ainda não. Mas ele vai entregar a si mesmo e um mago para começar: uma troca magnífica por uma menina camponesa, e vai ser melhor ainda se você também se entregar! A Floresta vai plantar árvores-essência em você e em Solya e engolir o vale em uma semana. Foi por *isso* que ela deixou Kasia ir embora.

Mas eu me lembrei daquela resistência violenta.

– Ela não deixou Kasia ir embora! Ela não me *deixou* pegá-la...

– Até certo ponto. A Floresta pode ter feito o necessário para preservar uma árvore-coração, exatamente como um general faria para preservar uma fortaleza. Mas, depois que a árvore estava perdida, e certamente tinha sido bem destruída, quer a menina vivesse ou morresse, é claro que ela tentaria encontrar um jeito de compensar a perda.

Discutimos muito o assunto. Não que eu achasse que ele estava errado; parecia exatamente o tipo de coisa que a Floresta faria: transformar o amor numa arma. Mas eu não achava que por isso não deveríamos aproveitar a oportunidade. Libertar a rainha acabaria com a guerra com Rosya, poderia fortalecer as duas nações e, se destruíssemos mais uma árvore-coração ao fazer isso, poderia ser a chance de frear o poder da Floresta durante muito tempo.

– Claro – disse ele –, e se uma dezena de anjos descesse dos céus e devastasse a Floresta toda com espadas flamejantes, a situação melhoraria muito.

Bufei, irritada, e fui pegar o grande livro de registros: eu o coloquei com força sobre a mesa entre nós e o abri nas últimas páginas, cheias de entradas na sua caligrafia estreita cuidadosa, e coloquei as mãos ali.

– Ela está *vencendo,* não é? Mesmo com todo o poder que você tem? – O frio silêncio dele foi resposta suficiente. – Não podemos esperar. Não podemos manter esse segredo trancado na torre, esperando até estarmos perfeitos e prontos. Se a Floresta está tentando atacar, devemos atacar também, e rápido.

– Há uma diferença considerável entre buscar a perfeição e ser irremediavelmente apressado. O que você realmente quer dizer é que você ouviu muitas músicas sobre a triste rainha perdida e o rei pesaroso, e você

acha que está vivendo numa dessas canções, acredita que tem a chance de ser a heroína da história. O que você acha que sobrou dela, depois de vinte anos sendo consumida por uma árvore-coração?

– Mais do que haverá depois de vinte e um anos!

– E se ela ainda tiver consciência suficiente para saber quando a Floresta tentar colocar o filho dela na mesma árvore? – disse o Dragão, sem poupar os detalhes, e o pavor dessa ideia me silenciou.

– Essa é minha preocupação, e não sua – disse o príncipe Marek. Nós dois nos sobressaltamos perto da mesa: ele estava parado na porta, em silêncio, de pijama e descalço. Ele olhou para mim, e eu percebi o feitiço da falsa lembrança desabando: ele se lembrou de mim e, de repente, eu também me lembrei de como seu rosto tinha mudado quando eu usei magia na frente dele, de sua voz quando disse: "Você é uma *feiticeira.*" O tempo todo, ele só estava procurando alguém que pudesse ajudá-lo.

– Foi você que fez isso, não foi? – perguntou ele para mim, os olhos cintilando. – Eu devia saber que essa serpente velha e ressecada nunca colocaria o próprio pescoço em risco, mesmo que fosse por uma obra de arte tão adorável. *Você* libertou aquela menina.

– Nós... – gaguejei, lançando um olhar desesperado para o Dragão, mas Marek bufou.

Ele entrou na biblioteca e veio na minha direção. Dava para ver a cicatriz clara na testa, onde eu tinha batido com a bandeja pesada e o deixado desacordado; havia um tigre no meu estômago, pronto para sair rugindo. Mas meu peito ainda estava cheio de um medo que eu não queria sentir. Minha respiração ficou mais curta conforme ele se aproximava: se ele chegasse mais perto, se ele encostasse em mim, acho que eu teria gritado... algum tipo de maldição: uma dezena dos mais terríveis feitiços de Jaga estavam voando pela minha cabeça como vaga-lumes, esperando para serem lançados pela minha língua.

Mas ele parou à distância de um braço e apenas se inclinou na minha direção.

– Aquela menina está condenada, você sabe – disse ele, olhando no meu rosto. – O rei não gosta nada de deixar magos dizerem que expurgaram os

corrompidos, muitos desses magos acabam indo pelo mesmo caminho em pouco tempo. A lei diz que ela deve ser sacrificada, e o Falcão certamente não vai testemunhar em favor dela.

Não consegui evitar e acabei me encolhendo; havia me traído e sabia disso.

– Me ajude a salvar a rainha – acrescentou ele, com a voz baixa e simpática –, e você vai salvar a menina nessa jogada depois que o rei tiver minha mãe de volta, ele vai acabar poupando as duas.

Entendi muito bem que aquilo era uma ameaça, não uma jogada, ele estava me dizendo que ia sacrificar Kasia se eu recusasse. Eu o odiei ainda mais, mas ao mesmo tempo não conseguia odiá-lo por completo. Eu tinha vivido três meses apavorantes com aquele desespero me arranhando por dentro; ele vivia com isso desde que era criança, a mãe arrancada dele, as pessoas dizendo que ela havia ido embora, que seria melhor se ela estivesse morta, ela estava longe do alcance dele para sempre. Eu não sentia pena dele, mas o entendia.

– E, depois que o mundo estiver de ponta-cabeça, o sol mal pode esperar para nascer no oeste – soltou o Dragão. – A única coisa que você vai conseguir é ser morto, e ela vai junto com você.

O príncipe virou para encará-lo e socou a mesa com os punhos fechados, fazendo com que velas e livros caíssem.

– E você salvou uma camponesa inútil enquanto deixa a rainha de Polnya apodrecer? – rosnou o príncipe, o verniz de educação desaparecendo. Ele parou e inspirou fundo, forçando a boca a formar um sorriso cínico que ia e vinha de seus lábios. – Você está indo longe demais, Dragão; nem mesmo meu irmão vai querer escutar seus conselhos depois disso. Durante anos engolimos tudo que você nos contou sobre a Floresta...

– Já que você está duvidando de mim, pegue seus homens e entre lá. Veja você mesmo.

– Farei isso. E vou levar essa sua garota-feiticeira, e a adorável camponesa também.

– Você não vai levar ninguém que não queira ir. Desde que você era criança, imaginou a si mesmo como um herói saído de uma lenda...

– Melhor do que ser um covarde premeditado – disse o príncipe, sorrindo para o Dragão com todos os dentes à mostra, a violência era uma coisa viva no salão e tomava forma entre os dois. Antes que o Dragão conseguisse responder, soltei:

– E se conseguíssemos enfraquecer a Floresta *antes* de entrarmos?

Os dois interromperam a luta de olhares e se viraram para mim, surpresos.

Quando Krystyna olhou atrás de mim e viu a multidão de homens e magos, armaduras reluzentes e cavalos ruidosos, seus olhos se arregalaram e seu rosto cansado congelou. Falei com calma:

– Estamos aqui para ver Jerzy.

Ela estava trêmula, mas fez que sim com a cabeça e recuou para dentro de casa para me deixar entrar.

O tricô estava na cadeira de balanço, e o bebê dormia num berço ao lado da lareira: era grande e saudável, com o rosto corado, tinha um chocalho de madeira roído numa das mãos. Fui olhar para ele, é claro. Kasia entrou atrás de mim e olhou por sobre o berço. Eu quase a chamei, mas ela desviou o olhar, mantendo o rosto fora da luz do fogo, e eu não falei nada. Krystyna não precisava de mais motivos para temer. Ela se encolheu no canto comigo, disparando olhares por sobre meu ombro quando o Dragão entrou, e me disse num sussurro que o nome do bebê era Anatol. Sua voz morreu quando o príncipe Marek e o Falcão, com sua capa branca brilhante que não tinha nem uma manchinha de sujeira, se abaixaram para entrar na casa. Nenhum deles prestou a menor atenção ao bebê nem a Krystyna.

– Onde está o homem corrompido? – perguntou o príncipe.

Krystyna sussurrou para mim:

– Ele está no celeiro. Nós o colocamos... pensei em recuperar o quarto para mim, não queríamos... eu não queria fazer nenhum mal...

Ela não precisava explicar por que não queria aquele rosto atormentado na própria casa todas as noites.

– Tudo bem – respondi. – Krystyna, Jerzy pode... o que podemos tentar talvez não... vai funcionar, sim. Mas ele pode morrer por isso.

As mãos dela estavam agarrando a lateral do berço, mas Krystyna só fez levemente que sim com a cabeça. Acho que Jerzy já tinha sumido da mente dela, como se ele fosse uma batalha perdida, e ela só estivesse esperando para ouvir a palavra final.

Saímos da casa. Da lama, sete porquinhos e sua mãe barriguda nos olharam, fungando curiosos para os cavalos, num curral recém-construído na lateral da casa, a madeira da cerca ainda marrom-clara e não envelhecida. Nós o contornamos e formamos uma fila por um caminho estreito no meio das árvores, já quase cheias de folhagem, até o pequeno celeiro cinza. Ele ficava no meio da grama alta, cheia de novas mudas, os pássaros tinham destruído alguns buracos irregulares na palha para fazer ninhos e uma barra atravessada na porta enferrujada servia de trava. Já dava a sensação de um lugar há muito abandonado.

– Abra, Michal – disse o capitão da guarda.

Um dos soldados desceu e foi pisando firme pela grama. Era jovem e, como a maioria dos soldados, tinha o cabelo castanho comprido e liso, com um bigode curvo e uma barba longa, trançada, todos parecendo gravuras dos livros de história antiga do Dragão, da época da fundação de Polnya. Ele era forte como um antigo carvalho, alto e largo até mesmo entre os outros soldados; ele deslizou a barra com uma das mãos e empurrou as duas portas com facilidade, deixando o sol da tarde entrar no celeiro.

Depois, ele deu um salto para trás, soltando um barulho engasgado, sem palavras, a mão indo em direção ao cinto da espada, e quase tropeçou nos próprios pés ao recuar. Jerzy estava apoiado contra a parede dos fundos, e a luz refletia em seu rosto retorcido. Os olhos da estátua estavam virados diretamente para nós.

– Que careta horrorosa – disse o príncipe Marek, num tom espontâneo. – Tudo bem, Janos – acrescentou para o chefe da guarda, descendo do cavalo –, leve os homens e os cavalos até o gramado da vila e coloque-os sob algum tipo de cobertura. Durante a magia e os uivos, imagino que os animais não vão ficar quietos.

– Sim, Vossa Alteza – respondeu Janos e inclinou a cabeça para seu subordinado.

Os soldados ficaram tão felizes quanto os cavalos de sair dali. Eles também levaram as nossas montarias e saíram ansiosos, poucos olhavam de esguelha pelas portas do celeiro. Michal olhou para trás por sobre os ombros encurvados algumas vezes, e o rosto não estava mais corado.

Nenhum deles entendia, de verdade, a Floresta. Como eu disse, não eram homens do vale. O Dragão nunca precisou enviar uma tropa para o exército do rei, e esses soldados não eram de nenhum lugar próximo. Carregavam escudos marcados com uma insígnia, um cavaleiro sobre um cavalo, e isso significava que eram todos das províncias do norte, perto de Tarakai, onde nascera a rainha Hanna. A ideia que eles tinham de magia era um raio caindo no campo de batalha, mortal e puro. Eles não sabiam o que iriam enfrentar.

– Espere – disse o Dragão, antes de Janos virar o próprio cavalo para seguir os outros. – Enquanto vocês estiverem lá comprem dois sacos de sal e dividam em sacolas, uma para cada homem; depois, encontrem cachecóis para cobrir totalmente a boca e o nariz, e comprem todos os machados que puderem. – Ele olhou para o príncipe. – Não haverá tempo a perder. Se isso funcionar, o melhor que podemos esperar é uma brevíssima oportunidade; um dia, no máximo dois, enquanto a Floresta se recupera do ataque.

O príncipe Marek fez um sinal de positivo com a cabeça para Janos, confirmando as ordens.

– Garanta que todos descansem um pouco, se conseguirem – disse o príncipe. – Vamos cavalgar direto para a Floresta assim que terminarmos aqui.

– E reze para a rainha não estar muito fundo na Floresta – acrescentou o Dragão, sem emoção.

Janos disparou um olhar para o Dragão e voltou para o príncipe, mas Marek apenas deu um tapa no flanco do cavalo de Janos e foi embora, dispensando-o; Janos seguiu os outros homens, descendo pelo caminho estreito e desaparecendo.

Ficamos sozinhos dentro do celeiro, nós cinco. A poeira flutuava sob a luz do sol, o aroma quente e doce de feno, mas também era possível identificar uma sufocante corrente de folhas podres. Dava para ver um buraco de bordas irregulares quebrado na lateral da parede: era por ali que os lobos tinham atravessado, não para comer o gado, mas para atacá-los e contaminá-los. Passei os braços a minha volta. Estava ficando tarde, estávamos cavalgando desde antes do amanhecer, direto pelo vale até Dvernik, parando apenas o suficiente para deixar os cavalos descansarem. O vento moveu as portas e soprou no meu pescoço, um toque frio. O sol estava laranja no rosto de Jerzy, seus olhos cegos de pedra estavam arregalados. Eu me lembrei da sensação fria e rígida de ser pedra: me perguntei se Jerzy conseguia ver através de seu olhar parado ou se a Floresta o tinha fechado na escuridão.

O Dragão olhou para o Falcão e balançou o braço de um jeito amplo e debochado na direção de Jerzy.

– Talvez você queira ajudar em alguma coisa?

O Falcão baixou a cabeça rapidamente, sorrindo, e foi ficar ao lado da estátua com as mãos levantadas. As palavras para suspender o feitiço de pedra saíram cantarolando pela sua língua, lindamente enunciadas, e enquanto ele falava, a ponta dos dedos de Jerzy se curvava num espasmo enquanto a pedra era drenada deles. As garras endurecidas de suas mãos ainda estavam estendidas na lateral de seu corpo, e as correntes enferrujadas penduradas em seus punhos tinham sido pregadas na parede. Os elos de metal rasparam uns nos outros quando ele começou a se mexer. O Falcão foi um pouco para trás, ainda sorrindo, enquanto a pedra recuava lentamente do topo da cabeça de Jerzy e seus olhos começaram a revirar e disparar de um lado para o outro. Um fiapo estridente e fraco de risada saiu dele quando sua boca ficou livre; em seguida, a pedra liberou seus pulmões, e o sorriso desapareceu do rosto do Falcão enquanto o grito de Jerzy aumentava e aumentava até virar um som agudo e forte.

Kasia veio na minha direção, desajeitada, e eu peguei sua mão. Ela estava ao meu lado como uma estátua, rígida, ela se lembrava. Jerzy urrava e ria, repetidas vezes, como se estivesse tentando compensar todos os urros

que estiveram presos dentro de seu peito de pedra. Ele urrou até ficar sem fôlego, depois levantou a cabeça e sorriu para todos nós com seus dentes pretos e podres, a pele ainda com tons de verde. O príncipe Marek o estava encarando, a mão agarrando a espada; o Falcão recuou para o lado dele.

– Olá, principezinho – cantarolou Jerzy –, está com saudade da sua mãe? Quer ouvi-la gritar também? *Marek!* – berrou Jerzy de repente, com uma voz feminina, alta e desesperada. – *Marechek, me salve!*

Marek encolheu o corpo, como se algo o tivesse atingido no estômago, e sete centímetros de sua espada saíram da bainha antes de ele parar.

– Pare esse homem! – rosnou ele. – Faça ele se *calar*!

O Falcão levantou uma das mãos e disse: *"Elrekaduht!"*, ainda encarando horrorizado. As gargalhadas de Jerzy, com a boca escancarada, ficaram abafadas, como se ele tivesse sido fechado numa sala de paredes grossas; apenas um resmungo distante e fraco de *"Marechek, Marechek"* ainda ecoava.

O Falcão virou na nossa direção.

– Vocês não podem estar falando de expurgar *essa* coisa...

– Ah, quer dizer que *agora* você está melindrado? – perguntou o Dragão, frio e penetrante.

– Olhe para ele! – respondeu o Falcão. Ele virou de novo e disse: – *Lehleyast palezh!* – E acenou a mão aberta pelo ar como se estivesse limpando um painel de vidro coberto de vapor. Eu me encolhi, a mão de Kasia apertava dolorosamente a minha; ficamos encarando horrorizadas. A pele de Jerzy tinha ficado translúcida, como uma casca de cebola fina e esverdeada, e por baixo, nada além de massas pretas retorcidas de corrupção, fervendo e borbulhando. Como as sombras que eu vira sob a minha própria pele, mas tão grossas que tinham devorado tudo que havia dentro dele, até mesmo se enrolavam sob o rosto, os olhos amarelos manchados mal espiando através das nuvens grotescas e borbulhantes.

– E, mesmo assim, vocês estavam dispostos a cavalgar despreocupados para dentro da Floresta – disse o Dragão. Ele se virou. O príncipe Marek estava encarando Jerzy, branco como papel; a boca era uma linha estreita sem cor. O Dragão disse para ele: – Escute. *Isso?* – Ele apontou para Jerzy. – Isso não é nada. A corrupção dele foi removida três vezes, e durou menos

de três dias graças ao feitiço de pedra. Se fosse removida quatro vezes, eu poderia tê-lo expurgado com o feitiço de sempre. A rainha está presa numa árvore-coração há vinte anos. Se conseguirmos encontrá-la, se conseguirmos trazê-la de volta, se conseguirmos expurgá-la, e nada disso é nem um pouco garantido, ela ainda vai ter vivido vinte anos no pior tormento que a Floresta pode criar. Ela não vai abraçar você. Ela nem vai conhecer você.

"Temos uma chance real contra a Floresta aqui. Se tivermos sucesso no expurgo desse homem, se destruirmos outra árvore-coração ao fazer isso, não deveríamos usar essa abertura para entrar tolamente de cabeça nas profundezas da Floresta, arriscando tudo. Devemos começar pela fronteira mais próxima, cortar uma estrada na Floresta até onde conseguirmos do nascer até o pôr do sol, depois lançar o coração-de-fogo atrás de nós enquanto escapamos. Podemos recuperar trinta quilômetros deste vale e enfraquecer a Floresta por três gerações."

– E se minha mãe queimar junto com ela? – perguntou o príncipe Marek, girando na direção dele.

O Dragão moveu a cabeça na direção de Jerzy.

– *Você* ia preferir viver assim?

– E se ela *não* queimar! – exclamou Marek. – *Não.* – Ele soltou a respiração como se houvesse faixas de ferro apertando seu peito. – Não.

A boca do Dragão se comprimiu.

– Se formos capazes de enfraquecer a Floresta, nossas chances de encontrá-la...

– Não – disse Marek, acenando com a mão, interrompendo-o. – Vamos trazer minha mãe para fora e, conforme entrarmos, vamos destruir o máximo possível da Floresta. *Depois,* Dragão, quando você a expurgar e queimar a árvore-coração que a prendia, juro que terá todos os homens e machados que meu pai possa lhe ceder, e não vamos queimar apenas trinta quilômetros da Floresta: vamos queimar tudo até Rosya e nos livrar dela para sempre.

Ele esticou o corpo enquanto falava, os ombros para trás; estava plantado no chão com mais firmeza. Mordi o lábio. Eu não confiava nem

um pouco no príncipe Marek, exceto para satisfazer a si mesmo, mas ainda assim sentia que ele tinha esse direito. Se cortássemos trinta quilômetros da Floresta, seria uma grande vitória, mas apenas temporária. Eu queria que ela toda *queimasse*.

Eu sempre odiara a Floresta, é claro, mas de longe. Ela era uma tempestade de granizo antes da colheita, um enxame de gafanhotos no campo; mais horrível do que essas coisas, mais parecida com um pesadelo, mas, mesmo assim, ela só fazia o que sua natureza determinava. Mas agora ela era algo totalmente diferente, uma coisa viva que escolhia estender a força de sua maldade para me machucar, para machucar todas as pessoas que eu amava; se assomando sobre toda a minha vila, pronta para engoli-la como fizera com Porosna. Eu não estava me vendo como uma grande heroína, como o Dragão me acusara, mas eu realmente queria cavalgar para dentro da Floresta com machados e fogo. Eu queria arrancar a rainha dos domínios da Floresta, chamar exércitos dos dois lados e destruí-la por completo.

Depois de um instante, o Dragão balançou a cabeça em silêncio; não discutiu mais. Em vez disso, foi o Falcão que protestou; agora ele não parecia tão certo quanto o príncipe Marek. Seus olhos ainda estavam em Jerzy, e ele estava com uma ponta da capa branca pressionada sobre a boca e o nariz, como se estivesse vendo mais do que nós e temesse respirar alguma doença.

– Espero que você perdoe minhas dúvidas, talvez eu seja apenas muito inexperiente nesses assuntos – disse ele, com o tom sarcástico e tenso de sua voz que era claro mesmo através da capa. – Mas eu teria chamado isso de um caso verdadeiramente notável de corrupção. Não é seguro nem decapitá-lo antes de ser queimado. Talvez devêssemos garantir que você *consiga* libertá-lo antes de decidir sobre planos grandiosos que podem nem começar.

– Nós concordamos! – disse o príncipe Marek, girando na direção dele muito irritado.

– Concordei que era um risco que valia a pena assumir, *se* Sarkan realmente tivesse encontrado um jeito de expurgar a corrupção – respondeu

o Falcão. – Mas *isso...?* – Ele olhou de novo para Jerzy. – Não vou concordar enquanto não ver, e mesmo assim vou verificar duas vezes. Pelo que sabemos, a menina nem foi corrompida, e ele espalhou o boato sobre si mesmo para dar mais brilho à sua reputação.

O Dragão bufou com desdém e não deu nenhuma resposta. Ele virou, pegou um punhado de fiapos de feno de um dos velhos fardos despedaçados e começou a murmurar um encantamento enquanto seus dedos os dobravam rapidamente. O príncipe Marek puxou o braço do Falcão e o arrastou para o lado, sussurrando com raiva.

Jerzy ainda estava cantando para si mesmo por trás do feitiço abafado, mas tinha começado a se balançar nas correntes, correndo para a frente até os braços estarem estendidos ao máximo para trás, tensionados pelas correntes e fazendo força, se jogando contra elas e arremessando a cabeça para a frente para ranger e morder o ar. Ele deixou a língua pendurada para fora, uma coisa preta inchada e nojenta, como se uma lesma tivesse se arrastado para dentro da sua boca; ele a sacudia e revirava os olhos para todos nós.

O Dragão ignorou aquilo. Em suas mãos, os fiapos de feno engrossaram e se transformaram numa pequena mesa com pernas cheias de saliências e menos de trinta centímetros de largura. Ele pegou a sacola de couro que tinha levado e a abriu. Com cuidado, ele tirou a *Invocação* de lá, o pôr do sol fazendo as letras douradas em alto relevo cintilarem, e colocou o livro sobre a mesinha.

– Muito bem – disse ele, virando para mim. – Vamos começar.

Eu não tinha pensado, até aquele momento, com o príncipe e o Falcão virando na nossa direção, que eu teria que pegar a mão do Dragão na frente de todos eles, unir nossas magias enquanto os dois observavam. Meu estômago se encolheu como uma ameixa seca. Lancei um olhar para o Dragão, mas seu rosto estava indiferente, de propósito, como se ele estivesse apenas um pouco interessado em qualquer coisa que estávamos fazendo.

Relutante, fiquei ao lado dele. Os olhos do Falcão estavam em mim, e eu tinha certeza de que havia magia naquele olhar, predatório e penetrante. Eu odiava a ideia de me expor diante dele, diante de Marek; também odiava

que Kasia estivesse ali, mesmo que ela me conhecesse tão bem. Eu não tinha contado a ela tudo sobre aquela noite, sobre a última vez em que o Dragão e eu tentamos fazer um feitiço juntos. Eu não tinha sido capaz de colocar em palavras; eu não queria *pensar* naquilo. Mas eu não podia me recusar, não com Jerzy dançando nas correntes como o brinquedo que meu pai tinha feito para mim muito tempo atrás, o homem de madeira engraçado que pulava e dava cambalhotas entre duas varas.

Engoli em seco e coloquei a mão sobre a capa da *Invocação*. Abri o livro e, juntos, o Dragão e eu começamos a ler.

Estávamos rígidos e constrangidos um ao lado do outro, mas nossos feitiços se uniram como se já conhecessem o caminho sem que precisássemos nos esforçar. Meus ombros relaxaram, minha cabeça se ergueu, inspirei de maneira profunda e feliz. Não dava para evitar. Eu não me importava se o mundo inteiro estivesse observando. A *Invocação* fluía ao nosso redor com a facilidade de um rio: a voz dele era um cântico ondulado que eu enchia com cachoeiras e peixes que saltavam, e a luz despontava forte e brilhante como uma alvorada precoce ao nosso redor.

E, no rosto de Jerzy, a Floresta nos olhou e rosnou com um ódio silencioso.

– Está funcionando? – perguntou o príncipe Marek ao Falcão, atrás de nós. Não ouvi a resposta. Jerzy estava tão perdido na Floresta quanto Kasia tinha estado, mas ele havia desistido: estava sentado, curvado e apoiado no tronco de uma árvore, os pés sangrando esticados diante de si, os músculos do maxilar frouxos, encarando com olhar vazio as mãos no colo. Ele não se mexeu quando eu o chamei.

– Jerzy! – gritei. Entediado, ele levantou a cabeça, olhou para mim e a baixou novamente.

– Estou vendo... *existe* um canal – disse o Falcão; quando olhei para ele, vi que havia colocado novamente a venda. Aquele olho de falcão esquisito estava espiando pela sua testa, com a grande pupila preta. – É desse jeito que a corrupção viaja para fora da Floresta. Sarkan, se eu lançar o fogo de expurgo agora...

– Não! – gritei. – Jerzy vai morrer. – O Falcão me lançou um olhar de desprezo. Ele não se importava nem um pouco se Jerzy vivia ou morria, é claro. Mas Kasia disparou para fora do celeiro, seguiu pelo caminho e, pouco tempo depois, trouxe Krystyna preocupada até nós, com o bebê aninhado no colo. Krystyna se encolheu com a magia, com as contorções de Jerzy, mas Kasia sussurrou com urgência para ela. Krystyna segurou o bebê com mais força e, devagar, deu um passo para perto, depois outro, até poder olhar no rosto de Jerzy. O rosto dela mudou.

– Jerzy! – chamou ela. – Jerzy! – E estendeu a mão na direção dele. Kasia a impediu de encostar no rosto dele, mas, no fundo, eu o vi erguer a cabeça de novo e, devagar, se levantar.

A luz da *Invocação* não estava sendo mais complacente com ele do que fora conosco. Eu a senti ao longe desta vez, não era algo que encostava diretamente em mim, mas Jerzy estava exposto para nós, cheio de raiva: os pequenos túmulos de todos os filhos, e o rosto de Krystyna, sofrendo em silêncio; o aperto da fome no seu estômago e seu ressentimento amargo em relação aos pequenos cestos de caridade que ele fingia não ver nos cantos da casa, sabendo que ela havia mendigado. O simples e bruto desespero de ver as vacas corrompidas, sua ávida última tentativa de sair da pobreza destruída. De alguma forma, ele *queria* que as criaturas o matassem.

O rosto de Krystyna estava vívido com seu próprio desespero letárgico e os pensamentos sombrios de impotência: sua mãe tinha lhe falado para não se casar com um homem pobre, sua irmã em Radomsko tinha quatro filhos e um marido que tecia roupas para ganhar a vida. Os filhos da irmã tinham vivido; os filhos da irmã nunca sentiam frio e fome.

A boca de Jerzy se arreganhou de vergonha, tremendo, os dentes trincados. Mas Krystyna soluçou e estendeu a mão para ele de novo; o bebê acordou e gritou um ruído horrível, mas, de algum jeito, também maravilhoso, tão comum e descomplicado, nada além de um pedido direto. Jerzy deu um passo.

E aí, de repente, tudo ficou muito mais fácil. O Dragão estava certo, essa corrupção era mais fraca que a de Kasia, apesar de parecer tão apavorante. Jerzy não estivera tão fundo na Floresta quanto ela. Depois que começou a

se mover, ele veio cambaleando rapidamente na nossa direção e, apesar de os galhos se jogarem no caminho dele, apenas os finos o atingiam. Ele colocou os braços na frente do rosto e começou a correr na nossa direção, empurrando-os.

– Segure o feitiço – disse o Dragão para mim conforme nos aproximávamos do final. Eu trinquei os dentes e mantive a *Invocação* com toda a minha força, enquanto ele soltava a magia dele da minha. – Agora, enquanto ele emerge – disse ele para o Falcão. Conforme Jerzy começou a retornar para o próprio rosto, eles ergueram as mãos lado a lado e falaram ao mesmo tempo: – *Ulozishtus sovjenta!*

Jerzy gritou enquanto seguia para a frente através do fogo de expurgo, mas conseguiu atravessar: umas poucas gotas fedorentas de piche saíram pelos cantos dos seus olhos e pelas narinas e caíram no chão, fumegando, o corpo dele ficou frouxo pendurado nas correntes.

Kasia arrastou um pouco de poeira sobre as gotas, e o Dragão deu um passo à frente para pegar o rosto de Jerzy pelo queixo, segurando-o enquanto eu finalmente terminava de ler a *Invocação.*

– Olhe agora – disse ele para o Falcão.

O Falcão colocou as mãos nos dois lados do rosto de Jerzy e lançou um feitiço semelhante a uma flecha. Ele saiu em disparada do mago junto com a última labareda terrível de luz da *Invocação.* Na parede entre as correntes, acima da cabeça de Jerzy, o feitiço do Falcão abriu uma janela, e todos nós vimos, por um instante, uma árvore-coração velha e alta, com o dobro do tamanho daquela em que Kasia estivera dentro. Seu tronco principal estava se debatendo loucamente numa chama crepitante de fogo.

Capítulo 14

Os soldados estavam rindo felizes uns com os outros enquanto saíamos de Dvernik às pressas antes do amanhecer. Eles tinham se armado e estavam esplêndidos em brilhantes cotas de malha, capacetes emplumados balançando, longas capas verdes e escudos pintados pendurados nas selas. Eles sabiam a imagem que passavam; marchavam orgulhosamente com os cavalos pelas alamedas escuras, e até os animais pareciam empertigados. Claro que não fora fácil conseguir trinta cachecóis numa vila pequena, então eles estavam usando grossos cachecóis de lã que pinicavam, feitos para o inverno, enrolados aleatoriamente no pescoço e no rosto, como o Dragão ordenara. De vez em quando, eles interrompiam o equilíbrio cuidadoso e colocavam a mão por baixo do cachecol para coçar furtivamente o rosto.

Eu tinha crescido cavalgando os cavalos de carga do meu pai, grandes e lentos, que só olhavam para mim um pouco surpresos se eu ficasse de cabeça para baixo nas suas costas largas e se recusavam sequer a trotar, quanto mais galopar. Mas o príncipe Marek tinha nos colocado nos cavalos de reserva que seus cavaleiros tinham levado, e eles pareciam animais totalmente diferentes. Quando eu acidentalmente puxei as rédeas na direção errada, minha égua saltou e ficou sobre as patas traseiras, preparando os cascos para um ataque, mexendo as patas para a frente, enquanto eu me agarrava assustada à sua crina. Ela desceu depois de um tempo, por motivos igualmente incompreensíveis para mim, e galopou muito satisfeita. Pelo menos até passarmos por Zatochek.

Não havia um ponto onde a estrada do vale terminava. Suponho que antes ela ia até muito mais longe; até Porosna e talvez até outra vila sem nome há muito engolida. Mas, antes de o riacho do moinho na ponte de

Zatochek desaparecer atrás de nós, as ervas e a grama começaram a aparecer nas bordas, e um quilômetro e meio depois, mal dava para ver que a estrada ainda estava sob os nossos pés. Os soldados continuavam rindo e cantando, mas os cavalos pareciam mais espertos do que nós. O ritmo deles diminuiu sem nenhum pedido dos cavaleiros. Eles bufavam, nervosos, e davam trancos com a cabeça, as orelhas indo para a frente e para trás e a pele arrepiada, como se moscas os estivessem incomodando. Mas não havia moscas. Mais adiante, o muro de árvores sombrias estava esperando.

– Parem aqui – disse o Dragão e, como se o entendessem e ficassem felizes com a desculpa, os cavalos pararam quase de imediato, todos eles. – Bebam água e comam alguma coisa, se quiserem. Não deixem mais nada passar pelos seus lábios depois que estivermos sob as árvores. – Ele desceu do cavalo.

Também desci da minha égua, com muito cuidado.

– Eu levo ela – disse um dos soldados, um garoto louro com rosto redondo e simpático, desfigurado apenas pelo nariz quebrado duas vezes. Ele deu uma risadinha para a minha égua, alegre e competente. Todos os homens estavam levando seus cavalos para beber no rio e passando pães e frascos com bebida alcoólica entre si.

O Dragão me chamou.

– Use seu feitiço de proteção do jeito mais denso que conseguir. E depois tente lançá-lo sobre os soldados, se puder. Também vou colocar mais um em você.

– Isso vai manter as sombras longe de nós? – perguntei, em dúvida. – Mesmo dentro da Floresta?

– Não. Mas vai deixá-las mais devagar. Tem um celeiro bem perto de Zatochek, eu o mantenho cheio de suprimento para expurgos, caso precise entrar na Floresta. Assim que sairmos dela, vamos até lá ministrar alguns em nós. Dez vezes, não importa o quanto você tenha certeza de que está limpa.

Olhei para a multidão de jovens soldados, conversando e rindo entre si enquanto comiam o pão.

– Você tem suficiente para todos?

Ele lançou um certo olhar frio para eles, como o corte de uma foice.

– Para todos os que sobrarem.

Estremeci.

– Você continua achando que isso não é uma boa ideia. Mesmo depois de Jerzy. – Uma leve nuvem de fumaça ainda se erguia da Floresta, onde a árvore-coração queimava: tínhamos visto isso ontem.

– É uma ideia pavorosa. Mas deixar Marek liderar você e Solya lá dentro sem mim é pior ainda. Pelo menos eu tenho alguma ideia do que esperar. Venha, não temos muito tempo.

Kasia me ajudou, em silêncio, a colher feixes de agulhas de pinheiro para o meu feitiço. O Falcão já estava construindo um elaborado escudo ao redor do príncipe Marek, como um brilhoso muro de tijolos que se erguia e, quando estava acima da cabeça de Marek, reluziu e depois caiu sobre ele. Se eu olhasse de esguelha para o príncipe, dava para ver o leve cintilar grudando na sua pele. O Falcão colocou outro em si mesmo. Mas percebi que ele não o colocou em nenhum dos soldados.

Eu me ajoelhei e fiz uma fogueira com agulhas de pinheiro e galhos. Quando a fumaça estava enchendo a clareira, amarga e secando a garganta, olhei para o Dragão e perguntei:

– Pode lançar o seu agora?

Sentir o feitiço do Dragão caindo sobre os meus ombros era parecido com vestir um casaco pesado diante de uma lareira: pinicava e me deixava desconfortável, e me fazia pensar demais no motivo de eu precisar dele. Cantarolei meu feitiço de proteção junto com o cântico do Dragão, imaginei que eu estava me protegendo contra um inverno rigoroso: não apenas um casaco, mas luvas, cachecol de lã, chapéu com cobertura de orelhas, calça de tricô por cima das botas e mantas embrulhando tudo, completamente protegida, sem deixar espaço para o ar frio invadir.

– Vocês todos, puxem os cachecóis – falei, sem desviar o olhar do meu fogo fumegante, me esquecendo, por um instante, de que estava falando com homens adultos, soldados; e o mais estranho é que eles fizeram o que eu mandei. Empurrei a fumaça ao meu redor, deixando-a afundar na lã e no algodão dos cachecóis, carregando a proteção.

A última agulha se transformou em cinzas. O fogo se apagou. Eu me levantei e me desequilibrei um pouco até conseguir ficar de pé, tossindo por causa da fumaça, e esfreguei os olhos lacrimejantes. Quando pisquei para limpá-los, me encolhi: o Falcão estava me observando, faminto e decidido, enquanto colocava uma dobra da própria capa sobre a boca e o nariz. Virei rapidamente para o outro lado e fui beber água no rio e lavar a fumaça das mãos e do rosto. Eu não gostava do modo como seus olhos tentavam penetrar na minha pele.

Kasia e eu dividimos um pão: o pão familiar da padaria de Dvernik, marrom-acinzentado, com crosta crocante e um pouco amargo, o sabor de todas as manhãs em casa. Os soldados estavam guardando seus frascos, limpando os farelos e voltando a montar nos cavalos. O sol tinha atravessado as árvores.

– Muito bem, Falcão – disse o príncipe Marek, quando estávamos todos de volta aos nossos cavalos. Ele tirou as luvas. O príncipe usava um anel na primeira junta do dedo mindinho, um delicado círculo de ouro com pequenas pedras preciosas azuis; um anel feminino. – Mostre-nos o caminho.

– Coloque o polegar sobre o anel – disse o Falcão e, se inclinando por sobre o próprio cavalo, espetou o dedo de Marek com um alfinete ornamentado e o espremeu. Uma gota grossa de sangue caiu na joia, pintando o ouro de vermelho enquanto o Falcão murmurava um feitiço de busca.

As pedras azuis tornaram-se roxa-escuras. Uma luz violeta se acumulou ao redor da mão de Marek e, mesmo enquanto ele recolocava as luvas, a luz ainda delineava o anel. Ele levantou o punho diante de si e o moveu de um lado para o outro: a luz se intensificou quando ele apontou para a Floresta. Ele nos conduziu adiante, e um após o outro, nossos cavalos atravessaram as cinzas e entraram no meio das árvores sombrias.

A Floresta era um lugar diferente na primavera. Havia um ar de aceleração e vivacidade que não existia no inverno. Assim que as primeiras sombras de galhos encostaram em mim, minha pele estremeceu com a sensação de olhos atentos ao nosso redor. Os cascos dos cavalos batiam no

chão com barulhos abafados, pisando em musgo e no mato baixo, avançando lentamente sobre as sarças que se estendiam para nós com espinhos incômodos e compridos. Pássaros sombrios e silenciosos passavam quase invisíveis de uma árvore para outra, nos acompanhando. Eu tinha certeza de que, se eu tivesse vindo sozinha na primavera, não teria chegado até Kasia; não sem uma luta.

Mas hoje estávamos cavalgando com trinta homens, todos com escudos e armas. Os soldados carregavam longas lâminas pesadas, tochas e sacos de sal, conforme o Dragão ordenara. Aqueles que cavalgavam na frente cortavam o matagal, alargando as trilhas enquanto seguíamos por elas. O resto queimava as sarças dos dois lados e salgava a terra atrás de nós para conseguirmos voltar pelo mesmo caminho que entramos.

Mas o riso deles havia morrido. Cavalgamos em silêncio exceto pelo tinido abafado dos arreios, os baques suaves dos cascos na trilha exposta, o murmúrio de uma palavra aqui e ali. Não ouvíamos nem a respiração dos cavalos. Eles observavam as árvores com olhos arregalados margeados de branco. Todos nós sentíamos que estávamos sendo perseguidos.

Kasia cavalgava ao meu lado, e sua cabeça estava bem inclinada sobre o pescoço do cavalo. Consegui estender a mão e pegar seus dedos.

– O que foi? – perguntei baixinho.

Ela olhou para fora da nossa trilha e apontou para uma árvore ao longe, um velho carvalho enegrecido atingido anos antes por um raio; o musgo se pendurava nos galhos mortos, como uma velha encurvada segurando as saias para fazer uma reverência.

– Eu me lembro daquela árvore – respondeu ela. Kasia largou a minha mão e olhou direto para a frente, por entre as orelhas do cavalo. – E aquela pedra vermelha pela qual passamos, e a sarça cinza... tudo isso. É como se eu não tivesse saído daqui. – Ela também estava sussurrando. – É como se eu nunca tivesse saído. Eu nem sei se você é real, Nieshka. E se eu estiver apenas tendo mais um sonho?

Apertei a mão dela, impotente. Eu não sabia como consolá-la.

– Tem alguma coisa aqui perto – disse ela. – Alguma coisa na frente.

O capitão a ouviu e olhou para trás.

– Alguma coisa perigosa?

– Alguma coisa morta – respondeu Kasia e baixou os olhos para a sela, as mãos agarrando as rédeas.

A luz estava ficando mais clara ao nosso redor, e a trilha se alargou sob as patas dos cavalos. As ferraduras batiam no chão com um barulho oco. Olhei para baixo e vi pedras quebradas meio enterradas sob o musgo. Quando olhei de novo para cima, estremeci. Ao longe, através das árvores, um rosto cinza fantasmagórico me encarava, com um enorme olho vazado sobre uma boca quadrada larga: era um celeiro destruído.

– Saiam da trilha – disse o Dragão bruscamente. – Contornem pelo norte ou pelo sul, não importa. Mas não atravessem a praça e continuem em movimento.

– O que é esse lugar? – perguntou Marek.

– Porosna – respondeu o Dragão. – Ou o que restou dela.

Viramos os cavalos e fomos em direção ao norte, abrindo caminho pela vegetação e pelas ruínas de pequenas casas pobres, derrubadas por sobre as vigas, com telhados de palha caídos. Tentei não olhar para o chão. Musgo e grama fina o cobriam densamente, e novas árvores altas se esticavam em direção ao sol, se espalhando sobre a nossa cabeça, tapando a luz do sol e transformando-a em sombras móveis e mutáveis. Mas ainda havia formas semienterradas por baixo do musgo, aqui e ali um punhado de ossos rompendo a terra, dedos brancos com a ponta aparecendo através do macio verde atapetado que capturava a luz e brilhava com frieza. Sobre as casas, se eu olhasse para onde deveria estar a praça da vila, a copa prateada e brilhosa das árvores se espalhava, e a distância eu ouvia o sussurro farfalhado das folhas de uma árvore-coração.

– Não podemos parar e queimá-la? – sussurrei para o Dragão, o mais baixo que consegui.

– Certamente. Se usássemos coração-de-fogo e recuássemos imediatamente pelo caminho por onde viemos. Seria a coisa mais sensata a fazer.

Ele não manteve a voz baixa. Mas o príncipe Marek não desviou o olhar, apesar de alguns soldados nos encararem. Os cavalos esticavam o

pescoço, tremendo, e cavalgávamos rapidamente, deixando os mortos para trás.

Paramos um pouco depois para deixar os cavalos descansarem. Eles estavam exauridos, tanto pelo medo quanto pelo esforço. O caminho tinha se alargado ao redor de um solo pantanoso, a ponta de um riacho que estava secando, agora que o derretimento da neve tinha parado. Um pequeno filete ainda borbulhava e formava um lago grande e transparente sobre um fundo de pedras.

– Os cavalos podem beber essa água? – perguntou o príncipe Marek ao Dragão, que deu de ombros.

– Podem – respondeu ele. – Não é muito pior do que fazê-los andar sob essas árvores. Vocês terão que sacrificar todos depois disso, de qualquer maneira.

Janos já tinha descido do cavalo; ele estava com a mão no focinho do animal, acalmando-o. Ele virou a cabeça de repente.

– São cavalos de guerra treinados! Eles valem o próprio peso em prata.

– E o elixir de expurgo vale o peso deles em ouro – disse o Dragão. – Se vocês tinham carinho por eles, não deviam tê-los trazido para dentro da Floresta. Mas não se estressem demais. É provável que não precisemos nos preocupar com isso.

O príncipe Marek lançou um olhar duro para ele, mas o Dragão não argumentou; em vez disso, chamou Janos de lado e falou de um jeito consolador com ele.

Kasia tinha ido até a fronteira da clareira, perto de um punhado de trilhas de cervos; ela estava desviando o olhar do lago. Eu me perguntei se ela também tinha visto esse lugar na sua longa prisão itinerante. Ela encarou as árvores sombrias. O Dragão passou por ela; olhou-a e falou algo; vi que ela virou a cabeça na direção dele.

– Eu me pergunto se você sabe o quanto ele deve a você – disse o Falcão de maneira inesperada, atrás de mim; dei um pulo e virei a cabeça. Minha égua estava bebendo, sedenta; agarrei as rédeas e me aproximei um pouco de seu lado mais quente. Não falei nada.

O Falcão simplesmente ergueu uma sobrancelha fina, preta e elegante.

– O reino não tem um suprimento infinito de magos. Por lei, seu dom a coloca acima da vassalagem. Agora você tem direito a um lugar na corte e proteção do próprio rei. Você não deveria ter sido mantida aqui neste vale, muito menos tratada como escrava. – Ele apontou para as minhas roupas. Eu tinha me vestido como se fosse fazer a colheita, com altas botas de lama, calça de trabalho larga feita de sacos, e bata marrom por cima de tudo. Ele ainda estava usando a capa branca, mas a maldade da Floresta era mais forte do que o encantamento que ele tinha usado para mantê-la limpa nas florestas comuns; havia fios esfarrapados nas bordas.

Ele não entendeu meu olhar de dúvida.

– Seu pai é fazendeiro, suponho?

– Lenhador.

Ele fez um gesto como se quisesse dizer que isso não fazia a menor diferença.

– Então você não conhece nada da corte, imagino. Quando o dom aflorou em mim, o rei deu um título de cavaleiro ao meu pai e, quando terminei o treinamento, ele foi promovido a barão. Ele não será menos generoso com você. – Ele se inclinou na minha direção, e minha égua bufou na água quando me apoiei com mais força contra ela. – Não importa o que você tenha escutado, crescendo nesta província, Sarkan não é, de jeito nenhum, o único excelente mago de Polnya. Garanto que você não precisa se sentir em dívida com ele, só porque ele descobriu um... jeito interessante de usá-la. Tenho certeza de que existem muitos outros magos com os quais você poderia se alinhar. – Ele estendeu a mão para mim e formou uma fina chama espiral na palma da mão com uma palavra sussurrada. – Talvez você queira tentar?

– Com *você*? – soltei, sem a menor diplomacia; os olhos dele se estreitaram um pouco nos cantos. Mas não me arrependi nem um pouco. – Depois do que você fez com Kasia?

Ele vestiu uma surpresa magoada como uma segunda capa.

– Fiz um favor a você e a ela. Você imagina que alguém estaria disposto a aceitar a palavra de Sarkan em relação à cura dela? Se formos bondosos, podemos chamar seu benfeitor de excêntrico, se enterrando na torre e indo

à corte apenas quando é chamado, sombrio como uma tempestade e lançando alertas de desastres inevitáveis que, de alguma forma, nunca acontecem. Ele não tem nenhum amigo na corte, e os poucos que ficariam ao lado dele são os próprios arautos do desastre que insistiram que sua amiga fosse sacrificada imediatamente. Se o príncipe Marek não tivesse interferido, o rei teria mandado um carrasco e chamado Sarkan à capital para responder pelo crime de tê-la deixado viver durante tanto tempo.

O próprio Falcão seria esse carrasco, mas aparentemente ele não queria deixar isso atrapalhar a ideia de que ele tinha feito uma gentileza para mim. Eu não sabia como responder a algo tão descarado; a única coisa que eu poderia ter feito era sibilar. Mas ele não me forçou até esse ponto. Ele só disse, numa voz gentil que sugeria que eu estava sendo insensata:

– Pense um pouco no que eu lhe disse. Não a culpo pela sua raiva, mas não deixe que ela faça você menosprezar um bom conselho. – Então fez uma reverência refinada e se afastou graciosamente quando Kasia voltou para o meu lado. Os soldados estavam voltando a montar nos cavalos.

O rosto dela estava contido, e ela estava esfregando os braços. O Dragão tinha ido montar o próprio cavalo; olhei de relance para ele, me perguntando o que ele dissera a ela.

– Você está bem? – perguntei a Kasia.

– Ele me disse para não ter medo de ainda estar corrompida. – A boca dela se moveu um pouco, como o esboço de um sorriso. – Ele disse que, se eu consigo temer isso, provavelmente não estou. – Depois, mais inesperadamente ainda, ela acrescentou: – Ele me disse que estava triste por eu ter medo dele... medo de ser escolhida, quero dizer. Disse que não vai mais capturar ninguém.

Eu tinha gritado com ele por causa disso; nunca esperei que ele me escutasse. Eu a encarei, mas não tive tempo para refletir, Janos tinha montado, verificado seus homens, e disse abruptamente:

– Onde está Michal?

Contamos cabeças e cavalos e chamamos aos gritos em todas as direções. Não houve resposta e não havia um rastro de galhos partidos ou folhas espalhadas para mostrar por onde ele tinha seguido. Ele tinha sido

visto apenas momentos antes, esperando para dar água ao seu cavalo. Se ele tinha sido levado, foi em silêncio.

– Basta – disse o Dragão por fim. – Ele se foi.

Janos olhou para o príncipe irritado. Mas, depois de um instante silencioso, Marek finalmente disse:

– Vamos seguir. Andem aos pares e fiquem de olho um no outro.

O rosto de Janos estava rígido e triste quando ele envolveu o cachecol sobre o nariz e a boca outra vez, mas ele balançou a cabeça para os dois primeiros soldados e, depois de um instante, eles começaram a se mover pela trilha. Cavalgamos para o interior da Floresta.

Embaixo dos galhos, era difícil dizer que horas eram ou há quanto tempo estávamos cavalgando. A Floresta estava silenciosa como floresta alguma jamais esteve: nenhum zumbido de insetos, nem mesmo a ocasional quebra de um ramo sob a pata de um coelho. Até mesmo nossos cavalos faziam pouco barulho, os cascos batendo no musgo, na grama e nas mudas macias em vez de no solo exposto. A trilha estava acabando. Os homens na frente tinham que cortar o matagal o tempo todo para termos um caminho para passar.

Um som fraco de água corrente chegou até nós através das árvores. A trilha se alargou abruptamente de novo. Paramos; fiquei em pé nos estribos e, por sobre os ombros do soldado à frente, só consegui ver uma abertura entre as árvores. Estávamos na margem do Veio outra vez.

Saímos da Floresta quase trinta centímetros acima do rio, numa margem com inclinação suave. As árvores e a vegetação se penduravam sobre a água, salgueiros jogando ramos compridos no junco que se acumulava densamente na beira da água, entre a confusão pálida de raízes de árvores expostas na terra molhada. O Veio era largo o suficiente para que no meio fosse possível ver o reflexo da luz do sol que batia através da copa das árvores. Ela se refletia na superfície do rio sem ir muito fundo, e dava para ver que a maior parte do dia tinha se passado. Ficamos em silêncio durante um longo instante. Era errado encontrar o rio assim, atravessando nosso caminho. Estávamos cavalgando para leste; deveríamos estar andando ao seu lado.

Quando o príncipe Marek ergueu o punho em direção ao rio, o brilho violeta reluziu forte, nos chamando para o outro lado, mas a água estava se movendo rapidamente, e não dava para saber a profundidade. Janos jogou um pequeno galho de uma das árvores: ele foi arrastado pela corrente de imediato e desapareceu quase na mesma hora sob uma pequena ondulação brilhosa.

– Vamos procurar um trecho mais raso – disse o príncipe Marek.

Viramos e continuamos cavalgando em fila na margem do rio, os soldados cortando a vegetação para dar apoio para as patas dos cavalos. Não havia nenhum rastro de animais perto do rio, e o Veio seguia sem se estreitar. Ele era diferente aqui do que no vale, correndo rápido e silencioso embaixo das árvores; tão sombreado pela Floresta quanto nós. Eu sabia que o rio não saía do outro lado em Rosya; ele desaparecia em alguma parte profunda da Floresta, engolido num lugar sombrio. Aqui, olhando para sua largura e sombras, era quase impossível acreditar nisso.

Em algum lugar atrás de mim, um dos homens suspirou profundamente, um ruído de alívio, como se estivesse soltando uma carga pesada. Foi um barulho alto no silêncio da Floresta. Olhei ao redor. Seu cachecol tinha escorregado do rosto: era o soldado jovem e simpático com nariz quebrado que levara minha égua para beber água. Ele estendeu a mão com uma afiada faca de prata brilhante, atingiu a cabeça do homem que cavalgava na frente dele e cortou sua garganta num golpe vermelho profundo de lado a lado.

O outro soldado morreu sem emitir um som. O sangue se espalhou por sobre o pescoço do cavalo e desceu até as folhas. O animal empinou desenfreadamente, relinchando, e quando o homem escorregou de suas costas, o cavalo debandou pelo matagal e desapareceu. O soldado jovem com a faca ainda estava sorrindo. Ele se jogou do próprio cavalo para dentro da água.

Todos estavam paralisados pela surpresa. Na minha frente, o príncipe Marek deu um grito, desceu rapidamente do cavalo e percorreu a encosta, a terra formando sulcos sob suas botas enquanto ele deslizava para a beira da água. Ele tentou pegar a mão do soldado, mas o soldado não a estendeu. Ele

passou pelo príncipe, flutuando de costas como madeira, a ponta do cachecol e da capa formando um rastro na água atrás dele. Suas pernas já estavam sendo arrastadas para o fundo conforme as botas se enchiam de água, e logo depois seu corpo todo estava afundando. Tivemos um último flash pálido de seu rosto redondo encarando o sol no alto. A água se fechou sobre sua cabeça, sobre o nariz quebrado; a capa desceu com uma última onda verde. Ele se fora.

O príncipe Marek tinha voltado a ficar de pé. Estava parado na margem, observando, apoiado no tronco de uma pequena árvore, e ficou ali até o soldado afundar. Em seguida, ele virou e subiu a encosta. Janos tinha deslizado da própria montaria, pegando as rédeas de Marek; ele estendeu um braço para baixo para ajudá-lo a subir. Outro soldado tinha segurado as rédeas do cavalo agora sem cavaleiro; o animal estava tremendo, as narinas largas, mas ainda estava de pé. Tudo voltou a ficar silencioso. O rio continuou correndo, os galhos pendurados, o sol brilhando na água. Não ouvimos nenhum barulho do cavalo que tinha fugido. Era como se nada tivesse acontecido.

O Dragão empurrou o próprio cavalo pela fila de pessoas e olhou para o príncipe Marek lá embaixo.

– Os outros soldados serão corrompidos até o anoitecer – disse ele de maneira áspera. – Se você também não for.

Marek olhou para ele, pela primeira vez seu semblante era sincero e mostrava incerteza; como se tivesse acabado de ver algo além da sua compreensão. Observei o Falcão ao lado deles, olhando para a fileira de homens com olhos imóveis, a visão penetrante tentando identificar alguma coisa invisível. Marek encarou o Falcão; o olhar foi recíproco e ele fez que sim com a cabeça, muito de leve, confirmando.

O príncipe subiu na sela. Falou com os soldados à frente dele.

– Cortem uma clareira.

Alguns começaram a golpear o matagal ao nosso redor; o resto se juntou a eles, queimando e salgando conforme eles cortavam, até termos espaço suficiente para nos amontoarmos. Os cavalos estavam ansiosos para unir as cabeças e juntar os corpos uns nos outros.

– Muito bem – disse o príncipe Marek para os soldados, os olhares fixos nele. – Todos sabem por que estamos aqui. Cada um de vocês foi escolhido a dedo. Vocês são homens do norte, os melhores que eu tenho. Vocês me acompanharam até a feitiçaria de Rosya e fizeram um muro ao meu lado contra os ataques da cavalaria deles; todos vocês têm cicatrizes da batalha. Perguntei a cada um, antes de partirmos, se vocês cavalgariam para o interior deste lugar desconhecido comigo; todos responderam que sim.

"Bem, não vou jurar para vocês agora que tirarei todos vivos daqui; mas vocês têm a minha palavra: os homens que saírem comigo terão todas as honrarias que eu puder conceder, e eles serão cavaleiros e terão terras. Vamos atravessar o rio aqui, agora, da melhor maneira que pudermos, vamos cavalgar juntos: para a morte ou talvez pior, mas como homens, e não como ratazanas assustadas."

Naquele momento, eles já deviam saber que o próprio Marek não sabia o que ia acontecer; que ele não estava preparado para a sombra da Floresta. Mas eu percebi que suas palavras eliminaram um pouco daquela sombra de seus rostos: um brilho surgiu neles, uma respiração aliviada. Nenhum deles pediu para ir embora. Marek pegou seu berrante de caça na sela. Era uma coisa comprida, feita de metal, bem polida e circular. Ele o levou à boca e soprou com toda a força, um ruído marcial muito alto que não deveria ter feito meu coração saltar, mas fez: impetuoso e envolvente. Os cavalos bateram os cascos e mexeram as orelhas para trás e para a frente, e os soldados sacaram suas espadas e rugiram junto com a nota. Marek girou seu cavalo e nos conduziu numa corrida, descendo a encosta e entrando na água escura e fria, e todos os cavalos o seguiram.

O rio atingiu as minhas pernas como um choque quando nos jogamos nele, se abrindo no peito largo da minha égua. Continuamos em frente. A água subiu acima dos meus joelhos, acima das coxas. Minha égua estava com a cabeça levantada bem alto, as narinas dilatadas conforme suas pernas atingiam o leito do rio, se agitando para a frente e tentando manter o apoio no fundo.

Em algum lugar atrás de mim, um dos cavalos tropeçou e perdeu o apoio dos pés. Ele caiu imediatamente e bateu no cavalo de outro soldado. O rio

os arrastou e os engoliu totalmente. Não paramos, não havia como parar. Procurei um feitiço, mas não consegui pensar em nada: a água estava rugindo para mim, e de repente eles sumiram.

O príncipe Marek tocou de novo seu berrante, ele e seu cavalo estavam subindo o outro lado do rio, e ele o estava conduzindo em direção às árvores. Um por um saímos do rio, ensopados, e seguimos em frente sem uma pausa: todos nós atravessando o matagal, seguindo a chama roxa da luz de Marek, seguindo o som de seu berrante. As árvores estavam nos açoitando. O mato baixo era mais leve deste lado do rio, os troncos mais largos e afastados. Não estávamos mais andando em fila única, dava para ver alguns dos outros cavalos passando por entre as árvores ao meu lado enquanto voávamos, enquanto fugíamos, correndo para longe ao mesmo tempo em que corríamos em direção a algo. Eu tinha desistido totalmente das rédeas e simplesmente estava agarrada à minha égua com os dedos entrelaçados na crina, inclinada sobre seu pescoço para desviar dos galhos que me atingiam. Eu via Kasia perto de mim, e o flash claro da capa branca do Falcão à frente.

A égua estava ofegante sob mim, tremendo, e eu sabia que ela não ia durar muito; mesmo fortes e treinados, os cavalos de guerra sofrem aguamento, cavalgando desse jeito depois de nadar num rio gelado.

– *Nen elshayon* – sussurrei no ouvido dela –, *nen elshayon* – e a deixei ter um pouco de força, um pouco de calor. Ela estendeu a bela cabeça e a jogou, agradecida, e eu fechei os olhos e tentei expandir o feitiço para todos eles, dizendo: – *Nen elshayine* – e jogando a mão na direção do cavalo de Kasia como se estivesse jogando uma corda.

Senti a corda imaginária se prender; joguei outras, e os cavalos se aproximaram uns dos outros, correndo com mais facilidade outra vez. O Dragão me deu uma olhada rápida por sobre o ombro. Continuamos seguindo, cavalgando atrás do berrante, e agora eu finalmente começava a ver alguma coisa se movendo por entre as árvores. Andarilhos, muitos andarilhos, e estavam vindo rapidamente na nossa direção, as pernas de pau compridas se movendo em uníssono. Um deles estendeu um braço comprido e arrancou um dos soldados do cavalo, mas eles estavam caindo

atrás de nós, como se não estivessem esperando nossa velocidade turbulenta. Saímos juntos numa clareira por entre uma parede de pinheiros, os cavalos saltando o matagal, e diante de nós havia uma monstruosa árvore-coração.

Seu tronco era mais largo que o lombo de um cavalo, se assomando em vários galhos espalhados. Seus ramos eram repletos de pálidas folhas verde-prateadas e pequenas frutas douradas com um fedor terrível, e por baixo do tronco, olhando para nós, havia um rosto humano, enorme e tão disforme que era apenas um traço, com duas mãos cruzadas sobre o peito, como um cadáver. Duas grandes raízes se dividiam aos seus pés e, no espaço entre elas, havia um esqueleto, quase engolido pelo musgo e pelas folhas podres. Uma raiz menor saía retorcida por uma órbita do olho, e a grama escapava pelas costelas e pelos pedaços de cota de malha enferrujada. Os restos de um escudo estavam sobre o corpo, com a marca fraca de uma águia preta de duas cabeças: a insígnia real de Rosya.

Paramos nossos cavalos que ofegavam e bufavam bem perto dos galhos. Atrás de mim, ouvi uma súbita batida, como a porta de um forno se fechando com força, e no mesmo instante fui atingida por algo muito pesado, vindo do nada, e fui arrancada da minha sela. Atingi o chão com dor, sem ar nos pulmões, meu cotovelo arranhado e as pernas machucadas.

Virei. Kasia estava em cima de mim, ela havia me arrancado da égua. Olhei para além dela. Minha égua estava no ar, sobre nós, sem a cabeça. Uma coisa monstruosa semelhante a um louva-a-deus estava segurando o animal sobre as duas patas traseiras. O louva-a-deus se misturava à árvore-coração: olhos dourados e estreitos com a mesma forma das frutas, o corpo do mesmo verde-prateado das folhas. Ele havia arrancado a cabeça da égua com uma única mordida, em um só golpe. Atrás de nós, outro soldado tinha caído sem cabeça, e um terceiro estava gritando, sem a perna, se debatendo agarrado a outro louva-a-deus: havia uma dezena dessas criaturas saindo das árvores.

Capítulo 15

O louva-a-deus prateado jogou minha égua no chão e cuspiu a cabeça. Kasia estava cambaleando para se levantar, me arrastando para longe. Todos nós ficamos congelados de pavor por um instante, depois o príncipe Marek gritou e golpeou a cabeça do louva-a-deus prateado com o berrante. Ele sacou a espada.

– Ataquem! Fiquem na frente dos magos! – rugiu ele e usou as esporas para lançar o cavalo adiante, ficando entre nós e a coisa, atacando-a. Sua espada deslizou pela carapaça, arrancando uma casca translúcida comprida, como se ele estivesse descascando uma cenoura.

Os cavalos de guerra mostraram que realmente valiam seu peso em prata, eles não estavam em pânico, como qualquer animal ficaria, mas empinavam e atacavam, com relinchos estridentes. Seus cascos faziam barulhos ocos quando atingiam a carapaça dos louva-a-deus. Os soldados formaram um círculo largo ao redor de mim e de Kasia, o Dragão e o Falcão puxaram seus cavalos para ficarem ao nosso lado. Todos os soldados estavam segurando as rédeas com os dentes; metade deles já tinha sacado as espadas, formando um muro salpicado de pontas para nos proteger, enquanto os outros ajeitavam os escudos nos braços.

As criaturas estavam saindo das árvores para nos cercar. Ainda era difícil vê-las com os salpicos de luz e as árvores se movendo, mas não eram mais invisíveis. Elas não se moviam como os andarilhos, lentos e rígidos; corriam com leveza nas quatro patas, as largas mandíbulas perfurantes das suas patas da frente tremulando.

– *Suitah liekin, suitah lang!* – gritava o Falcão, invocando aquele fogo branco flamejante que havia usado na torre. Ele o jogou como um chicote para se enroscar nas patas dianteiras do louva-a-deus mais próximo,

enquanto ele se empinava para atacar outro homem. Ele deu um puxão na linha como alguém que puxa um novilho teimoso e arrastou o louva-a-deus: um cheiro amargo e crepitante de óleo queimado subiu quando o fogo atingiu sua carapaça, e nuvens finas de fumaça branca saíram em espiral. Desequilibrado, o louva-a-deus bateu as mandíbulas terríveis no ar. O Falcão enlaçou a cabeça da criatura, e um dos soldados atacou seu pescoço.

Eu não tinha muita esperança; no vale, nossos machados, espadas e gadanhas comuns mal raspavam a pele dos andarilhos. Mas essas espadas, de algum jeito, entravam mais fundo. Lascas de quitina voavam no ar, e o homem do nosso lado enfiou a ponta da espada na junção do pescoço com a cabeça da criatura. Ele jogou o próprio peso no punho da espada e enfiou com força. A carapaça do louva-a-deus quebrou com um barulho alto, como a pata de um caranguejo, e sua cabeça caiu para a frente, o maxilar frouxo. Uma secreção escorreu do seu corpo sobre a lâmina da espada, fumegando, e por instantes eu vi letras douradas brilhando através da névoa antes de desbotarem de novo junto ao aço.

Mas, enquanto o louva-a-deus morria, seu corpo todo se inclinou para a frente, entrando no círculo e quase derrubando o cavalo do Falcão. Outro louva-a-deus entrou no espaço recém-aberto, tentando alcançá-lo, mas o mago puxou as rédeas e controlou sua montaria enquanto ela tentava se empinar, depois puxou seu chicote de fogo de volta e o lançou na cabeça do segundo louva-a-deus.

No chão com Kasia, eu mal conseguia ver a luta. Ouvi o príncipe Marek e Janos gritando palavras de estímulo para os soldados e o barulho implacável do metal encontrando e arranhando a carapaça. Olhei para cima, admirada, para o Dragão, que estava lutando contra seu próprio cavalo assustado; eu o vi resmungar alguma coisa por entre os dentes e chutar os pés para soltá-los dos estribos. Ele jogou as rédeas para um dos soldados, um homem cujo cavalo estava caindo com um corte terrível no peito, e deslizou para o chão ao nosso lado.

– O que eu devo fazer? – gritei para ele. Procurei impotente um feitiço. – *Murzhetor...?*

– Não! – gritou ele para mim, acima da cacofonia, e procurando meu braço, me girou para encarar a árvore-coração. – Estamos aqui pela rainha. Se nos desgastarmos numa batalha inútil, tudo isso terá sido em vão.

Ficamos afastados da árvore, mas os louva-a-deus estavam nos encurralando aos poucos em direção a ela, nos obrigando a ficar sob os galhos, e o cheiro das frutas estava queimando as minhas narinas. O tronco era abominavelmente vasto. Eu nunca tinha visto uma árvore tão larga, mesmo na parte mais profunda da Floresta, e havia alguma coisa grotesca no seu tamanho, como um carrapato inchado de tanto sangue.

Desta vez, uma mera ameaça não ia funcionar, mesmo que eu conseguisse reunir a raiva para invocar *fulmia:* a Floresta não ia entregar a rainha nem mesmo para salvar uma árvore-coração tão grande, não agora que ela sabia que conseguíamos matar a árvore depois, expurgando-a. Eu não conseguia imaginar o que poderíamos fazer com essa árvore: a casca lisa brilhava com um resplendor rígido como metal. O Dragão a encarava com os olhos semicerrados, murmurando enquanto mexia as mãos, mas mesmo antes de a corrente saltitante de chamas bater na casca da árvore, eu sabia, por instinto, que não ia acontecer nada; e eu não acreditava nem que as espadas encantadas dos soldados conseguissem atingir aquela madeira.

O Dragão continuou tentando: feitiços para quebrar, feitiços para abrir, feitiços de frio e raio, sistemático mesmo enquanto a luta se enfurecia ao nosso redor. Ele estava procurando algum ponto fraco, alguma fenda na armadura. Mas a árvore aguentava tudo, e o cheiro das frutas ficava mais forte. Mais duas criaturas louva-a-deus tinham morrido; mais quatro soldados estavam mortos. Kasia soltou um grito abafado quando uma coisa rolou e parou no meu pé fazendo barulho, olhei para baixo e vi a cabeça de Janos, seus olhos azul-claros ainda fixos em uma carranca. Dei um pulo para trás, horrorizada, e caí de joelhos, de repente enjoada e impotente: vomitei na grama.

– *Agora* não! – gritou o Dragão para mim, como se eu pudesse evitar. Eu nunca tinha visto uma luta, não assim, esse massacre humano. Eles estavam sendo mortos como gado. Ainda de quatro na grama, solucei, as lágrimas

caindo no chão, depois estendi a mão e agarrei as raízes mais largas perto de mim e falei como um cântico:

– *Kisara, kisara, vizh.*

As raízes se contorceram.

– *Kisara* – falei de novo, várias vezes, e gotas de água se acumularam lentamente na superfície das raízes, escapando delas e escorrendo para se juntar aos pequenos pontos úmidos, um após o outro. A umidade se espalhou, se tornou um círculo entre as minhas mãos. As radículas mais finas ao ar livre estavam encolhendo. – *Tulejon vizh* – sussurei, seduzindo. – *Kisara.* – As raízes começaram a se retorcer e se encolher no chão como minhocas gordas enquanto a água escapava delas, filetes escorrendo. Agora havia lama entre as minhas mãos, se espalhando e fugindo das raízes maiores, expondo mais raízes.

O Dragão se ajoelhou ao meu lado. Ele começou a cantarolar um encantamento que me parecia vagamente familiar, algo que eu tinha escutado havia muito tempo: na primavera depois do Ano Verde, eu me lembrava, quando ele tinha vindo para ajudar os campos a se recuperarem. Ele nos trouxera água do Veio, na época, com canais escavados desde o rio até nossos campos queimados e estéreis. Mas, desta vez, os canais estreitos corriam fugindo da árvore-coração e, enquanto eu cantava para as águas saírem das raízes, eles carregavam a água para bem longe, e o solo ao redor da árvore-coração começou a ressecar e se transformar em deserto, a lama rachando e virando poeira e areia.

Em seguida, Kasia pegou nós dois pelos braços e quase nos tirou do chão, nos puxando para a frente aos tropeços. Os andarilhos pelos quais tínhamos passado estavam chegando à clareira, muitos deles, como se estivessem nos esperando. O louva-a-deus prateado tinha perdido um membro, mas ainda forçava o ataque, disparando de um lado para o outro e batendo com os braços cheios de espinhos em qualquer lugar onde havia uma abertura. Os cavalos com os quais Janos tinha se preocupado estavam quase todos mortos ou tinham fugido. O príncipe Marek lutava no chão, ombro a ombro com dezesseis homens enfileirados, seus escudos formando um muro, e o Falcão ainda lançava fogo por trás deles, mas estávamos sendo

encurralados, ainda mais perto do tronco. As folhas da árvore-coração estavam farfalhando ao vento, cada vez mais alto, um sussurro apavorante, e estávamos quase aos pés da árvore. Inspirei fundo e quase vomitei de novo com o fedor doce e terrível das frutas.

Um dos andarilhos tentou contornar a lateral da fileira, inclinando a cabeça para o lado tentando nos ver. Kasia pegou uma espada no chão, caída da mão de algum soldado, e a balançou num violento arco lateral. A lâmina atingiu o lado do andarilho e o despedaçou com um estalo parecido com um galho quebrando. Ele caiu se debatendo e formando uma pilha de madeira.

O Dragão estava tossindo ao meu lado por causa do fedor das frutas. Mas retomamos nosso cântico, desesperados, e arrancamos mais água das raízes. Aqui, perto da árvore, as raízes mais grossas resistiam no início, mas, juntos, nossos feitiços tiravam a água delas e da terra, e o solo começou a ceder ao redor da árvore. Os galhos tremiam: a água estava começando a também descer pelo tronco em gotas grossas manchadas de verde. As folhas estavam secando e caindo como chuva, e então eu ouvi um grito terrível: o louva-a-deus prateado tinha arrancado outro homem da fila, e desta vez não o matou. Ele mordeu e arrancou a mão que segurava a espada e o jogou para os andarilhos.

Os andarilhos estenderam as mãos para cima, pegaram frutas da árvore e enfiaram na boca do soldado. Ele gritou, sufocado, mas eles enfiaram mais frutas e forçaram seu maxilar a fechar, o suco escorrendo em filetes pelo seu rosto. Todo o corpo dele se arqueou, debatendo-se nas mãos dos andarilhos. Eles o seguraram de cabeça para baixo sobre o solo. O louva-a-deus o golpeou na garganta com uma ponta aguda de sua garra, e o sangue saiu esguichando e umedeceu as raízes secas e áridas como chuva.

A árvore soltou um som que parecia um sussurro, ou um suspiro, enquanto finos filetes vermelhos desciam pelas raízes e desbotavam no prateado do tronco. Eu estava soluçando de pavor, observando a vida ser drenada do rosto dele. Uma faca o atingiu no peito, afundando em seu coração: o príncipe Marek a tinha jogado.

Contudo, grande parte do nosso trabalho tinha sido desfeito, e os andarilhos estavam formando um círculo ao nosso redor, esperando, famintos: os homens se aproximaram, ofegando. O Dragão xingou baixinho; ele se virou para a árvore e usou outro feitiço, um que eu já o tinha visto usar para criar seus frascos de poção. Ele o lançou e estendeu a mão para a areia ressecada ao redor dos nossos pés, depois, começou a puxar cordas e meadas de vidro brilhante dali. Ele os jogou nas raízes expostas, nas folhas caídas. Pequenas chamas começaram a queimar ao nosso redor, formando uma névoa de fumaça.

Eu estava tremendo, impressionada com o terror e o sangue. Kasia me empurrou para trás dela, a espada na mão, me protegendo enquanto lágrimas também escorriam pelo seu rosto.

– Cuidado! – gritou ela. Virei e vi que um grande galho estava caindo em direção à cabeça do Dragão. Ele bateu pesado em seus ombros e o derrubou para a frente.

O Dragão se apoiou instintivamente no tronco, soltando a corda de vidro que estava segurando. Ele tentou se afastar, mas a árvore já o estava agarrando, a casca crescendo sobre as mãos dele.

– Não! – gritei, estendendo a mão para ele.

O Dragão conseguiu soltar um braço à custa do outro, a casca prateada subindo até o cotovelo, as raízes saindo do solo e se contorcendo ao redor das suas pernas, puxando-o mais para perto. Elas estavam rasgando as roupas dele. O Dragão procurou uma bolsa na cintura, soltou o cinto e jogou uma coisa nas minhas mãos: era um frasco borbulhante com líquido que brilhava em um forte violeta-avermelhado. Era coração-de-fogo, só um pouquinho na garrafa, e o Dragão me sacudiu pelo braço.

– Agora, sua boba! Se ela me pegar, vocês todos estão mortos! Queime a árvore e *corra*!

Levantei o olhar do frasco e o encarei. Ele queria que eu jogasse fogo na árvore, entendi; ele queria que eu queimasse a árvore... e ele junto.

– Você acha que eu quero viver assim? – perguntou ele, a voz tensa e dura, como se estivesse se esforçando para falar apesar do pavor: a casca da árvore já tinha engolido uma de suas pernas e subia quase até o ombro.

Kasia estava ao meu lado, o rosto pálido e chocado.

– Nieshka, é pior do que morrer. É pior – disse ela.

Eu me levantei com o frasco na mão, cintilando entre os meus dedos, depois coloquei a mão no ombro dele e falei:

– *Ulozishtus.* O feitiço de expurgo. Invoque-o comigo.

Ele me encarou. Depois, fez que sim com a cabeça numa sacudida.

– Dê o frasco a ela – disse ele, por entre os dentes trincados. Dei o coração-de-fogo a Kasia e segurei a mão do Dragão, e juntos lançamos o feitiço.

– *Ulozishtus, ulozishtus* – sussurrei, uma batida de tambor estável, e ele se juntou a mim, recitando com cuidado toda a longa canção. Mas não deixei a magia de expurgo fluir, eu a segurei. Na minha mente, construí uma barreira diante do seu poder e deixei nosso feitiço conjunto encher um vasto lago dentro de mim enquanto o feitiço crescia.

O calor me preencheu, queimando forte, quase insuportável. Eu não conseguia respirar, meus pulmões apertavam a caixa torácica; meu coração se recusava a bater. Eu não conseguia enxergar; a luta continuava em algum lugar atrás de mim, apenas um clamor distante: gritos, o ruído assustador dos andarilhos, o círculo oco de espadas. Estava se aproximando cada vez mais. Senti as costas de Kasia pressionadas nas minhas; ela estava fazendo do próprio corpo a minha última proteção. O coração-de-fogo estava cantando alegre e faminto no frasco que ela segurava, esperando ser solto, esperando devorar todos nós, quase reconfortante.

Segurei o feitiço pelo máximo de tempo que consegui, até a voz do Dragão falhar, depois abri os olhos. A casca da árvore tinha subido acima do seu pescoço, até a bochecha. Tinha selado sua boca e estava rastejando ao redor dos seus olhos. Ele apertou a minha mão uma vez, e eu lancei o poder através dele, descendo pelo canal semiaberto até a árvore que o devorava.

Ele enrijeceu, os olhos arregalados, sem enxergar nada. Sua mão apertou a minha numa agonia silenciosa. Em seguida, a casca sobre sua boca definhou, se descamando como a pele solta de uma cobra monstruosa, e ele gritou alto. Segurei a mão dele entre as minhas, mordendo o lábio contra a dor do seu aperto brutal enquanto ele gritava, a árvore ficando

preta e carbonizando ao redor dele, as folhas acima de nós crepitando nas chamas. Elas estavam caindo, pedaços pontiagudos de cinzas, o fedor pavoroso das frutas cozinhando e se liquefazendo. O suco escorria pelos ramos, e a seiva saía em jorros ferventes dos troncos e da casca.

As raízes queimaram com a rapidez de uma boa lenha: tínhamos drenado muita água delas. A casca estava soltando e descascando em faixas enormes. Kasia segurou o braço do Dragão e puxou seu corpo débil da árvore, chamuscado e cheio de bolhas. Eu a ajudei a puxá-lo para longe da fumaça que se acumulava, depois ela virou e mergulhou na névoa outra vez. Indistintamente, eu a vi pegar uma faixa de casca, puxando-a como uma folha grossa; ela atacou a árvore com a espada e a atingiu, e mais partes laterais foram destruídas. Deitei o Dragão e cambaleei para ajudá-la: a árvore estava quente demais para tocar, mas coloquei as mãos sobre ela de qualquer maneira e, depois de um instante apalpando, soltei:

– *Ilmeyon! Saia, saia.* – Como se eu fosse Jaga chamando um coelho para sair de uma toca para jantar.

Kasia a atacou de novo, e a madeira se partiu com um estalo, e eu vi, através dela, um pedaço de rosto feminino, vazio, um olho azul encarando. Kasia estendeu a mão para as bordas da lacuna quebrada e começou a puxar mais madeira, partindo-a, e de repente a rainha caiu para fora de um oco na madeira, o corpo flácido se dobrando e deixando para trás o molde de um corpo de mulher; faixas ressecadas de tecido caíam de seu corpo e pegavam fogo enquanto ela se inclinava através da abertura. Ela parou, no meio do caminho: a cabeça não se soltava, presa por uma rede de cabelos dourados, impossivelmente longos e misturados na madeira. Kasia balançou a espada através da névoa, então a rainha se soltou e caiu nos nossos braços.

Ela estava pesada e inerte como uma tora de madeira. Fumaça e fogo nos envolviam e, acima de nós, os galhos gemiam e se partiam: a árvore tinha se tornado uma coluna de fogo. O coração-de-fogo estava clamando tão alto no frasco que me parecia que eu conseguia escutá-lo, ansioso para sair e se unir às chamas.

Cambaleamos para a frente, Kasia arrastando nós três: eu, a rainha Hanna e o Dragão. Caímos na clareira, saindo de baixo dos galhos. Dos

outros restavam apenas o Falcão e o príncipe Marek, lutando de costas um para o outro com uma habilidade feroz, a espada de Marek iluminada com o mesmo fogo branco que o Falcão segurava. Os últimos quatro andarilhos se aproximavam. Eles fizeram um ataque súbito; o Falcão os lançou para trás com um chicote circular de fogo, Marek escolheu um deles e saltou em direção à criatura: ele segurou o pescoço dela com o punho coberto com cota de malha e envolveu as botas ao redor do corpo, com um pé preso sob uma das patas dianteiras. Ele cravou a espada com força na junção do pescoço com o corpo e girou (quase o mesmo movimento de arrancar o ramo de um galho vivo), e a cabeça estreita e comprida do andarilho se estilhaçou e rachou.

Ele deixou cair o corpo que se contorcia, depois mergulhou para trás pelo círculo agonizante de fogo antes que os outros andarilhos conseguissem se aproximar. Outros quatro andarilhos mortos estavam deitados exatamente do mesmo jeito no chão: ele tinha desenvolvido um método para matá-los. Mas, no fim, os andarilhos quase o pegaram, e ele estava cambaleando de cansaço. Ele já tinha jogado o capacete para o lado, então inclinou a cabeça e passou o tabardo na testa pingando, ofegante. O Falcão também estava sucumbindo ao seu lado. Apesar de seus lábios não pararem de se mexer, o fogo prateado ao redor de suas mãos estava queimando fraco; a capa branca tinha sido descartada na terra, fumegando nos pontos onde as folhas em chamas caíam sobre ela. Os três andarilhos recuaram, se preparando para mais um ataque; ele se recompôs.

– Nieshka – disse Kasia, me tirando do transe, e eu cambaleei para a frente, abrindo a boca. Apenas um grasnado irregular saiu, rouco por causa da fumaça. Eu me esforcei para respirar de novo e consegui sussurrar:

– *Fulmedesh.* – Ou pelo menos algo suficientemente parecido com a palavra para que a mágica pudesse acontecer, mesmo enquanto eu caía para a frente e com as mãos no chão. Uma linha partia de mim e rachava a terra, abrindo-a sob os andarilhos. Quando eles caíram ali, se debatendo, o Falcão jogou fogo na fenda, que se fechou ao redor deles.

Marek voltou e, de repente, veio correndo na minha direção enquanto eu cambaleava para ficar de pé. Ele deslizou na terra, os pés para a frente, e

chutou minhas pernas. O louva-a-deus prateado tinha saído da nuvem ardente da árvore-coração, com as asas acesas e estalando com o fogo, procurando uma última vingança. Encarei seus olhos dourados sobrenaturais; suas garras apavorantes recuaram para preparar mais um ataque. Marek estava deitado no chão, embaixo da barriga da criatura. Ele enfiou a espada numa fresta da carapaça e chutou a perna de trás da criatura, uma das três restantes. O louva-a-deus caiu e foi empalado enquanto tentava se erguer: se debateu furiosamente, se contorceu, e Marek arrancou a espada com um chute final que empurrou a criatura de volta para a fogueira enfurecida da árvore-coração. Ela caiu imóvel.

Marek virou e me levantou. Minhas pernas estavam tremendo; meu corpo todo balançava. Eu não conseguia ficar de pé. Sempre duvidei das histórias de guerra, das canções de batalhas: as lutas esporádicas entre meninos na praça da vila sempre terminavam em lama, narizes ensanguentados, arranhões, secreções e lágrimas, nada gracioso nem glorioso, e eu não entendia como acrescentar espadas e mortes a essa mistura poderia torná-la melhor. Mas eu nunca teria imaginado esse horror.

O Falcão estava tropeçando até outro homem deitado encolhido na terra. Ele estava com um frasco de elixir no cinto, deu um gole para o homem e o ajudou a se levantar. Juntos, eles foram até um terceiro que só tinha um braço restante: ele cauterizou a ferida no fogo e estava deitado no chão, confuso, olhando para cima. De trinta, sobraram dois homens.

O príncipe Marek não parecia machucado. Ele passou o braço pela testa de novo, sem prestar muita atenção, espalhando mais fuligem no rosto. Ele já tinha quase recuperado o fôlego; seu peito subia e descia, mas com leveza, não ofegando com dificuldade, eu mal conseguia ver enquanto ele me puxava com facilidade para longe das chamas, até o abrigo fresco das árvores além da borda da clareira. Ele não falou comigo. Não sei nem se ele me reconheceu: seus olhos estavam um pouco vidrados. Kasia se juntou a nós, com o Dragão jogado em seus ombros; era estranhamento fácil para ela ficar de pé, mesmo com aquele peso morto nas costas.

Marek piscou mais algumas vezes enquanto o Falcão reunia os dois homens na nossa frente, depois pareceu finalmente perceber a fogueira da

árvore que se espalhava, os galhos enegrecidos que caíam. Seu aperto no meu braço ficou mais forte e provocou uma dor marcante, as pontas da manopla se enterrando na minha carne enquanto eu tentava soltá-la. Ele virou para mim e me sacudiu, os olhos arregalados de raiva e pavor.

– O que foi que você fez? – rosnou ele para mim, rouco pela fumaça. De repente, ele ficou completamente imóvel.

A rainha estava em pé diante de nós, sem se mover, iluminada pelo dourado das chamas da árvore. Estava parada como uma estátua no local onde Kasia a tinha colocado, e seus braços estavam caídos. O cabelo cortado era tão louro quanto o de Marek, fino e delicado; flutuava ao redor dela como uma nuvem. Ele a encarou, o rosto aberto como o bico de um pássaro faminto. Ele me soltou e estendeu a mão.

– Não encoste nela! – disse o Falcão de maneira penetrante, rouco com a fumaça. – Peguem as correntes.

Marek parou. Ele não tirava os olhos da rainha. Por um instante, achei que ele não ia escutar o Falcão; mas ele virou e tropeçou através das ruínas do campo de batalha até o cadáver de seu cavalo. As correntes que o Falcão tinha colocado em Kasia enquanto a examinava estavam embaladas em tecido e amarradas na sela. Marek as arrastou até nós. O Falcão pegou a canga com o tecido e, com cuidado, como se estivesse se aproximando de um cachorro louco, foi em direção à rainha.

Ela não se mexia, não piscava; era como se nem o visse. Ele hesitou mesmo assim, depois lançou o feitiço de proteção em si mesmo mais uma vez e, num movimento rápido, jogou a canga sobre o pescoço dela e recuou. Ela continuou imóvel. Ele estendeu a mão novamente, e fechou as algemas ainda cobertas com tecido nos punhos dela, uma depois da outra; em seguida, jogou o tecido sobre os ombros da rainha.

Houve um estalo terrível e alto atrás de nós. Todos pularam como coelhos. O tronco da árvore-coração tinha rachado, e uma metade enorme estava se inclinando. Ela caiu com um barulho vibrante, esmagando os carvalhos de cem anos na fronteira da clareira; uma nuvem de faíscas cor de laranja se ergueu do coração do tronco. A segunda metade foi subitamente

consumida em chamas: queimou e rugiu, e os galhos se debateram mais uma vez e ficaram imóveis.

O corpo da rainha ganhou vida em um espasmo tenso; as correntes arranhavam e tiniam enquanto ela se movia presa, um chiado de metal, então ela cambaleou para longe de nós, colocando as mãos diante de si. O tecido deslizou dos seus ombros; ela não percebeu. Ela estava agarrando o próprio rosto com as unhas curvas e compridas demais, se arranhando, com um gemido baixo e incoerente.

Marek correu e a pegou pelos punhos algemados; ela o empurrou convulsivamente para longe com uma força sobrenatural. Em seguida, ela parou e fixou o olhar nele. O príncipe cambaleou para trás e recuperou o equilíbrio, se endireitando. Manchado de sangue, fuligem e suor, ele ainda parecia um guerreiro e um príncipe; a insígnia verde ainda estava visível no peito, a coroa em cima da hidra. Ela olhou para a insígnia e depois para o rosto dele. Ela não falou, mas seus olhos ficaram grudados nele.

O príncipe inspirou rapidamente e com dificuldade, e disse:

– Mãe.

Capítulo 16

Ela não respondeu. Marek ficou parado com as mãos entrelaçadas, os olhos fixos no rosto dela. Mas ela não respondeu.

Ficamos ali em silêncio e sobrecarregados, ainda respirando a fumaça da árvore-coração, os cadáveres dos homens e das criaturas da Floresta. Por fim, o Falcão se recuperou e saiu mancando. Ele levantou as mãos até o rosto dela, hesitando por um instante, mas ela não recuou. Ele colocou as mãos no rosto dela e o virou para si. O Falcão olhou para ela, as pupilas dele se dilatavam e estreitavam, mudando de forma; a cor de suas íris foi de verde a amarela e a preta.

– Não tem nada – disse ele, rouco. – Não consigo encontrar nenhuma corrupção nela. – Ele deixou as mãos caírem.

Mas também não havia mais nada. Ela não olhava para nós ou, se o fazia, era ainda pior; seus olhos arregalados não viam nossos rostos. Marek ainda estava parado, ofegando pesado, encarando-a.

– Mãe – chamou ele de novo. – Mãe, sou eu, Marek. Vim levar você para casa.

O rosto dela não mudou. O terror inicial tinha desaparecido. Agora ela estava encarando, vazia, oca.

– Depois que sairmos da Floresta... – falei, mas minha voz morreu na garganta. Eu me sentia estranha e enjoada. Era possível sair da Floresta, se você tivesse ficado nela durante vinte anos?

Mas Marek gostou da sugestão.

– Para que lado? – perguntou, deslizando a espada de volta para a bainha.

Tirei a cinza do rosto com uma das mangas. Olhei para minhas mãos cheias de bolhas e rachadas, manchadas de sangue. O todo de uma parte.

– *Loytalal* – sussurrei para o meu sangue. – Me leve para casa.

Eu os conduzi para fora da Floresta da melhor maneira que consegui. Não sabia o que faríamos se encontrássemos outro andarilho, muito menos outro louva-a-deus. Estávamos muito diferentes daquela companhia animada que tinha entrado na Floresta de manhã. Na minha mente, nos imaginei como um grupo de colhedores se esgueirando pelo bosque a caminho de casa antes do anoitecer, tentando ficar menos assustados do que um pássaro. Escolhi nosso caminho com cuidado por meio das árvores. Não havia esperança de abrir uma nova trilha, então precisávamos permanecer nas trilhas de cervos e no mato mais leve.

Saímos da Floresta meia hora antes do anoitecer. Saí tropeçando de baixo das árvores, ainda seguindo o brilho fraco do meu feitiço: *casa, casa,* repetido várias vezes na minha cabeça numa cantiga. A linha brilhosa se curvava em direção a oeste e sul, em direção a Dvernik. Meus pés continuavam me levando para lá, passando pela faixa estéril de terra destruída e indo parar numa parede de grama alta que finalmente se tornou densa o suficiente para me parar. Acima da grama, quando levantei a cabeça devagar, encostas arborizadas se erguiam como um muro ao longe, de um marrom nebuloso e com o reflexo do sol se pondo.

As montanhas do norte. Não estávamos na passagem da montanha em Rosya. Isso fazia um certo sentido, se a rainha e o príncipe Vasily estavam fugindo em direção a Rosya, eles teriam sido pegos ali e levados para dentro da Floresta. Mas significava que estávamos a muitos quilômetros de Zatochek.

O príncipe Marek saiu da Floresta depois de mim, com a cabeça baixa, os ombros curvados como se estivesse carregando um peso nas costas. Os dois soldados o seguiam esfarrapados. Eles tinham tirado as camisas de cota de malha e as abandonado em algum lugar dentro da Floresta; o cinto da espada também. Só ele ainda estava de armadura, e ainda empunhava a espada, mas, quando chegamos ao gramado, ele se afundou, caindo de joelhos, e ficou ali sem se mexer. Os soldados foram até ele e se prostraram

um de cada lado do príncipe, de cara no chão, como se tivessem sido apenas puxados atrás dele.

Kasia deitou o Dragão no chão ao meu lado, pisando na grama para alisá-la. Ele estava fraco e imóvel, os olhos fechados. Seu lado direito estava chamuscado e tinha bolhas por toda parte, vermelhas e mortalmente cintilantes, as roupas rasgadas e queimadas na pele. Eu nunca tinha visto queimaduras tão pavorosas.

O Falcão afundou no chão do outro lado do Dragão. Ele segurava a ponta de uma corrente que seguia até a canga no pescoço da rainha; ele a puxou, e a rainha também parou, imóvel e sozinha na faixa estéril e destruída ao redor da Floresta. Seu rosto estava com a mesma imobilidade sobrenatural de Kasia, mas pior, porque não havia ninguém olhando através de seus olhos. Era como ser seguida por uma marionete. Quando puxávamos a corrente, ela andava, com um passo de boneca, rígido e cambaleante, como se não soubesse mais como usar os braços e as pernas, como se eles não dobrassem direito.

– Temos que nos afastar da Floresta – disse Kasia. Nenhum de nós respondeu nem se mexeu; parecia que ela estava falando de muito longe. Ela me pegou cuidadosamente pelo ombro e me sacudiu. – Nieshka – disse ela. Não respondi. O céu estava se aprofundando no crepúsculo, e os mosquitos do início da primavera estavam voando ao nosso redor, zumbindo no meu ouvido. Eu não conseguia nem levantar a mão para dar um tapa num grande que estava pousado no meu braço.

Ela se endireitou e olhou para todos nós, hesitante. Acho que ela não queria nos deixar sozinhos ali, na condição em que estávamos, mas não havia muitas opções. Kasia mordeu o lábio, se ajoelhou diante de mim e me olhou nos olhos.

– Vou até Kamik. Acho que é mais perto que Zatochek. Vou correr o caminho todo. Aguente firme, Nieshka, eu volto assim que encontrar alguém.

Eu simplesmente a encarei. Ela hesitou, depois colocou a mão no bolso da minha saia e pegou o livro de Jaga. Ela o colocou nas minhas mãos.

Fechei os dedos ao redor dele, mas não me mexi. Ela virou e se lançou pelo mato, golpeando-o e abrindo caminho, seguindo a última luz a oeste.

Fiquei sentada na grama como um rato do campo, pensando em nada. O som de Kasia lutando para abrir caminho pelo mato alto foi ficando fraco. Eu estava passando o dedo na costura do livro de Jaga, sentindo as bordas macias de couro, sem pensar, encarando-o. O Dragão estava deitado inerte ao meu lado. Suas queimaduras estavam piorando, as bolhas crescendo translúcidas por toda a pele. Devagar, abri o livro e virei as páginas. *Bom para queimaduras, melhor com teias de aranha matinais e um pouco de leite,* dizia a página lacônica de um de seus remédios mais simples.

Eu não tinha teias de aranha nem leite, mas, depois de um pensamento um pouco lento, estendi a mão para uma das hastes quebradas de capim e espremi algumas gotas verdes leitosas no meu dedo. Eu as esfreguei entre o polegar e o indicador e murmurei:

– *Iruch, iruch.* – Para cima e para baixo, como se estivesse cantando para uma criança dormir, e comecei a encostar a ponta do dedo nas piores bolhas, uma depois da outra. Elas se contorceram e começaram a encolher em vez de inchar, e o vermelho mais forte desbotou.

O feitiço fez com que eu me sentisse... não exatamente melhor, mas mais limpa, como se eu estivesse passando água num ferimento. Continuei cantando e cantando e cantando e cantando.

– Pare de fazer esse *barulho* – disse o Falcão por fim, levantando a cabeça e sibilando.

Estendi a mão e peguei seu pulso.

– O feitiço de Groshno para queimaduras – falei para ele. Era um dos encantamentos que o Dragão tinha tentado me ensinar quando ainda pensava que eu era curandeira.

O Falcão ficou em silêncio, depois começou, rouco:

– *Oyideh viruch.* – O início do cântico.

Voltei para o meu cantarolar, "*iruch, iruch*", enquanto sentia o feitiço do Falcão, frágil como uma roda construída com caules de feno em vez de madeira, e prendi minha magia a ele. O Falcão interrompeu seu cântico.

Consegui manter o feitiço funcionando por tempo suficiente para fazê-lo recomeçar.

Não era nem de perto parecido com invocar um feitiço com o Dragão. Era mais parecido com tentar colocar arreios numa mula velha e teimosa da qual eu não gostava muito, com dentes rígidos e cruéis esperando para me morder. Eu estava tentando ficar longe do Falcão mesmo enquanto conduzia o feitiço. Mas, quando ele pegou o fio da meada, o feitiço começou a crescer. As queimaduras do Dragão começaram a enfraquecer rapidamente e se transformar em pele nova, exceto por uma cicatriz brilhante e pavorosa se contorcendo em seu braço, onde estavam as piores bolhas.

A voz do Falcão estava se fortalecendo ao meu lado, e minha cabeça também clareou. O poder estava fluindo através de nós, uma nova onda se formando, e ele balançou a cabeça, piscando. Ele se virou e pegou meu punho, me procurando, tentando pegar mais da minha magia. Instintivamente, eu me soltei, e nós perdemos o fio do feitiço. Mas o Dragão já estava rolando de lado, ofegando em busca de ar, com ânsia de vômito. Ele tossiu e expeliu uma fuligem molhada e preta dos pulmões. Quando o acesso cedeu, ele se afundou cansado sobre os calcanhares, limpando a boca, e levantou o olhar. A rainha ainda estava de pé no solo arrasado ali perto, uma coluna luminosa no escuro.

Ele pressionou a base das mãos nos olhos.

– De todos os trabalhos tolos que já existiram – disse ele, tão rouco que eu mal consegui escutar, e deixou as mãos caírem de novo. Ele estendeu a mão para o meu braço, e eu o ajudei a ficar de pé. Estávamos sozinhos no mar de grama fresca. – Precisamos voltar para Zatochek – disse ele, incitando. – Para os suprimentos que deixamos lá.

Eu o encarei sem pensar, minhas forças enfraquecendo de novo conforme a magia baixava. O Falcão já tinha desistido e voltado a se encolher. Os soldados estavam começando a tremer e se contorcer, seus olhos encaravam mas pareciam estar vendo outras coisas. Até Marek tinha ficado inerte, uma rocha encolhida silenciosa entre eles.

– Kasia foi buscar ajuda – falei por fim.

Ele olhou ao redor, para o príncipe, os soldados, a rainha; de volta para mim e para o Falcão, para o que restava de nós. Ele esfregou o rosto.

– Está bem. Me ajudem a colocá-los de costas. A lua está quase surgindo.

Lutamos para colocar o príncipe Marek e os soldados deitados de costas na grama, os três encarando cegos o céu. Quando terminamos de ajeitar a grama ao redor deles, estávamos cansados e a lua brilhava em seus rostos. O Dragão me colocou entre ele e o Falcão. Não tínhamos forças para um expurgo total: eles simplesmente entoaram algumas rodadas do feitiço de escudo que o Falcão tinha usado naquela manhã, e eu murmurei meu leve feitiço de limpeza: *Puhas, puhas, kai puhas.* Um pouco de cor pareceu voltar ao rosto de todos.

Kasia voltou quase uma hora depois, conduzindo a carroça de um lenhador com expressão rígida.

– Me desculpem por ter demorado tanto – disse ela de maneira direta; não perguntei como ela havia conseguido a carroça. Eu sabia o que as pessoas iam pensar, ao vê-la vindo da direção da Floresta com aquela aparência.

Tentamos ajudá-la, mas ela teve que fazer a maior parte do trabalho sozinha. Ela levantou o príncipe Marek e os dois soldados e os colocou na carroça, depois levantou nós três. Ficamos sentados com as pernas penduradas na traseira da carroça. Kasia foi até a rainha e ficou entre ela e as árvores, interrompendo a linha do seu olhar. A rainha a encarou com o mesmo vazio.

– Você não está mais aí dentro – disse Kasia para a rainha. – Você está livre. Estamos livres.

A rainha também não respondeu a ela.

Passamos uma semana em Zatochek, deitados em catres no celeiro perto da fronteira do povoado. A partir do instante em que caí no sono na carroça, não me lembro de nada, só de acordar três dias depois com o cheiro quente e calmo de feno, com Kasia ao meu lado, passando um pano úmido no meu rosto. O sabor pavoroso e doce como mel do elixir de expurgo do Dragão

enchia a minha boca. Quando eu fiquei forte o suficiente para sair do catre, mais tarde naquela manhã, ele me fez passar por mais uma rodada de expurgo, depois me fez fazer outra para ele.

– A rainha? – perguntei a ele, quando sentamos num banco do lado de fora, os dois cansados.

Ele apontou com o queixo para a frente, e eu a vi: ela estava na sombra do outro lado da clareira, sentada quieta num toco sob um salgueiro. Ainda estava usando a canga encantada, mas alguém tinha lhe dado um vestido branco. Não havia nem uma mancha ou marca nele; até a barra estava limpa, como se ela não tivesse saído do ponto em que a colocaram. Seu lindo rosto estava vazio como um livro em branco.

– Bem, ela está livre – disse o Dragão. – Isso valeu a vida de trinta homens?

Ele falou com violência, e eu passei os braços em volta do meu próprio corpo. Não queria pensar naquela batalha que parecia um pesadelo, no massacre.

– Os dois soldados? – perguntei num sussurro.

– Eles vão sobreviver. E nosso principezinho refinado também: teve mais sorte do que merece. A Floresta alcançou uma parte pequena deles. – O Dragão se levantou. – Venha, estou expurgando as pessoas em etapas. Está na hora de outra rodada.

Dois dias depois, o príncipe Marek tinha voltado a ser ele mesmo, fora tão rápido que me senti fraca, com uma inveja amarga: ele se levantou da cama de manhã e na hora do jantar já estava devorando um frango assado inteiro e fazendo exercícios. Eu mal conseguia saborear os poucos punhados de pão que me obrigava a comer. Observá-lo erguer e baixar o próprio corpo num galho de árvore me fez sentir como um pano que foi lavado e torcido demais. Tomasz e Oleg também estavam acordados, os dois soldados; agora eu sabia como eles se chamavam, e me sentia envergonhada por não saber o nome de nenhum dos que deixamos para trás.

Marek tentou levar um pouco de comida para a rainha. Ela simplesmente encarou o prato que ele segurava diante dela e não mastigou quando ele colocou fatias de carne em sua boca. Depois, ele tentou uma

tigela de mingau: ela não recusou, mas não ajudou. Ele teve que levar a colher até a boca da rainha, como a mãe que ajuda o filho que estava aprendendo a comer. Ele estava fazendo isso com amargura, e depois de uma hora, quando mal tinha conseguido levar uma dezena de colheradas a ela, ele se levantou e jogou a tigela e a colher com violência numa rocha, mingau e lascas de cerâmica voando. Ele saiu irritado. A rainha também não piscou ao ver isso.

Eu estava parada na porta do celeiro, observando, e me encolhi. Eu não conseguia me arrepender por tê-la tirado de lá – pelo menos ela não estava mais sendo atormentada pela Floresta, devorada até o fim. Mas essa terrível meia-vida que lhe sobrou parecia pior do que morrer. Ela não estava doente nem delirante, como Kasia ficara nos dias depois do expurgo. Só que não parecia haver o suficiente dela para sentir ou pensar.

Na manhã seguinte, Marek veio por trás de mim e me pegou pelo braço quando eu voltava me arrastando para o celeiro com um balde de água de poço; dei um pulo de susto e derramei água sobre nós dois, tentando escapar do seu aperto. Ele ignorou a água e minha resistência, e gritou comigo:

– Já chega disso! Eles são soldados; vão ficar bem. Eles já estariam bem, se o Dragão não continuasse a jogar poções na barriga deles. Por que você não fez nada por *ela*?

– O que você acha que há para ser feito? – perguntou o Dragão, saindo do celeiro.

Marek virou para ele.

– Ela precisa ser curada! Você nem deu uma dose para ela, apesar de ter frascos sobrando...

– Se tivesse alguma corrupção nela para ser expurgada, nós faríamos isso. Mas não é possível curar a ausência. Você tem sorte de ela não ter se queimado junto com a árvore-coração; se quiser chamar de sorte, e não de azar.

– Foi uma pena *você* não ter se queimado, se isso é tudo que você pode fazer.

O olhar do Dragão cintilou com o que me pareceu uma dezena de respostas sarcásticas, mas ele comprimiu os lábios e as engoliu. Os dentes de Marek estavam rangendo, e eu sentia muita tensão em suas mãos, como o tremor de um cavalo assustado, apesar de ele estar parado como uma rocha naquela terrível clareira com morte e perigo ao redor.

– Não há corrupção nela – continuou o Dragão. – Quanto ao resto, só tempo e cura vão ajudar. Vamos levá-la de volta para a torre assim que eu terminar de expurgar seus homens e for seguro para eles ficarem entre outras pessoas. Vou ver o que mais pode ser feito. Até lá, sente com ela e converse sobre coisas familiares a vocês.

– *Conversar?* – perguntou Marek. Ele empurrou o meu braço, soltando-o; mais água caiu nos meus pés enquanto ele se afastava.

O Dragão pegou o balde da minha mão, e eu o segui de volta para o celeiro.

– Podemos fazer alguma coisa por ela? – perguntei.

– O que há para se fazer com uma tábua em branco? – respondeu ele. – Dê um tempo para ela e talvez ela consiga escrever alguma coisa nova ali. Quanto a trazer de volta o que ela era... – Ele balançou a cabeça.

Marek ficou sentado ao lado da rainha o resto do dia; quando eu saía do celeiro, tinha alguns vislumbres de seu rosto abaixado e rígido. Mas pelo menos ele parecia aceitar que não haveria uma cura miraculosa súbita. Naquela noite, ele se levantou e andou até Zatochek para falar com o chefe da vila; no dia seguinte, quando Tomasz e Oleg conseguiram finalmente andar até o poço e voltar sozinhos, ele os pegou com força pelos ombros e disse:

– Vamos acender uma fogueira para os outros amanhã de manhã, na praça da vila.

Homens vieram de Zatochek para nos trazer cavalos. Eles estavam com medo de nós, e eu não os culpava. O Dragão tinha mandado avisar que sairíamos da Floresta, e também falou a eles onde nos manter e que sinais de corrupção procurar, mas mesmo assim eu não teria ficado surpresa se eles viessem com tochas, para nos queimar dentro do celeiro. Claro que, se

a Floresta tivesse nos possuído, teríamos feito coisas piores do que sentar num celeiro calmamente exaustos durante uma semana.

O próprio Marek ajudou Tomasz e Oleg a subirem nas selas antes de erguer a rainha para a sela dela, sobre uma égua marrom firme que devia ter uns dez anos de idade. Ela se sentou rígida e inflexível; Marek teve que colocar os pés dela nos estribos, um depois do outro. Ele fez uma pausa, olhando para ela do chão: as rédeas estavam no mesmo lugar em que ele as colocara, frouxas nas mãos algemadas.

– Mãe – tentou ele de novo. Ela não olhou para ele. Depois de um instante, o maxilar dele ficou tenso. Ele pegou uma corda e fez uma rédea condutora para o cavalo dela, prendeu na sela dele e a conduziu.

Cavalgamos atrás dele até a praça e encontramos uma fogueira alta nos esperando já montada, cheia de madeira seca, e toda a vila parada na parte mais distante em suas melhores roupas de festa. Eles estavam com tochas nas mãos. Eu não conhecia muito bem ninguém de Zatochek, mas às vezes eles iam ao nosso mercado na primavera. Como fantasmas de outra vida, um punhado de rostos familiares me olhou na multidão, através da fraca névoa cinza de fumaça, enquanto eu ficava do outro lado com um príncipe e magos.

Marek também pegou uma tocha: ele ficou em pé ao lado da pilha de lenha, com a espada erguida, e nomeou todos os homens que tínhamos perdido, um após o outro, e Janos no fim. Ele chamou Tomasz e Oleg e, juntos, os três deram um passo à frente e jogaram suas tochas na madeira empilhada. A fumaça penetrou meus olhos e minha garganta ainda machucada, e o calor era assustador. Com o rosto rígido, o Dragão observou o fogo subir e depois virou de costas: sei que ele não valorizava o príncipe por honrar os homens que ele tinha levado à morte. Mas ouvir os nomes deles liberou alguma coisa em mim.

A fogueira continuou queimando por muito tempo. Os aldeões trouxeram comida e bebida, tudo que tinham, e empurraram para nós. Eu me encolhi num canto com Kasia e bebi copos demais de cerveja, lavando a angústia, a fumaça e o sabor do elixir de expurgo da minha boca, até

finalmente nos apoiarmos uma na outra e chorarmos baixinho; tive que me segurar nela, porque ela não tinha coragem de me segurar com força.

A bebida me deixou mais leve e mais boba ao mesmo tempo, minha cabeça doía, e eu funguei nas minhas mangas. Do outro lado da praça, o príncipe Marek estava falando com o chefe da vila e um carroceiro jovem de olhos arregalados. Eles estavam parados ao lado de uma bonita carroça verde, recém-pintada, com um grupo de quatro cavalos, com as crinas e os rabos trançados de um jeito desajeitado com fitas verdes. A rainha já estava sentada na parte de trás da carroça, acolchoada com palha, usando uma capa de lã sobre os ombros. As correntes douradas da canga encantada captavam a luz do sol e reluziam na sua túnica.

Pisquei algumas vezes, ofuscada pelo sol, e quando comecei a entender o que eu estava vendo, o Dragão já estava atravessando a praça a passos largos, perguntando:

– O que você está fazendo?

Fiquei de pé e fui até eles. O príncipe Marek virou enquanto eu me aproximava.

– Tentando levar a rainha para casa – respondeu ele, de um jeito agradável.

– Não seja maluco. Ela precisa ser curada...

– Algo que ela pode conseguir na capital com a mesma facilidade que aqui. Não vou deixar você trancar minha mãe na sua torre até ter vontade de soltá-la de novo, Dragão. Não pense que eu me esqueci de como você teve má vontade em nos acompanhar.

– Você parece preparado para se esquecer de muitas outras coisas. Como sua promessa de destruir a Floresta até Rosya, se tivéssemos sucesso.

– Não me esqueci de nada. Não tenho homens para ajudar você agora. Que jeito melhor de conseguir homens do que voltar à corte e pedir a meu pai?

– A única coisa que você pode fazer na corte é desfilar com essa marionete vazia e se proclamar um herói. *Mande buscar* os homens! Não podemos simplesmente ir embora. Se formos e deixarmos o vale sem defesa, você acha que a Floresta não vai responder ao que fizemos?

Marek mantinha o sorriso fixo, mas o rosto estremeceu, sua mão se abriu e se fechou ao redor da bainha da espada. O Falcão se colocou sorrateiramente entre os dois, pousando a mão no braço de Marek, e disse:

– Vossa Alteza, apesar de o tom de Sarkan ser questionável, ele não está errado.

Durante um instante, achei que ele talvez tivesse entendido; talvez o Falcão tivesse sentido o suficiente da maldade da Floresta para perceber a ameaça que ela representava. Olhei para o Dragão com uma esperança surpresa, mas seu rosto estava enrijecendo, mesmo antes de o Falcão virar para ele com uma inclinação graciosa da cabeça.

– Acho que Sarkan vai concordar que, apesar de seus dons, a Salgueiro o supera nas artes de cura, e, se alguém for capaz de ajudar a rainha, será ela. Além de ser dever juramentado dele impedir o avanço da Floresta. Ele não pode sair do vale.

– Muito bem – disse o príncipe Marek imediatamente, apesar de estar falando por entre os dentes trincados uma resposta ensaiada. Eles tinham combinado aquilo entre eles, eu estava indignada.

E o Falcão acrescentou:

– Em troca, você deve perceber, Sarkan, que o príncipe Marek não pode, de jeito nenhum, deixar você manter a rainha Hanna e sua menina camponesa aqui. – Ele apontou para Kasia, em pé atrás de mim. – Claro que as duas devem ir para a capital imediatamente e enfrentar o julgamento por corrupção.

– Uma bela manobra – disse o Dragão depois para mim –, além de eficaz. Ele está certo, não tenho o direito de abandonar o vale sem autorização do rei e, pela lei, a rigor, as duas devem enfrentar um julgamento.

– Mas não precisa ser neste instante! – falei. Lancei um olhar para a rainha, sentada apática e silenciosa na carroça enquanto os aldeões empilhavam muitos suprimentos e cobertas ao redor dela, mais do que precisaríamos se fôssemos até a capital e voltássemos três vezes sem parar. – E se nós simplesmente a levássemos para a torre agora... ela e Kasia? Claro que o rei entenderia...

O Dragão bufou.

– O rei é um homem sensato. Ele não teria se importado se eu levasse discretamente a rainha para convalescer longe dos olhares alheios, antes que qualquer pessoa a tivesse visto ou até mesmo sabido que ela havia sido resgatada. Mas agora? – Ele apontou para os aldeões. Todo mundo tinha se reunido num círculo frouxo ao redor da carroça, numa distância segura, para encarar a rainha e sussurrar partes da história uns para os outros. – Não. Ele faria uma grande objeção se eu desafiasse abertamente a lei do reino diante de testemunhas.

Depois, ele olhou para mim e disse:

– E eu também não posso ir. O rei pode permitir isso, mas a Floresta não.

Eu o encarei, vazia.

– Não posso deixar que eles simplesmente levem Kasia – falei, meio que implorando. Eu sabia que deveria ficar aqui, que eu era necessária aqui, mas deixá-los arrastarem Kasia até a capital para esse julgamento, onde a lei dizia que eles poderiam sacrificá-la... e eu não confiava nem um pouco no príncipe Marek, exceto para fazer o que ele achava melhor.

– Eu sei – disse o Dragão. – É melhor assim. Não podemos dar outro golpe contra a Floresta sem soldados, e uma quantidade grande deles. E você vai ter que consegui-los com o rei. Não importa o que ele diga, Marek não está pensando em ninguém além da rainha, e Solya pode não ser malvado, mas ele gosta de ser esperto demais.

No fim, fiz uma pergunta:

– Solya? – O nome parecia estranho na minha língua, se movendo como a sombra alta de um pássaro, circulando; mesmo enquanto eu falava, senti o toque de um olhar penetrante.

– Significa *falcão* na língua de feitiços – respondeu o Dragão. – Eles vão dar um nome para você também, antes de você ser confirmada na lista de magos. Não deixe eles empurrarem isso para depois do julgamento; se isso acontecer, você não terá o direito de testemunhar. E me escute: o que você fez aqui carrega um poder, mas diferente. Não deixe Solya assumir todo o crédito e não tenha vergonha de usá-lo.

Eu não tinha a menor ideia de como cumprir as instruções que ele estava me dando, como é que *eu* deveria persuadir o rei a nos dar soldados? Mas Marek já estava chamando Tomasz e Oleg para montar, e eu não precisava que o Dragão me dissesse que eu ia ter que resolver isso sozinha. Engoli em seco e fiz que sim com a cabeça, depois falei:

– Obrigada... Sarkan.

Seu nome tinha gosto de fogo e asas, de fumaça em espiral, de sutileza e força, e do sussurro áspero das escamas. Ele me olhou e disse, rígido:

– Não derrube água fervente em si mesma e, por mais difícil que você ache, tente se apresentar com uma forma respeitável.

Capítulo 17

Não me saí muito bem em seguir os conselhos do Dragão.

Estávamos há uma semana e um dia cavalgando para a capital, e minha égua dava trancos o tempo todo: passo, passo, passo e um impulsão súbito da cabeça para a frente contra o freio, puxando as rédeas e os meus braços para a frente, até meu pescoço e meus ombros estarem rígidos como pedra. Eu sempre ficava por último na nossa pequena caravana, e as grandes rodas de ferro da carroça geravam uma nuvem fina de poeira na minha frente. Minha égua acrescentou a seu galope pequenas pausas regulares para espirrar. Antes de passarmos por Olshanka, eu estava coberta de cinza pálido, o suor acumulando a poeira em linhas marrons grossas sob as minhas unhas.

O Dragão tinha escrito uma carta para eu levar ao rei nos últimos minutos que tivemos juntos. Eram apenas algumas linhas rabiscadas com pressa num papel barato com tinta rala emprestada pelos aldeões, dizendo que eu era uma feiticeira e pedindo soldados. Mas ele tinha dobrado a carta e cortado o polegar com uma faca e passado um pouco de sangue na borda, depois escrevera seu nome sobre a mancha: *Sarkan,* em letras pretas fortes esfumaçadas nas bordas. Quando eu a tirei do bolso da saia e toquei nas letras, o sussurro de fumaça e asas batendo se aproximou. Era um conforto e uma frustração ao mesmo tempo, conforme os quilômetros diários me levavam para mais longe de onde eu deveria estar, ajudando a controlar a Floresta.

– Por que você insiste em levar Kasia? – perguntei a Marek, uma última tentativa enquanto acampávamos na primeira noite ao sopé das montanhas, perto do redemoinho oco de um riacho correndo para se juntar ao Veio. Dava para ver a torre do Dragão ao sul, iluminada de laranja pelo restante

de pôr do sol. – Leve a rainha, já que você insiste, e nos deixe voltar. Você já viu a Floresta, você viu o que ela é...

– Meu pai me mandou vir aqui para lidar com a garota camponesa corrompida de Sarkan – respondeu o príncipe. Ele estava lavando a cabeça e o pescoço com água. – Ele está esperando por ela ou pela cabeça dela. O que você prefere que eu leve?

– Mas ele vai entender a situação de Kasia assim que vir a rainha – argumentei.

Marek sacudiu a água e levantou a cabeça. A rainha ainda estava sentada na carroça, vazia e sem se mexer, olhando para a frente, conforme a noite se fechava ao redor. Kasia estava sentada ao lado dela. Ambas estavam mudadas, ambas estavam estranhas e eretas, não se cansavam com o dia inteiro de viagem; as duas brilhavam como madeira polida. Mas a cabeça de Kasia estava virada para trás, olhando na direção de Olshanka e do vale, e sua boca e seus olhos estavam preocupados e vivos.

Olhamos juntos para as duas, e Marek se levantou.

– O destino da rainha pertence a ela – respondeu ele sem emoção, e se afastou. Soquei a água, frustrada, depois peguei um pouco de água nas mãos e lavei o rosto, e filetes pretos de sujeira escorreram pelos meus dedos.

– Que terrível para você – disse o Falcão, surgindo atrás de mim sem aviso e me fazendo levantar jogando água para cima. – Ser escoltada pelo príncipe até Kralia, aclamada como feiticeira e heroína. Que desgraça!

Sequei o rosto nas minhas saias.

– Por que você quer que eu vá até lá? Existem outros magos na corte. Eles podem ver que a rainha não está corrompida...

Solya estava balançando a cabeça como se sentisse pena de mim, uma garota boba de vila, que não entendia nada.

– Você realmente acha que é tão trivial? A lei é soberana: os corrompidos têm que morrer nas chamas.

– Mas o rei vai perdoar-lhe – falei, mas saiu como uma pergunta.

Solya olhou pensativo para a rainha, quase invisível agora, uma sombra no meio das sombras, e não respondeu. Ele olhou de novo para mim.

– Durma bem, Agnieszka. Ainda temos uma longa estrada pela frente. – E foi se juntar a Marek perto do fogo.

Depois disso, não dormi bem de jeito nenhum, nem naquela noite nem em nenhuma outra.

As notícias corriam. Quando passávamos por vilas e povoados, as pessoas paravam de trabalhar para se enfileirar na estrada e nos encarar com olhos arregalados, mas não se aproximavam e seguravam as crianças bem perto de si. E, no último dia, uma multidão estava nos esperando, na última encruzilhada antes da grande cidade do reino.

Eu não sabia que dia ou que horas eram. Meus braços doíam, minhas costas doíam, minhas pernas doíam. Minha cabeça doía mais do que tudo, uma parte de mim ainda estava presa ao vale, esticada de forma irreconhecível e tentando entender a mim mesma tão longe de tudo que eu conhecia. Até as montanhas, meus marcos constantes, tinham desaparecido. Claro que eu sabia que havia planícies em partes do país, mas imaginava que ainda veria as montanhas ao longe, como a lua. Porém, toda vez que eu olhava para trás, elas estavam cada vez menores, até que finalmente desapareceram com um último suspiro das colinas baixas. Campos largos e ricos semeados com grãos pareciam se estender infinitamente em todas as direções, planos e contínuos, e o mundo todo tinha ficado estranho. Não havia bosques aqui.

Subimos uma última colina e, no topo, tivemos uma vista panorâmica da grande extensão de Kralia, a capital: casas com paredes amarelas e telhados marrom-alaranjados brotavam como flores silvestres ao redor das margens do largo e brilhante Vândalo e, no meio delas, Zamek Orla, o castelo de tijolos vermelhos dos reis, se erguendo num alto afloramento de pedras. Era maior do que qualquer construção que eu poderia ter imaginado: a torre do Dragão era menor do que a menor torre do castelo, e parecia haver uma dezena delas se projetando para o céu.

O Falcão olhou para mim, acho que para saber o que eu estava achando daquilo, mas era tudo tão grande e estranho que eu nem fiquei boquiaberta. Senti que estava olhando para uma figura num livro, não uma coisa real, e eu estava tão cansada que só meu corpo estava ali: o latejar maçante e

constante nas coxas, o tremor ao longo dos meus braços, a imundície de poeira cobrindo a minha pele.

Na encruzilhada lá embaixo, uma companhia de soldados nos esperava organizada em fileiras ao redor de uma grande plataforma que tinha sido erguida no centro. Meia dúzia de padres e monges estavam sobre ela, rodeando um homem que usava o roupão de padre mais maravilhoso que eu já vira, de um roxo profundo todo bordado em dourado. Seu rosto era comprido e sério e ficava ainda mais comprido por causa do chapéu alto com dois cones.

Marek parou, olhando para eles lá embaixo, e eu tive tempo de levar minha égua exausta até ele e o Falcão.

– Bem, meu pai trouxe o velho chato – disse Marek. – Ele vai colocar as relíquias nela. Isso vai causar problemas?

– Imagino que não – respondeu o Falcão. – Nosso querido arcebispo pode ser meio entediante, garanto a você, mas agora sua teimosia vai ser boa. Ele nunca permitiria que alguém usasse uma relíquia falsa, e as verdadeiras não vão mostrar nada que não esteja ali.

Fiquei surpresa e chocada com a conversa blasfema deles, chamando o arcebispo de *velho prosaico*!, e perdi a chance de pedir uma explicação: por que alguém ia *querer* mostrar a corrupção se ela não existia? Marek já estava trotando com o cavalo. A carroça da rainha desceu a colina aos solavancos atrás dele, e apesar de os rostos estarem ávidos e iluminados de curiosidade, a multidão de espectadores recuou como uma onda se afastando da orla, bem longe das rodas. Vi muitos deles usando pequenos amuletos baratos contra o mal e fazendo o sinal da cruz quando passamos.

A rainha ficou sentada sem olhar para os lados nem se mexer, apenas balançando para a frente e para trás com o movimento da carroça. Kasia tinha se aproximado mais dela, disparando para mim um olhar que retribuí, com os olhos igualmente arregalados. Nunca tínhamos visto tantas pessoas na vida. Elas estavam se aproximando o suficiente para encostar nas minhas pernas, apesar dos grandes cascos de ferro da minha égua.

Quando chegamos à plataforma, os soldados nos deixaram passar pelas fileiras e depois se fecharam novamente, apontando seus piques para nós.

Percebi, assustada, que havia uma estaca grossa e alta erguida no meio da plataforma e, embaixo dela, uma pilha de palha e lenha. Estendi a mão para a frente e peguei uma ponta da manga do Falcão, preocupada.

– Pare de fazer essa cara de coelho assustado, sente direito e *sorria* – sibilou ele para mim. – A última coisa que precisamos agora é dar a eles algum motivo para imaginar que tem alguma coisa errada.

Marek se comportou como se nem tivesse visto as pontas de aço afiadas a menos de trinta centímetros da sua cabeça. Ele desmontou do cavalo com um floreio da capa que tinha comprado alguns povoados atrás e foi tirar a rainha da carroça. Kasia teve que ajudá-la pelo outro lado e, depois, com o chamado impaciente de Marek, ela também desceu.

Eu não sabia disso, mas o barulho que uma multidão tão grande fazia era como um rio correndo, um murmúrio que se elevava e diminuía sem que fosse possível identificar vozes específicas. Mas, agora, um silêncio completo tinha se instalado. Marek conduziu a rainha pelos degraus até a plataforma, com a canga dourada ainda nela, e a levou até diante do padre com chapéu alto.

– Meu Lorde Arcebispo – disse Marek, com a voz clara e alta. – Enfrentando um grande perigo, meus companheiros e eu libertamos a rainha de Polnya da prisão maligna da Floresta. Eu o encarrego agora de examiná-la, com o máximo cuidado, de testá-la com todas as suas relíquias e com o poder de seu alto cargo: garanta que ela não tenha nenhum sinal de corrupção, para que nada se espalhe e infecte outras almas inocentes.

Claro que era exatamente para isso que o arcebispo estava ali, mas acho que ele não gostou de Marek dar a impressão de que era tudo ideia dele. Seus lábios formaram uma linha fina.

– Pode ter certeza de que o farei, Vossa Alteza – disse ele com frieza. Depois se virou e acenou. Um dos monges se aproximou dele: um homem baixinho que parecia ansioso e usava uma roupa simples de linho marrom, seu cabelo era castanho e o corte arrendado fazia com que ele formasse um círculo ao redor da cabeça. Seus olhos eram enormes e piscavam rápido atrás de grandes óculos com armação dourada. Ele segurava um caixa comprida de madeira. Ele a abriu, e o arcebispo tirou dali uma linda malha

brilhante de ouro e prata, quase como uma rede. A multidão murmurou, aprovando, o vento fazendo as folhas da primavera farfalharem.

O arcebispo levantou a rede e rezou longamente em voz alta, depois a colocou sobre a cabeça da rainha. A rede se instalou ali com delicadeza, e as bordas se desenrolaram, descendo até os pés da rainha. Depois, para minha surpresa, o monge deu um passo à frente, colocou as mãos na rede e falou.

– *Yilastus kosmet, yilastus kosmet vestuo palta* – começou ele, e continuou com um feitiço que fluiu para as linhas da rede e as iluminou.

A luz preencheu o corpo da rainha por completo, iluminando-a. Ela brilhava no alto da plataforma, com a cabeça empertigada, resplandecente. Não era como a luz da *Invocação.* Era um brilho claro e frio, rígido e doloroso. Ela dava a sensação de estar voltando para casa tarde no solstício de inverno e encontrar algo brilhando pela janela, chamando você para dentro: era uma luz cheia de amor e carinho. Um suspiro percorreu a multidão. Até os padres recuaram por um instante para fitar a rainha.

O monge manteve a mão na rede, lançando magia constantemente. Chutei minha égua até ela se aproximar relutante do cavalo do Falcão e me inclinei na sela para sussurrar:

– Quem é ele?

– Você está falando do nosso gentil Coruja? Padre Ballo. Ele é a alegria do arcebispo, como você pode imaginar, não é sempre que se encontra um mago manso e obediente. – Ele parecia desdenhoso, mas o monge não me pareceu muito manso: parecia preocupado e descontente.

– E aquela rede?

– Você certamente já ouviu falar do véu de Santa Jadwiga – disse o Falcão, de um jeito tão espontâneo que eu fiquei boquiaberta. Era a relíquia mais sagrada de toda Polnya. Eu tinha ouvido dizer que o véu só era usado quando coroavam os reis, para provar que eles estavam livres de toda a influência do mal.

Agora a multidão empurrava os soldados para se aproximar, e até os soldados estavam fascinados, levantando a ponta dos piques para o alto enquanto se deixavam ser empurrados até mais perto. Os padres estavam

analisando a rainha centímetro a centímetro, se abaixando para olhar seus pés, levantando seus braços para inspecionar os dedos dela, encarando seu cabelo. Mas todos nós a víamos brilhando, cheia de luz; não havia nenhuma sombra nela. Um após o outro, os padres se levantavam e balançavam a cabeça para o arcebispo. Até a seriedade no rosto dele estava suavizando, com o milagre da luz no seu rosto.

Quando eles terminaram a avaliação, o padre Ballo levantou delicadamente o véu. Os padres trouxeram outras relíquias, e agora eu as reconhecia: a placa da armadura de São Kasimir furada com um dente do dragão de Kralia que ele tinha assassinado; o osso do braço de São Firan numa caixa de ouro e vidro, escurecida pelo fogo; a taça de ouro que São Jacek tinha salvado da capela. Marek levantava as mãos da rainha sobre cada objeto, um após o outro, e o arcebispo rezava por ela.

Eles repetiram todos os testes em Kasia, mas a multidão não estava interessada nela. Todos ficaram em silêncio para observar a rainha, mas todos falavam e faziam barulho enquanto os padres examinavam Kasia, mais descontrolada que qualquer multidão que eu já tinha visto, apesar de estarem na presença de tantas relíquias sagradas e do próprio arcebispo.

– Não se pode esperar muito da gentalha de Kralia – disse Solya quando viu minha expressão chocada. Havia até vendedores de pão passando pela multidão oferecendo pães frescos e, de cima da minha égua, dava para ver que alguns homens empreendedores tinham armado uma barraca para vender cerveja perto dali.

Estava começando a parecer uma comemoração, uma festividade. E, por fim, os padres encheram a taça de ouro de São Jacek com vinho, e o padre Ballo murmurou sobre ela: uma espiral fraca de fumaça se ergueu do vinho, e ele ficou claro. A rainha bebeu tudo quando levaram a taça à sua boca e não teve um ataque. Ela não mudou em nada sua expressão, mas isso não importava. Alguém na multidão ergueu uma taça de cerveja e gritou:

– Deus seja louvado! A rainha está salva!

As pessoas começaram a comemorar enlouquecidamente e fazer pressão sobre nós, se esquecendo totalmente do medo, tão alto que eu mal escutei o

arcebispo dar sua permissão relutante para Marek levar a rainha para dentro da cidade.

O êxtase da multidão era quase pior do que os piques dos soldados. Marek teve que enxotar as pessoas do caminho para levar a carroça até perto da plataforma e levantar o corpo da rainha e de Kasia de volta para a carroça. Ele abandonou o próprio cavalo, saltou na carroça e pegou as rédeas. Com o chicote do carroceiro, ele golpeou sem pudor as pessoas para afastá-las da cabeça dos cavalos e abrir caminho; Solya e eu tivemos que aproximar nossos cavalos da parte de trás da carroça enquanto a multidão se fechava atrás de nós.

Eles ficaram conosco durante todos os oito quilômetros que faltavam para chegar à cidade, correndo ao nosso lado e atrás de nós e, quando algum deles perdia o ritmo, outros apareciam para engrossar as fileiras. Quando chegamos à ponte sobre o Vândalo, homens e mulheres tinham abandonado o dia de trabalho para nos seguir, e quando chegamos aos portões externos do castelo, mal conseguíamos nos mover pela multidão que comemorava desenfreadamente e nos pressionava por todos os lados, uma coisa viva com dez mil vozes, todas gritando de alegria. A notícia já tinha se espalhado: a rainha estava salva, a rainha não estava corrompida. O príncipe Marek finalmente tinha salvado a rainha.

Estávamos todos vivendo numa canção: era essa a sensação. Era assim que eu me sentia, até mesmo com a cabeça dourada da rainha balançando para a frente e para trás com a carroça que sacudia e sem fazer nenhum esforço para resistir ao movimento, mesmo sabendo como nossa vitória real tinha sido insignificante e quantos homens tinham morrido por ela. Havia crianças correndo ao lado da minha égua, rindo para mim (e provavelmente não de um jeito agradável, porque eu era uma sujeira enorme, com os cabelos emaranhados e as saias rasgadas), mas eu não me importava. Olhei para baixo e ri com elas, me esquecendo dos braços tensos e das pernas dormentes.

Marek cavalgava à nossa frente com uma expressão quase exaltada. Acho que ele também deve ter sentido como se sua vida tivesse virado uma canção. Naquele momento, ninguém estava pensando nos homens que não

tinham voltado. Oleg ainda estava com o cotoco de braço amarrado com força, mas acenava o outro com vigor para a multidão e mandava beijos para cada menina bonita que via. Mesmo depois de atravessarmos os portões do castelo, a multidão não diminuiu: os soldados do rei tinham saído de seus alojamentos e os nobres de suas casas, jogando flores no nosso caminho, e os soldados batiam as espadas nos próprios escudos num aplauso acalorado.

Só a rainha não prestava atenção a nada. Eles tinham tirado a canga e as correntes, mas ela não sentava de maneira diferente, ainda parecida uma boneca esculpida.

Tivemos que formar uma fila para atravessar a última passagem até o pátio interno do castelo. Ele era estonteantemente grande, com arcos se erguendo em três camadas do chão ao meu redor, rostos sem fim se inclinando por sobre as sacadas, sorrindo para nós lá embaixo. Encarei fascinada as pessoas, os estandartes bordados em sua profusão de cores em toda parte, nas colunas e nas torres ao redor. O próprio rei estava parado no topo de uma escadaria numa lateral do pátio. Ele usava um manto azul preso na garganta com uma joia enorme, uma pedra vermelha sobre ouro com pérolas.

O rugido maçante da comemoração ainda estava vindo do lado de fora dos muros. Lá dentro, toda a corte correu ao nosso redor como o início de uma peça. O príncipe Marek tinha tirado a rainha da carroça. Ele a conduziu para a frente e subindo os degraus, com cortesãos fluindo diante dele como uma onda, e a levou até o rei. Percebi que estava prendendo a respiração.

– Vossa Majestade – disse Marek –, devolvo-lhe vossa rainha.

O sol estava brilhando, e ele parecia um santo guerreiro em sua armadura, sua capa verde e seu tabardo branco. A rainha ao lado dele era uma figura rígida e alta usando uma simples túnica branca, a nuvem curta de cabelos dourados, a pele transmutada e lustrosa.

O rei olhou para eles, as sobrancelhas unidas. Parecia mais preocupado do que eufórico. Ficamos todos em silêncio, esperando. Por fim, ele inspirou para falar, e só aí a rainha se mexeu. Devagar, ela levantou a cabeça para

olhar no rosto dele. O rei a encarou. Ela piscou os olhos uma vez, depois suspirou um pouco e afundou em si mesma, flácida como uma sacola: o príncipe Marek teve que arrastá-la para a frente pelo braço que estava segurando e pegá-la, senão ela teria caído escada abaixo.

O rei soltou a respiração, e seus ombros se empertigaram um pouco, como se tivessem sido libertados de uma corda, relaxando. Sua voz se projetou com força pelo pátio.

– Levem-na para o Salão Cinza e chamem a Salgueiro. – Serviçais já estavam se precipitando. Eles a levaram para longe de nós e para dentro do castelo, como se estivesse numa onda.

E, num piscar de olhos... a peça terminou. O barulho dentro do pátio aumentou e virou um rugido semelhante ao da multidão lá fora, todos conversando entre si nos três andares do pátio. A forte e inebriante sensação me escapou como se eu fosse uma garrafa sem tampa virada de cabeça para baixo. Tarde demais, lembrei que não estava aqui para o júbilo. Kasia estava sentada na carroça, usando sua túnica de prisioneira, sozinha, condenada; Sarkan estava a centenas de léguas de distância, tentando impedir a Floresta de se aproximar de Zatochek, sem mim; e eu não tinha a menor ideia de como ia consertar essas coisas.

Tirei os pés dos estribos, joguei a perna por cima da égua e deslizei para o chão sem elegância. Minhas pernas tremeram quando coloquei meu peso sobre elas. Um cavalariço veio buscar minha égua. Eu o deixei levá-la, um pouco relutante: não era uma boa égua, mas era uma rocha familiar nesse oceano de estranheza. O príncipe Marek e o Falcão estavam indo para o castelo junto com o rei. Eu já tinha perdido Tomasz e Oleg na multidão, cercados por outras pessoas em uniformes.

Kasia estava saltando da parte de trás da carroça, e um pequeno grupo de guardas esperava por ela. Abri caminho pela multidão de serviçais e cortesãos e fiquei entre eles e ela.

– O que vocês vão fazer com ela? – perguntei, estridente devido à preocupação. Devo ter parecido absurda para eles, com minha roupa rasgada e suja de camponesa, como um pardal gritando com um bando de

felinos caçadores; eles não conseguiam ver a magia no meu estômago, pronta para sair rugindo de mim.

Mas, por mais insignificante que eu parecesse, ainda era parte do triunfo, do resgate da rainha e, de qualquer maneira, eles não eram inclinados à crueldade. O chefe da guarda, um homem com os bigodes mais enormes que eu já tinha visto, com as pontas enceradas para ficarem curvas e rígidas, me disse com delicadeza suficiente:

– Você é empregada dela? Não se preocupe; estamos aqui para levá-la para ficar com a rainha, na Torre Cinza, com a Salgueiro cuidando das duas. Tudo será feito corretamente e de acordo com a lei.

Isso não era muito reconfortante: pela lei, Kasia e a rainha deveriam ser sacrificadas imediatamente. Mas Kasia sussurrou:

– Tudo bem, Nieshka. – Não estava tudo bem, mas não havia outra coisa a fazer. Os guardas a colocaram entre eles, quatro homens na frente e quatro atrás, e marcharam com ela até entrar no palácio.

Fiquei encarando-os vazia por um instante, depois percebi que eu jamais a encontraria nesse lugar enorme se não visse para onde iam levá-la. Dei um salto e disparei atrás deles.

– Aqui, agora – disse um guarda na porta quando tentei segui-los até lá dentro, mas falei para ele:

– *Param param* – sussurrando como a canção sobre a minúscula mosca que ninguém conseguia capturar, e ele piscou, e eu passei por ele.

Segui atrás dos guardas como uma corda, mantendo o sussurro para dizer a todos por quem eu passava que eu era pequena demais para ser notada, nada importante. Não foi difícil. Eu me sentia tão pequena e insignificante quanto se poderia imaginar. O corredor seguia sem fim. Havia portas em toda parte, de madeira pesada e presas com ferro. Serviçais e cortesãos entravam e saíam de salões enormes com tapeçarias penduradas, cheios de móveis esculpidos e lareiras de pedra maiores que a minha porta da frente. Candelabros reluzentes cheios de magia estavam pendurados no teto e, nos corredores, havia bastidores de velas brancas altas, queimando sem derreter.

O corredor finalmente terminou numa pequena porta de ferro, também protegida por guardas. Eles fizeram um sinal de positivo para a escolta de Kasia e deixaram que eles e eu, insignificante, seguíssemos até uma escadaria circular e estreita, seus olhos deslizando sobre mim. Subimos muito, minhas pernas cansadas se esforçavam para me erguer a cada degrau, até que finalmente chegamos a um pequeno patamar redondo. Era mal iluminado e esfumaçado: não havia janelas, e uma lamparina a óleo comum estava colocada num nicho irregular na parede. Ela brilhava sobre o cinza desbotado de outra porta de ferro pesada, com uma aldrava redonda grande parecida com a cabeça de um demônio faminto, a argola da aldrava pendurada em sua boca bem aberta. Um calafrio estranho saía do ferro, um vento frio lambendo a minha pele, apesar de eu estar encostada na parede no canto atrás dos guardas altos.

O chefe da guarda bateu, e a porta se abriu.

– Trouxemos a outra menina, milady – disse ele.

– Muito bem – disse uma voz feminina jovial.

Os guardas se afastaram para deixar Kasia entrar. Uma mulher magra e alta estava parada na porta, com tranças louras enroladas e um enfeite dourado na cabeça. Ela usava um vestido de seda azul delicadamente adornado na gola e cintura, com uma cauda longa que varria o chão, mas as mangas eram práticas, vinham enroladas do pulso até o cotovelo, e ali ficavam presas. Ela deu um passo para o lado e, com dois movimentos impacientes da mão comprida, acenou para Kasia entrar. Tive um breve vislumbre de um grande salão atrás dela, acarpetado e confortável, e da rainha sentada empertigada numa cadeira de costas retas. Ela estava olhando desinteressada pela janela, para o brilho do Vândalo.

– E o que é isso? – perguntou a mulher, virando para me olhar. Todos os guardas viraram e me encararam, me vendo. Congelei.

– Eu... – gaguejou o chefe da guarda, ficando com o rosto um pouco vermelho, com um olhar disparado entre os dois homens que estavam mais para trás no grupo, um olhar que prometia problemas por eles não terem me notado. – Ela é...

– Sou Agnieszka – falei. – Vim com Kasia e com a rainha.

A mulher me lançou um olhar incrédulo que viu todos os fios soltos e todas as manchas de lama nas minhas saias, até as que estavam nas costas, e ficou surpresa por perceber que eu tive a ousadia de falar. Ela olhou para o guarda.

– Ela também está sob suspeita de corrupção?

– Não, milady, não que eu saiba – respondeu ele.

– Então, por que vocês a trouxeram? Já tenho o suficiente para fazer aqui. – Ela virou de novo para o salão, a cauda do vestido se arrastando atrás dela, e a porta se fechou com violência. Outro calafrio me percorreu e voltou para o demônio de boca voraz, lambendo o restante do meu feitiço de disfarce. Ele devorava a magia, percebi: devia ser esse o motivo para eles trazerem prisioneiros corrompidos para cá.

– Como foi que você entrou aqui? – o chefe da guarda perguntou, desconfiado, todos eles me rodeando.

Eu queria ter me escondido de novo, mas não conseguia fazer isso com aquela boca faminta espreitando.

– Sou uma feiticeira – falei. Eles pareceram ainda mais desconfiados. Peguei a carta que ainda estava guardada no bolso da saia: o papel estava mais do que um pouco sujo, mas as letras queimadas do selo ainda soltavam um pouco de fumaça. – O Dragão mandou uma carta para o rei.

Capítulo 18

Eles me levaram escada abaixo e me colocaram num pequeno salão oficial que não estava sendo usado, por falta de lugar melhor. Os guardas ficaram vigiando do lado de fora enquanto o capitão saiu com a minha carta na mão, para descobrir o que deveria fazer comigo. Minhas pernas estavam prestes a sucumbir, mas não havia lugar nenhum para sentar, somente algumas poltronas intimidantes que estavam encostadas na parede, eram peças delicadas e de aparência frágil, pintadas de branco e com assentos estofados em veludo vermelho e dourado. Para mim, qualquer uma delas poderia ser um trono, se não formassem uma fileira de quatro poltronas.

Eu me apoiei na parede por um tempo, depois tentei sentar na lareira, mas como o fogo não era aceso havia muito tempo, as cinzas estavam mortas e a pedra estava fria. Voltei para a parede. Fui de novo até a lareira. Por fim, decidi que não fazia sentido alguém colocar uma poltrona num salão e não querer que alguém sentasse nela, então me empoleirei cautelosamente numa das poltronas, segurando as saias perto de mim.

No instante em que sentei, a porta se abriu e uma serviçal entrou, a mulher estava com um vestido preto austero, mais ou menos da idade de Danka, com a boca pequena cerrada em desaprovação. Pulei da poltrona, me sentindo culpada. Quatro fios vermelhos compridos me seguiram, descosturados do assento, presos numa rebarba das minhas saias, e uma farpa comprida e afiada, pintada de branco, prendeu na minha manga e foi arrancada. A boca da mulher ficou ainda mais cerrada, mas ela apenas disse, de um jeito frio:

– Por aqui, por favor.

Passamos pelos guardas, que não pareciam tristes por se verem livres de mim, subimos mais um lance de escadas (eu já tinha visto umas dez escadas no castelo), e então ela me deixou numa cela escura minúscula no segundo andar. Havia uma janela estreita que dava para o muro de pedra da catedral: um cano de drenagem com formato de gárgula faminta e de boca aberta me olhava com desdém. A empregada me deixou ali antes de eu conseguir pensar em perguntar a ela o que fazer em seguida.

Sentei no catre. Devo ter dormido, porque a única coisa que me lembro era já estar deitada no catre, mas não foi uma escolha deliberada; eu não me lembrava do ato de deitar. Eu me levantei com esforço, ainda dolorida e cansada, mas consciente demais de que eu não tinha tempo a perder e nenhuma ideia do que fazer. Eu não sabia como fazer alguém prestar atenção em mim, a menos que eu fosse para o meio do pátio e começasse a arremessar feitiços de fogo nos muros. Duvidei que isso deixasse o rei mais inclinado a me deixar falar no julgamento de Kasia.

Eu agora estava arrependida de ter entregado a carta do Dragão, minha única ferramenta e talismã. Como eu poderia saber que tinha sido entregue? Decidi sair para descobrir: eu me lembrava do rosto do capitão da guarda, ou pelo menos de seu bigode. Não podia haver tantos bigodes como aquele, nem mesmo em Kralia. Eu me levantei e abri a porta com ousadia, saí para o corredor e quase dei de cara com o Falcão. Ele estava levantando a mão até o fecho da minha porta. Ele saiu habilidosamente da minha frente, salvando nós dois, e me deu um sorrisinho gentil no qual eu não confiava nem um pouco.

– Espero que você esteja se sentindo descansada – disse ele e me ofereceu o braço.

Não o peguei.

– O que você quer?

Ele transformou o gesto num longo movimento apontando na direção do corredor.

– Levar você até o Charovnikov. O rei deu ordens para que você seja examinada para a lista.

Fiquei tão aliviada que quase não acreditei nele. Olhei para o Falcão de esguelha, meio que esperando um truque. Mas ele ficou parado ali, com o braço estendido e o sorriso, me aguardando.

– Imediatamente – acrescentou ele –, mas talvez você queira trocar de roupa antes.

Eu gostaria de ter falado a ele o que fazer com sua insinuação debochada, mas olhei para mim mesma: toda amarrotada e coberta de manchas de lama, poeira e suor e, por baixo da bagunça, uma saia simples que ia até pouco abaixo do meu joelho e uma túnica de algodão marrom desbotada, roupas velhas e surradas pelas quais eu tinha implorado a uma menina em Zatochek. Eu não parecia uma serviçal; os serviçais eram muito mais bem-vestidos do que eu. Enquanto isso, Solya tinha trocado suas roupas pretas de montaria por um roupão comprido de seda preta com um casaco comprido sem manga bordado em verde e prateado, e os cabelos brancos se derramavam sobre ele de um jeito gracioso. Se você o visse a um quilômetro de distância, saberia que era um mago. E, se eles não achassem que *eu* era um dos magos, não me deixariam testemunhar.

"Tente se apresentar com uma forma respeitável", me dissera Sarkan.

Vanastalem me deu roupas que combinavam com o temperamento do meu resmungo mal-humorado: um vestido duro e desconfortável de seda vermelha brilhante, cheio de babados infinitos com fitas laranja-chama nas bordas. Eu poderia ter usado o braço dele para me apoiar, enquanto tentava descer a escada com o vestido enorme sem conseguir ver os meus pés, mas ignorei com amargura a oferta sutilmente renovada no topo da escada e desci devagar, sentindo a ponta dos degraus com os dedos apertados no sapato.

Ele entrelaçou as mãos nas costas e acompanhou o meu ritmo. E disse com indiferença:

– Os exames costumam ser desafiadores, é claro. Suponho que Sarkan tenha preparado você para eles. – Ele me lançou um olhar levemente inquisidor; não respondi, mas não consegui evitar de morder o lábio inferior. – Bem, se você *achá-los* difíceis, podemos oferecer uma... demonstração

conjunta para os examinadores; tenho certeza de que eles ficariam mais tranquilos com isso.

Minha única resposta foi um olhar furioso. Qualquer coisa que fizéssemos, tenho certeza de que ele levaria o crédito. Ele não forçou o assunto, continuando a sorrir como se não tivesse nem percebido meus olhares frios: um pássaro circulando no alto esperando uma brecha. Ele me conduziu por uma passagem arcada flanqueada por dois guardas altos e jovens que me olharam com curiosidade, e me levou até o Charovnikov, o Salão dos Magos.

Diminuí involuntariamente meu passo ao entrar no salão cavernoso. O teto era como uma abertura para o Paraíso, nuvens pintadas se derramando por um céu azul com anjos e santos espalhados. Janelas enormes deixavam a luz da tarde entrar. Olhei para cima, fascinada, e quase esbarrei numa mesa, estendendo a mão cegamente para me apoiar na quina e sentir o caminho ao contorná-la. Todas as paredes estavam cobertas de livros, e um corredor estreito percorria todo o comprimento do salão, formando um segundo andar ainda mais alto de estantes. Por toda sua extensão, escadas se penduravam do teto em pequenas rodinhas. Grandes mesas de trabalho se enfileiravam ao longo do salão, feitas de carvalho sólido e pesado com tampos de mármore.

– Este é apenas um exercício para atrasar o que todos nós sabemos que tem que ser feito – dizia uma mulher, em algum lugar fora do meu campo de visão: sua voz era grossa para uma mulher, um som cordial e agradável, mas havia uma pontada de raiva nas suas palavras. – Não, não comece a me falar de novo sobre as relíquias, Ballo. Qualquer feitiço pode ser derrotado... sim, até mesmo o que está no xale abençoado e sagrado de Jadwiga, e pare de parecer chocado por eu dizer isso. Solya deve estar embriagado de política para se prestar a esse empreendimento, só para começar.

– Por favor, Alosha. O sucesso justifica todos os riscos, é claro – disse o Falcão com suavidade enquanto virávamos uma esquina e encontrávamos três magos reunidos na grande mesa redonda de uma alcova, com uma janela ampla deixando o sol da tarde entrar. Semicerrei os olhos, depois da luz fraca dos corredores do palácio.

A mulher que ele chamara de Alosha era mais alta do que eu, com pele escura como ébano e ombros tão largos quanto os do meu pai, os cabelos pretos trançados com firmeza perto do crânio. Ela usava roupas masculinas: calça comprida de algodão vermelho enfiada em botas de couro altas e um casaco de couro por cima. O casaco e as botas eram lindos, bordados com ouro e prata em padrões intrincados, mas ainda assim pareciam usados; de dentro do meu vestido ridículo, eu os invejei.

– Sucesso – disse ela. – É assim que você chama isso, trazer uma casca vazia de volta para a corte bem a tempo de queimá-la?

Minhas mãos se fecharam. Mas o Falcão simplesmente sorriu e disse:

– Talvez seja melhor adiar esses argumentos por enquanto. Afinal, não estamos aqui para julgar a rainha, estamos? Minha querida, permita-me apresentá-la a Alosha, nossa Espada.

Ela me olhou desconfiada e não sorriu. Os outros dois eram homens: um deles era o mesmo padre Ballo que examinara a rainha. Ele não tinha uma única ruga marcando o rosto, e os cabelos ainda eram uniformemente castanhos, mas, de algum jeito, mesmo assim parecia velho, os óculos deslizando por um nariz redondo num rosto igualmente redondo enquanto ele me analisava desconfiado.

– Essa é a aprendiz?

O outro homem poderia ser seu oposto, comprido e magro, usando um brilhante paletó vinho bordado de maneira elaborada em ouro e carregando uma expressão entediada; sua barba preta pontiaguda se curvava cuidadosamente na ponta. Ele estava esticado numa poltrona com as botas em cima da mesa. Havia uma pilha de barras de ouro curtas e grossas sobre a mesa ao lado dele e uma pequena sacola de veludo preto com pedrinhas vermelhas reluzentes. Ele estava com duas barras nas mãos, magia saía dele; seus lábios sussurravam, se movendo muito pouco. Ele estava unindo as pontas do ouro, as barras se afinando sob seus dedos e virando uma faixa estreita.

– E esse é Ragostok, o Esplêndido – disse Solya.

Ragostok não disse nada e nem levantou a cabeça, exceto por um olhar de relance que me analisou dos pés à cabeça e me classificou como

eternamente abaixo de sua percepção. Mas preferi seu desinteresse à linha rígida de suspeita na boca de Alosha.

– Onde foi exatamente que Sarkan encontrou você? – perguntou ela.

Parecia que eles já tinham ouvido uma versão do resgate, mas o príncipe Marek e o Falcão não tinham se incomodado com as partes da história que não lhes diziam respeito, e havia mais coisas que eles não sabiam. Cambaleei numa explicação desajeitada de como eu tinha conhecido Sarkan, desconfortavelmente consciente dos olhos do Falcão sobre mim, claros e atentos. Eu queria falar o mínimo possível sobre Dvernik, sobre a minha família; ele já tinha Kasia como ferramenta para usar contra mim.

Peguei emprestado o medo secreto de Kasia e tentei dar a entender que minha família tinha escolhido me oferecer ao Dragão; fiz questão de dizer que meu pai era lenhador, já sabendo que eles iam desdenhar, e não falei nenhum nome. Falei na *chefe da vila* e em *um dos pastores*, em vez de dizer *Danka* e *Jerzy*, e isso deu a impressão de que Kasia era minha única amiga, e não minha amiga mais querida, antes de contar a eles, hesitante, sobre o resgate dela.

– E suponho que você tenha pedido com educação, e a Floresta a devolveu? – perguntou Ragostok sem tirar os olhos de seu trabalho: ele estava pressionando as pedrinhas vermelhas no ouro com os polegares, uma atrás da outra.

– O Dragão... Sarkan... – me senti grata pelo pequeno estímulo que senti com o trovão de seu nome na minha língua – ... ele achou que a Floresta me entregou Kasia em troca da oportunidade de montar uma armadilha.

– Quer dizer, então, que ele não perdeu completamente o juízo – disse Alosha. – Por que ele não a sacrificou de imediato? Ele conhece a lei tão bem quanto qualquer um.

– Ele me deixou... ele me deixou tentar – respondi. – Ele me deixou tentar expurgá-la. E aí funcionou...

– Ou você imaginou que sim – disse ela. E balançou a cabeça. – E o sentimento de pena levou direto ao desastre. Bem, estou surpresa de saber disso em relação a Sarkan; mas homens melhores já perderam a cabeça por uma menina com metade da idade deles.

Eu não sabia o que dizer, queria protestar, dizer "Não é isso, não tem nada a ver com isso", mas as palavras ficaram presas na minha garganta.

– E você acha que eu também perdi a cabeça por ela? – indagou o Falcão, num tom divertido. – E o príncipe Marek no mesmo pacote?

Ela olhou para ele com um toque de desdém.

– Quando Marek tinha oito anos, ele chorou durante um mês exigindo que o pai levasse o exército e todos os magos de toda Polnya até a Floresta para trazer a mãe de volta – disse ela. – Mas ele não é mais criança. Ele deveria saber o que faz, e você também. Essa cruzada de vocês custou quantos homens? Vocês levaram trinta veteranos, soldados de cavalaria, todos eles soldados de primeira linha, todos carregando espadas forjadas por mim...

– E trouxemos sua rainha de volta – disse o Falcão, com um súbito toque severo na voz –, se é que isso significa alguma coisa para você.

Ragostok soltou um suspiro ruidoso e penetrante sem tirar os olhos da tiara de ouro.

– Que diferença isso faz agora? O rei quer que a menina seja testada. Vamos testá-la e acabar com isso. – Seu tom deixou claro que ele não esperava que demorasse muito.

O padre Ballo pigarreou; pegou uma pena, mergulhou no pote de tinta e se inclinou na minha direção, espiando através dos óculos pequenos.

– Você me parece muito jovem para ser examinada. Me diga, querida, há quanto tempo você está estudando com seu mestre?

– Desde a colheita – respondi, e encarei seus olhares incrédulos.

Sarkan não tinha me avisado que os magos normalmente estudam durante sete anos antes de pedir para serem admitidos na lista. E, depois de eu passar umas boas três horas errando metade dos feitiços que eles me pediram, e ficando exausta no processo, até o padre Ballo estava inclinado a acreditar que Sarkan tinha se apaixonado loucamente por mim ou estava fazendo alguma piada à custa deles, para me mandar ser testada.

O Falcão não ajudou em nada: ele observou as deliberações de fora, com um leve ar de interesse, e quando eles perguntaram qual magia ele tinha me

visto usar, ele só respondeu:

– Acho que não posso atestar adequadamente... sempre é difícil separar os trabalhos de um aprendiz dos do mestre, e Sarkan estava lá o tempo todo, é claro. Prefiro que vocês façam seus julgamentos. – E depois me olhou por baixo dos cílios, um lembrete daquela insinuação que ele me fizera no corredor.

Trinquei os dentes e tentei de novo apelar para Ballo: ele parecia a melhor chance de conseguir um pouco de simpatia, apesar de até ele estar ficando irritado.

– Senhor, eu já lhe disse, não sou útil nesse tipo de feitiço.

– Esses feitiços não são um *tipo* – disse ele, rabugento e com a boca cerrada. – Pedimos para você fazer tudo, desde magia de cura até inscrição, sob todos os elementos e todas as áreas de afinidade. Não existe uma categoria que englobe todos esses feitiços.

– Mas são o *seu* tipo de magia. Não... não a de Jaga – falei, me agarrando ao exemplo que eles certamente conheciam.

O padre Ballo me olhou de maneira ainda mais cética.

– Jaga? O que Sarkan está lhe ensinando? Jaga é folclore. – Eu o encarei. – Seus feitos são emprestados de um punhado de magos de verdade, misturados com acréscimos fantasiosos e exagerados ao longo dos anos para obter prestígio mítico.

Fiquei olhando para ele boquiaberta e impotente: era o único que tinha sido educado comigo, e agora estava me dizendo, na cara dura, que Jaga não era real.

– Bem, isso foi uma perda de tempo – disse Ragostok. Mas ele não tinha o direito de reclamar disso: não tinha parado de trabalhar nem por um instante, e agora sua peça de joia tinha se tornado uma tiara alta com um soquete grande no meio, esperando uma pedra maior. A tiara murmurava bem de leve com feitiçaria. – Fazer um punhado de sortilégios não é magia suficiente para ela ser digna da lista, nem agora nem nunca. Alosha estava certa desde o início, o que aconteceu com Sarkan? – Ele me olhou de cima a baixo. – Sem contar que ele não tem o menor bom gosto.

Eu estava envergonhada e com raiva, com mais medo ainda do que raiva: pelo que eu sabia, o julgamento poderia começar de manhã. Inspirei fundo contra o aperto dos ossos de baleia dos espartilhos, empurrei minha cadeira para trás e me levantei, batendo o pé embaixo das saias, e disse:

– *Fulmia.* – Meu salto provocou um som estridente na pedra, uma pancada que ecoou em mim e saiu numa onda de magia. Ao nosso redor, o castelo estremeceu como um gigante adormecido, um tremor que fez as pedras penduradas no candelabro sobre nossas cabeças baterem delicadamente umas nas outras e fez livros caírem das estantes.

Ragostok tinha se levantado num pulo, sua poltrona caiu para trás, a tiara saiu de suas mãos e caiu sobre a mesa fazendo barulho. O padre Ballo encarou os cantos do salão com uma confusão perplexa, piscando, antes de transferir seu espanto para mim, como se certamente tivesse que haver outra explicação. Eu estava em pé, com as mãos fechadas no lado do corpo, ainda zumbindo dos pés à cabeça, e disse:

– *Isso* é magia suficiente para me colocar na lista? Ou vocês querem ver mais?

Eles me encararam e, no silêncio, ouvi gritos do lado de fora, no pátio, pés correndo. Os guardas estavam olhando para dentro com as mãos no punho das espadas, e eu percebi que tinha acabado de fazer tremer o castelo do rei, na cidade do rei, e gritado com os maiores magos da Terra.

No fim, eles realmente me colocaram na lista. O rei exigira uma explicação para o terremoto, e lhe disseram que foi culpa minha; depois disso, eles não podiam dizer também que eu não era uma feiticeira. Mas eles não estavam muito felizes com isso. Ragostok parecia ter se ofendido o suficiente para guardar rancor, e eu achei que isso não era sensato: foi *ele* que *me* ofendeu. Alosha me olhava com mais suspeita ainda, como se imaginasse que eu estava escondendo meu poder por algum motivo sombrio, e o padre Ballo simplesmente não gostou de ter que me admitir mesmo eu não sendo o que ele esperava. Ele não foi indelicado, mas tinha toda a fome obsessiva de Sarkan pelas explicações, sem a boa vontade para ceder. Se Ballo não conseguisse encontrar algo num livro, isso significava que era impossível, e

se ele encontrasse em três livros, era uma verdade absoluta. Só o Falcão sorria para mim, com aquele ar irritante de diversão secreta, e eu poderia muito bem ter ficado sem seus sorrisos.

Tive que encará-los de novo na biblioteca na manhã seguinte, para a cerimônia de nomeação. Com os quatro ao meu redor, eu me senti mais sozinha do que naqueles dias iniciais na torre do Dragão, afastada de tudo que eu conhecia. Pior do que estar sozinha era sentir que nenhum deles era meu amigo nem me desejava nenhum bem. Se eu fosse atingida por um raio, eles ficariam aliviados ou, pelo menos, não ficariam aflitos. Mas eu estava determinada a não ligar para isso, a única coisa que realmente me importava era ser capaz de falar em defesa de Kasia. Eu agora sabia que mais ninguém aqui dedicaria a ela uma centelha de preocupação: ela não importava.

A nomeação em si parecia mais um teste do que uma cerimônia. Eles me levaram a uma mesa de trabalho e colocaram uma tigela de água, três tigelas de pós diferentes em vermelho, amarelo e azul, uma vela e um sino de ferro com inscrições laterais em letras douradas. O padre Ballo colocou o feitiço de nomeação numa folha de pergaminho na minha frente: o encantamento tinha nove palavras compridas misturadas, com anotações detalhadas que davam instruções precisas sobre a pronúncia de cada sílaba e como se deveria enfatizar cada palavra.

Eu o murmurei para mim mesma, tentando sentir as sílabas importantes, mas elas ficavam inertes na minha língua: simplesmente não queriam se dividir.

– E então? – disse Ragostok, impaciente.

Eu me arrastei do meu jeito deselegante por aquelas sílabas enroladas do encantamento e comecei a colocar o pó na água, uma pitada aqui e ali. A magia do feitiço começou a aparecer de um jeito preguiçoso e relutante. Fiz uma confusão marrom na água, espirrei um pouco de todos os três tipos de pó nas saias e finalmente desisti de tentar fazer alguma coisa melhor. Acendi o pó, semicerrei os olhos na nuvem de fumaça e procurei o sino.

Em seguida, deixei a magia fluir, e o sino tocou na minha mão: uma nota profunda e longa que saiu de um jeito estranho para um sino tão pequeno;

parecia o grande sino da catedral que tocava as preces matinais sobre a cidade, um som que encheu o cômodo. O metal gemeu sob os meus dedos quando o coloquei sobre a mesa e olhei ao redor, cheia de expectativa; mas o nome não foi escrito no pergaminho, não apareceu nas chamas nem em nenhum outro lugar.

Os magos pareciam todos perturbados, apesar de, pela primeira vez, não ser comigo; o padre Ballo disse para Alosha, meio irritado:

– Isso foi uma piada?

Ela estava com a testa franzida; estendeu a mão, pegou o sino e o virou para cima: não havia um badalo ali dentro. Todos encararam o sino, e eu os encarei.

– De onde virá o nome? – perguntei.

– O sino deveria tê-lo tocado – respondeu Alosha resumidamente. Ela o deixou de lado; o sino soou de novo, baixinho, um eco daquela nota profunda, e ela olhou furiosa para ele.

Ninguém sabia o que fazer comigo, depois disso. Depois que todos eles ficaram parados em silêncio durante um instante, enquanto o padre Ballo fazia ruídos por causa da irregularidade, o Falcão (ele ainda parecia determinado a se divertir com tudo que dizia respeito a mim) disse baixinho:

– Talvez nossa nova feiticeira devesse escolher um nome para si mesma.

– Acho que é mais adequado *nós* escolhermos um nome para ela – disse Ragostok.

Eu sabia muito bem que não devia deixá-lo participar da escolha do meu nome: eu certamente ia virar *a Porca* ou *a Minhoca*. Mas nada parecia certo para mim, de qualquer maneira. Eu tinha seguido toda a dança elaborada, mas de repente eu soube que não queria trocar meu nome por um nome novo que tivesse um rastro de magia, assim como não queria estar usando esse vestido elegante com uma cauda comprida que se arrastava e pegava a sujeira dos corredores. Respirei fundo e disse:

– Não há nada de errado com o nome que eu já tenho.

Assim, fui apresentada à corte como Agnieszka de Dvernik.

Eu me arrependi um pouco da recusa durante a apresentação. Ragostok tinha me falado, acho que para ser maldoso, que a cerimônia seria apenas uma coisa pequena, porque o rei não teria muito tempo para gastar nesses eventos quando eles aconteciam fora da temporada adequada. Parecia que os novos magos normalmente eram colocados na lista na primavera e no outono, junto com os novos cavaleiros. Se isso fosse verdade, eu ficaria muito grata, pois estava parada na ponta de um imenso salão com um trono, um longo carpete vermelho parecido com a língua esticada de uma criatura monstruosa estendida na minha direção, e multidões de nobres reluzentes de cada lado, todos me encarando e sussurrando uns com os outros por trás das mangas volumosas.

Eu não me sentia nem um pouco como eu mesma; eu quase desejei ter outro nome ali, um disfarce para combinar com meu vestido desajeitado de saias rodadas. Trinquei os dentes e segui pelo corredor infinito até chegar ao tablado e me ajoelhar aos pés do rei. Ele ainda parecia cansado, como estava no pátio quando chegamos. A coroa de ouro escuro em sua testa devia ser um peso enorme, mas não era esse tipo simples de cansaço. Seu rosto, por baixo da barba castanha e grisalha, tinha rugas como o de Krystyna, as rugas de alguém que não conseguia descansar porque se preocupava com o dia seguinte.

Ele colocou as mãos ao redor das minhas, e eu grunhi as palavras do juramento de lealdade, tropeçando nelas; ele me respondeu com habilidade advinda de uma longa prática, recuou as mãos e fez um sinal com a cabeça para eu sair.

Um pajem começou a fazer pequenos movimentos de aceno para mim na lateral do trono, mas percebi, meio tarde, que esta era a primeira e talvez a única oportunidade que eu tinha de perguntar alguma coisa ao rei.

– Vossa Majestade, por favor – falei, me esforçando para tentar ignorar os olhares de indignação bufada de todos próximos o suficiente do trono para me escutar –, não sei se leu a carta de Sarkan...

Um dos lacaios altos e fortes perto do trono pegou meu braço quase de imediato, fazendo uma reverência para o rei com um sorriso fixo no rosto, e

tentou me puxar para longe. Plantei os pés, murmurando uma parte do feitiço de terra de Jaga, e o ignorei.

– Temos uma chance real de destruir a Floresta, agora, mas ele não tem nenhum soldado e... sim, eu já vou num instante! – sibilei para o lacaio, que agora tinha me agarrado pelos dois braços e estava tentando me arrancar do tablado. – Eu só preciso explicar...

– Tudo bem, Bartosh, pare de lutar contra ela – disse o rei. – Podemos dar um instante à nossa mais nova feiticeira. – Ele realmente estava olhando para mim, agora, pela primeira vez, e parecia se divertir um pouco. – De fato, lemos a carta. Poderia ter usado umas linhas a mais. Principalmente sobre você. – Mordi o lábio. – O que você gostaria de pedir ao seu rei?

Minha boca tremeu por causa do que eu realmente queria pedir. *Solte Kasia!*, eu queria gritar. Mas não podia. Eu sabia que não podia. Isso era egoísmo: eu queria isso por mim, pelo meu coração, e não por Polnya. Eu não podia pedir isso ao rei, que nem tinha libertado sua própria rainha sem enfrentar um julgamento.

Deixei meus olhos caírem de seu rosto para a ponta de suas botas, incrustadas de ouro e se curvando por baixo da bainha de pele do seu roupão.

– Homens para combater a Floresta – sussurrei. – O máximo de que puder dispor, Vossa Majestade.

– Não podemos dispor de nenhum sem que isso traga problemas para nós – disse ele. E levantou a mão quando eu inspirei. – No entanto, veremos o que pode ser feito. Lorde Spytko, analise a questão. Talvez possamos enviar uma companhia. – Um homem parado ao lado do trono fez uma reverência para confirmar.

Saí cheia de alívio e cambaleando, o lacaio me olhou com os olhos semicerrados quando passei por ele, e atravessei uma porta atrás do tablado. Ele me levou a uma pequena antecâmara, onde um secretário da realeza, um cavalheiro sério e mais velho com expressão de desaprovação, me pediu rigidamente para soletrar meu nome. Acho que ele tinha escutado uma parte da cena que eu criei lá fora.

Ele escreveu meu nome num enorme tomo encapado de couro no alto de uma página. Observei atentamente para ver se ele escrevia certo e ignorei a desaprovação, feliz demais para me importar: o rei não me pareceu nem um pouco insensato. Claro que ele perdoaria Kasia no julgamento. Eu me perguntei se talvez ele pudesse até cavalgar com os soldados e se juntar a Sarkan em Zatochek para dar início à batalha contra a Floresta.

– Quando começa o julgamento? – perguntei ao secretário quando ele terminou de escrever o meu nome.

Ele só me deu um olhar incrédulo, desviando da carta para a qual já tinha voltado sua atenção.

– Eu certamente não posso dizer – respondeu ele e desviou o olhar de mim para a porta que levava para fora da sala, uma insinuação afiada como uma faca.

– Mas não tem... deve começar logo? – tentei.

Ele já estava olhando de novo para a carta. Desta vez, ele levantou a cabeça mais devagar ainda, como se não conseguisse acreditar que eu ainda estava ali.

– Vai começar – disse ele, com uma terrível precisão – quando o rei decretar.

Capítulo 19

Três dias depois, o julgamento ainda não tinha começado, e eu odiava todo mundo ao meu redor.

Sarkan me disse que havia poder para ser absorvido aqui, e acho que, para alguém que entendia a corte, deveria haver mesmo. Dava para ver que havia um tipo de magia em ter meu nome escrito no livro do rei. Depois de falar com o secretário, voltei para o meu quarto minúsculo, desnorteada e sem saber o que fazer em seguida, e antes de estar sentada na cama durante meia hora, as criadas tinham batido à porta cinco vezes, carregando cartões com convites para jantares e festas. Achei que o primeiro era um engano. Mas, mesmo depois de ter percebido que nem todos poderiam ter sido extraviados, eu não tinha a menor ideia do que fazer com eles ou do motivo de estar recebendo-os.

– Estou vendo que você já está sendo procurada – disse Solya, saindo de uma sombra e entrando pela minha porta antes de eu conseguir fechá-la depois de mais uma criada ter entregado outro cartão.

– Isso é algo que devemos fazer? – perguntei, desconfiada. Eu tinha começado a me perguntar se talvez esse fosse um dever dos magos do rei. – Essas pessoas precisam que eu faça alguma magia?

– Ah, pode ser que isso aconteça em algum momento – disse ele. – Mas, agora, tudo que eles querem é ter o privilégio de exibir a feiticeira mais jovem que já existiu. Já circula uma dezena de boatos em relação à sua indicação. – Ele pegou os cartões da minha mão, deu uma olhada neles e me entregou um deles. – A condessa Boguslava é, de longe, a mais útil: o conde tem os ouvidos do rei e certamente será consultado sobre a rainha. Posso levá-la à festa dela.

– Não mesmo! Você está dizendo que eles só querem que eu vá visitá-los? Mas eles nem me conhecem.

– Eles conhecem o suficiente – disse ele, num tom paciente. – Eles sabem que você é uma feiticeira. Minha querida, eu realmente acho que você se sairia melhor se aceitasse minha companhia para sua primeira festa. A corte pode ser... difícil de navegar, se você não conhecer seus costumes. Você sabe que queremos a mesma coisa: queremos a absolvição da rainha e de Kasia.

– Você não daria uma migalha de pão para salvar Kasia, e eu não gosto do jeito como você consegue as coisas que deseja.

Ele não me deixou reclamar dos seus modos. Simplesmente fez uma reverência educada e recuou para as sombras no canto do meu quarto.

– Espero que você aos poucos aprenda a me considerar uma pessoa melhor. – Sua voz flutuou de longe no escuro, mesmo enquanto ele desaparecia. – Tenha em mente que estou pronto para ser seu amigo, se você se sentir desorientada. – Joguei o cartão da condessa Boguslava nele. O cartão caiu tremulando no chão, no canto vazio.

Eu não confiava nem um pouco nele, apesar de não conseguir parar de pensar que ele estava me contando parte da verdade. Eu estava começando a perceber que entendia muito pouco da vida na corte. Se eu desse ouvidos a Solya, se eu mostrasse minha cara numa festa oferecida por uma mulher que não me conhecia, ela ficaria feliz e diria isso ao marido, e ele... diria ao rei que a rainha não deveria ser sacrificada? E o rei escutaria? Nada disso fazia sentido para mim, mas também não fazia sentido desconhecidos me mandando uma pilha de convites só porque um homem tinha escrito meu nome num livro. Mas aqui estavam os convites, então eu claramente não estava entendendo nada.

Eu queria poder falar com Sarkan: tanto para obter conselhos, quanto para reclamar. Até abri o livro de Jaga e procurei um feitiço que me deixasse alcançá-lo, mas não encontrei nada que parecesse que ia funcionar. O mais próximo era um chamado *kialmas,* com a observação *para ser ouvido na próxima vila,* mas não achei que as pessoas iam gostar de me ouvir gritando tão alto que minha voz atravessaria uma distância de uma semana pelo país, e não

achei que as montanhas deixariam o barulho passar, de qualquer maneira, mesmo que eu deixasse todo mundo em Kralia surdo.

No fim, escolhi o primeiro convite para jantar e fui. Eu estava mesmo com fome. O último pedaço de pão que eu tinha guardado no bolso da saia estava tão velho que nem uma magia o faria descer com facilidade ou realmente encher a minha barriga. Tinha que haver cozinhas em algum lugar do castelo, mas os serviçais me olhavam com estranheza quando eu seguia pelo corredor errado; e eu não queria imaginar o rosto deles se eu fosse até as cozinhas. Mas eu não conseguia parar uma dessas criadas, uma menina como eu, e pedir para ela me servir, como se eu realmente me achasse uma dama elegante, e não apenas estivesse vestida para fingir ser uma delas.

Vaguei para cima e para baixo nas escadas e através de corredores até encontrar o caminho de volta ao pátio, lá me preparei e fui até um dos guardas na porta perguntar o caminho, mostrando o convite. Ele me lançou o mesmo olhar esquisito dos serviçais, mas olhou para o endereço e disse:

– É a terceira casa amarela saindo pelo portão externo. Desça a estrada e você vai vê-la depois de contornar a catedral. Quer uma cadeira? Milady? – Ele mudou de opinião no final, desconfiado.

– Não – respondi, confusa pela pergunta, e saí.

Não era uma caminhada longa: os nobres viviam em casas construídas dentro dos muros externos da cidadela – os mais ricos, na verdade. Os lacaios da casa amarela também me encararam quando eu finalmente segui até a entrada, mas abriram as portas para mim. Parei no solado da porta: era minha vez de encarar. No meu caminho, eu tinha passado por mais do que um par de homens carregando caixas altas de formato peculiar pelo terreno do castelo; eu não sabia para que serviam. Agora, uma delas estava sendo carregada até os degraus da casa, logo atrás de mim. Um lacaio abriu a porta na lateral, e havia uma *cadeira* dentro da caixa. Uma jovem mulher saiu dela.

O lacaio lhe ofereceu a mão para descer até os degraus da casa, mas depois voltou ao seu lugar. Ela parou no degrau inferior e olhou para mim. Perguntei, em dúvida:

– Você precisa de ajuda? – Ela não parecia ter uma perna ruim, mas não dava para ver o que havia sob as suas saias, e eu não conseguia imaginar outro motivo para ela ter se fechado numa coisa tão bizarra.

Mas ela simplesmente me encarou, depois mais duas cadeiras surgiram atrás dela, descarregando mais convidados. Era apenas a maneira como eles se locomoviam.

– Vocês nunca *andam*? – perguntei, desnorteada.

– E como *você* fica longe da lama? – disse ela.

Nós duas olhamos para baixo. Eu estava uns cinco centímetros mergulhada na lama ao longo de toda a bainha das saias de hoje: mais larga do que uma roda de carroça e feita de veludo roxo e renda prateada.

– Não consigo – respondi, irritada.

Foi assim que conheci lady Alicja de Lidzvar. Entramos na casa e fomos imediatamente interrompidas pela nossa anfitriã, que apareceu no saguão, cumprimentou lady Alicja de um jeito muito superficial, depois pegou os meus braços e me beijou as bochechas.

– Minha querida lady Agnieszka – disse ela –, que simpático você ter conseguido vir, e que vestido charmoso: você certamente vai dar início a uma nova moda. – Encarei seu rosto radiante, horrorizada. Seu nome tinha fugido completamente da minha cabeça. Mas isso não parecia ser importante. Mesmo enquanto eu murmurava alguma coisa educada e graciosa, ela colocou o braço perfumado no meu e me levou até a sala de estar, onde os convidados estavam reunidos.

Ela me mostrou para todos ali, enquanto, em silêncio e com intensidade, eu odiava Solya ainda mais, por estar certo. Todos estavam muito felizes por me conhecer, todos foram escrupulosamente educados, no início, pelo menos. Eles não me pediram para fazer magia. O que eles queriam era fofocar sobre o resgate da rainha. Seus modos eram requintados demais para fazer perguntas diretas, mas cada um deles disse alguma coisa do tipo:

– Ouvi dizer que havia uma quimera protegendo-a... – deixando as palavras sumirem com expectativa, me convidando a corrigi-las.

Eu poderia ter dito qualquer coisa. Poderia ter dispensado tudo de um jeito inteligente ou reivindicado quantos atos maravilhosos eu quisesse: eles

estavam totalmente prontos para se impressionar comigo, para me deixar assumir um papel heroico. Mas me encolhi com a lembrança daquele massacre terrível ao meu redor, de sangue molhando a terra e transformando-a em lama. Eu me acovardava e cometia gafes, respondendo com um simples "não" ou dizendo qualquer coisa, deixando todas as conversas caírem num buraco constrangedor de silêncio. Minha anfitriã, decepcionada, finalmente me abandonou num canto perto de uma árvore, havia uma árvore laranja crescendo dentro da casa, num vaso, e foi acalmar os outros convidados.

Ficou perfeitamente claro para mim que, se havia algum bem que eu pudesse fazer por Kasia aqui, eu tinha feito exatamente o contrário do que deveria. Eu estava me perguntando amargamente se deveria engolir minha relutância e encontrar Solya no fim das contas quando lady Alicja apareceu ao meu lado.

– Eu não sabia que você era a nova feiticeira – disse ela, pegando o meu braço e se aproximando de um jeito conspirador. – Claro que você não precisa de uma cadeira fechada. Me diga, você viaja se transformando num enorme morcego? Como Baba Jaga...

Fiquei feliz de falar sobre Jaga, sobre qualquer coisa que não fosse a Floresta, e ainda mais feliz de descobrir uma pessoa além de Solya que estava disposta a me mostrar como prosseguir. Quando terminamos o jantar, eu tinha concordado em ir com lady Alicja a um café da manhã e a um jogo de cartas e a um jantar no próximo dia. Passei os dois dias seguintes quase totalmente na companhia dela.

Não pensei em nós duas como amigas, exatamente. Eu não estava com ânimo para fazer amizades. Todas as vezes que eu andava com dificuldade para entrar e sair do castelo para mais uma festa, tinha que passar pelos alojamentos da guarda real, e no meio do pátio deles ficava o bloco de ferro austero, queimado e preto, onde eles decapitavam os corrompidos antes de queimar os cadáveres. A forja de Alosha ficava ali perto e, com muita frequência, o fogo estava rugindo, sua silhueta erguendo faíscas laranja com um martelo feito de sombra.

– A única mostra de misericórdia que se pode dar aos corrompidos é uma lâmina afiada – dissera ela, quando tentei persuadi-la a pelo menos visitar Kasia. Eu não podia parar de pensar que talvez estivessem trabalhando no machado do chefe naquele momento, enquanto eu ficava sentada em cômodos abafados e comia peixe em torradas de pão sem casca e chá com açúcar e tentava conversar com pessoas que eu não conhecia.

Mas eu achava lady Alicja gentil, por abrigar uma menina camponesa desengonçada sob suas asas. Ela só tinha um ou dois anos a mais do que eu, mas já era casada com um velho barão rico que passava a maior parte dos dias jogando cartas. Ela parecia conhecer todo mundo. Eu estava agradecida, e determinada a mostrar isso, e me sentia meio culpada por não ser uma companhia melhor nem entender os modos da corte. Eu não sabia o que dizer quando lady Alicja insistia em me fazer elogios altos e intensamente fervorosos em relação ao excesso de renda no meu vestido ou no modo como eu mutilava os passos de uma dança da corte quando ela convencia um pobre jovem nobre vesgo a me aceitar, para desgraça de seus dedos dos pés e para os olhares entretidos do salão.

Não percebi que ela estava zombando de mim o tempo todo até o terceiro dia. Tínhamos planejado nos encontrar numa festa de música à tarde na casa de uma baronesa. Havia música em todas as festas, então eu não entendia o que fazia essa ser especialmente uma festa de música; Alicja apenas tinha soltado uma risada quando eu perguntei. Mas eu saí obediente depois do almoço, tentando ao máximo sustentar minha longa cauda branco-prateada e equilibrar o enfeite de cabeça que combinava – ele era comprido, pesado e quase caía da minha cabeça, para trás ou para a frente, e insistia em não ficar no lugar certo. Ao entrar no salão, segurei a cauda na porta e tropecei, e o enfeite de cabeça deslizou para trás.

Alicja me viu e atravessou o salão numa pressa dramática para pegar as minhas mãos.

– Querida – disse ela, com urgência e sem fôlego –, que ângulo brilhantemente *original*, nunca vi nada parecido.

E eu soltei:

– Você está... você está tentando ser rude? – Assim que a ideia me ocorreu, todas as coisas bizarras que ela dissera e fizera se uniram e fizeram um sentido malicioso. Mas não consegui acreditar no início; eu não entendia por que ela faria isso. Ninguém a tinha obrigado a falar comigo nem a estar na minha companhia. Eu não conseguia entender por que ela teria se dado a esse trabalho só para ser desagradável.

Em seguida, não consegui mais duvidar: ela assumiu uma expressão surpresa de olhos arregalados que claramente significava que sim, ela *estava* tentando ser rude.

– Ora, Nieshka – começou ela, como se eu também fosse idiota.

Puxei minhas mãos das dela com força, encarando-a.

– Agnieszka, para você – falei, ácida e surpresa –, e, já que você gosta tanto do meu estilo, *katboru*. – Seu enfeite de cabeça encurvado se inclinou e desceu pela cabeça dela, derrubando também, em cada lado do seu rosto, os adoráveis e elaborados cachos, que evidentemente eram falsos. Ela deu um gritinho, os segurou e saiu correndo do salão.

Mas isso não foi o pior. A pior parte foi a gargalhada que se espalhou pelo salão, de homens com quem eu a vira dançar e de mulheres que ela chamava de amigas íntimas. Arranquei meu enfeite de cabeça e corri até a comida abundante, escondendo o meu rosto do salão atrás de tigelas de uvas. Mesmo ali, um jovem usando casaco bordado que deveria ter custado o trabalho de um ano de uma mulher surgiu ao meu lado e sussurrou num tom alegre que Alicja não poderia mostrar o rosto na corte durante um ano; como se isso devesse me deixar feliz.

Consegui escapar dele e ir para um corredor dos serviçais e, no desespero, peguei o livro de Jaga no bolso e procurei até encontrar um feitiço *para uma saída rápida,* que me permitisse atravessar a parede da casa em vez de voltar para dentro e sair pela porta da frente. Eu não aguentava ouvir mais nenhum cumprimento venenoso.

Saí pela parede de tijolos amarelos ofegando como se tivesse fugido de uma prisão. Havia uma pequena fonte com um leão de boca aberta no meio da praça, o sol da tarde deslumbrante capturado na bacia, e um bando de pássaros esculpidos ao redor do topo cantando baixinho. Dava para ver, de

relance, que era um trabalho de Ragostok. E lá estava Solya, apoiado na beira da fonte, passando os dedos na luz sobre a água.

– Estou feliz por ver que você conseguiu sair dessa enrascada sozinha – disse ele. – Apesar de ter entrado nisso com o máximo de determinação possível. – Ele não tinha estado dentro da casa, mas eu tinha certeza de que ele sabia de todos os detalhes da humilhação de Alicja e da minha e, pela expressão pesarosa, eu tinha certeza de que ele estava encantado de me ver fazendo papel de boba.

O tempo todo em que eu estava grata por Alicja não querer minha magia nem meus segredos, nunca me ocorreu que ela poderia querer outra coisa. Mesmo que tivesse me ocorrido, eu não teria imaginado que ela estava procurando um alvo para sua maldade. Não éramos estupidamente cruéis uns com os outros em Dvernik. Claro que às vezes havia discussões e pessoas das quais você gostava menos, e às vezes até havia brigas, quando as pessoas ficavam com muita raiva. Mas, quando chegava a hora da colheita, seus vizinhos vinham ajudar a colher e debulhar, e quando a sombra da Floresta se infiltrava em nós, sabíamos que não deveríamos alimentar sua escuridão. E nenhum de nós teria sido rude com uma feiticeira, não importa o motivo.

– Achei que até mesmo uma mulher da nobreza fosse mais sensata – falei.

Solya deu de ombros.

– Talvez ela não tenha acreditado que você era uma feiticeira.

Abri a boca para protestar e dizer que ela havia me visto fazendo magia, mas acho que ela não tinha: não como Ragostok, que entrava nos salões como uma trovoada, com chuvas de faíscas prateadas reluzentes e pássaros que cantavam e voavam em todas as direções; nem mesmo Solya deslizando suavemente para dentro e para fora das sombras em seus roupões elegantes, com aqueles olhos penetrantes que pareciam ver tudo que acontecia no território do castelo. Eu me enfiava em vestidos de baile no meu próprio quarto e entrava nas festas com teimosia, usando um espartilho muito apertado que era quase o suficiente para gastar minha energia sem que eu tivesse que fazer truques para me exibir.

– Mas como ela acha que eu entrei na lista? – perguntei.

– Imagino que ela pensou o mesmo que os outros magos, no início.

– Que vocês me colocaram na lista porque Sarkan estava apaixonado por mim? – perguntei com sarcasmo.

– Marek, mais provável – disse ele, totalmente sério, e eu encarei em choque. – Sério, Agnieszka, achei que você já teria entendido isso.

– Não quero entender nada disso! Aquelas pessoas lá dentro, elas estavam felizes por Alicja zombar de mim, depois ficaram felizes do mesmo jeito por eu humilhá-la.

– Claro. Eles ficaram encantados de saber que você estava se fazendo passar por camponesa apenas para armar uma zombaria elaborada para a primeira pessoa que mordesse sua isca. Isso torna você parte do jogo.

– Eu não montei uma armadilha para ela! – Eu queria acrescentar que ninguém pensaria em algo assim, ninguém em seu juízo perfeito, na verdade, só que eu tinha a sensação desagradável e arraigada de que algumas dessas pessoas *fariam isso.*

– Não, eu não imaginei que você tivesse montado – disse Solya, prudente. – Mas você pode querer deixar as pessoas acreditarem que sim. Elas vão pensar isso de qualquer maneira, não importa o que você diga. – Ele se levantou da borda da fonte. – A situação não é irreparável. Acho que você vai encontrar pessoas muito mais amistosas no jantar hoje à noite. Você vai me deixar acompanhá-la, afinal?

Como resposta, virei no salto pontudo e me afastei dele e de seu riso abafado e entretido, deixando minha cauda idiota se arrastar pelo chão.

Tirei meus pensamentos sombrios do belo pátio e entrei na confusão barulhenta do pátio externo verde do castelo. Uma pilha de fardos de feno e barris se enfileirava na lateral da estrada principal que ia dos portões externos até os internos, esperando para serem carregados para algum lugar. Sentei num dos fardos para pensar. Eu estava com a terrível sensação de que Solya também estava certo a respeito disso. E que isso significava que qualquer pessoa da corte que falasse comigo agora só o faria porque gostava desse tipo de jogo maldoso; nenhuma pessoa legal ia querer alguma coisa comigo.

Mas não havia ninguém mais com quem eu pudesse falar nem pedir conselho. Os serviçais e soldados também não queriam conversar comigo, nem os oficiais apressados em suas rondas designadas. Agora, conforme eles passavam por mim, eu os via lançando olhares duvidosos na minha direção: uma dama elegante sentada num fardo de feno perto da estrada, usando uma roupa de cetim e renda, minha cauda arrastada cheia de grama e areia, uma folha solta num jardim bem cuidado. Eu não pertencia a este lugar.

Pior do que isso, eu não estava sendo útil, nem para Kasia nem para Sarkan nem para ninguém. Eu estava pronta para testemunhar, e não havia um julgamento; implorei por soldados, mas nenhum deles tinha ido. Frequentei mais festas em três dias do que em toda a minha vida, e eu não tinha nada para mostrar além de destruir a reputação de uma menina boba que provavelmente nunca teve uma amiga de verdade na vida.

Num surto de frustração e raiva, invoquei o feitiço *vanastalem*, mas enrolei profundamente as palavras e, entre a passagem de uma carroça e outra, voltei a usar as roupas da filha de um lenhador: um belo vestido simples, uma saia que não era comprida o suficiente para esconder as botas, um avental com dois bolsos grandes. Respirei com mais facilidade na mesma hora e me vi subitamente invisível: ninguém mais estava olhando para mim. Ninguém se importava com quem eu era ou com o que eu estava fazendo.

Também havia perigos na invisibilidade: enquanto eu estava parada ali à margem da estrada, desfrutando o prazer de respirar profundamente, uma carruagem enorme, grandiosa sobre suas rodas e com quatro lacaios pendurados, passou sacudindo e quase me derrubou. Tive que sair do caminho num pulo para dentro de uma poça, minhas botas ficaram ensopadas e a lama salpicou as saias. Mas não me importei. Eu me reconhecia pela primeira vez em uma semana, em pé sobre a terra em vez do mármore polido.

Voltei subindo a colina no rastro da carruagem, meu passo largo e livre nas saias soltas, e entrei na corte sem nenhum problema. A carruagem grande tinha parado para descarregar um embaixador de casaco branco com uma faixa oficial vermelha atravessada no peito. O príncipe coroado estava lá para recebê-lo, com uma multidão de cortesãos e um guarda de

honra carregando o estandarte de Polnya, além de um estandarte amarelo e vermelho com a cabeça de um boi, que eu nunca tinha visto. Ele devia estar chegando para o jantar oficial. Eu deveria ir lá com Alicja hoje à noite. Todos os guardas estavam observando a cerimônia de soslaio e, quando sussurrei para eles que eu não era digna de ser percebida, seus olhos passaram sobre mim do jeito que queriam, como se eu não estivesse ali.

Ir e vir de festas três vezes por dia, saindo do meu quarto inconveniente, tinha sido bom por um motivo: eu tinha aprendido a andar pelo castelo. Havia serviçais nos corredores, mas todos estavam sobrecarregados com toalhas de mesa e prataria, se apressando para preparar o jantar. Nenhum deles tinha tempo para desperdiçar atenção com uma criada da área de serviço salpicada de lama. Passei discretamente ao redor e no meio deles e segui pelo longo corredor escuro até a Torre Cinza.

Os quatro guardas de serviço na base da torre estavam entediados e bocejando por causa da hora.

– Você passou a escada para a cozinha, queridinha – me disse um deles com simpatia. – É para aquele lado do corredor.

Armazenei essa informação para mais tarde e, em seguida, fiz o possível para encará-los do jeito como todas as pessoas estavam me encarando nos últimos três dias, como se eu estivesse perfeitamente surpresa pela ignorância deles.

– Vocês não sabem quem eu sou? – perguntei. – Sou Agnieszka, a feiticeira. Estou aqui para ver Kasia. – E para dar uma olhada na rainha, para dizer a verdade. Eu não conseguia imaginar por que o julgamento estava sendo adiado, a menos que o rei estivesse dando à rainha mais tempo para melhorar.

Os guardas se entreolharam, em dúvida. Antes que eles pudessem decidir o que fazer comigo, sussurrei:

– *Alamak, alamak*. – E atravessei as portas trancadas entre eles.

Eles não eram nobres, então acho que eles não se sentiam compelidos a discutir com uma feiticeira. Pelo menos, não vieram atrás de mim. Subi a escadaria estreita em espiral, girando e girando, até chegar ao patamar com a aldrava de demônio faminto me olhando de boca aberta. Pegar a

maçaneta redonda dava a impressão de que a minha mão estava sendo totalmente lambida por um leão que estava decidindo se o meu sabor era bom. Eu a segurei com todo cuidado e bati.

Eu tinha uma lista de argumentos para a Salgueiro e, para além disso, tinha minha determinação. Eu estava preparada para empurrá-la e passar direto, se fosse necessário; achei que ela seria elegante demais para se rebaixar a lutar comigo. Mas ela nem veio até a porta e, quando encostei o ouvido na porta, ouvi gritos fracos lá dentro. Preocupada, recuei e tentei pensar: os guardas seriam capazes de derrubar a porta, se eu gritasse para chamá-los? Acho que não. A porta era feita e rebitada com ferro, e não havia nem um buraco de fechadura à vista.

Olhei para o demônio, que me encarou de volta. A fome irradiava da sua mandíbula vazia. Mas e se eu a enchesse? Invoquei um feitiço simples, apenas uma luz: o demônio imediatamente começou a sugar a magia, mas eu continuei dando poder ao feitiço até que finalmente um brilho oscilante se acendeu na minha mão. A fome do demônio era uma tração enorme, devorando quase toda a magia que eu podia dar, mas consegui desviar um estreito fluxo de prata: deixei que ele formasse uma pequena poça dentro de mim, depois soltei *Alamak* e, com um pulo desesperado, atravessei a porta. Precisei de toda a força que me restava: rolei para o chão do outro lado e caí de costas, esvaziada.

Ouvi passos vindo em minha direção, correndo pelo chão, e de repente Kasia estava ao meu lado.

– Nieshka, você está bem?

O grito era no cômodo ao lado: Marek, parado com os punhos cerrados no meio do quarto, rugindo para a Salgueiro, que estava parada e rígida como uma árvore e branca de raiva. Nenhum dos dois prestou muita atenção à minha queda; estavam ocupados demais sentindo raiva um do outro.

– Olhe para ela! – Marek apontou para a rainha. Ela ainda estava sentada perto da mesma janela, apática e imóvel. Se estava ouvindo os gritos, ela nem se abalou. – Três dias sem uma palavra dos lábios dela, e você se diz uma curandeira? Você se acha boa nisso?

– Aparentemente não sou – disse a Salgueiro com frieza. – Eu só fiz tudo que podia ser feito, do melhor jeito que poderia. – Ela finalmente percebeu a minha presença: virou e olhou para mim no chão. – Entendo que *essa* é a feiticeira milagrosa do reino. Talvez você possa deixá-la sair da sua cama por um tempo, e ela vai acabar pensando em algo melhor. Até lá, cuide dela. Não vou ficar aqui para ouvir gritos pelos meus esforços.

Ela passou por mim pisando duro, retorcendo as saias para o lado de modo que elas nem roçassem nas minhas, como se não quisesse se contaminar. A barra se ergueu com um movimento da sua mão. Ela saiu, e a porta se trancou, raspando na pedra como uma lâmina de machado baixando.

Marek virou para mim, ainda de péssimo humor.

– E você! Você devia ser a principal testemunha e está andando pelo castelo parecendo uma prostituta da cozinha. Você acha que alguém vai acreditar em uma palavra que saia da sua boca? Três dias desde que coloquei você na lista...

– *Você* me colocou! – exclamei indignada, levantando com apoio do braço de Kasia, mas ainda desequilibrada.

– ... e tudo que você fez foi convencer a corte toda de que você é uma camponesa inútil! E agora isso? Onde está Solya? Ele deveria estar ensinando você a se comportar.

– Eu não quero saber como *me comportar*. Eu não me importo com o que nenhuma dessas pessoas pensa de mim. O que elas pensam não importa!

– Claro que importa! – Ele me pegou pelo braço e me arrastou para longe das mãos de Kasia. Saí tropeçando, tentando formar um feitiço para derrubá-lo, mas ele me puxou até o peitoril da janela e apontou para o pátio do castelo lá embaixo. Parei e olhei, confusa. Não parecia haver nada preocupante acontecendo. O embaixador com faixa vermelha estava apenas entrando no prédio com o príncipe coroado Sigmund.

– Aquele homem com o meu irmão é um enviado de Mondria – disse Marek, baixo e de um jeito gutural. – O príncipe consorte deles morreu no último inverno: a princesa vai sair do luto daqui a seis meses. Agora você entende?

– Não – respondi, desnorteada.

– Ela quer ser rainha de Polnya! – gritou Marek.

– Mas a rainha não está morta – disse Kasia, e então nós entendemos.

Encarei Marek, congelada, horrorizada.

– Mas o rei... – soltei. – Ele *amava*... – parei.

– Ele está adiando o julgamento para ganhar tempo, você entende? Quando as lembranças do resgate tiverem enfraquecido, ele vai fazer com que a nobreza faça de conta que não está vendo e aí vai sacrificá-la na surdina. Agora, você vai me ajudar ou quer continuar andando pelo castelo até a neve chegar e eles a queimarem junto com a sua adorada amiga quando estiver frio demais para qualquer pessoa ficar lá fora assistindo?

Apertei a mão rígida de Kasia com força, como se pudesse protegê-la. Parecia cruel e estúpido demais: havíamos libertado a rainha Hanna, tirado ela da Floresta, só para o rei poder cortar sua cabeça e se casar com outra mulher. Só para acrescentar mais um principado a Polnya, mais uma joia à sua coroa.

– Mas ele a amava – repeti, um argumento que eu não conseguia guardar para mim. Era idiota, suponho. Mas essa história, a história da amada rainha perdida, fazia mais sentido para mim do que a que Marek estava me contando.

– E você acha que isso vai fazer com que ele a perdoe por ter feito o rei parecer idiota? – indagou Marek. – A bela esposa que fugiu dele junto com um menino de Rosya que declamava canções encantadoras no jardim. Era isso que diziam dela, até eu ter idade suficiente para matar todos os que se atreviam. Quando eu era criança, eles me diziam para nem tocar no nome dela perto dele.

Ele estava olhando para a rainha Hanna sentada em sua poltrona, branca como papel. No rosto dele, eu o via como ele era: uma criança se escondendo no jardim deserto da mãe para escapar daquela mesma multidão de pessoas venenosas da corte, todos com sorrisos falsos e sussurrando sobre ela, balançando a cabeça e fingindo tristeza enquanto diziam que sabiam de tudo o tempo todo.

– E você acha que podemos salvar a rainha e Kasia se dançarmos de acordo com a música deles? – perguntei.

Ele desviou o olhar da rainha e me encarou. Pela primeira vez, acho que ele realmente me escutou. Seu peito subiu e desceu três vezes.

– Não – respondeu ele finalmente, concordando. – Eles são apenas abutres, e ele é o leão. Eles vão balançar a cabeça e concordar com o que ele disser, e depois recolher os ossos que o rei joga para eles. Você pode obrigar meu pai a perdoá-la? – perguntou ele com facilidade, como se não estivesse me pedindo para enfeitiçar *o rei*, e tirar a vontade de uma pessoa, algo tão ameaçador quanto a Floresta.

– Não! – respondi, chocada. Olhei para Kasia. Ela estava em pé com uma das mãos apoiada nas costas da poltrona da rainha, ereta, dourada e firme. Ela balançou a cabeça para mim. Nunca me pediria isso. Ela nem me pediria para fugir com ela, para abandonar nosso povo à Floresta; mesmo que isso significasse que o rei iria matá-la, só para poder matar a rainha também. Engoli em seco. – Não – repeti. – Não vou fazer isso.

– Então, o que você *vai* fazer? – rosnou Marek, com raiva de novo, e saiu do quarto sem esperar minha resposta. Tudo bem. Eu não sabia o que dizer.

Capítulo 20

Os guardas no Charovnikov me reconheceram, apesar das roupas. Eles abriram as pesadas portas de madeira para mim e as fecharam em seguida. Parei com as costas apoiadas nelas, o ouro e os anjos inclinados no alto e as paredes infinitas de livros se assomando por todos os lados, mergulhando em alcovas e saindo de novo. Havia um punhado de pessoas trabalhando nas mesas aqui e ali, homens e mulheres jovens usando roupões e com a cabeça inclinada sobre alambiques ou livros. Eles não prestaram atenção a mim; todos estavam ocupados.

O Charovnikov não era acolhedor para mim, mais frio que a biblioteca do Dragão e impessoal demais, mas pelo menos era um lugar que eu entendia. Eu ainda não sabia como salvar Kasia, mas sabia que tinha mais chance de encontrar uma resposta aqui do que num salão de baile.

Peguei a primeira escada e a arrastei até a frente da primeira estante, prendi as saias, subi até o alto e comecei a vasculhar. Era o tipo de busca que eu sabia fazer. Eu não entrava no bosque para encontrar algo específico; entrava para encontrar o que havia para ser encontrado e para deixar ideias virem até mim: se eu encontrasse um monte de cogumelos, teríamos sopa de cogumelos no dia seguinte, e se eu achasse boas pedras, o buraco na estrada perto da nossa casa seria remendado. Pensei que deveria haver pelo menos alguns livros que falariam comigo como o livro de Jaga; talvez eles até tivessem outro livro dela em algum lugar escondido entre todos esses volumes sofisticados estampados em ouro.

Trabalhei o mais rápido que consegui. Olhei os livros mais empoeirados, os menos usados. Passei a mão em todos eles, li os títulos nas lombadas. Mas era um trabalho lento de qualquer maneira, e cheio de frustração. Depois de ter analisado doze estantes largas do teto ao chão, com trinta

prateleiras cada, comecei a me perguntar se afinal conseguiria encontrar alguma coisa aqui: todos os livros deixavam uma sensação rígida e seca sob a minha mão, e nada me estimulava a continuar procurando.

Tinha escurecido enquanto eu trabalhava. O punhado de outros alunos tinha ido embora, e as luzes mágicas tinham enfraquecido até virarem o brilho fraco de cinzas quentes por toda a biblioteca, como se tivessem ido dormir. Apenas a que estava na minha prateleira ainda brilhava como um vaga-lume, e minhas costas e meus tornozelos estavam reclamando. Eu estava retorcida na escada, meu pé enroscado num corrimão, para que eu pudesse me esticar e pegar os livros mais distantes. Eu mal tinha conseguido vasculhar um quarto de um dos lados da biblioteca, e estava trabalhando do jeito mais rápido e sem método possível, nem um décimo dos livros analisado de maneira adequada; Sarkan teria resmungado alguma coisa negativa.

– O que você está procurando?

Eu quase caí da escada na cabeça do padre Ballo, mal conseguindo segurar no corrimão a tempo e arranhando dolorosamente meu tornozelo numa junta. Uma das seções de uma das estantes estava na metade do salão, com uma porta que dava para um nicho escondido; ele tinha saído dali. Estava carregando quatro volumes grossos nos braços. Achei que ele ia colocar de volta nas prateleiras, mas ele só me encarou lá de baixo cheio de dúvida.

Eu ainda estava me contorcendo por dentro de surpresa e falei sem pensar.

– Estou procurando Sarkan – respondi.

Ballo lançou um olhar vazio para as prateleiras em que eu estava procurando: eu achava que ia encontrar o Dragão pressionado entre as páginas de um livro? Mas, quando eu disse isso em voz alta, percebi que era exatamente isso que eu estava procurando. Eu queria Sarkan. Queria que ele aparecesse no meio dos livros empilhados e gritasse comigo por causa da bagunça que eu criara. Queria saber o que ele estava fazendo, se a Floresta tinha atacado de volta. Queria que ele me dissesse como eu poderia persuadir o rei a libertar Kasia.

– Quero falar com ele – continuei. – Quero vê-lo. – Eu já sabia que não havia o feitiço que eu precisava no livro de Jaga, e Sarkan nunca tinha me mostrado um feitiço assim. – Padre, que feitiço você usaria, se quisesse falar com alguém em outra parte do reino? – Mas Ballo já estava balançando a cabeça para mim.

– Falar a distância é uma coisa dos contos de fadas, por mais que os bardos achem a ideia conveniente – disse ele, num tom professoral. – Em Veneza, eles descobriram a arte de lançar um feitiço de comunhão com um par de espelhos feitos simultaneamente a partir da mesma fonte de mercúrio. O rei tem um desses espelhos, e o outro fica com o chefe do exército na linha de frente. Mas mesmo esses só conseguem falar um com o outro. O avô do rei os comprou em troca de cinco frascos de coração-de-fogo – acrescentou ele, me fazendo soltar um gritinho involuntário pelo preço: dava para comprar um reino inteiro. – A magia pode ampliar seus sentidos, ampliar a visão e a escuta; pode amplificar a voz ou escondê-la dentro de uma noz para surgir depois. Não pode lançar sua visão por metade de um reino num instante nem carregar a voz de outra pessoa até você.

Eu o escutei, insatisfeita, apesar de, infelizmente, fazer sentido: por que Sarkan mandaria um mensageiro ou escreveria uma carta, se pudesse simplesmente lançar um feitiço? Era bem razoável, do mesmo jeito que ele só poderia usar seu feitiço de transporte para andar pelo vale, seu próprio território, e não saltar direto para a capital e voltar.

– Existe algum outro livro de feitiços aqui como o de Jaga, em que eu pudesse dar uma olhada? – perguntei, apesar de saber que Ballo não tinha nenhum uso para ela.

– Minha criança, esta biblioteca é o centro de conhecimento de magia em Polnya. Os livros não são colocados nessas prateleiras pelo capricho de um colecionador nem pela trapaça de um livreiro; eles não estão aqui porque são valiosos ou pintados de ouro para agradar ao olhar de um nobre. Todos os volumes foram cuidadosamente analisados por no mínimo dois magos a serviço da coroa; suas virtudes foram confirmadas e pelo menos três feitiços corretos foram atestados, e mesmo assim eles têm que ter um

poder verdadeiro para merecer um espaço aqui. Eu mesmo passei quase a minha vida toda de serviço eliminando os feitiços inferiores, as curiosidades e as diversões da antiguidade; você certamente não vai encontrar nada assim aqui.

Eu o encarei de cima para baixo: a vida toda! E eu tinha certeza de que ele condenaria de imediato qualquer coisa que eu pudesse usar. Segurei as laterais da escada e deslizei até o chão, até seu olhar espremido de desaprovação: acho que ele também teria encarado do mesmo jeito se visse alguém escalar uma árvore.

– Você os queimou? – perguntei, sem esperança.

Ele se encolheu como se eu tivesse sugerido queimá-lo.

– Um livro não precisa ser *mágico* para ter *valor* – disse ele. – Na verdade, eu gostaria de tê-los levado à coleção da Universidade para um estudo mais aprofundado, mas Alosha insistiu que eles fossem mantidos aqui, trancados. O que, não posso negar, é uma precaução sensata, já que tais livros podem atrair o pior tipo de elemento da sociedade inferior; ocasionalmente, o dom aflora para tornar um boticário de rua perigoso, se eles colocarem as mãos no livro errado. No entanto, acredito que os arquivistas da Universidade, que são homens de excelente treinamento, podem, com a instrução adequada e um rigoroso esquema de supervisão, ter recebido a confiança de proteger os menos...

– Onde eles estão? – interrompi.

O cômodo minúsculo ao qual ele me levou estava lotado de livros velhos com bordas irregulares e não tinha nem uma abertura estreita para entrada de ar. Tive que deixar a porta entreaberta. Eu estava bastante feliz vasculhando essas pilhas desordenadas, onde eu não tinha que me preocupar em colocá-los de volta em ordem, mas a maioria dos livros continuava sendo inútil para mim. Deixei de lado muitos volumes chatos de histórias da magia, outros que estavam repletos de pequenos sortilégios elaborados (pelo menos metade deles demoraria o dobro de tempo que levaria para fazer aquilo a que eles se referiam sem recorrer à magia – e fariam cinco vezes mais bagunça) e ainda os que pareciam livros de feitiço

perfeitamente razoáveis, mas evidentemente não atendiam aos padrões mais rigorosos do padre Ballo.

Havia coisas mais estranhas nas pilhas. Um volume muito peculiar parecia um livro de feitiços, cheio de palavras e imagens misteriosas, diagramas como os que apareciam em vários livros do Dragão, e uma linguagem que não fazia sentido. Depois de perder dez minutos refletindo sobre a coisa, percebi lentamente que era loucura. Quero dizer, um louco tinha escrito, fingindo que era um mago, querendo ser um: não eram feitiços de verdade, apenas coisas inventadas. Havia algo desesperadamente triste neles. Empurrei esse para um canto escuro.

Finalmente, minha mão caiu sobre um livro preto, pequeno e fino. Pelo lado de fora, parecia o livro de receitas elaboradas da minha mãe, e me pareceu agradável e simpático de imediato. O papel era simples, amarelado e amassado, mas o livro estava cheio de pequenos feitiços confortáveis, escritos numa caligrafia elegante. Passei pelas páginas, sorrindo involuntariamente, depois olhei para a parte de dentro da capa da frente. Na mesma caligrafia elegante estava escrito: *Maria Olshankina, 1267.*

Fiquei sentada olhando para ele, surpresa e, ao mesmo tempo, não tão surpresa assim. Essa feiticeira tinha vivido no meu vale mais de trezentos anos atrás. Pouco depois de o vale ter sido assentado: a grande pedra angular da igreja de pedra de Olshanka, a construção mais antiga do vale, tinha uma inscrição que dizia 1214. Onde foi que Jaga nasceu?, pensei de repente. Ela era de Rosya. Será que tinha vivido no vale do outro lado da Floresta, antes de Polnya assentá-la pelo outro lado?

Eu sabia que isso não ia me ajudar. Era uma presença agradável e calorosa nas minhas mãos, mas era como a gentileza de um amigo que senta com você ao lado do fogo mas não pode mudar o que está errado. Na história da maioria dos grandes povoados, havia feiticeiras folclóricas que curavam alguns tipos de doenças e lidavam com pragas nas plantações; acho que Maria era uma delas. Por um instante, eu a vi, uma mulher grande e alegre, com um avental vermelho, varrendo a varanda, com crianças e galinhas aos seus pés, entrando para cozinhar uma poção contra tosse para um jovem pai ansioso com um bebê doente em casa, derramando-a na

caneca dele com um sermão sobre atravessar o povoado sem usar um chapéu. Havia algo delicado nela, um poço de magia, não um riacho corrente que envolvia todas as partes de sua vida. Suspirei e coloquei o livro no bolso mesmo assim. Eu não queria deixá-lo aqui, jogado e esquecido.

Encontrei mais dois parecidos, entre milhares de livros amontoados, e os folheei; tinham alguns feitiços úteis, alguns bons conselhos. Não havia localizações escritas neles, mas, de alguma forma, entendia que também tinham vindo do meu vale. Um tinha sido escrito por um fazendeiro que encontrou um feitiço que juntava nuvens para fazer chover. Naquela página, ele tinha desenhado um campo sob as nuvens e, ao longe, uma fileira dentada de montanhas cinza.

Havia um alerta no fim desse feitiço: *Cuidado quando já estiver cinza: se você chamar muitas, também haverá trovões.* Encostei na palavra curta e simples com os dedos, *kalmoz,* e percebi que poderia chamar um trovão, um raio caindo do céu. Estremeci e deixei o livro de lado. Dava para imaginar como Solya gostaria de me ajudar com *esse* tipo de feitiço.

Nenhum deles tinha o que eu precisava. Abri um espaço ao meu redor no chão e continuei debruçada lendo um livro enquanto minha mão livre vasculhava as pilhas para pegar o próximo. Sem olhar, meus dedos pegaram uma lombada de couro em relevo. Eu recolhi a mão e sentei mais reta, sacudindo-a e sentindo um mal-estar.

Uma vez, fazendo a colheita no inverno, ainda criança, antes dos doze anos, eu tinha encontrado um saco branco grande e estranho numa árvore, entre as raízes, enterrado sob folhas mortas molhadas. Eu o cutuquei com uma vara algumas vezes, depois corri até onde meu pai estava trabalhando e o levei para ver. Ele cortara as árvores mais próximas para fazer uma barreira contra o fogo, depois queimara o saco e a árvore. Nas cinzas que cutucamos com uma vara, encontramos o esqueleto encolhido de uma coisa disforme em crescimento, nenhuma criatura que conhecíamos.

– Fique longe desta clareira, Nieshka, está me ouvindo? – dissera meu pai.

– Está tudo bem, agora. – Eu respondera isso a ele, me lembrei de repente. De algum jeito, eu sabia.

– Mesmo assim.

Nunca mais falamos nisso. Nunca contamos à minha mãe. Não queríamos pensar no que aquilo significava, no fato de que eu poderia encontrar uma magia maligna escondida nas árvores.

A lembrança agora me vinha nítida: o cheiro fraco e úmido das folhas apodrecendo, meu hálito frio e branco no ar, um brilho de gelo na ponta dos galhos e a casca da árvore levantada, o silêncio pesado do bosque. Eu tinha saído para procurar outra coisa; tinha entrado na clareira naquela manhã com um fio de desconforto me puxando o tempo todo. Eu me sentia do mesmo jeito, agora. Mas eu estava no Charovnikov, no coração do palácio do rei. Como a Floresta poderia estar aqui?

Limpei os dedos nas saias, me preparei e peguei o livro. A capa era pintada e elaboradamente entalhada à mão, uma anfisbena de couro em relevo e cada escama de serpente pintada num azul cintilante; os olhos eram pedras vermelhas, cercadas por uma floresta com folhas verdes e a palavra *Bestiário* pendurada acima em letras douradas presas aos galhos como frutas.

Folheei o livro com o dedo indicador e o polegar, segurando as páginas apenas pelo canto inferior. Era um bestiário, esquisito e cheio de monstros e quimeras. Nem todos eram reais. Virei mais algumas páginas devagar, olhando apenas de relance para as palavras e imagens, e com uma sensação estranha e horripilante, comecei a perceber que, enquanto eu lia, os monstros *pareciam* reais, eu acreditava neles e, se eu acreditasse neles por tempo suficiente... de repente, fechei o livro com força, o coloquei no chão e me levantei para sair de perto dele. O cômodo quente e sufocante tinha ficado ainda pior, denso como nos mais horríveis dias de verão, o ar quente e úmido sob um peso abafado de folhas paradas que impediam o vento de atravessá-las.

Esfreguei as mãos nas saias, tentando me livrar da sensação oleosa das páginas nas minhas mãos, e olhei para o livro cheia de desconfiança. Eu tinha a sensação de que, se afastasse o olhar, ele se transformaria numa coisa deformada e atacaria o meu rosto, sibilando e arranhando. Por instinto, procurei um feitiço de fogo, para queimá-lo, mas, enquanto abria a

boca, percebi como isso seria idiota: eu estava no meio de um cômodo cheio de livros velhos, o ar tão ressecado que tinha gosto de poeira quando eu respirava, e do lado de fora havia uma enorme biblioteca. Mas eu tinha certeza de que não era seguro deixar o livro ali, nem mesmo por um instante, e não consegui me imaginar encostando de novo nele...

A porta se abriu.

– Entendo seu cuidado, Alosha – dizia Ballo de um jeito rabugento –, mas não consigo ver nenhum mal que possa vir de...

– Parem! – gritei, e ele e Alosha pararam na porta estreita e me encararam. Acho que eu devia estar com uma aparência bizarra, parada ali como uma domadora de leões enfrentando uma criatura especialmente cruel, mas existia apenas um livro deitado em silêncio no chão diante de mim.

Ballo me encarou, surpreso, depois olhou para o livro.

– O que diabos...

Mas Alosha já estava se movendo: ela o empurrou delicadamente para o lado e pegou uma longa adaga no cinto. Ela se agachou e estendeu o braço o máximo que pôde, cutucando o livro com a ponta da adaga. O corte da lâmina se iluminou em prata e, no ponto em que encostou no livro, a luz brilhou através de uma nuvem esverdeada de corrupção. Ela recuou a adaga.

– Como você encontrou isso?

– Estava bem aqui, na pilha – respondi. – Ele tentou me pegar. Parecia... parecia a Floresta.

– Mas como... – começou Ballo, mas Alosha saiu porta afora em disparada. Um instante depois, ela reapareceu, usando uma manopla pesada de metal. Ela pegou o livro com dois dedos e fez um gesto com a cabeça. Nós a seguimos até a parte principal da biblioteca, as luzes surgindo em cima da nossa cabeça enquanto andávamos, e ela empurrou uma pilha de livros para fora de uma das mesas grandes de pedra e colocou o livro corrompido em cima.

– Como foi que esse pedaço específico de corrupção lhe escapou? – perguntou ela a Ballo, que estava olhando para o livro por sobre o ombro

dela, preocupado e com a testa franzida.

– Acredito que eu nem olhei para ele – disse Ballo, com um tom levemente defensivo. – Não havia necessidade: dava para ver, de relance, que não era um texto sério de magia e claramente não tinha lugar na nossa biblioteca. Eu me lembro que tive uma discussão acalorada com o pobre Georg sobre o livro, na verdade: ele tentou insistir em mantê-lo nas estantes apesar de não haver o menor sinal de encantamento nele.

– Georg? – perguntou Alosha, amarga. – Isso foi pouco antes de ele desaparecer? – Ballo fez uma pausa e respondeu que sim com a cabeça.

– Se eu tivesse continuado – interrompi –, ele teria... *criado* uma dessas coisas?

– Teria transformado *você* em uma delas, imagino – respondeu Alosha, horrorizada. – Um de nossos aprendizes desapareceu cinco anos atrás, no mesmo dia em que uma hidra subiu pelos esgotos do palácio e atacou o castelo: achamos que ela havia comido o aprendiz. É melhor tirarmos a cabeça do pobre Georg da parede no salão de exposição.

– Mas como foi que ele chegou aqui, para começar? – perguntei, olhando para o livro, as folhas coloridas de verde-pálido e escuro, a serpente de duas cabeças piscando para nós com os olhos vermelhos.

– Ah... – hesitou Ballo, depois seguiu pelo corredor até uma prateleira cheia de livros de registros, cada um deles com quase metade da altura do padre: ele murmurou um pequeno feitiço empoeirado enquanto passava os dedos sobre eles, e uma página cintilou bem longe na prateleira. Ele ergueu o livro pesado com um gemido e o levou até a mesa, apoiando-o por baixo com uma prática distraída e abriu na página iluminada, uma de suas linhas brilhava. – Bestiário, bem ornamentado, de origem desconhecida – leu Ballo. – Um presente da corte de... de Rosya. – Sua voz enfraqueceu. Ele estava procurando a data, com o dedo indicador manchado de tinta apoiado nela. – Isso foi há vinte anos, e esse é um dos seis volumes doados simultaneamente – disse ele, por fim. – O príncipe Vasily e seu embaixador devem tê-lo trazido consigo.

O livro malévolo estava no meio da mesa. Ficamos em pé em silêncio ao redor dele. Vinte anos atrás, o príncipe Vasily de Rosya tinha cavalgado até

Kralia, e três semanas depois tinha saído de novo, no silêncio da noite, com a rainha Hanna ao seu lado, fugindo em direção a Rosya. Eles tinham chegado perto demais da fronteira da Floresta, tentando fugir da perseguição. Essa era a história. Mas talvez eles tenham sido capturados bem antes disso. Talvez um pobre escrivão ou encadernador tivesse passado perto da Floresta e, sob os galhos, tivesse amassado as folhas caídas para fazer papel, cozinhado a tinta com seiva de carvalho e água, e inserido a corrupção em todas as palavras escritas, para fazer uma armadilha que pudesse se esgueirar para dentro do castelo do rei.

– Podemos queimá-lo aqui? – perguntei.

– O quê? – disse Ballo, dando um salto, como se estivéssemos pendurados numa corda. Acho que ele se encolheu instintivamente ao pensar em queimar um livro, e eu achava isso muito positivo, mas não quando se tratava *desse livro*.

– Ballo – disse Alosha e, pela sua expressão, ela se sentia igual a mim.

– Vou tentar um expurgo, para torná-lo seguro para analisar – disse Ballo. – Se *isso* falhar, é claro que teremos que considerar métodos mais violentos para o descarte.

– Isso não é algo para se guardar, expurgado ou não – disse ela com amargura. – Temos que levá-lo para a forja. Eu faço um fogo branco e colocamos o livro nele até virar cinza.

– Não podemos queimá-lo imediatamente, não importa o motivo – disse Ballo. – É uma evidência no caso da rainha, e o rei precisa ficar sabendo disso.

Evidência, percebi tarde demais, de corrupção: se a rainha tivesse encostado nesse livro, se ele a tivesse conduzido até a Floresta, ela teria sido corrompida antes mesmo de passar perto da Floresta. Se isso fosse apresentado no julgamento... olhei para Alosha e Ballo horrorizada. Eles não tinham vindo aqui para me ajudar. Tinham vindo para me impedir de encontrar alguma coisa útil.

Alosha suspirou para mim.

– Não sou sua inimiga, apesar de você achar que sim.

– Você *quer* que elas sejam sacrificadas! – falei. – A rainha e Kasia...

– O que eu quero – disse Alosha – é manter o reino seguro. Você e Marek: vocês só se preocupam com suas próprias tristezas. Você é jovem demais para ter essa quantidade de poder, esse é o problema; você ainda não se libertou das pessoas. Quando tiver visto um século de pessoas morrendo, você vai ser mais sensata.

Eu estava prestes a protestar, mas aquela última frase me silenciou: eu a encarei horrorizada. Talvez fosse bobagem minha, mas não tinha me ocorrido, até aquele instante, que *eu* ia viver como Sarkan, como ela, cem anos, duzentos anos... quando é que as feiticeiras morriam? Eu não ia envelhecer; ia simplesmente *continuar*, sempre igual, enquanto todos ao meu redor definhavam e caíam, como os galhos de uma trepadeira subindo e se afastando cada vez mais.

– Eu não quero ser mais sensata! – falei alto, quebrando o silêncio do cômodo. – Não se *sensatez* significar que vou deixar de amar alguém. O que existe, além das pessoas, que valha a pena manter? – Talvez houvesse um jeito, pensei furiosa, de abrir mão de uma parte dessa vida: talvez eu pudesse dar um pouco à minha família, a Kasia... se eles aceitassem; quem ia querer uma coisa dessas, ao preço de se afastar do mundo, de tirar a si mesmo da *vida*.

– Minha querida criança, você está ficando muito estressada – disse Ballo com delicadeza, fazendo um gesto para me acalmar. Eu o encarei: as rugas fracas e finas no canto de seus olhos, passando todos os seus dias com livros empoeirados, não amando mais nada; ele e Alosha, que falavam com a mesma facilidade sobre colocar pessoas ou livros no fogo. Eu me lembrei de Sarkan em sua torre, arrancando meninas do vale, e de sua frieza quando eu chegara lá, como se ele não conseguisse se lembrar de como era pensar e sentir como uma pessoa normal.

– Uma nação também é feita de pessoas – disse Alosha. – Mais pessoas do que as poucas que você ama. E a Floresta ameaça todas elas.

– Morei a vida toda a onze quilômetros de distância da Floresta – respondi. – Não preciso que me digam o que ela é. Se eu não me preocupasse em impedir a Floresta, teria pegado Kasia e fugido daqui, em

vez de deixá-la para todos vocês a empurrarem como um peão, como se ela não fosse importante!

Ballo fez ruídos murmurados assustados, mas Alosha apenas franziu a testa para mim.

– E você ainda consegue falar em deixar os corrompidos viverem, como se soubesse de alguma coisa – disse Alosha. – A Floresta não é apenas um enclave do mal, esperando para pegar pessoas que são tolas o suficiente para entrar lá, e caso você consiga tirar as pessoas de lá, o mal acaba. Não somos a primeira nação a enfrentar seu poder.

– Você está falando do povo da torre – falei devagar, pensando no rei enterrado.

– Você já viu a tumba, não é? – comentou Alosha. – E a magia que a fez, uma magia que agora está perdida para nós? Isso deveria ser um alerta suficiente para deixá-la mais cuidadosa. Aquelas pessoas não eram fracas nem despreparadas. Mas a Floresta derrubou a torre, lobos e andarilhos as caçaram, e árvores sufocaram todo o vale. Um ou dois de seus feiticeiros mais fracos fugiram para o norte e levaram alguns livros e histórias. O resto? – Ela apontou para o livro. – Contorcidos em pesadelos, criaturas para caçar sua própria raça. Isso foi tudo que a Floresta deixou daquele povo. Tem uma coisa pior do que monstros naquele lugar: algo que produz monstros.

– Eu sei disso melhor do que você! – falei. Minhas mãos ainda estavam coçando, e o livro estava parado ali sobre a mesa, malévolo. Eu não conseguia parar de pensar naquela presença pesada e monstruosa me olhando através do rosto de Kasia, de Jerzy, da sensação de ser caçada sob os galhos.

– É mesmo? – disse Alosha. – Me fale, se eu dissesse para desenraizar todas as pessoas que moram no seu vale, para mudá-las para outro lugar do reino e abandonar tudo aquilo para a Floresta, salvá-los e deixar tudo de lado; você faria isso? – Eu a encarei. – Por que vocês ainda não saíram de lá, falando nisso? – acrescentou. – Por que vocês continuam vivendo ali, naquela sombra? Existem lugares em Polnya que não são assombrados pelo mal.

Procurei uma resposta que eu não sabia como dar. A ideia era simplesmente estranha. Kasia tinha pensado em ir embora, porque tinha que ir; eu nunca imaginei. Eu amava Dvernik, os bosques profundos e agradáveis ao redor da minha casa, o Veio correndo brilhante e comprido sob o sol. Eu amava o contorno das montanhas ao redor, uma parede protetora. Havia uma paz profunda na nossa vila, no nosso vale; não era apenas a mão suave do Dragão nas rédeas. Era um lar.

– Um lar onde uma coisa disforme pode sair do bosque à noite e roubar suas crianças – continuou Alosha. – Mesmo antes de a Floresta se erguer totalmente de novo, aquele vale estava infestado de corrupção; existem histórias antigas sobre os Pântanos Amarelos que falam em ver andarilhos do outro lado das passagens da montanha, antes mesmo de abrirmos caminho sobre as montanhas e começarmos a cortar as árvores. Mas os homens ainda buscavam aquele vale e ficavam ali e tentavam viver ali.

– Você acha que somos *todos* corrompidos? – perguntei horrorizada: talvez ela preferisse queimar o vale, e todos nós ali dentro, se pudesse.

– Não corrompidos – disse ela. – *Enganados.* Me diga, para onde vai o rio?

– O Veio?

– Exato – respondeu ela. – Rios fluem para o mar, para lagos ou pântanos, não para florestas. Para onde vai esse aí? Ele é alimentado todo ano pela neve de mil montanhas. Ele não afunda simplesmente na terra. *Pense* – acrescentou ela com uma isca –, em vez de continuar desejando as coisas cegamente. Tem algum poder no fundo do seu vale, uma estranheza além da magia mortal que atrai os homens, planta raízes neles... e não só homens. O que quer que viva na Floresta, que espalha essa corrupção, nasceu ali e bebe desse poder como de uma taça. Isso matou o povo da torre, depois repousou durante mil anos porque ninguém era tolo o suficiente para perturbá-lo. E aí nós surgimos, com nossos exércitos, machados e magia, e achamos que *desta* vez podemos vencer.

Ela balançou a cabeça.

– Já foi ruim demais termos entrado lá – disse ela. – Pior ainda continuar pressionando, cortando árvores, até despertarmos a Floresta de novo.

Agora, quem sabe onde isso vai terminar? Fiquei feliz quando Sarkan foi controlá-la, mas agora ele está se comportando como um tolo.

– Sarkan não é tolo, e eu também não. – Eu estava com raiva e, mais do que isso, com medo; o que ela estava dizendo parecia verdadeiro demais. A saudade de casa parecia a dor da fome, como se algo em mim estivesse vazio. Sentia essa saudade todos os dias desde que atravessamos o vale, passando por cima das montanhas. Raízes... sim. Havia raízes no meu coração, tão profundas quanto qualquer corrupção. Pensei em Maria Olshankina, em Jaga, minhas irmãs na estranha magia que ninguém mais parecia entender, e percebi, de repente, por que o Dragão capturava uma menina no vale. Percebi por que ele pegava uma, e por que ela ia embora depois de dez anos.

Nós éramos do vale. Nascidas no vale, em famílias plantadas muito profundamente para saírem dali mesmo sabendo que suas filhas podiam ser capturadas; criados no vale, bebendo do poder que também alimentava a Floresta. Eu me lembrei de repente da pintura, daquela pintura estranha no meu quarto, mostrando a linha do Veio e todos os seus afluentes em prateado, e do impulso que me fez cobri-la. Éramos um canal. Ele nos usava para alcançar o poder do vale e mantinha cada menina na torre até suas raízes terem definhado e o canal ter se fechado. E então... ela não sentia mais o laço com o vale. Ela podia ir embora e o fazia, fugindo da Floresta como qualquer pessoa sensata faria.

Agora eu queria falar com Sarkan mais do que nunca, gritar com ele; eu o queria na minha frente para poder sacudi-lo pelos ombros magros. Em vez disso, gritei com Alosha.

– Talvez não devêssemos ter entrado, mas é tarde demais para isso, agora. A Floresta não vai nos deixar ir embora, mesmo que pudéssemos. Ela não quer nos afastar, ela quer nos devorar. Quer devorar tudo, para que ninguém jamais volte. Precisamos *pará-la,* não fugir.

– A Floresta não será derrotada apenas pela força da nossa vontade.

– Isso não é motivo para não tentar quando tivermos a chance! Já destruímos três árvores-essência com a *Invocação* e o feitiço de expurgo, e

podemos destruir mais. Se ao menos o rei nos desse soldados, Sarkan e eu poderíamos começar a queimar a coisa toda...

– Do que você está falando, criança? – indagou Ballo, perplexo, interrompendo. – Você quer dizer a *Invocação de Luthe*? Ninguém invoca esse feitiço há cinquenta anos...

– Muito bem – disse Alosha, me observando por baixo das sobrancelhas escuras. – Me diga exatamente como vocês andaram destruindo essas árvores, e desde o começo; não devíamos ter confiado em Solya para nos contar isso direito.

Hesitante, contei a eles sobre a primeira vez em que tínhamos lançado a *Invocação,* sobre a extensão comprida daquela luz brilhante se estendendo até Kasia, sobre a Floresta atacando-a e tentando puxá-la de volta; sobre aqueles momentos finais terríveis com os dedos de Kasia ao redor da minha garganta, soltando um por um, sabendo que eu teria que matá-la para salvá-la. Contei a eles sobre Jerzy também; e sobre a estranha Floresta interna que a *Invocação* tinha nos mostrado, onde ambos tinham vagado perdidos.

Ballo pareceu angustiado durante toda a história, oscilando entre a resistência e a descrença involuntária, de vez em quando falando, baixinho:

– Mas eu nunca ouvi dizer... A *Invocação* nunca foi registrada...

Só para deixar a voz morrer de novo quando Alosha fazia gestos impacientes para silenciá-lo.

– Bem – disse ela, quando terminei –, admito que você e Sarkan fizeram *alguma coisa.* Vocês não são totalmente tolos. – Ela ainda estava segurando a adaga e batia com a ponta da lâmina na borda de pedra da mesa, tum, tum, tum, um barulho parecido com o de um pequeno sino. – Isso não significa que valia a pena salvar a rainha. Depois de vinte anos vagando nesse lugar de sombra que você viu, o que vocês esperavam que restasse dela?

– Não esperávamos – falei. – Sarkan não esperava. Mas eu tive que...

– Porque Marek disse que, caso contrário, ia sacrificar a sua amiga – terminou Alosha por mim. – Maldito.

Eu não sentia que devia alguma coisa a Marek, mas falei com sinceridade:

– Se fosse a minha mãe... eu também tentaria qualquer coisa.

– E você estaria se comportando como uma criança, e não como um príncipe. Ele e Solya. – Ela virou para Ballo. – Devíamos ter imaginado, quando eles se ofereceram para ir atrás da menina que Sarkan tirou da Floresta. – Ela olhou para mim com amargura. – Eu estava ocupada demais me preocupando com o fato de que a Floresta finalmente tinha colocado suas garras em Sarkan. Tudo que eu queria era sacrificá-la rapidamente, mas a arrastaram de volta para cá para que a analisássemos. E ainda não tenho certeza de que isso foi o melhor a ser feito, no fim das contas.

– Kasia não está corrompida! – falei. – A rainha também não.

– Isso não significa que elas não podem ser transformadas para servir à Floresta.

– Você não pode sacrificá-las só porque uma coisa terrível *pode* acontecer e que nem vai ser culpa delas.

– Não posso discordar dela, Alosha – disse Ballo. – Quando as relíquias já provaram que elas estão expurgadas...

– Claro que podemos, se isso for salvar o reino de ser invadido pela Floresta – disse Alosha com brutalidade, interrompendo nós dois. – Mas isso não significa que eu queira fazer isso; e menos ainda – acrescentou ela para mim – para provocar *você* a fazer alguma idiotice. Estou começando a entender por que Sarkan cedeu tanto às suas vontades.

Ela bateu a lâmina na mesa de novo antes de continuar falando, com uma súbita decisão.

– Gidna.

Pisquei para ela. Eu sabia sobre Gidna, é claro, de um jeito distante e vago; era a maior cidade portuária no oceano, bem ao norte, que trazia óleo de baleia e tecido de lã verde; a esposa do príncipe coroado tinha vindo de lá.

– É longe o suficiente da Floresta, e o oceano é inimigo da corrupção – disse Alosha. – Se o rei mandar as duas para lá... isso pode funcionar. O conde tem uma feiticeira, a Cotovia Branca. Trancamos as duas sob os olhares deles e, depois de dez anos, ou se conseguirmos queimar toda a Floresta, eu paro de me preocupar tanto.

Ballo já estava fazendo que sim com a cabeça. Mas... dez anos! Eu queria gritar, queria recusar. Era como se Kasia estivesse para ser capturada de novo. Apenas alguém com um século de idade jogaria dez anos no lixo com tanta facilidade. Mas hesitei. Alosha também não era tola, e eu percebia que ela não estava errada em se preocupar. Olhei para o bestiário cheio de corrupção. A Floresta tinha nos mandado uma armadilha atrás da outra, repetidas vezes. Tinha enviado uma quimera para os Pântanos Amarelos e lobos brancos para Dvernik, tentando capturar o Dragão. Tinha levado Kasia, para me seduzir a entrar. E, quando descobri um jeito de libertá-la, a Floresta ainda tentou usar Kasia para corromper a mim e o Dragão, e quando isso não funcionou, ela a deixou viver, para nos atrair de novo para suas mãos. Tínhamos encontrado a saída para essa armadilha, mas e se houvesse outra, um jeito de a Floresta conseguir transformar nossa vitória em derrota outra vez?

Eu não sabia o que fazer. Se eu concordasse, se eu seguisse Alosha... será que o rei daria ouvidos a ela? Se eu escrevesse para Sarkan, e ele respondesse concordando? Mordi o lábio enquanto ela erguia uma sobrancelha fria para mim, esperando minha resposta. Em seguida, ela desviou o olhar: as portas do Charovnikov estavam abertas. O Falcão estava parado na moldura da porta, seu roupão puro como a neve captando a luz, uma figura branca emoldurada na abertura escura. Seus olhos se estreitaram quando ele nos viu, os três em pé juntos; e ele produziu um de seus sorrisos.

– Estou vendo que vocês andaram ocupados aqui – disse ele com leveza. – Mas, nesse meio-tempo, tivemos mudanças. Talvez vocês queiram descer para o julgamento.

Capítulo 21

Do lado de fora do Charovnikov, o barulho da festa enchia os corredores vazios. A música tinha parado, mas um mar de vozes rugia ao longe, como ondas, cada vez mais altas conforme o Palácio nos conduzia até o salão de baile oficial. Os lacaios abriram apressadamente as portas que davam na escadaria que levava a uma ampla pista de dança. O embaixador, em seu casaco branco, estava sentado numa poltrona ao lado do trono do rei, num tablado alto com vista para a pista; o príncipe Sigmund e sua esposa estavam do outro lado dele. O rei estava sentado com as mãos repousadas sobre os braços de sua poltrona com garras de leão, o rosto salpicado de raiva.

No meio da pista, diante dele, Marek tinha aberto um círculo largo, seis fileiras de dançarinos chocados o encaravam entusiasmados, as damas em suas saias rodadas eram como flores espalhadas sobre um círculo. No centro desse círculo estava a rainha, seu rosto era pálido e ela usava uma túnica de prisioneiro, Kasia estava segurando seu braço; Kasia olhou ao redor e me viu com alívio no rosto, mas eu não podia chegar nem perto dela. A multidão estava lotando as escadas, ficando até pendurada sobre a beira do mezanino para assistir.

O secretário da realeza estava quase agachado na frente de Marek, falando com a voz trêmula, segurando um livro de leis pesado diante de si como se pudesse fazer um escudo. Eu não podia culpá-lo por sentir medo. Marek estava a menos de dois passos dele como a imagem saída de uma canção: numa armadura de aço polido reluzente, segurando uma espada que poderia cortar um boi, e um capacete embaixo do braço. Ele estava diante do secretário como uma figura de justiça vingativa, cintilando com violência.

– Em casos... em casos de corrupção – gaguejou o secretário –, o direito de julgamento por combate não é... é expressamente revogado, pela lei de Boguslav, o... – Ele recuou com um som abafado. Marek tinha sacado a espada, que estava a poucos centímetros do rosto do secretário.

Marek continuou o movimento, balançou a espada por todo o salão, virando: a multidão ofegante recuou de onde estava.

– A rainha de Polnya tem direito a um paladino! – gritou ele. – Que algum mago se apresente e mostre algum sinal de corrupção nela! Você aí, Falcão – disse ele, girando e apontando para o alto da escada, e os olhos de toda a corte viraram na nossa direção –, lance um feitiço sobre ela agora! Deixe a corte toda assistir e ver se existe algum ponto nela... – A corte toda emitiu um suspiro que aumentou e diminuiu, em êxtase: arquiduques e criadas em uníssono.

Acho que foi por isso que o rei não parou a cena imediatamente. A multidão na escada se afastou para abrir caminho para nós, e o Falcão desceu, as mangas compridas arrastando na escada, e ao chegar à pista, fez uma reverência elegante para o rei. Ele obviamente tinha se preparado para este momento: estava com uma sacola grande, cheia de alguma coisa pesada; dobrou o dedo e trouxe quatro luzes enfeitiçadas do teto para ficarem ao redor da rainha. Em seguida, ele abriu a sacola e jogou uma onda de areia azul no ar sobre a cabeça dela, falando baixinho.

Não consegui ouvir o encantamento, mas uma luz branca e quente saiu estalando de seus dedos e percorreu a areia que caía. Senti um cheiro de vidro derretido, e filetes finos de fumaça escaparam: a areia se dissolveu completamente enquanto caía, e uma distorção levemente azul se formou no ar, parecia que eu via a rainha e Kasia através de um grosso painel de vidro com espelhos ao redor das duas. As luzes enfeitiçadas brilhavam flamejantes através da distorção, ficando mais fortes conforme atravessavam. Dava para ver os ossos da mão de Kasia através da carne, onde se apoiava no ombro da rainha, e o contorno fraco de seu crânio e seus dentes.

Marek estendeu a mão e tocou na mão da rainha, conduzindo-a ao redor do salão, era uma exibição. Os nobres não tinham visto o julgamento do arcebispo, o véu de Jadwiga. Eles encararam entusiasmados a rainha em

seu vestido branco, seus vasos sanguíneos como traços fracos e brilhantes dentro dela, tudo cintilando; seus olhos eram luzes e seus lábios entreabertos sopravam uma bruma reluzente: nenhuma sombra, nenhuma mancha de escuridão. A corte estava murmurando antes mesmo de a luz desbotar aos poucos.

O vidro se estilhaçou e caiu numa chuva com barulho de sinos, se dissolvendo de novo em filetes azuis de fumaça quando chegava ao chão.

– Deixe ela ser mais examinada – gritou Marek por sobre o ruído crescente de conversa, quase reluzindo de tanta certeza em estar fazendo a coisa certa. – Chame qualquer testemunha: deixe a Salgueiro se aproximar, e o arcebispo...

O salão era quase todo de Marek naquele momento; até eu conseguia ver mil rumores de assassinato surgindo caso o rei não concordasse com o príncipe, se ele ordenasse que a rainha fosse levada e posteriormente sacrificada. O rei também viu isso. Ele olhou ao redor para todos os cortesãos e fez um movimento brusco, curto e rígido levando o queixo até o peito; e se recostou no trono. Marek tinha conseguido forçar a mão do rei até aqui, mesmo sem feitiçaria: se o rei queria convocar um julgamento ou não, o julgamento tinha começado de fato.

Mas eu já tinha visto o rei três vezes. Eu o teria chamado... não exatamente de agradável; havia rugas profundas demais em seu rosto franzido para imaginar que ele era gentil ou delicado. Mas, se me pedissem para descrevê-lo com uma palavra, eu teria dito *preocupado.* Agora eu teria que dizer *irritado,* frio como uma tempestade de inverno, e ele ainda era a pessoa que teria que dar o veredito no fim.

Eu queria correr e interromper o julgamento, dizer a Marek para desistir, mas era tarde demais. A Salgueiro já tinha se apresentado para testemunhar, reta como uma vara, usando um vestido prateado.

– Não encontrei nenhuma corrupção, mas não posso jurar que ela não existe – disse com frieza, falando diretamente para o rei e ignorando o maxilar travado de Marek e o fato de ele estar passando a mão sobre o punho da espada. – A rainha não é ela mesma. Ela não disse uma palavra e não demonstra nenhum sinal de reconhecer as pessoas. Sua carne está

totalmente modificada. Não restou nada de seus tendões e ossos mortais. E, apesar de a carne poder ser transformada em pedra ou metal sem carregar corrupção, essa mudança certamente foi realizada por um agente corrompido.

– Apesar disso, se sua carne alterada *carregasse* corrupção – interrompeu o Falcão –, você não conseguiria vê-la através do meu feitiço?

A Salgueiro nem virou a cabeça para responder; ele evidentemente tinha falado fora de hora. Ela apenas inclinou a cabeça para o rei, que fez que sim com a cabeça uma vez e moveu os dedos num gesto suave para dispensá-la.

O arcebispo foi tão ambíguo quanto ela. Ele simplesmente disse que tinha testado a rainha com todas as relíquias sagradas da catedral, não que ela não estava corrompida. Nenhum dos dois queria que depois alguém provasse que eles estavam errados, imagino.

Apenas algumas outras testemunhas se apresentaram para falar a favor da rainha, médicos que Marek tinha chamado para avaliá-la. Nenhum deles falou de Kasia. Ela nem era algo secundário para eles, mas ia morrer ou viver de acordo com as palavras daquelas pessoas. E a rainha continuava em pé, em silêncio e inerte ao lado dela. O brilho agora tinha desbotado e a deixado com o rosto pálido, vazio, para toda a corte ver.

Olhei para Alosha, em pé ao meu lado, e Ballo do outro lado dela. Eu sabia que, quando chegasse a vez deles, eles seriam firmes e contariam ao rei sobre aquele bestiário abominável, pousado lá no Charovnikov num círculo grosso de sal e ferro com todos os feitiços de proteção que eles conseguiram lançar e guardas observando-o de perto. Alosha diria que não se devia arriscar; ela diria ao rei que havia riscos demais para o reino. E depois, se quisesse, o rei poderia se levantar e dizer que as leis contra a corrupção eram absolutas; ele assumiria um rosto pesaroso e mandaria a rainha para a morte, e Kasia junto com ela. E, olhando para ele, achei que faria isso. Ele ia fazer isso.

Ele tinha afundado na grande poltrona esculpida, como se precisasse de apoio para o peso do próprio corpo, e sua mão cobria a boca sem sorriso. A decisão estava caindo sobre ele como a neve, a neve que ia se acumular cada vez mais. O resto das testemunhas ia falar, mas ele não ia escutá-las.

Ele já tinha decidido. Vi a morte de Kasia no rosto pesado e desgostoso dele e olhei desesperada pelo salão para capturar o olhar do Falcão. Ao lado dele, Marek estava em pé, tão tenso quanto seu punho segurando a espada.

Solya olhou para mim e apenas abriu as mãos sutilmente, como se dissesse "Fiz tudo que eu pude". Ele se inclinou e murmurou alguma coisa para Marek e, quando o último médico se afastou, o príncipe disse:

– Deixe Agnieszka de Dvernik ser chamada para dizer como a rainha foi libertada.

Era isso que eu queria, no fim das contas; esse era o motivo para eu ter vindo e ter lutado para colocar meu nome na lista. Todo mundo estava me olhando, até o rei com suas sobrancelhas baixas. Mas eu ainda não sabia o que dizer. O que importaria para o rei, para essas pessoas da corte, se eu dissesse que a rainha não estava corrompida? Eles certamente não se importariam com o que eu dissesse de Kasia.

Talvez Solya pudesse tentar lançar a *Invocação* comigo, se eu lhe pedisse. Pensei em fazer isso, imaginei aquela luz branca mostrando a verdade para toda a corte. Mas... a rainha já tinha sido testada sob o véu de Jadwiga. A corte a tinha visto sob o olhar do Falcão. O rei sabia que ela não estava corrompida. Não era uma questão relacionada à verdade. A corte não queria a verdade, o rei não queria a verdade. Qualquer verdade que eu desse a eles poderia ser ignorada com a mesma facilidade que o resto. Não ia mudar o que eles pensavam.

Mas eu ia dar a eles algo totalmente diferente. Eu poderia lhes dar o que eles realmente queriam. E aí eu percebi o que era, no fim das contas. Eles queriam saber. Queriam ver como tinha sido. Queriam se sentir parte daquilo, parte do resgate da rainha; queriam viver numa canção. Essa não era a verdade, nem nada parecido, mas poderia convencê-los a poupar a vida de Kasia.

Fechei os olhos e me lembrei do feitiço de ilusão: *Mais fácil do que exércitos de verdade,* dissera Sarkan, e conforme comecei a sussurrar o feitiço, percebi que ele estava certo. Erguer toda aquela árvore-coração monstruosa não era mais difícil do que fazer uma única flor, e a árvore saiu do chão de mármore com uma facilidade terrível. Kasia inspirou fundo; uma mulher gritou;

houve o barulho de uma cadeira caindo em algum lugar do salão. Abafei o ruído. Deixei o encantamento sair cantarolado da minha língua enquanto lançava a magia e o medo tenso e enjoativo que nunca saía do fundo do meu estômago. A árvore-coração continuou crescendo, espalhando os grandes galhos prateados pelo salão, o teto sumindo e se transformando em folhas prateadas farfalhantes e no fedor terrível das frutas. Meu estômago se revirou, e a cabeça de Janos veio rolando pela grama diante dos meus pés e bateu nas raízes que se espalhavam.

Todos gritaram e recuaram até as paredes, mas, mesmo enquanto faziam isso, eles estavam desbotando, desaparecendo. As paredes ao nosso redor também tinham desaparecido, virando floresta e barulho de aço sendo golpeado. Marek virou subitamente alarmado e surpreso, levantando a espada: o louva-a-deus prateado estava lá, se lançando para cima dele. Quando suas garras atingiram os ombros dele, arranharam o aço da armadura brilhante. Cadáveres estavam olhando para cima no gramado aos seus pés.

Uma névoa de fumaça estava se movimentando diante dos meus olhos, o crepitar súbito do fogo. Virei na direção do tronco, e Sarkan também estava lá, preso na árvore com casca prateada que tentava devorá-lo, dizendo "Agora, Agnieszka", enquanto o coração-de-fogo reluzia vermelho entre seus dedos. Por instinto, estendi a mão na direção dele, me lembrando do medo e da angústia, e por um instante, por um breve instante, ele não era uma ilusão, não era apenas ilusão. Ele franziu a testa para mim, surpreso; seus olhos diziam "O que você está fazendo, sua idiota?" e era ele, de algum jeito; ele de verdade, e o fogo de expurgo ferveu entre nós, e ele sumiu; ele era apenas uma ilusão de novo, e em chamas.

Coloquei as mãos no tronco da árvore enquanto a casca se curvava e se abria como a pele de um tomate maduro demais. Kasia estava ao meu lado, real; o tronco estava se abrindo sob suas mãos que golpeavam. Ela estava abrindo a madeira do tronco, e a rainha saiu cambaleando de dentro, suas mãos se estendendo para encontrar as nossas, procurando ajuda, o rosto subitamente vivo e cheio de pavor. Nós a pegamos e a puxamos para fora. Ouvi o Falcão gritar um feitiço de fogo, e aí percebi que ele estava

invocando um fogo *de verdade* e que não estávamos de fato na Floresta. Estávamos no castelo do rei...

Assim que me permiti entender isso, o feitiço de ilusão escapou de mim. A árvore queimou e sumiu no ar; o fogo nas raízes varreu o tronco e levou todo o resto da Floresta consigo. Os cadáveres afundaram no chão, uma última olhada de relance em seus rostos, todos os seus rostos, antes de o piso de mármore branco se fechar sobre eles. Eu os observei com lágrimas escorrendo pelo rosto. Eu não sabia que me lembrava tão bem dos soldados para criar tantos deles. E então as últimas sombras-folhas sumiram, e estávamos no palácio de novo, diante do trono, com o rei em pé, chocado, sobre o tablado.

O Falcão girou olhando ao redor, ofegante, o fogo ainda crepitando nas suas mãos e se agitando pelo piso de mármore; Marek também golpeou para trás, atacando um inimigo que não estava mais ali. Sua espada estava sem manchas de novo, sua armadura brilhante e sem marcas. A rainha estava parada no meio do piso, tremendo, os olhos arregalados. Toda a corte estava pressionada contra as paredes e uns nos outros, o mais distante possível de nós e do centro do salão. E eu, eu caí de joelhos, tremendo, os braços envolvendo o estômago, me sentindo enjoada. Eu nunca mais queria voltar lá, entrar na Floresta.

Marek se recuperou primeiro. Ele deu um passo em direção ao trono, o peito ainda ofegando.

– Foi dali que nós a arrancamos! – gritou ele para o pai. – Esse é o mal que tivemos que encarar para tirá-la de lá, esse foi o preço que pagamos para salvá-la! É a esse mal que você serve, se... não vou deixar isso acontecer! Vou...

– Basta! – rugiu o rei, pálido sob a barba.

O rosto de Marek estava vermelho e lustroso de violência, de desejo pela batalha. Ele ainda estava segurando a espada. Ele deu um passo em direção ao trono. Os olhos do rei se arregalaram; uma raiva vermelha corou seu rosto, e ele chamou os guardas; havia seis deles ao lado do tablado.

– Não! – gritou de repente a rainha Hanna.

Marek girou para olhar para ela. A rainha deu um passo desajeitado para a frente, os pés se arrastando como se ela precisasse fazer um esforço para movê-los. Marek a estava encarando. Ela deu mais um passo e pegou o braço dele.

– Não – repetiu a rainha. Ela puxou o braço dele para baixo, enquanto ele tentava mantê-lo erguido. Ele resistiu, mas ela tinha virado os olhos para ele, e o rosto do príncipe de repente era o de um menino, olhando para ela. – Você me salvou.... Marechek. Você já me salvou.

O braço dele caiu, e ainda agarrada a ele, ela virou devagar para o rei. Ele a estava encarando. O rosto dela estava pálido e lindo, emoldurado por uma nuvem de cabelos curtos.

– Eu queria morrer – disse ela. – Eu queria muito morrer. – Ela deu mais um passo arrastado e se ajoelhou nos degraus largos do tablado, puxando Marek consigo; ele inclinou a cabeça, encarando o chão. Mas ela continuou olhando para cima. – Perdoe Marek – disse ela ao rei. – Eu conheço a lei. Estou preparada para morrer. – Sua mão segurava com força quando Marek tentou puxá-la. – Sou a rainha de Polnya! – disse ela bem alto. – Estou preparada para morrer pelo meu país. Mas não como traidora. Não sou uma traidora, Kasimir – disse ela, estendendo o outro braço. – Ele me levou. Ele me levou!

Um murmúrio se iniciou por todo o salão, se erguendo tão rápido quanto um rio numa enchente. Levantei a cabeça, cansada, e olhei ao redor, sem entender. Quando passei os olhos por Alosha, o rosto dela estava se fechando. A voz da rainha estava tremendo, mas era alta o suficiente para se erguer acima do barulho.

– Que eu seja sacrificada por corrupção – disse ela. – Mas que o Deus altíssimo seja minha testemunha! Eu não abandonei meu marido e meus filhos. O traidor Vasily me pegou no pátio com seus soldados e me carregou para a Floresta, e ele mesmo me amarrou à árvore.

Capítulo 22

– Eu avisei – disse Alosha, sem tirar os olhos de suas pancadas ecoantes e firmes dos golpes de martelo. Abracei meus joelhos no canto de sua forja, pouco além do círculo queimado de chão onde caíam as faíscas, e não disse nada. Eu não tinha uma resposta; ela *havia* me avisado.

Ninguém se importava que o príncipe Vasily estivesse corrompido, para fazer uma coisa tão louca; ninguém se importava que ele havia morrido na Floresta, um cadáver solitário alimentando as raízes da árvore-coração. Ninguém se importava que era culpa do bestiário. O príncipe Vasily tinha sequestrado a rainha e a entregado à Floresta. Todos estavam com tanta raiva quanto se ele tivesse feito isso ontem e, em vez de marchar para a Floresta, eles queriam marchar até Rosya.

Eu já tinha tentado falar com Marek: uma perda de tempo. Nem duas horas depois de a rainha ter sido perdoada, ele estava no pátio do alojamento exercitando cavalos, já escolhendo quais ele levaria para a frente de batalha.

– Você vai conosco – disse ele como se fosse inquestionável, sem tirar os olhos das patas brilhantes enquanto ele fazia um cavalo baio alto trotar em círculos ao seu redor, uma das mãos na rédea e a outra no chicote comprido. – Solya disse que você pode duplicar a força dos feitiços dele, talvez até mais.

– Não! Não vou ajudar você a matar o povo de Rosya! É contra a Floresta que precisamos lutar, não contra eles.

– E faremos isso – disse Marek sem muita preocupação. – Depois de tomarmos a margem leste do Rydva, vamos invadir pelo sul, pela parte deles das Montanhas Jaral, e cercar a Floresta pelos dois lados. Muito bem, vamos levar este – disse ele para o cavalariço, jogando a rédea para o rapaz;

ele pegou a ponta pendurada do chicote com um movimento experiente do pulso e virou para mim. – Escute, Nieshka... – Olhei furiosa para ele, sem falar nada; como ele tinha coragem de me chamar pelo apelido? Mas ele apenas colocou o braço sobre os meus ombros e seguiu em frente. – Se levarmos metade do exército para o sul, até o seu vale, eles vão invadir por cima do Rydva enquanto estivermos de costas e vão saquear Kralia. Provavelmente foi por isso que eles se associaram à Floresta desde o início. Eles querem que façamos exatamente isso. A Floresta não tem um exército. Ela vai ficar onde está até termos lidado com Rosya.

– Ninguém jamais se associaria à Floresta!

Ele deu de ombros.

– Se eles não tiverem se associado, mesmo assim eles a usaram deliberadamente contra nós. Que consolo você acha que minha mãe tem? Mesmo com aquele cachorro do Vasily tendo morrido depois de tê-la entregado àquele inferno sem fim? E mesmo que ele *estivesse* corrompido antes, você deve entender que isso não importa. Rosya não terá escrúpulos de se aproveitar da abertura se virarmos para o sul. Não podemos atacar a Floresta antes de proteger o nosso flanco. Pare de ser tão imediatista.

Eu me afastei da mão dele e da sua condescendência.

– Não sou *eu* que estou sendo imediatista – falei para Kasia, fumegando, enquanto nos apressávamos em atravessar o pátio para procurar Alosha na sua forja.

Mas Alosha apenas disse "Eu avisei", com desalento.

– O poder da Floresta não é uma criatura cega com ódio; ela pode pensar, planejar e trabalhar em prol de seus próprios fins. Ela consegue ver dentro do coração dos homens e envenená-los. – Alosha pegou a espada da bigorna e a mergulhou na água fria; o vapor subiu em sopros enormes como o hálito de uma criatura monstruosa. – Mesmo sem corrupção, é possível pensar que existe outra coisa sendo tramada.

Sentada ao meu lado, Kasia levantou a cabeça.

– Eu... eu posso fazer parte de outro plano? – perguntou ela, triste.

Alosha parou e olhou de relance para ela. Eu me vi prendendo a respiração, em silêncio; e Alosha deu de ombros.

– Isso não é ruim o suficiente? Você foi libertada, depois a rainha foi libertada, e agora as cidades de Polnya e Rosya estão prestes a pegar fogo? Não podemos dispor dos homens que eles estão mandando para a frente de batalha. Se pudéssemos, eles já estariam lá. O rei está deixando o reino desguardado, e Rosya terá que fazer a mesma coisa para se equiparar a nós. Não importa quem vença, será uma colheita ruim este ano para todos nós.

– E é isso que a Floresta queria, o tempo todo – disse Kasia.

– Uma das coisas que ela queria – corrigiu Alosha. – Não tenho dúvida de que ela teria devorado Agnieszka e Sarkan com prazer se tivesse a chance, depois poderia ter devorado o resto do vale da noite para o dia. Mas uma árvore não é uma mulher; ela não tem apenas uma semente de cada vez. Ela espalha o máximo possível delas e espera que algumas cresçam. Aquele livro foi uma; a rainha foi uma. Ela deveria ter sido mandada embora de imediato, e você com ela. – Ela virou de novo para a forja. – Agora é tarde demais para corrigir isso.

– Talvez devêssemos ir direto para casa – falei para Kasia e tentei ignorar a saudade que crescia em mim como uma inflamação só de pensar, aquele impulso involuntário. Eu queria acreditar em mim e disse: – Não tem mais nada para fazer aqui. Vamos para casa, podemos ajudar a queimar a Floresta. Podemos reunir pelo menos uns cem homens no vale...

– Cem homens – disse Alosha para a bigorna, com um riso de deboche. – Você, Sarkan e cem homens podem causar algum dano, não tenho dúvida, mas vocês vão pagar por cada centímetro de solo que conseguirem. Enquanto isso, a Floresta terá vinte mil homens se matando nas margens do Rydva.

– A Floresta vai ter isso de qualquer maneira! *Você* não pode fazer nada?

– Estou fazendo – disse Alosha e colocou a espada de volta no fogo.

Ela havia feito isso quatro vezes só enquanto estávamos sentadas aqui com ela, algo que eu percebi que não fazia o menor sentido. Eu nunca tinha visto espadas sendo feitas, mas tinha observado o ferreiro trabalhar algumas vezes: todos nós gostávamos de assistir, quando crianças, enquanto ele martelava gadanhas e fingia que estava fazendo espadas; pegávamos varetas e fazíamos batalhas falsas ao redor da forja fumegante. Por isso, eu sabia que

não se forjava uma lâmina várias vezes seguidas, mas Alosha tirou a espada de novo e a colocou de volta na bigorna, e eu percebi que ela estava martelando feitiços no aço: seus lábios se moviam um pouco enquanto ela trabalhava. Era um tipo estranho de magia, porque não se fechava em si mesma; ela estava perseguindo um feitiço suspenso e o deixou pendurado de novo antes de mergulhar a espada mais uma vez na água fria.

A lâmina preta saiu pingando, coberta de água. Tinha uma sensação estranha e faminta. Quando olhei para ela, vi uma queda prolongada numa rachadura seca e profunda na terra, tropeçando em rochas afiadas. Não era como as outras espadas encantadas, as que os soldados de Marek carregavam; essa coisa queria beber a vida.

– Estou forjando esta espada há um século – disse Alosha, segurando-a no ar. Olhei para a feiticeira, satisfeita por tirar meus olhos da coisa. – Depois que Corvídea morreu e Sarkan foi para a torre, eu comecei. Agora tem menos ferro nela do que feitiços. A espada só se lembra da forma que teve um dia e não vai durar mais do que um único golpe, mas isso será o bastante.

Ela a colocou na forja de novo, e nós a observamos no banho de chamas, uma língua comprida de sombras.

– O poder da Floresta – disse Kasia devagar, com os olhos no fogo. – É algo que se pode matar?

– Esta espada pode matar qualquer coisa – disse Alosha, e eu acreditei nela. – Contanto que possamos fazê-la mostrar o pescoço. Mas, para isso vamos precisar de mais do que cem homens.

– Podemos pedir à rainha – disse Kasia de repente. Pisquei para ela. – Sei que existem lordes que juraram fidelidade a ela... Uma dezena deles tentou vir para prestar uma homenagem a ela, enquanto estávamos trancadas juntas, mas a Salgueiro não os deixou entrar. Ela deve ter soldados que poderia nos ceder, em vez de mandá-los para Rosya.

E tínhamos certeza de que pelo menos ela certamente ia querer que a Floresta fosse derrotada. Mesmo que Marek não desse ouvidos a mim ou ao rei ou a ninguém mais na corte, talvez ela desse.

Assim, Kasia e eu fomos vagar do lado de fora da grande câmara do conselho: a rainha estava lá de novo, novamente fazendo parte do conselho de guerra. Os guardas teriam me deixado entrar: agora eles sabiam quem eu era. Eles me observaram com o canto do olho, nervosos e intrigados ao mesmo tempo, como se eu pudesse irromper com mais feitiçaria a qualquer momento, passando algo como furúnculos. Mas eu não queria entrar; não queria ser pega nos argumentos dos Magnatas e dos generais que planejavam qual era o melhor jeito de assassinar dez mil homens e colher a glória enquanto as plantações apodreciam nos campos. Eu não ia me colocar nas mãos deles como mais uma arma.

Por isso, esperamos do lado de fora e encostamos na parede enquanto o conselho saía, uma avalanche de lordes e soldados. Achei que a rainha sairia atrás deles, com serviçais para ajudá-la a andar. Mas não, ela saiu no centro da multidão. Estava usando a tiara, a tiara de Ragostok, aquela em que ele estava trabalhando. O ouro captava a luz, e os rubis brilhavam sobre seus cabelos dourados. Ela também usava seda vermelha, e todas as pessoas da corte se reuniam ao redor dela, como pardais ao redor de um cardeal. Era o rei que vinha atrás do restante, falando baixo com o padre Ballo e dois conselheiros, refletindo sobre a reunião.

Kasia olhou para mim. Teríamos que atravessar a multidão para chegar até ela. Seria insolente, mas poderíamos ter feito isso; Kasia poderia abrir caminho para nós. Mas a rainha parecia tão diferente. A rigidez parecia ter desaparecido, e seu silêncio também. Ela estava fazendo movimentos com a cabeça para os lordes, estava sorrindo; tinha virado um deles novamente, um dos atores se movendo no palco, tão graciosa quanto qualquer outro. Não me mexi. Ela olhou para o lado por um instante, quase na nossa direção. Não tentei capturar seu olhar; em vez disso, segurei o braço de Kasia e a pressionei para se encostar ainda mais na parede comigo. Alguma coisa me prendeu como um rato que ouve o sussurro das asas de uma coruja no alto de sua toca.

Os guardas saíram depois da corte, lançando os últimos olhares para mim; o corredor ficou vazio. Eu estava tremendo.

– Nieshka – disse Kasia. – O que foi?

– Cometi um erro – falei. Eu não sabia exatamente o quê, mas tinha feito alguma coisa errada; senti a certeza pavorosa disso afundando em mim, como assistir a uma moeda caindo num poço profundo. – Cometi um erro.

Kasia me seguiu pelos corredores, as escadas estreitas, quase correndo enquanto voltávamos ao meu pequeno quarto. Ela estava me observando, preocupada, eu fechei a porta e me encostei nela, como uma criança se escondendo.

– Foi a rainha? – indagou Kasia.

Olhei para ela, parada no meio do meu quarto, um dourado como a luz do fogo na pele e no cabelo, e por um instante terrível, ela era uma desconhecida usando o rosto de Kasia: por um instante, eu tinha levado a escuridão para dentro comigo. Eu passei por ela e fui até a mesa. Eu tinha levado alguns galhos de pinheiro para o meu quarto, para tê-los por perto. Peguei um punhado de agulhas e as queimei na lareira e inspirei a fumaça, o aroma amargo penetrante, e sussurrei meu feitiço de limpeza. A estranheza desapareceu. Kasia estava sentada na cama me observando com tristeza. Olhei para ela deprimida: ela tinha visto a desconfiança nos meus olhos.

– Isso não é pior do que eu mesma pensei – disse ela. – Nieshka, eu deveria... talvez a rainha, talvez nós duas *devêssemos*... – Sua voz tremia.

– Não! – falei. – Não.

Mas eu não sabia o que fazer. Sentei diante da lareira, ofegando, com medo, e virei de repente para o fogo, unindo as mãos numa concha, e invoquei a antiga ilusão que eu usava para praticar, a rosa pequena e determinadamente cheia de espinhos, os galhos de trepadeira da roseira subindo desajeitados pelas laterais da proteção da lareira. Devagar, cantando, dei a ela perfume e um punhado de abelhas zumbindo e folhas se curvando nas pontas com joaninhas se escondendo; e fiz Sarkan do outro lado dela. Chamei as mãos dele sob as minhas: os dedos cuidadosos compridos e finos, os calos causados pela pena, o calor irradiando da sua pele; e ele tomou forma na lareira, sentando ao meu lado, e também estávamos sentados na sua biblioteca.

Eu estava cantando meu curto feitiço de ilusão o tempo todo, alimentando um fio prateado constante de magia. Mas não foi como a árvore-coração no dia anterior. Eu estava olhando para o seu rosto, para sua testa franzida, seus olhos escuros mal-humorados, mas não era ele de verdade. Percebi que não era só de uma ilusão que eu precisava, não só da imagem dele ou mesmo de um cheiro ou um som. Não foi por isso que a árvore-coração tinha *ganhado vida,* lá embaixo no salão do trono. Ela havia crescido do meu coração, do medo, da lembrança e da agitação de pavor no meu estômago.

A rosa estava entre as minhas mãos em forma de concha. Olhei para Sarkan do outro lado das pétalas e me permiti sentir suas mãos envolvendo as minhas, os lugares onde as pontas dos dedos mal roçavam na minha pele e onde minha mão se apoiava na dele. Eu me permiti lembrar do calor alarmante da sua boca, da pressão da sua seda e da sua renda entre os nossos corpos, seu corpo inteiro apoiado em mim. E me deixei pensar na minha raiva, em tudo que eu tinha aprendido, nos segredos dele e em tudo que ele tinha escondido; soltei a rosa e segurei as pontas do seu casaco para sacudi-lo, para gritar com ele, para beijá-lo...

E aí ele piscou e olhou para mim, e havia fogo reluzindo em algum lugar atrás dele. Seu rosto estava sujo de fuligem, havia manchas de cinzas no seu cabelo, e seus olhos estavam vermelhos; o fogo na lareira crepitou, e era o estalo distante do fogo nas árvores.

– Então? – ele exigiu saber, rouco e irritado, era ele. – Não podemos fazer isso por muito tempo, seja lá que o você *estiver* fazendo; não posso dividir minha atenção.

Minhas mãos agarraram o tecido: senti os pontos da costura ficando irregulares e manchas de cinzas ardentes nas minhas mãos, cinzas nas minhas narinas, cinzas na minha boca.

– O que está acontecendo?

– A Floresta está tentando tomar Zatochek. Estamos queimando-a todo dia, mas já perdemos um quilômetro de chão. Vladimir mandou todos os soldados que podia dispensar nos Pântanos Amarelos, mas não são suficientes. O rei vai mandar algum homem?

– Não. Ele... eles estão dando início a outra guerra com Rosya. A rainha disse que Vasily de Rosya a entregou à Floresta.

– A rainha falou? – perguntou ele de maneira penetrante, e eu senti o mesmo tremor de medo surgir de novo na minha garganta.

– Mas o Falcão usou um feitiço de visão nela – falei, argumentando tanto comigo mesma quanto com ele. – Eles a testaram com o xale de Jadwiga. Não havia nada nela. Não havia um traço, nenhum deles viu resquícios de sombra...

– A corrupção não é a única ferramenta da Floresta. Uma simples dúvida pode destruir uma pessoa do mesmo jeito. Ela pode ter deixado a rainha sair deliberadamente, destruída para servir a ela, mas incorrupta sob qualquer visão mágica. Ou ela pode ter plantado alguma coisa na rainha ou perto dela. Uma fruta, uma semente...

Ele parou e virou a cabeça, vendo algo que eu não via. E disse de maneira grave:

– Solte! – e puxou sua magia para soltá-la; caí de costas e bati no chão, me chocando com dor. A roseira virou cinzas na lareira e desapareceu, e ele sumiu junto com ela.

Kasia correu para me pegar, mas eu já estava me levantando aos tropeços. *Uma fruta, uma semente.* Suas palavras despertaram o medo em mim.

– O bestiário – falei. – Ballo ia tentar purificá-lo... – Eu ainda estava tonta, mas virei e saí correndo do quarto, a urgência aumentando em mim. Ballo ia contar ao rei sobre o livro. Kasia corria ao meu lado, firmando meus passos trôpegos.

Os gritos nos alcançaram enquanto descíamos correndo a primeira escadaria estreita dos serviçais. *Tarde demais, tarde demais,* meus pés me diziam enquanto batiam na pedra. Não consegui identificar de onde vinham os gritos: estavam distantes e ecoando estranhamente nos corredores do castelo. Corri na direção do Charovnikov, passando por duas criadas atônitas que tinham se encolhido na parede, amassando as toalhas de mesa dobradas nos braços. Kasia e eu viramos para descer a segunda escadaria até o térreo bem quando uma explosão branca de fogo crepitou abaixo, lançando sombras com bordas irregulares nas paredes.

A luz ofuscante desapareceu, e eu vi Solya atravessar voando pela parte inferior da escada, batendo numa parede com um barulho de saco molhado. Descemos tropeçando e o vimos esparramado na parede oposta, imóvel, os olhos abertos e confusos, com sangue escorrendo pelo nariz e pela boca, e cortes rasos ensanguentados atravessados no peito.

A coisa que saiu rastejando do corredor do Charovnikov quase ocupava o espaço todo do chão ao teto. Era mais um conglomerado terrível de partes do que um animal: uma cabeça monstruosa de cachorro, um olho enorme no meio da testa e o focinho cheio de pontas irregulares, com facas no lugar de dentes. Seis pernas muito musculosas com garras de leão saíam de seu corpo inchado, todo protegido por uma armadura de escamas, como uma serpente. Ele rugiu e veio correndo na nossa direção com tanta rapidez que eu quase não consegui me mover. Kasia me segurou e me arrastou de volta escada acima, e a coisa se dobrou e enfiou a cabeça na abertura da escadaria, fazendo ruídos, mordendo e uivando, uma espuma verde borbulhando para fora da boca.

– *Polzhyt!* – gritei, empurrando sua cabeça, e a coisa soltou um grito agudo e recuou para o corredor quando um esguicho de fogo desceu escada abaixo e queimou seu focinho.

Duas flechas pesadas voaram até sua lateral fazendo barulhos sólidos de carne: a coisa se contorceu, resmungando. Atrás dela, Marek jogou uma balestra para o lado; um cavalariço jovem desajeitado e apavorado estava perto dele e tinha tirado uma lança da parede e a segurava, boquiaberto para o monstro; ele mal se lembrou de soltá-la quando Marek a arrancou de suas mãos.

– Vá chamar a guarda! – gritou ele para o garoto, que se encolheu e correu. Marek enfiou a lança na cabeça do monstro.

As portas que davam para uma câmara estavam penduradas de um jeito maluco atrás dele, lajotas brancas e pretas manchadas de sangue e três homens esparramados, mortos, nobres usando roupas rasgadas. O rosto branco e assustado de um velho encarava de baixo da mesa do cômodo: o secretário do palácio. Dois guardas estavam mortos um pouco mais adiante no corredor, como se o monstro tivesse saído do confinamento mais no

fundo do castelo e tivesse esmagado as portas para abri-las e alcançar os homens que estavam lá dentro.

Ou talvez para chegar a um homem específico: ele rosnou para a lança espetada, mas depois desviou o olhar de Marek; o monstro balançou a cabeça, mostrando os dentes, deliberadamente na direção de Solya. Ele ainda estava encarando o teto, os olhos confusos, os dedos arranhando lentamente o piso de pedra como se tentasse encontrar o equilíbrio necessário para se levantar.

Antes que a coisa conseguisse atacar, Kasia passou voando por mim num salto enorme escada abaixo, tropeçando, batendo na parede e se endireitando. Ela pegou outra lança na parede e a enfiou na cara do monstro. A coisa-canina mordeu o punho da lança, depois berrou: Marek tinha enfiado a lança nos seus flancos. Ouvimos o barulho de botas e gritos se aproximando, mais guardas correndo e de repente os sinos da catedral tocaram em alerta; o pajem tinha dado o alarme.

Vi todas essas coisas e podia dizer, depois, que elas haviam acontecido, mas não as senti acontecendo no momento. Só havia o hálito quente e fedorento do monstro subindo pela escada, e sangue, e meu coração aos pulos; e saber que eu tinha que fazer alguma coisa. A criatura uivou e virou para Kasia e Solya, e eu me levantei na escada. Os sinos tocavam e tocavam. Eu os ouvi lá no alto, onde uma janela dava para uma faixa estreita de céu, a bruma clara cinza-perolada de um dia de verão enevoado.

Estendi a mão e gritei: *"Kalmoz!"*. Do lado de fora, as nuvens se espremeram num nó escuro como uma esponja, num aguaceiro que soprou água para dentro, pingando em mim; um raio crepitou pela janela e saltou para as minhas mãos como uma cobra sibilante e luminosa. Eu o segurei, ofuscada, a luz branca e um gemido cantado alto ao meu redor; eu não conseguia respirar. Eu o joguei escada abaixo na direção da fera. Trovões rugiram ao meu redor, e eu voei para trás, caindo de uma vez no patamar, senti dor e percebi uma fumaça e um cheiro amargo forte.

Fiquei deitada de costas, tremendo, com lágrimas escorrendo dos olhos. Minhas mãos estavam ardendo e doloridas, e saía fumaça delas, como uma neblina matinal. Eu não conseguia ouvir nada. Quando meus olhos

clarearam, as duas criadas estavam inclinadas sobre mim, horrorizadas, movendo a boca sem emitir som. As mãos falavam por elas, delicadas, me ajudando a levantar. Cambaleei para ficar de pé. No pé da escada, Marek e três guardas estavam na cabeça no monstro, cutucando-a preocupados. A criatura estava deitada e imóvel, as paredes ao redor do seu corpo tinham um contorno preto queimado.

– Enfie uma lança no olho para garantir – disse Marek, e um dos guardas enfiou a lança profundamente no único olho redondo, já leitoso. O corpo não se mexeu.

Desci a escada mancando, uma das mãos na parede, e afundei tremendo nos degraus perto da cabeça do monstro. Kasia estava ajudando Solya a se levantar; ele levou as costas da mão ao rosto e limpou a confusão de sangue sobre a boca, ofegando e olhando para a criatura no chão.

– Que diabos é essa coisa? – perguntou Marek. Parecia ainda mais artificial morta: membros que não se encaixavam uns nos outros pendurados no corpo, como se uma costureira louca tivesse remendado pedaços de bonecas diferentes.

Eu a encarei de cima, a forma de focinho de cachorro, as pernas soltas espalhadas, o corpo largo de serpente, e uma lembrança se esgueirou lentamente, uma imagem que eu tinha visto no dia anterior, pelo canto do olho, tentando não ler.

– Um *tsoglav* – falei. Eu me levantei de novo, rápido demais, e tive que me segurar na parede. – É um *tsoglav*.

– O quê? – indagou Solya, olhando para mim. – O que é um...

– É do bestiário! – falei. – Temos que encontrar o padre Ballo... – Parei e olhei para a criatura, o único olho fixo nebuloso, e de repente soube que não íamos encontrá-lo. – Temos que encontrar o livro – sussurrei.

Eu estava cambaleando e enjoada. Tropecei e quase caí sobre o monstro tentando chegar ao corredor. Marek pegou meu braço e me apoiou e, com os guardas segurando as lanças em posição de ataque, descemos até o Charovnikov. As imponentes portas de madeira estavam penduradas, destruídas e manchadas de sangue. Marek me apoiou na parede como uma escada trôpega, depois fez um sinal com a cabeça para um dos guardas:

juntos, eles pegaram uma das portas pesadas que estava quebrada e a tiraram do caminho.

A biblioteca estava destruída, candelabros quebrados, mesas viradas e esmagadas, poucas luzes fracas brilhando. As estantes estavam viradas no chão sobre pilhas de livros, estripados. No centro do salão, a mesa de pedra maciça tinha rachado ao meio e desabado. O bestiário estava aberto no centro, em meio à poeira de pedra e aos escombros, uma única luz brilhando sobre as páginas ilesas. Havia três corpos espalhados no chão ao redor, quebrados e descartados, perdidos nas sombras, mas, ao meu lado, Marek ficou profunda e totalmente imóvel; parado.

E aí ele saiu em disparada, gritando:

– Chamem a Salgueiro! Chamem a...

Ele deslizou de joelhos até o corpo mais distante; parou quando o virou e a luz caiu no rosto do homem: no rosto do rei.

O rei estava morto.

Capítulo 23

Havia pessoas gritando por toda parte: guardas, serviçais, ministros, médicos, todos se acumulando ao redor do corpo do rei o mais perto possível que conseguiam chegar. Marek tinha colocado os dois guardas para vigiá-lo e desaparecera. Fui empurrada para a lateral do salão como destroços na maré, meus olhos se fechando enquanto eu me apoiava numa estante. Kasia abriu caminho e veio para o meu lado.

– Nieshka, o que eu devo fazer? – me perguntou ela, me ajudando a sentar num banquinho.

– Vá e traga Alosha – falei, querendo instintivamente alguém que soubesse o que fazer.

Foi um impulso de sorte. Um dos assistentes de Ballo tinha sobrevivido: ele fugira e escalara a chaminé de pedra da grande lareira da biblioteca para escapar. Um guarda notou as marcas de garra na lareira e as cinzas do fogo espalhadas pelo chão, e ele foi encontrado ainda ali em cima, tremendo e horrorizado. Eles o tiraram de lá e lhe deram uma bebida, depois ele se levantou e apontou para mim e soltou:

– Foi ela! Foi ela que o encontrou!

Eu estava tonta e enjoada e ainda tremendo com o trovão. Todos eles começaram a gritar comigo. Tentei falar sobre o livro, como ele tinha estado escondido na biblioteca esse tempo todo; mas eles queriam alguém para culpar mais do que queriam alguém para explicar. O cheiro de agulhas de pinheiro veio até as minhas narinas. Dois guardas me pegaram pelo braço, e acho que eles teriam me arrastado até as masmorras num instante, ou pior, porque alguém disse:

– Ela é uma feiticeira! Se permitirmos que ela recupere suas forças...

Alosha os fez parar: ela entrou no salão e bateu palmas três vezes, cada palma fazendo o barulho de uma tropa inteira de homens com passos pesados. Todos ficaram em silêncio por tempo suficiente para ouvi-la.

– Coloquem-na naquela poltrona e parem de se comportar como tolos. Cuidem de Jakub, em vez disso. Ele estava no meio de tudo. Nenhum de vocês teve a sagacidade de suspeitar que ele também foi tocado pela corrupção?

Ela tinha autoridade: todos a conheciam, especialmente os guardas, que ficaram rígidos e formais como se ela fosse um general. Eles me soltaram e pegaram o pobre Jakub, que protestava; eles o arrastaram até Alosha ainda gritando:

– Mas ela fez isso! O padre Ballo disse que ela encontrou o livro...

– Calado – disse Alosha, sacando a adaga. – Segurem o pulso dele – disse ela a um dos guardas e os fez prender o braço do aprendiz a uma mesa pelo punho, com a palma para cima. Ela murmurou um feitiço sobre o aprendiz e fez um corte no cotovelo dele, depois segurou a lâmina ao lado do corte que sangrava. Ele se contorceu e se debateu, gemendo, e filetes de fumaça saíram vazando junto com o sangue e se elevaram para ser pegos pela lâmina brilhante. Ela girou a adaga devagar, colhendo os filetes como uma linha no carretel até a fumaça parar de sair. Alosha levantou a adaga e olhou para ela com olhos semicerrados, dizendo *"Hulvad elolveta"* e a soprou três vezes: a lâmina se tornou cada vez mais brilhante a cada respiração, ficando quente, e a fumaça queimou com um cheiro de enxofre.

O salão tinha se esvaziado consideravelmente quando ela terminou, e todos os que sobraram tinham recuado para as paredes, exceto os guardas pálidos e infelizes que ainda seguravam o aprendiz.

– Muito bem, façam uns curativos nele. Pare de gritar, Jakub – disse ela. – Eu estava aqui quando ela o encontrou, seu idiota: o livro ficou aqui na nossa biblioteca durante anos, espreitando como uma maçã apodrecendo. Ballo ia expurgá-lo. O que aconteceu?

Jakub não sabia: ele tinha recebido ordens para buscar suprimentos. O rei não estava aqui quando ele saiu; quando ele voltou, carregando mais sal e ervas, o rei e seus guardas estavam em pé perto do pódio com rostos

pálidos, e Ballo estava lendo o livro em voz alta, já se transformando: pernas com garras saindo por baixo do roupão, e mais dois membros surgindo nas laterais, rasgando o caminho, seu rosto ficando comprido e virando um focinho, as palavras ainda saindo mesmo enquanto se deturpavam e sufocavam na sua garganta...

A voz de Jakub ficava mais alta conforme ele falava, até falhar e parar. Suas mãos estavam tremendo.

Alosha colocou mais *nalevka* num copo para ele beber.

– É mais forte do que pensávamos – disse ela. – Temos que queimá-lo imediatamente.

Eu me esforcei para sair do banquinho, mas Alosha balançou a cabeça para mim.

– Você está esgotada. Vá sentar na lareira e fique de olho em mim: não tente fazer nada a menos que você veja que ele está me contaminando.

O livro estava placidamente no chão entre os pedaços estilhaçados da mesa de pedra, iluminado e inocente. Alosha pediu um par de manoplas a um dos guardas e pegou o livro. Ela o levou até a lareira e invocou o fogo: *"Polzhyt, polzhyt mollin, polzhyt talo"*, e continuou a partir daí com um longo encantamento, e as cinzas apagadas na lareira rugiram como a labareda da sua forja. O fogo lambeu as páginas, mas o livro simplesmente ficou pendurado aberto no fogo e as páginas se agitavam como estandartes num vento forte, estalando, imagens de criaturas terríveis tentando captar o olhar, iluminadas com a luz do fogo.

– Para trás! – disse Alosha com rigidez para os guardas: alguns deles estavam prestes a dar um passo para perto, os olhos vagos e presos. Ela refletiu a luz do fogo no rosto deles com a lâmina da adaga, e eles piscaram e recuaram assustados, pálidos e com medo.

Alosha observou com um olhar preocupado até eles se afastarem, depois virou e continuou entoando o feitiço de fogo, repetidas vezes, os braços bem abertos para segurar o fogo. Mas o livro continuava sibilando e cuspindo na lareira como madeira verde molhada, se recusando a pegar fogo; o cheiro fresco de folhas da primavera se esgueirou para o salão, e eu vi as veias do pescoço de Alosha se destacando, a tensão aparecendo no seu rosto. Ela

estava com os olhos fixos no consolo da lareira, mas eles ficavam desviando para baixo, na direção das páginas reluzentes. Todas as vezes ela pressionava o polegar na borda da adaga. O sangue pingava. Ela levantava o olhar de novo.

Sua voz estava ficando rouca. Um punhado de faíscas laranja caiu no carpete e ardeu lentamente. Sentada cansada no banquinho, olhei para elas e, devagar, comecei a cantarolar a antiga canção sobre a faísca na lareira, contando suas longas histórias: *Era uma vez uma princesa dourada, que amava um simples artista; o rei lhes deu um casamento esplêndido, e a história acaba aí! Era uma vez a velha Baba Jaga, casa feita de manteiga; e naquela casa havia tantas maravilhas – tsc! A faísca foi embora, agora.* Foi embora, levando a história consigo. Cantei uma vez baixinho e falei: *"Kikra, kikra"*, depois cantei de novo. As faíscas voadoras começaram a cair nas páginas como chuva, cada uma delas escurecendo um ponto minúsculo antes de se apagar. Elas caíam numa chuva reluzente e, quando caíam em grupos, nuvens finas de fumaça se erguiam.

Alosha diminuiu o ritmo e parou. O fogo finalmente estava pegando. As páginas estavam se curvando pelas bordas, como pequenos animais se aninhando para morrer, com um cheiro de açúcar queimado de seiva no fogo. Kasia pegou meu braço com delicadeza, e nós recuamos para longe do fogo enquanto ele devorava lentamente o livro como alguém que se obrigava a comer um pão velho.

– Como foi que esse bestiário chegou às suas mãos? – berrou um ministro para mim, apoiado por meia dúzia deles. – Por que o rei estava lá? – A câmara do conselho estava cheia de nobres gritando comigo, com Alosha, uns com os outros, com medo, exigindo respostas que não eram para ser obtidas. Metade deles ainda suspeitava que eu tinha colocado uma armadilha para o rei e falava em me jogar nas masmorras; outros decidiram, sem nenhuma evidência, que o trêmulo Jakub era um agente de Rosya que atraíra o rei para a biblioteca e enganara o padre Ballo para ler o livro. Ele começou a chorar e tentar se defender, mas eu não tinha forças para fazer o

mesmo. Minha boca se abriu num bocejo involuntário, o que os deixou ainda mais irritados.

Eu não tinha a intenção de ser desrespeitosa, simplesmente não consegui evitar. Eu não conseguia inspirar ar suficiente. Não conseguia pensar. Minhas mãos ainda estavam ardendo do raio e meu nariz estava cheio de fumaça de papel queimado. Nada disso me parecia real. O rei morto, padre Ballo morto. Eu os tinha visto pouco mais de uma hora antes, saindo da conferência de guerra, inteiros e saudáveis. Eu me lembrava do momento com muita nitidez: a pequena ruga de preocupação na testa do padre Ballo; as botas azuis do rei.

Na biblioteca, Alosha fizera um feitiço de expurgo no corpo do rei, depois os padres o carregaram até a catedral para a vigília, enrolado apressadamente num pano. As botas se destacavam na ponta do pacote.

Os Magnatas continuavam gritando comigo. O fato de que eu *me sentia* culpada também não ajudava. Eu sabia que alguma coisa estava errada. Se ao menos eu tivesse sido mais rápida, se ao menos eu tivesse queimado o livro quando o encontrei pela primeira vez. Coloquei as mãos ardidas no rosto.

Mas Marek estava ao meu lado e, com a autoridade da lança ensanguentada que ainda estava segurando, gritou para os nobres se calarem. Ele bateu com ela na mesa do conselho diante deles.

– Ela assassinou a criatura que poderia ter matado Solya e mais uma dezena de homens. Não temos tempo para esse tipo de idiotice. Vamos marchar pelo Rydva daqui a três dias!

– Não vamos marchar para lugar nenhum sem a palavra do rei! – gritou um dos ministros em resposta, o que teve coragem. Por sorte, ele estava do outro lado da mesa e longe do alcance do braço: mesmo assim, ele se encolheu com Marek se inclinando por sobre a mesa, a mão fechada num punho coberto em cota de malha, a raiva iluminando-o com uma ira de justiceiro.

– Ele não está errado – disse Alosha com rigidez, colocando a mão na frente de Marek e fazendo-o se endireitar para encará-la. – Não é o momento de dar início a uma guerra.

Metade dos Magnatas ao redor da mesa estava rosnando e mostrando as garras para os outros; culpando Rosya, me culpando, até mesmo culpando o pobre padre Ballo. Na ponta, o trono estava vazio. O príncipe coroado Sigmund estava sentado à direita dele. Suas mãos estavam entrelaçadas uma na outra, formando um punho. Ele o encarava sem falar enquanto os gritos continuavam. A rainha estava sentada à esquerda. Ainda estava usando a tiara de ouro de Ragostok em cima do cetim brilhoso e macio de seu vestido preto. Percebi, lentamente, que ela estava lendo uma carta: um mensageiro estava parado ao lado de seu cotovelo, com uma sacola de remessa vazia e um rosto que mostrava dúvida. Ele tinha entrado no salão naquele momento, suponho.

A rainha se levantou.

– Meus lordes. – Cabeças viraram para ela. A rainha mostrou a carta, um pequeno pedaço de papel dobrado; ela havia quebrado o selo vermelho. – Um exército de Rosya foi visto vindo pelo Rydva: estarão aqui pela manhã.

Ninguém falou nada.

– Devemos deixar de lado nosso luto e nossa raiva – disse ela. Eu a encarei: o retrato adequado de uma rainha, orgulhosa, desafiadora, o queixo erguido; sua voz ecoava claramente no salão de pedra. – Não é momento para Polnya demonstrar fraqueza. – Ela virou para o príncipe coroado: seu rosto estava inclinado para cima, na direção dela, do mesmo jeito que o meu, surpreso e aberto como o de uma criança, a boca continha palavras que não saíam. – Sigmund, eles só mandaram quatro companhias. Se você juntar as tropas que já estão reunidas fora da cidade e cavalgar imediatamente, vai ter vantagem numérica.

– Era eu que devia...! – disse Marek, se inflamando para protestar, mas a rainha Hanna levantou a mão, e ele parou.

– O príncipe Marek vai ficar aqui e proteger a capital com a guarda real, reunindo as levas de soldados que estão chegando – disse ela, virando de novo para a corte. – Ele será orientado pelas recomendações do conselho e, espero, pelos meus. Claramente, não há mais nada a ser feito.

O príncipe coroado se levantou.

– Faremos o que a rainha propôs – disse ele.

O rosto de Marek estava ficando roxo de frustração, mas ele soltou a respiração e disse com amargura:

– Muito bem.

Num piscar de olhos, tudo parecia decidido. Os ministros começaram a se ocupar imediatamente, indo em todas as direções, felizes com a ordem restaurada. Não houve um momento para protestar, um momento para sugerir outro curso de ação; não houve uma oportunidade de interromper.

Eu me levantei.

– Não – falei –, esperem –, mas ninguém estava escutando. Busquei os últimos fragmentos da minha magia para aumentar minha voz, para fazê-los voltarem. – *Esperem* – tentei dizer, e o salão ficou preto ao meu redor.

Acordei no meu quarto e sentei num pulo, com todos os pelos do braço arrepiados e a garganta ardendo: Kasia estava sentada ao pé da minha cama, e a Salgueiro estava se afastando de mim com uma expressão tênue de desaprovação no rosto, um frasco de poção na mão. Eu não me lembrava como tinha chegado aqui; olhei pela janela, confusa; o sol tinha se movido.

– Você caiu na sala do conselho – disse Kasia. – Não consegui mexer você.

– Você estava esgotada – disse a Salgueiro. – Não, não tente se levantar. É melhor ficar onde está e não tentar usar magia por pelo menos uma semana. A magia é uma taça que precisa ser reabastecida, não um fluxo infinito.

– Mas a rainha! – soltei. – A Floresta...

– Pode me ignorar se quiser e gastar os últimos fragmentos e morrer, não tenho nada a dizer a esse respeito – disse a Salgueiro com desdém. Eu não sabia como Kasia a tinha convencido a vir me ver, mas, pelo olhar frio que as duas trocaram quando a Salgueiro passou apressada por ela e saiu porta afora, acho que não foi com muita delicadeza.

Cocei os olhos e fiquei deitada ali nos travesseiros. A poção que a Salgueiro me dera provocava um calor agitado e brilhante na minha barriga, como se eu tivesse comido alguma coisa com muita pimenta.

– Alosha me falou para trazer a Salgueiro para ver você – disse Kasia, ainda preocupada, se inclinando sobre mim. – Ela disse que ia impedir o príncipe coroado de partir.

Reuni minhas forças e me levantei, segurando as mãos de Kasia. Os músculos do meu estômago estavam doendo e fracos. Mas eu não podia ficar de cama agora, usando magia ou não. Um peso flutuava no ar do castelo, aquela pressão terrível. A Floresta ainda estava aqui, de algum jeito. A Floresta ainda não tinha terminado.

– Temos que encontrá-la.

Os guardas nos aposentos do príncipe coroado estavam em nível alto de alerta; eles quiseram nos barrar, mas eu gritei "Alosha!" e, quando ela colocou a cabeça para fora e falou com eles, os guardas nos deixaram entrar na preparação confusa que estava acontecendo. O príncipe coroado ainda não estava com a armadura completa, mas já estava usando proteção nas pernas e uma camisa de cota de malha, e estava com a mão no ombro do filho. Sua esposa, a princesa Malgorzhata, estava ao lado dele com a filhinha nos braços. O menino tinha uma espada, uma espada de verdade, com ponta, pequena o suficiente para ele segurar. Ele não tinha nem sete anos. Eu teria apostado dinheiro que uma criança tão pequena cortaria o dedo (o dele ou o de outra pessoa), mas ele a manuseava com a mesma destreza de um soldado. Ele a estava apresentando ao pai com o rosto ansioso virado para cima.

– Não vou atrapalhar – disse ele.

– Você tem que ficar e cuidar de Marisha – disse o príncipe, acariciando a cabeça do menino. Ele olhou para a princesa; o rosto dela estava sóbrio. Ele não a beijou, mas beijou sua mão. – Voltarei assim que puder.

– Estou pensando em levar as crianças para Gidna assim que o funeral terminar – disse a princesa; eu conhecia vagamente o nome da cidade da qual ela viera, o porto no oceano que o casamento tinha aberto para Polnya. – O ar marítimo vai ser saudável para eles, e meus pais não veem Marisha desde seu batizado. – Pelas palavras, dava para imaginar que ela tivera a ideia um momento antes, mas, ao dizê-las, pareciam ensaiadas.

– Não quero ir para Gidna! – disse o menino. – Papai...

– Chega, Stashek – disse o príncipe. – O que você achar melhor – disse ele à princesa e virou para Alosha. – Você vai colocar uma bênção na minha espada?

– Prefiro não – disse ela, com amargura. – Por que você está se prestando a isso? Depois que nos falamos ontem...

– Ontem, meu pai estava vivo – disse o príncipe Sigmund. – Hoje ele está morto. O que você acha que vai acontecer quando os Magnatas votarem na sucessão, se eu deixar Marek ir e ele destruir os exércitos de Rosya para nós?

– Então, mande um general – disse Alosha, mas ela não estava argumentando de verdade; eu percebia que ela só estava falando isso enquanto buscava outra resposta na qual acreditava. – E o barão Golshkin...

– Não posso. Se eu não cavalgar à frente desse exército, Marek fará isso. Você acha que existe algum general que eu possa indicar que ficaria no caminho do herói de Polnya neste momento? O país todo está ecoando com a canção dele.

– Só um tolo colocaria Marek no trono em vez de você – disse Alosha.

– Os homens são tolos – disse Sigmund. – Me dê a bênção e fique de olho nas crianças por mim.

Ficamos ali assistindo a ele partir. As duas crianças pequenas se ajoelharam num banquinho, espiando pelo peitoril da janela com a mãe atrás, as mãos dela na cabeça dos dois, dourada e escura. Ele saiu com uma pequena tropa de guardas para escoltá-lo, seu séquito, o estandarte da águia em vermelho sobre branco ondulando atrás de si. Alosha assistiu em silêncio ao meu lado na segunda janela até eles saírem do pátio. Depois, virou-se para mim e disse, de um jeito sombrio:

– Sempre há um preço.

– Sim – falei baixinho, estava cansada. E não achei que tínhamos terminado de pagar.

Capítulo 24

Naquele momento, eu não podia fazer mais nada além de dormir. Alosha me disse para deitar bem ali, apesar dos olhares ambíguos da princesa, e eu caí no sono no tapete de lã macia em frente à lareira. Ele era tecido num padrão dançante estranho com formas curvas de enormes gotas de chuva, ou talvez lágrimas. O piso de pedra embaixo era duro, mas eu estava cansada demais para me importar.

Dormi o resto da tarde e a noite toda e acordei nas primeiras horas da manhã: ainda cansada, mas com a cabeça menos densa, e as palmas das minhas mãos queimadas pelo raio estavam frias ao toque de novo. A magia corria sussurrando e lenta sobre as rochas, bem no fundo de mim. Kasia estava dormindo no tapete ao pé da cama; através das cortinas da cama, dava para ver a princesa com os dois filhos aninhados nela. Havia dois guardas cochilando em cada lado da porta.

Alosha estava sentada numa poltrona ao lado do fogo com a espada faminta no colo, afiando-a com o dedo. Eu sentia o sussurro da sua magia enquanto ela passava a parte mais gorda do polegar perto da borda da lâmina. Uma linha fina de sangue se acumulava na sua pele escura, apesar de ela não estar tocando de verdade no aço, e ela se ergueu numa névoa vermelha fraca e se afundou na lâmina. Sua poltrona estava virada para ter uma visão total das portas e janelas, como se ela estivesse vigiando a noite toda.

– Do que você tem medo? – perguntei baixinho a ela.

– De tudo – respondeu ela. – Qualquer coisa. Corrupção no palácio... o rei morto, Ballo morto, o príncipe coroado atraído para um campo de batalhas onde qualquer coisa pode acontecer. É tarde para começar a ter cuidado. Posso perder algumas noites de sono. Você está melhor? – Fiz que

sim com a cabeça. – Ótimo. Me escute: precisamos desenraizar essa corrupção no palácio, e rápido. Não acredito que tenhamos acabado com ela quando destruímos aquele livro.

Sentei e abracei os joelhos.

– Sarkan achou que poderia ser a rainha, no fim das contas. Que ela poderia ter sido... torturada para ajudar, em vez de ter sido corrompida. – Fiquei me perguntando se ele estava correto: se a rainha tinha escondido uma pequena fruta dourada de algum jeito, arrancada do terreno da Floresta, e agora, em algum canto obscuro do palácio, uma muda prateada fraca tinha rompido a terra, espalhando a corrupção por toda parte. Era difícil para mim imaginar a rainha tão perdida, tão longe de tudo que ela fora, a ponto de trazer a Floresta consigo, a ponto de virá-la contra a própria família e o próprio reino.

Mas Alosha disse:

– Ela pode não ter precisado de muita coisa para ver o marido morto, depois que ele a abandonou durante vinte anos na Floresta. E talvez seu filho mais velho também – acrescentou ela, quando me encolhi em protesto. – Percebi que ela deixou Marek fora da frente de batalha. De qualquer maneira, é seguro dizer que ela está no centro do que está acontecendo. Você consegue lançar essa sua *Invocação* sobre ela?

Fiquei em silêncio. Eu me lembrei do salão do trono, onde pensei em lançar a *Invocação* sobre a rainha. Em vez disso, preferi dar à corte uma ilusão, um teatro, para conseguir o perdão de Kasia. Talvez esse tenha sido o erro, no fim das contas.

– Acho que não consigo fazer isso sozinha – respondi. Eu tinha a sensação de que a *Invocação* não era realmente feita para ser lançada sozinha: como se a verdade não significasse nada sem alguém com quem compartilhá-la; você podia gritar a verdade no ar para sempre, passar a vida toda fazendo isso, se ninguém viesse escutar.

Alosha balançou a cabeça.

– Não posso ajudar você. Não vou deixar a princesa e as crianças da realeza sem proteção até que eles cheguem a Gidna em segurança.

– Solya pode me ajudar – falei relutante. A última coisa que eu queria era invocar um feitiço com ele e dar mais motivos para ele capturar a minha magia, mas talvez a visão dele pudesse tornar o feitiço mais forte.

– Solya. – Alosha carregou o nome com desaprovação. – Bem, ele tem sido um tolo, mas não é burro. Você pode tentar com ele. Se não, vá até Ragostok. Ele não é tão forte quanto Solya, mas pode ser que consiga.

– Ele vai me ajudar? – indaguei, em dúvida, me lembrando da tiara na cabeça da rainha. Ele também não gostava muito de mim.

– Quando eu falar, ele vai ajudar. Ele é meu tetraneto; se ele reclamar, mande ele falar comigo. Sim, eu sei que ele é babaca – acrescentou ela, entendendo mal meu olhar, e suspirou. – A única criança na minha linhagem que demonstrou ter magia, pelo menos em Polnya. – Ela balançou a cabeça. – A magia aflorou nos filhos e netos da minha bisneta preferida, mas ela se casou com um homem de Veneza e foi para o sul com ele. Levaria mais de um mês para chamar um deles.

– Você tem muitos familiares além deles? – perguntei, tímida.

– Ah, tenho... sessenta e sete tetranetos, acho – disse ela depois de pensar por um instante. – Talvez mais, agora; eles se afastam aos poucos. Alguns deles me escrevem rigorosamente no solstício de inverno. A maioria nem se lembra que descende de mim, se é que um dia souberam. A pele deles tem um pouco de chá misturado no leite, mas isso apenas os impede de queimar no sol, e meu marido está morto há cento e quarenta anos. – Ela disse isso com tranquilidade, como se não importasse mais; acho que não importava mesmo.

– Só esses? – indaguei. Eu me sentia quase desesperada. Tetranetos, metade deles perdida e o resto tão distante que ela podia suspirar por Ragostok e sentir pouco mais do que uma leve irritação. Eles não pareciam suficientes para mantê-la enraizada no mundo.

– Eu não tinha nenhum parente no início. Minha mãe era uma escrava de Namib, mas morreu no parto, então isso é tudo que eu sei dela. Um barão no sul a comprou de um comerciante mondriano para dar de presente à esposa. Eles eram bem gentis comigo, mesmo antes de meu dom aflorar, mas era a gentileza de senhores de escravo: eles não eram parentes.

– Ela deu de ombros. – Tive alguns amantes, principalmente soldados. Mas, depois que você fica velha o suficiente, eles são como flores: você sabe que a flor vai murchar quando for colocada no vidro.

Não consegui me segurar e soltei:

– Então, por que... ficar aqui? Por que você se importa com Polnya ou... ou com qualquer coisa?

– Não estou morta – respondeu Alosha com sarcasmo. – E sempre gostei de um bom trabalho. Polnya teve uma linhagem de bons reis. Eles serviram ao povo, construíram bibliotecas e estradas, criaram a Universidade, e foram bons o suficiente na guerra para impedir que os inimigos invadissem e destruíssem tudo. Eles têm sido ferramentas valiosas. Posso ir embora, se eles se tornarem malvados e ruins; eu certamente não colocaria espadas nas mãos de homens para seguir aquele maldito Marek esquentadinho em uma dezena de guerras em busca de glória. Mas Sigmund... ele é um homem sensato e bom para a esposa. Fico feliz de poder ajudá-lo a manter as fronteiras.

Ela viu a dúvida no meu rosto e, com uma delicadeza bruta, acrescentou:

– Você aprende a sentir menos, criança; ou você aprende a amar outras coisas. Como o pobre Ballo – disse ela, com um tipo de arrependimento enferrujado e melancólico, sem força suficiente para entristecer. – Ele viveu durante quarenta anos num monastério decifrando manuscritos antes de alguém perceber que ele não estava envelhecendo. Acho que ele ficou um pouco surpreso ao descobrir que era um mago.

Ela voltou a afiar a lâmina, e eu saí do quarto, pesarosa e mais triste do que estava antes da conversa. Pensei nos meus irmãos envelhecendo, no meu pequeno sobrinho Danushek me trazendo sua bola com o rostinho sério e franzido; aquele rosto se tornando o de um velho, cansado, enrugado e desgastado pelos anos. Todo mundo que eu conhecia enterrado, sobrando apenas os filhos de seus filhos para amar.

Mas era melhor isso do que ninguém. Melhor essas crianças correndo pela floresta com segurança. Se eu era forte, se eu tinha recebido força, poderia ser um escudo para eles: para minha família, para Kasia, para

aquelas duas crianças pequenas dormindo na cama e todas as outras que dormiam à sombra da Floresta.

Falei isso para mim mesma e tentei acreditar que era suficiente, mas ainda era um pensamento frio e amargo para ter sozinha nos corredores escuros. Algumas das criadas estavam começando a executar o trabalho do dia, se esgueirando em silêncio, entrando e saindo dos quartos dos nobres para alimentar o fogo, exatamente como no dia anterior, apesar de o rei estar morto. A vida continuava.

Quando abri a porta, Solya estava dizendo:

– Não precisamos que você cuide do fogo, Lizbeta, apenas nos traga um pouco de chá quente e algo para comer, boa menina.

O fogo já estava aceso e abocanhava alguns feixes de madeira fresca numa grande lareira de pedra.

Não era uma cela pequena assombrada por uma gárgula: ele tinha dois aposentos, cada um três vezes maior que aquele em que me espremeram. O piso de pedra era coberto de tapetes brancos aglomerados, macios e grossos: ele devia usar magia para mantê-los limpos. Uma grande cama com dossel, desgrenhada e desarrumada, estava visível no segundo aposento através de um par de portas abertas. Ao longo do largo painel de madeira aos seus pés, um falcão esculpido voava, seu olho feito de uma única pedra dourada grande e polida com uma pupila preta em forma de fenda encarando.

Uma mesa redonda ficava no meio do quarto, e Marek estava sentado ao lado de Solya, esparramado e largado numa poltrona com as botas para cima, usando uma camisola comprida com bainhas de pelo sobre a calça. Um apoio prateado em cima da mesa segurava um espelho oval alto tão comprido quanto meu braço. Depois de um instante, percebi que eu não estava olhando por um ângulo peculiar e vendo as cortinas da cama; o espelho não estava mostrando um reflexo. Como uma janela impossível, ele dava visão para uma tenda, com um poste oscilante no centro segurando as laterais drapeadas, e uma abertura frontal numa faixa triangular estreita que dava para um campo verde.

Solya estava olhando atentamente para o espelho, uma das mãos na moldura e seus olhos pareciam poços pretos, absorvendo tudo; Marek observava o rosto dele. Nenhum dos dois percebeu minha presença até eu estar ao lado deles, e mesmo assim, Marek mal desviou o olhar.

– Por onde você andou? – perguntou ele e, sem esperar uma resposta, acrescentou: – Pare de desaparecer antes que eu tenha que colocar um sino em você. Rosya deve ter um espião neste castelo, para saber que íamos atravessar o Rydva, se não tiver uma dezena deles. De agora em diante, quero você ao meu lado.

– Eu estava dormindo – respondi com sarcasmo, antes de me lembrar que ele tinha perdido o pai no dia anterior e me sentir um pouco arrependida. Mas ele não parecia estar de luto. Suponho que ser rei e príncipe tinha transformado os dois em algo diferente de pai e filho, e ele nunca perdoara o pai por ter deixado a rainha cair na Floresta. Mas eu ainda esperava encontrá-lo com os olhos um pouco vermelhos; de confusão, se não de amor.

– Sim, bem, o que mais há para se fazer além de dormir? – comentou ele com amargura e olhou para o espelho de novo. – Onde diabos estão todos eles?

– Agora estão no campo – respondeu Solya distraído, sem desviar os olhos.

– Onde *eu* deveria estar, se Sigmund não fosse um político puxa-saco – disse Marek.

– Você quer dizer se Sigmund fosse um idiota perfeito, algo que ele não é – disse Solya. – Ele não poderia entregar um triunfo para você agora, a menos que ele quisesse entregar a coroa junto. Garanto que ele sabe que já temos cinquenta votos entre os Magnatas.

– E daí? Se ele não consegue controlar os nobres, não merece nada – soltou Marek, cruzando os braços sobre o peito. – Se ao menos eu estivesse *lá*...

Ele olhou com nostalgia para o espelho sem reflexos, enquanto eu encarava os dois com uma indignação crescente. Então não era apenas Sigmund que estava preocupado se os Magnatas iam dar o trono a ele;

Marek estava *tentando* roubá-lo. De repente, entendi por que a princesa estava me olhando de canto de olho: na visão dela, eu era aliada de Marek. Contudo, engoli as primeiras dez coisas que vieram à minha mente e disse brevemente para Solya:

– Preciso da sua ajuda.

Isso fez com que aqueles olhos pretos e profundos se dignassem a me olhar, uma sobrancelha arqueada por cima.

– Fico igualmente encantado em ajudá-la, minha querida, e em ouvi-la dizer isso.

– Quero que você lance um feitiço comigo. Precisamos lançar a *Invocação* sobre a rainha.

Ele parou, muito menos encantado; Marek virou e me lançou um olhar rígido.

– O que está se passando na sua cabeça?

– Alguma coisa está errada! – falei para ele. – Você não pode fingir que não viu: desde que voltamos, aconteceu um desastre atrás do outro. O rei, o padre Ballo, a guerra contra Rosya... isso tudo é armação da Floresta. A *Invocação* vai nos mostrar...

– O quê? – soltou Marek, se levantando. – O que você acha que ela vai nos mostrar?

Ele se assomou sobre mim; mantive minha posição e inclinei a cabeça para trás.

– A verdade! – falei. – Mal se passaram três dias desde que a libertamos da torre, e o rei está morto, existem monstros no palácio e Polnya está em guerra. Deixamos passar alguma coisa. – Virei para Solya. – Você vai me ajudar?

Solya olhava alternadamente para Marek e para mim, parecendo fazer cálculos. Depois, disse suavemente:

– A rainha foi perdoada, Agnieszka; não podemos simplesmente sair encantando-a sem motivo, só porque você está preocupada.

– Você sabe que tem alguma coisa errada! – falei para ele, furiosa.

– Alguma coisa *estava* errada – disse Solya, de um jeito condescendente e complacente; eu poderia tê-lo sacudido com prazer. Tarde demais, me

arrependi de *não* ter ficado amiga dele. Eu não podia seduzi-lo: ele sabia perfeitamente bem que eu não tinha intenção de compartilhar magia com ele em nenhuma ocasião normal, mesmo que eu estivesse sofrendo por algo importante. – Muito errada: aquele livro que você encontrou, que agora já foi destruído. Não há necessidade de imaginar causas obscuras quando já sabemos qual foi.

– E a última coisa que Polnya precisa agora é de mais fofocas sombrias se espalhando – disse Marek, com mais calma; seus ombros estavam relaxando conforme ele ouvia Solya falar, engolindo aquela explicação venenosamente conveniente. Ele caiu de novo na poltrona e colocou as botas para cima da mesa outra vez. – Sobre a minha mãe ou sobre você, na verdade. Todos os Magnatas foram chamados para o funeral, e eu vou anunciar nosso noivado assim que eles estiverem reunidos.

– O quê? – perguntei. Ele poderia ter me dado alguma notícia levemente interessante, que me importasse pelo menos um pouco.

– Você mereceu isso ao matar aquele monstro, e é o tipo de coisa que os plebeus adoram. Não faça um estardalhaço – acrescentou ele sem olhar para mim. – Polnya está em perigo, e eu preciso de você ao meu lado.

Fiquei parada ali, com raiva demais até para encontrar a minha voz, mas, de qualquer maneira, eles tinham deixado de prestar atenção a mim. No espelho, alguém estava se abaixando para entrar na tenda. Um velho usando um uniforme muito decorado afundou pesadamente na poltrona do outro lado, o rosto puxado para baixo pela idade: o papo flácido, o bigode flácido, bolsas sob os olhos e nos cantos da boca; havia faixas de suor escorrendo pela sujeira acumulada no seu rosto.

– Savienha! – disse Marek, se inclinando para a frente, extremamente atento. – O que está acontecendo? O povo de Rosya teve tempo para fortificar suas posições?

– Não – respondeu o velho general, passando a mão cansada na testa. – Eles não fortificaram as encruzilhadas: eles armaram uma emboscada na ponte Longa.

– Burrice deles – disse Marek, determinado. – Sem fortificações, eles não conseguem segurar as encruzilhadas por mais do que uns dias. Mais

dois mil recrutas chegaram durante a noite, e se eu cavalgar com eles imediatamente...

– Nós os derrotamos ao amanhecer – disse Savienha. – Estão todos mortos: seis mil.

Marek parou, evidentemente surpreso: ele não esperava isso. Ele trocou um olhar com Solya, franzindo um pouco a testa, como se não tivesse gostado de ouvir isso.

– Quantos vocês perderam? – perguntou ele.

– Quatro mil, e cavalos demais. Nós os derrotamos – repetiu Savienha, sua voz falhando, afundando onde estava sentado. Nem todos os rastros no seu rosto eram de suor.

– Marek, me perdoe. Marek... seu irmão está morto. Eles o mataram na primeira emboscada, quando ele foi inspecionar o rio.

Recuei da mesa como se pudesse escapar das palavras. O menininho no andar de cima segurando sua espada – *Não vou atrapalhar* –, seu rosto redondo virado para cima. A lembrança me atingiu como uma faca.

Marek tinha se calado. Seu rosto estava mais perplexo do que qualquer outra coisa. Solya continuou falando um pouco mais com o general. Eu mal conseguia suportar ouvir os dois falando. Por fim, Solya levantou a mão e colocou um tecido pesado sobre o espelho. Ele virou e olhou para Marek.

A perplexidade estava desaparecendo.

– Por Deus – disse Marek depois de um instante –, eu preferia não conseguir do que conseguir dessa maneira. – Solya simplesmente inclinou a cabeça, observando-o com um brilho nos olhos. – Mas essa não é uma opção, no fim das contas.

– Não – concordou Solya baixinho. – É melhor que os Magnatas estejam a caminho: vamos organizar o voto de confirmação imediatamente.

Minha boca estava salgada: eu estava chorando sem perceber. Recuei um pouco mais. A maçaneta da porta surgiu na minha mão, os altos e baixos da cabeça de falcão esculpida pressionando a palma. Eu a virei e saí porta afora e a fechei em silêncio. Fiquei parada tremendo no corredor. Alosha estava certa. Uma armadilha atrás de outra, há muito tempo

enterrada sob um carpete de folhas grossas, finalmente se fechando. Mudas minúsculas empurrando galhos ávidos para fora da terra.

Uma armadilha atrás de outra.

De repente, eu estava correndo. Corri, minhas botas batendo na pedra, passei por serviçais surpresos e pelo sol matinal forte em todas as janelas. Eu estava ofegante quando fiz a curva para os aposentos do príncipe coroado. A porta estava fechada, mas desprotegida. Uma névoa cinza fina escorria por baixo dela até o corredor. A maçaneta estava quente quando abri a porta com um empurrão.

As cortinas da cama estavam em chamas, e o carpete queimado; os guardas estavam mortos, empilhados no chão. Havia dez homens formando um grupo silencioso ao redor de Alosha. Ela estava terrivelmente queimada: metade de sua armadura derretida na pele, e continuava lutando de algum jeito. Atrás dela, a princesa estava morta, barrando a porta do armário com o próprio corpo; Kasia estava perto do cadáver, com as próprias roupas rasgadas numa dezena de lugares, mas a pele sem marcas. Estava segurando uma espada quebrada e balançando-a violentamente para dois homens que tentavam passar por ela.

Alosha estava segurando o restante com duas facas compridas que gemiam selvagens no ar e deixavam crepitações de fogo para trás. Ela os tinha cortado em faixas, o sangue escorregadio no chão, mas eles não caíam. Os homens usavam uniformes de Rosya, mas os olhos eram verdes e perdidos. O quarto tinha cheiro de galho fresco de bétula rachado ao meio.

Eu queria gritar, chorar. Queria arrastar a mão pelo mundo e acabar com tudo isso. *"Hulvad",* falei, minhas mãos empurrando, empurrando magia para fora de mim. *"Hulvad",* me lembrando de como Alosha tinha tirado aquela nuvem fina de corrupção do aprendiz de Ballo. E filetes de fumaça cinza saíram dos homens, de todos os cortes e ferimentos de faca. A fumaça saiu pela janela aberta e foi para a luz do sol; e eles voltaram a ser apenas homens, feridos demais para viver; e caíram no chão um atrás do outro.

Com seus agressores mortos, Alosha virou e jogou suas facas nos homens que tentavam matar Kasia. As facas afundaram profundamente nas costas

deles, e mais daquela fumaça maligna escapou ao redor das lâminas. Eles caíram, um depois do outro.

O quarto ficou estranhamente silencioso quando estavam todos mortos. As dobradiças da porta do armário gemeram; dei um pulo com o barulho. A porta se abriu um pouquinho, e Kasia girou na direção dela: Stashek estava lá dentro, tentando olhar para fora, o rosto assustado, agarrando sua pequena espada.

– Não olhem – disse ela. E puxou uma capa do armário, em veludo vermelho-vivo e comprida. Ela cobriu a cabeça das crianças com a capa e as pegou no colo. – Não olhem – disse ela e os segurou bem perto de si.

– Mamãe – disse a menininha.

– *Quieta* – disse o menino para ela, a voz tremendo. Cobri a boca com as duas mãos e abafei um soluço.

Alosha estava respirando de maneira pesada e difícil; o sangue borbulhava em seus lábios. Ela se apoiou na cama. Cambaleei para a frente e estendi a mão para ela, mas ela acenou para eu recuar. Ela abriu uma das mãos e disse *"Hatol"*, atraindo a espada assassina no ar. Ela me deu o punho da espada.

– O que quer que esteja na Floresta – disse ela, rouca e sussurrando, a voz devorada pelo fogo. – Encontre e mate. Antes que seja tarde demais.

Eu peguei a espada e a segurei com estranheza. Alosha estava deslizando para o chão enquanto a soltava e a deixava nas minhas mãos. Eu me ajoelhei ao lado dela.

– Temos que chamar a Salgueiro – falei.

Ela balançou a cabeça num movimento suave.

– Vá. Tire as crianças daqui – disse ela. – O castelo não é seguro. *Vá.* – Ela deixou a cabeça afundar na lateral da cama, os olhos se fechando. Seu peito subia e descia muito de leve.

Eu me levantei, tremendo. Eu sabia que ela estava certa. Eu sentia isso. O rei, o príncipe coroado; agora a princesa. A Floresta tinha intenção de matar todos eles, os bons reis de Alosha, e também assassinar os magos de Polnya. Olhei para os soldados mortos em uniformes de Rosya. Marek culparia Rosya outra vez, como deveria ser. Ele colocaria a coroa e

marcharia a leste e, depois que ele perdesse nosso exército matando o máximo possível de soldados de Rosya, a Floresta também o devoraria e deixaria o país dividido, a sucessão vazia.

Eu estava na Floresta de novo, sob os ramos, com aquela presença odiosa me observando. O silêncio momentâneo no quarto era apenas sua pausa para respirar. Paredes de pedra e luz do sol não significavam nada. Os olhos da Floresta estavam sobre nós. A Floresta estava aqui.

Capítulo 25

Nós nos envolvemos nas capas rasgadas que pegamos dos guardas mortos e saímos correndo, deixando rastros de sangue no chão atrás de nós. Eu tinha guardado a espada de Alosha de volta no seu estranho espaço de espera, com *hatol* abrindo um bolso no mundo para eu guardá-la. Kasia carregava a menininha, e eu segurava a mão de Stashek. Descemos uma escadaria da torre, passamos por um patamar onde dois homens num corredor nos olharam de relance, confusos e com a testa franzida; disparamos descendo por mais uma virada, rápidas, e chegamos ao corredor estreito que levava à cozinha, com serviçais andando de um lado para o outro. Stashek tentou se afastar de mim.

– Quero o meu pai! – disse ele, com a voz trêmula. – Quero o tio Marek! Aonde estamos indo?

Eu não sabia. Eu simplesmente estava fugindo; tudo que eu sabia era que tínhamos que sair dali. A Floresta tinha espalhado sementes demais ao nosso redor; elas tinham ficado quietas no solo, mas agora estavam florescendo. Nenhum lugar era seguro quando a corrupção morava no castelo do rei. A princesa tinha a intenção de levá-los para os pais, para Gidna no mar do norte. *O oceano é inimigo da corrupção,* dissera Alosha. Mas as árvores também cresciam em Gidna, e a Floresta perseguiria as crianças até a orla.

– Para a torre – falei. Eu não planejava dizer isso; as palavras saíram de mim como o choro de Stashek. Eu queria a quietude da biblioteca de Sarkan, o cheiro fraco de especiarias e enxofre do seu laboratório; aqueles corredores estreitos e íntimos, os caminhos limpos e o vazio. A torre se assomando alta e solitária contra as montanhas. A Floresta não tinha onde se apoiar ali. – Vamos para a torre do Dragão.

Alguns dos serviçais estavam diminuindo o passo e nos observando. Havia passos na escada vindo atrás de nós; um homem gritou para baixo, com autoridade:

– Você aí!

– Segure em mim – falei para Kasia. Coloquei a mão na parede do castelo e sussurrei para atravessarmos, saindo direto nos jardins da cozinha, com um jardineiro nos olhando do chão. Corri por entre fileiras de pés de feijão com Stashek de olhos arregalados correndo comigo, percebendo nosso medo; Kasia corria atrás de nós. Chegamos ao muro externo de tijolos pesados; eu os levei para o outro lado. Os sinos do castelo começaram a tocar um alerta atrás de nós enquanto cambaleávamos num caminho de terra descendo a encosta íngreme até o Vândalo, que corria lá embaixo.

O rio corria rápido e profundo aqui ao redor do castelo, deixando a cidade para trás, indo para o leste. Um pássaro caçando gritou no alto, um falcão girando em círculos largos ao redor do castelo: era Solya nos observando? Peguei um punhado de junco na margem, sem nenhum encantamento ou feitiço: todos tinham escapado da minha mente. Em vez disso, puxei uma linha da minha capa e amarrei os juncos em duas pontas. Joguei o feixe na margem, metade mergulhada na água, e lancei magia nele. O feixe cresceu e se transformou num barco comprido e leve, e nós entramos cambaleando mesmo enquanto o rio o arrancava da margem e nos arrastava junto, correndo, quicando nas pedras dos lados. Ouvimos gritos atrás de nós, guardas aparecendo nos muros externos do castelo bem lá em cima.

– Abaixem! – gritou Kasia e empurrou as crianças para baixo, cobrindo-as com o próprio corpo. Os guardas estavam lançando flechas em nós. Uma delas atravessou sua capa e atingiu suas costas. Outra caiu bem ao meu lado e ficou presa na lateral do barco, vibrando. Tirei as penas do bastão da flecha e as joguei para o alto. Elas se lembraram do que tinham sido um dia e se transformaram numa nuvem de semipássaros que giravam e cantavam, nos protegendo por alguns instantes. Segurei as laterais do barco e invoquei o feitiço de aceleração de Jaga.

Disparamos para a frente. Numa guinada, o castelo e a cidade ficaram borrados e distantes, transformados em brinquedos. Na segunda guinada, eles tinham desaparecido numa curva do rio. Na terceira, ficamos presos na margem vazia. Meu barco de junco se desmanchou ao nosso redor e nos jogou dentro d'água.

Eu quase afundei. O peso das minhas roupas me arrastava para baixo, para o fundo da água turva, a luz ficando borrada acima de mim. A nuvem das saias de Kasia formava ondas ao meu lado. Eu me debati em direção à superfície, tentando me segurar cegamente, e encontrei uma mãozinha me segurando de volta: Stashek colocou minha mão numa raiz de árvore. Eu me puxei para cima, tossindo, e consegui apoiar os pés no fundo da água.

– Nieshka! – gritava Kasia; ela estava segurando Marisha no colo.

Subimos desajeitadas a margem lamacenta macia, os pés de Kasia afundando a cada passo, formando buracos na terra que se enchiam rapidamente com a água atrás dela. Afundei na grama imunda. Eu estava tremendo com a magia que queria sair de mim em todas as direções, sem controle. Tínhamos nos movimentado rápido demais. Meu coração estava disparado, ainda lá atrás sob a chuva de flechas, ainda na fuga desesperada, e não numa margem de rio deserta e tranquila com percevejos aquáticos pulando sobre as ondas que tínhamos formado, a lama manchando minhas saias. Eu tinha estado muito tempo dentro do castelo, com pessoas e paredes de pedra por todo lado. A margem do rio quase não parecia real.

Stashek sentou num montinho ao meu lado, seu rostinho sério perplexo, e Marisha se arrastou até ele e se aninhou. Ele colocou o braço ao redor dela. Kasia sentou do outro lado deles. Eu poderia ter deitado e dormido por um dia, uma semana. Mas Marek sabia em que direção estávamos indo. Solya enviaria olhos pelo rio para nos procurar. Não havia tempo para descansar.

Moldei um par de bois malfeitos com a lama da margem do rio, soprei um pouco de vida neles e construí uma carroça com galhos. Estávamos há menos de uma hora na estrada quando Kasia disse "Nieshka", olhando para trás, e eu os conduzi rapidamente até um grupo de árvores um pouco distante da estrada. Uma pequena névoa de poeira subia na estrada atrás de

nós. Segurei as rédeas, os bois parados numa obediência laboriosa, e todos nós prendemos a respiração. A nuvem cresceu rápido, de maneira sobrenatural. Ela chegou cada vez mais perto, depois uma pequena tropa de cavaleiros de capa vermelha com bestas e espadas na mão passaram em disparada. Faíscas de magia saíam dos cascos dos cavalos, protegidos em capas de aço que ressoavam como sinos na estrada. Algumas eram trabalho das mãos de Alosha, agora sendo usadas para servir à Floresta. Esperei até a nuvem estar fora de visão antes de levar nossa carroça de volta para a estrada.

Quando chegamos ao primeiro povoado, já encontramos cartazes espalhados. Eram desenhados de maneira tosca e apressada: um pergaminho comprido com meu rosto e o de Kasia, preso a uma árvore perto da igreja. Eu não tinha pensado no que significava ser caçada. Eu tinha ficado feliz de ver o povoado, planejando parar e comprar comida: os estômagos estavam doendo de fome. Em vez disso, puxamos a capa sobre a cabeça e seguimos em frente sem falar com ninguém. Minhas mãos tremeram nas rédeas o caminho todo, mas tivemos sorte. Era dia de feira, e o povoado era grande, muito próximo da cidade; havia tantos desconhecidos por ali que ninguém reparou em nós e nem exigiu ver nosso rosto. Assim que passamos pelas construções, sacudi as rédeas e apressei os bois, até o povoado desaparecer totalmente.

Tivemos que sair da estrada mais duas vezes, com bandos de cavaleiros voando por nós. E depois mais uma vez naquela noite, quando outro mensageiro do rei usando capa vermelha passou por nós no caminho contrário, disparando em direção a Kralia, as faíscas dos cascos iluminadas na luz que enfraquecia. Ele não nos viu, determinado no seu ritmo acelerado; éramos apenas uma sombra depois de um arbusto. Enquanto estávamos escondidos, vi algo escuro e quadrado atrás de nós: era a porta aberta de um casebre abandonado, meio perdido no meio das árvores. Enquanto Kasia segurava os bois, eu colhia coisas no jardim malcuidado: um punhado de morangos tardios, alguns nabos velhos, cebolas, um pouco de fava. Demos a maior parte da comida para as crianças, e elas dormiram na carroça enquanto voltávamos para a estrada. Pelo menos, nossos bois

não precisavam comer nem descansar, já que eram feitos de lama. Eles continuariam em frente a noite toda.

Kasia subiu no assento do condutor comigo. As estrelas tinham aparecido rapidamente, o céu amplo e escuro tão distante de qualquer pessoa viva. O ar estava frio, parado, quieto demais; a carroça não gemia, e os bois não bufavam nem resfolegavam.

– Você não tentou mandar notícias para o pai deles – disse Kasia baixinho.

Encarei adiante pela estrada escura.

– Ele também está morto. Uma emboscada de Rosya.

Kasia pegou minha mão com cuidado, e ficamos de mãos dadas enquanto a carroça seguia em frente. Depois de um tempinho, ela disse:

– A princesa morreu ao meu lado. Ela colocou as crianças no armário, depois ficou parada em frente a ele. Eles a esfaquearam várias vezes, e ela simplesmente continuava tentando ficar parada na frente das portas do armário. – Sua voz tremeu. – Nieshka, você pode fazer uma espada para mim?

Eu não queria. Claro que era sensato dar uma espada a ela, no caso de sermos capturadas. Eu não temia por ela: Kasia estaria segura lutando, já que as lâminas não penetravam na sua pele e as flechas caíam sem arranhá-la. Mas com uma espada ela seria perigosa e terrível. Ela não precisaria de escudo nem de armadura, e não precisaria pensar. Ela poderia atravessar campos de soldados como se estivesse cortando pés de aveia, firme e ritmada. Pensei na espada de Alosha, naquela coisa assassina faminta; ela estava guardada naquele bolso mágico, mas eu ainda sentia seu peso nas minhas costas. Kasia seria como aquela espada, implacável, mas não seria usada apenas uma vez. Eu não queria que ela precisasse fazer coisas desse tipo. Eu não queria que ela precisasse de uma espada.

Desejar isso era inútil. Tirei minha faca do cinto, e ela me deu a dela. Abri as fivelas dos nossos cintos e sapatos, e tirei os alfinetes das capas, peguei um galho de uma árvore quando passamos por ela e guardei tudo nas minhas saias. Enquanto Kasia conduzia a carroça, falei a todos para serem retos, afiados e fortes; cantarolei para eles a canção sobre os sete cavaleiros

nobres e, no meu colo, eles escutaram e se uniram numa longa lâmina curva com uma única parte afiada, como uma faca de cozinha, e não como pequenas estacas brilhantes de aço seguras pelo punho de madeira. Kasia a pegou e pesou nas mãos, depois fez que sim com a cabeça e a deixou de lado, embaixo do assento.

Estávamos na estrada havia três dias, as montanhas ficando constantemente maiores, reconfortantes ao longe. Os bois tinham um ritmo bom, mas ainda tínhamos que nos esconder atrás de arbustos, elevações e casebres abandonados todas as vezes que os cavaleiros passavam, um fluxo constante deles. No início, eu ficava feliz todas as vezes que conseguíamos nos esconder, ocupada demais com o medo e o alívio para pensar mais alguma coisa. Mas, enquanto espiávamos por sobre um arbusto, observando uma nuvem que desaparecia muito adiante, Kasia disse:

– Eles continuam vindo. – Um nó frio e duro se instalou no fundo do meu estômago quando percebi que havia muitos deles para estarem apenas espalhando a notícia para as pessoas nos procurarem. Eles estavam fazendo mais alguma coisa.

Se Marek tivesse ordenado o fechamento das passagens da montanha, se seus homens tivessem bloqueado a torre; se eles tivessem ido atrás do próprio Sarkan, pegando-o de surpresa enquanto ele lutava para impedir a Floresta de invadir Zatochek...

Não havia nada a fazer além de seguir em frente, mas as montanhas não eram mais reconfortantes. Não sabíamos o que encontraríamos quando chegássemos ao outro lado. Kasia ficou na parte de trás da carroça com as crianças o dia todo, enquanto a estrada começava a subir delicadamente para o contraforte, com a mão na espada escondida embaixo da capa. O sol estava alto, a luz dourada quente brilhando no seu rosto. Ela parecia distante e estranha, firme de um jeito sobrenatural.

Chegamos ao topo de uma colina e encontramos as encruzilhadas finais dos Pântanos Amarelos, um pequeno poço ao lado com uma calha. A estrada estava vazia, apesar de ter sido muito pisoteada nos dois lados por pés e cavalos. Não dava para dizer se era apenas o tráfego comum. Kasia

puxou baldes do poço para bebermos e lavarmos o rosto empoeirado, e eu misturei um pouco de lama fresca para remendar os bois: eles estavam rachados em algumas partes, depois de um dia de caminhada. Em silêncio, Stashek me trouxe punhados de grama enlameada.

Contamos às crianças, com o máximo de delicadeza possível, sobre o pai delas. Marisha não entendeu muito bem, só ficou com medo. Ela já tinha chamado a mãe algumas vezes. Agora, ela ficava grudada nas saias de Kasia quase o tempo todo, como uma criança pequena, e não saía do seu campo de visão. Stashek entendeu bem demais. Ele recebeu a notícia em silêncio e, depois, me falou:

– O tio Marek tentou nos matar? Não sou uma criança – acrescentou, olhando para o meu rosto, como se eu precisasse que ele dissesse isso, quando ele tinha acabado de me perguntar uma coisa dessas.

– Não – consegui responder com a garganta fechada. – Ele só está deixando a Floresta conduzi-lo.

Eu não tinha certeza se Stashek acreditava em mim. Ele estava quieto desde então. Ele era paciente com Marisha, que também se agarrava a ele, e ajudava com o trabalho sempre que podia. Mas não dizia quase nada.

– Agnieszka – disse ele, enquanto eu terminava de remendar a pata traseira do segundo boi e me levantava para lavar a sujeira das mãos. Virei-me para seguir seu olhar. Dava para ver um longo caminho atrás de nós, quilômetros e quilômetros. A oeste, uma densa nuvem indistinta de poeira cobria a estrada. Parecia se mover, vindo na nossa direção enquanto estávamos parados observando. Kasia pegou Marisha no colo. Protegi meus olhos e os semicerrei contra o sol.

Era uma multidão de homens marchando: milhares deles. Um grupo de lanças altas brilhava na frente, entre cavaleiros sobre cavalos e um grande estandarte branco e vermelho. Vi um cavalo baio na frente, com uma figura de armadura prateada nas costas; ao lado dele, um cavalo cinza com um cavaleiro de capa branca...

O mundo perdeu o prumo, se estreitou e me comprimiu. O rosto de Solya se destacou com nitidez: ele estava olhando diretamente para mim. Virei a cabeça para o outro lado com tanta força que caí no chão.

– Nieshka? – chamou Kasia.

– Rápido – ofeguei, cambaleando para me levantar, empurrando Stashek para a parte de trás da carroça. – Ele me viu.

Fomos para as montanhas. Tentei adivinhar a que distância estava o exército. Eu teria chicoteado os bois se isso adiantasse alguma coisa, mas eles já estavam indo o mais rápido possível. A estrada estava repleta de pedras, estreita e sinuosa, e as patas deles começaram a rachar e esfarelar rapidamente. Não havia mais lama para remendá-los, mesmo que eu pudesse parar. Não tive coragem de usar o feitiço de aceleração: não dava para ver além da próxima curva. E se houvesse homens à frente e eu caísse direto nos braços dele; ou, pior ainda, eu nos jogasse num desfiladeiro?

O boi da esquerda tropeçou abruptamente para a frente, sua pata esfarelando, e caiu formando um montinho de terra nas pedras. O segundo nos puxou até um pouco mais longe, depois, entre um passo e outro, simplesmente desabou. A carroça caiu para a frente, desequilibrada, e todos nós saímos dos assentos para uma pilha de galhos e grama seca.

Estávamos bem adiantados nas montanhas, as árvores ressecadas e baixas, e com picos altos dos dois lados da estrada sinuosa. Não dava para ver o suficiente para trás a ponto de saber a que distância estava o exército. Normalmente, era um dia de caminhada para atravessar a passagem. Kasia pegou Marisha, e Stashek ficou de pé. Ele andava obstinadamente ao meu lado, sem reclamar enquanto nos apressávamos, os pés doendo e o ar rarefeito e penetrante ferindo a garganta.

Paramos para recuperar o fôlego perto de um afloramento com um pequeno riacho de verão escorrendo; apenas o suficiente para pegar um pouco para beber e, quando me levantei, um grasnado estridente perto da minha cabeça me fez pular. Um corvo preto com penas brilhosas me encarava do galho de uma árvore murcha pendurada entre rochas. Ele grasnou de novo, bem alto.

O corvo nos acompanhou enquanto fugíamos, pulando do galho para uma rocha e outra rocha. Joguei uma pedrinha nele, tentando assustá-lo; ele só deu um salto para longe e grasnou de novo, uma nota amarga triunfante. Mais dois se uniram a ele um pouco mais adiante. O caminho fazia curvas

ao longo do topo da cadeia de montanhas, a grama verde se afastando delicadamente para os lados, descendo pelas encostas íngremes.

Continuamos correndo. O caminho se aprofundou quando uma montanha se afastou dele, deixando uma queda apavorante à direita. Talvez já tivéssemos ultrapassado o pico. Eu não podia parar de correr por tempo suficiente para pensar direito no assunto. Eu quase arrastava Stashek pelo braço. Em algum lugar atrás de nós, ouvi um cavalo relinchar: como se tivesse escorregado, correndo rápido demais pela passagem da montanha. Os corvos voaram mais alto, em círculos, e foram espiar; todos exceto um companheiro fixo, que ficou conosco, os olhos brilhantes grudados em nós.

O ar estava rarefeito; nós nos esforçávamos e ofegávamos em busca de ar enquanto corríamos. O sol estava descendo.

– Parem! – gritou alguém bem longe atrás de nós, e uma flecha desceu, batendo nas rochas acima da nossa cabeça. Kasia parou, empurrou Marisha para os meus braços quando a alcancei e assumiu meu lugar na retaguarda. Stashek lançou um olhar assustado para mim.

– Continue! – falei. – Continue até você ver a torre! – Stashek se lançou para a frente e desapareceu com a trilha atrás de uma parede de rocha. Levantei Marisha até bem perto de mim, seus braços apertando meu pescoço e suas pernas ao redor da minha cintura, pendurada, e corri atrás dele. Os cavalos estavam tão perto que dava para ouvir as pedrinhas sendo esmagadas sob os cascos.

– Estou vendo! – gritou Stashek na minha frente.

– Segure com força – falei para Marisha e corri o mais rápido possível, com seu corpo batendo no meu; ela escondeu o rosto no meu ombro e não falou nada. Stashek virou ansioso quando fiz a curva, ofegante: ele estava em pé numa plataforma que se destacava da lateral da montanha, quase larga o suficiente para ser uma campina. Minhas pernas estavam esgotadas: caí, mal conseguindo segurar os joelhos por tempo suficiente para colocar Marisha no chão sem cair por cima dela. Tínhamos saído nas encostas do sul. Abaixo de nós, o caminho continuava sinuoso por toda a montanha, descendo até Olshanka.

E, do outro lado do povoado, em frente às montanhas do leste, a torre do Dragão assomava, cintilando branca ao sol, ainda pequena e distante. Estava cercada de soldados, um pequeno exército de homens usando sobretudos amarelos. Encarei desesperada. Será que eles tinham entrado? As portas imponentes ainda estavam fechadas; não havia fumaça saindo pelas janelas. Eu não queria acreditar que a torre tinha sido tomada. Queria gritar o nome de Sarkan, queria voar pelo ar aberto. Eu me levantei.

Kasia tinha parado na estrada estreita atrás de nós. Ela sacou a espada que eu tinha lhe dado enquanto os cavalos faziam a curva. Marek estava com eles, liderando; suas esporas estavam molhadas de sangue e a espada estava na mão, seus dentes aparecendo. Seu cavalo baio veio em disparada, e Kasia não se mexeu. O cabelo dela estava voando solto, balançando ao vento. Ela plantou os pés bem abertos na trilha e segurou a espada reta, e Marek teve que puxar a cabeça do cavalo ou cavalgaria direto para a lâmina.

Ele parou, mas bateu a própria espada contra a dela enquanto girava o cavalo no caminho estreito. Kasia recebeu o golpe e o empurrou para o lado com uma força pura bruta. Ela arrancou a espada da mão de Marek. A espada caiu pela beira do caminho e despencou, desaparecendo na encosta com uma chuva de pedrinhas e poeira.

– Uma lança! – gritou Marek, e um soldado jogou uma para ele; Marek a pegou com facilidade mesmo enquanto girava o cavalo no caminho estreito. Ele carregou a lança num impulso longo e baixo que quase atingiu Kasia na cintura. Ela teve que pular para trás: se ele conseguisse jogá-la para fora do caminho, não importaria se ela era mais forte do que ele. Ela tentou segurar a ponta da lança, mas Marek a puxou para trás rápido demais; depois, ele imediatamente empurrou o cavalo para a frente e o fez se erguer e ficar sobre as duas patas, os cascos cobertos de aço se debatendo na direção da cabeça de Kasia. Ele a estava empurrando para trás: assim que ele chegasse ao local onde a estrada se alargava, ele e os outros soldados se aproximariam e a cercariam. Eles podiam passar por ela e chegar até nós, até as crianças.

Procurei o feitiço do Dragão, o feitiço de transporte. *Valisu*, e *zokinezh* – mas mesmo enquanto tentava encaixar as palavras, eu sabia que não ia

funcionar. Ainda não estávamos no vale; o caminho não estava aberto para nós.

Minha cabeça estava leve com o ar rarefeito e o desespero. Stashek tinha pegado Marisha e a estava segurando com força. Fechei os olhos e falei o feitiço de ilusão: chamei a biblioteca de Sarkan, as estantes se erguendo da rocha nua ao nosso redor, as lombadas com letras douradas e o cheiro de couro; o cuco na gaiola, a janela que dava para toda a extensão verde do vale e para o rio sinuoso. Eu até nos vi na ilusão: minúsculas figuras, como formigas, se movendo na encosta da montanha. Havia uma fileira de vinte homens pendurados na trilha atrás de Marek: se ele conseguisse abrir caminho para o espaço mais largo, eles chegariam a nós.

Eu sabia que o Dragão não estava lá; ele estava no leste, em Zatochek, onde a fina coluna de fumaça se erguia na fronteira da Floresta. Mas eu o coloquei na biblioteca de qualquer maneira, à mesa, os ângulos agudos de seu rosto iluminados pelas velas que nunca derretiam; olhando para mim com aquela expressão irritada, desconcertada: *O que você está fazendo, agora?*

– Me ajude! – falei para ele e empurrei Stashek. O Dragão estendeu as mãos automaticamente, e as crianças cambalearam juntas em direção a ele; Stashek gritou, e eu o vi olhar para o Dragão com olhos arregalados. Sarkan o encarava.

Virei-me de costas, metade na biblioteca e metade na montanha.

– Kasia! – gritei.

– Vá! – gritou ela para mim. Um dos soldados atrás de Marek tinha uma visão clara de mim e da biblioteca; ele pegou um arco e o esticou com uma flecha, mirando.

Kasia se abaixou sob a lança e correu para o cavalo de Marek, empurrando o animal para trás, com as duas mãos no peito dele. O cavalo relinchou e recuou, ficando sobre as patas traseiras e atacando-a. Marek a chutou, atingindo o queixo dela, e enfiou a haste da lança entre os dois, bem perto do tornozelo dela. Ele agora estava com as duas mãos na lança, tinha soltado as rédeas, mas de algum jeito tinha feito o cavalo fazer o que ele queria mesmo assim. O animal virou-se, Marek girou o corpo enquanto isso, segurando a lança, e derrubou Kasia. Os quadris do cavalo a atingiram

e a empurraram cambaleando até a beira do caminho, e Marek deu um empurrão forte e rápido. Ela caiu: nem teve tempo de gritar, apenas soltou um "Ah!" surpreso e sumiu, arrancando um punhado de grama que tinha agarrado.

– Kasia! – gritei. Marek virou na minha direção. O arqueiro soltou a flecha; a corda fez barulho.

Mãos seguraram meus ombros, apertando com uma força conhecida e inesperada; elas me arrastaram para trás. As paredes da biblioteca se fecharam ao meu redor pouco antes do momento em que a flecha as teria atravessado. O assobio do vento, o ar frio penetrante, tudo isso desapareceu da minha pele. Girei, encarando: Sarkan estava lá; estava parado bem atrás de mim. Ele tinha me puxado.

Suas mãos ainda estavam nos meus ombros; eu estava encostada no seu peito. Eu estava cheia de preocupação e mil perguntas, mas ele me soltou e deu um passo para trás, e eu percebi que não estávamos sozinhos. Um mapa do vale estava desenrolado sobre a mesa, e um homem enorme de ombros largos com uma barba muito comprida e uma camisa de cota de malha sob um sobretudo amarelo estava em pé na ponta mais distante da mesa, boquiaberto para nós, com quatro homens de armadura atrás de si, segurando o punho de suas espadas.

– Kasia! – Marisha estava gritando nos braços de Stashek e se debatendo contra ele. – Eu quero Kasia!

Eu também queria Kasia; eu ainda estava tremendo com a lembrança de vê-la tropeçando pela beirada. Até que ponto ela poderia cair sem se machucar? Corri até a janela. Estávamos longe, mas dava para ver a fina nuvem de poeira onde ela caíra, como uma linha desenhada na encosta da montanha. Ela era um montinho escuro e pequeno de capa marrom e cabelos dourados na queda, trinta metros abaixo de onde caíra montanha abaixo. Tentei recuperar meu raciocínio e minha magia. Minhas pernas ainda tremiam de exaustão.

– Não – disse Sarkan, se aproximando de mim. – Pare. Não sei como você fez essas coisas, e imagino que ficarei horrorizado quando descobrir, mas você esbanjou demais sua magia nessa última hora. – Ele apontou para

fora da janela, para o montinho encolhido do corpo de Kasia, seus olhos semicerrados. – *Tualidetal* – disse ele e fechou as mãos num punho, puxando-o rapidamente para trás e apontando o dedo para um espaço livre no chão.

Kasia cambaleou no ar onde ele apontou e caiu, deixando um rastro de poeira marrom. Ela rolou e se levantou rapidamente, tropeçando só um pouco; havia alguns arranhões ensanguentados nos seus braços, mas ela continuava segurando a espada. Ela deu uma olhada para os homens armados do outro lado da mesa e pegou Stashek pelo ombro; ela o puxou para trás de si e segurou a espada como uma barra.

– Quietinha, Marishu – disse ela, com um leve toque no rosto de Marisha para silenciá-la; a menininha estava tentando alcançá-la.

O homem grande tinha ficado apenas encarando esse tempo todo. De repente, ele disse:

– Meu Deus do Céu; Sarkan, esse é o jovem príncipe.

– Sim, imagino que seja – disse Sarkan. Ele parecia resignado. Eu o encarei, ainda sem acreditar totalmente que ele estava ali de verdade. Ele estava mais magro do que quando eu o vira pela última vez e quase tão desgrenhado quanto eu. A fuligem deixava rastros no seu rosto e no seu pescoço e tinha deixado uma fina camada de cinza sobre toda a sua pele, o suficiente para aparecer uma linha onde o colarinho da sua camisa estava aberto, separando a pele limpa da sujeira. Ele usava um casaco comprido e bruto de couro, aberto. As barras da manga e a bainha de baixo estavam pretas e queimadas, e o casaco todo tinha manchas de fogo. Parecia ter saído diretamente do incêndio na Floresta; eu me perguntei se, de alguma forma, eu o tinha invocado para cá, com meu feitiço.

Espiando atrás de Kasia, Stashek disse:

– Barão Vladimir? – Ele levantou Marisha um pouco nos braços, de maneira protetora, e olhou para Sarkan. – Você é o Dragão? – perguntou, sua voz jovem e aguda oscilando em dúvida, como se pensasse que ele não parecia ser. – Agnieszka nos trouxe para cá para nos manter em segurança – acrescentou ele, ainda mais em dúvida.

– Claro que sim – disse Sarkan. Ele olhou pela janela. Marek e seus homens já estavam descendo a trilha inclinada, e não estavam sozinhos. A longa fileira do exército em marcha estava saindo da passagem da montanha, seus pés provocando uma nuvem dourada de poeira que rolava em direção a Olshanka como uma neblina.

O Dragão virou para mim.

– Bem – disse ele, cáustico –, você certamente trouxe mais homens.

Capítulo 26

– Ele deve ter reunido todos os soldados do sul de Polnya – disse o Barão dos Pântanos Amarelos, analisando o exército de Marek. Ele era um homem grande, com uma barriga de barril confortável que usava sua armadura com a mesma facilidade que uma roupa comum. Ele não ia parecer deslocado na taberna da nossa vila.

Ele tinha acabado de receber o chamado para ir à capital para o funeral do rei quando o mensageiro de Marek, acelerado por magia, chegou e lhe disse que o príncipe coroado também estava morto e lhe dera ordens: atravessar as montanhas, prender Sarkan como corrompido e traidor e fazer uma armadilha para mim e para as crianças. O barão fez que sim com a cabeça, deu ordens para seus soldados se reunirem e esperou até o mensageiro partir. Em seguida, levou seus homens pela passagem e foi direto até Sarkan, para lhe dizer que havia algum tipo de corrupção diabólica acontecendo na capital.

Eles voltaram para a torre juntos, e os soldados acampados lá embaixo eram dele; estavam apressados armando fortificações para formar uma defesa.

– Mas não podemos resistir por mais do que um dia, não contra aquilo – disse o barão, apontando o polegar para fora da janela, para o exército que descia numa enxurrada pela encosta da montanha. – Então, é bom você ter algo na manga. Falei à minha esposa para ela escrever para Marek e dizer que eu tinha perdido a cabeça e ficado corrompido, por isso espero que ele não arranque a cabeça dela e dos meus filhos, mas eu também queria manter a minha cabeça.

– Eles conseguem derrubar as portas? – perguntei.

– Se tentarem por tempo suficiente – respondeu Sarkan. – E as paredes também, na verdade. – Ele apontou para um par de carroças de madeira rolando pela encosta da montanha, carregando os canos de ferro compridos, canhões. – Encantamentos não vão resistir para sempre ao fogo de canhões.

Ele virou de costas para a janela.

– Você sabe que já perdemos – me disse ele sem rodeios. – Todos os homens que matarmos, todos os feitiços que usarmos, tudo isso serve à Floresta. Podemos levar as crianças para a família da mãe e organizar uma nova defesa no norte, ao redor de Gidna...

Ele não estava dizendo nada que eu já não soubesse desde que voltei voando para casa como um pássaro em direção a um ninho em chamas.

– Não – respondi.

– Me escute – disse ele. – Eu sei que seu coração está neste vale. Sei que você não consegue se libertar dele...

– Porque estou ligada a ele? – indaguei de maneira penetrante. – Eu e todas as meninas que você escolhe?

Eu tinha cambaleado para sua biblioteca com um exército nos meus calcanhares e meia dúzia de pessoas ao redor, e não tivemos tempo para conversar, mas eu ainda não o tinha perdoado. Eu queria ficar sozinha com ele e sacudi-lo até as respostas saírem, depois sacudi-lo um pouco mais por via das dúvidas. Ele ficou calado, e eu me obriguei a deixar de lado a fúria da raiva. Eu sabia que não era o momento.

– Não é por isso – falei. – A Floresta pode entrar no castelo do rei em Kralia, uma viagem de uma semana daqui. Você acha que tem algum lugar aonde possamos levar as crianças que a Floresta não consiga alcançar? Pelo menos aqui temos uma chance de vitória. Mas, se fugirmos, se deixarmos a Floresta invadir o vale todo, nunca vamos reunir um exército em lugar nenhum que possa combatê-la totalmente, até sua essência.

– Infelizmente – disse ele de maneira aguçada –, o único que temos agora está apontado para a direção errada.

– Então precisamos persuadir Marek a virá-lo para o outro lado – falei.

Kasia e eu levamos as crianças para baixo, até o porão, o local mais seguro, e fizemos um catre para eles com palha e lençóis sobressalentes das prateleiras. Os suprimentos da cozinha estavam intocados pelo tempo, e todos nós estávamos famintos o suficiente, depois de um dia correndo, que nem mesmo a preocupação conseguiu sufocar nosso apetite. Peguei um coelho na despensa fria nos fundos e o coloquei numa panela com cenouras, trigo-sarraceno seco e água e lancei *lirintalem* nela, para transformar aquilo em algo comestível. Devoramos tudo junto, sem nos importarmos em pegar tigelas, e quase imediatamente depois as crianças caíram num sono exausto, encolhidas juntas.

– Eu fico com eles – disse Kasia, sentando ao lado do catre. Ela deixou a espada desembainhada ao lado e apoiou a mão na cabeça adormecida de Marisha. Misturei uma massa simples numa tigela grande, apenas pasta de farinha e sal, e a levei escada acima até a biblioteca.

Do lado de fora, os soldados tinham armado a tenda de Marek, um pavilhão branco com duas luzes enfeitiçadas plantadas no chão em frente. Sua luz azul dava ao tecido branco um brilho sobrenatural, como se o pavilhão todo tivesse descido direto do Paraíso, e eu imaginei que essa era a ideia. O estandarte do rei estava balançando ao vento em cima do ponto mais alto, a águia vermelha com a boca e as garras abertas, coroada. O sol estava baixando. A sombra comprida das montanhas do oeste estava se esgueirando lentamente por sobre o vale.

Um arauto saiu e ficou parado entre as luzes, oficial e perfeito, usando um uniforme branco com a pesada corrente dourada da função ao redor do pescoço. Outra amostra do trabalho de Ragostok: ele lançou sua voz contra as paredes da torre como um sopro de trombetas justiceiras. Ele estava recontando todos os nossos crimes: corrupção, traição, assassinato do rei, assassinato da princesa Malgorzhata, assassinato do padre Ballo, conspiração com a traidora Alosha, sequestro do príncipe Kasimir Stanislav Algirdon e da princesa Regelinda Maria Algirdon (levei um instante para perceber que estavam falando de Stashek e Marisha), associação com os inimigos de Polnya e continuando a partir daí. Fiquei feliz de ouvi-los

citando Alosha como traidora: talvez isso significasse que ela ainda estava viva.

A lista terminava com a exigência de devolução das crianças e nossa rendição imediata. Depois, o arauto parou para respirar e beber água; em seguida, começou a recitar a litania ameaçadora de novo. Os homens do barão andavam de um lado para o outro, desconfortáveis, ao redor da base da torre onde estavam acampados, e olhavam para cima, desconfiados, para nossas janelas.

– Claro, parece que vamos convencer Marek a qualquer momento – disse Sarkan enquanto entrava no cômodo. Pequenas manchas de óleo brilhavam na sua garganta, nas costas da sua mão e na testa: ele estava preparando poções de sono e de esquecimento no laboratório. – O que você pretende fazer com isso? Duvido que Marek vá comer um pão envenenado, se essa era a sua ideia.

Virei minha massa sobre o tampo de mármore liso da mesa comprida. Na minha mente, eu tinha a ideia vaga dos bois, do jeito como eu os tinha remendado; eles esfarelaram, mas eram feitos apenas de lama.

– Você tem areia? – perguntei. – E talvez uns pedaços pequenos de ferro?

Misturei fragmentos de ferro e areia na minha massa enquanto o arauto falava lá fora. Sarkan sentou diante de mim, sua pena rabiscando um longo encantamento de ilusão e medo tirado de seus livros. Uma ampulheta deixava a areia escorrer entre nós, marcando o tempo enquanto suas poções cozinhavam. Uns poucos soldados descontentes do barão estavam esperando enquanto ele trabalhava, trocando o peso do corpo de um pé para o outro, desconfortáveis, no canto do salão. Ele deixou a pena de lado enquanto os últimos grãos de areia escorriam, cronometrados com precisão.

– Muito bem, venham comigo – disse o Dragão para os soldados, e os levou até o laboratório, para dar a eles os frascos que levariam escada abaixo.

Eu sussurrava as canções de cozinhar da minha mãe enquanto trabalhava, amassando e amassando num ritmo constante. Pensei em Alosha, forjando sua espada repetidas vezes, inserindo um pouco mais de

magia a cada vez. Quando minha massa estava flexível e macia, tirei um pedaço, enrolei nas mãos formando uma torre e a plantei no meio, dobrando a massa num dos lados para formar a parede de montanhas atrás de nós.

Sarkan voltou para o salão e fez uma cara feia para o meu trabalho.

– Um modelo encantador. Tenho certeza de que as crianças vão se divertir.

– Venha me ajudar – respondi.

Fiz um muro ao redor da torre com a massa macia e comecei a murmurar um cântico de feitiços de terra sobre ele: *fulmedesh*, *fulmishta*, várias vezes num ritmo constante. Construí um segundo muro mais distante, depois um terceiro; continuei sussurrando baixinho para eles. Um som gemido, como árvores num vento forte, entrou pela janela, e o chão tremeu levemente sob nós: terra e pedra despertando.

Sarkan observou, franzindo a testa por mais um tempo. Senti seus olhos na minha nuca. A lembrança da última vez em que trabalhamos juntos neste salão se enroscou em mim: rosas e espinhos se espalhando furiosamente por toda parte entre nós. Eu queria e não queria a ajuda dele. Queria continuar com raiva dele por um pouco mais de tempo, mas queria ainda mais a conexão; queria que ele me tocasse, queria a mordida viva e brilhante da sua magia nas minhas mãos. Mantive a cabeça abaixada e continuei trabalhando.

Ele virou e foi até um de seus armários; trouxe uma pequena gaveta cheia de lascas de pedra que pareciam ser do mesmo granito cinza da torre e tinham tamanhos variados. Ele começou a juntar as lascas e, com os dedos compridos, as pressionou nos muros que eu construíra. Ele recitava um feitiço de reparação enquanto trabalhava, um feitiço de rachaduras consertadas e de pedras remendadas. Sua magia passou apressada pela argila, vívida e brilhante nos pontos em que roçava na minha. Ele trouxe a pedra para o feitiço, assentando fundações profundas, levantando meu trabalho e a mim: como se colocasse degraus sob mim, para que eu pudesse erguer os muros no ar.

Inseri sua magia no meu trabalho, passando as mãos ao longo dos muros, meu cântico ainda marchando sob a melodia do seu feitiço. Lancei um olhar rápido para ele. O Dragão estava olhando para a massa, tentando manter a careta, e ficou vermelho quando colocou sua forte luz transcendental no trabalho elaborado: satisfeito e também irritado, tentando não se sentir assim.

Do lado de fora, o sol tinha baixado. Um leve brilho roxo-azulado tremulou sobre a superfície da massa como uma bebida alcoólica forte queimando numa panela. Eu mal conseguia enxergá-lo no crepúsculo fraco do salão. E o trabalho se acendeu como lenha seca. Houve uma sacudida, um fluxo de magia, mas desta vez Sarkan estava preparado para a explosão da barragem. Enquanto o feitiço entrava em ação, ele se afastou de mim de repente. Por instinto, estendi a mão para ele, mas depois recuei também. Nos separamos, tínhamos magia dentro do nosso próprio corpo em vez de derramá-la um no outro.

Um ruído de rachadura, como gelo de inverno quebrando, entrou pela janela, e gritos se elevaram. Corri para olhar, passando direto por Sarkan, com o rosto quente. As luzes enfeitiçadas do lado de fora da tenda de Marek estavam rolando lentamente para cima e para baixo, como se fossem lanternas em barcos subindo numa onda. O chão estava tremendo como água.

Os homens do barão recuaram apressados para as paredes da torre. A cerca fraca, pouco mais do que feixes de gravetos que eles tinham colhido, estava desabando. Sob a luz enfeitiçada, vi Marek sair abaixado da tenda, o cabelo e a armadura brilhando reluzentes e uma corrente dourada (a mesma que o arauto estava usando) amarrada no punho. Uma apressada multidão de homens e serviçais saía atrás dele, fugindo: todo o grandioso pavilhão estava desabando.

– Apaguem as tochas e as fogueiras! – berrou Marek, sua voz anormalmente alta. Por todos os lados, a terra rangia e resmungava.

Solya saiu do pavilhão junto com os demais. Ele pegou uma das luzes encantadas que estava no chão e a segurou acima dos olhos, e, com uma palavra, ela se tornou mais brilhante. O solo entre a torre e o acampamento

estava curvado e arqueado como uma criatura preguiçosa se levantando. As pedras e a terra começaram a recuar e se transformar nos três muros altos ao redor da torre, feitos de pedras recém-extraídas do chão, entrelaçadas e cheias de veios brancos e bordas irregulares. Marek teve que dar ordens para seus homens puxarem os canhões para trás rapidamente, porque os muros que se erguiam estavam movendo o chão em que eles estavam apoiados.

O solo se assentou, suspirando. Alguns tremores finais ecoaram para longe da torre, como ondas, e pararam. Pequenas pancadas de terra e pedrinhas saíam dos muros. O rosto de Marek estava desnorteado e furioso. Por um instante, ele olhou direto para mim, revoltado; olhei irritada também. Sarkan me arrastou para longe da janela.

– Você não vai persuadir Marek a escutar se fizer ele ficar furioso – disse Sarkan quando me voltei para ele com raiva, me esquecendo da vergonha.

Estávamos muito próximos. Ele percebeu isso no mesmo instante que eu. Ele me soltou de repente e deu um passo para trás, olhou para o lado e levantou a mão para secar um fio de suor na lateral da testa. E disse:

– É melhor descermos e falarmos para Vladimir que ele não precisa se preocupar, não estamos planejando lançar ele e todos os seus soldados para o centro da terra.

– Vocês podiam ter avisado antes – disse o barão de um jeito seco quando saímos –, mas não vou reclamar. Podemos fazê-lo pagar por esses muros, mais do que ele pode custear, contanto que possamos nos movimentar entre eles. As pedras estão cortando nossas cordas. Precisamos de um jeito para passar.

Ele queria que fizéssemos dois túneis em pontas opostas dos muros, para que ele pudesse fazer Marek lutar ao longo de toda a extensão dos muros. Sarkan e eu fomos para a ponta norte para começar. Os soldados já estavam colocando piques ao longo do muro sob a luz de tochas, com as pontas para cima; eles tinham colocado capas sobre as estacas para fazer pequenas tendas para dormir. Poucos deles estavam sentados ao redor de pequenas fogueiras, ensopando carne-seca na água fervente, misturando cereais no

caldo para cozinhar. Eles saíram do caminho apressados sem termos que dizer uma palavra, assustados. Sarkan pareceu não perceber, mas eu me senti triste, estranha e errada.

Um dos soldados era um menino da minha idade, afiando industrialmente pontas de lanças uma por uma com uma pedra, de maneira habilidosa e com a mesma rapidez com que os dois homens que as colocavam ao longo dos muros conseguiam voltar para pegá-las; seis pancadas em cada uma. Ele devia ter se dedicado muito, para aprender a fazer isso tão bem. Não parecia mal-humorado nem triste. Ele tinha escolhido ser soldado. Talvez ele tivesse uma história que começava assim: uma mãe pobre e viúva em casa e três irmãs mais novas para alimentar, e uma menina na rua que sorria para ele por sobre a cerca enquanto levava o rebanho do pai para a campina todas as manhãs. Assim, ele dera à mãe todo o dinheiro do alistamento e fora construir sua fortuna. Ele trabalhava muito; queria ser cabo em breve e, depois, sargento: ele iria para casa em seguida, no seu belo uniforme, e colocaria prata nas mãos da mãe e pediria a menina sorridente em casamento.

Ou talvez ele perdesse uma perna e fosse para casa triste e amargo para encontrá-la casada com um homem que sabia plantar; ou talvez ele começasse a beber para se esquecer de que tinha matado homens ao tentar enriquecer. Essa também era uma história; todos eles tinham histórias. Eles tinham mães ou pais, irmãs ou amantes. Não eram sozinhos no mundo, importantes para ninguém além deles. Parecia extremamente errado tratá-los como moedas na bolsa. Eu queria ir falar com aquele menino, perguntar seu nome, descobrir qual era sua história. Mas isso teria sido desonesto, uma fuga dos meus próprios sentimentos. Senti que os soldados entendiam perfeitamente bem que estávamos fazendo cálculos com eles: tantos para desperdiçar de maneira segura, um número alto demais, como se cada um não fosse uma pessoa.

Sarkan bufou.

– Que bem faria a eles você sair por aí fazendo perguntas, para saber que um veio de Debna, e o pai daquele é alfaiate, e o outro tem três filhos em

casa? É muito melhor você construir muros para impedir que os soldados de Marek os matem pela manhã.

– Eles ficariam melhores se Marek nem tentasse nada, pra começo de conversa – falei, impaciente porque ele se recusava a entender. O único jeito de conseguirmos obrigar Marek a negociar era fazer com que os muros fossem caros demais para romper, de modo que ele não quisesse pagar por isso. Mas isso ainda me deixava com raiva dele, do barão, de Sarkan, de mim mesma. – *Você* ainda tem alguma família? – perguntei abruptamente.

– Não sei dizer. Eu tinha três anos de idade e era pedinte quando coloquei fogo em Varsha, tentando me aquecer na rua numa noite de inverno. Eles não tentaram caçar minha família antes de me mandarem para a capital. – Ele falava com indiferença, como se não se importasse, longe do resto do mundo. – Não faça cara triste para mim. Isso foi um século e meio atrás, e cinco reis deram seu último suspiro desde então... seis reis – corrigiu. – Venha me ajudar a encontrar uma rachadura para abrir.

Estava totalmente escuro nesse momento, e não havia como encontrar uma rachadura, exceto pelo toque. Coloquei a mão no muro e quase a puxei de volta de novo. A pedra murmurava de um jeito tão esquisito sob as minhas mãos, um coro de vozes profundas. Olhei mais de perto. Tínhamos misturado mais do que pedras e terra: havia pedaços quebrados de tijolos esculpidos se destacando da terra, os ossos da velha torre perdida. Palavras antigas estavam esculpidas em alguns pontos, fracas e quase desgastadas, mas ainda lá para serem sentidas mesmo que não fossem vistas. Tirei as mãos do muro e esfreguei uma na outra. Meus dedos pareciam empoeirados, secos.

– Eles morreram há muito tempo – disse Sarkan, mas os ecos continuavam. A Floresta tinha derrubado aquela última torre; a Floresta tinha devorado e espalhado todas aquelas pessoas. Talvez tivesse acontecido assim para eles também: talvez eles tivessem sido enganados e transformados em armas uns contra os outros, até todos estarem mortos e as raízes da Floresta poderem se esgueirar sorrateiramente sobre os corpos.

Coloquei as mãos de volta na pedra. Sarkan encontrou uma rachadura estreita na parede, onde mal cabiam as pontas dos dedos. Nós a pegamos

em lados opostos e puxamos juntos.

– *Fulmedesh* – falei enquanto ele fazia um feitiço de abertura e, entre nós, a rachadura se alargava com um barulho parecido com pratos se quebrando num piso de pedra. Uma cascata de pedrinhas esfareladas saiu dali.

Os soldados retiraram as pedras soltas com os capacetes e as mãos usando manoplas enquanto abríamos ainda mais a rachadura. Quando terminamos, o túnel era grande o suficiente para um homem de armadura atravessar, se ele se abaixasse. Lá dentro, os brilhos fracos de letras azuis prateadas reluziam pontualmente no escuro. Atravessei o buraco de rato o mais rápido possível, tentando não olhar para elas. Os soldados começaram a trabalhar na trincheira atrás de nós enquanto andávamos por toda a longa curva do muro até a ponta do sul, para fazer a segunda abertura.

Quando terminamos o segundo túnel, os homens de Marek tinham começado a testar o muro exterior, ainda não era uma tentativa séria: eles estavam jogando por cima do muro panos em chamas embebidos em óleo de lamparina, pequenos pedaços espinhosos de ferro com pontas em todas as direções. Mas isso quase deixou os soldados do barão mais felizes. Eles pararam de olhar para mim e para Sarkan como se fôssemos cobras venenosas e começaram a vociferar confortavelmente ordens e a fazer preparações para o cerco, um trabalho que eles conheciam muito bem.

Não havia lugar para nós entre eles; estávamos apenas atrapalhando. Não tentei falar com nenhum, no fim das contas; em silêncio, segui o Dragão de volta para a torre.

Ele fechou as portas imponentes depois que entramos, e o barulho da barra caindo nos apoios de ferro ecoou no mármore. A entrada e o grande salão não tinham mudado, os bancos de madeira estreitos inóspitos encostados nas paredes, os candelabros pendurados no alto. Tudo tão rígido e formal quanto no primeiro dia que entrei aqui com minha bandeja de comida, tão assustada e sozinha. Até o barão preferia dormir do lado de fora com seus homens, no clima quente. Através das janelas estreitas, dava para ouvir as vozes lá fora, mas fracas, como se viessem de muito longe. Alguns soldados

estavam cantando juntos, uma canção desbocada, provavelmente, mas cheia de um ritmo de trabalho animado. Eu não conseguia distinguir as palavras.

– Bem, pelo menos teremos um pouco de silêncio – disse Sarkan, virando de costas para a porta e na minha direção. Ele passou a mão na testa, formando uma linha clara por sobre a camada fina de poeira de pedra cinza grudada na pele; suas mãos estavam manchadas de pó verde e traços iridescentes de óleo que brilhava na luz do candelabro. Ele olhou para elas com uma careta de aversão, para as mangas soltas de sua camisa de trabalho.

Por um instante, estaríamos sozinhos de novo na torre, só nós dois, sem nenhum exército esperando lá fora, nenhuma criança da realeza se escondendo no porão, sem a sombra da Floresta caindo na nossa porta. Eu me esqueci que estava tentando sentir raiva dele. Eu queria cair nos seus braços e encostar o rosto no seu peito e inspirá-lo, fumaça, cinzas e suor, tudo ao mesmo tempo; eu queria fechar os olhos e queria que ele colocasse os braços ao meu redor. Queria esfregar as mãos no pó do corpo dele.

– Sarkan – falei.

– Eles provavelmente vão atacar na primeira luz da manhã – disse ele rápido demais, me interrompendo antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa. Seu rosto estava tão fechado quanto as portas. Ele deu um passo para longe de mim e apontou para a escada. – A melhor coisa que você pode fazer neste momento é dormir um pouco.

Capítulo 27

Que conselho perfeitamente sensato. Ele ficou no meu estômago como um nó indigesto. Desci até o porão para deitar com Kasia e as crianças, e me encolhi em silêncio, remoendo aquilo. Eles respiravam regularmente atrás de mim. O som deveria ser reconfortante; em vez disso, me provocava: *Eles estão dormindo, e você não!* O piso do porão não conseguia refrescar minha pele febril.

Meu corpo se lembrava do dia sem fim; eu tinha acordado naquela manhã do outro lado das montanhas e ainda sentia os ecos do barulho dos cascos na pedra atrás de mim, se aproximando, a tensão da minha respiração apavorada forçando minhas costelas enquanto eu corria com Marisha nos braços. Eu estava com manchas roxas nos locais onde seus calcanhares batiam nas minhas pernas. Eu deveria estar esgotada. Mas a magia ainda estava viva e tremendo no meu estômago, magia demais sem ter aonde ir, como se eu fosse um tomate muito maduro que quisesse rasgar a casca para se aliviar, como se não houvesse um exército do lado de fora das nossas portas.

Não achei que Solya tinha passado o início da noite preparando feitiços de defesa e de sono. Ele encheria nossas trincheiras com fogo branco e diria a Marek para onde apontar os canhões tentando matar o maior número de soldados. Ele era um mago da guerra; tinha estado em dezenas de batalhas, e Marek tinha todo o exército de Polnya por trás, seis mil soldados contra os nossos seiscentos. Se não os impedíssemos; se Marek atravessasse os muros que construímos e esmagasse as portas, matasse todos nós e pegasse as crianças...

Joguei a coberta para o lado e me levantei. Os olhos de Kasia se abriram apenas brevemente para me ver, depois se fecharam de novo. Escapei para

sentar perto das cinzas da lareira, tremendo. Eu não conseguia parar de pensar sobre como seria fácil perder, sobre a Floresta se espalhando sombria e terrível pelo vale, uma onda verde que engolia tudo. Tentei não imaginar, mas, na minha mente, uma árvore-coração se ergueu na praça em Dvernik, se estendendo monstruosa como aquela árvore terrível em Porosna do outro lado das fronteiras da Floresta, e todo mundo que eu amava estava preso sob suas raízes gananciosas.

Eu me levantei e fugi da minha própria imaginação, subindo a escada. No grande salão, as janelas estreitas estavam escuras; não havia nem um trecho de canção lá fora para me embalar. Todos os soldados estavam dormindo. Continuei subindo, passei pelo laboratório e pela biblioteca, com luzes em verde, violeta e azul ainda tremeluzindo atrás das portas. Mas estava tudo vazio; não havia ninguém com quem eu gritar, ninguém para me repreender e dizer que eu estava sendo tola. Subi mais um lance de escadas e parei na beira do patamar seguinte, perto da ponta do tapete comprido. Um brilho fraco reluzia por baixo da porta mais distante, no fim do corredor. Eu nunca tinha ido naquela direção para o quarto de Sarkan. Ele já havia sido o aposento de um ogro em certa época.

O tapete era grosso e escuro, com um padrão tecido com fio amarelo-dourado. O padrão era feito em uma linha só: começava numa espiral apertada como a curva do rabo de um lagarto. A linha dourada ficava mais grossa conforme ele se desenrolava, depois se contorcia de um lado para o outro ao longo da extensão do tapete, quase como um caminho, levando às sombras no corredor. Meus pés afundaram na lã macia. Segui a linha dourada conforme ela engrossava sob os meus pés e assumia um padrão parecido com escamas, brilhando levemente. Passei pelos quartos de hóspedes, duas portas uma em frente à outra, e depois delas, o corredor escureceu ao meu redor.

Eu estava passando por um tipo diferente de pressão, um vento soprando em mim. O padrão no tapete estava criando formas mais claras. Andei por sobre um grande membro com garras de marfim, por sobre a extensão de asas douradas pálidas com veias em marrom-escuro.

A asa ficou mais fria. As paredes desapareceram, virando parte da escuridão. O tapete se alargou até encher todo o corredor que eu conseguia ver e se estendeu para muito mais longe. Não parecia mais lã. Fiquei em pé sobre escamas quentes, macias como couro, subindo e descendo sob os meus pés. O som de respiração ecoou em paredes de caverna longe da minha visão. Instintivamente, meu coração queria martelar de pavor. Meus pés queriam virar e correr.

Em vez disso, fechei os olhos. Eu conhecia a torre, agora, sabia que comprimento o corredor devia ter. Dei mais três passos ao longo das costas com escamas, virei e estendi a mão, tentando pegar a porta que eu sabia que estava ali. Meus dedos encontraram uma maçaneta, o metal quente sob os dedos. Abri os olhos de novo e estava de volta no corredor, olhando para uma porta. Alguns passos depois, o corredor e o tapete terminavam. O padrão dourado voltou ao normal, e um olho verde brilhante me encarava a partir de uma cabeça cheia de fileiras de dentes prateados, esperando por qualquer pessoa que não soubesse para onde ir.

Abri a porta. Ela girou em silêncio. O quarto não era grande. A cama era pequena e estreita, com dossel e cortinas de veludo vermelho; uma única cadeira diante da lareira, lindamente esculpida, sozinha; um único livro sobre a pequena mesa ao lado com uma única taça de vinho pela metade. O fogo estava reduzido a carvões reluzentes, e as luzes estavam apagadas. Fui até a cama e abri a cortina. Sarkan estava dormindo atravessado na cama, ainda usando calça curta e uma camisa larga; ele só tinha tirado o casaco. Fiquei parada segurando a cortina. Ele piscou para mim por um instante, surpreso demais para ficar indignado, como se nunca imaginasse que alguém *pudesse* invadir sua privacidade assim. Sarkan estava tão desnorteado que eu nem quis mais gritar com ele.

– Como foi que você – começou ele, se erguendo sobre um cotovelo, a indignação finalmente surgindo, e eu o empurrei de volta e o beijei.

Ele fez um barulho de surpresa na minha boca e me segurou pelos braços, me afastando.

– Escute, sua criatura impossível, tenho mais de um século a mais que...

– Ah, cale a boca – falei impaciente; qualquer desculpa teria sido melhor do que aquela. Escalei pelo lado alto da cama e subi nele, a cama de plumas grossa cedendo sob meu peso. Olhei furiosa para ele. – Você *quer* que eu vá embora?

Suas mãos apertaram meus braços. Ele não olhou no meu rosto. Por um instante, não falou. Depois, respondeu, rouco:

– Não.

E me puxou para baixo, sua boca doce e febril e maravilhosa, destruidora. Eu não precisava mais pensar. A árvore-coração queimou com um rugido crepitante e desapareceu. Só havia o calor das mãos dele deslizando pelos meus braços nus, me fazendo tremer de novo. Ele tinha um braço ao meu redor, me apertando com força. Sarkan pegou minha cintura e levantou minha blusa larga. Passei minha cabeça pela abertura e desvencilhei os braços das mangas, meus cabelos se espalhando sobre os ombros, e ele gemeu e enterrou o rosto naquela bagunça desgrenhada, me beijando através dos fios: minha garganta, meus ombros, meus seios.

Eu me agarrei a ele, sem fôlego, feliz e cheia de um terror inocente e descomplicado. Não tinha me ocorrido que ele faria isso, mas a língua dele deslizou pelo meu mamilo e o levou para dentro da boca, e eu me encolhi e agarrei seus cabelos, provavelmente de um jeito doloroso. Ele se afastou, o frio súbito era um choque na minha pele, e com a voz baixa e profunda num tom quase desesperado, como se ainda quisesse gritar comigo e não conseguisse, disse:

– Agnieszka.

Ele nos rolou na cama e me jogou nos travesseiros que estavam embaixo dele. Agarrei punhados de sua camisa e puxei, ansiosa. Ele sentou e a tirou por cima da cabeça, e eu joguei a cabeça para trás e encarei o dossel enquanto ele levantava a minha pilha enlouquecedora de saias. Eu me senti desesperadamente voraz, desejando urgentemente suas mãos. Durante muito tempo, tinha tentado não me lembrar daquele momento perfeito e chocante, do seu polegar deslizando entre as minhas pernas; mas, ah, eu me lembrava. Ele roçou os nós dos dedos em mim, e aquela doce sacudida percorreu meu corpo de novo. Fui tomada por calafrios, e fechei as coxas

com força ao redor das suas mãos, por instinto. Eu queria pedir que ele se apressasse, que ele fosse devagar, que fizesse as duas coisas ao mesmo tempo.

A cortina tinha se fechado. Ele estava inclinado sobre mim, seus olhos apenas um brilho no ambiente escuro da cama, cheios de uma concentração feroz observando meu rosto. Ele ainda conseguia roçar o polegar em mim, só um pouco. Ele acariciou só uma vez. Um ruído subiu pelo fundo da minha garganta, um suspiro ou gemido, e ele se debruçou e me beijou como se quisesse devorá-lo, pegá-lo na própria boca.

Ele mexeu o polegar de novo e eu parei de pressionar as pernas. Sarkan segurou as minhas coxas e as separou, levantou minha perna ao redor da sua cintura; ainda estava me encarando de um jeito faminto.

– *Isso* – falei com urgência, tentando me movimentar com ele; mas ele continuava me acariciando com os dedos. – *Sarkan*.

– Claro que não é demais pedir um *pouco* de paciência – disse ele, os olhos negros cintilando. Eu o fitei com raiva, mas então ele me acariciou de novo, com delicadeza, mergulhando os dedos em mim; desenhou uma linha comprida entre as minhas coxas várias vezes, circulando no topo. Ele estava me fazendo uma pergunta que eu não sabia responder, até que eu soube; eu me fechei de repente, com força, e molhada nas mãos dele.

Caí de costas tremendo nos travesseiros; coloquei as mãos nos meus cabelos desgrenhados e os puxei até minha testa úmida, arfando.

– Ah – falei. – Ah.

– Isso – disse ele, orgulhoso e satisfeito consigo mesmo, e eu me sentei e o empurrei para trás.

Segurei a cintura da sua calça (ele ainda estava usando a calça!) e disse: *"Hulvad."* Ela se derreteu no ar com um tranco, e eu joguei minhas saias por cima. Ele ficou deitado nu sob mim, comprido e magro e com os olhos subitamente semicerrados, suas mãos nos meus quadris, o sorrisinho não mais em seu rosto. Subi nele.

– Sarkan – falei, segurando a fumaça e o trovão do seu nome na boca como um prêmio, e deslizei em cima dele. Seus olhos se fecharam com força, apertados; ele parecia quase sentir dor. Senti meu corpo

maravilhosamente pesado, o prazer ainda me atravessando em ondas cada vez mais amplas, espasmos. Gostei da sensação dele dentro de mim. Ele arfava em respirações irregulares e longas. Seus polegares estavam apertando meus quadris com força.

Segurei seus ombros e me balancei sobre ele.

– Sarkan – falei de novo; rolei o nome dele na minha língua, explorando todos os cantos sombrios, as partes que se escondiam profundamente, e ele gemeu impotente e se agitou embaixo de mim. Prendi as pernas em volta da cintura dele, e ele me apertou com um braço e me jogou sobre a cama.

Fiquei deitada aninhada ao lado dele para caber na pequena cama, prendendo a respiração. Sua mão estava nos meus cabelos, e seu rosto encarava o dossel, estranhamente perplexo, como se ele não conseguisse se lembrar de como tudo isso tinha acontecido. Meus braços e minhas pernas estavam cheios de sono, pesados como se precisassem de um guindaste para levantar. Descansei encostada nele e finalmente perguntei:

– Por que você nos captura?

Seus dedos estavam passeando distraídos pelo meu cabelo, desembaraçando-o. Eles pararam. Depois de um instante, ele suspirou sob o meu rosto.

– Vocês estão atreladas ao vale, todas vocês; nascidas e criadas lá. Ele tem controle sobre vocês. Isso é um canal e eu o uso para drenar um pouco da força da Floresta.

Ele levantou a mão e a deixou aberta no ar sobre nossas cabeças, um traço delicado surgindo prateado no rastro da sua mão: um esqueleto da pintura no meu quarto, um mapa de linhas de magia correndo pelo vale. Elas seguiam o longo caminho luminoso do Veio e todos os seus pequenos afluentes vindo das montanhas, com estrelas reluzindo para marcar Olshanka e todas as nossas vilas.

As linhas não me surpreenderam, de alguma forma: parecia algo que eu sempre soube que estava ali, sob a superfície. O respingo do balde de água ecoando dentro do poço profundo, na praça da vila em Dvernik; o murmúrio do Veio correndo rápido no verão. Estava tudo cheio de magia,

de poder, tudo ali para ser extraído. E ele abria linhas de irrigação para sugar mais poder antes que a Floresta conseguisse colocar a mão ali.

– Mas por que você precisa de uma de nós? – indaguei, ainda confusa. – Você podia simplesmente ter... – Fiz um gesto de concha com as mãos.

– Não sem eu mesmo estar ligado ao vale – disse ele, como se essa fosse toda a explicação do mundo. Fiquei imóvel encostada nele, a confusão crescendo em mim. – Não precisa se preocupar – acrescentou ele, seco, me entendendo muito mal. – Se conseguirmos sobreviver até o fim do dia, vamos encontrar um jeito de desenraizar você dele.

Ele passou a palma de novo sobre as linhas prateadas, apagando-as. Não voltamos a falar; eu não sabia o que dizer. Depois de um tempo, sua respiração se regularizou sob o meu rosto. A escuridão profunda das cortinas de veludo pesadas nos fechava, como se estivéssemos deitados dentro do seu coração cercado. Eu não sentia mais a prisão do medo, mas sentia dor. Algumas lágrimas estavam espetando os meus olhos, quentes e sofridas, como se estivessem tentando lavar um cisco, mas não houvesse lágrimas suficientes para isso. Eu quase desejei não ter subido a escada.

Eu realmente não tinha pensado no *depois*: depois que impedíssemos a Floresta e sobrevivêssemos; me parecia absurdo pensar no *depois* de algo tão impossível. Mas agora eu percebia que, sem pensar muito, eu meio que tinha imaginado um lugar para mim aqui na torre. Meu pequeno quarto lá em cima, uma exploração animada pelo laboratório e pela biblioteca, atormentando Sarkan como um fantasma bagunceiro que deixava seus livros fora do lugar e abria suas portas imponentes e que o fazia ir ao festival de primavera e ficar por tempo suficiente para uma ou duas danças.

Eu já sabia, sem ter que colocar em palavras, que não havia mais um lugar para mim na casa da minha mãe. Mas sabia que não queria passar meus dias vagando pelo mundo numa cabana com pernas, como as histórias diziam de Jaga, nem no castelo do rei. Kasia quisera ser livre, sonhara com todo o mundo aberto para si. Eu nunca fiz isso.

Mas eu também não podia ficar aqui com ele. Sarkan tinha se fechado nesta torre; ele nos capturava, uma atrás da outra; ele usara nossa conexão só para não ter que fazer a própria. Havia um motivo para ele nunca descer

para o vale. Eu não precisava que ele me dissesse que não podia ir a Olshanka e dançar no círculo sem estender suas raízes, e ele não queria isso. Durante um século ele tinha se mantido isolado atrás dessas paredes de pedra cheias de magia antiga. Talvez ele me deixasse entrar, mas ia querer fechar as portas de novo depois que eu saísse. Afinal, ele já tinha feito isso. Eu tinha construído uma corda de vestidos de seda e magia para escapar, mas não podia fazer com que *ele* descesse pela janela se não quisesse.

Sentei e me afastei dele. Sua mão tinha soltado meu cabelo. Afastei as cortinas sufocantes e deslizei para fora da cama, pegando uma das cobertas para me enrolar. Fui até a janela, abri a persiana e coloquei a cabeça e os ombros para fora, no ar noturno, desejando a brisa no meu rosto. Ela não veio; o ar ao redor da torre estava parado. Muito parado.

Eu não me mexi, as mãos segurando o peitoril de pedra. Era o meio da noite, ainda muito escuro, a maioria das fogueiras para cozinhar estavam apagadas. Eu não conseguia ver nada lá embaixo. Tentei escutar as antigas vozes de pedra nos muros que tínhamos construído, e as ouvi murmurando, perturbadas.

Corri de volta para a cama e sacudi Sarkan para acordá-lo.

– Tem alguma coisa errada – falei.

Cambaleamos em busca das nossas roupas, *vanastalem* criando saias a partir dos meus tornozelos e fechando um espartilho novo ao redor da minha cintura. Ele estava segurando uma bolha de sabão entre as mãos, uma pequena versão de um de seus sentinelas, dando uma mensagem:

– Vlad, acorde seus homens, rápido: eles estão tentando alguma coisa no escuro da noite. – Ele a soprou pela janela, e nós corremos; quando chegamos à biblioteca, tochas e lanternas estavam sendo acendidas em todas as trincheiras lá embaixo.

Mas não havia quase nenhuma no acampamento de Marek, exceto as que um punhado de guardas seguravam, e uma luz brilhando dentro do pavilhão.

– Sim – disse Sarkan. – Ele está fazendo alguma coisa.

Ele virou para a mesa: havia espalhado uma dezena de livros de magia defensiva. Mas eu fiquei na janela olhando para baixo, com a testa franzida.

Dava para sentir a conjunção de magia que tinha um toque de Solya, mas havia mais alguma coisa, alguma coisa se movendo devagar e com profundidade. Eu ainda não conseguia ver nada. Só alguns guardas fazendo ronda.

Dentro do pavilhão de Marek, uma silhueta passou entre a lanterna e a parede da tenda e lançou uma sombra na parede, um rosto de perfil: a cabeça de uma mulher, com o cabelo preso no alto, e as pontas afiadas da tiara que ela usava. Recuei rapidamente da janela, ofegando, como se ela tivesse me visto. Sarkan olhou para mim, surpreso.

– Ela está aqui – falei. – A rainha está aqui.

Não houve tempo para pensar no que isso significava. Os canhões de Marek rugiram com jorros de fogo laranja, um barulho terrível, e nuvens de poeira saíram voando quando as primeiras bolas de canhão esmagaram o muro exterior. Ouvi Solya dar um grito alto, e a luz iluminou todo o acampamento de Marek: os homens estavam colocando carvão em camas de palha e gravetos que tinham enfileirado.

Uma parede de chamas subiu para encarar meu muro de pedra, e Solya estava parado atrás dela: seu roupão branco estava manchado de luz laranja e vermelha, saindo de seus braços bem abertos. Seu rosto estava contraído de tensão, como se ele estivesse erguendo uma coisa pesada. Não dava para escutar as palavras por causa do rugido do fogo, mas ele estava recitando um feitiço.

– Tente fazer alguma coisa a respeito desse fogo – me disse Sarkan, depois de uma olhada rápida para baixo. Ele se virou de volta para a mesa e pegou um dos pergaminhos que tinha preparado no dia anterior, um feitiço para enfraquecer tiros de canhão.

– Mas o que... – comecei, mas ele já estava lendo, as sílabas emaranhadas fluindo como música, e eu fiquei sem tempo para perguntas. Do lado de fora, Solya dobrou os joelhos e ergueu os braços como se estivesse lançando uma bola grande. Toda a parede de chamas saltou no ar e se curvou por sobre o muro e entrou na trincheira onde os homens do barão estavam agachados.

Seus gritos e berros se ergueram com o crepitar das chamas, e por um instante, congelei. O céu estava claro demais, com estrelas de ponta a ponta, sem uma única nuvem em nenhum lugar de onde eu pudesse extrair chuva. Corri para pegar o pote de água no canto, desesperada: achei que, se eu conseguisse fazer uma nuvem crescer e virar tempestade, poderia fazer uma gota virar uma nuvem.

Coloquei a água na minha mão em concha e sussurrei o feitiço de chuva sobre ela, falando às gotas que elas podiam ser chuva, que elas podiam ser uma tempestade, um dilúvio encharcado, até que uma poça estremeceu como mercúrio na palma da minha mão. Lancei meu punhado de água pela janela, e ele realmente se tornou chuva: um soluço de trovão e um único jorro de água que desceu direto para a trincheira, esmagando o fogo em um local específico.

Os canhões continuaram rugindo o tempo todo. Agora, Sarkan estava em pé ao meu lado na janela, segurando o escudo contra eles, mas cada golpe o atingia como um soco. O fogo laranja iluminava seu rosto de baixo para cima, refletia nos seus dentes trincados enquanto resmungava com o impacto. Eu queria falar com ele, entre as rodadas dos canhões, para perguntar se estávamos indo bem; eu não conseguia dizer se nós estávamos ganhando ou se eles estavam.

Mas o fogo na trincheira ainda estava queimando. Continuei jogando chuva, mas era um trabalho difícil, fazer chuva com punhados de água, e ficava cada vez pior. O ar ao meu redor ficou seco e árido, e minha pele e meus cabelos ficaram ressecados como no inverno, como se eu estivesse roubando cada gota de umidade ao meu redor, e as torrentes só atingiam uma parte do fogo de cada vez. Os homens do barão estavam fazendo o possível para ajudar, batendo nas chamas com panos ensopados na água que escorria.

E aí os dois canhões rugiram juntos. Mas, desta vez, as bolas de ferro voadoras brilhavam com fogo azul e verde, deixando um rastro para trás, como cometas. Sarkan foi jogado com força para trás, batendo com a lateral do corpo na quina da mesa. Ele cambaleou, tossindo, o feitiço interrompido. As duas bolas atravessaram seu escudo e afundaram no muro

quase devagar, como se enfiassem uma faca numa fruta ainda verde. Ao redor delas, a rocha pareceu derreter, cintilando em vermelho nas bordas. Elas desapareceram dentro do muro e, em seguida, com dois rugidos abafados, explodiram. Uma grande nuvem de terra saiu voando pelos ares, lascas de pedra voando com tanta força que eu as escutava batendo nas paredes da própria torre, e um buraco se abriu bem no meio do muro.

Marek levantou sua lança para o alto e rugiu:

– Adiante!

Eu não conseguia entender por que alguém obedeceria: através daquela abertura irregular, o fogo ainda saltava e sibilava, apesar de todo o meu trabalho, e os homens gritavam enquanto queimavam. Mas os homens obedeceram a ele: uma torrente de soldados veio atacando com lanças na altura da cintura, entrando no caos em chamas da trincheira.

Sarkan se afastou da mesa e voltou para a janela, limpando um fio de sangue do nariz e do lábio.

– Ele está decidido a esbanjar – comentou com amargura. – Cada uma dessas bolas de canhão levou uma década na forja. Polnya tem menos de dez delas.

– Preciso de mais água! – falei e, pegando a mão de Sarkan, eu o puxei para dentro do feitiço comigo. Eu o sentia querendo protestar: ele não tinha um feitiço preparado para combinar com o meu. Mas ele murmurou baixinho com irritação e me deu um sortilégio simples, um dos primeiros que tentou me ensinar, que fazia encher um copo com a água do poço embaixo de nós. Ele ficava tão irritado quando eu derramava água sobre sua mesa ou mal conseguia criar um fio de gotas. Quando ele falou o feitiço, a água veio descendo suavemente até a beira do meu pote, e eu entoei meu feitiço de chuva para o pote todo e para o poço lá embaixo, toda aquela água fria, adormecida e profunda, e joguei o pote pela janela.

Por um instante, não consegui ver: um vento uivante soprou chuva no meu rosto e nos meus olhos, o tapa de uma chuva cortante de inverno. Sequei o rosto com as mãos. Lá embaixo, na trincheira, um aguaceiro tinha suavizado totalmente as chamas, deixando apenas pequenas áreas tremulando, e homens de armadura dos dois lados estavam escorregando,

caindo na súbita torrente que deixava água até os tornozelos. O buraco no muro jorrava lama e, com o fogo apagado, os homens do barão estavam se acumulando na brecha com suas lanças, enchendo-a com pontos enfurecidos e empurrando para trás os homens que estavam tentando entrar. Afundei apoiada no peitoril com alívio: tínhamos impedido o fogo de Solya, tínhamos interrompido o avanço de Marek. Ele já tinha desperdiçado muita magia, certamente mais do que podia, e mesmo assim nós o interrompemos; claro que agora ele ia pensar melhor em...

– Se prepare – disse Sarkan.

Solya estava invocando mais um feitiço. Ele segurava as mãos no ar formando um ângulo diferente, todos os dedos apontados para cima, com os seus olhos espiando pelo meio deles, e linhas prateadas saíam de cada dedo e se dividiam em três. As linhas arqueadas desceram sobre o muro, cada uma atingindo um alvo diferente: o olho de um homem, uma rachadura na armadura perto da garganta, o cotovelo da mão da espada, o local diretamente sobre o coração.

As linhas não pareciam fazer nada, pelo que eu via. Elas simplesmente ficavam paradas no ar, quase invisíveis no escuro. Em seguida, dezenas de arcos fizeram barulho ao mesmo tempo: Marek tinha três fileiras de arqueiros estendidas atrás de seus soldados de base. As flechas se prenderam às linhas prateadas e as seguiram direto ao ponto.

Estendi a mão, um gesto inútil de protesto. As flechas voaram. Trinta homens caíram ao mesmo tempo, derrubados num golpe, todos eles defensores da brecha. Os soldados de Marek se enfiaram na abertura, se espalhando pela trincheira, e o resto do exército formou uma multidão atrás deles. Eles começaram a tentar empurrar os soldados do barão para trás, em direção à primeira passagem.

Cada centímetro era defendido com muita luta. Os homens do barão tinham formado um emaranhado erguido de lanças e espadas apontando para a frente e, no espaço estreito, os homens de Marek não conseguiam atacá-los sem se lançarem nas lâminas. Mas Solya enviou mais uma leva de flechas sobre os muros na direção dos defensores. Sarkan tinha se afastado:

ele estava vasculhando seus papéis, procurando um feitiço para responder a este novo, mas não ia encontrar um a tempo.

Estendi a mão de novo, mas desta vez tentei o feitiço que o Dragão tinha usado para trazer Kasia da encosta da montanha. *"Tual, tual, tual",* chamei os fios, tentando alcançar, e eles se prenderam aos meus dedos, arranhando. Eu me estiquei para fora e os joguei longe, para baixo, em direção ao topo do muro. As flechas os seguiram e atingiram a pedra, caindo e formando uma pilha.

Por um instante, achei que a luz prateada estava apenas se demorando nas minhas mãos, refletindo no meu rosto. Mas Sarkan gritou um alerta. Uma dezena de novos fios prateados estavam apontando para a janela, bem na minha direção, na minha garganta, meu peito, meus olhos. Só tive um instante para segurar as pontas num feixe e, cega, empurrá-las para longe de mim. As flechas entraram voando pela janela e atingiram os pontos onde eu tinha jogado as linhas: na estante, no chão e na cadeira, afundadas com as pontas tremulando.

Encarei todas elas, perplexa demais para ter medo no início, sem entender de verdade que eu quase tinha sido atingida por uma dezena de flechas. Lá fora, os canhões rugiram. Eu já tinha começado a me acostumar com o barulho; me encolhi automaticamente, sem olhar, ainda meio fascinada pela proximidade das flechas. Mas Sarkan de repente estava virando a mesa toda, papéis voando enquanto ela caía no chão, pesada o suficiente para sacudir as cadeiras. Ele me puxou para trás dela. O assobio agudo de uma bola de canhão estava se aproximando cada vez mais.

Tivemos muito tempo para saber o que ia acontecer, e não o suficiente para fazer alguma coisa a respeito. Eu me agachei sob o braço de Sarkan, encarando a parte de baixo da mesa, faixas de luz aparecendo através das pesadas vigas de madeira. Então, a bola de canhão atravessou a janela, os painéis de vidro se estilhaçando com a colisão. A bola rolou até a parede de pedra e parou com uma pancada pesada, depois explodiu em pedaços liberando uma fervente fumaça cinza rastejante.

Sarkan colocou a mão sobre a minha boca e o meu nariz. Prendi a respiração; reconheci o feitiço de pedra. Conforme a névoa cinza rolava

delicadamente na nossa direção, Sarkan fez um gesto de gancho para o teto, e uma das esferas-sentinela desceu flutuando até sua mão. Ele a beliscou e abriu um buraco na sua pele e, com outro gesto categórico e sem palavras, acenou para a fumaça cinza entrar na esfera, até toda ela estar presa, se agitando como uma nuvem.

Meus pulmões estavam explodindo antes de ele terminar. O vento assobiava com muito barulho através do buraco na parede, livros espalhados, páginas rasgadas farfalhando ruidosamente. Empurramos a mesa até o buraco aberto, para nos impedir de cair pela janela. Sarkan pegou um pedaço da bola de canhão quente com um pano e segurou a sentinela perto dela, como se desse um rastro para um cão de caça. *"Menya kaizha, stonnan olit"*, disse ele à sentinela e a empurrou para o céu noturno. Ela saiu flutuando, o cinza desbotando e virando apenas um rastro de névoa.

Tudo isso não poderia ter demorado mais do que alguns minutos, não mais do que eu conseguia prender a respiração. Mas outros soldados do exército de Marek já tinham se acumulado na trincheira e empurravam os homens do barão para trás, na direção do primeiro túnel. Solya tinha lançado outra leva de flechas e abrira mais espaço para eles, porém, mais do que isso, Marek e seus cavaleiros estavam cavalgando no lado externo do muro atrás deles, incitando os soldados a irem em frente: eu os vi usando os chicotes dos cavalos e as lanças contra os próprios soldados, empurrando-os pela brecha.

Os que estavam nas fileiras da frente quase eram empurrados para as lâminas dos defensores, um horror. Outros soldados estavam pressionando atrás deles e, pouco a pouco, os defensores do barão tinham que abrir espaço, como uma rolha sendo forçada para fora de uma garrafa. A trincheira já estava lotada de cadáveres – muitos, todos empilhados um sobre o outro. Os soldados de Marek até estavam subindo nas pilhas para lançar flechas para baixo, na direção dos homens do barão, como se não se importassem de estar em pé sobre os corpos de seus próprios camaradas mortos.

Na segunda trincheira, os soldados do barão começaram a lançar as esferas com a poção de Sarkan por sobre o muro. Elas caíram em explosões azuis, nuvens que se espalhavam no meio dos outros; os homens, pegos pela névoa, caíam de joelhos ou despencavam encolhidos, os rostos confusos e afundando no sono. Porém mais soldados vinham atrás deles, escalando-os, atropelando-os como formigas.

Senti um pavor selvagem olhando para isso, tão irreal.

– Julgamos mal a situação – disse Sarkan.

– Como ele pode fazer isso? – indaguei, minha voz tremendo. Parecia que Marek estava tão determinado a vencer que não se importava com o preço; ele pagaria qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, e os soldados o seguiriam até a morte, infinitos. – Ele deve estar corrompido... – Eu não conseguia imaginar nada mais que o fizesse desperdiçar a vida dos próprios homens desse jeito, como água.

– Não – disse Sarkan. – Marek não está lutando para conquistar a torre. Ele está lutando para conquistar o trono. Se ele perder para nós aqui, agora, teremos feito ele parecer fraco diante dos Magnatas. Ele está encurralado.

Entendi sem querer entender. Marek realmente ia gastar tudo que tinha. Nenhum preço seria alto demais. Todos os homens e toda a magia que ele já usara só piorariam as coisas, como um homem que apostava muito dinheiro porque não aguentava perder o que já tinha gastado. Não conseguiríamos simplesmente resistir a ele. Teríamos que lutar contra ele até o último soldado, e ele tinha milhares restantes para jogar na batalha.

Os canhões rugiram mais uma vez, como se quisessem pontuar aquilo que havíamos entendido, depois caíram num silêncio súbito e abençoado. A sentinela flutuante de Sarkan tinha caído sobre eles e explodido no ferro quente. Os doze soldados que estavam trabalhando nos canhões tinham congelado e virado estátuas. Um homem estava parado em frente ao canhão da esquerda com uma vara enfiada no cano; outros estavam inclinados, segurando cordas, arrastando os canhões para o lugar certo; e outros seguravam bolas de canhão ou sacos: um monumento a uma batalha que não tinha terminado.

Marek imediatamente ordenou que outros soldados se aproximassem e tirassem as estátuas de perto dos canhões. Eles começaram a arrastar e afastar as estátuas, jogando-as na terra. Eu me encolhi quando vi um deles esmagar os dedos das estátuas para liberar as cordas: eu queria gritar que os homens transformados em pedra ainda estavam vivos. Mas acho que Marek não ia se importar.

As estátuas eram pesadas, e o trabalho era lento, portanto tivemos uma breve trégua dos tiros de canhão. Eu me firmei e me virei para Sarkan.

– Se oferecêssemos nossa rendição, ele escutaria?

– Certamente. Ele nos mataria na mesma hora, e você pode muito bem cortar a garganta das crianças e entregá-las, mas ele ficaria encantado de escutar. – Ele parou para anular o feitiço da flecha: apontou e falou um encantamento de desvio, e outra leva de flechas conduzidas pelos fios prateados bateu no muro externo. Ele sacudiu a mão e o pulso, olhando para baixo. – De manhã – disse ele finalmente. – Mesmo que Marek esteja disposto a destruir todo o seu exército, os soldados não conseguem lutar indefinidamente sem descansar, sem comer e beber. Se conseguirmos resistir até de manhã, ele vai ter que recuá-los por um tempo. Aí ele pode estar disposto a negociar. Se conseguirmos resistir até de manhã.

A manhã parecia muito distante.

O ritmo da batalha diminuiu por um tempo. Os soldados do barão tinham recuado totalmente para a segunda trincheira, enchendo a passagem de cadáveres para que os homens de Marek não conseguissem passar. Marek cavalgava em seu cavalo de um lado para o outro fora dos muros, fervendo de raiva e impaciente, observando enquanto seus homens se esforçavam para fazer os canhões voltarem a funcionar. Perto dele, Solya estava num ritmo constante de lançar levas de flechas para a segunda trincheira.

O feitiço de lançar era mais fácil para ele do que o de desviar era para nós. As pontas das flechas eram trabalho de Alosha. Elas queriam encontrar o caminho até a carne, e ele só estava mostrando qual caminho seguir. Enquanto isso, estávamos tentando desviá-las de seu propósito, lutando não apenas contra o feitiço dele, mas também o dela: a força da vontade dela, os

golpes de martelo que tinham inserido magia e determinação no ferro, e até mesmo o voo natural das flechas. Desviá-las era um trabalho constante e persistente e, enquanto isso, Solya lançava suas linhas-guias prateadas no ar com movimentos largos e fáceis do braço, como um homem lançando sementes. Sarkan e eu tínhamos que nos revezar, cada um pegando uma leva de flechas de cada vez; cada um fazendo um esforço. Não tínhamos tempo nem forças para nenhum outro feitiço.

Havia um ritmo natural no trabalho: desviar uma leva de flechas, como jogar uma rede de pesca pesada, depois pausar para beber um pouco de água e descansar enquanto Sarkan assumia meu lugar; depois eu ia para a janela de novo. Mas Solya interrompia o ritmo várias vezes. Ele mantinha o tempo entre os lances sempre do pior jeito possível para nós: próximos o suficiente para não podermos sentar entre elas sem precisar levantar rapidamente e, de vez em quando, deixava um tempo maior se passar, ou jogava flechas em nós, ou mandava duas levas numa sucessão rápida.

– Ele não pode ter um suprimento infinito delas – falei, me apoiando na parede, esgotada e dolorida. Havia meninos com os arqueiros que caçavam as flechas gastas, tirando-as de cadáveres e dos muros nos pontos onde tinham atingido, e levando-as de volta para serem lançadas de novo.

– Não – disse Sarkan, um pouco distante e altivo, também introspectivo por conta da drenagem constante de magia. – Mas ele está lançando levas pequenas. Provavelmente terá o suficiente para durar até de manhã.

Sarkan saiu brevemente do cômodo depois de terminar sua vez e trouxe um pote de vidro selado do laboratório, cheio de cerejas em calda. Ele mantinha um grande samovar de prata sobre uma mesa no canto dos fundos da biblioteca, que nunca ficava sem chá: tinha sobrevivido ao ataque da bola de canhão, apesar de o copo de vidro delicado ter caído e quebrado. Ele serviu chá em duas tigelas de medição e empurrou o pote de cerejas para mim.

Eram as cerejas cor de vinho profundo dos pomares perto de Viosna, na metade do vale, preservadas em açúcar e bebida alcoólica. Enfiei duas colheres cheias na boca e as lambi com gula. Tinham gosto de lar para mim, e a magia lenta do vale repousava nelas. Ele só tirou três para si

mesmo, cauteloso e comedido, e raspou a colher na borda do pote, como se estivesse tomando cuidado, mesmo agora, para não pegar demais. Desviei o olhar e bebi meu chá com satisfação, com as duas mãos ao redor da tigela. Era uma noite quente, mas eu me senti refrescada.

– Deite e durma um pouco – disse Sarkan. – Ele provavelmente vai tentar uma investida final antes de amanhecer. – Os canhões tinham finalmente atirado de novo, mas sem gerar muitos danos: acho que todos os homens que realmente sabiam como operá-los tinham sido capturados pelo feitiço de pedra. Várias bolas tinham errado a mira, caindo nos próprios homens de Marek ou indo longe demais e passando voando pela torre. Os muros estavam resistindo. Os homens do barão tinham coberto a segunda trincheira com piques e cabos de lanças e colocado cobertas e tendas sobre eles, ajudando-os a se esconderem das levas de flechas.

Eu me sentia pesada mesmo depois do chá, cansada e entorpecida como uma faca que tinha sido usada para cortar madeira. Dobrei o tapete uma vez para fazer um catre, e foi muito bom deitar ali. Mas o sono não vinha. Os clarões das flechas prateadas iluminavam o topo da moldura da janela em intervalos longos e constantes. O murmúrio da voz de Sarkan, desviando-as, parecia distante. Seu rosto se destacava nas sombras, o perfil anguloso desenhado na parede. O chão da torre sob o meu rosto e o meu ouvido tremia um pouco com a batalha, como o passo pesado e distante de um gigante que se aproximava.

Fechei os olhos e tentei não pensar em nada além da minha respiração. Talvez eu tenha dormido um pouco; em seguida, eu estava sentando com uma sacudida involuntária do corpo, tinha sonhado que estava caindo. Sarkan estava olhando para baixo pela janela quebrada. As levas de flechas tinham parado. Eu me levantei e me juntei a ele.

Cavaleiros e serviçais estavam se agrupando ao redor do pavilhão de Marek como abelhas agitadas. A rainha tinha saído da tenda. Ela estava usando uma armadura, uma camisa de cota de malha sobre uma túnica branca simples e, numa das mãos, carregava uma espada. Marek cavalgou rapidamente até ela, se abaixando, falando; ela olhou para ele em cima do cavalo, com o rosto claro e duro como aço.

– Eles darão as crianças para a Floresta como Vasily fez comigo! – gritou ela para ele, sua voz ecoando alta o suficiente para eu ouvir. – Que eles cortem meus membros um a um antes disso!

Marek hesitou, depois desceu do cavalo e pediu seu escudo; ele sacou a própria espada. O resto de seus cavaleiros também estava desmontando dos cavalos, e Solya estava ao seu lado. Olhei para Sarkan, impotente. Eu quase sentia que Marek merecia morrer, depois de ter levado tantos homens à morte; mas, se isso era o que ele realmente acreditava, se ele achava que íamos fazer alguma coisa horrível com as crianças...

– Como ele pode acreditar nisso? – perguntei.

– Como ele conseguiu convencer a si mesmo que todo o resto era coincidência? – respondeu Sarkan, já nas estantes. – É uma mentira que combina com o que ele quer.

Sarkan tirou um volume da estante com as duas mãos, um tomo enorme com quase um metro de altura. Estendi a mão para ajudá-lo e tirei as mãos involuntariamente: ele era encapado com um tipo de couro escurecido que parecia terrível ao toque, grudento de um jeito que não queria sair dos meus dedos.

– É, eu sei – disse ele, carregando-o até sua poltrona de leitura. – É um texto de necromancia; é abominável. Mas prefiro utilizar homens mortos duas vezes do que desperdiçar mais dos vivos.

O feitiço era escrito numa caligrafia comprida e antiquada. Tentei ajudá-lo a ler, mas não consegui; fiquei horrorizada com as primeiras palavras. A raiz daquele feitiço era a morte; era a morte do início ao fim. Eu não aguentava nem olhar para ele. Sarkan franziu a testa, irritado com a minha agonia.

– Você está dando chilique? Não, não está. Que diabos está acontecendo? Não importa; vá tentar diminuir o ritmo deles.

Disparei para longe, ansiosa para me afastar daquele livro, e corri até a janela. Peguei pedaços de pedra quebrada e cascalho no chão e tentei o feitiço de chuva com eles, do mesmo jeito que o usei no pote de água. Chuvas de poeira e pedrinhas caíram sobre os soldados de Marek. Eles tiveram que se proteger, colocando as mãos na cabeça, mas a rainha mal

parou. Ela marchou através da brecha no muro; escalou os cadáveres, a bainha da túnica ficando encharcada de sangue.

Marek e seus cavaleiros se agitaram na frente dela, segurando os escudos sobre a cabeça. Lancei pedras mais pesadas sobre eles, pedaços maiores que viravam rochas, mas, apesar de alguns caírem de joelhos, a maioria se mantinha em segurança, encolhidos embaixo dos escudos. Eles foram até a passagem e começaram a recolher os corpos e tirá-los do caminho. Os homens do barão os golpeavam com lanças. Os cavaleiros de Marek recebiam os golpes nos escudos e nas armaduras. E não: meia dúzia deles desabou, os corpos em armaduras reluzentes caíram para trás, fracos e mortos. Mas eles seguiram em frente, forçaram uma abertura, e a rainha entrou.

Eu não conseguia ver a luta dentro do túnel, mas ela acabou rapidamente. O sangue escorria pela passagem, preto sob a luz das tochas, e depois a rainha estava saindo do outro lado. Ela arremessou a cabeça de um homem que ela estava segurando com a mão livre, o pescoço cortado com precisão. Os defensores começaram a recuar, com medo. Marek e seus cavaleiros se espalharam ao redor dela, cortando e matando, e seus soldados de base invadiram a trincheira atrás deles. Solya lançava magia em fluxos brancos que crepitavam.

Os soldados do barão começaram a cair rapidamente para trás, tropeçando nos próprios pés, para longe da rainha. Eu tinha imaginado Kasia com uma espada, esse mesmo tipo de terror. A rainha ergueu a espada de novo e de novo, golpeou e atacou com uma praticidade brutal, e nenhuma das espadas deles a atingiu. Marek estava gritando ordens. Os homens do barão dentro do último muro tinham escalado até o topo dele e estavam tentando atirar na rainha dali. Mas as flechas não rompiam a pele dela.

Virei e puxei uma das flechas de ponta preta da estante onde tinha afundado, uma das flechas que Solya tinha atirado em mim, feita por Alosha. Eu a levei até a janela e parei. Minhas mãos estavam tremendo. Eu não sabia mais o que fazer. Nenhum deles conseguia pará-la. Mas... se eu matasse a rainha, Marek nunca ia nos ouvir, nunca; eu poderia matá-lo

também. Se eu a matasse... me senti estranha e enjoada com o pensamento. Ela era pequena e distante no solo, uma boneca e não uma pessoa, seu braço subindo e descendo.

– Um instante – disse Sarkan. Recuei, aliviada e satisfeita, apesar de ter que cobrir os ouvidos enquanto ele recitava as longas palavras fragmentadas do seu feitiço. Um vento soprou pela janela, roçando na minha pele como uma palma oleosa e úmida, com cheiro de podre e ferro. Ele continuou soprando, firme e tenebroso, e lá embaixo, nas trincheiras, os inúmeros cadáveres se mexeram e, aos poucos, começaram a se levantar.

Eles deixaram as espadas no chão. Não precisavam de armas. Eles não tentavam ferir os soldados, apenas estendiam as mãos e os seguravam, dois ou três para cada homem, agarrando-os. Já havia mais homens mortos do que vivos nas trincheiras, e todos os mortos serviam ao feitiço do Dragão. Os soldados de Marek golpeavam e os cortavam num frenesi, mas os mortos não sangravam. O rosto deles era flácido e vazio, sem interesse.

Alguns deles entraram na trincheira para agarrar os cavaleiros, os braços e as pernas da rainha, segurando-a. Mas ela os lançava longe, e os cavaleiros de armadura os atingiam com suas espadas largas. Os soldados do barão estavam tão horrorizados pelo feitiço quanto os de Marek; eles estavam fugindo tanto dos mortos quanto da rainha implacável. E ela seguia na direção deles. Os mortos refreavam o resto do exército, e os homens do barão estavam atacando os cavaleiros ao redor dela, mas ela não parava.

Não havia nenhum branco restante na túnica dela. Estava ensanguentada do chão até os joelhos; sua camisa de cota de malha estava pintada de vermelho. Seus braços e mãos estavam vermelhos, seu rosto estava salpicado. Olhei para a flecha e encostei na magia de Alosha: senti a ânsia da flecha por voar de novo, por buscar uma carne viva e quente. Havia um entalhe na ponta da flecha; eu o alisei com os dedos, pressionando o aço do jeito que tinha visto Alosha trabalhar sua espada. Coloquei um pouco mais de magia nela e a senti ficar pesada na minha mão, cheia de morte.

– Na coxa – falei para ela, me acovardando diante do assassinato. Claro que isso seria suficiente para parar a rainha. Apontei para ela e lancei a flecha.

A flecha mergulhou para baixo, voando reta, assobiando satisfeita. Ela atingiu a perna da rainha na altura da coxa e atravessou a camisa de cota de malha. E ficou ali, pendurada pelo meio na cota de malha. Não havia sangue. A rainha puxou a flecha e a jogou para o lado. Ela olhou para a janela no alto, um breve olhar de relance. Tropecei para trás. Ela voltou ao massacre.

Meu rosto doeu como se ela tivesse me atingido, com uma pressão oca e penetrante acima do meu nariz, bem familiar.

– A Floresta – falei em voz alta.

– O quê? – disse Sarkan.

– A Floresta – repeti. – A Floresta está nela. – Todos os feitiços que tínhamos lançado na rainha, todos os expurgos, as relíquias sagradas, todos os julgamentos: nada disso importava. De repente, eu tive certeza. Aquilo era a Floresta olhando para mim. A Floresta tinha encontrado um jeito de se esconder.

Virei-me para ele.

– A *Invocação* – falei. – Sarkan, temos que mostrar a eles. Marek e Solya, todos os homens deles. Se eles virem que ela foi tomada pela Floresta...

– E você acha que ele vai acreditar? – perguntou Sarkan. Mas olhou pela janela e, depois de um instante, falou: – Tudo bem. Já perdemos os muros, de qualquer maneira. Vamos trazer os sobreviventes para dentro da torre. E esperar que as portas durem o suficiente para lançarmos o feitiço.

Capítulo 28

Corremos até o grande salão e abrimos as portas. Os soldados do barão vieram numa enxurrada: pouquíssimos deles restantes, terrível. Uns cem, talvez. Eles se acumularam no salão e desceram a escada até o porão, todos sujos e exaustos, os rostos contorcidos por um terror após o outro. Eles ficaram felizes de entrar, mas recuavam para longe de Sarkan e de mim. Até o barão nos olhava com desconfiança.

– Aqueles não eram eles – disse ele, enquanto parava diante de Sarkan no salão, seus homens formando um redemoinho ao nosso redor, deixando um círculo no meio. – Os homens mortos.

– Não, e se você preferia ter perdido o resto dos vivos, me avise, e eu certamente manterei sua sensibilidade em mente na próxima vez. – Sarkan estava muito cansado, e eu me sentia tão esgotada quanto ele. Tentei pensar em quanto tempo faltava para amanhecer, mas não quis perguntar. – Deixe eles descansarem o quanto puderem e compartilhem todos os suprimentos que encontrarem.

Pouco depois, Kasia subiu pela escada, abrindo caminho no meio dos soldados amontoados; o barão tinha mandado os homens feridos e mais exaustos para o andar de baixo; só os melhores continuaram com ele.

– Eles estão abrindo os barris de vinho e de cerveja – me disse ela num tom baixo. – Acho que não vai ser seguro para as crianças. Nieshka, o que está acontecendo?

Sarkan tinha subido no tablado: ele estava colocando a *Invocação* sobre os braços da sua poltrona alta. Ele xingou baixinho.

– Essa é a última coisa que precisamos. Desça e transforme tudo em cidra – me disse ele. Desci correndo com Kasia. Os soldados estavam bebendo nas mãos em forma de concha e nos capacetes, ou simplesmente

abrindo buracos nos barris e colocando a cabeça embaixo ou virando garrafas; alguns deles já estavam discutindo. Gritar por causa do vinho devia parecer mais seguro do que gritar por causa do pavor, dos homens mortos e do massacre.

Kasia os empurrou para fora do meu caminho, e eles nem lutaram contra ela quando me viram ali; fui até o barril maior e coloquei as mãos nele. *"Lirintalem"*, falei, com um impulso fraco de magia, e afundei quando ela saiu de mim e fez tremer todas as garrafas e barris. Os soldados continuavam empurrando para conseguir uma bebida; demoraria um tempo até eles perceberem que não estavam ficando mais bêbados.

Kasia encostou no meu ombro, com cuidado, e eu me virei e a abracei forte por um instante, feliz pela sua força.

– Tenho que voltar lá para cima – falei. – Mantenha as crianças em segurança.

– Devo ir ficar com vocês? – perguntou ela baixinho.

– Mantenha as crianças em segurança – repeti. – Se você tiver que... – Peguei seu braço e a levei até a parede mais distante do porão. Stashek e Marisha estavam sentados ali, acordados e observando os soldados, preocupados; Marisha estava esfregando os olhos. Coloquei as mãos na parede e encontrei as bordas da passagem. Coloquei a mão de Kasia na rachadura, mostrei onde estava e puxei uma linha fina com magia dali, como uma alavanca. – Empurre a porta, leve as crianças para dentro e feche a porta – falei. Depois, coloquei a mão no ar e disse: – *Hatol.* – Puxando, e tirei a espada de Alosha do ar para mim. Dei a espada a ela. – Guarde isso também.

Ela fez que sim com a cabeça e lançou a espada por sobre o ombro. Eu a beijei mais uma vez e corri escada acima.

Todos os homens do barão tinham entrado. Os muros ainda nos davam essa vantagem: os canhões de Marek não podiam ser apontados para as portas. Alguns dos homens do barão tinham subido até os assentos na janela estreita e estavam atirando nos soldados lá fora. Pancadas pesadas atingiam a porta, e uma chama de magia; gritos e ruídos chegavam a nós.

– Eles estão fazendo uma fogueira nas portas – gritou um dos homens na janela quando voltei para o grande salão.

– Deixem – disse Sarkan, sem olhar para cima. Eu me juntei a ele no tablado. Ele tinha remodelado a grande poltrona parecida com um trono para virar um banco simples com dois assentos, com uma mesinha no braço compartilhado entre os dois. O volume pesado da *Invocação* estava sobre ela, esperando, familiar e, mesmo assim, estranho. Sentei lentamente e espalhei os dedos sobre a capa: as letras sinuosas douradas, o zumbido fraco embaixo, como abelhas distantes. Eu estava tão cansada que meus dedos pareciam entorpecidos.

Abrimos a capa e começamos a ler. A voz de Sarkan recitava com clareza e firmeza, marchando com precisão, e lentamente a névoa sobre a minha mente se afastou. Sussurrei, cantarolei e murmurei ao redor dele. Os soldados a nossa volta ficaram quietos; eles se apoiaram nos cantos e nas paredes, escutando como se escutariam um bom cantor e uma música triste numa taverna tarde da noite. Seus rostos estavam vagamente confusos tentando acompanhar a história, tentando se lembrar dela, mesmo enquanto estavam sendo levados pelo feitiço.

O feitiço me levou junto com eles, e fiquei feliz de me perder dentro dele. Todos os horrores do dia não desapareceram, mas a *Invocação* os transformou em apenas uma parte da história, e não a parte mais importante. O poder estava aumentando, correndo forte e claro. Senti o feitiço se erguendo como uma segunda torre. Abriríamos as portas quando estivéssemos prontos, e lançaríamos a luz irresistível para o pátio diante dos portões. Fora das janelas, o céu estava ficando mais claro: o sol estava nascendo.

As portas gemeram. Alguma coisa estava entrando por baixo delas, por cima, pela abertura quase inexistente entre as duas portas. Os homens mais próximos gritaram para nos alertar. Sombras finas sinuosas estavam entrando por cada rachadura minúscula, estreitas e rápidas como cobras: os ramos retorcidos de trepadeiras e raízes, madeira e pedra se esfarelando conforme eles achavam caminhos para entrar. Eles se espalharam pela

madeira como o gelo escalando uma vidraça, se prendendo e agarrando, e um cheiro familiar doce demais saiu deles.

Era a Floresta. Atacando abertamente, agora, como se soubesse o que estávamos fazendo, que estávamos prestes a expor a farsa. Os soldados dos Pântanos Amarelos estavam golpeando os ramos com suas espadas e facas, assustados: eles sabiam o suficiente sobre a Floresta para reconhecê-la também. Entretanto mais ramos continuavam entrando através de rachaduras e buracos que os primeiros abriram para eles. Do lado de fora, o bate-estacas de Marek golpeou de novo, e as portas tremeram de cima a baixo. As trepadeiras grudaram nos suportes de ferro das dobradiças e na barra e destruíram tudo. A ferrugem se espalhou numa poça vermelho-laranja com a mesma rapidez do sangue, o trabalho de um século feito em instantes. Os ramos empurraram para dentro, se enroscaram nos parafusos e sacudiram as portas com violência. Os suportes se agitaram com barulho.

Sarkan e eu não podíamos parar. Continuamos lendo, as línguas tropeçando na pressa, virando as páginas com toda a rapidez possível. Mas a *Invocação* exigia um ritmo todo seu. A história não podia ser apressada. O edifício de poder que já tínhamos construído estava vacilando sob a nossa pressa, como uma contadora de histórias prestes a perder o fio da meada de sua própria história. A *Invocação* nos controlava.

Com um estalo alto de destruição, um grande canto se quebrou na parte inferior na porta da direita. Mais ramos entraram, mais grossos, compridos e se desenrolando. Alguns deles seguravam os braços dos soldados, arrancavam espadas de suas mãos, empurravam os corpos para o lado. Outros encontraram a barra pesada, se curvaram ao redor dela e a arrastaram lentamente para o lado, centímetro a centímetro, até ela se soltar totalmente do primeiro suporte. O bate-estacas do lado de fora golpeou as portas mais uma vez, e elas se abriram numa explosão, derrubando e espalhando os homens que estavam no caminho.

Marek estava do outro lado, ainda no seu cavalo, em pé nos estribos e soprando o berrante. Seu rosto estava iluminado com desejo de sangue e fúria, tão ansioso que nem olhou para ver por que as portas tinham sido abertas tão de repente. As trepadeiras estavam enraizadas na terra ao redor

dos degraus, ninhos escuros e grossos de raízes silvestres se escondendo nos cantos e nas fendas dos degraus quebrados, mal visíveis na luz inicial da manhã. Marek jogou seu cavalo sobre elas sem olhar, subindo os degraus e atravessando a porta quebrada, e todos os cavaleiros restantes entraram numa enxurrada atrás dele. Suas espadas se ergueram e desceram numa chuva de sangue, e os soldados do barão os atingiam com lanças. Os cavalos gritavam e caíam, se debatendo nos espasmos de morte enquanto os homens morriam ao redor.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto e pingavam nas páginas do livro. Mas eu não podia parar de ler. Então, algo me atingiu, um golpe forte que tirou minha respiração. O feitiço escapou da minha língua. Um silêncio perfeito nos meus ouvidos no início, depois, um vazio rugindo por toda parte ao redor de mim e de Sarkan, abafando todos os outros sons sem encostar em nós; como estar diretamente no olho estreito de um furacão no meio de um campo largo, vendo a chuva cinza furiosa por todos os lados sem encostar em você, mas sabendo que, em um instante...

Rachaduras começaram a se abrir se afastando de nós, subindo pelo livro, pela poltrona, pelo tablado, pelos pisos e paredes. Não eram rachaduras na madeira e na pedra; eram rachaduras no mundo. Lá dentro não havia nada além de uma pura ausência sombria. O belo volume dourado da *Invocação* se fechou e afundou como uma pedra desaparecendo em águas profundas. Sarkan me pegou pelo braço e me tirou da poltrona e estava me conduzindo para fora do tablado. A poltrona também estava caindo lá dentro, depois o tablado, tudo entrando em colapso e caindo no vazio.

Sarkan ainda continuava o feitiço, ou pelo menos o mantinha no ar, repetindo a mesma frase várias vezes. Tentei me juntar a ele de novo, apenas sussurrando, mas minha respiração continuava desaparecendo. Eu me sentia tão estranha. Meu ombro latejava, mas, quando olhei para ele, não parecia haver nada errado. Depois olhei mais para baixo, devagar. Havia uma flecha saindo de mim, pouco abaixo do peito. Eu a encarei, confusa. Eu não a sentia de jeito nenhum.

As janelas de vitral altas e belas se estilhaçaram com estouros fracos abafados quando as rachaduras chegaram a elas, chuvas de vidro colorido. As rachaduras estavam se espalhando. Homens caíam lá dentro com gritos que desapareciam durante a queda, engolidos pelo silêncio. Blocos de paredes e pisos de pedra também estavam desaparecendo. As paredes da torre gemeram.

Sarkan mal estava segurando o resto do feitiço, agarrando a borda dele, como um homem tentando controlar um cavalo enlouquecido. Tentei incutir magia nele para ajudar. Ele estava segurando todo o meu peso, seu braço como ferro ao meu redor. Minhas pernas tropeçavam uma na outra, quase se arrastando. Meu peito agora estava começando a doer, e era uma dor penetrante e horrível, como se meu corpo tivesse finalmente despertado e percebido que alguma coisa estava muito errada. Eu não conseguia respirar sem ter vontade de gritar, e não conseguia ter ar suficiente para gritar. Os soldados ainda estavam lutando em alguns pontos, outros apenas fugindo da torre, tentando se afastar do mundo em desintegração. Olhei para Marek se soltando do seu cavalo morto, pulando sobre outra rachadura que corria pelo chão na direção dele.

Entre as portas destruídas, a rainha apareceu, a luz matinal reluzindo atrás dela e, por um instante, pensei que, em vez de uma mulher, havia uma árvore na porta, uma árvore de casca prateada, se estendendo do chão até o teto. Sarkan me arrastou consigo até a escadaria e me levou para baixo. A torre estava tremendo, e as pedras caíam pelos degraus atrás de nós. Sarkan entoava a última linha do feitiço a cada passo, impedindo que o resto do feitiço se soltasse. Eu não podia ajudá-lo.

Abri os olhos de novo com Kasia ajoelhada ao meu lado, ansiosa. O ar estava cheio de poeira, mas pelo menos o tremor das paredes tinha parado. Eu estava apoiada na parede do porão; estávamos no subsolo. Eu não me lembrava de ter descido o resto dos degraus. Ali perto, o barão estava gritando instruções para seus soldados restantes; eles empurravam estantes e barris de vinho e empilhavam panelas de ferro para formar uma barricada no pé da escada, escorando tudo com pedras desmoronadas. Dava para ver

a luz do sol descendo, passando pela curva da escada. Sarkan estava ao meu lado, ainda entoando a mesma frase várias vezes, sua voz ficando rouca.

Ele tinha me colocado ao lado de um armário trancado feito de metal; havia marcas de queimadura ao redor dos puxadores. Ele fez um sinal para Kasia em direção à fechadura. Ela a pegou pelo puxador. As chamas saíram pela fechadura, lambendo ao redor das suas mãos, mas ela trincou os dentes e a abriu mesmo assim. Lá dentro havia uma prateleira de pequenas jarras de um líquido levemente brilhante. Sarkan pegou uma e apontou para mim. Kasia o encarou e depois olhou para a flecha.

– Devo puxá-la? – indagou ela. Ele fez um gesto de empurrar com a mão, para a frente; ela engoliu em seco e fez que sim com a cabeça. Ela se ajoelhou ao meu lado e disse: – Nieshka, aguente firme.

Ela pegou a flecha entre as mãos e quebrou a estaca com penas que ainda saía do meu peito. A ponta da flecha tremeu dentro de mim. Minha boca abriu e fechou, numa agonia silenciosa. Eu não conseguia respirar. Apressada, ela tirou as piores farpas e a deixou o mais lisa possível, depois me virou de lado, contra a parede, e com um empurrão horrível, pressionou a flecha até ela me atravessar totalmente. Ela pegou a ponta da flecha que saía das minhas costas e a puxou pelo resto do caminho.

Eu gemi, e o sangue escorreu quente pela frente e pelas costas. Sarkan tinha aberto a jarra. Ele serviu o líquido na concha da mão e agora esfregava na minha pele, pressionando a ferida aberta. Queimava terrivelmente. Tentei afastá-lo com a mão fraca. Ele me ignorou, puxando meu vestido para o lado para aplicar mais; em seguida, Kasia me empurrou para a frente, e eles derramaram o líquido na ferida das minhas costas, e de repente eu consegui gritar. Kasia me deu um pedaço de pano para morder; mordi e estremeci.

A dor piorou em vez de melhorar. Eu me afastei dos dois e tentei pressionar meu corpo na parede, na pedra dura e fria, como se pudesse virar parte dela e não sentir nada. Enfiei as unhas no cimento, gemendo, a mão de Kasia no meu ombro... e o pior passou. O sangue escorreu mais lentamente e parou. Comecei a enxergar de novo, e ouvir: lutas na escada, o barulho metálico maçante de espadas batendo uma na outra, as paredes

de pedra, metal raspando e, de vez em quando, um zumbido. O sangue escorria pela barricada.

Sarkan tinha encostado na parede ao meu lado, seus lábios ainda se movendo, mas quase nenhum som saindo, os olhos fechados com a tensão. A *Invocação* era como um castelo de areia com um dos lados derrubado, o resto pronto para deslizar; ele a estava segurando com uma força bruta. Se o resto desabasse, fiquei pensando se aquele nada engoliria a torre toda, devoraria todos nós e deixaria um buraco vazio no mundo... e depois se fecharia; a encosta da montanha caindo para preencher o vazio devorado na terra, como se todos nós nunca tivéssemos existido.

Ele abriu os olhos e olhou para mim. Ele apontou para Kasia, para as crianças escondidas atrás dela, espiando assustadas por cima de um barril. Sarkan fez um novo gesto: *Vão.* Ele queria que eu os pegasse e fugisse, corresse para algum lugar. Hesitei, e seus olhos cintilaram para mim, com raiva; ele acenou a mão varrendo o chão vazio. O livro tinha sumido: a *Invocação* tinha sumido. Não podíamos terminar o feitiço, e quando sua força se esgotasse...

Inspirei e entrelacei minha mão na dele, voltando ao feitiço. Ele resistiu. Cantarolei baixinho no início, em explosões curtas de ar, sentindo o caminho. Não tínhamos mais um mapa, e eu não me lembrava das palavras, mas já tínhamos feito isso antes. Eu me lembrava para onde estávamos indo, o que estávamos tentando construir. Empurrei mais areia contra a parede e abri um fosso contra as ondas que se aproximavam; eu o fiz comprido e largo. Continuei sussurrando, pedaços de histórias e canções. Comecei a empilhar a areia de novo na minha mente. Ele recuou, desconcertado, sem saber como me ajudar. Cantei algo mais longo para ele, colocando um pouco de melodia como um punhado de pedrinhas molhadas nas mãos dele, e ele as deu para mim devagar, cantando baixo e de um jeito preciso e uniforme, colocando as pedras uma a uma ao longo da base da parede de areia molhada, escorando nossa torre.

O feitiço estava ficando mais forte, mais sólido de novo. Tínhamos parado o deslizamento. Segui em frente, tateando aqui e ali, encontrando um caminho e mostrando a ele. Empilhei mais areia e o deixei alisar a

parede e deixá-la plana; juntos, colocamos um galho com uma folha se agitando no topo, fazendo as vezes de um estandarte tremulando. Minha respiração ainda estava ofegante. Eu sentia um nó estranho apertando meu peito e uma dor forte e profunda onde a poção ainda estava trabalhando, mas a magia fluía claramente por mim, iluminada e rápida, transbordando.

Homens gritavam. Os últimos homens do barão estavam escalando com dificuldade a barricada pelo outro lado, a maioria deles sem espada e apenas tentando escapar. Uma luz descia da escadaria, com gritos antecedendo. Os soldados levantavam as mãos, ajudavam os homens que fugiam a descer e pular a barricada. Não havia muitos deles. O fluxo parou, e os soldados jogaram os últimos pedaços de madeira e grandes caldeirões de ferro por cima, bloqueando a passagem como podiam. A voz de Marek ecoava do outro lado, e eu vi de relance a cabeça da rainha, dourada. Os soldados do barão a golpeavam com lanças que se dobravam quando atingiam a pele dela. A barricada estava desabando.

Não podíamos deixar o feitiço morrer. Kasia estava em pé; estava empurrando a porta da tumba.

– Lá embaixo, rápido! – disse ela para as crianças. Elas se arrastaram para a escadaria. Ela pegou o meu braço e me ajudou a levantar; Sarkan se esforçou para ficar de pé. Ela nos empurrou para o lado, pegou sua espada no chão e pegou outra jarra selada no armário. – Por aqui! – gritou ela para os homens. Eles entraram se acumulando atrás de nós.

A *Invocação* veio conosco. Eu seguia pelos degraus sinuosos, Sarkan logo atrás de mim, a magia cantando entre nós. Ouvi um barulho arrastado vindo de cima, e a escada ficou mais escura: lá em cima, um dos soldados tinha fechado a porta. A fileira de letras dos dois lados brilhava na luz fraca e murmurava levemente, e eu me vi mudando um pouco nosso feitiço para deslizar delicadamente na magia delas. Sutilmente, nossa torre interior mudou; ficou mais larga e mais ampla, formando terraços e janelas, uma cúpula dourada no topo, paredes de pedra branco-pálida, com inscrições em prata como nas paredes da escadaria. A voz de Sarkan ficou mais lenta; ele também viu a velha torre, a torre perdida, muito tempo atrás. A luz estava despontando ao nosso redor.

Saímos na sala redonda no pé da escada. O ar estava sufocante, não era suficiente para todos nós, até Kasia pegar um dos velhos castiçais de ferro e usar a base para quebrar a parede da tumba, os tijolos desabando. O ar frio entrou apressado enquanto ela empurrava as crianças para dentro e lhes dizia para se esconderem atrás do caixão do antigo rei.

Bem de cima veio o som de pedras quebrando. A rainha estava liderando Marek e seus homens para dentro, atrás de nós. Alguns poucos soldados se acumularam na câmara e contra as paredes, os rostos assustados. Eles usavam sobretudos amarelos (ou o que restara deles), de modo que estavam do nosso lado, mas eu não reconhecia nenhum rosto. Não vi o barão. As espadas ecoavam ao longe: os últimos soldados dos Pântanos Amarelos que ainda estavam retidos na escada lutavam. A luz da *Invocação* aumentava rapidamente.

Marek esfaqueou o último homem na escada e chutou o corpo para o fim dela. Os soldados saltaram para a frente para encontrá-lo, quase entusiasmados: pelo menos, ele era um inimigo que fazia sentido; alguém que poderia ser derrotado. Mas Marek recebeu um golpe no escudo, se agachou embaixo dele e atravessou a espada no corpo do soldado que o golpeara; ele girou e cortou a cabeça de outro homem que estava ao lado; atingiu um soldado com o punho da espada enquanto terminava de girar, golpeou para a frente e atingiu outro no olho. Kasia deu um passo ao meu lado, um grito de protesto, sua espada se erguendo: porém todos tinham caído antes de ela sequer terminar de gritar.

Mas nós terminamos a *Invocação*. Entoei as últimas três palavras, e Sarkan entoou em seguida, e nós as entoamos juntos mais uma vez. A luz surgiu resplandecente pelo cômodo, brilhando quase de dentro das paredes de mármore. Marek seguiu para o espaço que ele tinha aberto, e a rainha desceu atrás dele.

A espada dela balançou, pingando sangue. Seu rosto estava calmo, imóvel e sereno. A luz brilhou nela e através dela, firme e profunda; não havia traço de corrupção. Marek estava limpo, e Solya atrás dele também; a luz sobre ela pegou os dois nas bordas, e não havia sombras nele; apenas um tipo de egoísmo brilhante e firme, um orgulho como os muros cheios de

pontas de uma cidadela. Mas também não havia nada disso na rainha. Eu a encarei, ofegante, perplexa. Não havia corrupção dentro dela.

Não havia absolutamente nada dentro dela. A luz da *Invocação* a atravessava. Ela estava podre por dentro, seu corpo apenas uma pele de casca de árvore ao redor de um espaço vazio. Não havia nada nela para ser corrompido. Entendi tarde demais: tínhamos entrado para salvar a rainha Hanna, e a Floresta nos deixou encontrar o que estávamos procurando. Mas o que encontramos sempre fora apenas um casco vazio, um fragmento do núcleo de uma árvore-coração. Uma marionete oca esperando até terminarmos os testes, nos convencermos de que não havia nada errado, e então a Floresta poderia estender a mão e pegar os fios.

A luz continuava se derramando sobre ela, e aos poucos eu finalmente vi a Floresta, como se olhasse de novo para uma forma de nuvem e visse uma árvore em vez do rosto de uma mulher. A Floresta estava ali... era a única coisa ali. Os fios dourados do cabelo dela eram as veias pálidas das folhas, e seus membros eram galhos, e seus dedos do pé eram raízes compridas se estendendo pelo chão, raízes que se afundavam no solo.

Ela estava olhando para a parede atrás de nós, para a abertura quebrada que dava na tumba com sua chama azul, e pela primeira vez seu rosto mudou, uma mudança como o giro de um salgueiro magro se dobrando no vento forte, a ira de uma tempestade na copa das árvores. Aquele poder vitalizante da Floresta, seja lá o que fosse, tinha estado aqui antes.

O rosto pálido como leite da rainha Hanna estava desaparecendo sob a luz da *Invocação*, como tinta lavada pela água corrente. Havia outra rainha por baixo, toda marrom, verde e dourada, a pele com padrão de madeira de amieiro e o cabelo de um verde profundo quase preto, entrelaçado com vermelho, dourado e marrom-outono. Alguém tinha separado os fios dourados do seu cabelo e trançado como uma tiara na sua cabeça, com fitas brancas no meio, e ela usava um vestido branco que lhe caía mal; ela o vestira apesar de não significar nada para ela.

Vi o corpo do rei enterrado tomar forma entre ela e nós. Ele era carregado por seis homens num pano de linho branco, seu rosto parado e imóvel, os olhos cobertos de leite. Eles o carregaram até a tumba; eles o

colocaram delicadamente dentro do grande caixão de pedra; eles dobraram o linho sobre o corpo.

Sob a luz da *Invocação,* aquela outra rainha seguiu os homens até a câmara da tumba. Ela se inclinou por sobre o caixão. Não havia tristeza em seu rosto, apenas uma confusão perplexa, como se ela não entendesse. Ela tocou no rosto do rei, tocou nas suas pálpebras com dedos estranhamente compridos, retorcidos como galhos. Ele não se mexeu. Ela se assustou e recuou a mão, saindo do caminho dos homens. Eles colocaram a tampa no caixão, e a chama azul irrompeu no topo. Ela os observou, ainda perplexa.

Um dos homens falou com ela, de um jeito fantasmagórico, acho que dizendo que ela poderia ficar o tempo que quisesse; ele fez uma reverência e, se inclinando, saiu da tumba, deixando-a sozinha. Havia algo no rosto dele quando se afastou dela que a *Invocação* captou mesmo de muito tempo atrás, algo frio e determinado.

A rainha da Floresta não percebeu. Ela estava parada perto do caixão de pedra, as mãos abertas sobre o topo, sem entender, do mesmo jeito que Marisha. Ela não entendia a morte. Ela encarou a chama azul, vendo-a saltar; virou de costas no cômodo de pedra vazio, olhando ao redor com o rosto ferido, horrorizado. E depois parou e olhou de novo. Havia tijolos sendo colocados na pequena abertura na parede. Ela estava sendo fechada dentro da tumba.

Ela encarou por um instante, depois correu para a frente e se ajoelhou diante do que restava da abertura. Os homens já tinham empurrado blocos na maior parte do espaço, trabalhando com rapidez; o homem de rosto frio estava fazendo uma feitiçaria enquanto eles trabalhavam, uma luz prata-azulada crepitando de suas mãos sobre os tijolos, unindo-os com concreto. Ela estendeu a mão em protesto. Ele não respondeu a ela; nem olhou para ela. Nenhum deles olhou para ela. Eles fecharam a parede com o último tijolo, empurrando a mão dela para dentro do cômodo junto com a pedra.

Ela ficou em pé, sozinha. Estava surpresa, com raiva, muito confusa; mas ainda não estava com medo. Ela levantou a mão; ia fazer alguma coisa. Mas, atrás dela, a chama azul estava saltando na tumba de pedra. As letras nas laterais estavam captando a luz, reluzindo, completando a longa frase da

escada. Ela se virou, e eu consegui ler com ela: CONTINUE ETERNO, DESCANSO ETERNO, NUNCA SE MEXENDO, NUNCA PARTINDO, e não eram apenas palavras para o descanso do rei. Isso não era uma tumba; era uma prisão. Uma prisão feita para *ela*. Ela se virou e bateu na parede, tentou em vão empurrá-la, enfiando os dedos nas rachaduras. O pavor aumentava. As pedras a fechavam ali, frias e imóveis. Eles tinham tirado as pedras deste cômodo das raízes das montanhas. Ela não podia sair. Ela não podia...

De repente, a rainha da Floresta empurrou as lembranças para longe. A luz da *Invocação* se rompeu e escorreu por todas as pedras da tumba como água. Sarkan recuou; eu quase caí de encontro à parede. Estávamos de volta à sala redonda, mas o medo da rainha ressoava na parte interna das minhas costelas como um pássaro se debatendo contra as paredes. Longe do sol, longe da água, longe do ar. E mesmo assim ela não podia morrer. Ela não tinha morrido.

Ela ficou entre nós, apenas meio escondida atrás do rosto da rainha Hanna, e também não era mais a rainha naquela visão. Ela havia lutado e saído, de algum jeito. Tinha se libertado e depois ela... os matara? Ela os matara, e não apenas eles, mas seus amantes e filhos e todo o povo; ela os devorara, se tornara tão monstruosa quanto eles. Ela fizera a Floresta.

Ela sibilou baixinho no escuro, não um sibilar de cobra, mas o farfalhar de folhas, o ruído de galhos de árvores se esfregando ao vento e, a cada passo que ela dava para a frente, trepadeiras surgiam borbulhando na escada atrás dela, agarrando todos os homens restantes pelo tornozelo, pelo punho e pela garganta, arrastando-os contra a parede e o teto, tirando-os do caminho dela.

Sarkan e eu ainda estávamos tentando ficar de pé. Kasia se colocou diante de nós como um escudo e cortava as trepadeiras para longe, nos mantendo livres, mas outras se esgueiraram por trás dela e entraram na tumba. Elas se movimentaram ao redor das crianças e começaram a arrastá-las, Marisha gritando enquanto Stashek atacava as trepadeiras sem sucesso, até elas segurarem o braço dele também. Kasia deu um passo para longe de nós e em direção às crianças, seu rosto em agonia, incapaz de proteger todos nós.

E Marek se lançou para a frente. Ele cortou as trepadeiras, sua própria espada reluzindo nas beiradas. Ele se colocou entre a rainha e as crianças, empurrando-as com o braço do escudo para a segurança da câmara da morte. Ele se colocou diante da rainha. Ela parou na frente dele:

– *Mãe* – disse ele de maneira ardorosa e deixou a espada cair para pegá-la pelos punhos. Ele olhou no rosto dela enquanto ela virava lentamente para ele. – Mãe – repetiu ele. – Lute contra ela. É Marek... é Marechek. Volte para mim.

Eu me afastei da parede. Ele estava ardendo de determinação, de anseio. Sua armadura estava lavada de sangue e fumaça, o rosto manchado com uma faixa vermelha forte, mas, por um instante, ele parecia uma criança, ou talvez um santo, com desejos puros. E a rainha olhou para ele, colocou a mão no peito dele e o matou. Os dedos dela viraram espinhos, ramos e trepadeiras; ela os afundou na armadura e fechou a mão como um punho.

Se havia alguma coisa restante da rainha Hanna, qualquer fiapo estreito de vontade, talvez ela o tenha gastado ali, numa pequena compaixão: ele morreu sem saber que tinha fracassado. O rosto dele não mudou. Seu corpo deslizou com facilidade da mão dela, sem se alterar muito; apenas o buraco no peitoral da armadura por onde o punho dela entrara. Ele caiu no chão de costas, a armadura fazendo barulho nas pedras, ainda com os olhos claros e determinados, *certo* de que seria ouvido, certo de que seria vitorioso. Ele parecia um rei.

Ele havia contaminado todos nós com sua própria certeza. Por um instante, estávamos tão chocados que ficamos imóveis. Solya inspirou uma vez, perturbado. Em seguida, Kasia se lançou para a frente, balançando a espada. A rainha segurou a espada com sua própria lâmina. Elas ficaram paradas, pressionadas uma contra a outra, algumas faíscas cintilando nas lâminas raspando uma na outra, e a rainha se inclinou e a forçou lentamente para baixo.

Sarkan estava falando, um encantamento de calor e chamas saindo pela sua língua, e o fogo saiu jorrando do chão ao redor das pernas da rainha, vermelho-amarelado e abrasador. As chamas escureceram as pernas de Kasia; elas devoraram as duas espadas. Kasia teve que rolar para se afastar.

A cota de malha prateada da rainha se derreteu e escorreu de seu corpo em fluxos de líquido brilhoso que se acumularam no chão e formaram uma crosta escurecida; sua túnica mergulhou nas chamas quentes e fumegantes. Mas o fogo não tocou no corpo dela; os membros pálidos continuaram firmes e ilesos. Solya também estava lançando seu golpe branco contra ela, as chamas crepitando para o azul nos pontos onde seu fogo e o do Dragão se encontravam; aquele fogo azul misturado correu se contorcendo por todo o corpo dela, tentando buscar um ponto fraco, encontrar uma entrada.

Peguei a mão de Sarkan; eu o alimentei com magia e força, de modo que ele pudesse continuar repelindo-a com as chamas. Seus fogos estavam fazendo as trepadeiras se enroscarem. Os soldados que não foram estrangulados estavam se arrastando para longe, subindo a escada; pelo menos, eles estavam escapando. Outros feitiços, um atrás do outro, vieram à minha mente, mas eu sabia, antes de começar, que não iam funcionar. O fogo não ia queimá-la; a lâmina não ia cortá-la, não importava o quanto a atingíssemos. Eu me perguntei, horrorizada, se não deveríamos ter deixado a *Invocação* fracassar; se aquele grande nada poderia tê-la levado. Mas pensei que nem isso ia acabar com ela. Havia muito dela. A rainha poderia ter ocupado todos os buracos que fizéssemos no mundo e, mesmo assim, ainda haveria mais dela sobrando. Ela era a Floresta, ou a Floresta era ela. Suas raízes eram profundas demais.

A respiração de Sarkan vinha em longas inspirações, sempre que ele conseguia. Solya afundou nos degraus, exausto, e seu fogo branco morreu. Dei mais força a Sarkan, mas ele em breve cairia também. A rainha virou para nós. Ela não sorriu. Não havia triunfo em seu rosto, apenas uma ira infinita e a consciência da vitória.

Atrás dela, Kasia se levantou. Ela pegou a espada de Alosha de cima do ombro. E golpeou.

A lâmina da espada cortou a garganta da rainha e ficou presa ali, na metade do caminho. Um ruído vazio de rugido começou, os ossos dos meus ouvidos estalando e a sala toda escurecendo. O rosto da rainha ficou imóvel. A espada começou a beber e beber e beber, infinitamente sedenta, querendo mais. O ruído ficou ainda mais alto.

Parecia uma guerra entre duas coisas infinitas, entre um abismo sem fundo e um rio corrente. Todos nós ficamos parados, congelados, observando, esperando. A expressão da rainha não mudou. No ponto onde a espada atingiu seu pescoço, um brilho preto reluzente estava tentando tomar conta da sua carne, se espalhando a partir do ferimento como tinta enevoando um frasco de água limpa. Ela levantou a mão devagar e encostou no ferimento, e um pouco do mesmo brilho surgiu na ponta dos seus dedos. Ela olhou para baixo.

Depois, olhou de novo para nós com um súbito desprezo, quase balançando a cabeça, como se quisesse nos dizer que tínhamos sido tolos.

Ela caiu de joelhos de repente, a cabeça, o corpo e os membros se debatendo, como uma marionete cujo titereiro tinha soldado os fios. E imediatamente as chamas de Sarkan pegaram no corpo da rainha Hanna. Seu cabelo dourado curto subiu numa nuvem de fumaça, a pele escurecida e rachada. Brilhos pálidos apareceram sob a pele queimada. Por um instante, achei que talvez tivesse funcionado, talvez a espada tivesse quebrado a imortalidade da rainha da Floresta.

Mas uma fumaça branco-pálida saiu em espiral das rachaduras, torrentes dela, e rugiu passando por nós; fugindo, do mesmo jeito que a rainha da Floresta tinha fugido da prisão antes. A espada de Alosha continuava tentando absorvê-la, capturar as nuvens de fumaça, mas elas sumiam com muita rapidez, passando apressadas até mesmo pelo alcance faminto da espada. Solya cobriu a cabeça quando elas passaram voando por cima dele e subiram a escada; outras se contorceram pelo canal de ar; outras mergulharam na câmara de morte e desapareceram através de uma fissura minúscula no telhado que eu não teria percebido, uma rachadura finíssima. Kasia tinha se jogado em cima das crianças; Sarkan e eu nos encolhemos na parede, cobrindo a boca. A essência da rainha da Floresta se arrastou sobre a nossa pele com o terror oleoso da corrupção, o fedor quente de folhas velhas e mofo.

E aí desapareceu... ela desapareceu.

Agora inabitado, o corpo da rainha Hanna desmoronou de uma vez só, como uma lenha usada virando cinza. A espada de Alosha caiu no chão,

tilintando. Estávamos sozinhos, nossa respiração áspera era o único som. Todos os soldados vivos tinham fugido; os mortos tinham sido engolidos pelas trepadeiras e pelo fogo, deixando nada além de fantasmas fumacentos nas paredes de mármore branco. Kasia se sentou lentamente, com as crianças aninhadas nela. Caí no chão de joelhos, tremendo de pavor e desespero. A mão de Marek estava aberta perto de mim. Seu rosto olhava para cima, sem enxergar, no meio do cômodo, cercado de pedras queimadas e aço derretido.

A lâmina escura estava se dissolvendo no ar. Num instante, nada restava além do punho vazio. A espada de Alosha tinha sido gasta. E a rainha da Floresta tinha sobrevivido.

Capítulo 29

Carregamos as crianças para fora da torre, para o sol matinal, ele brilhava forte e improvável sobre o massacre silencioso de seis mil homens. Já havia moscas zumbindo em abundância, e os corvos tinham vindo em bandos; quando saímos, eles subiram numa explosão e se empoleiraram nos muros para esperar que saíssemos do caminho.

Tínhamos passado pelo barão no porão, apoiado na parede da lareira, os olhos vazios e cegos, com sangue empoçado sob eles. Kasia tinha encontrado uma das poções de sono ainda intocadas no frasco, presa na mão do homem de armas caído morto ao lado dele. Ela o abriu e deu um gole para cada criança, lá embaixo, antes de as levarmos para fora. Eles já tinham visto mais do que o suficiente.

Agora, Stashek estava pendurado sobre o ombro dela, e Sarkan carregava Marisha encolhida nos braços. Eu me arrastava atrás deles, vazia demais para ficar enjoada, seca demais para chorar. Minha respiração ainda estava curta e dolorosa. Solya andava ao meu lado, me dando a mão de vez em quando para escalar um ou outro monte mais alto de cadáveres com armadura. Nós não o tínhamos prendido; ele simplesmente nos seguiu, andando atrás de nós com um olhar perplexo, como um homem que sabia que não estava sonhando, mas se sentia como se devesse estar. No porão, ele tinha dado a Sarkan o que sobrara de sua capa para enrolar a princesa.

A torre ainda estava de pé, mesmo que por pouco. O chão do grande salão era um labirinto de pisos quebrados, raízes mortas e trepadeiras murchas espalhadas, queimadas como o corpo da rainha lá embaixo. Várias colunas tinham desabado totalmente. Havia um buraco no teto que dava na biblioteca acima, uma cadeira tinha caído ali e estava pendurada pela

metade. Sarkan olhou para cima enquanto saíamos, escalando blocos e escombros.

Tivemos que andar por toda a extensão dos muros que construímos para tentar impedir Marek de entrar. As vozes das pedras velhas sussurraram tristes para mim quando passamos pelos arcos. Não vimos ninguém vivo até chegarmos ao acampamento abandonado. Pelo menos havia alguns soldados ali, vasculhando os suprimentos; alguns saíram correndo do pavilhão fugindo de nós, carregando taças de prata. Eu teria dado uma dúzia de taças de prata só para ouvir outra voz humana, para ser capaz de acreditar que nem todo mundo estava morto. Mas todos eles fugiram ou se esconderam atrás das tendas ou pilhas de suprimentos, espiando para fora. Ficamos parados no campo silencioso e, depois de um instante, falei, me lembrando:

– A equipe do canhão.

Eles ainda estavam ali, um grupo de pedra, arrastados para fora do caminho, os olhos cinza vazios fixados na torre. A maioria não tinha sido muito quebrada. Ficamos em pé ao redor deles, em silêncio. Nenhum de nós tinha forças suficientes para desfazer o feitiço. Por fim, estendi a mão para Sarkan. Ele colocou Marisha no outro braço e me deixou pegar sua mão.

Conseguimos reunir magia suficiente para desfazer o feitiço. Os soldados se contorceram e se debateram quando se soltaram da pedra, tremendo com o retorno súbito do tempo e da respiração. Alguns tinham perdido dedos ou adquirido novas cicatrizes profundas onde seus corpos foram lascados, mas eles eram homens treinados, que cuidavam de canhões que rugiam tão terrivelmente quanto qualquer feitiço. Eles se afastaram de nós com os olhos arregalados, mas depois olharam para Solya: pelo menos, eles o reconheciam.

– Ordens, senhor? – perguntou um deles, em dúvida.

Ele os encarou vazio por um instante e depois olhou para nós, com a mesma dúvida no olhar.

Andamos juntos até Olshanka, a estrada ainda empoeirada pelo excesso de uso na véspera. Ontem. Tentei não pensar: ontem, seis mil homens

tinham marchado por sobre essa estrada; hoje, todos eles tinham morrido. Estavam mortos nas trincheiras, estavam mortos no corredor, nos porões, na longa escada sinuosa que descia. Vi seus rostos na poeira enquanto andávamos. Alguém em Olshanka nos viu chegando, e Borys saiu com uma carroça para nos carregar pelo resto do caminho. Na parte de trás, balançamos com as rodas como sacos de grão. O rangido era como todas as canções que eu tinha ouvido sobre guerras e batalhas; os cavalos trotando, o ritmo do tambor. Todas essas histórias devem ter acabado desse mesmo jeito, com alguém cansado saindo de um campo cheio de morte e indo para casa, mas ninguém jamais cantava essa parte.

Natalya, esposa de Borys, me colocou para dormir no antigo quarto de Marta, um quartinho cheio de sol, com uma boneca de pano sentada na prateleira e uma coberta pequena demais. Ela agora tinha ido para sua própria casa, mas o quarto ainda era arrumado do jeito dela, um lugar aconchegante e receptivo pronto para me receber, e a mão de Natalya na minha testa era a minha mãe, me dizendo para dormir; os monstros não iam aparecer. Fechei os olhos e fingi acreditar nela.

Só acordei à noite, uma noite quente de verão com o delicado crepúsculo azul descendo. Havia uma agitação crescente, confortável e familiar na casa, alguém fazendo o jantar, outros chegando de um dia de trabalho. Sentei na janela sem me mexer por muito tempo. Eles eram muito mais ricos que a minha família: tinham uma parte no andar superior da casa só para os quartos. Marisha estava correndo no grande jardim com um cachorro e outras quatro crianças, a maioria mais velhas que ela; usava um vestido de algodão fresco com manchas de grama, e o cabelo escapava das tranças. Mas Stashek estava sentado perto da porta, observando-os, apesar de uma das outras crianças ser um garoto da idade dele. Mesmo em roupas simples, ele não parecia nem um pouco uma criança comum, com os ombros muito retos e o rosto solene como uma igreja.

– Temos que levá-los de volta para Kralia – disse Solya. Depois de ter tempo de descansar, ele tinha recuperado um pouco da autoconfiança exorbitante, sentando na nossa companhia como se estivesse ao nosso lado o tempo todo.

Estava escuro; as crianças tinham sido mandadas para a cama. Estávamos sentados no jardim com copos de brandy de ameixas gelado, e eu me sentia como se estivesse fingindo ser adulta. Era muito parecido com os meus pais recebendo visitas para sentar nas cadeiras e no balanço na sombra do início do bosque, conversando sobre plantações e famílias, enquanto todas as crianças corriam alegres e alucinadas, procurando frutinhas ou nozes, ou apenas brincando.

Eu me lembro de quando meu irmão mais velho se casou com Malgosia, e de repente os dois pararam de correr conosco e começaram a sentar com os pais: um tipo muito solene de alquimia, uma que eu sentia que não seria capaz de me atingir. Nem o fato de estar sentada ali parecia real, quanto mais de falar sobre tronos e assassinatos com muita seriedade, como se fossem coisas reais, e não pedaços de canções.

Eu me sentia ainda mais estranha escutando enquanto eles discutiam.

– O príncipe Stashek deve ser coroado imediatamente, e um regente deve ser instituído – dizia Solya. – O arquiduque de Gidna e o arquiduque de Varsha, pelo menos...

– Essas crianças não vão a lugar nenhum além da casa de seus avós – disse Kasia –, nem que eu tenha que colocá-las nas minhas costas e carregá-las o caminho todo.

– Minha querida menina, você não entende... – disse Solya.

– Não sou sua querida menina – disse Kasia, com uma agressividade que o silenciou. – Se Stashek agora é o rei, tudo bem; o rei me pediu para levar Marisha e ele até a família da mãe. É para lá que eles vão.

– De qualquer maneira, a capital é perto demais. – Sarkan balançou os dedos, impaciente, indiferente. – Eu *entendo* que o arquiduque de Varsha não vai querer o rei nas mãos de Gidna – acrescentou, rabugento, quando Solya inspirou para argumentar –, e não me importo. Kralia não era segura antes; não vai ser mais segura agora.

– Mas nenhum lugar será seguro – falei, interrompendo os dois, desnorteada. – Não por muito tempo.

Para mim parecia que todos eles estavam discutindo se deveriam construir uma casa deste ou daquele lado de um rio e ignorando a marca

das enchentes da primavera numa árvore próxima, mais alta do que qualquer porta seria.

Depois de um instante, Sarkan disse:

– Gidna fica no oceano. Os castelos do norte estarão bem localizados para gerar uma defesa substancial...

– A Floresta vai aparecer de qualquer maneira! – falei.

Eu sabia disso. Eu tinha olhado no rosto da rainha da Floresta, sentido aquela ira implacável golpeando a minha pele. Todos esses anos, Sarkan tinha contido a Floresta como uma maré atrás de uma represa de pedra; ele havia desviado seu poder para milhares de riachos e poços, espalhados por todo o vale. Mas era uma barreira que não poderia se manter para sempre. Hoje, na próxima semana, no próximo ano, a Floresta iria avançar. Ela iria recuperar todos aqueles poços e riachos, subir rugindo pela encosta da montanha. E, alimentada com toda essa força recém-adquirida, ela atravessaria as passagens da montanha.

Não haveria nenhuma força para contê-la. O exército de Polnya estava arrasado, o exército de Rosya estava ferido... e a Floresta podia se dar ao luxo de perder uma batalha ou duas ou uma dezena; ela estabeleceria seus pontos de apoio e espalharia suas sementes, e mesmo que ela fosse detida em uma passagem da montanha ou outra, isso não importaria, no final. A Floresta continuaria avançando. *Ela* continuaria avançando. Podíamos conter a Floresta por tempo suficiente para Stashek e Marisha crescerem, ficarem velhos, até morrerem, mas e os netos de Borys e Natalya, correndo com eles no jardim? Ou seus próprios filhos, crescendo na sombra que se espalhava?

– Não podemos continuar impedindo os avanços da Floresta com Polnya queimando atrás de nós – disse Sarkan. – O povo de Rosya vai atravessar o Rydva para se vingar, assim que eles souberem que Marek está morto...

– Não podemos impedir os avanços da Floresta de jeito nenhum! – falei. – Foi isso que *eles* tentaram... é isso que você tem feito. Temos que fazê-la parar definitivamente. Temos que pará-*la*.

Ele me olhou furioso.

– Sim, que ideia maravilhosa. Se a espada de Alosha não conseguiu matá-la, nada vai conseguir. O que você propõe?

Eu o encarei também e vi o medo enrolado no meu estômago refletido nos seus olhos. Seu rosto ficou imóvel. Ele parou de me olhar furioso. Ele afundou na cadeira, ainda me encarando. Solya observou nós dois, confuso, e Kasia me olhou com preocupação no rosto. Mas não havia mais nada a fazer.

– Não sei – falei para Sarkan, com a voz trêmula. – Mas vou fazer alguma coisa. Você pode entrar na Floresta comigo?

Kasia estava parada ao meu lado, hesitante, nas encruzilhadas perto de Olshanka, triste. O céu ainda estava com o pálido cinza-rosado da manhã.

– Nieshka, se você achar que eu posso ajudar – disse ela com delicadeza, mas eu balancei a cabeça. Eu a beijei; ela colocou os braços ao meu redor com cuidado e fechou os braços aos poucos, até estar me abraçando. Fechei os olhos e retribuí o abraço, e por um instante éramos crianças de novo, meninas de novo, sob uma sombra distante, mas felizes de qualquer maneira. Então, o sol desceu na estrada e encostou em nós. Nós nos soltamos e recuamos: ela estava dourada e séria, quase linda demais para estar viva, e havia magia nas minhas mãos. Peguei seu rosto entre as minhas mãos por um instante; juntamos nossas testas, depois ela virou e foi embora.

Stashek e Marisha estavam sentados na carroça, olhando ansiosos para Kasia, com Solya ao lado; um dos soldados era o condutor. Mais alguns homens tinham vagado de volta para o povoado, aqueles que tinham fugido da luta e da torre antes do fim, uma mistura dos homens dos Pântanos Amarelos e dos homens de Marek. Todos estavam indo como escolta. Não eram mais inimigos; na verdade, nunca foram. Nem os homens de Marek tinham pensado que estavam salvando as crianças da realeza. Todos tinham sido simplesmente colocados em lados opostos de um tabuleiro de xadrez pela rainha da Floresta, para que ela pudesse sentar e observá-los sendo destruídos uns pelos outros.

A carroça estava lotada com suprimentos de todo o povoado, produtos que iriam para o tributo de Sarkan posteriormente naquele ano. Ele tinha

dado ouro a Borys pelos cavalos e pela carroça.

– Eles vão lhe pagar para conduzi-los também – dissera ele, dando a bolsa a Borys. – E leve sua família; vocês terão o suficiente para começar a vida lá.

Borys olhou para Natalya. Ela balançou um pouco a cabeça. Ele se virou de volta e disse:

– Vamos ficar.

Sarkan resmungou ao se virar, impaciente com o que lhe parecia tolice. Mas eu encontrei os olhos de Borys. O murmúrio baixo do vale cantava sob os meus pés: lar. Eu tinha saído sem sapatos de propósito, para curvar os dedos do pé na grama macia e na terra e absorver essa energia. Eu sabia por que ele não ia; por que minha mãe e meu pai não iriam se eu fosse a Dvernik e pedisse para eles irem embora.

– Obrigada – falei para ele.

A carroça se afastou gemendo. Os soldados saíram atrás. Dos fundos da carroça, Kasia olhou para mim, os braços ao redor das crianças, até a poeira da viagem erguer uma nuvem turva atrás deles e eu não conseguir mais ver seus rostos. Virei-me para Sarkan: ele me encarava com uma expressão dura e implacável.

– Então? – disse ele.

Andamos pela estrada saindo da grande casa de Borys, em direção ao barulho de esguicho e pancada da roda hidráulica do moinho de farinha, o rio fazendo-a bater de maneira constante. Sob nossos pés, a estrada gradualmente se transformou em pedrinhas soltas, depois deslizou por baixo da água espumosa. Havia um punhado de barcos amarrados na margem. Liberamos o menor e o empurramos para dentro do rio, minhas saias levantadas e as botas dele jogadas dentro do barco; não fomos muito graciosos ao entrar, mas conseguimos fazer isso sem nos encharcar, e ele pegou os remos.

Ele se sentou de costas para a Floresta e disse:

– Mantenha o ritmo para mim.

Cantarolei a canção de aceleração de Jaga numa voz baixa enquanto ele puxava os remos, e as margens passaram num borrão.

O Veio corria claro e direto sob o quente sol nascente. Ele reluzia. Passamos rapidamente por ele, meio quilômetro a cada braçada do remo. Vi de relance mulheres lavando roupas na margem em Poniets, sentadas ao lado de pilhas de tecidos brancos para nos ver passando em disparada como um beija-flor; quando passamos por Viosna, por um instante ficamos embaixo das cerejeiras, pequenas frutas se formando, a água ainda coberta de pétalas caídas. Não vi Dvernik, apesar de saber quando passamos por lá. Reconheci uma curva na margem do rio, a meio quilômetro a leste da vila, e olhei para trás para ver o brilhante galo de metal no campanário da igreja. O vento estava soprando nas nossas costas.

Continuei cantando baixinho até a parede escura de árvores aparecer no nosso campo de visão. Sarkan colocou os remos no fundo do barco. Ele se virou e olhou para o solo diante das árvores, e seu rosto ficou amargo. Percebi, depois de um instante, que não havia mais uma linha de solo queimado à vista; apenas uma densa grama verde.

– Tínhamos queimado uma faixa de um quilômetro ao longo da fronteira – disse ele.

Sarkan olhou para o sul, na direção das montanhas, como se estivesse tentando julgar a distância que a Floresta já tinha avançado. Não achei que isso importava agora. Qualquer distância era muito grande, e também não era suficiente. O que importava era encontrar um jeito de pará-la, se fosse possível.

A corrente do Veio nos carregou, flutuando. Mais adiante, as árvores sombrias e finas estendiam longos braços e dedos entrelaçados pelo rio, paredes erguidas nas duas margens. Ele se virou para mim, e demos as mãos. Ele entoou um feitiço de distração, de invisibilidade, e eu o peguei e murmurei para o nosso barco, dizendo para ele ser um barco vazio perdido sobre a água, com a corda desgastada e rompida, batendo delicadamente nas pedras. Tentamos não ser nada perceptível, nada para se preocupar. O sol estava bem alto, e uma faixa de luz descia pelo rio, por entre as sombras das árvores. Coloquei um dos remos para trás como leme, e nos mantive na estrada brilhante.

As margens se tornaram mais densas e selvagens, com arbustos cheios de frutinhas vermelhas e espinhos como dentes de dragão, pálidos e mortalmente afiados. As árvores ficavam mais grossas, disformes e gigantes. Elas se inclinavam sobre o rio; lançavam galhos no ar, buscando mais céu. Pareciam um nó. Nosso caminho seguro ficava menor e mais estreito, e a água sob nós corria em silêncio, como se também estivesse se escondendo. Nós nos encolhemos no meio do barco.

Uma borboleta nos traiu, um pequeno fiapo preto e amarelo agitado que se perdeu voando sobre a Floresta. Ela desceu para se apoiar na proa do nosso barco, exausta, e um pássaro parecendo uma faca preta disparou das árvores e a pegou. Ele se empoleirou na proa com as asas esmagadas da borboleta escapando do bico e as engoliu, com três ruídos rápidos, nos encarando com olhos que pareciam pequenas contas pretas. Sarkan tentou pegá-lo, mas ele disparou para as árvores, e um vento frio rolou pelo rio e atingiu nossas costas.

Um gemido veio das margens. Uma das enormes e antigas árvores se inclinou, as raízes se soltando da terra, e caiu com um rugido na água pouco atrás do nosso barco. O rio se ergueu sob nós. Meu remo virou. Agarramos as laterais do barco enquanto girávamos na superfície e mergulhamos para a frente, com a popa primeiro. O barco submergiu, e a água começou a entrar pelas laterais, fria como gelo nos meus pés descalços. Continuamos girando, lutando; quando olhamos para a margem, vi um andarilho fazendo ruídos e saindo da árvore caída. Ele virou a cabeça de madeira para nos encarar.

Sarkan gritou: *"Rendkan selkhoz!"* e nosso barco se endireitou. Apontei a mão para o andarilho, mas eu sabia que já era tarde demais. *"Polzhyt"*, falei, e um fogo forte e alaranjado surgiu de repente nas suas costas de galhos. Mas ele virou e correu para a floresta nas quatro patas, a fumaça e o brilho laranja formando um rastro atrás. Tínhamos sido descobertos.

A força do olhar da Floresta desceu sobre nós como um golpe de martelo. Caí no fundo do barco, presa, a água fria ensopava minhas roupas. As árvores estavam se estendendo na nossa direção, esticando galhos cheios de espinhos por sobre a água, as folhas caindo ao nosso redor e se reunindo no rastro do nosso barco. Chegamos a uma curva e, mais adiante, havia

meia dúzia de andarilhos e um louva-a-deus de tom verde-escuro na liderança, todos eles se arrastando em direção ao rio como uma barreira viva.

A água tinha acelerado, como se o Veio quisesse nos carregar para depois deles, mas havia muitos, e mais ainda vindo em direção ao rio mais adiante. Sarkan ficou em pé no barco, tentando retomar o fôlego para um feitiço, pronto para atingi-los com fogo, com raios. Eu me levantei, peguei o braço dele e o puxei comigo para a parte de trás do barco, para dentro da água, sentindo ele se debater de indignação, surpreso. Mergulhamos fundo na corrente e flutuamos novamente como uma folha se agarrando a um ramo, verde-pálido e marrom, girando com todas as outras. Era uma ilusão e não era; eu a segurei com todo o meu coração, querendo ser apenas uma folha, uma minúscula folha marrom. O rio nos puxou numa rápida corrente estreita e nos carregou ansioso, como se estivesse apenas esperando essa chance.

Os andarilhos pegaram nosso barco, e o louva-a-deus o destruiu com as patas dianteiras cheias de garras, esmagando-o em farpas e colocando a cabeça dentro dele, como se tentasse nos encontrar. Ele colocou os olhos facetados brilhantes para fora de novo e olhou ao redor algumas vezes. Mas, nesse momento, já tínhamos passado pelas suas patas; o rio nos sugou brevemente para baixo, num redemoinho, para o silêncio verde sombrio, para longe do olhar da Floresta, e nos cuspiu de novo mais longe, num trecho com luz do sol, mais uma dezena de folhas subindo conosco. Mais para cima do rio, os andarilhos e o louva-a-deus estavam remexendo a água, agitando seus membros. Flutuamos para longe na superfície, em silêncio; a água nos levou.

Durante muito tempo no escuro, fomos folha e galho. O rio tinha definhado ao nosso redor, e as árvores tinham se tornado tão monstruosas e altas que os galhos se entrelaçavam lá em cima, formando uma copa tão densa que não deixava passar a luz do sol, apenas um fraco brilho filtrado. O mato baixo tinha morrido, faminto de sol. Samambaias com folhas finas e cogumelos com cobertura vermelha se acumulavam nas margens com

juncos cinza e ninhos enroscados de raízes pálidas estavam expostos na lama preta, bebendo o rio. Havia mais espaço entre os troncos escuros. Andarilhos e louva-a-deus vinham até as margens para nos procurar, assim como outras coisas: uma delas era um javali de focinho grande, do tamanho de um pônei, com duas espáduas cheias de pelo e olhos como carvões vermelhos, dentes afiados presos no maxilar superior. Ele chegou mais perto de nós do que qualquer outra coisa, fungando nas margens, escavando a lama e empilhando folhas mortas a uma pequena distância de onde estávamos flutuando com muito, muito cuidado. *Somos folha e galho,* cantarolei em silêncio, *folha e galho, nada mais,* e, enquanto nos movíamos no redemoinho, vi o javali balançar a cabeça e bufar insatisfeito, voltando para as árvores.

Essa foi a última criatura que vimos. A terrível ira latejante da Floresta tinha se enfraquecido quando saímos de seu campo de visão. Ela estava olhando para nós, mas não sabia mais para onde olhar. A pressão diminuía ainda mais enquanto seguíamos em frente. Todos os chamados e ruídos de pássaros e insetos estavam diminuindo. Só o Veio continuava borbulhando para si mesmo, mais alto; ele se alargou um pouco de novo, passando mais rápido por um leito raso cheio de pedras polidas. De repente, Sarkan se moveu, ofegando nos pulmões humanos, e me jogou para cima. A uns trinta metros de distância, o rio rugia sobre a beira de um penhasco, e nós não éramos *realmente* folhas, mesmo que eu tivesse tomado cuidado para me esquecer disso.

O rio tentou continuar nos puxando, nos seduzindo. As pedras estavam escorregadias como gelo. Elas arranhavam meus tornozelos, cotovelos e joelhos, e caímos três vezes. Nós nos arrastamos até a margem, a menos de trinta centímetros da beira da cachoeira, molhados e tremendo. As árvores ao redor estavam silenciosas, sombrias; não estavam nos observando. Eram tão altas que, daqui do chão, pareciam apenas torres compridas e lisas, com essências nascidas séculos atrás; para elas, não passávamos de esquilos cutucando suas raízes. Uma enorme nuvem de vapor subia da base da cachoeira, escondendo as beiradas do penhasco e tudo lá embaixo. Sarkan olhou para mim: *E agora?*

Entrei na névoa, com cuidado, sentindo o caminho. A terra respirava umidade e abundância sob os meus pés, e a névoa do rio grudava na minha pele. Sarkan mantinha a mão no meu ombro. Encontrei apoios para as mãos e os pés, e descemos pela encosta irregular e íngreme do penhasco, até que, abruptamente, meu pé escorregou e eu caí de uma vez. Ele caiu comigo, e escorregamos juntos pelo resto da encosta, mal conseguindo evitar cair de cabeça para baixo, até que a encosta nos empurrou com violência contra a base de um tronco de árvore, precariamente apoiado sobre a bacia agitada da cachoeira, suas raízes segurando uma rocha gigantesca para impedi-la de cair.

Ficamos deitados ali, chocados e sem fôlego, de costas, olhando para cima. A rocha cinza nos olhava com cara feia, como um homem velho de nariz grande com sobrancelhas espessas feitas de raízes. Mesmo contundida e arranhada, senti instintivamente um imenso alívio; como se, por um instante, eu estivesse descansando num bolsão de segurança. A ira da Floresta não chegava até aqui. A névoa rolava em rajadas densas da água, indo e vindo, e através dela eu observava as folhas se agitando para cima e para baixo, amarelo-pálido em galhos prateados, desesperadamente feliz por descansar, e Sarkan resmungou um xingamento e se levantou, me pegando pelo braço. Ele me arrastou e eu quase protestei, mas quando olhei para trás, através da névoa, vi que estávamos deitados embaixo de uma antiga árvore-coração retorcida que crescia na margem.

Fugimos para longe dela pela trilha estreita do rio. O Veio era pouco mais do que um riacho aqui, largo apenas o suficiente para nós dois correrrmos juntos, espalhando água, o fundo de areia cinza e âmbar. A neblina ficou mais rala, a última parte da cobertura de névoa soprando para longe, e uma rajada a fez desaparecer completamente. Paramos. Estávamos numa clareira central ampla cheia de árvores-essência, que formavam uma multidão ao nosso redor.

Capítulo 30

Ficamos parados, em pé, de mãos dadas, mal respirando, como se pudéssemos impedir que as árvores nos percebessem se não nos mexêssemos. O Veio continuava em frente, se afastando de nós através das árvores, murmurando delicadamente. Ele era tão claro que dava para ver os grãos de areia no fundo, pretos, cinza-prateados e marrons, misturados com gotas de âmbar e quartzo. O sol estava brilhando de novo.

As árvores-essência não eram monstruosos pilares silenciosos como as árvores no alto da encosta. Eram amplas, mas tinham apenas a altura de carvalhos; em vez de altas, elas se espalhavam para os lados, cheias de galhos entrelaçados e pálidas flores brancas primaveris. Folhas secas e douradas cobriam o chão sob elas, a última queda do outono, e de baixo delas subia um aroma fraco de vinho, vindo de velhas frutas caídas, e não era desagradável. Meus ombros continuavam tentando se mover.

Devia haver incontáveis pássaros cantando naqueles galhos, e pequenos animais colhendo frutas. Em vez disso, havia uma imobilidade estranha e profunda. O rio cantava silencioso, mas nada mais se movia aqui; nada mais estava vivo. Nem mesmo as árvores-essência pareciam se mexer. Uma brisa movia um pouco os galhos, mas as folhas só sussurravam preguiçosas por um instante e ficavam em silêncio. A água estava correndo sobre os meus pés, e o sol brilhava através das folhas.

Finalmente, dei um passo. Nada veio das árvores; nenhum pássaro deu o alerta. Dei mais um passo, e outro. A água estava quente, e o sol que escapava por entre as árvores era forte o suficiente para começar a secar as costas da minhas roupas de linho. Andamos pelo silêncio. O Veio nos conduziu até um caminho delicadamente sinuoso entre as árvores, até finalmente terminar formando um laguinho.

Do outro lado do laguinho, havia uma última árvore-coração: larga e assomando sobre todas as outras, e na frente dela um montículo verde se erguia, coberto de flores brancas caídas. Sobre esse montículo estava o corpo da rainha da Floresta. Reconheci o vestido de luto branco que ela usava na torre: ela ainda estava com ele, ou com o que restava dele. A saia reta comprida estava rasgada nas laterais; as mangas tinham apodrecido. Os punhos bordados de pérolas ao redor dos pulsos estavam marrons com manchas de sangue envelhecidas. Seu cabelo preto-esverdeado se espalhava pelas laterais do montículo e se enroscava nas raízes da árvore; as raízes tinham subido e enrolavam dedos marrons compridos sobre seu corpo com delicadeza, curvados ao redor de seus tornozelos e coxas, seus ombros e sua garganta; eles se entrelaçavam nos cabelos dela. Os olhos estavam fechados, sonhando.

Se ainda tivéssemos a espada de Alosha, poderíamos tê-la cravado na rainha, no seu coração, e a prendido na terra. Talvez isso pudesse matá-la, aqui na fonte de seu poder, na sua própria carne. Mas a espada tinha se esgotado.

Em vez disso, Sarkan trouxera o último frasco de coração-de-fogo: a fome dourada-vermelha se agitava de maneira ansiosa dentro do vidro. Olhei para o líquido e fiquei em silêncio. Tínhamos vindo até aqui para dar um fim a tudo. Tínhamos vindo queimar a Floresta; este era o seu coração. *Ela* era o coração da Floresta. Mas, quando imaginei lançar o coração-de-fogo no corpo dela, observamos seus membros se debatendo...

Sarkan olhou para o meu rosto e disse:

– Volte para a cachoeira – se oferecendo para me poupar.

Mas eu balancei a cabeça. Eu não me sentia nauseada em relação a matá-la. A rainha da Floresta merecia a morte e o horror: ela semeara isso, alimentou isso e colheu isso, e queria mais. O grito sem som de Kasia sob a casca da árvore-coração; o rosto de Marek, brilhando, enquanto sua própria mãe o matava. O pavor da minha mãe quando sua filha pequena levava para casa um avental cheio de amoras, porque a Floresta não poupava nem as crianças. As paredes destruídas e vazias de Porosna, com a árvore-coração se jogando sobre a vila, e o padre Ballo arrancado do próprio corpo e

transformado numa fera assassina. A vozinha de Marisha dizendo "Mama" sobre o corpo esfaqueado da mãe.

Eu a odiava; queria que ela se queimasse, do jeito que tantos corrompidos tinham se queimado, porque ela os capturara. Mas desejar a crueldade parecia mais uma resposta errada numa corrente sem fim. O povo da torre a tinha cercado com muros, e ela derrubou todos eles. Ela criara a Floresta para nos devorar; agora íamos lhe dar coração-de-fogo e sufocar toda essa água clara brilhante com cinzas. Nada disso parecia certo. Mas eu não via mais nada que pudéssemos fazer.

Atravessei o laguinho com Sarkan. A água não ultrapassava os nossos joelhos. Pequenas pedras redondas e lisas sob os nossos pés. Ali perto, a rainha da Floresta parecia ainda mais estranha, não totalmente viva; seus lábios estavam separados, mas o peito não parecia subir e descer. Ela poderia ter sido esculpida em madeira. Sua pele tinha o fraco padrão cintado de madeira cortada longitudinalmente, com ondas claras e escuras. Sarkan abriu o frasco e, inclinando-o de leve, despejou o coração-de-fogo diretamente entre os lábios dela, depois espalhou o resto sobre o corpo.

Os olhos dela se abriram de repente. O vestido pegou fogo, as raízes da árvore-coração pegaram fogo, seu cabelo também, e o fogo rugia ao redor dela como uma nuvem enquanto Sarkan me puxava para trás. Ela soltou um grito rouco furioso. A fumaça e as chamas saíam pela sua boca, e explosões de fogo saíam de baixo da sua pele como estrelas laranja reluzindo, em uma ou outra parte dela. Ela se debateu no montículo sob as raízes, a grama verde queimando rapidamente. Nuvens de fumaça cresciam ao seu redor, em cima dela. Dentro da rainha da Floresta eu vi pulmões, coração, fígado, tudo como sombras numa casa em chamas. As longas raízes da árvore se enroscaram para cima, se curvando e se afastando, e ela saltou para fora do montículo.

Ela nos encarou, queimando como uma madeira que ficou no fogo por muito tempo: sua pele se carbonizou e virou carvão preto, rachando para mostrar as chamas laranja, as cinzas pálidas sendo carregadas para longe da sua pele. Seu cabelo era uma torrente de chamas enfeitando a cabeça. Ela gritou de novo, um brilho vermelho de fogo na garganta, a língua também

era um carvão preto, e ela não parou de queimar. O fogo jorrava de alguns pontos dela, mas uma pele parecida com uma casca nova se fechava sobre eles e, mesmo quando o calor infinito escurecia a pele nova mais uma vez, ela se curava de novo. Ela se arrastou na direção do laguinho. Observando horrorizada, eu me lembrei da visão da *Invocação* e da confusão e do pavor da rainha quando percebera que estava presa na pedra. Não era simplesmente o fato de ela ser imortal a menos que fosse assassinada. Ela não sabia como morrer.

Sarkan pegou um punhado de areia e pedrinhas do fundo do riacho e as jogou nela, invocando um feitiço de aumento; elas cresceram enquanto voavam pelo ar e se tornaram rochas. Elas a esmagaram, ondas de faíscas se erguendo do corpo dela como um fogo remexido com um atiçador, mas mesmo assim ela não desmoronou nas cinzas. Continuou queimando sem se consumir. E continuava vindo. Ela mergulhou as mãos e os joelhos no laguinho, o vapor subindo em nuvens ao seu redor.

O riacho estreito de repente veio correndo mais rápido sobre as rochas, como se soubesse que o laguinho precisava ser reabastecido. Mesmo embaixo da água ondulada, ela ainda brilhava; o coração-de-fogo reluzia profundamente dentro dela, se recusando a ser extinto. Ela levou água até a boca com as duas mãos em concha. A maior parte da água ferveu e se afastou da sua pele queimada. Então, ela pegou uma das rochas que Sarkan tinha jogado nela e, com um estranho gesto retorcido de magia, tirou o meio da rocha para fazer uma tigela e beber.

– Comigo, junto – gritou Sarkan para mim. – Mantenha o fogo nela! – Levei um susto; eu estava hipnotizada, observando-a viver e queimar ao mesmo tempo. Peguei a mão dele. – *Polzhyt mollin, polzhyt talo* – entoou ele, e eu cantava uma canção sobre a lareira acesa, sobre soprar delicadamente uma chama. As raízes queimadas racharam de novo atrás da rainha da Floresta, e dentro dela o fogo brilhava renovado. Ela levantou a cabeça da tigela com um grito de fúria. Seus olhos eram poços vazios e negros cintilando com fogo.

Plantas trepadeiras brotaram no leito do rio e se enroscaram nas nossas pernas. Descalça, consegui escapar, mas elas prenderam o cadarço das botas

de Sarkan, e ele caiu na água. Outras trepadeiras imediatamente se lançaram sobre seus braços, tentando alcançar sua garganta. Mergulhei minhas mãos e as segurei, dizendo *"Arakra"*, e uma fagulha verde ardente percorreu a extensão delas e as fez disparar para longe, meus dedos doendo. Ele entoou um encantamento rápido e se soltou, deixando as botas ainda presas na água, e nós saímos tropeçando para a margem.

Ao nosso redor, as árvores-essência tinham despertado; elas tremiam e oscilavam numa agonia compartilhada, um sussurro farfalhado. A rainha da Floresta tinha virado de costas para nós. Ainda estava usando a tigela para beber, mas também para jogar água nas raízes em chamas da árvore-coração imponente, tentando apagar o fogo. A água do Veio estava extinguindo as chamas nela, aos poucos; seus pés mergulhados no laguinho já tinham se transformado em brasas sólidas escurecidas, não queimavam mais.

– A árvore – disse Sarkan, rouco, se erguendo da margem: havia faixas vermelhas ao redor da sua garganta, como um colar de espinhos. – Ela está tentando protegê-la.

Fiquei em pé na margem e olhei para cima: era o fim da tarde, e o ar estava pesado e úmido.

– *Kalmoz* – falei para o céu, chamando; nuvens começaram a se reunir e se aglomerar. – *Kalmoz*. – Um chuvisco começou, tamborilando em gotas na água, e Sarkan disse com ênfase:

– Não estamos tentando *apagar*...

– *Kalmoz!* – gritei e ergui as mãos e puxei o raio do céu.

Desta vez, eu sabia o que ia acontecer, mas não significava que eu estava preparada: não havia como estar preparada para isso. O raio levou o mundo embora de novo, um momento terrível de silêncio branco e cego por toda parte, depois saltou para longe de mim, rugindo com o trovão, e atingiu dentro da gigantesca árvore-coração, um golpe destruidor.

A força daquilo me jogou violentamente para trás, girando; metade do meu corpo caiu no leito do rio, meu rosto ficou encostado em pedrinhas e grama, galhos carregados de folhas douradas balançando acima de mim. Eu estava confusa, perplexa e vazia. O mundo estava estranhamente silencioso,

mas mesmo através desse abafado macio eu ouvi um grito agudo pavoroso de terror e fúria. Consegui, com os braços trêmulos, levantar a cabeça. A árvore-coração estava queimando, todas as suas folhas em chamas, o tronco todo escurecido; o raio tinha atingido um dos maiores galhos baixos do tronco, e quase um quarto da árvore estava crepitando.

A rainha da Floresta estava gritando. Como por instinto, ela colocou as mãos na árvore, tentando empurrar o membro rachado para longe, mas ela ainda estava queimando; no ponto onde ela encostou na casca da árvore, o fogo se acendeu outra vez. Ela tirou as mãos. Ramos de trepadeira surgiram no chão e subiram pelo tronco da árvore-coração, se enroscando ao redor, tentando mantê-la inteira. Ela se virou e veio na minha direção pelo laguinho, seu rosto se retorcendo de fúria. Tentei recuar usando as mãos e os pés, tremendo, sabendo que não tinha funcionado. Ela não estava mortalmente ferida, apesar de a árvore estar. A árvore-coração não era um canal para a vida dela.

O raio tinha lançado Sarkan para o meio das árvores; ele saiu cambaleando dali, suas roupas queimadas e escurecidas com a fumaça, e apontou para o riacho.

– *Kerdul foringan* – disse ele, a voz áspera como um marimbondo e fraca nos meus ouvidos, e o riacho se agitou. – *Tual, kerdul...* – e a margem do rio se desmanchou. O riacho fez uma curva incerta e lenta e correu para o novo leito: desviando do laguinho e da árvore em chamas. A água que sobrou no laguinho começou a se erguer em jorros quentes de vapor.

A rainha da Floresta girou na direção dele. Ela estendeu as mãos, e mais plantas saíram da água. Ela segurou as trepadeiras nos punhos e as puxou para cima, depois as jogou nele. As trepadeiras cresceram e incharam enquanto voavam pelo ar e se lançaram ao redor dele, dos braços e pernas, engrossando; elas o jogaram no chão. Tentei me levantar. Minhas mãos estavam doendo, meu nariz estava cheio de fumaça. Mas ela veio na minha direção rápido demais, um carvão vivo, com fios entrelaçados de fumaça e névoa ainda densos ao redor do seu corpo. Ela me agarrou, e eu gritei. Senti o cheiro da minha carne queimando, escurecendo nos pontos onde ela me segurava.

Ela me arrastou para ficar de pé. Eu não conseguia ver nem pensar, de tanta dor. Minha túnica estava ardendo, as mangas queimando e caindo dos meus braços sob seus dedos que pareciam um ferro de marcar. O ar ao redor dela estava quente como num forno, ondulando como água. Virei o rosto para longe dela para tentar respirar. Ela me arrastou até a ruína escurecida de seu montículo de descanso, em direção à árvore destruída.

Percebi o que ela queria fazer comigo naquele momento e, mesmo com dor, gritei e lutei contra ela. Seu aperto era implacável. Eu a chutei com os pés descalços, queimando-os; procurei cegamente a magia e gritei metade de um feitiço, mas ela me sacudia com tanta fúria que meus dentes batiam. Ela era uma brasa queimando ao meu redor, com fogo por toda parte. Tentei agarrá-la, me empurrar para longe dela. Eu preferia ter queimado até a morte. Eu não queria saber que corrupção ela produziria em mim, o que ela faria com a minha força despejada naquela vasta árvore-coração, aqui no centro da Floresta.

Mas ela manteve os braços rígidos. Ela me jogou para além da madeira crepitante e das cinzas, para o buraco que meu raio tinha deixado no coração estilhaçado da árvore. As trepadeiras me apertaram. A árvore-coração se fechou ao meu redor como uma tampa de caixão.

Capítulo 31

Uma seiva úmida e fria deslizou sobre mim, verde e gosmenta, banhando meu cabelo e minha pele. Empurrei a madeira, desesperada, mesmo sufocada usei um feitiço de força, e a árvore rachou e se abriu. Arranhei loucamente, procurando as bordas da casca, enfiei meus pés descalços na parte inferior da rachadura e saí para a clareira cambaleando, as farpas afiadas de casca de árvore mergulhadas nos meus dedos das mãos e dos pés. Cega de pavor, engatinhei, corri, fugi para longe da árvore, até cair e me debater na água fria, então me levantei... e percebi que tudo estava diferente.

Não havia sinal de fogo nem de luta. Não vi Sarkan nem a rainha da Floresta em lugar nenhum. Até mesmo a imensa árvore-coração tinha sumido. A maioria das outras também. A clareira estava bastante vazia. Fiquei parada sozinha na margem do laguinho tranquilo, no que poderia ser outro mundo. Era uma manhã clara, e não uma tarde. Pássaros esvoaçavam entre galhos, conversando, e sapos cantavam perto da água ondulada.

Entendi imediatamente que eu estava presa, mas esse lugar não parecia a Floresta. Não era o local sombrio, terrível e retorcido onde eu tinha visto Kasia vagar, onde Jerzy tinha encontrado uma árvore. Nem parecia a clareira de verdade, repleta de seu silêncio sobrenatural. A água batia delicadamente nos meus tornozelos. Virei-me e corri, fazendo um estardalhaço pelo leito do rio, ao longo do Veio. Sarkan não poderia entoar a *Invocação* sozinho para me mostrar como escapar, mas o Veio tinha sido nossa porta de entrada; talvez pudesse ser a saída.

Mas aqui até o Veio estava diferente. O riacho ficou delicadamente, mais largo e começou a ficar mais fundo, mas nenhuma nuvem de água se ergueu para me encontrar; não ouvi o rugido da cachoeira. Parei finalmente numa

curva que parecia um pouco familiar e encarei uma pequena árvore na margem: uma muda esguia de árvore-coração, talvez com uns dez anos, crescendo sobre aquela rocha cinza enorme com cara de velho que tínhamos visto na base do penhasco. Era a primeira árvore-coração, aquela sob a qual tínhamos caído na nossa descida pelo penhasco, meio perdida na nuvem de água da base da cachoeira.

Mas aqui não havia cachoeira nem penhasco; a árvore anciã era pequena e jovem. Havia outra árvore-coração na margem oposta do Veio e, depois dessas duas sentinelas, o rio se alargava aos poucos, seguindo sombrio e profundo para longe. Não vi mais nenhuma árvore-coração no caminho, apenas carvalhos comuns e pinheiros altos.

Foi aí que percebi que não estava sozinha. Uma mulher estava parada na margem oposta, embaixo da árvore-coração mais antiga.

Por um instante, achei que era a rainha da Floresta. Era tão parecida com ela que as duas poderiam ser parentes. Tinha a mesma aparência de amieiro e casca de árvore, o mesmo cabelo embolado, mas o rosto era mais comprido, e os olhos eram verdes. Enquanto a rainha da Floresta era dourada e castanho-avermelhada, essa outra mulher apresentava marrons mais simples e cinzas-prateados. Ela estava olhando para a água, como eu, e antes que eu pudesse falar alguma coisa, um rangido veio descendo o rio. Um barco apareceu, flutuando com delicadeza; um comprido barco de madeira, esculpido de maneira elaborada, lindo, e a rainha da Floresta estava em pé nele.

Ela não pareceu me ver. Estava em pé na proa, sorrindo, flores formando uma coroa no seu cabelo, com um homem ao lado, e levei um tempo para reconhecer seu rosto. Eu só o tinha visto morto: o rei na torre. Parecia muito mais jovem e mais alto, o rosto não desgastado. Mas a rainha da Floresta parecia igual ao que eu havia visto na tumba, no dia em que a fecharam com tijolos. Atrás deles estava sentado um homem jovem, com uma expressão rígida, pouco mais do que um menino, mas dava para ver o homem que ele seria quando crescesse: o homem de rosto frio da torre. Mais pessoas do povo da torre estavam no barco com eles, remando:

homens em armaduras prateadas, que olhavam ao redor preocupados com as árvores gigantescas enquanto batiam os remos na água.

Atrás deles vinham mais barcos, dezenas deles: mas eles pareciam improvisados, mais próximos de folhas superdesenvolvidas do que barcos de verdade. Estavam lotados de um tipo de pessoa que eu nunca tinha visto, todos com aparência de árvore, um pouco como a própria rainha da Floresta: castanho-escuro e cereja-forte, cinza-pálido e faia quente. Havia algumas crianças entre elas, mas nenhum velho.

O barco esculpido bateu levemente na margem, e o rei ajudou a rainha da Floresta a sair. Ela foi até a mulher da floresta sorrindo, com as mãos estendidas.

– Linaya – disse ela; de algum jeito, eu conhecia aquela palavra, e ela não era mágica, era e não era um nome; uma palavra que significava *irmã* e *amiga* e *companheira de viagem*. O nome ecoou de maneira estranha, saindo dela e passando pelas árvores. As folhas pareceram sussurrá-lo de volta; as ondas do riacho a captaram, como se estivesse escrita em tudo ao meu redor.

A rainha da Floresta não pareceu perceber. Ela beijou a irmã nas bochechas. Depois, pegou a mão do rei e o conduziu por entre as árvores-essência, indo na direção do bosque. Os homens da torre amarraram o barco e seguiram os dois.

Linaya esperou na margem, em silêncio, e observou o resto dos barcos sendo descarregados, um após o outro. Conforme cada um ficava vazio, ela encostava no barco, e ele diminuía até virar uma folha flutuando na água; o riacho a carregava organizadamente até uma pequena reentrância perto da margem. Em pouco tempo, o rio estava vazio. As últimas pessoas da Floresta já estavam andando em direção ao bosque. Então, Linaya virou para mim e disse, numa voz ressonante, profunda e grave, como um tambor de madeira oca.

– Venha.

Eu a encarei. Mas ela simplesmente virou e se afastou de mim pelo riacho, e depois de um instante eu a segui. Eu estava com medo, mas de alguma forma instintiva não sentia medo dela. Meus pés chapinhavam na

água. Os dela não. A água era absorvida nos pontos onde encostava na pele dela.

O tempo parecia fluir de maneira estranha ao nosso redor. Quando chegamos ao bosque, o casamento tinha acabado. A rainha da Floresta e seu rei estavam em pé sobre o montículo verde, com as mãos entrelaçadas, uma corrente de flores trançadas envolvendo seus braços. As pessoas da Floresta estavam reunidas ao redor dos dois, espalhadas por entre as árvores, observando em silêncio. Havia uma quietude em todos eles, uma profunda imobilidade não humana. O punhado de homens da torre olhava para eles preocupado e se encolhia com os murmúrios farfalhados das árvores-essência. O jovem de rosto frio estava em pé ao lado do casal, olhando com uma leve repulsa para os dedos estranhos, compridos e retorcidos da rainha da Floresta onde se entrelaçavam nas mãos do rei.

Linaya entrou na cena para se juntar a eles. Seus olhos estavam úmidos, brilhando como folhas verdes depois da chuva. A rainha da Floresta virou-se para ela, sorrindo, e estendeu as mãos.

– Não chore – disse ela, e sua voz estava fluindo como um riacho. – Não vou para muito longe. A torre fica no fim do vale.

A irmã não respondeu. Apenas beijou seu rosto e soltou suas mãos.

O rei e a rainha da Floresta saíram juntos, com os homens da torre. As pessoas se afastaram em silêncio por entre as árvores. Linaya suspirou suavemente, e era o suspiro do vento nos galhos. Estávamos sozinhas de novo, em pé, juntas no montículo verde. Ela se virou para mim.

– Nosso povo ficou sozinho aqui por muito tempo – disse ela, e eu me perguntei: o que significava muito tempo para uma árvore? Mil anos, dois mil anos, dez? Inúmeras gerações, as raízes se aprofundando a cada uma delas. – Começamos a nos esquecer de como ser uma pessoa. Definhamos aos poucos.

"Quando o rei-feiticeiro chegou com seu povo, minha irmã os deixou vir para o vale. Ela achou que eles poderiam nos ensinar a lembrar. Ela achou que poderíamos ser renovados e ensinar algo a eles em troca; poderíamos dar vida uns para os outros. Mas eles tinham medo. Eles queriam viver,

queriam ficar mais fortes, mas não queriam mudar. Eles aprenderam as coisas erradas."

Anos se passaram entre nós enquanto ela falava, borrados como chuva, cinza, suaves e macios, se empilhando uns sobre os outros. E aí era verão de novo, um verão diferente, muito tempo depois, e as pessoas da Floresta estavam voltando por entre as árvores.

Muitos deles se moviam com lentidão, preocupados de algum jeito. Alguns estavam feridos: seguravam braços escurecidos, e um homem mancava sobre uma perna que parecia um pedaço de madeira cortado de maneira tosca. Dois outros o ajudavam. No fim daquele pedaço, acho que a perna estava crescendo de novo. Alguns pais conduziam crianças, e uma mulher carregava um bebê no colo. Ao longe, bem a oeste, uma fina coluna preta de fumaça se erguia no ar.

Conforme as pessoas da Floresta chegavam, pegavam frutas nas árvores-essência e faziam copos de cascas de árvore caídas e folhas, do jeito que Kasia e eu fazíamos quando éramos crianças para o chá da tarde no bosque. Eles pegavam a água clara e pura do laguinho e se espalhavam pelo bosque, vagando sozinhos ou em pares, às vezes em grupos de três. Fiquei em pé observando-os, e meus olhos estavam cheios de lágrimas, sem saber o motivo. Alguns deles paravam em partes abertas, onde o sol batia. Eles estavam comendo as frutas, bebendo a água. A mãe mastigou um pedaço de fruta e colocou na boca do bebê e lhe deu um gole do seu copo.

Eles estavam se transformando. Os pés estavam crescendo, os dedos se esticando e ficando compridos, se afundando na terra. Seus corpos estavam se esticando, e eles levantaram os braços para o sol. As roupas caíram e viraram folhas ao vento, grama seca. As crianças mudavam mais rápido; de repente, elas se ergueram, virando grandes e belos pilares cinza, os galhos se expandindo e se enchendo de flores brancas, folhas prateadas saindo de toda parte, como se toda a vida que estava dentro delas saísse rapidamente num sussurro furioso.

Linaya deixou o montículo e se moveu entre eles. Algumas pessoas, os feridos, os velhos, estavam com dificuldades: se transformaram apenas pela metade. O bebê tinha se transformado numa bela e brilhosa árvore coroada

de flores. Mas a mãe estava ajoelhada, encolhida e tremendo perto do tronco, com as mãos nele, o copo derramado, o rosto numa agonia cega. Linaya encostou levemente no ombro dela. Ajudou a mãe a se levantar, tropeçando um pouco para longe da árvore do bebê. Ela acariciou a cabeça da mãe e lhe deu uma fruta para comer e um gole de seu próprio copo; e cantou para a mãe naquela estranha voz profunda. A mãe ficou em pé ali com a cabeça baixa, as lágrimas escorrendo e, num piscar de olhos, seu rosto se ergueu para o sol e ela estava crescendo, se transformando.

Linaya ajudou os últimos aprisionados, dando goles de seu próprio copo, levando outras frutas até a boca deles. Ela acariciava a casca das árvores e cantava uma magia até elas se transformarem completamente. Algumas viraram pequenas árvores retorcidas; as mais velhas minguaram e se transformaram em mudas finas. O bosque estava cheio de árvores-essência. Ela era a única que restava.

Ela voltou para o laguinho.

– Por quê? – perguntei a ela, paralisada. Eu tinha que saber, mas quase sentia que não queria obter a resposta; eu não queria saber o que os tinha levado a isso.

Ela apontou para longe, na direção do rio.

– Eles estão vindo – respondeu ela em sua voz profunda. – Olhe. – E eu olhei para o rio.

Em vez do reflexo do céu, vi homens chegando em barcos esculpidos; eles carregavam lanternas, tochas acesas e grandes machados. Um estandarte balançava na frente do primeiro barco, e na proa estava o jovem do casamento, mais velho e com o rosto frio; aquele que tinha fechado a rainha da Floresta com tijolos. Ele agora usava sua própria coroa.

– Eles estão vindo – repetiu Linaya. – Eles traíram a minha irmã e a prenderam num local onde ela não podia crescer. Agora estão vindo atrás de nós.

– Vocês não podem lutar contra eles? – perguntei. Eu sentia a magia profunda e imóvel nela, não um fluxo, mas um poço muito, muito fundo. – Vocês podem fugir...

– Não – respondeu ela.

Parei. Eu via a intensidade da floresta nos seus olhos, verdes e infinitos. Quanto mais eu olhava para ela, menos ela parecia ser uma mulher. A parte dela que eu via era apenas metade: o tronco coroado, os galhos bem espalhados, as folhas e as flores e as frutas; abaixo havia uma ampla rede de raízes compridas e espalhadas, profundas no solo do vale. Eu também tinha raízes, mas não como aquelas. Eu poderia ser escavada com cuidado, levantada com uma sacudida e transplantada para o castelo de um rei ou uma torre feita de mármore... talvez fosse triste, mas eu poderia sobreviver. Não havia como isso acontecer com ela.

– Eles aprenderam as coisas erradas – repetiu Linaya. – Mas, se ficarmos, se lutarmos, vamos nos lembrar das coisas erradas. E aí nos tornaríamos... – Ela parou. – Decidimos que preferimos não lembrar – disse ela por fim.

Ela se inclinou e encheu o copo de novo.

– Espere! – falei. Peguei seu braço antes que ela conseguisse beber, antes que ela pudesse me deixar. – Você pode me ajudar?

– Posso ajudá-la a se transformar. Você é profunda o suficiente para vir comigo. Podemos crescer juntas e ficar em paz.

– Não posso.

– Se você não vier, vai ficar sozinha aqui. Sua tristeza e seu medo vão envenenar as minhas raízes.

Fiquei parada em silêncio, com medo. Eu estava começando a entender: era daqui que vinha a corrupção da Floresta. As pessoas da Floresta tinham se transformado por vontade própria. Ainda estavam vivas, tinham sonhos longos e profundos, era uma vida mais próxima da vida das árvores, e não da vida das pessoas. Elas não estavam acordadas e vivas, presas, eram seres humanos trancados atrás de cascas de árvores que nunca deixariam de querer sair.

Mas, se eu não me transformasse, se eu continuasse humana, sozinha e triste, minha força manteria a árvore-coração viva, mas minha agonia a faria adoecer, exatamente como as coisas monstruosas de fora do bosque.

– Você não pode me deixar ir embora? – perguntei desesperada. – Ela me colocou na *sua* árvore...

O rosto dela se encolheu de tristeza. Foi aí que entendi que esse era o único jeito pelo qual ela poderia me ajudar. Ela estava morta. O que ainda vivia dela na árvore era profundo, estranho e lento. A árvore tinha encontrado essas lembranças, esses momentos, para poder me mostrar uma saída, a saída dela, mas isso era tudo que ela podia fazer. Era o único jeito que ela encontrara para si mesma e para todo o seu povo.

Engoli em seco e dei um passo para trás. Tirei minha mão do braço dela. Linaya me olhou por mais um instante, depois bebeu. Parada ali na margem do laguinho, ela começou a se enraizar; as raízes pretas se desenrolando e os galhos prateados se espalhando, se erguendo, subindo e subindo, tão alto quanto o lago sem fundo dentro dela. Ela se ergueu e cresceu, flores brotando em fios brancos; o tronco se dobrando levemente sob a casca prata-acinzentada.

Fiquei sozinha no bosque de novo. Mas, agora, as vozes dos pássaros estavam silenciando. Por entre as árvores, vi alguns cervos saltando para longe, assustados, um flash de rabos brancos, e sumiram. Folhas estavam caindo das árvores, secas e marrons, e elas estalavam sob os pés com as bordas corroídas pelo gelo. O sol estava se pondo. Me abracei, estava fria e com medo, minha respiração saía em explosões enevoadas brancas, meus pés descalços se encolhendo para fugir do chão congelado. A Floresta estava se fechando ao meu redor. E não havia saída.

Mas uma luz surgiu atrás de mim, forte, brilhante e familiar: a luz da *Invocação*. Virei-me com uma esperança súbita, para um bosque agora coberto de neve: o tempo tinha passado de novo. As árvores silenciosas estavam nuas e secas. A luz da *Invocação* descia como uma única coluna vinda da lua. O laguinho brilhava como prata derretida, e alguém estava saindo dele.

Era a rainha da Floresta. Ela se arrastou até a encosta, cortando a neve e deixando um rastro preto de terra exposta, e caiu na margem ainda usando o vestido de luto branco encharcado. Ficou deitada de lado, encolhida para recuperar o fôlego, depois abriu os olhos. Lentamente, ela se ergueu nos braços trêmulos e olhou ao redor do bosque, para todas as novas árvores-essência ali, e era possível ver o horror em seu rosto. Ela se esforçou para

ficar de pé. O vestido estava lamacento e congelava sua pele. Ela ficou em pé no montículo, olhando para o bosque, e lentamente se virou para olhar para o alto, para a grande árvore-coração acima de si.

Ela deu alguns passos hesitantes, subindo o montículo coberto de neve, e colocou as mãos no largo tronco prateado da árvore-coração. Ficou ali por um instante, tremendo. Depois, ela se aproximou e, lentamente, apoiou o rosto na casca da árvore. Ela não chorou. Seus olhos estavam abertos e vazios, sem ver nada.

Eu não sabia como Sarkan tinha conseguido entoar a *Invocação* sozinho nem o que eu estava vendo, mas fiquei parada, aguardando e tensa, na esperança de que a visão me mostrasse uma saída. A neve caía ao nosso redor, brilhante na luz forte. Ela não encostava na minha pele, mas caía rapidamente sobre os rastros da rainha da Floresta, cobrindo o chão de branco outra vez. Ela não se mexeu.

A árvore-coração farfalhou os galhos com delicadeza, e um galho baixo se inclinou delicadamente na direção da rainha. Uma flor estava brotando no galho, apesar do inverno. Ela floresceu, as pétalas caíram, e uma pequena fruta dourada cresceu e amadureceu. Ela ficou pendurada no ramo, um delicado convite.

A rainha da Floresta a pegou. Ficou parada com a fruta entre as mãos, e no silêncio do bosque, uma pancada dura e familiar veio do rio: um machado atingindo a madeira.

A rainha da Floresta parou, com a fruta quase nos lábios. Nós duas ficamos paradas, surpresas, ouvindo. A pancada soou de novo. Ela baixou as mãos. A fruta caiu no chão, desaparecendo na neve. Ela ergueu as saias emboladas e correu para o rio.

Corri atrás dela, meu coração batendo no ritmo regular das pancadas do machado. Elas nos conduziram até o fim do bosque. A muda agora tinha crescido e se transformado numa árvore alta e robusta, com galhos bastante espalhados. Um dos barcos esculpidos estava amarrado na margem, e dois homens cortavam a outra árvore-coração. Estavam trabalhando alegremente juntos, se revezando com os machados pesados, cada um mergulhando fundo na madeira. Lascas cinza-prateadas voavam pelo ar.

A rainha da Floresta soltou um grito de pavor que ecoou pelas árvores. Os lenhadores pararam, chocados, segurando os machados e olhando ao redor; em seguida, ela estava em cima deles. Ela os pegou pela garganta com as mãos de dedos compridos e os jogou para longe, dentro do rio; eles saíram se debatendo e tossindo. Ela caiu de joelhos ao lado da árvore envergada. Pressionou todos os dedos sobre o corte que gotejava, como se pudesse fechá-lo. Mas a árvore estava ferida demais para ser salva. Ela já estava se inclinando profundamente por sobre a água. Em uma hora, um dia, ela ia cair.

A rainha da Floresta se levantou. Ainda estava tremendo, não de frio, mas de raiva, e o chão tremia com ela. Diante de seus pés, uma rachadura se abriu subitamente e saiu contornando a fronteira do bosque. Ela deu um passo por sobre a abertura que se ampliava, e eu a segui bem a tempo. O barco despencou no abismo, desaparecendo, enquanto o rio começava a rugir selvagem descendo pela cachoeira, enquanto o bosque se afundava no novo penhasco e caía nas nuvens de água. Um dos lenhadores escorregou para dentro da água e foi arrastado com um grito, o outro berrava, tentando pegar a mão dele, mas era tarde demais.

A muda afundou junto com o bosque; a árvore quebrada se ergueu conosco. O segundo lenhador subiu na margem se arrastando, se agarrando ao solo trêmulo. Ele balançou o machado na direção da rainha da Floresta quando ela veio para cima dele; o machado a atingiu e saiu voando, com um barulho, escapando das mãos do homem. Ela não prestou atenção. Seu rosto estava vazio e perdido. Ela pegou o lenhador e o carregou até a árvore-coração ferida. Ele se debateu, inutilmente, enquanto ela o empurrava contra o tronco, e trepadeiras brotaram do chão para prendê-lo.

O corpo dele se arqueou, o rosto apavorado. A rainha da Floresta deu um passo para trás. Os pés e os tornozelos dele estavam amarrados na abertura lascada, onde os machados tinham atingido a árvore, e eles já estavam se transformando, se enxertando no tronco, as botas se abrindo e caindo enquanto seus dedos dos pés se esticavam e viravam raízes novas. Seus braços agitados estavam ficando rígidos e se transformando em galhos, os dedos se fundindo uns aos outros. Seus olhos arregalados agonizando

estavam desaparecendo sob uma pele de casca de árvore prateada. Corri até ele, com pena e pavor. Minhas mãos não conseguiam segurar a casca, e minha magia não funcionava neste lugar. Mas eu não aguentava só ficar parada olhando.

Ele conseguiu se inclinar para a frente. E sussurrou:

– Agnieszka – na voz de Sarkan, depois desapareceu; seu rosto desapareceu num grande buraco escuro que se abria no tronco. Segurei as bordas e entrei no buraco atrás dele, no escuro. As raízes da árvore eram próximas e apertadas; o cheiro quente e úmido da terra recém-virada me sufocava, além do cheiro permanente de fogo e fumaça. Eu queria sair; não queria estar ali. Mas eu sabia que voltar era errado. Eu *estava* aqui, dentro da árvore. Empurrei, dei impulso e me lancei para a frente, contra todos os instintos e medos. Eu me obriguei a estender a mão e sentir a madeira queimada ao meu redor, as farpas espetando a minha pele, a seiva lisa obstruindo meus olhos e meu nariz, o ar que eu não conseguia inspirar.

Minhas narinas estavam cheias de madeira e podridão queimando.

– *Alamak* – sussurrei rouca, uma palavra para atravessar paredes, depois dei impulso para sair da casca e da madeira queimada e voltar para as ruínas fumacentas do bosque-essência.

Saí no montículo, meu vestido ensopado de seiva verde, a árvore destruída atrás de mim. A luz da *Invocação* ainda reluzia sobre a água, e os últimos restos do laguinho brilhavam sob ela como uma lua cheia no horizonte, tão forte que doía olhar para ela. Sarkan estava do outro lado do laguinho, de joelhos. Sua boca estava molhada, a mão pingando, as únicas partes dele não escurecidas de fuligem, sujeira e fumaça: ele levara a água à boca. Ele bebera do Veio, tanto da água quanto do poder, para reunir forças suficientes para entoar a *Invocação* sozinho.

Mas agora a rainha da Floresta estava em pé sobre ele com os dedos compridos apertando seu pescoço: a casca prateada subia da margem para cima dos joelhos e das pernas enquanto ele se debatia para arrancar as mãos dela da garganta. Ela o soltou e girou com um grito de protesto pela minha fuga, mas era tarde demais. Com um longo gemido acima de mim, o

grande galho quebrado da árvore-coração rachou do tronco e finalmente caiu, como um trovão, deixando uma ferida aberta e vazia.

Ela vinha furiosa na minha direção, e desci para encontrá-la nas pedras molhadas.

– Agnieszka! – gritou Sarkan, rouco, estendendo um braço, se debatendo com metade do corpo enraizado na terra.

Enquanto vinha na minha direção, a rainha da Floresta diminuiu o ritmo e parou. A luz da *Invocação* a iluminou por trás: a terrível corrupção nela, a amarga nuvem preta do desespero prolongado. Mas ela também brilhou através de mim, e eu percebi que, no meu rosto, ela viu outra pessoa olhando para ela.

Dava para ver para onde ela tinha ido ao sair do bosque: como ela caçara todas as pessoas da torre: magos, fazendeiros e lenhadores, todos do mesmo jeito. Como ela plantara uma árvore-coração corrompida atrás de outra nas raízes da sua própria desgraça e assim a espalhara. Misturada com o meu pavor, senti a pena de Linaya se movendo em mim, profunda e lenta: pena, tristeza e arrependimento. A rainha da Floresta também viu, e isso a fez parar na minha frente, tremendo.

– Eu impedi que eles continuassem – disse ela, a voz como um galho raspando na janela à noite, quando você imagina que uma coisa escura está fora da sua casa arranhando para entrar. – Eu tive que impedir.

Ela não estava falando comigo. Seus olhos estavam olhando para trás de mim, no fundo do rosto da irmã.

– Eles queimaram as árvores – disse ela, implorando pela compreensão de alguém que já tinha morrido havia muito tempo. – Eles cortaram. Eles sempre vão fazer isso. Eles fazem como as estações, o inverno que não pensa na primavera.

A irmã dela não tinha voz para falar com ninguém, mas a seiva da árvore-coração grudou na minha pele, e suas raízes se aprofundaram sob os meus pés.

– Nós fomos feitos para morrer – falei baixinho, respondendo por nós duas. – Não fomos feitos para durar para sempre.

A rainha da Floresta finalmente olhou para mim, em vez de olhar através de mim.

– Eu não conseguia morrer – disse ela, e eu sabia que ela havia tentado. Ela matara o lorde da torre e seus soldados, plantara todos os campos com novas árvores e chegara aqui com as mãos ensanguentadas, para finalmente dormir com seu povo. Mas não conseguiu se enraizar. Ela se lembrara das coisas erradas e se esquecera de muitas coisas. Ela se lembrara de como matar e como odiar, mas se esquecera de como crescer. No fim, tudo que ela conseguiu fazer foi deitar ao lado da irmã: não exatamente sonhando, não exatamente morta.

Estendi a mão e, de um galho baixo pendurado na árvore destruída, peguei a única fruta, brilhante e dourada. Dei a fruta para ela.

– Eu ajudo você – falei. – Se quiser salvar sua irmã, você pode.

Ela olhou para a árvore destruída, que estava morrendo. Lágrimas de lama escorriam dos seus olhos, grossas faixas marrons deslizavam pelo rosto, sujeira, cinzas e água misturadas. Ela estendeu as mãos devagar para pegar a fruta de mim, os dedos compridos, retorcidos e magros se curvando cuidadosamente ao redor dela, com delicadeza. Eles roçaram nos meus, e nós nos olhamos. Por um instante, através da fumaça que ondulava entre nós, eu poderia ter sido a filha que ela desejara, a criança que viria metade do povo da torre e metade do dela; ela poderia ter sido minha professora e minha guia, como o livro de Jaga, que me mostrava o caminho. Talvez nunca fôssemos inimigas.

Eu me abaixei e, numa folha curvada, peguei um pouco de água para ela, a última água limpa restante no laguinho. Subimos juntas no montículo. Ela levou a fruta à boca e mordeu, o suco escorrendo pelo seu rosto em linhas douradas pálidas que pingavam. Ela fechou os olhos e ficou parada ali. Coloquei a mão nela, senti ódio e agonia como uma trepadeira estranguladora enroscada fundo nela. Mas coloquei a outra mão na árvore-irmã e alcancei o poço profundo nela; a imobilidade e a calma. Ser atingida por um raio não a transformara; a imobilidade permaneceria, mesmo quando a árvore toda tivesse caído, mesmo quando os anos a derrubassem de volta para a terra.

A rainha da Floresta se apoiou na ferida aberta da árvore e colocou os braços ao redor do tronco escurecido. Dei a ela as últimas gotas da água do laguinho, pingando-a na sua boca, depois encostei na sua pele e falei baixinho, com muita simplicidade:

– *Vanalem*.

E ela estava se transformando. Os últimos restos do seu vestido branco saíram voando, e a superfície queimada da sua pele se descascou em enormes flocos pretos, uma casca nova subindo do solo ao redor dela como uma larga saia prateada, se encontrando e se fundindo ao tronco quebrado da velha árvore. Ela abriu os olhos uma última vez e me encarou com um alívio súbito, depois sumiu e começou a crescer, os pés criando novas raízes sobre as velhas.

Recuei e, quando suas raízes tinham afundado bem na terra, virei e corri até Sarkan através da lama do laguinho vazio. A casca tinha parado de crescer sobre ele. Juntos, soltamos o resto, tirando-a da sua pele, até suas pernas ficarem livres. Eu o puxei do toco e ficamos sentados juntos, fracos, na margem do riacho.

Eu estava esgotada demais para pensar em alguma coisa. Ele estava olhando de cara feia para as próprias mãos, quase ressentido. De repente, ele se levantou num salto, se inclinou por sobre o leito do rio e escavou a terra molhada e macia. Eu o observei sem entender por um tempo, depois percebi que ele estava tentando restaurar o curso do riacho. Eu me levantei e me aproximei para ajudar. Assim que comecei, tive o mesmo sentimento que ele não quisera ter: a sensação clara de que essa era a coisa certa a fazer. O rio queria correr nesse sentido, queria alimentar o laguinho.

Só precisamos mover alguns punhados de terra, e o riacho estava correndo sobre os nossos dedos, abrindo o resto do leito por conta própria. O laguinho começou a se encher mais uma vez. Nós nos sentamos novamente, cansados. Ao meu lado, ele estava tentando tirar a terra e a água das mãos, secando-as num canto da camisa destruída, na grama, na calça, praticamente só espalhando a lama para todo lado. Semicírculos pretos estavam encrustados sob as suas unhas. Ele finalmente soltou um

ruído irritado e deixou as mãos caírem no colo; estava cansado demais para usar magia.

Eu me encostei nele, sua irritação estranhamente reconfortante. Depois de um instante, ele colocou o braço ao meu redor com relutância. O silêncio profundo já estava se instalando no bosque, como se todo o fogo e a ira que tínhamos trazido fossem apenas uma breve interrupção na sua paz. As cinzas tinham afundado no leito enlameado do laguinho e foram engolidas. As árvores estavam deixando as folhas queimadas caírem na água, e o limo se esgueirava por sobre os pedaços nus de terra, com novas folhas de grama se desenrolando. Na ponta do laguinho, a nova árvore-coração se enroscava na antiga, abraçando-a, selando a cicatriz irregular. Delas brotavam pequenas flores brancas, como estrelas.

Capítulo 32

Caí no sono do bosque, com a cabeça vazia e esgotada. Não percebi Sarkan me carregando nos seus braços nem me levando para a torre; só me levantei por tempo suficiente para resmungar uma reclamação após uma reviravolta desagradável no estômago, provocada pelo seu feitiço de locomoção; depois, apaguei de novo.

Quando acordei, enrolada numa coberta na minha cama estreita no meu pequeno quarto, chutei a coberta para longe e me levantei sem pensar em roupas. Havia um corte ao longo de toda a pintura do vale, onde uma lasca irregular de pedra a tinha rasgado: a tela havia se transformado em faixas, toda a magia desaparecida. Saí para o corredor, seguindo com cuidado por entre pedaços de pedra quebrada e bolas de canhão espalhadas pelo chão e esfregando os olhos cheios de areia. Quando desci a escada, encontrei Sarkan fazendo as malas para ir embora.

– Alguém tem que expurgar a corrupção da capital antes que ela se espalhe ainda mais – disse ele. – Alosha vai levar muito tempo para se recuperar, e a corte vai ter que voltar para o sul até o fim do verão.

Ele estava usando roupas de equitação e botas de couro pintado de vermelho enfeitadas em prata. Eu ainda era uma bagunça cambaleante de fuligem e lama, rasgada o suficiente para ser um fantasma, mas suja demais.

Ele mal me olhou, guardando frascos e ampolas numa maleta acolchoada, outra sacola cheia de livros já esperando na mesa do laboratório entre nós. O chão se inclinava sob os nossos pés. As paredes tinham buracos onde bolas de canhão tinham atingido ou pedras tinham caído, e o vento quente do verão entrava alegremente por entre as rachaduras e soprava papéis e pó por todo o chão, deixando marcas fracas de vermelho e azul na pedra.

– Eu escorei a torre por enquanto – acrescentou ele enquanto guardava um frasco de fumaça violeta bem selado com rolha. – Vou levar o coração-de-fogo comigo. Você pode começar os reparos na...

– Não estarei aqui – falei, interrompendo-o. – Vou voltar para a Floresta.

– Não seja maluca. Você acha que a morte de uma feiticeira transforma todos os trabalhos dela em pó ou que quando ela muda de opinião tudo se conserta ao mesmo tempo? A Floresta ainda está cheia de monstruosidades e corrupção, e continuará assim por muito tempo.

Ele não estava errado, e a rainha da Floresta não estava morta, de qualquer maneira; ela só estava sonhando. Mas ele não estava indo embora por causa da corrupção nem do reino. Sua torre estava destruída, ele tinha bebido água do Veio e tinha segurado a minha mão. Por isso, agora ele ia fugir o mais rápido possível e encontraria novas paredes de pedra para se esconder. Ele se manteria trancado durante dez anos desta vez, até enfraquecer as próprias raízes e não sentir mais falta delas.

– Eles não vão sumir se eu ficar sentada numa pilha de pedras – falei. Virei-me e o deixei com seus frascos e livros.

Acima da minha cabeça, a Floresta queimava em vermelho, dourado e laranja, mas algumas flores brancas primaveris confusas brotavam no solo da floresta. Uma última onda de calor do verão tinha atacado esta semana, bem na época da colheita. Nos campos, as debulhadeiras trabalhavam sob o sol violento, mas estava mais fresco aqui na luz fraca sob a copa densa, ao longo do gorgolejo corrido do Veio. Eu andava descalça sobre folhas caídas que estalavam com minha cesta cheia de frutas douradas e parei numa curva do rio. Um andarilho estava agachado perto da água, abaixando a cabeça de pau para beber.

Ele me viu e ficou imóvel, preocupado, mas não fugiu. Estendi para ele uma das frutas da minha cesta. O andarilho se esgueirou na minha direção aos poucos sobre suas pernas rígidas. Ele parou bem perto, quase ao alcance do meu braço. Não me mexi. Ele finalmente estendeu as duas patas da frente, pegou a fruta e a comeu, virando-a várias vezes nas mãos,

mordiscando até chegar à semente. Depois, ele me olhou e, hesitante, deu alguns passos em direção à floresta. Fiz que sim com a cabeça.

O andarilho me conduziu por um longo caminho pela floresta, para o meio das árvores. Ele finalmente afastou uma cortina pesada de trepadeiras do que parecia uma encosta do penhasco de pedra e me mostrou uma abertura estreita na rocha, com um fedor doce apodrecido e denso saindo de dentro. Entramos juntos pela passagem e saímos num estreito vale coberto. Numa das pontas havia uma árvore-coração velha e retorcida, cinza de corrupção, o tronco se destacando de maneira sobrenatural. Seus galhos se penduravam sobre o gramado do vale, tão repletos de frutas que as pontas roçavam no chão.

O andarilho ficou de lado, ansioso. Eles tinham aprendido que eu purificaria as árvores-essência doentes se pudesse, e alguns deles tinham até começado a me ajudar. Eles tinham um instinto de jardineiro, me parecia, agora que estavam livres da ira violenta da rainha da Floresta; ou talvez simplesmente gostassem mais das frutas sem corrupção.

Ainda havia coisas na Floresta que pareciam saídas de um pesadelo, nutrindo ira demais por si mesmas. Elas costumavam me evitar, mas de vez em quando eu tropeçava no corpo rasgado e retorcido de um coelho ou de um esquilo morto, pelo que dava para ver, apenas por crueldade; e às vezes um dos andarilhos que me ajudara reaparecia despedaçado e mancando, um membro arrancado por mandíbulas de louva-a-deus ou com as laterais profundamente arranhadas por garras. Certa vez, numa parte mais escura da Floresta, caí numa armadilha, inteligentemente coberta com folhas e limo para se misturar ao piso da floresta e cheia de varetas quebradas e uma nojenta lama brilhante que grudava e queimava a minha pele até eu ir para o bosque e lavá-la no lago. Eu ainda tinha uma cicatriz que demorava para curar na perna, no ponto onde uma das varetas me cortou. Podia ser apenas uma armadilha comum para animais, montada para capturar presas, mas eu achava que não. Eu achava que tinha sido colocada para mim.

Eu não tinha deixado isso interromper meu trabalho. Agora eu me abaixei sob os galhos e fui até o tronco da árvore-coração com meu pote. Coloquei um pouco da água do Veio sobre suas raízes, mas eu sabia, desde o

começo, que não havia muita esperança para esta. Havia almas demais presas lá dentro, retorcendo a árvore em todas as direções, e elas estavam ali havia tempo demais; não havia muita coisa delas para tirar dali, e seria quase impossível acalmar e tranquilizar todas ao mesmo tempo, colocá-las para sonhar.

Fiquei parada com as mãos na casca durante muito tempo, tentando alcançá-las, mas mesmo as que eu tinha encontrado estavam perdidas havia tanto tempo que se esqueceram dos próprios nomes. Estavam deitadas em locais escuros e sombrios sem andar, os olhos vazios e exaustas. Seus rostos tinham perdido metade da forma. Finalmente tive que desistir e me afastar, tremendo e com frio, apesar do sol quente descendo por entre as folhas. O sofrimento grudou na minha pele, querendo entrar. Eu me abaixei para sair de baixo dos galhos pesados da árvore e sentei num trecho com luz direta do sol na outra ponta do vale. Tomei um gole do meu jarro, apoiando a testa na borda molhada.

Mais dois andarilhos vieram se esgueirando pela passagem para se unir ao primeiro: estavam sentados numa fileira, as cabeças compridas inclinadas com determinação na direção da minha cesta. Dei a cada um uma fruta limpa e, quando comecei a trabalhar, eles me ajudaram. Juntos, apoiamos gravetos secos no tronco e escavamos um amplo círculo de terra ao redor dos limites dos galhos da árvore-coração.

Eu me levantei e estiquei as costas cansadas quando terminamos, me alongando. Depois, esfreguei as mãos com terra. Voltei à árvore-coração e coloquei as mãos nas suas laterais, mas desta vez não tentei falar com as almas presas.

– *Kïsara* – falei, e drenei a água. Trabalhei devagar, com delicadeza. A água se reuniu em gotas largas na casca e escorreu em faixas molhadas estreitas para afundar no solo. O sol se moveu no alto, ficando cada vez mais forte através das folhas enquanto elas se curvavam e secavam. Ele estava sumindo quando terminei, minha testa grudando de suor e minhas mãos cobertas de seiva. O solo sob os meus pés estava macio e úmido, e a árvore tinha ficado pálida como osso, seus galhos fazendo um barulho

parecido com varetas batendo ao vento. As frutas tinham murchado nos galhos.

Eu me afastei e coloquei fogo nela com uma palavra. Depois, sentei e limpei as mãos na grama da melhor maneira possível e puxei os joelhos até o peito. Os andarilhos cruzaram as pernas com elegância e sentaram ao meu redor. A árvore não se debateu nem gritou, mais da metade já destruída; ela se esgotou rapidamente e queimou sem muita fumaça. Flocos de cinzas caíram no chão úmido e se derreteram como flocos de neve precoces. Às vezes eles caíam nos meus braços nus, sem tamanho suficiente para queimar, apenas faíscas minúsculas. Não recuei. Éramos os únicos pranteadores da árvore, e seus sonhadores tinham ido embora.

Caí no sono em algum momento enquanto a fogueira queimava, cansada por causa do trabalho. Quando acordei de manhã, a árvore tinha queimado totalmente, o toco preto virou cinza com facilidade. Os andarilhos varreram as cinzas de maneira uniforme com suas mãos de muitos dedos, deixando um pequeno montinho no centro, onde ficava a velha árvore. Plantei uma fruta da minha cesta ali embaixo. Eu tinha um frasco de poção de crescimento, que eu fizera com água do rio e as sementes de árvores-essência. Salpiquei algumas gotas sobre o montinho e cantei um estímulo para a fruta até uma muda prateada colocar a cabeça para fora e crescer como se tivessem se passado três anos. A nova árvore não tinha um sonho próprio, mas carregava o sonho tranquilo da árvore do bosque de onde a fruta viera, em vez de pesadelos atormentados. Os andarilhos poderiam comer as frutas, quando elas brotassem.

Eu os deixei cuidando da árvore, ocupados, colocando uma proteção de galhos altos para impedir que as folhas novas se encolhessem sob o sol forte, e segui pelo meio das pedras, voltando para a Floresta. O solo estava cheio de nozes maduras e montes de framboesas, mas eu não as colhi enquanto andava. Ainda ia demorar muito tempo antes de ser seguro comer alguma fruta de fora do bosque. Havia tristeza demais sob os galhos, muitas árvores-essência atormentadas ainda ancorando a floresta.

Eu tinha tirado um punhado de pessoas de uma árvore-coração em Zatochek e outro punhado no lado de Rosya. Mas essas pessoas tinham sido

capturadas nos últimos tempos. As árvores-essência pegavam tudo: carne e ossos, e não apenas sonhos. A esperança de Marek sempre fora falsa, descobri. Qualquer pessoa que ficasse presa por mais do que uma ou duas semanas ficava entranhada demais na árvore para ser tirada de lá.

Eu tinha conseguido aliviar algumas dessas mais antigas e ajudá-las a entrar num sonho profundo e demorado. Algumas tinham até encontrado o caminho até o sonho sozinhas, depois que a rainha da Floresta foi embora, depois que a ira dela desapareceu. Mas mesmo assim ainda havia centenas de árvores-essência de pé, muitas delas em locais sombrios e secretos da Floresta. Drenar a água delas e entregá-las ao fogo era a maneira mais delicada que eu encontrara para libertá-las. Ainda parecia que eu estava matando alguém, toda vez, apesar de saber que era melhor do que deixá-las vivas e presas. Depois de queimá-las, a tristeza cinza ficava comigo.

Esta manhã, o bater de um sininho me surpreendeu, me tirando da minha névoa de cansaço, e eu empurrei um arbusto para o lado e encontrei uma vaca amarela me encarando, mastigando grama de um jeito meditativo. Eu estava perto da fronteira no lado de Rosya, percebi.

– É melhor você voltar para casa – falei para a vaca. – Eu sei que está quente, mas é muito provável que você coma a coisa errada aqui.

A voz de uma menina a estava chamando de longe e, depois de um instante, ela surgiu no meio dos arbustos e parou quando me viu; tinha uns nove anos de idade.

– Ela foge para a Floresta com frequência? – perguntei a ela, tropeçando um pouco no idioma de Rosya.

– Nosso pasto é muito pequeno – disse a menina, olhando para mim com olhos azul-claros. – Mas eu sempre a encontro.

Olhei para ela e percebi que estava falando a verdade; havia um fio de prata-claro dentro dela, a magia correndo perto da superfície.

– Não deixe ela entrar muito fundo – falei. – E, quando você ficar mais velha, me procure. Moro do outro lado da Floresta.

– Você é Baba Jaga? – perguntou ela, interessada.

– Não. Mas posso dizer que ela é minha amiga.

Agora que eu já estava acordada o suficiente para saber que lugar era aquele, virei imediatamente de volta para o oeste. O povo de Rosya tinha mandado soldados para patrulhar as fronteiras da Floresta no lado deles, e eu não queria irritá-los. Eles ainda não se sentiam confortáveis comigo surgindo no lado deles de vez em quando, mesmo depois de eu ter mandado de volta alguns de seus aldeões perdidos, e eu não podia culpá-los. Todas as canções que saíam de Polnya estavam erradas em relação a mim, de maneiras diferentes e alarmantes, e eu suspeitava que os bardos não levavam as mais ofensivas para o meu lado do vale. Um homem tinha sido vaiado e posto para fora da taverna de Olshanka algumas semanas atrás, ouvi dizer, por tentar cantar uma canção na qual eu tinha me transformado numa criatura-lobo e comido o rei.

Mas, de qualquer maneira, eu estava mais leve: encontrar a menininha e sua vaca tinha tirado um pouco do peso cinza dos meus ombros. Cantei a canção de caminhada de Jaga e me apressei voltando para casa. Eu estava com fome, então comi uma fruta da minha cesta enquanto andava. Dava para sentir o gosto da Floresta nela, a magia corrente do Veio presa em raízes, galhos e frutas, infundida com a luz do sol para se tornar um suco doce na minha língua. Também havia um convite nela, e talvez um dia eu quisesse aceitá-lo; um dia, quando eu estivesse cansada e pronta para ter um longo sonho. Mas, por enquanto, era apenas uma porta aberta numa colina distante, um amigo acenando para mim de longe, e a profunda sensação de paz do bosque.

Kasia tinha escrito para mim de Gidna: as crianças estavam se saindo tão bem quanto podíamos esperar. Stashek ainda estava muito calado, mas tinha se levantado e falado com os Magnatas, quando eles foram chamados para votar, e falou bem o suficiente para persuadi-los a coroá-lo, com seu avô como regente. Ele também concordara em ficar noivo da filha do arquiduque de Varsha, uma menina de nove anos que o tinha impressionado muito ao conseguir cuspir do outro lado de um canteiro de jardim. Eu me sentia um pouco em dúvida sobre esse motivo como base de um casamento, mas acho que não era muito pior do que se casar com a menina porque, caso contrário, o pai dela poderia provocar uma rebelião.

Houve um torneio para comemorar a coroação de Stashek, e ele convidara Kasia para ser sua paladina, para desalento da sua avó. Acabou sendo melhor assim, porque o povo de Rosya tinha mandado um grupo de cavaleiros e, depois que Kasia derrubou todos, eles ficaram meio preocupados de nos invadir como vingança pela batalha no Rydva. Soldados suficientes tinham escapado do cerco da torre para espalhar histórias da rainha-guerreira, dourada e invulnerável, assassina e imbatível; e as pessoas a confundiram com Kasia. Portanto, Rosya tinha aceitado de má vontade a solicitação de Stashek pela renovação da trégua, e nosso verão tinha terminado numa paz frágil, com tempo para os dois lados se recuperarem.

Stashek também tinha usado o triunfo de Kasia para nomeá-la capitã de sua guarda. Agora ela estava aprendendo a lutar adequadamente com uma espada, para não atingir os outros cavaleiros e não tropeçar neles por acidente enquanto treinavam juntos. Dois lordes e um arquiduque a tinham pedido em casamento, além de Solya, e ela me escreveu revoltada:

> *Você consegue imaginar? Falei que ele era um lunático, e ele disse que viveria com esperança. Alosha riu durante dez minutos sem parar, exceto para tossir, quando contei a ela, depois disse que ele tinha feito isso sabendo que eu diria não, só para demonstrar à corte que agora ele é fiel a Stashek. Falei que eu não ia sair por aí espalhando que alguém tinha me pedido em casamento, e ela me mandou ficar de olho, porque ele mesmo espalharia. Claro que algumas pessoas me perguntaram sobre isso na semana seguinte. Eu quase quis ir até ele e dizer que eu o aceitava, só para vê-lo se contorcer, mas tive medo de ele decidir seguir em frente por qualquer motivo e de ele encontrar um jeito de não me deixar escapar.*
>
> *Alosha está melhor a cada dia, e as crianças também estão bem. Eles tomam banho de mar juntos toda manhã: vou com eles e fico sentada na praia, mas não posso mais nadar: eu simplesmente afundo, e a água salgada parece errada na minha pele, mesmo que eu coloque só os pés nela. Me mande outro pote de água do rio, por favor! Estou sempre com um pouco de sede aqui, e ela também é boa para as crianças. Elas nunca têm*

pesadelos com a torre quando eu deixo elas tomarem um gole antes de dormir.

Vou fazer uma visita de verdade neste inverno, se você achar que é seguro para as crianças. Achei que elas nunca iam querer voltar, mas Marisha me perguntou se poderia ir brincar na casa de Natalya de novo.

Estou com saudade de você.

Dei mais um passo, quase um salto, um borrão, para chegar ao Veio e à clareira onde ficava minha própria casinha na árvore, aninhada na lateral de um carvalho velho e exausto. Num dos lados da minha porta, as raízes do carvalho formavam um buraco grande que eu contornei com grama. Eu tentava mantê-lo cheio de frutas do bosque para os andarilhos pegarem. Estava mais vazio do que quando saí e, do outro lado da minha porta, alguém tinha enchido minha caixa de madeira.

Coloquei o resto das frutas colhidas no buraco e entrei por um instante. A casa não precisava ser arrumada: o chão era de musgo macio, e a coberta de grama se ajeitava de novo na cama sem a minha ajuda depois que eu me levantava de manhã. Eu precisava me arrumar, mas tinha perdido tempo demais vagando cinza e cansada hoje de manhã. O sol estava passando do meio-dia, e eu não queria me atrasar. Apenas peguei minha resposta para Kasia e o pote fechado cheio de água do Veio e coloquei tudo na minha cesta, para entregar a Danka para ela enviar por mim.

Voltei para a margem do rio e dei mais três passos largos para oeste, finalmente saindo da Floresta. Atravessei o Veio sobre a ponte de Zatochek, à sombra da alta e jovem árvore-coração que crescia ali.

A rainha da Floresta tinha dado um impulso furioso final enquanto Sarkan e eu estávamos flutuando pelo rio para encontrá-la, e as árvores tinham engolido metade de Zatochek antes de conseguirmos pará-la. O povo que fugia da vila me encontrou na estrada enquanto eu me afastava da torre. Corri o resto do caminho e encontrei um punhado de defensores desesperados prestes a cortar a árvore-coração recém-plantada.

Eles tinham ficado para trás tentando ganhar tempo para que suas famílias pudessem fugir, mas fizeram isso esperando ser levados,

corrompidos; estavam com olhos selvagens e apavorados, apesar da coragem. Acho que eles não teriam me escutado se não fosse pelas minhas roupas rasgadas balançando, meu cabelo emaranhado e escurecido de fuligem, e meus pés descalços na estrada: eu não poderia ser nada *diferente* de uma feiticeira.

Mesmo assim, eles não tinham certeza se deveriam acreditar em mim quando falei que a Floresta tinha sido derrotada para sempre. Nenhum de nós jamais imaginou que isso fosse acontecer. Mas eles tinham visto os louva-a-deus e os andarilhos fugindo para dentro da Floresta e estavam todos muito cansados. No fim, eles recuaram e me deixaram trabalhar. A árvore não tinha nem um dia de idade: os andarilhos tinham prendido o chefe da vila e seus três filhos nela, para fazê-la crescer. Consegui tirar os irmãos, mas o pai se recusou: um carvão quente de dor estava queimando lentamente na sua barriga havia um ano.

– Posso ajudar você – ofereci, mas o velho balançou a cabeça, seus olhos já meio que sonhando, sorrindo, e as saliências duras de seus ossos e seu corpo preso sob a casca da árvores se derreteram de repente, sob as minhas mãos. A árvore-coração deformada suspirou e se endireitou. Ela soltou todas as flores venenosas ao mesmo tempo; novas flores brotaram nos galhos.

Ficamos parados juntos por um instante sob os galhos prateados, inspirando sua fragrância fraca, nada parecida com a absoluta doçura podre das flores corrompidas. Em seguida, os defensores perceberam o que estavam fazendo, se mexeram nervosos e recuaram. Eles estavam com tanto medo de aceitar a paz da árvore-coração quanto Sarkan e eu tínhamos ficado no bosque. Nenhum de nós sabia como imaginar algo que vinha da Floresta e não era maligno nem cheio de ódio. Os filhos do chefe me olharam impotentes.

– Você não pode tirá-lo também? – perguntou o mais velho.

Tive que dizer a eles que não havia mais nada de *onde* tirá-lo; que a árvore era ele. Eu estava cansada demais para explicar bem, mas, de qualquer maneira, não era algo que as pessoas conseguiam entender com

facilidade, nem mesmo as pessoas do vale. Os filhos ficaram num silêncio perplexo, confusos, sem saber se deveriam sofrer ou não.

– Ele sentia saudade da mamãe – disse finalmente o mais velho, e todos eles fizeram que sim com a cabeça.

Nenhum dos aldeões se sentia confortável em ter uma árvore-coração crescendo na ponte, mas pelo menos eles confiaram o suficiente em mim para deixá-la de pé. Ela crescera bem, desde então suas raízes já estavam se entrelaçando entusiasmadas com a madeira da ponte, prometendo tomá-la. Estava repleta de frutas, pássaros e esquilos. Por enquanto, poucas pessoas estavam preparadas para comer a fruta de uma árvore-coração, mas os animais confiavam no próprio nariz. Eu também confiava no meu: peguei mais uma dezena delas para a minha cesta e continuei, cantando pela longa estrada empoeirada até Dvernik.

O pequeno Anton estava fora com o rebanho da família, descansando de costas na grama. Ele deu um pulo quando surgi no seu campo, um pouco nervoso, mas quase todo mundo tinha se acostumado com as minhas aparições ocasionais. Eu podia ter ficado com vergonha de ir para casa no início, depois de tudo que aconteceu, mas estava tão cansada depois daquele dia terrível, cansada, sozinha, irritada e triste ao mesmo tempo, com o sofrimento da rainha da Floresta enrolado no meu. Depois que finalmente terminei de expurgar Zatochek, quase sem pensar, meus pés cansados viraram e me levaram para casa. Minha mãe olhou para mim na porta de casa e não falou nada, só me mandou para a cama. Ela sentou ao meu lado e acariciou o meu cabelo, cantando até eu dormir.

No dia seguinte, todos estavam nervosos perto de mim, quando fui até o gramado da vila para falar com Danka e contar um pouco do que tinha acontecido e para ver como estavam Wensa, Jerzy e Krystyna. Mas eu ainda estava cansada e sem ânimo para ser atenciosa, então simplesmente ignorei a agitação e, depois de um tempo sem eu atear fogo em alguma coisa e sem me transformar numa fera, isso parou. Aprendi a fazer as pessoas se acostumarem a mim; agora eu fazia questão de parar regularmente nas vilas, uma diferente a cada sábado.

Sarkan não tinha voltado. Eu não sabia se um dia ele voltaria. Ouvi de quarta ou quinta mão que ele ainda estava na capital, ajeitando as coisas, mas ele não escrevera para mim. Bem, nunca tínhamos precisado de um lorde para resolver nossas discussões, os chefes conseguiam fazer isso, e a Floresta não era o mesmo tipo de perigo de antes, mas havia algumas coisas para as quais uma vila precisava de um mago, se pudessem ter um. Por isso, eu passava por todas elas, colocava um feitiço nas fogueiras de sinalização e, agora, se eles as acendessem, uma vela correspondente na minha casinha se acendia para me dizer onde eu era solicitada.

Mas hoje eu não estava aqui para trabalhar. Acenei para Anton e segui até a vila. As mesas cheias de colheita estavam no gramado, cobertas por panos brancos, com o quadrado no meio para dançar. Minha mãe estava lá com as duas filhas mais velhas de Wensa, carregando bandejas cheias de cogumelos ensopados; corri e a beijei, e ela colocou as mãos no meu rosto e alisou meu cabelo embaraçado, sorrindo com o rosto todo.

– Olhe só você – disse ela, tirando um longo ramo prateado do meu cabelo e umas folhas marrons secas. – E você poderia estar usando botas. Eu devia mandar você se lavar e sentar quietinha no canto. – Minhas pernas descobertas estavam grossas de terra até os joelhos. Mas ela estava rindo, alegre, e meu pai estava conduzindo a carroça com uma carga de lenha para a fogueira à noite.

– Vou me limpar antes de comer – falei, roubando um cogumelo, e fui sentar com Wensa na sala da frente da sua casa. Ela estava melhor, mas ainda passava a maior parte do tempo sentada numa cadeira perto da janela, apenas costurando um pouco. Kasia também tinha escrito para ela, mas uma carta artificial e séria: eu tinha lido para ela e amenizado um pouco onde consegui. Wensa escutou em silêncio. Acho que nela havia uma culpa secreta que combinava com o ressentimento secreto de Kasia: uma mãe que tinha se resignado a um destino desnecessário. Isso também levaria muito tempo para curar, se é que um dia curaria. Ela me deixou convencê-la a ir até o gramado comigo, e eu a coloquei perto das mesas com as filhas.

Este ano não havia um pavilhão, era apenas nosso pequeno festival da vila. O grande festival era em Olshanka, como todo ano, não havia escolha:

como seria todos os anos. Estávamos com muito calor comendo sob o sol, uma sensação estranha para a época de colheita, até ele finalmente se pôr. Eu não me importava. Comi uma grande tigela de *zhurek* azedo com fatias de ovos cozidos flutuando, um prato cheio de repolho ensopado e linguiça, e mais quatro blinis cobertos de cerejas. Depois, todos nós sentamos ao sol, gemendo e falando como a comida estava boa e como tínhamos comido demais, enquanto as crianças pequenas corriam enlouquecidas ao redor no gramado, até que aos poucos elas deitavam sob as árvores e caíam no sono. Ludek trouxe sua *suka,* a colocou sobre os joelhos e começou a tocar, baixinho no início; conforme mais crianças cochilavam, mais instrumentos saíam e começavam a se reunir, pessoas batendo palmas e cantando conforme a animação as tomava, e abrimos barris de cerveja e compartilhamos uma jarra gelada de vodca trazida do porão de Danka.

Dancei com os irmãos de Kasia e com os meus, e depois disso com um punhado de garotos que eu conhecia um pouco. Acho que eles estavam afastados apostando quem tinha coragem de me chamar para dançar, mas eu não me importava. Eles estavam um pouco nervosos pensando que eu poderia lançar fogo na cabeça deles, mas do mesmo jeito que eu ficava nervosa de me esgueirar pelo quintal da velha Hanka no crepúsculo para roubar as grandes maçãs vermelhas e doces da sua árvore, as melhores para comer. Todos estávamos felizes, todos juntos, e eu reconhecia a canção do rio correndo pelo solo sob os nossos pés, a canção que realmente nos fazia dançar.

Sentei largada e sem fôlego em frente à cadeira da minha mãe, meu cabelo solto sobre os ombros de novo, e ela suspirou e o colocou no colo para trançá-lo mais uma vez. Minha cesta estava aos pés dela, e eu peguei mais uma fruta das árvores para comer, dourada e cheia de suco. Eu estava lambendo os dedos e meio perdida na fogueira quando Danka se levantou abruptamente do longo banco perpendicular ao nosso. Ela deixou o copo de lado e falou alto o suficiente para todo mundo prestar atenção:

– Meu lorde.

Sarkan estava em pé na abertura do círculo. Uma das mãos apoiada na mesa mais próxima, a luz do fogo saltando para destacar seus anéis e os

botões elegantes e o bordado sinuoso ao longo das bordas do casaco azul, tudo de prata: um dragão cuja cabeça começava no colarinho e corria por todas as bordas do casaco até o rabo voltar para o colarinho do outro lado. Os punhos de renda da camisa escapavam das mangas, e suas botas estavam tão brilhosas que o fogo reluzia nelas. Ele parecia mais grandioso que o salão de baile do rei, e perfeitamente improvável.

Todos nós o estávamos encarando, incluindo eu. Sua boca se estreitou com o que eu antes teria chamado de desagrado, e agora chamava de humilhação irritadiça. Fiquei de pé e fui até ele, lambendo o dedo para limpá-lo. Ele disparou um olhar para a cesta descoberta atrás de mim, viu o que eu estava comendo e me olhou furioso.

– Isso é terrível – disse ele.

– Elas são maravilhosas! – falei. – E estão nascendo maduras.

– Melhor ainda para transformar você numa *árvore*.

– Não quero ser uma árvore ainda – falei. A felicidade estava borbulhando dentro de mim, um fluxo de empolgação gargalhando. Ele tinha voltado. – Quando foi que você chegou?

– Hoje à tarde – disse ele com rigor. – Vim receber os impostos, é claro.

– Claro.

Eu tinha certeza de que ele até tinha ido a Olshanka primeiro para o tributo, só para poder fingir que essa era a verdade por um pouco mais de tempo. Mas eu não conseguia me obrigar a fingir com ele, nem por tempo suficiente para ele se acostumar à ideia; os cantos da minha boca já estavam se curvando para cima sem eu querer. Ele corou e desviou o olhar; mas isso não melhorou nada para ele, já que todas as pessoas estavam nos observando com grande interesse, bêbadas demais de cerveja e dança para serem educadas. Ele olhou de novo para mim e fez uma cara feia para o meu sorriso.

– Venha conhecer a minha mãe – falei. Estendi a mão e peguei a dele.

Agradecimentos

Sei que isto pode confundir muitos leitores: a pronúncia é ag-NIÉSH-kah. O nome vem de um conto de fadas que eu pedia para minha mãe contar milhões de vezes quando era criança, que se chamava *Agnieszka Skrawek Neiba* (Agnieszka "Pedaço de Céu"), a versão da maravilhosa Natalia Gałczyńska. A heroína e sua vaca amarela itinerante fazem uma pequena e breve aparição aqui, e as raízes da Floresta foram plantadas no *las* superdesenvolvido daquela história.

Este livro tem uma enorme dívida para com Francesca Coppa e Sally McGrath, que foram leitoras-beta e me animaram ao longo de todo o processo de escrita, quase diariamente. Agradeço muito, também, a Seah Levy, Gina Paterson e Lynn Loschin por terem lido no início e me dado conselhos.

Obrigada à minha editora maravilhosa, Anne Groell, e à minha agente, Cynthia Manson, que estimularam e abraçaram este livro desde o início, e a todos na editora Del Rey pela ajuda e pelo entusiasmo.

E, acima de tudo, um grande agradecimento e muito amor para o meu marido, Charles Ardai, que torna minha vida e meu trabalho melhores e mais verdadeiros. Nem todo autor tem a sorte de ter dentro de casa um colega escritor e brilhante editor, e eu fico muito feliz por ter essa sorte e tê-lo como meu primeiro leitor!

Da minha mãe e para a minha filha: da raiz à flor. Evidence, quando você tiver idade suficiente para ler este livro, espero que ele seja uma conexão com sua Babcia e as histórias que ela me deu. Eu te amo muito.

Sobre a autora

Naomi Novik nasceu em Nova York em 1973, parte da primeira geração americana de sua família, e ela foi criada com contos de fadas poloneses, Baba Yaga e Tolkien. Seu primeiro livro, *O dragão de Sua Majestade,* da série Temeraire, foi publicado em 2006 e traduzido para vinte e três idiomas, além de os direitos de filmagem terem sido comprados por Peter Jackson, o diretor vencedor do Oscar pela trilogia *O senhor dos anéis.*

Ganhou o Prêmio John W. Campbell de Melhor Autora Revelação, o Prêmio Compton Crook de Melhor Primeiro Livro, e o Prêmio Locus por Melhor Primeiro Livro. É uma das fundadoras e membro do conselho da Organization for Transformative Works, uma organização sem fins lucrativos destinada a proteger os direitos de uso justo dos criadores de fanfics. Também é escritora de fanfic e criadora de fanvídeos, além de ser uma das mentoras do arquivo open-source Archive of Our Own.

Novik mora na cidade de Nova York com o marido, Charles Ardai, escritor de mistério ganhador do Prêmio Edgar, a filha recém-nascida, Evidence, e ~~quatro~~ cinco computadores que acabaram de ser espanados.

Você pode encontrar mais informações em seu site (http://naominovik.com) e segui-la como naominovik no Livejournal, no Twitter e no Facebook.

Título original
UPROOTED

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora ou foram usados de forma ficcional. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, acontecimentos ou locais é mera coincidência.

Copyright © 2015 *by* Temeraire LLC
Todos os direitos reservados.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Del Rey, um selo da Random House, uma divisão da Random House LLC, uma empresa Penguin Random, New York.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

preparação de originais
LUARA FRANÇA

Coordenação Digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital
MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub
MANUELA BRANDÃO

Edição digital: julho, 2017.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

N839e
Novik, Naomi
Enraizados [recurso eletrônico] / Naomi Novik; tradução Cláudia Mello Belhassof. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Fantástica Rocco, 2017.
recurso digital

Tradução de: Uprooted
ISBN 978-85-68263-54-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Belhassof, Cláudia Mello. II. Título.

17-40314

CDD: 028.5
CDU: 087.5